
"Uma incrível fantasia gótica e sombria."
— MEGAN SHEPHERD, autora best-seller de *Grim Lovelies*
Galera
CASA de RAÍZES e RUÍNAS
AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES* DE *CASA DE SAL E LÁGRIMAS*
ERIN A. CRAIG


"Uma incrível fantasia gótica e sombria."
— MEGAN SHEPHERD, autora best-seller de *Grim Lovelies*
Galera
A CASA DE RAÍZES E RUÍNAS
AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*
DE *CASA DE SAL E LÁGRIMAS*
ERIN A. CRAIG

ERIN A. CRAIG

CASA de RAÍZES e RUÍNAS

Tradução
Gabriela Araújo

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2026

PREPARAÇÃO
Maria Clara Zampil

REVISÃO
Beatriz Seilhe
Pedro Siqueira

TÍTULO ORIGINAL
House of Roots and Ruins

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C923c
Craig, Erin A.
Casa de raízes e ruínas [recurso eletrônico] / Erin A. Craig; tradução Gabriela Araújo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2026.
recurso digital (Irmãs do sal; 2)

Tradução de: House of roots and ruin
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-732-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Araújo, Gabriela. II. Título. III. Série.

25-102468.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © 2023 by Erin A. Craig
Publicado mediante acordo com Sterling Lord Literistic e Agência Riff.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-732-0



Seja um leitor preferencial Record.

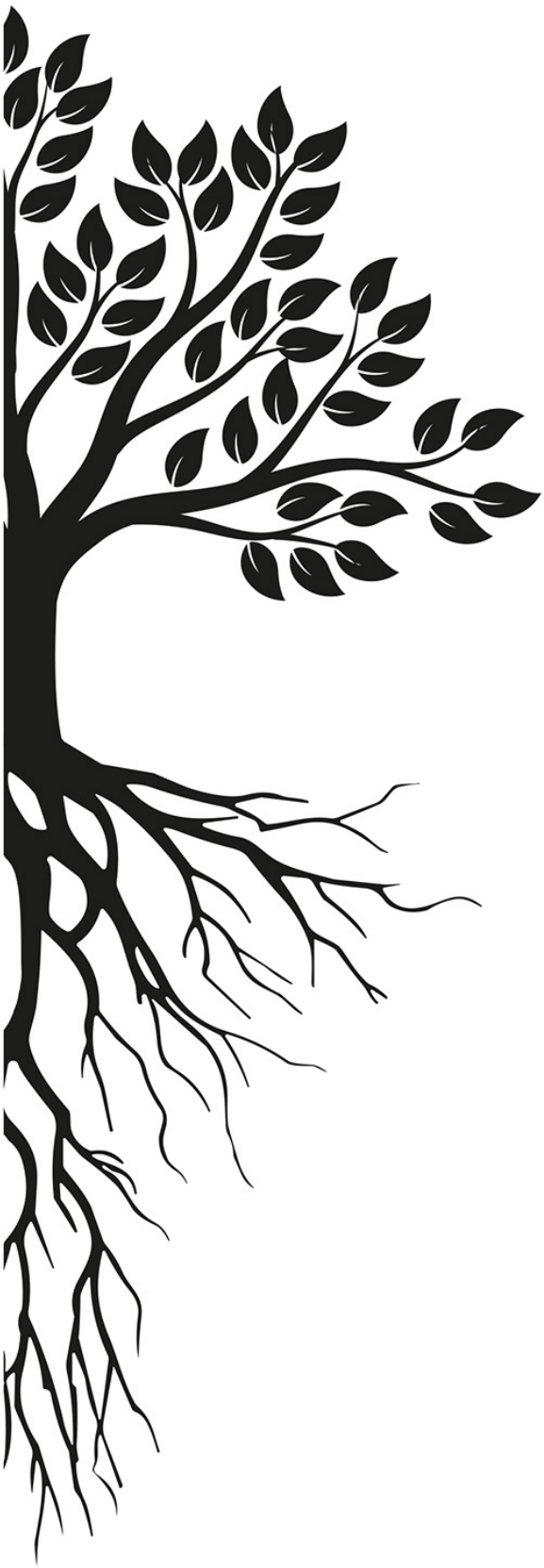
Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
Epílogo
Agradecimentos

Para Paul... em um mundo de falsidade, você sempre foi minha verdade. Eu te amo muito.



1

O PINCEL ESTAVA MOLHADO DEMAIS.

A tinta se acumulava nas cerdas de pelo de javali, fluindo em pontos irregulares e borrando a linha que eu queria que saísse reta.

— Fique parado — murmurei, quase sem mexer a boca enquanto tirava o excesso de tinta com um pano, antes que eu estragasse o momento de alguma forma e perdesse a magia para sempre. — Só mais um minutinho.

O cantinho da boca de Artie tremeu, como se ele lutasse contra um sorriso.

— Estou quase acabando — prometi. — Só... — Pincelei a tela, capturando o brilho da alegria travessa nos olhos de meu sobrinho. — Pronto. Perfeito.

— Eu quero ver! Eu quero ver! — exclamou Artie, saindo da pose empertigada e caminhando, todo afobado, até o cavalete. A expressão dele murchou. — Eu não tenho essa cara aí, tenho?

Analisei a pintura com um olhar crítico antes de me virar para o garotinho em minha frente outra vez. Mechas grossas de um cabelo escuro e ondulado como o meu, como a maioria dos Taumas, mas o nariz pequeno e arrebitado do pai.

— Eu acho que ficou bem a sua cara.

— Ficou mesmo — afirmou uma voz à soleira da porta atrás de nós.

— Mamãe! — bradou ele, correndo para abraçar a mãe. — Agora acabou?

Camille ergueu a sobrancelha para mim em busca de confirmação. Deixei de lado a paleta de tinta e confirmei com a cabeça.

— Acabou — respondeu Camille e deu um beijo rápido no topo da cabeça do menino antes de ele disparar pelo corredor, ofegante e cheio de energia acumulada.

— Ele se comportou? — indagou ela, entrando na Sala Azul para analisar o retrato mais de perto. Os olhos cor de âmbar de minha irmã não deixavam passar nada. — Chegou isso para você agora de manhã.

Ela me entregou um envelope grosso. Estava marcado com vários selos do palácio.

Era de Mercy.

— Ele ficou um pouco inquieto, mas não é novidade.

Passei o polegar pela aba do papel, pronta para abrir o envelope e sacar a carta de minha irmã, mas fiz uma pausa, observando Camille analisar a pintura.

— É uma bela pintura — elogiou ela. — Eu não acredito que ele já está com cinco anos. Como o tempo passou tão rápido?

Minha irmã afastou uma mecha de cabelo castanho-avermelhado e brilhoso do rosto e tocou o canto do olho, tateando as rugas inexistentes que tanto temia que aparecessem.

— O *meu* aniversário está chegando, sabe? — mencionei, mantendo a voz o mais leve e casual possível.

Ela franziu a testa como se eu a tivesse acusado de algo.

— Eu nunca esqueceria o seu aniversário, Verity.

— Eu não estava dizendo... Só... E se conversássemos sobre o que fazer este ano? — Virei-me na banqueta, levantando a cabeça. — Eu achei que talvez pudéssemos ir ao continente? Ou à capital? Mercy falou que...

— Não cabe à Mercy decidir nada — interrompeu Camille, olhando para o envelope em meu colo.

Dava para ver que ela queria pegar o envelope e ler a missiva ela mesma, mas em vez disso deu um passo à frente, estreitando os olhos para uma pincelada.

— Ela disse que eu *ainda* poderia ser apresentada à corte, se quiséssemos. Dezoito anos é um pouco mais velha que a maioria das meninas, mas...

O suspiro dela me fez parar de falar.

— Eu teria adorado ter levado você aos dezesseis. Você sabe disso.

— Só que eu estava em Héspero, ajudando Annaleigh com o bebê — completei, sabendo de cor as justificativas dela. — Mas ano passado...

— Ano passado estávamos fazendo a reforma da ala leste. Não era um bom momento para uma viagem longa e extravagante.

— Eu sei — respondi, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Camille estava caçando briga, e eu sabia que se ela começasse a falar grosso, não haveria jeito de convencê-la do contrário. — Eu sei, eu sei, eu sei. Mas agora... a reforma acabou. As crianças já têm idade para viajar. Eu tenho certeza de que eles iam querer conhecer Arcano.

Camille balançou a cabeça, afastando-se da tela, varrendo com os olhos a sala como se buscasse algo que pudesse melhorar. Ela se aproximou de uma espreguiçadeira e apalpou uma almofada até que ficasse de pé sozinha como merengue.

— Ah, não. As crianças não iriam com a gente para a corte. Elas ficariam aqui com a governanta, lógico.

Respirei fundo, tentando extrair forças do fundo da minha alma como um homem se afogando no mar e buscando um bote salva-vidas.

— Mas nós... nós poderíamos ir? Ah, Camille, seria tão divertido! Não vamos ao continente desde que Mercy se mudou para a corte. Annaleigh também poderia ir, e tenho certeza de que Honor nos acompanharia. Forésia não fica assim tão longe da capital, e talvez até Lenore... — Parei de falar como sempre acontecia quando Lenore era mencionada.

A minha terceira irmã mais velha era um total mistério para mim.

— Lenore é Lenore. Duvido que ela... — Camille passou a mão pelo cabelo de novo, como se para se assegurar que tudo continuava em seu devido lugar. — Isso parece... Até pode ser, mas seu aniversário é na semana que vem. Não daria tempo de organizarmos tudo. Só a viagem levaria um dia inteiro mesmo usando o veleiro mercante mais rápido. E se prepararmos algo no outono? Antes do Revolto.

Meu rosto murchou.

Não prepararíamos nada.

O tempo ficaria ruim.

Os gêmeos, doentes.

Camille arranjaria um monte de desculpas àquela altura, e eu não conseguiria argumentar com ninguém porque ela era mais velha, mais sábia e uma duquesa; e eu até conseguiria entrar em um debate espirituoso se fossem só as duas primeiras características, mas o título de minha irmã era tão temível quanto uma cidadela bem no alto de uma colina. Cercada por um muro de pedra farpado. E um fosso.

Camille foi até as janelas gigantes que davam para os penhascos de Salície. Sua silhueta ficava bonita com a paisagem dramática ao fundo, e meus dedos estavam coçando para desenhar a cena. Dava para vislumbrar as linhas compridas, curvadas com delicadeza para retratar a fluidez da saia malva. Seria uma justaposição perfeita com os picos largos e curtos que eu usaria para representar os penhascos.

— Ainda assim, devíamos, *sim*, comemorar de algum jeito — prosseguiu ela. — Que tal uma festa?

Fiquei surpresa demais para responder. Quando Camille determinava algo, tentar dissuadi-la era como tentar arrancar uma craca do quebra-mar.

— O que acha? — questionou minha irmã, voltando-se para mim, o peso do olhar calmo e estável.

— Eu acho... que é uma ideia maravilhosa! Quantas pessoas podemos convidar? Mercy disse que as princesas estavam querendo fazer uma visita. A primavera seria o momento ideal para elas verem Highmoor. E se Beatrice vier, você sabe que é bem capaz de Phinneas também vir. Ah! O príncipe herdeiro! No meu aniversário! — Fiquei toda arrepiada ao lembrar das descrições de Mercy. — Dizem que ele é apaixonado por dança. Talvez possamos fazer um baile! Nada muito formal, óbvio. Eu sei que dá muito trabalho, mas talvez...

— Chega! — interrompeu Camille, interrompendo minha torrente de ideias com a brusquidão de um aríete. — Você ficou animada demais, Verity.

— Não fiquei, não — respondi, sentindo o calor tomando meu pescoço.

Minha imaginação tinha o costume de voar livre, leve e solta, me deixando para trás para comer poeira.

— Você está toda vermelha — comentou minha irmã. — Sinto muito, eu não queria induzi-la a pensar em um evento grandioso. Eu me referia a um jantar em família. Algo tranquilo e íntimo. A cozinheira vem querendo testar umas novas receitas com legumes típicos da primavera. Seríamos só nós. E Annaleigh e Cassius, lógico.

— Ah... lógico — concordei, sentindo-me minúscula.

Ela foi até as estantes de livros antes de parar diante de um pequeno retrato com todas as nossas irmãs.

Quer dizer, com quase todas as nossas irmãs.

Quando ainda éramos oito.

Originalmente éramos doze, mas três das mais velhas — Ava, Octavia e Elizabeth — morreram uma após a outra depois de nossa mãe ter falecido ao me dar à luz.

Então, anos se passaram e Eulalie se juntou a elas, caindo dos penhascos diante dos quais Camille esteve momentos antes. Duas das trigêmeas morreram meses depois, em outro acidente trágico. Rosalie e Ligeia. Deixaram Lenore sozinha, que ficou como um jogo de talheres com o garfo e a faca faltando. Embora eu tivesse seis anos na época, não lembrava da morte delas, só das consequências. Lenore se fechou dentro da própria cabeça, um fantasma vivo, com o olhar vazio, a boca formando uma perpétua expressão séria.

Então... foi a vez de papai e Morella, minha madrasta. Houve um incêndio terrível que quase destruiu a mansão. Eu deveria conseguir me lembrar daquela noite — disseram-me que houve uma nevasca, uma das piores que a ilha já viu —, mas eu não tinha recordação alguma.

Minha primeira lembrança era de uma tarde ensolarada em Héspero, uma terra minúscula no extremo oeste do conjunto das Ilhas Salinas, onde minha segunda irmã mais velha, Annaleigh, morava, cuidando do farol. Minhas outras irmãs, Honor e Mercy, e eu moramos lá por um tempo na infância enquanto reconstruíam Highmoor. Camille insistiu em usar o máximo possível da estrutura original que ainda estivesse segura. O resto ela fez questão de recriar, mantendo tudo idêntico ao que fora. Paredes cinzentas suaves e imponentes de quatro andares e cobertas pelo telhado de duas águas, com telhas azuis e verdes. Duas alas extensas. Um solário cheio de lagos de carpas e palmeiras. Um grande salão usado para o banquete de dias em homenagem ao nosso patrono Pontos, deus dos mares. Um salão de baile grandioso e cintilante, quase intocado. Tudo igual ao início de minha infância, embora eu mesma não me lembrasse de nada.

Camille e Annaleigh diziam que fazia sentido eu não ter me atado às lembranças de um período sombrio de luto. Elas também queriam esquecer, jogar os pensamentos fora, os lembretes de como a vida poderia ser dolorosa. Só que nada daquilo parecia natural para mim.

Os rostos deles — de meu pai, da minha mãe, de tantas de minhas irmãs — me assombravam, embora eu não me lembrasse deles vivos, saudáveis e presentes. Os retratos deles continuavam ali, espalhados pela mansão, pendurados em paredes, entocados em prateleiras, mesas e escritórios. Eu não deveria estar tão familiarizada com o sorriso fácil e conquistador de Eulalie ou com o tom deslumbrante dos cachos de Rosalie, mas conseguia desenhá-las em um piscar de olhos. Tinha memorizado as curvas da mandíbula, o arquear da sobrancelha. Eu sabia que o papai inclinava a cabeça quando estava concentrado, como os olhos da mamãe brilhavam, mas não me lembrava de suas vozes nem se gostavam de colocar leite ou açúcar no café. Será que o papai e eu tínhamos passado tardes lá no gramado, observando as nuvens? Será que minhas irmãs tinham nadado pelos vórtices da rebentação na costa norte, os braços e pernas compridos e brancos em contraste com as areias pretas?

Aquela casa sempre me pareceu estar tomada por fantasmas — não de espíritos cobertos por lençóis brancos e correntes, não no sentido clichê da palavra —, mas de lembranças roubadas. Lembranças que eu nunca conseguiria chamar de minhas.

Camille endireitou a pintura emoldurada antes de juntar a mão uma na outra, tendo tomado uma decisão.

— Então. Um jantar em família. O que acha?

O tom de voz dela era palpável, escrito na curvatura dos lábios, seguindo até as pontas dos dedos que roçavam de leve pela espreguiçadeira de veludo diante de si.

Eu não tinha coragem de decepcioná-la.

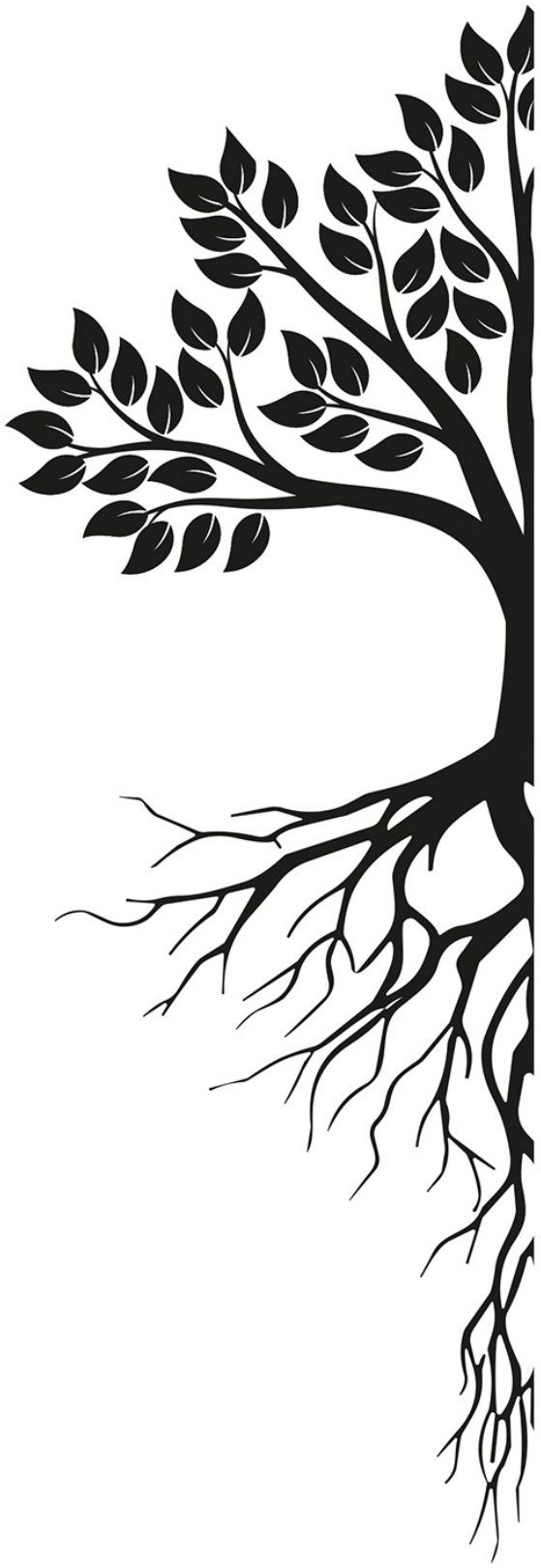
Por isso que, aos dezessete anos — quase *dezoito* —, eu ainda morava em Highmoor, correndo atrás de sobrinhas e sobrinhos, observando-os crescer, assistindo à vida de Camille seguir adiante enquanto a minha parecia definhar às margens. Ela precisava de mim. Ela precisava de mim aqui. Então guardei bem no fundo os sonhos de viagens e de aventuras, as ambições e os desejos. Não foi tarefa fácil. Estavam sempre ali, sempre parte de mim, pedindo, implorando, rogando para ir além. Além daquela casa, além daquelas ilhas.

Pelo amor de Pontos, eu queria muito mais.

— Está bem — confirmei, forçando-me a sorrir.

Por ela.

Por minha irmã.



2

— Me passa a escova, por favor, meu bem? — pediu Hanna.

Era um daqueles raros momentos de silêncio na casa, horas depois do jantar, quando já tinham colocado as crianças na cama, a tagarelice cessado. O sol demorava cada vez mais a se pôr, e eu tinha fechado as cortinas para bloquear a luminosidade remanescente. As cortinas de veludo suavizavam o ar do quarto, encobrindo-o com um silêncio esmorecido.

Eu estava sentada diante da penteadeira, com a camisola comprida de cambraia na cor marfim e o meu robe de seda predileto, bem preso na cintura. Hanna, minha criada, amiga e confidente mais íntima, se movia atrás de mim, ajeitando o quarto, preparando a cama. Em seguida viria a escovação de cabelo, então o chá. Tínhamos aquele ritual havia anos.

Hanna retirou a presilha tipo pente de minhas madeixas e começou a passar os dedos pelo cabelo, em busca de outros grampos escondidos. Os acessórios tilintavam ao serem depositados no porta-treco à direita, uma concha que Artie encontrara na praia no verão anterior. Ele havia polido a superfície côncava com cuidado até ficar brilhando e então me dado de presente, com as bochechas redondas erguidas em um sorriso todo orgulhoso.

— Mercy mandou uma carta — mencionei, inclinando-me à frente para pegar o envelope da gaveta em que o tinha jogado antes do jantar.

— E como vai a mocinha?

Hanna começou a escovar as pontas de meu cabelo com movimentos experientes, tendo o cuidado de não puxar os nós.

Rompi o lacre de cera e retirei o papel de dentro. Lá estava a carta de Mercy, com as curvas suaves e sinuosas da caligrafia em uma única página — naquela semana ela havia enviado um recado breve — e um outro envelope com meu nome em uma caligrafia desconhecida. Virei-o e analisei o lacre. Videiras florais elaboradas por cima de um coração em chamas.

— Você conhece esse brasão? — perguntei, mostrando-o a Hanna.

— Parece o do Povo das Pétalas. Em Florice.

Florice era uma província minúscula perto do coração de Arcânia. O povo da região adorava Arina, a deusa do amor, da beleza e das artes, e Florice era conhecida por ser uma das áreas mais refinadas e cosmopolitas do país, dando um banho até na capital. As ruas eram compostas tanto por lojas de roupa quanto por teatros e salões.

Ao menos, segundo o que eu lera.

Passei o dedo pelo lacre, ponderando. A cera tinha um tom bem roxo, um símbolo de nobreza.

— Eu não conheço ninguém em Florice, conheço?

Hanna franziu a testa.

— Não que eu lembre. Talvez a carta de Mercy explique a coisa toda.

Assentindo, deixei o envelope de lado e peguei a missiva de minha irmã.

— "Querida Verity" — comecei, lendo em voz alta por causa de Hanna —, "você perdeu uma festa maravilhosa ontem. Tinha tantos convidados, e meu cartão de dança não ficou vazio em nenhum momento, mas ainda consegui dar uma volta no salão com a princesa Beatrice, embora tenhamos, lógico, fingido que era só para fazer gracinha. Ainda assim... Aquela menina é tão fascinante que às vezes acho que vai me deixar birutinha.

"Dois dos convidados eram Gerard e Dauphine Laurent, o duque e a duquesa de Florice. Eles têm um apartamento enorme em Arcano, além de uma propriedade no campo, Chauntilalie. Beatrice, Euphemia e eu fomos lá no verão passado durante a viagem habitual da nobreza. É um lugar belo em meio à decadência e à melancolia. Campos de lavanda e um montão de colinazinhas e vales; um verdadeiro sonho bucólico. Você amaria."

Parei de ler, ponderando por um momento como seria apenas sair em uma viagem pelo reino. Mercy parecia passar metade do tempo viajando com a corte, uma dama de companhia das princesas, e nunca fazia parecer que aquilo dava um trabalhão como Camille alegava ser o caso.

— "Dauphine apareceu de surpresa em meu quarto ontem à tarde, e conversamos enquanto tomávamos chá. Ela ficou bem apaixonada por umas pinturas suas que tenho penduradas aqui... aquela pequenininha mostrando o pôr do sol em Selkirk, a piscina natural com o caranguejo fofinho e, lógico, o retrato que fez de mim. Ela ficou bem interessada nas obras e adorou saber que sou tão íntima da artista."

— Veja só — murmurou Hanna, passando a escova pelo alto de minha cabeça. — Uma duquesa apreciando seu trabalho!

Fechei os olhos por um momento ao sentir os movimentos gentis da escova antes de voltar a ler:

— "Fiquei sentada ao lado do duque no jantar... é uma alma antiga e querida a dele... e ele pediu para eu repassar esta carta a você, Dauphine que mandou. Ao que parece, eles querem encomendar uma obra sua, maninha. Que maravilhoso! É lógico que você devia aceitar, e faça questão de dar uma paradinha na capital quando estiver a caminho. Estou com saudade de você e mal posso esperar para lhe exibir para meus amigos favoritos. Por favor, não demore. De sua querida Mercy."

— Uma encomenda... — comentou Hanna, deixando a escova de lado e dividindo meu cabelo em partes para fazer uma trança.

— Que estranho — respondi, ainda que eu tenha ficado muito curiosa.

Nunca tinha recebido uma carta de alguém que não fosse um parente, e passei os dedos pelo lacre lilás outra vez antes de rompê-lo.

O papel ali dentro era grosso, cor de creme com bordas de um tom ouro rosé, e bem mais sofisticado do que o material de carta que Mercy costumava usar. A caligrafia da duquesa era refinada e fluida, escrita em uma tinta de um gritante tom de orquídea cor-de-rosa.

— "Minha cara senhorita Taumas" — comecei, aproximando a carta do rosto. Um aroma enjoativo permeou no ar. O papel tinha sido até perfumado! — "Antes de qualquer coisa, quero me apresentar. Eu me chamo lady Dauphine Laurent, duquesa de Florice. Sou conhecida de sua irmã Mercy e espero que sejamos amigas também. Além disso, queria saudá-la pelo evidente talento como artista. Seu trabalho é maravilhoso e revigorante. Gostei muito do retrato que fez de Mercy e admiro o estilo com que a senhorita a pintou.

"Meu filho, Alexander, completa vinte anos logo mais, e meu marido gostaria de registrar a ocasião com o primeiro retrato adulto dele, como é a tradição para todos os herdeiros Laurent. Como talvez saiba, Florice esbanja diversos institutos e conservatórios. Passei o último mês analisando tantos portfólios de trabalho que sinto que minha vista está exausta e não consigo me lembrar de nenhum. Mas teve alguma coisa em seu trabalho que ficou marcado em mim.

"Em resumo, quero que seja você a fazer a pintura de meu filho. Lógico que a pagaremos pelo ofício e adoraríamos hospedá-la em Chauntilalie enquanto trabalha na obra. Por favor, aguardo sua resposta o quanto antes. O aniversário de Alexander é daqui a três meses, e sei que meu marido ficaria contente em revelar o retrato no dia especial.

"Cordialmente, Dauphine Laurent."

— Eles querem que você vá até Florice para pintar? — perguntou Hanna em voz alta, amarrando a trança com uma fita azul-escura.

Ela deu um tapinha no alto de minha cabeça ao acabar.

"Até Florice..."

Fiquei com o coração acelerado. Seria minha primeira aventura de verdade!

Logo me pus de pé e acabei batendo o joelho na borda da penteadeira, derrubando a vela cônica. Segurei-a antes de cair, e a cera fétida se espalhou pelo tampo de mármore. Todo ano Annaleigh me dava uma caixa de velas de presente de aniversário. Ela as adquiria sob encomenda para mim, alegando que eu gostara do aroma quando criança. Era uma mistura horrível de sal marinho e sálvia, e por mais que eu o detestasse agora, Camille fazia questão de que as velas fossem usadas, alegando que eram um presente extravagante demais para ser armazenado e esquecido.

— Eu tenho que responder agora mesmo — concluí, virando-me para a mesinha perto da lareira.

Eu me sentei, sacando uma folha de pergaminho e o tinteiro. Um polvo prateado, o emblema Taumas, envolvia o recipiente com os tentáculos. Meu papel de carta nem chegava aos pés da elegância das cartas de Dauphine. Camille comprava o material feito de alga de um lojista em Astreia. Era granuloso, com manchas de fibras irregulares, e tinha um leve tom esverdeado. Sempre servira bem aos meus propósitos — enviar cartas para minhas irmãs, fazer desenhos bobos para as gêmeas ou Artie —, mas no momento hesitei, alisando a superfície áspera e me perguntando se eu deveria usar algo melhor para responder.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — questionou Hanna, mexendo no carrinho de chá. — Você sabe que sua irmã vai ter algo a dizer sobre isso. Sobre tudo isso.

— Por certo ela vai dizer muitas coisas — respondi, encostando a pena no papel com um floreio. O material não era importante. A mensagem, sim. — Como sempre faz.

Hanna se aproximou com uma xícara de chá de canela e se apoiou no encosto de minha cadeira, lendo por cima de meu ombro. Eu sentia o olhar dela como um peso palpável.

— Pois então? — incitou ela.

— Pois então... — A ponta da pena deslizava pela página enquanto eu assinava meu nome, e o som pareceu importante ao extremo. — Eu faço dezoito anos na semana que vem. Serei uma adulta. Camille não vai mais decidir tudo a respeito de minha vida. Se essas pessoas, essas pessoas gentis e respeitáveis, querem me convidar para a casa delas, se querem me

pagar para pintar, então é óbvio que aceito. Não posso morar na casa de minha irmã para sempre.

— Também é sua casa — pontuou Hanna. — Sempre foi.

— Não exatamente. Não desde que começou a pertencer a Camille. Nem me lembro de como era antes de ser dela — admiti, embora Hanna já soubesse de tudo aquilo.

Na maior parte das noites, ela me contava de minha infância, da época que eu não lembrava. Ficávamos sentadas na chaise, bebendo chá, enquanto ela relatava outro acontecimento. Ela só cuidava de mim em Highmoor... Marina, Elodie e Artie tinham a própria criada, uma mulher bem mais jovem chamada Callabeth. Camille tinha me confidenciado uma vez que, depois do nascimento das gêmeas, ela não queria que elas se apegassem muito a Hanna, que já estava mais velha e frágil, e assim maculassem a infância ao terem que viver o luto por ela.

Ao pensar na infância que tivemos, fazia sentido querer proteger os próprios filhos da dor que sentira. Além disso, eu estava contente em ter Hanna só para mim.

— Pense só em como vai ser bom eu não estar aqui por um tempo — comentei com um falso entusiasmo. O que ela *faria* para passar o tempo? Camille só a tinha mantido ali na casa por lealdade. Desde meu retorno a Highmoor, Hanna só cuidava de mim. Mercy e Honor tinham se autodeclarado crescidas demais para serem cuidadas. Eu ponderei se Hanna tinha ficado magoada por eu ter aceitado aquela encomenda sem conversar melhor com ela. — Você vai poder ficar de pernas pro ar e enfim ter tempo de bordar aquela amostra da qual está sempre falando.

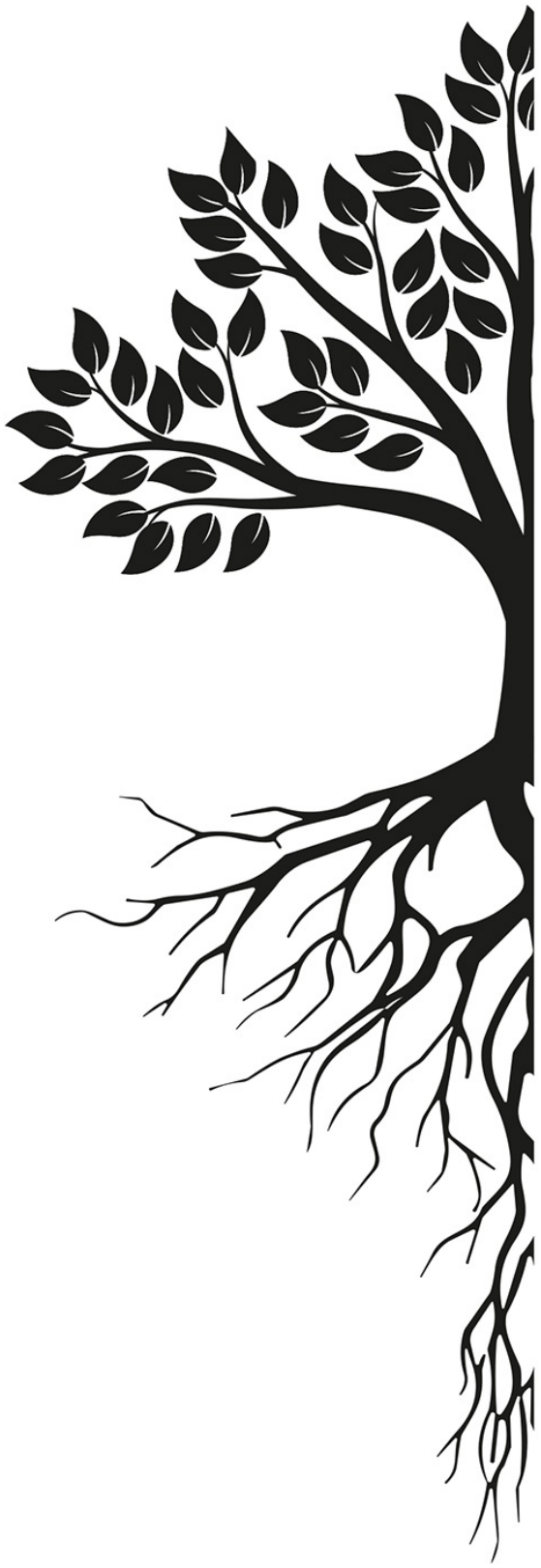
Hanna adorava costurar, e o bordado sempre fora motivo de orgulho para ela, embora com frequência ela ficasse ocupada comigo e não conseguisse se dedicar àquilo.

— Eu volto logo, logo — prometi. — Não é como se fosse um adeus eterno.

Ela fungou e se virou para o carrinho de novo.

— Eu imagino que não... Bem, agora que já terminou a carta, que tal eu contar da vez que Annaleigh enfiou um monte de tartarugas marinhas na banheira lá de baixo?

— Tartarugas marinhas na banheira? — repeti, seguindo-a até a área de estar. Eu já tinha ouvido aquela história dezenas de vezes, mas sempre fingia que era a primeira. — E, ora, por que ela faria uma coisa dessas?



3

— Acho que temos tudo, sra. Bennett — declarou Camille, analisando a lista comprida de materiais.

Ela passou os dedos pelos últimos itens, satisfeita. Nas raras ocasiões que saíamos de Salície para comprar algo, minha irmã agia como se estivéssemos em preparação para uma expedição de um ano por selvas desconhecidas.

Observei a pequena pilha de itens selecionados.

— Ah, na verdade, queria ver se tinha um daqueles cadernos grandes de desenhos — interrompi, fazendo uma mímica para demonstrar o tamanho que queria. — Eu quero comprar um. E um pacote de lápis de carvão, por favor.

Camille acenou com a cabeça para a lojista.

— Depois de organizar tudo, o sr. Stammish vai providenciar que a compra seja levada ao nosso barco.

Com um gesto de cabeça ágil em resposta, a sra. Bennett começou uma lista própria, gerando o recibo de minha irmã. Roland Stammish, o valete de Camille, foi à frente, e logo ele e a lojista começaram a debater as melhores formas de armazenar as caixas para o transporte até a marina.

— Estou morrendo de fome — comentei, cheia de esperança, virando-me para Camille.

Ela analisava os brinquedos de madeira à mostra na vitrine da loja. Quando pegou um veleiro pequeno, eu soube que estava pensando em Artie. Ela odiava deixar os filhos em casa, mas as gêmeas tinham ficado de picuinha no café da manhã. Elodie, por fim, resolvera acabar com a discussão ao atirar um *scone* na irmã, mas tinha errado o alvo e acertado uma jarra de prata, derramando leite na mesa toda. A fúria de Camille surgira subitamente e com força.

— Camille? — chamei. — Vamos almoçar?

— Quê? — questionou ela, desviando o foco do brinquedinho. — Não, acho que hoje não. É melhor voltarmos. Roland deve estar querendo...

— Por favor? — implorei, girando um disco colorido. Pequenas estatuetas de golfinhos saltavam das pinturas de ondas. — Faz séculos que

não comemos juntas, só nós duas. Nunca fazemos nada juntas.

— Estamos juntas aqui. Agora.

Ela devolveu o barco à vitrine e limpou a poeira dos dedos.

Torci a boca, prestes a fazer bico. Eu tinha planejado bem como fazer aquilo, e ela não estava seguindo o que eu havia previsto.

— Tem aquela taverna ali na frente. William disse que você sempre vai lá quando vem a Astreia.

— Bem, sim. Eles fazem uma sopa bem gostosa.

— Seria maravilhoso. Esse tempo todo fazendo compras me deixou com tanta fome. Você não está com fome, não?

Ela verificou o relógio prateado e reluzente no pulso. William o tinha dado como presente de noivado antes de eles se casarem, prometendo sempre honrar e respeitar o tempo que ela precisaria para administrar os bens. Eu desconfiava de que ela só tinha se casado com ele porque fora o único pretendente que não questionara a autoridade de minha irmã.

Camille soltou um suspiro que parecia um vazamento lento.

— Acho que temos um tempinho... Sr. Stammish — chamou ela, erguendo a voz. — Minha irmã e eu vamos almoçar. Avise-nos quando tudo estiver pronto para irmos.

Não era uma pergunta. Com ela, havia pouquíssimas perguntas.

Lutei contra a vontade de celebrar em júbilo. Eu vinha morrendo de vontade de contar a Camille sobre a carta de Dauphine Laurent o dia todo, mas ainda não encontrara o momento.

Hanna estava certa. Era improvável que Camille aceitasse aquilo de imediato. Eu teria que convencê-la, persuadi-la. E se não funcionasse, teria que coagi-la. Eu já tinha selado meu destino mais cedo naquele mesmo dia, colocando a carta em que aceitava a proposta na caixa de correio enquanto minha irmã estava distraída. Eu não tinha motivos para suspeitar de Camille remexendo em minhas correspondências, mas não queria dar nenhuma brecha.

Eu sairia daquelas ilhas, sim.



Estávamos sentadas em uma mesa com sofá que tinha bem mais espaço do que duas pessoas precisariam. Ficava nos fundos da taverna, em um canto recluso longe do restante do salão, e, enquanto Camille se acomodava com cuidado na parte mais distante da mesa, escondida atrás de um biombo de

madeira, entendi que era ali onde ela sempre se sentava. Como a duquesa que era.

Era raro sairmos em público juntas nas ilhas... No geral, ela levava os filhos ou o marido junto quando visitava os estaleiros de Vasa ou quando consagrava o início da temporada de pesca com uma grande cerimônia em Selkirk. Ela deixava Héspero com Annaleigh, certa de que conseguiria administrar o farol sozinha. Nossa família toda participava do Festival do Revolto em Astreia — uma celebração de uma semana inteira em agradecimento a Pontos por sua benevolência —, e, pensando no ano anterior, percebi que fora a única vez que eu tinha saído de Salície com ela.

— Por que quis que eu viesse fazer compras com você hoje? — perguntei depois que uma garçonete nos serviu canecas de sidra até a boca. Como ela o fez sem limpar o tampo, as canecas foram criando uma galáxia de esferas pegajosas e anéis úmidos na mesa de carvalho grossa.

— Hum? — murmurou ela, distraída.

Ela estava observando o salão ao redor, analisando os rostos dos moradores presentes.

— Nunca fazemos compras juntas. Você sempre vai com Roland comprar mantimentos para a mansão, ou com as crianças quando é hora de encomendar roupas novas. A última vez que saí com você...

Vasculhei as lembranças. Devia ter ao menos uma ocasião...

Só que não recordei de nada, então dei de ombros.

Ela desviou a atenção do bar, baixando o olhar para a mesa.

— Eu não imaginei que você fosse se interessar por provas de roupas ou negociar telhas novas.

— Bem, provavelmente não, mas... fiquei surpresa quando você me pediu para vir hoje. Foi uma surpresa boa.

Ela moveu a boca como se fosse abrir um sorriso e deu um golinho na sidra. Tive a sensação nítida de que ela estava tentando pensar em algum tópico para jogar conversa fora e passar o tempo, então soube que eu precisava agir logo se quisesse falar o que havia planejado.

Respirei fundo, sentindo as palavras que fiquei a manhã toda treinando para falar pesarem na língua, mas, quando abri a boca, foi outra coisa que saiu.

— É por minha causa? — questionei, e então não dava mais para pegar as palavras de volta porque ela se concentrou em mim, enfim olho no olho.

— Por sua causa?

— Você parece distraída, desconfortável ou... alguma coisa. Eu só... eu sinto que você preferiria estar em qualquer outro lugar no mundo em vez

de aqui comigo, agora, e fiquei pensando...

— Se é por sua causa... — interrompeu ela, cortando minha próxima frase.

Confirmei com a cabeça, esperando que ela negasse.

Ela tracejou com o dedo do meio a marca da sidra que escorria da caneca.

— Não é por... sua causa — respondeu enfim, mas não havia muita convicção em sua voz. — Você sabe que te amo muito, Verity, e sabe quanto valorizo sua presença em Highmoor, com a gente, comigo. Todo mundo se sente assim. William vê você como a irmã caçula dele. As crianças adoram você.

— Então qual o problema?

Camille fez uma careta discreta quando a garçonete voltou carregando uma bandeja enorme. Ela serviu as tigelas de sopa e uma cesta de torradas. Os talheres tilintaram na mesa.

— Mais alguma coisa, milady? — perguntou a mulher.

— Obrigada, Wynda. Por ora, tudo certo.

Acenando com a cabeça, Wynda se afastou e foi checar outra mesa antes de voltar para o posto no bar.

— Você e eu temos catorze anos de diferença — afirmou Camille depressa, jogando as torradinhas redondas na sopa. — Eu queria que passássemos mais tempo juntas, nós duas, mas... estamos em momentos bem diferentes na vida. Sempre estivemos. Eu sou esposa, mãe. Tenho uma propriedade para administrar e questões a tratar na corte. Há tantas obrigações das quais você nunca saberá, com as quais nunca precisará se preocupar. E você...

— E eu — falei, sabendo que não havia nada em minha vida que se equipararia ao fardo importante que Camille carregava.

Ela esticou o braço e apertou minha mão.

— Eu fico muito, muito feliz por estar aqui, por morar com a gente. Highmoor sempre será seu lar, sabe disso. Talvez eu não tenha lhe mostrado quanto estimo sua presença lá. Eu preciso melhorar isso. Vou... vou tentar ser uma irmã melhor.

— Camille, minha intenção não era insinuar que você...

— Eu vou melhorar.

— Bem... na verdade... tem outra coisa que eu queria conversar com você — revelei, sacando a carta da duquesa do bolso. Havia algo horrível na forma que Camille dissera que Highmoor sempre seria meu lar. As palavras em si eram gentis, mas a implicação me causou arrepios. Ficar em casa significava que eu nunca iria para outro lugar. Nunca aprenderia nada

novo. Eu não encontraria um pretendente, uma vocação, *eu mesma*, se não fosse embora. Camille estava presa a Highmoor, fora incumbida de proteger a mansão e as ilhas, mas eu... A que propósito eu serviria presa naquelas paredes de pedra? — Eu... recebi uma carta de Mercy ontem.

Ela tomou uma pequena colherada do caldo, girando a comida na boca enquanto contemplava o que eu não estava dizendo.

— Ah, é?

— Ela fez amizade com uma duquesa, de Florice...

— Dauphine Laurent — interrompeu Camille, assentindo.

Confirmei com a cabeça também.

— Isso, pois bem... Os Laurent têm um filho...

— Alexander — interveio ela mais uma vez, esfarelando mais torradas dentro da sopa.

— Alexander.

Toda vez que ela interrompia minha linha de pensamento, meu nervosismo aumentava tanto que meu estômago se revirava como um emaranhado de videiras, em um esforço de me estrangular.

— Ele é um ótimo jovem — contou ela, olhando pelo salão de novo. — Eu não consigo me imaginar no lugar do duque.

— Como assim, no lugar dele?

— Ele não anda, sabe? O Alexander. Acho que ele caiu ou teve uma doença na infância, não lembro... — Ela balançou a cabeça, como se os detalhes não importassem. — Ele não tem nenhum movimento nas pernas, só se locomove em uma cadeira de rodas.

— Que horrível — murmurei, imaginando como a imagem ficaria em uma pintura, uma figura pequena e desamparada sentada diante de uma mansão imponente, o terreno tomado por uma vegetação alta, ameaçando engolir o garoto todo.

Camille tomou mais da sopa.

— Você não gostou? — perguntou minha irmã, gesticulando para minha tigela.

Eu ainda nem havia provado.

— Só estava... deixando esfriar um pouco.

— Então, me deixe adivinhar. Dauphine está querendo que Mercy vá a Chauntilalie, não está? É óbvio que ela está tentando arranjar alguma coisa entre os dois pelas minhas costas. E Mercy lhe mandou uma carta para... O quê? Tentar ajudá-la a escapar da situação? — Ela massageou as têmporas, suspirando. — Juro que às vezes ela parece criança.

— Quê? Não é isso.

Só que Camille já estava desenvolvendo o cenário imaginário, convicta demais para me dar atenção.

— Mercy — soltou ela, fazendo um som de escárnio. — Dauphine deve estar com a corda no pescoço já. Qualquer um em sã consciência já viu que a garota está caindo de amores por... — Ela parou de falar com brusquidão, lançando um olhar para um casal que passou mais perto da mesa do que gostaria. Minha irmã engoliu em seco. — Bem. Você sabe.

Eu sabia, sim.

— Não foi por isso que ela escreveu — expliquei, colocando com cuidado a carta da duquesa na mesa, que já tinha ficado toda encharcada.

Depois de lançar um olhar desconfiado e de desdém ao papel, Camille abriu a carta amassada. Observei o olhar dela correr pelas linhas, analisando a tinta vívida. Ela leu uma vez, duas, três, então abaixou a carta.

— Não — declarou Camille sem rodeios.

— Como assim, "não"?

— Não, você não vai.

Ela deu um bom gole na sidra como se buscasse força no líquido.

Se fossem outros tempos, eu iria concordar com a cabeça e acatar à decisão dela, mas as palavras que ela disse ecoavam em minha mente, incômodas.

"Highmoor sempre será seu lar."

Sempre.

Sempre seria meu lar.

Meu lar *sempre* seria ali.

Mas deveria ser?

Ela já me perguntou o que eu queria da vida?

Não.

Ela só presumiu que sabia o que era melhor para mim e saía por aí fazendo declarações como aquela. Como sempre. Como uma duquesa sempre faria.

Dei um gole na minha sidra, então outro.

— Eu não me lembro de pedir permissão.

Camille arqueou a sobrancelha de súbito. Parecia chocada demais para formular uma resposta.

— Semana que vem faço dezoito anos. Já tenho idade para tomar minhas próprias decisões.

— Ter dezoito anos mal é...

— Você deixou Mercy ir morar na corte aos dezesseis.

— O rei solicitou. O que eu poderia fazer?

— Honor foi embora aos dezessete — continuei, mantendo a voz neutra.

Na época, havia sido uma pancada em dobro, duas das minhas irmãs mais próximas indo embora com meses de diferença uma da outra. Eu tinha me sentido abandonada, mas tentara manter a esperança, sabendo que dali a alguns anos eu teria idade o bastante para participar das aventuras delas.

Só que aquilo nunca havia acontecido.

Elas estavam por aí. Eu ainda estava ali.

Sempre.

— Honor virou uma governanta. Ela tinha um trabalho.

— Eu também tenho — retruquei, olhando para a carta.

— Isso não é... — Ela parou de falar e fechou os olhos. — Não é a mesma coisa.

— Eu já respondi à carta aceitando o trabalho.

Vi um lampejo dos olhos cor de âmbar de Camille quando ela os abriu e depois os estreitou.

— Você fez o quê?

— Eu respondi, dizendo que ficaria honrada em aceitar o cargo. Enviei de manhã.

Minha irmã respirou fundo. As bochechas ficaram bem vermelhas, e notei que suas mãos tremiam de raiva.

— Então você vai mandar outra carta, dizendo que foi um erro. Vai ter que pedir desculpas, lógico, mas...

— Não tem do que me desculpar. Eu vou, *sim*.

— Não vai, não. — A voz dela era assustadoramente calma.

Ela não tinha levantado a voz uma única vez, cada palavra em alto e bom som.

— Eu não entendo. Todo mundo já foi embora. Annaleigh, Honor, Mercy, até Lenore! Você deixou todas elas irem sem falar nada. Eu só quero o que elas já tiveram. É hora de eu descobrir quem sou, quem devo...

Houve uma ruptura na expressão composta do rosto de Camille, só um pequeno vislumbre dos pensamentos que passavam por sua mente e que ela tentava esconder, mas, enquanto eu falava, a coisa cresceu mais e mais até despedaçar a máscara dela.

— Droga, Verity — bradou ela, batendo a mão na mesa.

Aquilo foi tão chocante quanto um tapa. Prendi a respiração, sem conseguir entender a relutância dela, a fúria estarrecedora em seus olhos.

— Você não é elas. Não é como nenhuma delas!

Ela bateu na mesa outra vez, e as tigelas e canecas tremeram com a força do movimento. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Camille saiu do banco e pela porta, que voltou com tudo depois de ela sair, acertando o batente com uma conclusão definitiva.

Fiquei ali, congelada, observando a comida. Eu nem precisava olhar ao redor da taverna para sentir os olhos de todos em mim, querendo saber o que havia acontecido. Camille sempre apresentara uma fachada de calma e decoro em público. Ela devia estar envergonhadíssima do próprio comportamento. Eu tinha certeza de que ela logo voltaria, dando justificativas pela atitude tão estranha.

Um minuto se passou.

Então outro.

E outro.

E ainda assim ela não voltou.

Continuei ali sentada, sem conseguir ir embora, ainda lutando para respirar.

O que eu tinha feito?

Eu quisera que ela me visse como eu era ali, diante dela. A irmã mais nova, crescida e pronta para as responsabilidades da vida adulta. Pronta para sair do ninho. Pronta para tomar decisões sozinha. Eu não era mais uma garotinha.

Jamais imaginei que ela reagiria daquele jeito.

Contrariando todas as expectativas, meu estômago fez um barulhão. Arrisquei olhar para os outros clientes. Algumas pessoas logo desviaram o olhar — até então estavam encarando *mesmo* —, mas outros abriram sorrisos cheios de compaixão.

Outra garçonete, diferente daquela que tinha nos servido, se aproximou, com os passos hesitantes como se não soubesse como seria recebida. A cor de sua pele era de um marrom-escuro, e o cabelo preto era bem curtinho sob a touca.

— Não está se sentindo bem, srta. Taumas?

— Ah, não, estou bem. Estou bem — respondi, tentando me convencer.

A cada minuto que se passava sem que Camille voltasse aumentava a minha sensação de pavor.

— Você está chorando — comentou ela, empurrando o guardanapo intocado de Camille em minha direção.

Peguei o tecido e enxuguei os olhos.

— Eu não tinha reparado.

— Às vezes lidar com irmãs é difícil, não é? — opinou ela, voltando o olhar à porta como se Camille tivesse retornado de repente.

Não era o caso.

— É, sim — concordei.

— Eu tenho três — contou ela, acomodando-se no lugar de Camille. — Todas mais velhas. É difícil ser a caçula da família.

— Sim, é. — Apesar de minha angústia, sorri para ela. — Meu nome é Verity.

Ela apertou minha mão quando a estendi, e os dedos dela estavam frios e cheios de calos.

— Miriam.

— É um prazer, Miriam. Obrigada por vir aqui. Eu... eu não sei ao certo o que deveria fazer, e todo mundo estava olhando.

— Nem todo mundo — corrigiu a mulher, colocando uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. — Tem um cavalheiro ali, sentado com uma moça de verde. Ela está falando no ouvido dele sobre um chapéu que viu em uma loja, e acho que ele nem reparou que sua irmã foi embora.

Uma risada escapou de mim.

— Olha, bom saber. E aqui estava eu, preocupada com um possível grande escândalo.

— Ah, não, senhorita — corrigiu ela, fingindo uma expressão séria. — Se quer mesmo ver um grande escândalo, olhe lá aquele casal sentado ali... o homem com a aliança de ouro grandona... e a dama com os dedos sem nenhuma joia.

Fiquei analisando os dois de quem ela falava. Um se inclinava na direção do outro, sussurrando e parecendo serem as únicas pessoas que restavam no mundo.

— E o que tem de mais nisso?

Os olhos azuis de Miriam faiscaram, e o sorriso que deu foi malicioso.

— Está vendo aquela mulher ali perto do bar, usando vestido roxo?

Identifiquei-a, e ela observava o casal com uma ira que mal conseguia esconder. Comi mais da sopa, esperando algo acontecer.

— É a cunhada do cavalheiro. Ele ainda não a viu, mas é óbvio que ela notou a presença dele.

— Isso sim é escândalo.

— Está se sentindo melhor? — questionou ela, gesticulando na direção da tigela que estava pela metade.

— Estou, sim. Ainda não sei o que fazer, mas...

— Verity.

Eu me sobressaltei, assustada com a voz de Camille. Eu não tinha notado que ela voltara nem que se aproximara, e a julgar pela palidez no rosto de Miriam, ela também não.

— Você voltou — falei.

— É, bem... Roland já deixou tudo organizado no barco. Temos que ir embora.

— Você não quer terminar a sopa? Talvez pudéssemos falar sobre...

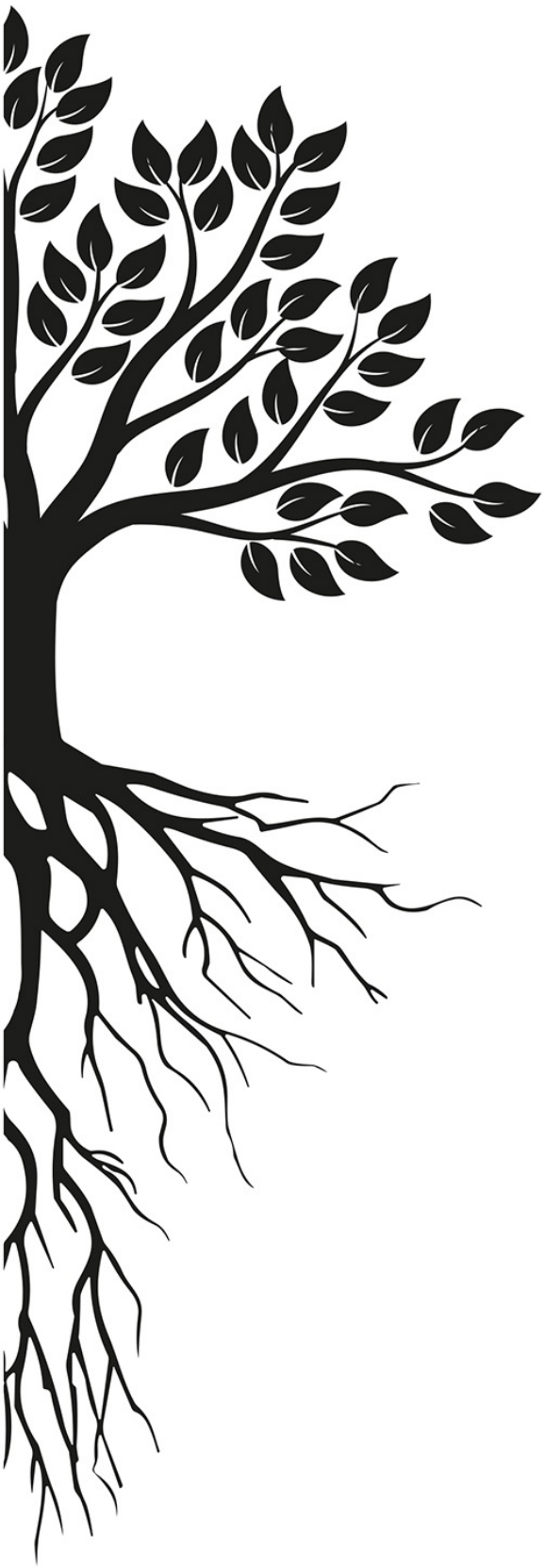
— Temos que ir embora.

— Camille, essa é Miriam — apresentei, sentindo-me mal porque minha irmã nem se dera ao trabalho de cumprimentar a moça. — Estávamos só conversando.

Camille passou o olho pela mulher, sem focar o rosto dela. O pescoço de minha irmã ficou todo vermelho, logo acima do colarinho, como se fosse uma marca de mão sangrenta.

— A maré não espera ninguém — declarou ela, com os olhos fixos em algum ponto acima da cabeça de Miriam.

Ela não se despediu, só se virou e saiu porta afora, sem nem olhar para trás para ver se eu a seguia.



4

Naquela noite, bati à porta da saleta de Camille.

— Entre — respondeu ela, com a voz leve e acolhedora.

Fiquei com medo de ela estar pensando que era William ou uma das crianças.

Ao entrar, vi-a sentada diante da penteadeira, removendo os adornos que usara ao longo do dia. Observei a expressão dela se fechar e soube que eu estivera certa.

Eu me virei, olhando pelas janelas para o pôr do sol que projetava tons de carmesim na paisagem. Os aposentos de Camille e William ocupavam quase todo o quarto andar da ala oeste e tinham a vista mais espetacular de todas. Eu via até o lampejo de luz da Velha Maude naquela noite e desejei, de algum modo, conseguir voltar aos dias de glória da infância em Héspero.

— O jantar estava ótimo — comecei, tentando amenizar a atmosfera pesada com elogios vazios que no geral Camille recebia com gosto.

— Você nem comeu nada.

Eu *sabia* que ela tinha ficado me observando por cima da borda do cálice, analisando todos os meus movimentos.

Ela inclinou a cabeça e retirou um brinco de pérola largo em forma de gota, então colocou-o no pratinho prateado.

— Camille... podemos conversar sobre o que aconteceu de tarde? Por favor?

Ela retirou a outra pérola e massageou os lóbulos das orelhas.

— Eu sei qual é a necessidade, mas você está determinada a fazer tudo do seu jeito hoje, então está bem. Vamos conversar. Podemos passar a noite toda conversando, até ficarmos roucas e exaustas. Eu tenho uma reunião do conselho às sete em Vasa amanhã, mas tenho certeza de que os homens vão entender se eu estiver indisposta. Vou só dizer que Verity queria conversar.

— Camille...

Ela se virou no banquinho acolchoado, com o olhar afiado e feroz.

— Que foi?

Diante de toda aquela fúria, minha determinação fraquejou. Era como se eu estivesse à frente dos penhascos de Highmoor. Um passo em falso e eu despencaria, indo de encontro à própria morte.

O sorriso de Eulalie na pintura me veio à mente, e estremeci.

— Eu não... eu não queria que as coisas tivessem acontecido daquele jeito.

— Um pequeno conforto — respondeu minha irmã, voltando-se ao espelho.

Ela removeu o colar e o pousou em um tecido azul-escuro deslumbrante. Enquanto dobrava o quadradinho de veludo, percebi que ela tinha mexido nas cutículas até ficarem feridas.

— Desculpe — falei, dando um passo na direção dela, querendo me ajoelhar ao lado de minha irmã como eu fazia quando mais nova, apoiando a testa em sua perna.

Ela me tranquilizaria. Acariciaria o espaço entre meus ombros em círculos antes de dar um beijo no alto de minha cabeça.

— Pelo quê?

As palavras dela arderam que nem ácido, e afastei da mente as lembranças do que ela fazia antes. Minha irmã não me reconfortaria naquele dia.

— Eu não quis deixar você chateada. Não quero que fique brava.

Ela fungou.

— Bem, pois você conseguiu o oposto disso.

Eu me balancei de um lado ao outro, sem saber o que fazer. Era óbvio que ela não estava querendo conversar — e a conversa não levaria a lugar algum —, mas eu também sabia que se saísse com o rabo entre as pernas, o incidente afetaria tudo, crescendo e se espalhando como podridão tomando um membro do corpo gangrenado.

— Eu só... não entendo. — A declaração dela saiu baixinha, um enorme contraste com a reação de antes, e quase não ouvi. — Eu dei tanto a você esses anos todos.

Olhei ao redor do quarto, sem entender a mudança dramática acontecendo entre nós.

— Eu sei.

Ela respirou fundo, observando o próprio reflexo, com o olhar distante, desfocado.

— Eu tinha dezenove anos quando o papai morreu. Em uma só noite, herdei o título dele, uma propriedade em chamas, e do nada a responsabilidade de cuidar de cinco irmãs mais novas. — Quando ela ergueu os olhos para me encarar, estavam cheios de lágrimas. — Eu me

certifiquei de que você tivesse o que vestir e o que comer. Que recebesse instrução. Que se sentisse amada e cuidada. Eu... sempre... quis o melhor para você. Deixei a casa o mais confortável possível... Por que está tão empenhada em deixar a casa para trás? Em me deixar para trás?

Arrisquei outro passo para perto dela.

— Camille, não é você que quero deixar para trás... Nem mesmo Highmoor em si.

Ela soltou um suspiro trêmulo. Parecia prestes a começar a chorar.

— Então vá em frente. Todo mundo já foi. Foi uma ilusão achar que você faria diferente.

Em um instante, eu estava aos pés dela, envolvendo suas pernas com os braços. A expressão no rosto de minha irmã tinha me magoado. Nunca vira Camille tão vulnerável. Tão sozinha.

— As outras também não deixaram você. Elas só... elas têm que começar a viver a própria vida.

— Sempre achei que era para nós, as irmãs Taumas, as irmãs do Sal, vivermos nossas vidas aqui. — Ela engoliu em seco. — Foram todas para tão longe...

— Eu não vou — prometi depressa. Afastei qualquer ideia de uma grande aventura. Afastei, pisei e sapateei na ideia até virar pó. Qualquer coisa para desfazer aquela expressão horrorosa do rosto de minha irmã. — Eu... eu vou mandar outra carta para a lady Laurent hoje. Assim será enviada logo de manhã cedo. Vou bolar qualquer desculpa que quiser. Eu vou ficar, Camille, vou ficar.

Fez-se um longo momento de silêncio. Eu não conseguia ver o rosto dela, não sabia identificar o que pensava, mas torcia muito, muito, muito para que eu tivesse melhorado a situação de algum modo. Torci para que meu sacrifício a tivesse tranquilizado, que tivesse feito cessar as lágrimas. Era aterrorizante ver minha irmã... qualquer uma de minhas irmãs... chorando.

— Obrigada, Verity — respondeu ela, passando os dedos por meu cabelo, fazendo cosquinhas em minha nuca como fazia antes.

Fechei os olhos e tentei focar apenas no gesto do perdão.

Eu não sabia quanto tempo tínhamos passado daquele jeito, uma tentando reconfortar a outra a partir de uma posição tão desconfortável, uma sem ver o rosto da outra, apenas tentando transmitir a sinceridade da atitude. Por fim, Camille se afastou e pegou um paninho da penteadeira.

Endireitei a postura, sentando-me em cima das pernas, e a vi removendo o corante da boca, voltando ao modo duquesa de ser, sempre segura, nunca ineficiente.

— Agora que resolvemos isso, é melhor você ir dormir. Ainda vai escrever a carta hoje, afinal, e assim podemos ter uma boa noite de sono. Hum?

Ela deu um apertãozinho em meu nariz, mas o gesto pareceu errado, sem afeto.

— Lógico — concordei, ficando de pé. Ela tinha ganhado a batalha e já estava ansiosa para a próxima tarefa. Nós todos éramos pouco mais do que um item a ser riscado em uma lista. Eu já me arrependia do juramento impulsivo. — Posso pedir para Hanna trazer uma xícara de chá para você, se quiser. Sempre me ajuda a dormir bem.

Ela fez uma expressão indecifrável.

— Você pode levar uma das velas, se quiser — ofereceu ela, ignorando minha sugestão e gesticulando para os castiçais que ladeavam a penteadeira.

Até ela usava os presentes fedorentos de Annaleigh.

— Não precisa — respondi, dando-lhe um beijo na bochecha. — Nunca tive medo do escuro.



Esperei até estar de novo na escada, seguindo para o segundo andar, antes de desmoronar de vez, soluçando tanto a ponto de cair de joelhos. Fiquei toda vermelha, sentindo as bochechas quentes, apesar de meus dedos estarem tremendo de frio.

— É só por um tempo — consolei-me, fazendo promessas que estavam fora do meu controle. — Ela não pode esperar que eu fique aqui para sempre. Não pode.

Estremeci, querendo libertar mais uma torrente de lágrimas, mas estava esgotada, um veleiro sem vento, um peixe cercado de ar, no cais seco, lutando para respirar. Abafei os soluços afobados. A sensação me atravessou, e eu me encurvei e levei os joelhos ao peito, tentando me controlar da forma que podia.

— Olhe só — sussurrou alguém de um andar acima do meu.

A voz foi transportada escada abaixo, ecoando repetidamente.

— Quem está aí? — questionei.

Cravei os dedos nas pernas, sentindo o pânico me dilacerando como um picador de gelo.

Alguém tinha ouvido meu martírio. Alguém tinha visto meu rompante e, em vez de ajudar, de tranquilizar, tinha ficado observando, julgando-me com crueldade, debochando de minha angústia.

— Tantas lágrimas...

Quem era?

Com quem a voz falava?

Eu me debrucei sobre o corrimão, tentando identificar as figuras em meio à escuridão lá em cima. Ah, por que eu não tinha levado a vela de Camille?

— Tanto sofrimento — murmurou uma segunda voz.

Endireitando-me, subi a escada depressa, fazendo o mínimo de barulho possível, disposta a surpreender quem falava. Eram criadas? Camille e William me seguindo para se certificarem de que eu tinha ido mesmo me deitar? Quem?

Só que o andar estava tão vazio como quando eu passei por ali. Espiei pelo corredor do terceiro andar, certa de que as vozes tinham fugido ao me ouvirem chegando perto, mas também estava deserto e escuro.

Então... um lampejo de vermelho.

A uma distância, perto do fim do corredor. Logo vi um movimento, que desapareceu, dobrando o corredor.

— Lenore? — perguntei, incrédula.

Parecia bastante com o cabelo dela, solto e comprido, uma cortina brilhosa de castanho-avermelhado em contraste com a luz fraca das lamparinas a gás. Os quartos das crianças ficavam naquele piso, e as lamparinas eram mantidas acesas durante a noite para afugentar pesadelos.

Eu a segui, confusa.

— Lenore?

Ela tinha voltado para casa? Para o meu aniversário?

Nós a queríamos lá, lógico. Eu teria enviado um convite eu mesma, mas não soubera para onde enviar. A última vez que ela havia entrado em contato com uma de nós fora meses antes, por meio de uma breve mensagem para Camille.

"Estou bem", prometera ela no final da missiva. "Está tudo bem."

Ela tinha colocado uma florzinha dentro do envelope, pressionando as pétalas vermelhas estranhas entre um pedaço de papel de cera para conservar a beleza.

E ali estava ela em Highmoor.

Corri atrás dela. Fazia anos que Lenore tinha ido embora das Salinas. Anos desde que vi o rosto dela.

— Lenore — repeti. — Espere.

Por que ela não se virava para me cumprimentar?

— Lágrimas — sussurrou ela, e a voz ecoou de um jeito estranho pelo corredor.

Por um momento, eu poderia jurar que o som estava atrás de mim, lábios conhecidos encostando em minha orelha.

— Sofrimento — concordou a pessoa que a acompanhava e que eu ainda não vira.

— Lágrimas.

— Sofrimento.

As vozes repetiram as palavras de novo e de novo, os sussurros virando sibilos, como vapor sendo liberado de uma chaleira quente demais e ricocheteando pelo corredor até formar uma peleja horrível de barulhos tão altos que fiquei surpresa com as crianças continuarem dormindo.

— Lenore! — chamei, fazendo outra curva e a vendo descer pela escada principal. — O que está dizendo?

— Lágrimas — repetiu ela, parando de caminhar e olhando para mim.

Então vi com nitidez a segunda pessoa, ao lado dela, apertando a mão de minha irmã com firmeza.

Pisquei várias vezes.

Eu não estava enxergando direito.

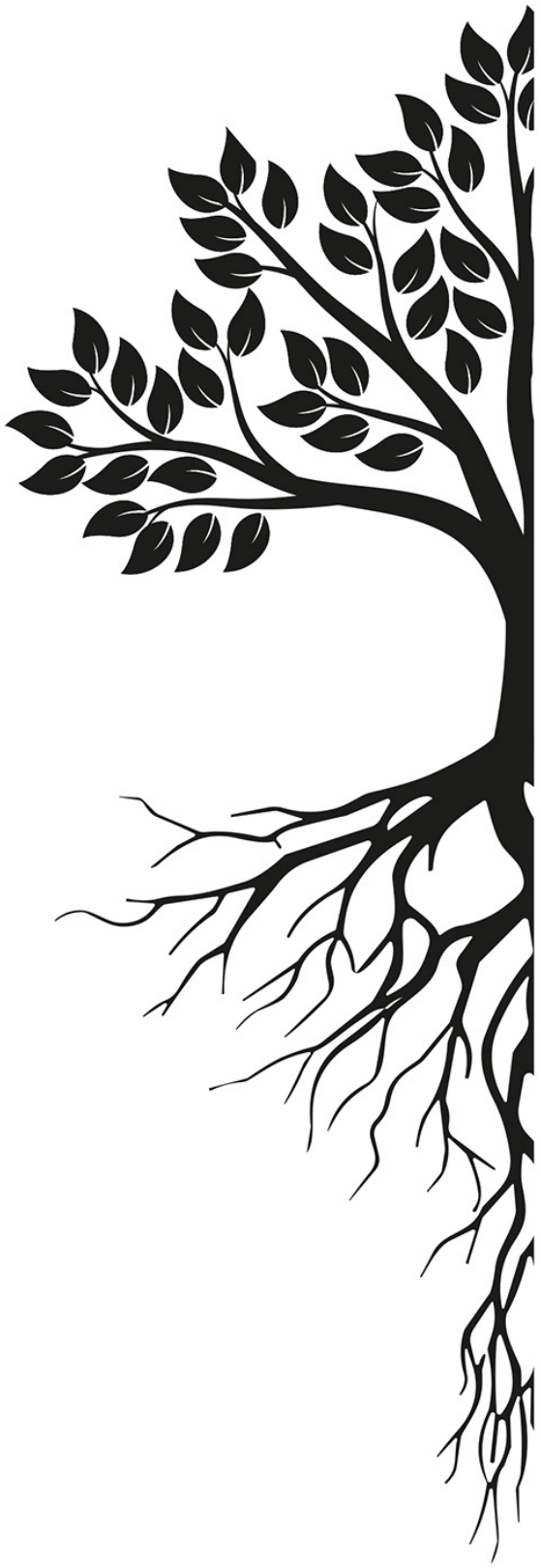
Na verdade, estava enxergando dobrado.

Só que nenhuma das figuras era Lenore.

Elas me encararam, com os rostos pálidos e opacos tomados pela preocupação.

— Sofrimento — sussurrou minha irmã morta.

Então comecei a gritar.



5

Quando recobrei os sentidos, estava em meu quarto, olhando para o dossel acima da cama.

Ao meu lado, havia um desnível no colchão. Tinha alguém sentado ali, e, por um momento horrível, não consegui ver quem era. Outro grito irrompeu por minha garganta enquanto eu imaginava Rosalie e Ligeia me ladeando enquanto eu dormia, os braços compridos e mortos se esticando para me cobrirem como uma mortalha.

— Pare com isso. Pare agora mesmo.

O sibilo ecoou em forma de comando, com uma fervorosa decepção. Não vinham das minhas irmãs que haviam falecido há tempos.

Era só Camille.

— Beba isso aqui — instruiu ela, colocando um copinho com um líquido âmbar em minha mão.

Eu me sentei, sentindo tudo girar ao mover a cabeça, e voltei a me recostar nos travesseiros. De volta ao sono inconsciente no qual eu poderia fingir nunca ter visto minhas irmãs cadavéricas andando pelos corredores de casa.

Só que a insistência de Camille me manteve firme.

O conhaque era forte, mordaz e acentuado. Comecei a lacrimejar enquanto engolia a bebida escaldante, mas de um jeito estranho ajudou. Minha mente voltou a focar o presente. Camille estava sentada na ponta da cama, usando um robe cor-de-rosa amarrado na cintura.

Rosa como o nome Rosalie...

Não.

Mantive os olhos focados em Camille enquanto terminava a bebida horrível e tentava não reparar que o ângulo das bochechas dela, a curva dos olhos, até a posição da cabeça, inclinada com uma curiosidade descontrolada, eram idênticos aos de Rosalie. Aos de Ligeia.

Por que todas nós tínhamos que ser tão parecidas a ponto de ser angustiante?

— Quem você viu?

Lambi os lábios, considerando a pergunta cuidadosa de minha irmã. Ela havia perguntado "quem", não "o quê".

— O que são elas?

— As trigêmeas, então — concluiu Camille, pensativa.

Imaginei Lenore se juntando ao par malfadado e estremeci.

— Mais ou menos isso.

— Mais ou menos isso — concordou ela com um tom lamurioso.

— Camille...

Seus olhos encontraram os meus, escuros como a resina que Elodie usava no violino. Parecia tão perdida.

— Eu... eu sempre torci para que, de algum modo, se Pontos quisesse, nunca tivéssemos que ter esta conversa.

Esperei que minha irmã prosseguisse, mas ela não parecia saber como, então tomei a iniciativa e falei, falei a palavra que com certeza desmantelaria aquela postura silenciosa:

— Fantasmas.

Ela confirmou com a cabeça.

— Nossa casa é assombrada — continuei — por fantasmas.

Minha irmã negou com a cabeça.

— Não a casa... só você.

Ela pegou o copo vazio e seguiu para o carrinho de bebidas que alguém havia levado para lá. Hanna, era provável. Eu me perguntei se ela tinha ajudado Camille a me levar para o quarto ou se tinha sido Roland a carregar meu corpo desacordado pelos extensos corredores.

Camille se serviu de uma dose, então colocou mais um dedinho de bebida em meu copo.

— Se vamos fazer isso, é melhor ficarmos confortáveis — afirmou ela, sentando-se na poltrona com braços curvos e deixando a espreguiçadeira estofada para mim. — Verity — incitou, estendendo o copo.

Com relutância, saí da cama, aceitei o conhaque e sentei-me diante dela. Meu estômago se revirou quando ela fez um gesto para que eu começasse.

— De início achei que fosse Lenore. Eu a vi no corredor e fui atrás. Mas... não era ela.

— Eu sei.

Endireitei a postura, interessada.

— Você as viu? Você também as viu?

— Não. — Camille suspirou. — Eu acho que seria melhor começar no início de tudo. É só que... — Ela comprimiu os lábios, com uma expressão hesitante. — Você os vê desde que era pequena.

— Rosalie e Ligeia?

— Não só elas. Todos os tipos... de... fantasmas. — Ela tremeu de maneira visível e tomou um grande gole de conhaque. — Annaleigh percebeu primeiro... Você tinha cadernos de desenhos cheios de imagens de nossas irmãs mais velhas. Ava e Octavia. Elizabeth. Você era nova demais para se lembrar delas, mas os desenhos eram tão cheios de detalhes, com as características tão precisas...

— Eu não lembro — respondi, relutando contra a névoa cinzenta de lembranças perdidas. — Cadê os cadernos?

— Foram destruídos no incêndio. Tem muita coisa daquela época que você não sabe. Levaria mais de uma noite para explicar tudo, mas, por ora, por favor, confie em mim quando digo que é melhor que não lembre. Depois do incêndio, depois... de tudo... você foi para Héspero. Annaleigh disse que você estava melhor, que tudo o que tinha visto antes só havia sido parte dos... pesadelos. Mas então você começou a falar de Silas com ela...

Estreitei os olhos, desenterrando as lembranças da época que passei no farol. Houvera um homem mais velho lá, com feições brutas e tufos macios de cabelo.

— O Guardião da Luz — concluí, lembrando.

Ele tinha me mostrado o melhor jeito de polir as janelas de vidro curvado da Velha Maude. Havia me ensinado a dar nós, identificar constelações das quais nunca ouvira falar, e técnicas para prever o tempo. Franzi a testa, com as palavras que acabei de pronunciar ecoando em minha mente.

— Só que... isso não pode estar certo. Annaleigh é a Guardiã da Luz...

Camille confirmou com a cabeça.

— Silas morreu na noite do incêndio... ou um tempo antes. Não sei ao certo como aconteceu, mas ele já tinha morrido.

— Um fantasma.

O olhar dela confirmou.

— Mas ele não... ele não *parecia* estar morto.

— Nunca parecem — argumentou minha irmã, brincando com as faixas do robe. — Não para você.

Abaixei o olhar para o copo, analisando como as linhas do cristal lapidado refratavam feixes de luz pelo conhaque. Eu sentia Camille me observando, ansiosa e preocupada.

Quando ousei voltar a encará-la, fiquei o mais estática e pequena possível, preparando-me para a tempestade vindoura.

— Eu não acredito em você.

Ela ficou boquiaberta. Não esperava por isso.

— Estou falando mais sério que a morte. Por que eu mentiria?

Eu ignorei a péssima escolha de palavras de Camille.

— Porque você quer me manter aqui. Porque diria qualquer coisa... *faria* qualquer coisa... para me manter em Highmoor. — Franzi a testa, tentando me lembrar das garotas na escada, tentando recordar cada detalhe de como fora, não como minha mente cansada tinha interpretado no escuro. — Não eram fantasmas. Eram criadas, vestidas com a mesma roupa, para parecerem nossas irmãs. — Uma risada amarga nasceu em mim, escapando como bolha estourando. — Não. Não as criadas. Aposto que você as trouxe aqui, que as contratou com esse propósito. Atrizes. Para me enganar. Ah, Camille.

Ela franziu as sobrancelhas em preocupação.

— Acha que eu seria capaz de algo tão doentio?

Devagar, confirmei com a cabeça.

Camille era a mais velha.

Camille era a duquesa.

E uma duquesa sempre conseguia o que queria.

Eu vinha contestando a autoridade dela havia meses, saindo para visitar outras ilhas sem autorização, candidatando-me aos melhores conservatórios de arte de Arcânia, implorando para visitar Mercy na corte. Minha irmã sabia que eu queria ir embora e tinha bolado um plano para me manter ali.

Sim. Ela seria capaz de fazer aquilo. Seria capaz daquilo e muito mais para evitar que eu atentasse contra a ordem dela.

— Você quer que eu fique aqui para sempre, uma garotinha apavorada que se assusta com qualquer sombra, porque você precisa de alguém para cuidar — afirmei, sentindo-me vitoriosa por começar a ver os motivos em meio à trama que ela tecera. — Você precisa se sentir grande e importante, ouvir as pessoas lhe bajulando diante de sua grandessíssima benevolência.

Ela fez um som de escárnio.

— Você não está entendendo. Não está entendendo nada.

— Eu finalmente estou entendendo. Isso nunca foi sobre mim. *Sempre* foi sobre você. Sua necessidade de controlar as coisas. De ser admirada. E olhe só o que está disposta a fazer para conseguir isso.

Camille colocou o copo na mesinha lateral e ficou olhando para longe, como se não suportasse me encarar.

— Tudo o que fiz foi por você. Sabe o que aconteceria se saísse das ilhas sozinha? Se fosse para a corte, para uma instituição, para qualquer lugar? Você... você... — Ela parou de falar, grunhindo e fechando as mãos em

punhos, frustrada. As mãos tremiam com uma energia mal contida, querendo se libertar e golpear algo. A mesa, o copo, talvez eu. — Você os vê em todo lugar. Todo lugar — repetiu com um tom sombrio. — Quando voltei para lhe encontrar na taverna hoje, lá estava você. Apresentando-me para uma garçonete que não estava lá. Eu nem quero imaginar o que aconteceu antes de eu voltar. O que as pessoas pensaram. O que disseram. O que estão dizendo agora.

Lembrei o jeito esquisito que minha irmã evitara a jovem, Miriam, agindo como se notar a presença dela lhe fosse algo indigno. Pensei que Camille só estivesse exagerando o modo duquesa de ser. Mas e se...

— Sabe como é esquisito ver você falando com eles, tendo conversas inteiras em que só se escuta você falando? Parece uma desatinada, Verity, como se tivesse perdido a sanidade. Se eu não estivesse lá, se você não estivesse aqui, sob minha proteção... teriam levado você já, teriam jogado você em um hospício. Ninguém vai acreditar em uma jovem que fala com o nada.

Um arrepio gélido de preocupação correu por minha espinha. Por um momento, vi aquilo acontecendo, vi minhas mãos segurando barras de ferro imundas, ouvi a mim mesma implorando para ser solta.

— Mas você me tiraria de lá... não é?

— E para quê? — bradou ela, em um crescente de raiva. — Todo mundo no reino já estaria sabendo que você foi internada. Pense bem em como seguiria a vida depois disso. Ninguém vai querer uma noivinha desatinada, uma esposinha desatinada, parindo criancinhas desatinadas. Seria o seu fim.

Tentei beber o conhaque de novo, mas meu estômago estava embrulhado, e tinha um nó na minha garganta, e era impossível engolir. O líquido ficou ali se demorando em minha boca, queimando tudo.

— E aí... tudo recairia em nós. Começariam os rumores. Os questionamentos. O que será que as outras garotas Taumas veem? Quer que isso aconteça com Mercy? Honor? Marina e Elodie? Tudo o que fazemos sempre recai naqueles que amamos. Pense nelas, Verity. Pense no futuro delas. Por favor.

Senti a mim mesma concordando com a cabeça, começando a obedecer como sempre fazia, mas me contive.

— Foi você que perdeu a sanidade — sussurrei. — Essa tramoia toda é absurda. Não eram fantasmas. Não eram espíritos que vieram me alertar da desgraça iminente. Esse tipo de coisa não existe.

Camille ficou me observando em desconfiança, como se diante de um animal selvagem capaz de destruí-la.

— Mas existem, sim.

— Como você sabe? Você disse que não os vê. Se eu sou a única que vê, e *eu* não consigo determinar se são fantasmas... — Comecei a rir de novo. O absurdo da conversa tinha ido longe demais. Parecia que éramos atrizes em uma peça bem mal escrita, com um diálogo bizarro além da conta. — Vai ser preciso mais do que duas garotas usando perucas ruivas e correndo por aí com as camisolas velhas de Lenore. Se alguém de fato estivesse vendo fantasmas, a pessoa *saberia* disso. Sem nenhuma dúvida.

Ela empertigou o corpo, e o olhar ficou frio.

— Tem certeza disso?

Confirmei com a cabeça.

— Roland — chamou Camille, erguendo a voz.

O valete entrou em meu quarto, ainda usando o terno apesar de ser tão tarde.

— Senhora?

— Poderia ir buscar Hanna, por favor?

Ele inclinou a cabeça, estreitando os olhos.

— Não entendi, senhora.

— Hanna Whitten, nossa antiga criada.

— Eu... eu lembro quem ela era, senhora.

Roland não fez nenhuma menção de ir atrás dela.

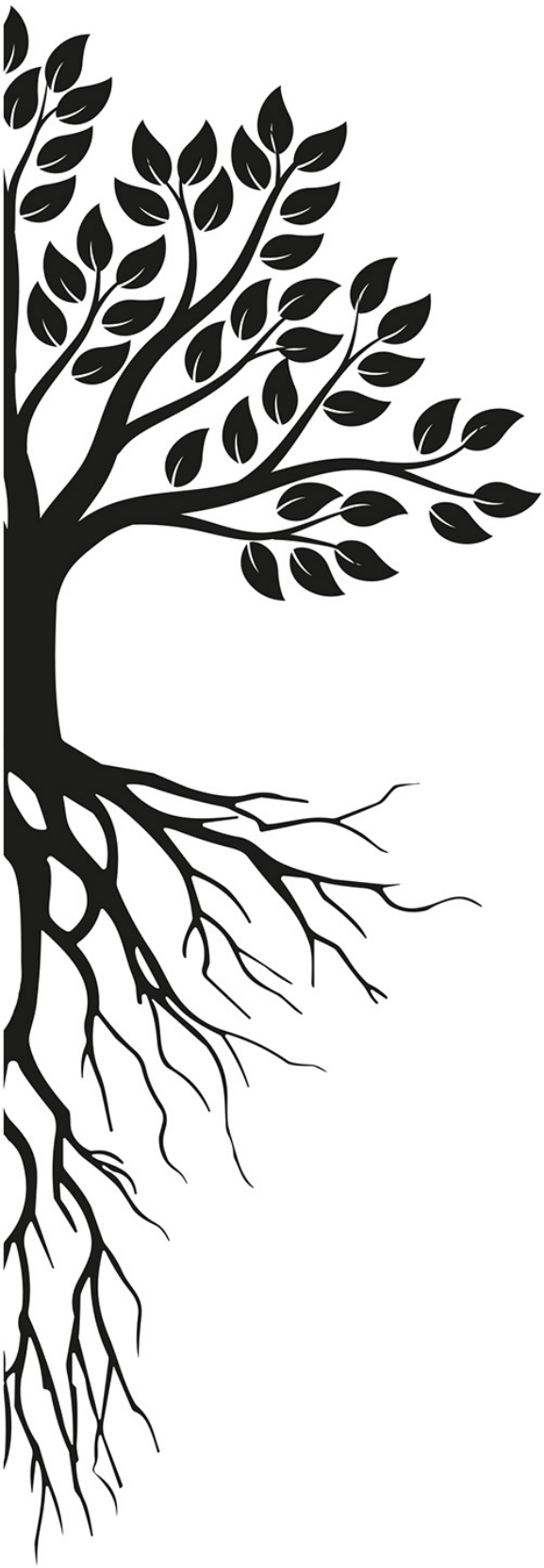
As palavras dele me acertaram como um raio direto do céu. "Era."

Não havia como deter Camille.

— Pode ir buscá-la, por favor? Verity quer vê-la.

Roland revezou o olhar entre nós duas, desconfortável.

— Eu não entendo, senhora. Hanna Whitten morreu faz doze anos.



6

Ploc. Ploc.

Ploc, ploc, ploc.

A água pingava na banheira, formando ondulações pela superfície que tocavam minha pele nua.

Eu não fazia ideia de quanto tempo estava ali, despida e trêmula. A água já estava fria, banhando a minha pele como diamantes gelados, as bolhas estouraram fazia tempo.

Enquanto eu ficava ali, apoiada nos joelhos esqueléticos, os pingos foram ecoando pelos azulejos de jade esmaltados e me embalaram em um transe dissociativo.

Para longe de Roland e das declarações absurdas.

Para longe de Camille.

Para longe dos fantasmas nos quais eu não sabia ao certo se acreditava.

Para longe de Highmoor.

Para longe, até um lugar em que eu era apenas eu.

Eu.

Eu e a água.

Eu e a torneira pingando.

Ploc. Ploc.

Ploc, ploc, ploc.

Ploc. Ploc.

Ploc, ploc...

Um rangido de porta.

Fiquei imóvel, com os músculos tensos em meio a um rito doloroso de pavor enquanto o som me levava de volta ao presente. De volta ao local frio e escuro demais e no qual poderia haver qualquer coisa se escondendo nas profundezas obscuras do banheiro. Observando. Aguardando.

Fiquei toda arrepiada e alerta ao ver a maçaneta polida em forma de cavalo-marinho girando, movendo-se para a esquerda enquanto alguém do outro lado a manuseava.

Seriam minhas irmãs falecidas, chegando para uma visita na madrugada? Como seria a aparência delas de perto? Imaginei rostos

macabros e sorrisos cheios de presas, mechas de cabelo ruivo envolvendo os corpos como córregos de sangue, olhos turvos e brancos que nem leite.

O cavalo-marinho girou por completo e a trava fez um clique, abrindo o trinco. Prendi a respiração, encolhendo-me enquanto a porta se abria devagar.

Por um momento, pareceu que não havia ninguém ali.

— Ro... Rosalie? — ousei sussurrar, com o medo deixando minha voz aguda demais.

Eu sentia o batimento cardíaco ribombando pelas veias até os ouvidos, a pulsação sobrepujando qualquer resposta que pudesse vir do lado de lá.

Do lado de lá, tipo o além.

Só que então Hanna entrou, segurando uma bandeja com sabonetes e óleos capilares, e com uma toalha limpa pendurada no braço.

— Disse alguma coisa, meu bem? — questionou ela, com a voz nítida, o corpo presente e sólido, sem dúvida nenhuma.

O eco da declaração absurda de Roland ainda estava em meu subconsciente, e eu quis rir. Ele e Camille deveriam achar que eu era muito tola. Provavelmente planejavam demitir Hanna logo de manhã cedo, levando embora meu único conforto enquanto confabulavam como dar andamento à alegação ridícula.

— Imaginei que fosse encontrar você aqui — comentou Hanna, abaixando a bandeja e organizando os itens na bancada de mármore. — Eu fiquei sabendo da... discussão... e fui ao seu quarto para ver como estava. Quando não encontrei você lá, soube que estaria ou na praia ou aqui.

Ela se virou e mergulhou os dedos na água da banheira, fazendo um som de censura ao sentir a temperatura antes de virar a alavanca da torneira, despejando água quente. Eu me sobressaltei ao ouvir o guincho metálico do objeto, rangendo bem os dentes.

As palavras de Roland, ainda que estapafúrdias, tinham me deixado com os nervos à flor da pele.

— Sempre que há algo te incomodando, você corre para a água.

Ela acariciou minha nuca, e as mechas úmidas de cabelo grudaram em seu pulso.

Meus fios escuros contra a pele fina que nem crepe me animaram a ponto do absurdo. Um fantasma não conseguiria fazer aquilo. Um fantasma não faria nenhuma das coisas que ela fizera.

— Hanna... — comecei a falar, mas parei.

Por um instante estranho e horrível, ela tremeluziu diante de mim, como uma vela prestes a se apagar. Se eu tivesse piscado, não teria notado.

— Sim?

Ela tremeluziu de novo.

Fechei bem os olhos e mergulhei mais na banheira, deixando a água abafar os sons da voz dela. Fui tomada pelo pensamento repentino e horripilante de que quando eu emergisse, ela teria sumido.

Ela teria sumido porque "Hanna Whitten morreu faz doze anos".

As palavras de Roland soaram mais alto, amplificadas pela água ao redor. Fiquei submersa o máximo de tempo possível, com os pulmões queimando e clamando para que eu emergisse e respirasse. Respire!

— ... não acha?

Ela ficou parada, olhando para mim e aguardando a resposta a uma pergunta que eu não ouvira.

— Quê?

— Falei que acho que o ideal hoje seria lavanda, não acha? Para ajudar a acalmar sua mente. Ajudar você a dormir.

— Como... — Eu não tinha palavras.

Aquilo era absurdo.

Hanna estava bem ali à minha frente.

Hanna estava...

"Hanna Whitten morreu faz doze anos."

Não!

Ela abria portas, carregava bandejas. Tocava em mim com um toque palpável.

Ela não era um fantasma.

— Por acaso você... você ouviu nossa conversa? — questionei em vez disso.

Ela negou com a cabeça, aplicando uma porção generosa de óleo no meu cabelo. Depois de despejar um jarro de água, começou a esfregar meu couro cabeludo e a pentear as madeixas longas.

O cheiro de lavanda tomou o ar. Os dedos dela faziam uma pressão insistente em minha cabeça.

— Hanna.

Olhei para ela e segurei seu pulso, tentando fazê-la parar.

Meus dedos passaram direto pelo braço dela.

Hanna abaixou o olhar, surpresa. Então suspirou, decepcionada.

— Eles enfim contaram a você.

— Contaram o quê? — perguntei, perturbada.

Eu precisava ouvir dela.

— Contaram que... — Hanna não completou a frase, virando-se para a porta como se considerando sair.

Tentei segurá-la de novo e, quando minha mão pairou no espaço em que deveria estar o pulso dela, senti um calafrio subindo pelo braço, como uma geada tomando um campo. Não era apenas um arrepio ou uma série de tremores por causa da água, por eu estar nua. Era a total ausência de calor, a ausência de qualquer coisa semelhante à vida.

Morte.

Arquejando, afastei-me, indo para longe dela até encostar na outra extremidade da banheira. Não havia para onde ir, mas ainda assim busquei escapar, rastejando pela lateral escorregadia, desejando desaparecer em meio aos padrões de mosaico. Foi água para todo lado, transbordando da banheira e ensopando o chão de azulejo. Os respingos atravessaram Hanna e ela tremeluziu de novo, toda seca.

Apesar de ser um momento terrível, Hanna abriu um sorriso melancólico, o rosto ficando mais redondo na altura das bochechas. A luz suave das lamparinas a gás se projetou na pele dela, destacando as linhas finas ao redor dos olhos.

Aquilo não estava certo.

Não havia um brilho diferente em volta dela, nenhuma aura flutuante criando um matiz sobrenatural. Ela era a mesma de sempre.

A mesma de sempre.

— Você nunca envelheceu, não é? — perguntei, mergulhando na banheira outra vez, trêmula e esgotada. Minha voz soou tão baixa, tão distante dali onde *Hanna Whitten estava e não estava porque tinha morrido fazia doze anos*. — Minha vida toda, você sempre teve a mesma aparência.

O sorriso dela murchou um pouco, parecendo conflitante.

— Acho que é uma pequena bênção.

Ela tocou o cabelo branco macio.

— Não.

Minha mente se recusava a crer. Não era possível. Não era...

— Sim — murmurou ela com tristeza, como se fosse doloroso me contradizer.

Dobrei os joelhos até encostarem no peito, de repente ansiosa por estar tão exposta diante dela, diante do... espírito? Do espectro. *Da coisa*.

Ela se afastou um pouco como se pressentisse que eu queria espaço. Então suspirou de novo.

— Imagino que... não possamos simplesmente esquecer tudo isso?

Então ergueu uma das mãos que tremeluzia, olhando para ela, contemplativa e pesarosa.

— Hanna, você está morta — sussurrei.

— Estou.

— Como você... Como eu... — A expressão dela me fez querer chorar. — Como aconteceu? — As palavras escaparam de mim sem eu pensar, mas eram as palavras certas.

Eram as palavras que ajudariam a nós duas.

Ela esfregou a lateral do pescoço.

— Na noite do incêndio... aquela noite tão, tão terrível...

— Você morreu no incêndio? — questionei, tentando lembrar o que tinha acontecido.

Às vezes, a cozinheira deixava que eu e as crianças a ajudássemos enquanto preparava doces para datas comemorativas. Era a mesma sensação que eu tinha no momento, como se lutasse com uma porção de caramelo, grudenta e tenaz.

Hanna balançou a cabeça.

— Não. Não naquela noite, mas... logo depois. Eu soube... soube de algo terrível. Algo chocante. Foi demais para eu aguentar. Horroroso demais para meu coração aguentar. Mas quando chegou a hora de ir... depois, sabe... não consegui sair daqui. Não consegui deixar você e suas irmãs. Vocês pareciam tão pequeninas ali na neve, pequeninas, sujas de fuligem e eu só... não consegui ir.

Ela exalou — *Por que estava respirando? Com certeza não era por necessidade* — e se levantou. Passou os dedos pela beirada da pia.

— Eu disse a mim mesma que seria melhor continuar aqui, para cuidar de vocês todas, mesmo que não soubessem que eu estava aqui. Foi reconfortante para mim. Mais reconfortante do que um pós-vida todo desconhecido. Eu sentia a Salmoura me atraindo. Sabia que era para onde eu deveria ir, para me juntar ao Sal, ao meu marido, para ir encontrar meu... filho. Fiquei tão dividida. Mas aí... você se aproximou de mim enquanto Highmoor virava nada além de ruínas. Você se aproximou e pegou minha mão. Ficou segurando, sem soltar. E então... eu fiquei.

Relaxei o corpo um pouco, movimentando a água em ondas suaves enquanto eu levantava as mãos, flexionando-as, sentindo-as. Não pareciam diferentes de outras mãos. Não pareciam capazes de tocar uma alma falecida nem a incitar a fazer minha vontade, mesmo assim...

Hanna me observava com cautela, de pé.

— É minha culpa você ainda estar aqui?

— Ah, não, querida — respondeu ela depressa, com um tom carinhoso. — Nem pensar. Eu fiz essa escolha. Escolhi ficar.

Meus olhos se encheram de lágrimas de repente. Quanto minha vida teria sido diferente se ela não tivesse ficado? Sem o afeto gentil, o conselho prático, um ombro amigo no qual chorar...

— Obrigada... — Parei de falar antes que as lágrimas caíssem.

Parecia uma frase breve demais, pequena demais para transmitir a gratidão, mas foi só o que consegui falar.

Ela acenou com a cabeça, e torci para que ela entendesse tudo o que a única palavra significava.

— Por que você não me contou?

Eu estava tremendo por causa da água fria, mas não fiz menção de sair da banheira.

— Você foi para Héspero após todos os funerais — começou ela, a voz ficando distante e onírica. — Eu lembro de como seu corpinho estava trêmulo... mas, quando voltou, era como se nada tivesse acontecido! Você não se lembrava de minha morte, de nenhuma morte, e eu... Fazia tantos meses desde que alguém tinha me visto, falado comigo... — Os olhos dela se encheram de lágrimas, *não era para fantasmas conseguirem chorar*, e ela as enxugou com as costas da mão. — Foi egoísta, eu acho. Não. Foi egoísta, *sim*... Mas quando você entrou no quarto novo pela primeira vez, quando começou a correr... ignorando suas irmãs te olhando, preocupadas... e me abraçou, fui egoísta demais e não falei a verdade. Eu sei que foi errado. Na época eu já sabia. Todo dia tentei me esconder, cuidar de você de longe, deixar que as cuidadoras de suas irmãs tomassem meu lugar, ficar invisível, mas você me via. Você sempre me viu, Verity.

Lágrimas escorreram por meu rosto, salgando a água com sofrimento. Sempre pensara que os fantasmas eram criaturas sinistras cheias de malícia e vontade de retaliação, assombrando os vivos com a incessante reivindicação de serem lembrados, de vingarem os males que viveram.

Mas esta era Hanna.

Ela não era uma criatura malévola, obcecada com a ideia de nos machucar porque estávamos vivos, e ela não.

Ela era amor. Muito amor.

Impregnava tudo o que ela fizera, toda escolha que fizera, toda ação que executara.

— Eu sei que provavelmente você quer ficar aí dentro e remoer tudo isso — começou ela com cautela —, mas a água fria não vai lhe fazer bem, e estou vendo seus dedos enrugados já. Podemos continuar essa conversa em seu quarto?

Passei os polegares pelas pontas dos outros dedos e concordei com a cabeça.

Hanna voltou a se mexer, ajudando-me a me levantar e enrolando a toalha ao redor de meu corpo trêmulo.

Como ela faz isso? Como que consegue fazer tudo isso?

Hanna me conduziu pelo corredor escuro, esfregando meus braços depressa para me aquecer enquanto eu ficava atenta ao redor, para o caso de haver qualquer movimentação. Não era só com Ligeia e Rosalie que eu tinha que me preocupar. Seis irmãs minhas tinham morrido naquela casa. Minha mãe. Meu pai. Vinte gerações de Taumas antes de mim. Sabia-se lá quantos deles vagavam pelos passadiços, em busca de uma confirmação de que eu conseguia vê-los... Que sabia como vê-los.

Por sorte, o corredor continuou vazio.

— Camisola, chá, e então vamos ver o que fazer com esses nós do cabelo, tudo bem? — murmurou Hanna, e para ser sincera eu não sabia ao certo se ela estava falando comigo ou consigo mesma.

— Como você... como você faz isso? — perguntei enquanto ela me vestia com a camisola.

— Quando você quer muito alguma coisa, você faz acontecer — respondeu, abotoando a fileira de botões com uma destreza surpreendente. — Além disso, o que mais eu faria? Não fazia corpo mole em vida, e com certeza não ia começar a fazer isso na morte.

— Mas não era para fantasmas conseguirem... Não era para *você* conseguir fazer isso — contrapus, observando-a servir uma xícara de chá.

Quando peguei a bebida, fiz questão de roçar os dedos nos dela. Eu os sentia de novo, inteiros e palpáveis.

Ela fez uma pausa, focando os olhos escuros em mim.

— Srta. Verity, apenas algumas horas atrás você não sabia que espíritos existiam. Talvez fosse mais sábio não presumir entender muito mais do que isso. — Hanna apertou meu ombro, guiando-me até a espreguiçadeira. — Ouvi alguém na cozinha especulando sobre a desavença entre você e Camille... antes disso tudo. Quer conversar a respeito?

Abaixei a xícara de chá.

Minha briga com Camille, uma hora atrás, parecia ter acontecido fazia uma eternidade. Já tinha vivido tanta coisa desde então. Tanta coisa tinha mudado.

Só que...

Tinha mudado mesmo?

Observando Hanna, soube bem lá no fundo que Camille estava certa. Eu sempre conseguira ver fantasmas; eu só não soubera como identificá-los direito.

"Bem... agora você sabe que dá para ver."

A lembrança surgiu de repente nos recantos da minha mente, bem fundo naquele lugar obscuro que eu presumia que fosse onde ficavam todas as memórias esquecidas. Ah, se eu soubesse como alcançá-las...

A voz soava muitíssimo parecida com a minha, só que... um pouco diferente. Mais fraca. Mais jovem.

Com quem eu estivera falando?

Com Camille, era provável. Ou Annaleigh?

Afastei o pensamento. Não importava mais. As duas haviam mentido para mim por anos e teriam continuado mentindo, mascarando uma faceta minha sem pensar duas vezes. Só que foram pegas.

A traição de Annaleigh doía ainda mais do que a de Camille.

— Contei a ela da proposta da duquesa. Ela não quer que eu vá. Disse que se eu for flagrada falando com... — Parei de falar, incerta sobre qual palavra usar.

Parecia indelicado dizer "fantasma" na frente dela.

— Espíritos — concluiu Hanna.

— Bem... isso. — Eu me animei quando meus pensamentos atarantados se tornaram uma ideia perfeita e nítida. — Hanna... isso é perfeito! Você pode ir comigo para Florice. Vai saber dizer quando eu estiver perto de outros espíritos. Pode evitar que eu passe vergonha... que faça Camille passar vergonha!

— Ah, srta. Verity — interrompeu ela, negando com a cabeça, toda gentil. — Infelizmente é impossível.

— Como assim?

— Eu não conseguiria ajudá-la com isso. Com isso de... ver outros espíritos.

Fiquei sem reação.

— Sempre foi só você e eu.

— Você não consegue ver outros espíritos? Nem Rosalie? Nem Ligeia?

A expressão dela ficou séria.

— Você as viu?

— Vi hoje. Foi o que desencadeou... toda a situação.

— Eu nunca soube se elas estavam aqui ou não. Torci para que não fosse o caso, para que tivessem encontrado alguma paz... — Ela lambeu os lábios. — É como os navios no mar. Dois barcos podem estar no mesmo oceano, mas não significa que um vai cruzar com o outro.

Imaginei Hanna em um veleiro, movendo-se com as ondas e as marés, para sempre sozinha.

Não sozinha, no entanto. Não por completo.

— Bem, então vamos ser só você e eu em Florice. Duas garotas em uma grande aventura. — Usei palavras suaves, fascinantes.

Aquilo ainda poderia dar certo. Poderia...

Ela curvou os lábios, mas não parecia um sorriso que eu já tinha visto em seu rosto. Hanna não precisava dizer em voz alta. Estava na cara dela.

— Você não pode sair de Highmoor, pode? — adivinhei, sentindo a decepção me atravessar.

— Eu posso sair da casa — corrigiu ela. — Andar pela ilha, até me aventurar na praia... lembra quando levei você para nadar? Mas é o mais distante que posso ir.

— O que acontece se tentar ir mais longe?

Ela se afastou e seguiu para a penteadeira.

— Não é algo confortável de sentir, e menos ainda de falar.

— Desculpe.

Abaixei o olhar para minhas mãos.

Hanna continuou de costas, observando a mesa por um longo momento. Quando tentou pegar a escova de cabelo, o objeto permaneceu estático na bandeja de prata.

— Eu não acho que seja uma boa ideia você ir para Florice, Verity. — A voz dela soou tão baixinha que tive que me esforçar para ouvir todas as palavras. — Toda vez que penso em você saindo daqui... sou tomada por uma sensação apavorante.

Recostei-me na curva da espreguiçadeira.

— Apavorante?

Ela confirmou com a cabeça e tentou pegar a escova outra vez. Então soltou um suspiro de frustração.

— Não parece certo isso. Tenho medo de que aconteça alguma coisa com você.

— Que aconteça alguma coisa comigo?

— Pare de repetir tudo o que digo. Eu explicaria melhor se pudesse.

Na terceira tentativa de Hanna, a escova caiu no chão. Eu não tinha visto a mão dela se movimentando naquela direção. O objeto só cruzou pelo ar, como se por ação própria, e, por um breve instante, senti pena de Camille e de qualquer um que tivesse tido que testemunhar o resultado dos movimentos de Hanna sem ver o que estava mexendo. Seria assustador.

— Vão ser só algumas semanas... um mês no máximo.

Ela balançou a cabeça.

— Pode ser bem mais do que pensa.

— E isso significa o quê? — retruquei, seca.

Ter todo mundo ao redor falando meias-verdades e me censurando de um jeito vago era exaustivo.

Hanna se virou para mim.

— Não vá, Verity, por favor. Haverá outra oportunidade. Só não vá para aquela casa. Para Chauntilalie.

— Por quê? — insisti. — O que tem de errado com a casa?

Ela franziu as sobrancelhas pálidas.

— Não sei.

— São as pessoas na casa?

— Não sei — repetiu.

Engoli um grunhido irritado.

— Então me diga algo que sabe!

— Eu não... — A voz dela falhou, sumindo graças às lágrimas que surgiam. — Eu não quero que vá para lá.

As palavras dela ecoaram, zumbindo como o tinido de um sino, e endireitei a postura ao compreender o significado daquilo.

— Não é que você não quer que eu vá para lá — respondi devagar, explicando tanto para ela quanto para mim. — Você não quer que eu vá. A lugar nenhum. Nunca. — Afastei-me da espreguiçadeira, enojada. — Você é igualzinha a Camille.

Ela desviou a atenção de mim, com os olhos ficando desfocados.

— Eu não sei como explicar.

— Tente.

Eu sabia que minhas palavras a estavam magoando, que meu tom saía duro demais. Eu estava descontando em Hanna todas as frustrações que vinham se acumulando graças a Camille. Não era justo. Não era certo. Só que eu não conseguia me segurar.

Eu não sabia como encerrar a conversa, como parar a briga. Eu parecia fadada a repetir o processo com todos que encontrasse ali. Não ficaria nadinha surpresa se na manhã seguinte encontrasse Artie batendo à minha porta e me implorando para ficar, fazendo com que o que acreditava ser seu dever e o amor persistente e inabalável dele acabassem me sufocando e oprimindo.

Eu me virei para a janela que dava vista para os jardins escuros. As topiarias foram cortadas em forma de água-viva naquele ano, o que era uma escolha ridícula — algo tão livre e fluido não deveria estar moldado em posturas imóveis —, mas Marina e Elodie tinham implorado. A lua ainda baixa se inclinava sobre as superfícies rígidas, projetando sombras compridas no gramado.

Eu conhecia cada pedacinho daquele gramado. Os caminhos sinuosos, os chafarizes e bancos. Eram tão familiares para mim quanto a própria família. Eu conseguiria andar por ali de olhos vendados sem sequer enganchar a manga das vestes em um arbusto.

Cada canto daquela ilha me era familiar. Conhecido e desenhado tantas vezes que parecia que eu estava perdendo a cabeça, repetindo as mesmas linhas. Quantos cadernos de desenhos mais eu rabiscaria com os penhascos em momentos um pouco diferentes ao longo do dia, registrando os mesmos ângulos, só alterando um pouco as sombras?

Eu precisava de algo estranho e novo.

Soltei um suspiro longo e esgotado.

— Acho que quero ir me deitar.

Atrás de mim, senti o olhar de Hanna, parando para me analisar antes de puxar as cobertas da cama. Cambaleando por causa das doses de uísque, segui para a cama e permiti que ela me cobrisse e me desse um beijo de boa-noite na testa.

Imaginei os mesmos movimentos, os mesmos gestos se repetindo por todas as noites pelo restante de minha vida. Eu ficaria mais velha, meu cabelo escuro ficando grisalho, meu rosto se enchendo de rugas a cada dia que passasse, mas Hanna continuaria ali, bem como já estava fazendo, afastando as cobertas, oferecendo um rápido conforto de afeto.

— Espero que durma bem, srta. Verity — murmurou ela à soleira antes de diminuir a luz das lamparinas a gás. *Onde fantasmas dormem? Eles dormem?* — Tudo vai parecer melhor pela manhã.

Uma sensação esmagadora de medo ameaçava me dominar, pesada como tijolos me enterrando. Confirmei com a cabeça, o nó na garganta não me deixou responder, e ela saiu para o corredor, fechando a porta com cuidado.

Fiquei deitada na cama, ouvindo os rangidos e grunhidos familiares de Highmoor, contando até cem para me certificar de que ela tinha ido mesmo e me deixado sozinha. Então joguei a manta para o lado e fui pegar a grande mala de couro no armário.

Eu não faria aquilo. Não envelheceria e morreria ali, deixando a vida apodrecer como uma videira.

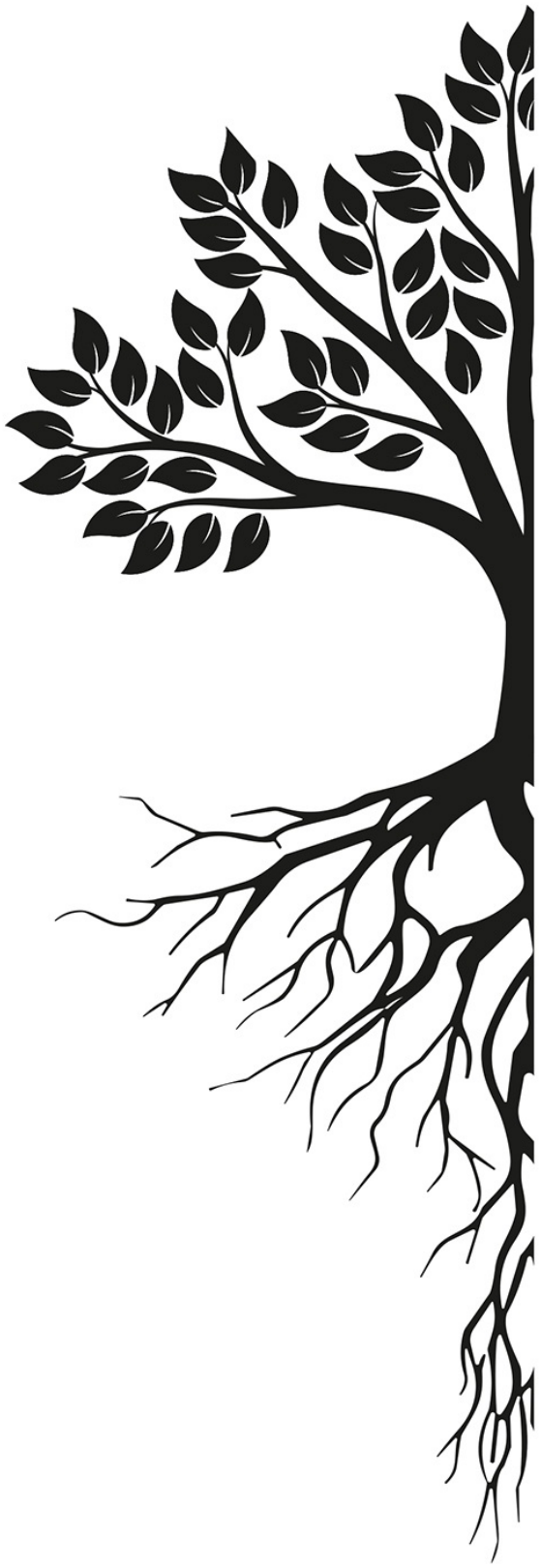
Eu iria para Florice. Eu chegaria ao continente.

Naquela noite.

Não importava se eu tivesse que ir remando até a costa. Eu não podia passar mais nem um segundo naquela casa, sendo contida não só por minha irmã como também pelo próprio passado.

Eu sairia dali.

Naquele exato momento.



7

A CARRUAGEM RONCAVA PELA ESTRADA sinuosa, errante, cercada por uma fileira contínua de árvores.

Para todo lugar que eu olhava, árvores.

Altas, esguias e intimidadoras, com galhos pontiagudos se espremendo na disputa por mais luz do sol. Pinheiros exuberantes, samambaias atarracadas. Heras e arbustos. Era uma bruma verdejante de esplendor botânico, e me senti um pouco agoniada ao me deparar com sua intensidade. Quem morava no continente sentia o mesmo ao se deparar com as Salinas?

Até a luz era diferente ali. O sol brilhava bastante em nossas ilhas, refletindo-se nas ondas infinitas com uma impetuosidade incontrolável. Ali, o mundo parecia ser banhado pelo lilás e a malva, pela pervinca e pelo jade. O ar cintilava com suavidade, feito um sonho, feito um perpétuo crepúsculo. Como Mercy tinha descrito o lugar mesmo?

Saquei a carta dela, removendo-a do pequeno caderno de desenhos que mantivera junto a mim desde que atracara no continente. Eu havia relido tantas vezes na viagem que o papel estava quase se desfazendo já.

"Melancólico", ela havia escrito.

Sim. A palavra descrevia aquele novo mundo com perfeição.

— Estamos quase chegando à propriedade — anunciou o cocheiro, batendo no teto da charrete com os nós dos dedos. — É logo depois da curva.

Aproximei o rosto da janela, querendo ver o exato momento em que a floresta dava lugar à civilização. Eu tinha escutado tantas histórias sobre a lendária província, tinha passado a semana anterior devaneando as maravilhas dali.

O primeiro vislumbre não decepcionou.

As estátuas formavam um muro cercando a cidade como uma aliança de casamento. O quartzo cinzento frio e o mármore branco foram esculpidos e formavam criaturas fantásticas enormes, todas emaranhadas juntas em um anel de proteção impenetrável. Pavões do tamanho de dragões iluminavam o topo do muro, cascateando a plumagem adornada

pela grama verde-esmeralda. Cisnes e rouxinóis disputavam o espaço entre as rosas cinzeladas e as peônias pétreas. Dálias irrompiam em flores exuberantes mais altas do que eu. Benjoeiros brancos delicados escalavam, emaranhando-se tanto nas estátuas dos cervos com chifres quanto nos cavalos alados. A escultura de um unicórnio com a cabeça bem inclinada e o chifre pontudo indicava uma passagem gigantesca, a qual atravessávamos no momento.

Eu estava com os dedos coçando para desenhar tudo aquilo, mas tinha gastado o último lápis de carvão naquela manhã, usando-o até virar um toquinho inútil.

Abri metade do vidro, esticando-me para fora o máximo que minha coragem permitia, tentando absorver cada detalhe.

— É sua primeira vez em Florice, senhorita? — questionou o condutor, com a voz indicando que achava graça.

— É, sim.

Ele riu.

— Então vou fazer o caminho mais longo.

Adentrar o coração de Florice foi como mergulhar em outro mundo.

Edifícios brancos de alabastro, sarapintados com frisos delicados e placas de ouro rosé, ladeados por ruas de paralelepípedos. A maior parte das lojas já tinha fechado, e vi pelas janelas as mercadorias iluminadas por lamparinas a gás. Projetavam um tom de lavanda estranho pelas ruas de pedra.

Todas as vitrines ostentavam caixas de flores bem-cuidadas. Os brotos variavam de rosa, tão suave que parecia sussurrar, a magenta, intensa e escura como um encontro proibido. Repletos de folhagens, guarnecidos de ranúnculos e cravos, formavam caramanchões que se estendiam por entre as lojas.

Os cheiros se misturavam, criando um perfume duradouro e extasiante. Meu ânimo já melhorou muito depois de senti-lo pela primeira vez. Eu não conseguia imaginar como seria andar pela calçada, sendo dominada por um deleite tão inebriante. Era provável que o Povo das Pétalas vivesse sempre sorrindo.

Analisei os rostos deles com interesse enquanto seguíamos, aquelas pessoas que reverenciavam a beleza, a arte e o amor acima de tudo.

Eles pareciam felizes, sim, pelo que dava para perceber.

As mulheres usavam chapéus com véus que eram o auge da sofisticação, e as abas eram tão largas que eu não entendia como elas passariam por uma porta comum. As mangas eram tão bufantes que pareciam balões de ar quente; as cinturas, bem apertadas pelos

espartilhos; e as saias, tão elaboradas que o simples ato de andar parecia uma tarefa quase inimaginável. Muitas delas recebiam auxílio de homens usando ternos feitos sob medida e bengalas com pedras preciosas na ponta.

Passei os dedos trêmulos nos trajes que usei na viagem, alisando a saia feita de gabardine azul e uma blusa que sempre achei bonita, adornada com renda e pregas engenhosas. Eram trajes práticos. Só que em comparação às obras embelezadas, eu parecia uma interiorana sem graça, diante de uma ostentação de pavões.

Um nervoso começou a me corroer por dentro, parando na boca do meu estômago. Eu me sentia deslocada naquela terra cosmopolita resplandecente. Não conhecia o jeito deles, não entendia os costumes. Com certeza eu acabaria chamando a atenção ali, pelos motivos errados, envergonhando a mim mesma antes até de cruzar com algum espírito.

Talvez Camille estivesse certa...

Sete dias antes, eu havia saído de Highmoor na calada da noite, pegando um esquife e remando até Selkirk. De lá eu pagara um pescador para me levar pelo canal, chegando à cidadezinha de Olamange. Então contratara um cocheiro para me conduzir até Florice. Só havia passado uma semana desde que eu partira, mas pareciam anos.

Eu me permiti ponderar o que Camille estaria fazendo, como teria reagido ao encontrar meu bilhete. Eu não achava que ela iria atrás de mim — aquilo causaria um escândalo maior —, mas me aceitaria de volta ao final do trabalho? Eu gostaria de voltar?

Cutuquei as cutículas, sujas por causa do carvão que usara nos desenhos.

Não eram as mãos refinadas de uma dama.

Não pareciam as mãos de alguém que era irmã de uma duquesa.

Mas ainda assim eram, pensei, enquanto analisava os dedos compridos e as unhas aparadas. Ao menos por ora.

E eram as mãos de alguém talentosa o bastante para pintar o retrato do futuro duque de Florice.

Dei mais uma olhada nas pessoas elegantes. Eu podia não ser sofisticada como elas, mas conseguia fazer o que nenhuma delas conseguiu. Fora eu que a duquesa Laurent escolhera.

Respirei fundo para me acalmar. Poderia até pecar na aparência, mas meu lugar era ali, assim como eles.

— Esta é a estrada principal que atravessa a cidade — contou o condutor, interrompendo meus pensamentos preocupados. — Passa pelas melhores lojas, hotéis e salões de baile.

Cruzando o distrito teatral, ouvimos os sons das orquestras se preparando, de burburinho e risadas, de rolhas de espumante estourando em terraços. A alegria era palpável, rastros de nuvens tipo cirros cintilantes salpicando o céu ao pôr do sol, que já esmorecia.

A estrada adiante se separava, seguindo para longe da cidade, por entre campos de lavanda, sob arcos imponentes de árvores azaleias. Tudo ali estava desabrochando, tomado por cores e vida. Nem o dia de primavera mais luminoso em Salície se compararia àquela paisagem onírica e idílica.

— Chegamos — anunciou o cocheiro, desacelerando os cavalos enquanto nos aproximávamos de um muro com portão.

Era feito de arabescos elaborados em metal, que cintilavam à luz que se punha. Cada pilar transbordava com treliças de flores brilhosas, em prata e ouro rosé. Pareciam estar penduradas retorcidas ao redor das estacas, movimentando-se levemente com a brisa suave. Parecia música, repiques de sinos soando à margem do terreno.

O condutor desceu do assento, fazendo a carruagem sacolejar com a saída repentina, e esperei enquanto ele falava com o zelador do outro lado da cerca.

O homem enfim abriu o portão, chamando-nos com um gesto e apontando para uma bifurcação na estrada. Seguimos pela direita, passando por uma colunada dos mesmos postes de luz em que eu reparara no distrito comercial. Ali a luz não era tão forte, projetando um brilho arroxeado suave para iluminar o caminho, mas não o terreno ao redor.

Fizemos uma curva, e a mansão surgiu a distância.

Era... perfeita.

Só tinha dois andares, e a casa se estendia pelo gramado denso, com as alas se alongando para os dois lados, os tijolos brancos tomados pela hera. Uma entrada de veículos sinuosa seguia em direção à entrada principal, com um grande pórtico revestido por glicínias exuberantes. Mais lamparinas a gás de luz roxa ladeavam a entrada, iluminando a casa com a tonalidade curiosa.

Havia alguém ali na frente, aguardando sob uma das luzes, assim como imaginei que estaria. Sentado em uma cadeira de rodas de vime alta, eu tinha certeza de que o jovem deveria ser Alexander Laurent.

Paramos, e o condutor abriu a porta do lado em que eu estava. Segurei a mão do cocheiro ao sair da carruagem, sentindo as pernas rígidas por causa do trajeto longo e sacolejante.

— Srta. Taumas? — deduziu o jovem, indo para a frente a fim de me analisar melhor.

Ele tinha a pele marrom, um tom quente, e o rosto era longo. Havia um cacho de cabelo escuro e rebelde caindo em sua testa, roçando as sobrancelhas grossas. Olhos claros, da cor do mar no verão, me observavam com interesse.

Soltei um suspiro, aliviada.

Seria maravilhoso pintá-lo.

Eu já via os contornos do retrato que faria, os realces passando pelos ombros largos, as sombras logo abaixo das maçãs do rosto pronunciadas. Sua face fora feita para ser retratada em uma tela, um registro da aparência naquele momento, uma juventude eterna, bonita e cheia de potencial infinito.

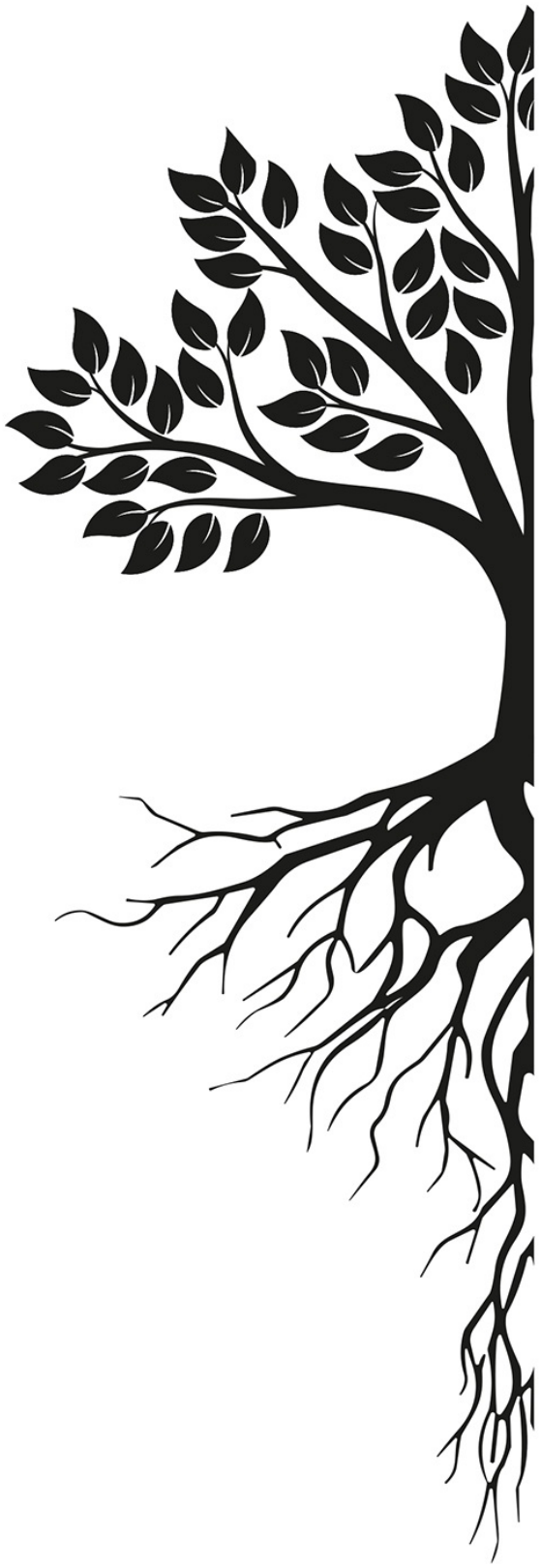
— Eu sou a Verity. — Eu me aproximei, estendendo a mão para apertar a dele. — E você deve ser...

— Alex — respondeu ele, dando um beijo educado no dorso de minha mão.

Com um floreio cheio de destreza, ele virou minha mão e beijou também a palma.

Eu tinha ouvido falar que os costumes do Povo das Pétalas eram bem diferentes dos cumprimentos práticos e prosaicos nas Salinas, mas ainda assim o gesto provocou um arrepio na minha espinha, vendo aquele rapaz bonito tocando minha pele manchada. Os dedos dele, fortes e com calos, se demoraram na parte inferior de meu pulso, e me perguntei se ele conseguia sentir a pulsação acelerada.

— Bem... — murmurou ele, soltando-me quando dois lacaios chegaram para ajudar o condutor a descarregar meus pertences. — Srta. Taumas. Verity. Bem-vinda a Chauntilalie.



8

— Querido — chamou uma voz de dentro da mansão. Era um contralto resplandecente e agudo, cada sílaba sendo pronunciada com a proporção exata de força e ênfase. — O que está fazendo aqui fora? Está ficando tão escuro...

Uma mulher saiu da mansão, trajando vestes de um tecido crepe vermelho. O vestido era composto por vários ângulos, costurado e ajustado ao corpo esbelto como se ela fosse uma ninfa emergindo de uma flor delicada, nem mulher nem planta.

Nunca vi alguém vestida de um jeito tão artístico. Ela era mais velha que Camille, provavelmente na casa dos quarenta anos. A pele dela era um tom mais escuro do que a de Alexander. Tinha cachos fechados arrumados em um coque frouxo, deixando à mostra a curva elegante do pescoço. Correntes de ouro envolviam os cachos sedosos. As costas e os ombros eram retos como uma régua, mas ela se movimentava com uma graciosidade refinada, um pássaro com ar no lugar de ossos.

— Ah! — exclamou ela, com o rosto em formato de coração se animando ao me ver. — Verity! Você chegou! — Então se aproximou de mim, trazendo consigo uma nuvem de cheiro de jasmim. A risada dela parecia música. — Perdão, srta. Taumas. Mercy falou tanto de você que sinto como se já fôssemos boas amigas.

— Lady Laurent — cumprimentei.

A amiga de Mercy. Minha nova patrona. Eu me curvei e fiz uma breve reverência baixa.

Ela acenou com a mão, dispensando meu gesto, e reparei nas correntes de ouro delicadas no pulso.

— Toda essa formalidade não é necessária. Por favor, me chame de Dauphine. — Ela olhou para a carruagem. — Recebemos sua carta uns dias atrás, mas não sabíamos ao certo quando viria. Então um pacote chegou para você aqui ontem, e eu soube que já devia estar a caminho.

— Um pacote? — repeti, sentindo a boca seca.

Camille deveria ter enviado o barco mais rápido para ter chegado antes de mim.

— Isso. — Dauphine confirmou com a cabeça. — De sua irmã, imagino. Sem dúvida, você quer avisar a ela que chegou bem. Levem as coisas dela para a ala norte, por favor — instruiu a duquesa aos lacaios, erguendo a voz. — Acredito que nossa convidada vai gostar bastante daqueles aposentos.

Esfreguei as manchas de carvão dos dedos, sentindo a confiança diminuindo diante do jeito sereno dela. Nunca me senti tão desleixada.

— Peço desculpas se chegar desse jeito foi um incômodo. Eu...

— Bobagem. Ficamos muito contentes por você ter aceitado a proposta. Não ficamos, Alexander? — Ela bagunçou o cabelo da nuca do rapaz, que concordou com a cabeça, abrindo um sorriso torto e charmoso. — Eu estava vindo encontrar meu filho, para então ir me vestir para o jantar.

Avaliei-a dos pés à cabeça, surpresa por uma obra de arte daquela ser considerada um traje de dia.

— Você ainda não comeu, imagino?

Ela arqueou as sobrancelhas enquanto aguardava minha resposta, franzindo um pouco os lábios em questionamento. Seus olhos eram iguais aos de Alexander: de um verde-água brilhante, circundado por âmbar. Eles focavam em mim, com um interesse inabalável e com uma intensidade apavorante.

— Não. Ainda não.

A duquesa abriu um sorriso, como um aglomerado de nuvens se abrindo e revelando o sol.

— Maravilha. Então jante conosco, sim? Precisamos avisar a James para colocar mais um lugar na mesa... Alexander, pode falar com ele, por favor?

— A srta. Taumas deve estar exausta da viagem. Você não vai fazê-la aturar um jantar formal demorado, vai, mãe? Talvez possamos levar algo para ela no quarto, depois que ela tiver tido tempo de se acomodar e desfazer as malas.

— Aturar? — A risada dela flutuava como um lenço voando à brisa forte. — Eu espero mesmo que meus jantares não sejam algo para alguém aturar.

— Só quando você manda servir sete pratos com codorna — argumentou ele, abrindo um sorriso rápido.

Talvez fosse um truque das lamparinas a gás roxas, mas eu poderia jurar que ele deu uma piscadinha para mim.

Abri um sorriso, logo cativada pelo charme dele.

Sim, o retrato ficaria magnífico.

— Pode avisar ao James? — insistiu Dauphine.

Alexander deu de ombros para mim, como se dissesse "eu tentei".

— Seria um prazer. Até logo, srta. Taumas — prometeu ele, movimentando-se para trás e seguindo para a porta.

Ele guiou a cadeira rampa acima e desapareceu no interior escuro da casa.

Dauphine se virou para mim.

— Alex tem razão. Você deve estar tão cansada da viagem...

Embora ela tivesse analisado meu traje depressa, seu olhar continuou gentil.

— Foi uma jornada bem longa, *sim*, mas amei cada segundo — admiti. — Nunca tinha vindo para estes lados do continente em Arcânia.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Fico surpresa. Embora Mercy tenha mencionado como a irmã mais velha de vocês é muito determinada no cuidado com Highmoor. Uma propriedade tão bela.

— Você já esteve em Salinas? — perguntei, seguindo-a quando ela gesticulou para a entrada.

A duquesa diminuiu o passo, assim passamos a andar juntas, como uma sombra.

— Faz muitos anos. Estávamos viajando em lua de mel. Sua mãe estava grávida na época. Das trigêmeas, acho? — Ela assentiu para si mesma. — Nunca tinha visto tanta água. Nem Gerard... meu marido. Pobrezinho, ele não passou bem na viagem de ida... nem na de volta.

— Lidar com as ondas pode ser árduo para quem não está acostumado... Ah, nossa!

Fiquei boquiaberta quando passamos pela soleira e entramos no saguão.

Era tudo tão... claro.

Claro, verde e muito deslumbrante. O pé-direito do hall de entrada era da altura da mansão, com duas escadas em direções opostas que davam em uma sacada revestida de caramanchões de verdor. Mais acima havia uma claraboia enorme. As vidraças pareciam explosões estelares. Frondes enormes pairavam do lado de fora. Deviam ter plantado um jardim no telhado. No auge da luz do dia, eu imaginava que incidiria uma iluminação indireta no local, tingindo as paredes de pedra branca com uma tonalidade verdejante.

No momento, o espaço era iluminado por um lustre reluzente de videiras de metal, que eram retorcidas e carregadas de flores de cristal habilmente talhadas. Palmeiras imponentes estavam plantadas em vasos

enormes, e vasos de flores recém-desabrochadas ornavam cada superfície possível.

Os azulejos do piso tinham um padrão de mármore cinza frio com um brasão de família grande no centro. Feito de lascas de vidro ouro rosé minúsculas, o mosaico cintilava sob qualquer resquício de luz do dia. Mais adiante nos corredores além do principal, eu ouvia o barulho de água corrente, sem dúvida de um chafariz.

— Sua casa é... espetacular.

Dauphine deu uma olhada ao redor, como se para garantir que não havia nada fora do lugar.

— Fico muito feliz que tenha gostado. Quando vim para Chauntilalie, antes de Gerard começar a me cortejar, o lugar tinha uma cor verde-oliva horrorosa, quase toda a mansão era daquela cor, e eu soube que, se virasse a dona da casa, mandaria mudarem tudo. Um lar deveria ser acolhedor e arejado... um santuário, um alívio da brutalidade do mundo, não acha?

Esqueci de responder, ainda hipnotizada pela claraboia projetando a luz. Devia ficar magnífica em uma noite escura sem lua. As constelações refletiriam e refratariam pelas vidraças, formando um mar de luz estonteante.

— Por aqui — orientou ela, empurrando meu cotovelo de leve na direção da escada à esquerda. — Todos os aposentos ficam no segundo andar.

— Até o de Alexander? — questionei e então fiz uma careta, temendo que a pergunta tivesse soado indelicada, sem filtro.

Se Dauphine pensou o mesmo, o rosto não entregou.

— Lógico. Vou mostrar a você o ascensor depois. É melhor que você aprenda a utilizá-lo... só por precaução. Um dos projetos mais estimados de meu marido. É alimentado por vapor.

— Que interessante.

— É de última geração, um dos primeiros já feitos. Depois do acidente de Alexander... — A duquesa fez uma pausa, ajustando um arranjo de flores no primeiro piso. Depois de pegar um caule rebelde, ela o girou entre os dedos. — Queremos garantir que ele consiga se movimentar pela mansão, que nunca sinta que está em desvantagem. A propriedade toda foi adaptada para atender às necessidades dele. O elevador, lógico, e as rampas dentro e fora da casa. Os caminhos nos jardins foram nivelados de modo que as rodas não fiquem presas em nenhuma desnível no solo. Até tem um elevador no cais para auxiliá-lo quando ele quer usar o barco.

— Que maravilha.

— Ele tem um valete que o ajuda a subir e descer da cadeira, e também com as necessidades pessoais. É o Frederick. Você vai conhecê-lo em breve. Ele é... é difícil não o ver. — Dauphine enfiou o raminho de volta no vaso. — Os quartos da família ficam na ala sul. Seus aposentos são por aqui.

Ela me guiou pelo segundo lance de escada e por um corredor comprido com um piso escuro polido. Janelas arqueadas altas ladeavam um dos lados do ambiente, dando vista para a frente bonita do terreno.

Entre uma janela e outra, havia uma árvore, esculpida em mármore branco, com galhos se esticando e formando um arco estrutural. Folhas se distendiam e se espalhavam pelo teto abobado do corredor, criando uma enjunta única. Eu não sabia muita coisa sobre árvores, mas dava para ver que cada arco era diferente. Algumas folhas tinham uma leve curva delicada, enquanto outras eram mais largas que minhas mãos, com ângulos irregulares e afiados.

Do outro lado do corredor ficava uma série de portas emolduradas por entalhes elaborados de videiras e folhagens emaranhadas. Arandelas ouro rosé adornavam as paredes entre uma e outra, mas eram velas, não lamparinas a gás, que queimavam sem parar para iluminar a noite que se aproximava.

— Chegamos — anunciou Dauphine, parando à última porta.

— Glicínias — comentei, passando os dedos pelo baixo-relevo ao longo da estrutura.

Arranjos de flores seguiam parede abaixo, como se estivessem escondendo a entrada de um jardim secreto.

— Muito bem. É minha suíte favorita na mansão — admitiu Dauphine, abrindo a porta. — Entre e veja por si mesma.

Os lacaios chegaram antes de nós. Meus pertences já estavam no meio do aposento, uma pilha pequena e triste destoando do restante da opulência do lugar. Identifiquei uma caixa de madeira em cima de uma escrivaninha e quase senti a fúria de Camille emanando dali. Desviei o olhar, como se ignorar o objeto fosse fazê-lo desaparecer.

As janelas estavam escancaradas. Cortinas leves e transparentes dançavam à brisa noturna, e entre as frestas via-se uma sacada com terraço já banhada pelo luar.

As paredes tinham uma tonalidade perfeita de verde: um tom ou dois mais escuro e o quarto teria parecido um sepulcro, sombrio e destituído de vida. A cor me lembrava do solário em Highmoor, aveludada e vibrante. Eu quase sentia o cheiro da clorofila.

Portas duplas amplas levavam ao quarto... e lá uma cama larga com dossel ocupava uma das paredes. A mobília combinava em tons de rosa-

escuro, verde mais escuro ainda e roxo sutil. Já as paredes tinham a cor sóbria de carvão, fluida como tinta. Vasos de peônias — cada uma do tamanho de um punho e prestes a desabrochar, cheia de camadas perfeitas — foram espalhados pelo cômodo de modo artístico. Eu não conseguia imaginar uma paleta mais fascinante.

— Tem um banheiro ali — informou Dauphine, apontando em direção a outras portas duplas. — Armários para guardar as roupas também. A escrivaninha deve estar abastecida com papel e tintas. Se precisar de algo a mais, só precisa tocar o sino ali.

Ao lado da cama havia uma corda comprida com borlas pendendo do teto cor de creme com padrões de renda. Mesinhas ladeavam a cama, com várias velas de um rosa-escuro. Eram aromatizadas, embora eu não conseguisse identificar o cheiro, e preenchiam o ar com o perfume forte.

— Entendi por que este aqui é seu favorito — comentei, girando, zonza de tão atônita por aquilo tudo ser meu... por um tempo.

Ela abriu um sorriso largo.

— Às vezes venho aqui à noite e fico vagando pelos cômodos, admirando tudo. Foi o primeiro modelo que criei sozinha e... traz uma sensação de conquista deliciosa, não acha? Criar algo, do zero. Algo para o qual posso olhar e dizer: "Sim, fui eu que fiz." — Dauphine olhava de uma coisa para outra, com as bochechas coradas de satisfação. Então seu olhar passou para mim. — Eu imagino que seja a mesma sensação que tem com as pinturas.

Confirmei com a cabeça.

— Eu não faria isso enquanto você está aqui, lógico — complementou ela, e o quarto floral escuro ecoou o tinido da risada da duquesa com bastante intensidade. — Digo... entrar em seu quarto enquanto dorme, para ficar admirando as sancas.

Olhei para as modelagens, admirada pela vivacidade das pétalas.

— Elas são admiráveis *mesmo* — respondi, e a energia ao redor mudou enquanto nós duas parecíamos perceber que não sabíamos muito uma da outra, nem o suficiente para preencher o silêncio com conversa fiada.

— Bem... o jantar é servido às oito. Vou mandar um lacaio aqui para guiá-la até o salão. — Dauphine olhou na direção da cornija da lareira, estreitando os olhos para verificar os números no reloginho de latão. — Consegue se arrumar em quarenta minutos?

Quase desejei que ela tivesse concordado com a sugestão de Alexander. Uma noite tranquila em meio a toda aquela suntuosidade parecia perfeita, mas eu estava ali para trabalhar. Confirmei com a cabeça depressa, buscando a aprovação dela.

— Vou mandar alguém aqui para desfazer as malas enquanto comemos — anunciou a duquesa.

— Obrigada. Seria muita gentileza.

Ela sorriu. À porta para o corredor, Dauphine fez uma pausa.

— É realmente maravilhoso que esteja aqui com a gente, Verity.

Esperei um minuto inteiro antes de me mexer, seguindo para a porta principal e a fechando com firmeza. Ao abrir o trinco do baú, dei uma olhada nos meus vestidos. O melhor deles, um de seda cor de jade que sempre me fez pensar nas ondas das Salinas durante o verão, teria que servir, mesmo estando amassado.

Salinas.

Camille.

A caixa.

Dispus o vestido sobre a colcha da cor de fumaça para arejar e fui até a sala de estar para checar o pacote.

Só que, em vez da caligrafia cursiva elegante e meticulosa de Camille, era a letra sinuosa de Annaleigh que marcava as lamelas, o que me fez pausar. Eu precisava de algo para abrir o fecho. Deveria haver algum abridor de cartas ornamentado em uma das prateleiras da escrivaninha que eu poderia usar, mas não havia tempo de procurá-lo.

Passei os dedos pela espreguiçadeira de veludo, imaginando o que Camille estaria fazendo. Ela havia encontrado o bilhete que eu escrevera às pressas? Minhas palavras efusivas mudariam alguma coisa?

Improvável.

Embora pudesse ser ingênuo da minha parte, eu me peguei desejando que mudassem. Que de algum modo amenizariam o baque de minha fuga e aplacariam a fúria de minha irmã.

Fechei os olhos, querendo mergulhar no conforto exuberante do quarto. A cama parecia convidativa ao extremo enquanto eu sentia a última semana enfim me acertar de uma só vez. Queria dormir. Queria descansar.

Não queria ir para o andar de baixo trajando um vestido amassado e me apresentar formalmente a Gerard Laurent, o vigésimo oitavo duque de Florice.

O relógio na cornija zombou de mim com o tique-taque ritmado, contando os segundos até que eu seria obrigada a aparecer.

Suspirando, voltei para perto dos baús e segui vasculhando, em busca do estojo de itens de higiene.

Eu conseguia fazer aquilo. Ficaria apresentável — não, excepcional —, desceria, pronta para deslumbrar, cativar e ser exatamente quem os

Laurent achavam que eu era, uma retratista habilidosa e experiente, determinada a registrar a imagem do filho deles. Eu seria vista como uma honra à minha família. Camille se arrependeria do que dissera e veria que podia, e deveria, ter confiado em mim desde o início.

Só que, para fazer tudo isso, antes de qualquer coisa, eu precisava tirar todas as manchas de carvão dos dedos.

Querida Verity,

Espero que esteja bem, já se acomodando nos novos aposentos em Florice. Fiquei surpresa ao saber de sua aventura de última hora.

Assim como Camille...

Ela ficou tão surpresa que veio aqui em Héspero só para me contar.

Na verdade... ela me contou tudo. Tudo o que foi conversado na noite que você partiu...

Não quero deixar por escrito nada que possa pôr... qualquer coisa... em risco. Mas saiba que lamento muitíssimo por você ter descoberto as coisas que descobriu, da forma que descobriu. Sempre quis lhe contar — você sabe que odeio guardar segredo —, mas também sabe como Camille é. Conhece ela como a palma da sua mão, imagino.

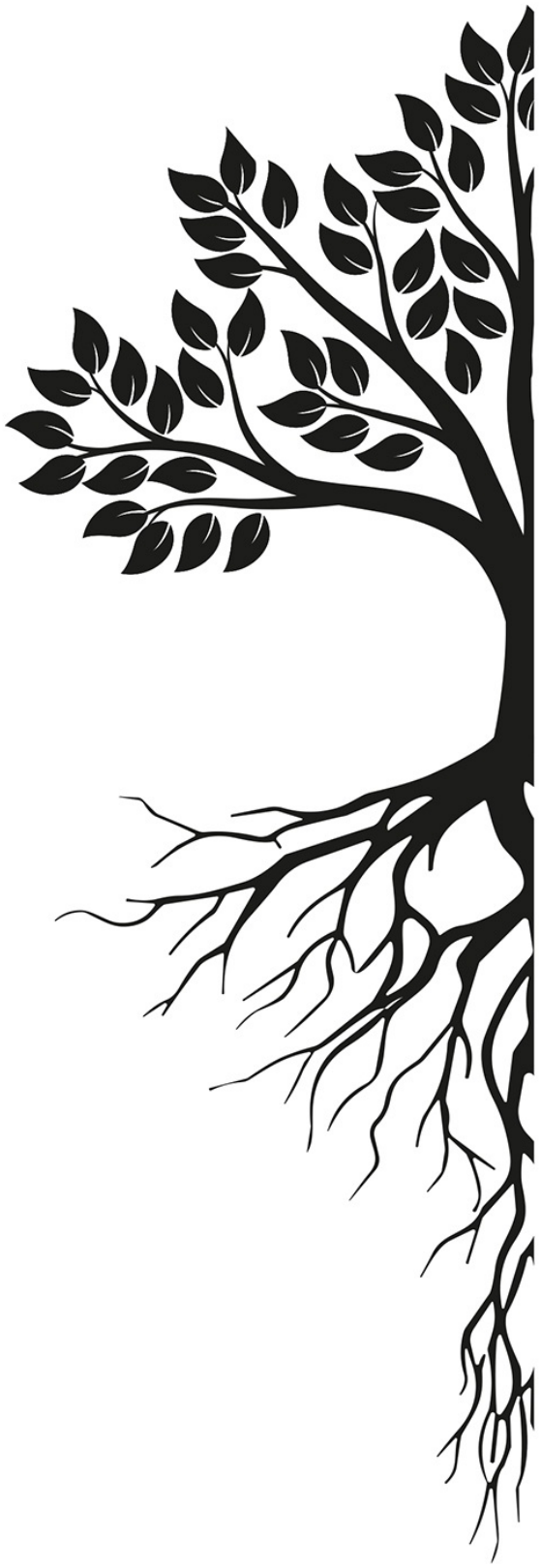
Deve imaginar como ela ficou ao descobrir que você tinha ido embora. Prometo que vou tentar amenizar a situação. Tenho certeza de que tudo isso não passa de uma desavença boba entre irmãs. Irmãs que se amam demais, independentemente do que estejam sentindo no momento...

Para além de como tudo começou, estou animada por ter feito a primeira viagem ao continente. Espero que goste do lugar e que tenha novas ideias e faça muitos desenhos. Tenho certeza de que o retrato do filho do duque Laurent ficará maravilhoso. Você sempre levou jeito para enxergar as verdades de cada indivíduo e capturar a luz dentro dele.

Caso fique com saudade de casa, estou mandando uma caixa cheia de velas para você. Sei como você as adora. Eu não sabia ao certo se conseguiria achar algo

do tipo em Florice, então estou mandando uma quantidade suficiente para todo o período em que estiver aí... Sempre mantenha uma chama acesa e tente não sentir tanto nossa falta...

Com todo o meu amor,
Annaleigh



9

O LACAIO ESTAVA ATRASADO.

Fiquei andando de um lado para o outro diante da lareira, volta e meia lançando olhares ao reloginho. Já eram quase oito da noite, a hora que Dauphine disse que a família se sentava à mesa de jantar, e nada do homem.

A ansiedade pulsava em minhas veias, deixando o coração acelerado. Eu nunca me atrasava para nada e com certeza não queria que o lorde Laurent tivesse uma primeira impressão ruim de mim. Dauphine poderia querer fingir que éramos boas amigas, mas eu estava certa de que o lorde Laurent se colocaria apenas na posição de meu patrono.

Eu já o tinha imaginado como uma figura indistinta com olhos aguçados e nariz aquilino e autoritário, olhando-me de cima, julgando a mim e a meu trabalho. A palavra dele tinha o poder de definir o futuro de minha carreira. Eu sabia — esperava — que minhas habilidades como artista vingariam mesmo diante do gosto mais rigoroso... mas se eu o ofendesse como *pessoa*...

Com um suspiro exasperado, mudei de direção, ousando espiar o corredor.

Nada.

Jazia comprido e silencioso sem qualquer vestígio de vida.

Não era uma mansão *tão* grande, considerei, tamborilando os dedos no batente da porta. Não devia ser tão difícil encontrar o salão de jantar...

O tique-taque do relógio me fez entrar em ação.

Saí dos aposentos, a porta batendo atrás de mim com um clique que fez eco.

Talvez eu encontrasse o lacaio enquanto descia a escada.

Talvez eu encontrasse Dauphine, saindo da própria ala. Ela me veria e entenderia de imediato. Desceríamos juntas, de braços dados, e eu não teria que chegar ao andar principal sozinha.

Estava tão absorta no devaneio, sem saber para onde ia, só seguindo pelo corredor até chegar à escada.

Só que...

Fiz uma pausa, virando-me para olhar para o lugar de onde tinha vindo.

Aquilo não estava certo, estava?

Parecia o mesmo corredor, a madeira escura, paredes claras, tantos entalhes, mas... havia algo diferente ali. Algo errado.

Eu me virei de novo.

Estava comprido demais.

Embora eu não tivesse contado cada porta pela qual passáramos quando cheguei, parecia que elas haviam se multiplicado. Dobrado. Até triplicado.

— Que estranho — murmurei, dando meia-volta e voltando para onde achava ser meu quarto.

Eu passei por uma divisão no corredor em algum ponto? Uma curva que eu não havia percebido, mas tinha feito por acidente?

Não.

Encontrei o quarto, os galhos de glicínias deslizando pela parede, e toquei uma das flores, com uma pergunta na ponta da língua. De cada lado da porta havia arandelas de estilo antigo, com velas finas, idênticas às de tom rosa-escuro que encontrara no quarto, que tremeluziram para mim de modo inútil, algo estranho de se ver em uma casa abastecida por gás.

— Isso é ridículo — murmurei, balançando a cabeça. — Vou chegar atrasada.

Seguindo pelo corredor outra vez, contei todas as portas pelas quais passava, todos os conjuntos de velas. Três, cinco, nove, muitas, muitas e muitas...

Aproximei-me de uma das janelas, espiando a noite escura, tentando em vão ver além do brilho da chama refletida na vidraça. Por um momento, perdi o equilíbrio e cambaleei contra a parede, segurando-me na cortina.

A incerteza me imobilizou, e meus pés ficaram pesados e plantados no chão.

— Aí está você! — exclamou uma voz, cheia de alívio.

Um homem mais velho, branco, alto, esbelto e com ângulos bem definidos, veio correndo até mim. Seu cabelo costumava ser loiro, mas havia mechas brancas nas têmporas no momento, penteadas para trás com pomada. O terno que usava era cor de creme, com corte de lã sofisticada, e curvei os dedos dos pés dentro dos sapatos, nervosa. Se os criados dos Laurent usavam coisas assim, eu com certeza pareceria uma zé-ninguém desleixada com o vestido de seda simples.

— Você não estava no quarto.

Ele estendeu o braço, como se fosse um cavalheiro, pronto para me conduzir em uma caminhada à tarde. Eu nunca vira um criado se comportar de maneira tão casual com uma convidada da casa antes, então me censurei. Para ele, éramos iguais... empregados pagos da família.

Ainda desorientada por causa do corredor que parecia cada vez mais longo, olhei de volta para o quarto. Ficava no fim do corredor. Não tinha como o lacaio ter estado ali. Ele teria que ter passado por mim para chegar lá.

E eu não vira ninguém.

Só eu.

A vela mais próxima de nós derramou uma gota de cera rosa, e um pensamento terrível me ocorreu. Devagar, como uma marionete frágil manuseada por corda, coloquei a mão no braço dele.

Eu meio que esperava ver a mão o atravessando, como pedra passando por água.

Mas a manga do paletó dele era quente e sólida. Eu sentia o tecido fino, a destreza firme do braço por baixo.

Ele era real.

Mas então... como ele tinha ido parar ali?

O homem abriu um sorriso, como se lesse meus pensamentos. Parecia bastante jovial.

— Eu vim do escritório. Logo ali — informou ele, apontando para uma porta de um cômodo mais adiante. — Sinto muito se a assustei.

Acenei com a mão, descartando a preocupação.

— Está tudo bem? — questionou, observando-me com curiosidade.

— Eu... eu sinto como se tivesse virado do avesso neste corredor.

— Virado do avesso? — repetiu, olhando de um lado ao outro no caminho reto.

— Parece uma bobagem, não parece? Mas... quando saí do quarto, podia jurar que... — Parei de falar, sem conseguir explicar direito.

— Você ainda está se adaptando a um lugar novo.

— Deve ser isso. Mas é melhor irmos logo. Eu não quero que tenham uma primeira impressão ruim de mim.

Os olhos escuros de ardósia dele cintilaram.

— Com certeza, com certeza. Bem... não podem acusá-la de estar atrasada se o senhor da casa ainda não estiver lá, certo?

— O lorde Laurent está atrasado? — perguntei, olhando por cima do ombro na direção do escritório que o lacaio mencionara.

Ele devia estar ajudando o duque com alguma questão.

— O lorde Laurent nunca está atrasado — entoou ele de maneira solene e teatral. — E se parece ser o caso, a explicação é: os relógios da mansão estão tiquetaqueando rápido demais.

Sorri.

— Bom saber.

— Então você é a pintora? — perguntou ele, simpático. — Das Salinas?

Confirmei com a cabeça.

— A casa toda tem estado em polvorosa por sua chegada. Sei que Alexander está bem animado para começar o trabalho.

— Eu também estou ansiosa. A casa é linda... Vai ser difícil escolher o lugar certo para o retrato.

— Na biblioteca, imagino. O garoto sempre gostou de livros.

— Você está com os Laurent há muito tempo?

A familiaridade informal dele com a família me fez pensar em Hanna, e a saudade de casa me acertou em cheio.

— Ah, sim... há muito, muito tempo — confirmou ele, abrindo outro sorriso.

Tínhamos acabado de chegar à escada, bem iluminada pelas lamparinas a gás, não por velas cor-de-rosa reluzentes, e dei uma olhada no corredor de novo. Parecia curto como da primeira vez que vira. Cinco portas, talvez seis, somente.

— Gerard! Aí está você — exclamou Dauphine, com o rosto lustroso voltado para nós.

Fiquei feliz ao ver que o vestido de noite dela tinha a silhueta parecida com a do meu, mas de um tom de ameixa intenso.

— Ah, e você encontrou a srta. Taumas. Que maravilha.

— Gerard? — perguntei, analisando-o de novo, percebendo todos os detalhes que não notara.

A seda refinada da gravata. O nariz comprido e taciturno como o de Alexander, prostrado no meio do rosto. O anel de sinete pesado que usava com ares plácidos, parecendo ter nascido com ele. E pensando bem, tinha nascido mesmo.

Ele passou a mão pelos fios grossos do cabelo, lançando-me um olhar travesso e constrangido.

— L-lorde Laurent — gaguejei, corrigindo-me.

Antes que eu pudesse fazer uma reverência, ele segurou meu pulso, impedindo que eu me curvasse.

— Não fazemos essas coisas aqui — afirmou ele, soltando-me enquanto abria outro sorriso.

Embora eu soubesse que o gesto fora amigável, meu pulso doía com a força inesperada que ele usara. Esfreguei o pulso, sentindo-me tola.

— Desculpe, senhor. Lady Laurent... Dauphine — emendei enquanto ele agitava o dedo para mim — disse que um lacaio me buscaria. Imaginei que fosse o senhor. Espero que não o tenha ofendido.

Eu queria abrir um buraco no chão e me enfiar nele de tanto constrangimento. O que ele deveria pensar de mim após ter ficado desorientada por corredores compridos demais? Fiquei morta de vergonha.

Fazendo um gesto amplo com o braço, ele me incitou a descer a escada, aproximando-me de Dauphine no saguão. Lá em cima, a claraboia estava de um azul-escuro intenso, salpicada por pontinhos brilhantes. Observei-os, tentando reconhecer os traços. Era difícil distingui-los diante do esplendor do lustre.

— Minha pegadinha deu muito certo — anunciou Gerard, dando um beijo cálido na bochecha da esposa.

— Você fingiu ser um lacaio? — adivinhou Dauphine, com o rosto preocupado. Ela deu um tapinha leve no ombro dele. — Eu falei para não fazer isso. O que ela vai pensar de nós, tratando convidados dessa maneira?

Gerard apenas riu.

— Cadê Alexander? Estou faminto!

Ele vagou pela casa sem esperar por resposta.

Dauphine entrelaçou o braço ao meu, guiando-me por um novo corredor. Havia espelhos em ambos os lados, refletindo vasos idênticos que transbordavam com amontoados de hortênsias cor-de-rosa e verdes.

— Peço mil desculpas pelo comportamento de Gerard. Ele sempre gostou de pregar peças... e eu deveria ter lhe avisado sobre a pontualidade dele.

Passamos por um relógio de pêndulo alto, e vi que já eram oito e quinze.

— A casa toda aprendeu a se ajustar à imprevisibilidade de meu marido. Ele acaba ficando tão focado no trabalho que só volta à vida quando o estômago ronca. — Dauphine deu uma risada suave. — Às vezes nem assim.

— E com que ele trabalha? — perguntei, pensando em tudo o que Camille comandava: a casa, os estaleiros, ouvir discussões entre pescadores, informar ao rei sobre quaisquer navios estranhos no horizonte.

Com quais problemas os lordes no continente tinham que lidar?

— Ah, ele é...

— Boa noite, moças — cumprimentou uma voz, mais adiante no corredor. Um segundo depois Alexander apareceu, emergindo das sombras. — Vocês estão lindas.

Ele tinha se trocado para jantar também. O terno era de um azul-marinho imaculado, o que fazia os olhos se destacarem, e ele tinha arrumado a gravata de seda mostarda em uma série de nós espetaculares.

— Srta. Taumas, eu me pergunto se posso ter a honra de acompanhá-la até o salão de jantar?

Dauphine afastou o braço do meu.

— Vão em frente. Gerard e eu entramos depois de vocês.

Olhei para Alexander.

— Eu adoraria. Obrigada, sr. Laurent.

Começamos a seguir para lá, lado a lado. Ele conduzia a cadeira devagar, no mesmo ritmo que o meu.

— É Alexander. Ou Alex, até.

— Então você tem que me chamar de Verity.

— Verity — repetiu ele devagar, com um tom cálido e intenso como uma xícara de café fumegante. — Vocês realmente usam todas essas formalidades nas Salinas? Ouvi dizer que o Povo do Sal pode ser um grupo bem frio.

Fiquei boquiaberta, surpresa com o comentário.

— É isso o que dizem?

Os olhos dele faiscaram, e tive a nítida impressão de que ele estava me provocando, assim como o pai fizera.

Resolvi adotar a postura descontraída e despreocupada, testando-a como se fosse uma roupa nova, estilosa.

— Vocês também seriam frios se tivessem que enfrentar invernos como os nossos.

Ele riu, e gostei do som. Tão fácil. Livre.

— Você nunca foi às ilhas?

— Nunca fui a lugar nenhum, basicamente — admitiu. — Aqui em Chauntilalie, consigo perambular com bastante liberdade, mas o resto do mundo não é bem projetado para pessoas como eu. — Ele tamborilou no braço da cadeira. — Ou para as coisas que carregamos junto.

— Eu sinto muito — respondi, sem saber bem o que devia ser dito e bem certa de que eu não sabia como dizer.

— Não sinta — retrucou Alexander, guiando a cadeira à frente. — Pense assim: se eu estivesse por aí vagando pelo reino agora, não estaria aqui, falando com você.

— Talvez teríamos nos encontrado em outro lugar.

Ele negou com a cabeça.

— Eu duvido. Você nunca sai das ilhas, e, como já admitiu, elas são frias demais para mim.

Não conseguiria conter o sorriso nem se eu quisesse. Nunca tinha conversado com alguém de um jeito tão leve. Meu coração batia alegre, e me peguei desejando ser tão radiante quanto ele.

— Você é sempre assim tão espirituoso?

— E charmoso — adicionou ele depressa. — Não se esqueça do "charmoso".

Alexander parou diante das portas amplas, já abertas, e gesticulou para que eu fosse na frente.

Havia uma mesa longa no meio do salão. Poderia acomodar cinquenta pessoas com facilidade, mas haviam cinco lugares. Várias janelas altas se estendiam pela parede. As cortinas, ondulações compridas de veludo rosado, estavam abertas, expondo uma sacada banhada pelo luar e cheia de vasos de planta dispostos de maneira artística.

Dezenas de velas enfileiravam a mesa envernizada em tons de rosa e verde, criando um espaço mais íntimo no cômodo amplo. Do teto pendiam três lustres apagados, mas cintilando como gelo.

Um lacaio foi à frente e puxou uma cadeira para mim. Alexander seguiu para o lugar à minha direita. Gerard sentou-se à cabeceira da mesa, à esquerda. Dauphine se sentou diante do filho, do outro lado da mesa, deixando o assento à minha frente vazio.

Um zumbido estranho tomou o ar, o som de engrenagens abrasivas e mecanismos em ação. Soava como se a casa inteira grunhisse sob a pressão.

— O elevador — explicou Alexander com suavidade.

— A mamãe deve estar descendo — comunicou Gerard.

Eu me sobressaltei com o baque alto que pareceu marcar as palavras dele.

Em um movimento idêntico, ele e Dauphine se levantaram dos assentos enquanto uma figura entrava no cômodo. Alex acenou com a cabeça para mim, indicando que eu deveria me levantar também. Com as bochechas vermelhas, fiquei de pé.

Ela era pequena e tinha cabelo branco, trajava um vestidinho sisudo da cor damasco-escuro e com contas, e se apoiava em uma bengala de bambu. O topo de vidro do objeto refletiu a luz de velas, deixando-me deslumbrada por um momento enquanto ela adentrava o salão. Gerard fez

menção de ir ajudá-la, mas a mulher descartou a tentativa com um gesto irritado de mão.

— Fique aí, fique aí.

Cachos brancos finos estavam enrolados e presos em um coquinho no alto da cabeça, mas ainda dava para ver algumas partes do couro cabeludo rosado por entre os fios. Ainda que parecesse frágil, o rosto tinha pouquíssimas rugas, os olhos cinza eram aguçados e alertas, ornados por óculos prateados apoiados no nariz arrebitado.

Esperamos que ela se sentasse antes de relaxarmos.

— Mãe, quero apresentá-la à srta. Verity Taumas. Ela vai passar as próximas semanas aqui. Veio pintar o retrato de Alexander.

A senhora fez um sonzinho com a boca, demonstrando ter ouvido, mas manteve os olhos focados na mesa.

Gerard se voltou para mim.

— Srta. Taumas, essa é minha mãe, a madame Marguerite Laurent.

Lembrei o que Alexander tinha dito sobre as formalidades rígidas das Salinas e tentei abrir um sorriso acolhedor para a mulher mais velha.

— Marguerite, é um grande prazer conhecê-la.

Devagar, ela voltou os olhos para mim.

— Desculpe... — murmurou ela, com a voz rangendo como uma velha cadeira de balanço de madeira. — Eu não acho que nos conhecemos.

— Não, não — elucidei, ponderando se a mente dela estava acometida pela idade. Uma de minhas tias sofria de uma enfermidade parecida. Meus primos sempre precisavam lembrá-la de em que lugar e em que momento da vida estava. Às vezes nem deles ela lembrava. Fiquei compadecida diante do martírio dela. — Cheguei a Chauntilalie hoje à noite.

Ela comprimiu os lábios.

— Então por que raios você falaria comigo como se nos conhecêssemos?

A mulher estreitou os olhos para mim com desdém.

— Eu... Sinto muito, sinto muitíssimo, lady... madame Laurent. Eu...

— Se eu quisesse conversar com a criadagem, teria contratado você eu mesma, mas como não foi o caso...

Ela endireitou a postura o máximo que o corpete apertado permitia e virou a cara.

— Mãe, Verity Taumas é mais do que...

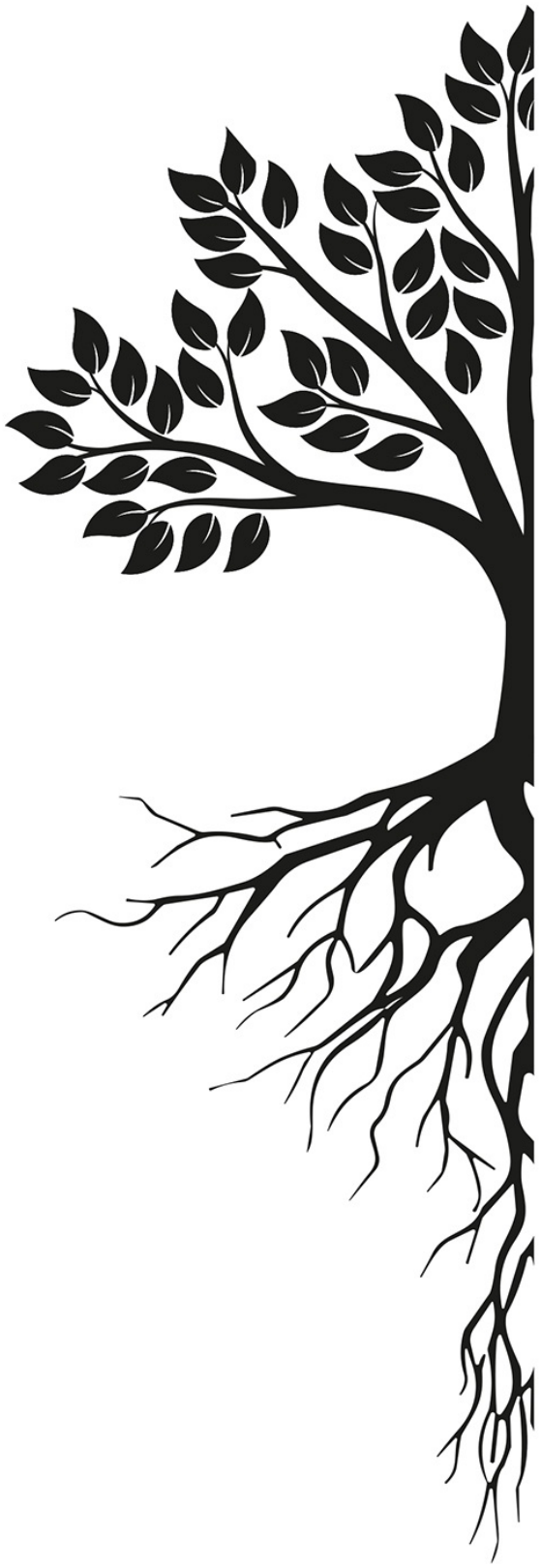
Madame Laurent franziu a testa.

— Taumas que você falou, Gerard? Ela é uma das garotas Taumas?

Ele concordou com a cabeça, lançando-me um olhar de desculpas.

— Hã, é, mãe. A irmã mais velha dela é a duquesa de Sal...

— Eu sei de onde elas são, menino — bradou ela, esquadrinhando todos com um interesse repentino. — Taumas... Eu já ouvi falar desse nome. De você e de suas irmãs — corrigiu-se, umedecendo os lábios depressa. — Ah, sim... Então, Gerard, você trouxe uma das garotas amaldiçoadas para dentro de minha casa.



10

— Amaldiçoada? — repetiu Dauphine, ficando pálida, o que deixou a boca pintada com uma cor tão vibrante quanto uma ferida sangrenta.

A mulher mais velha assentiu com veemência, os olhos de verruma brilhando como se tivesse vencido a batalha.

— Isso mesmo. Não me diga que nunca ouviu falar delas. As Doze Taumas. A Maldição Taumas.

Pigarreei, esforçando-me para conseguir falar.

— Isso não é verdade.

— Está me dizendo que nenhuma das suas irmãs morreu? — rebateu Marguerite, olhando-me nos olhos. O olhar queimava que nem ferro em brasa. — Seu pai? *Duas* mães?

— Foi... Foram acidentes. — Eu me virei para Dauphine, morrendo de medo de que ela acreditasse na sogra e me enxotasse da casa antes que eu pudesse convencê-los de que nada daquilo era verdade. — Acidentes horríveis. Mas, na verdade, não há...

— Sopa, o primeiro prato — anunciou o valete antes de abrir uma porta lateral.

Uma enxurrada de criados entrou, carregando pratos cobertos por um domo prateado. Com uma precisão coreografada, eles removeram as tampas ao mesmo tempo, liberando o vapor.

As tigelas eram feitas de vidro cor de menta, atravessadas por um emaranhado de orquídeas espiraladas. Fiquei sem reação diante da sopa, cheia de flores de um branco cremoso.

— Sopa de flor de rúcula — explicou Gerard. — É uma das especialidades de Raphael.

Marguerite estreitou os olhos, sem esquecer do assunto.

— Mas a garota...

— Mãe — interrompeu ele com a voz dura, calando-a.

— Raphael é nosso cozinheiro — interveio Dauphine, alisando o guardanapo no colo várias vezes. — Ele é um grande gênio da culinária.

Ela havia mascarado a expressão facial com cautela, como se quisesse fingir que as declarações da sogra — e talvez a própria madame — não

existiam.

— Pois bem, prove — incentivou Gerard.

— Mas eu...

Eu queria continuar o assunto, queria garantir a meus patronos que eles não tinham convidado um amuleto de azar para dentro de casa, mas fiquei imóvel quando Alexander tossiu de leve.

Ao olhar para ele, o rapaz balançou a cabeça com discrição, como se suplicando para eu deixar o assunto morrer.

— Eu... eu nunca provei uma sopa com flores antes — concluí de um jeito tosco.

— É uma de minhas prediletas — afirmou Alexander, abrindo um sorriso torto perfeito.

Ele deu uma colherada cheia de floreio. Fiquei extasiada pela gentileza dele.

— O que é isso? — questionei, pegando a colher de sopa da fileira de talheres dourados ao lado da tigela.

Buquês arrojados de flores pontiagudas floresciam pelo punho, cercando o símbolo flamejante dos Laurent.

— *Euphorbia marginata* — respondeu Gerard. — Neve-da-montanha. Em nossa casa, cada duque escolhe uma flor para representar a família, para simbolizar todas as nossas esperanças e objetivos.

— Que tradição bonita. Nós só mantemos o mesmo polvo, geração após geração. Não acreditariam na quantidade de tentáculos retratados em Highmoor. — Eu sabia que estava falando demais, o nervosismo se apoderando de minha boca e me fazendo soar tola. Logo mergulhei a colher no caldo. Se eu estivesse comendo, não conseguiria falar. — Ah. — Eu esperava que a sopa tivesse um gosto doce e floral demais, como abocanhar uma borrifada de perfume, mas fiquei surpresa por ser saborosa, temperada e espessa, com um toque apimentado. — Está deliciosa.

Gerard engoliu a sopa, limpando os cantos da boca com o guardanapo.

— Sabe o que significa a *Euphorbia*?

— Eu não sabia que flores tinham grandes significados além da beleza — confessei, dando uma segunda colherada.

Gerard soltou uma risada alta e barulhenta, e até Dauphine deu uma risadinha, como se minha ignorância tivesse sido uma piada oportuna. Marguerite continuou me observando com desdém, empurrando as flores murchas de um lado ao outro na tigela sem sequer provar.

Alexander se remexeu, inclinando-se por cima do braço da cadeira, em uma aparente ilusão de conversa particular.

— As flores têm toda uma linguagem própria.

— Uma linguagem? — repeti, intrigada.

— Se soubesse o significado delas, eu e você poderíamos engajar em toda uma conversa sem proferir uma palavra. Como — disse e apontou para um buquê no meio da mesa — as flores brancas vívidas ali no alto? O nome é *erva-estrela*. São para dar boas-vindas a alguém desconhecido.

Dauphine concordou com a cabeça.

— Pedi para um dos jardineiros colocá-la ali quando soube que você jantaria com a gente hoje.

A consideração dela me emocionou.

— E as flores roxas?

— São heliotrópios — informou Gerard. — Eu mesmo os escolhi hoje de manhã, para Dauphine.

Ele deu uma piscadinha para a esposa.

— São feitas para demonstrar devoção — contou Alexander, então se recostou na cadeira e ficou me observando, pensativo. — Se eu fosse escolher uma flor para você hoje, eu acho que escolheria... uma gardênia.

— Ah, Alexander — murmurou Dauphine, com a voz leve e feliz.

— Bom garoto — elogiou Gerard.

Marguerite passou o guardanapo debaixo do nariz, fungando.

— E... e o que isso significa?

Olhei ao redor da mesa.

Alexander deu um sorriso de canto, alegre.

— Você vai ter que pesquisar para saber.

O tom cálido dele me causou uma sensação palpitante estranha. Quase parecia que... ele estava flertando comigo? Parecia que sim, mas assim de maneira tão aberta? Na frente da família? Talvez houvesse mais diferenças entre o Povo das Pétalas e o Povo do Sal do que eu imaginava.

— Eu... — Eu não sabia o jeito certo de responder, bem ciente dos muitos olhos focados em mim. — Vou procurar, com certeza. Adoraria saber mais. — Um pensamento me ocorreu. — Seria ótimo colocar isso no retrato. Já escolheu qual será a flor do seu ducado?

Logo ele desviou os olhos de mim para o pai, então abaixou a cabeça.

— Acho que o alisso.

Fiquei animada, lembrando de vê-las em Highmoor, rodeando os amieiros altos que margeavam os jardins.

— As florzinhas brancas e rosa? Eu adoro essas. Elas sempre têm um cheiro doce no verão.

Todos ao redor ficaram em silêncio, e me perguntei se eu tinha confundido a flor.

— Bem... o que significam?

Dauphine fitava a própria sopa, evitando olhar para cima.

Depois de um momento, Alexander pigarreou.

— "Um valor além da beleza."

— Uma escolha bem ridícula para um Laurent — murmurou Gerard, soltando a colher dentro da sopa, o que fez um barulho.

— Bem, é isso que marca o legado de um duque, não é, pai? — comentou Alexander com cuidado. — Ele escolhe o próprio.

As pontinhas das orelhas de Gerard ficaram bem vermelhas enquanto ele dava um bom gole no vinho, exalando azedume no cômodo com o peso desconfortável da raiva repentina.

— O que *Euphorbia* significa? — sussurrei para Alex enquanto passava o dedo na maldita colher de sopa.

Desejei nunca ter mencionado as flores consteladas.

Ele limpou o canto da boca com o guardanapo, disfarçando a resposta.

— Tenacidade.

— Tragam o próximo prato — bradou Gerard para os lacaios.

A sopa foi recolhida antes que qualquer um de nós tivesse acabado de comer.



— Você está indo para o lado errado.

Por sorte o jantar tinha se encerrado — por Pontos, quantos pratos uma família conseguia comer? —, e escapei o mais rápido possível, prometendo tomar café da manhã com Dauphine antes de começar o trabalho no dia seguinte.

Quando me virei para ver quem tinha falado, Alexander estava logo atrás de mim.

— Aquele caminho leva para os fundos da casa.

Analisei o corredor diante de mim. Parecia conduzir a um espaço alto iluminado pelas estrelas.

— Aquele é o saguão... não é?

— Não — respondeu Alexander, rindo.

— Eu tinha certeza de que era...

— É por causa das plantas — explicou, passando por mim. — Elas passam a falsa impressão de familiaridade. Você achou que tinha saído pela mesma porta que entramos, não foi?

Confirmei com a cabeça, certa de que tinha sido o caso.

Ele negou com a cabeça.

— Você saiu pela porta parceira. As duas têm samambaias ao lado. É fácil confundir. Venha, vou lhe mostrar.

— Porta parceira?

— A casa sempre teve um desenho, digamos... incomum, mas depois de meu acidente, o papai acrescentou a ala dos fundos. Viu?

Entramos em um cômodo idêntico ao saguão para o qual achei que estivesse indo, mas, em vez das belas escadas frente a frente, uma coluna de metal se erguia até o segundo andar.

— Os fundos da casa são uma imagem espelhada da frente, só que mais acessível para mim. À luz do dia é mais fácil perceber de que lado está, mas no escuro e com você tendo acabado de chegar... O elevador — explicou Alexander, fixando o olhar no meu. — Quer testar?

— Eu... — Embora o objeto fosse coberto de uma filigrana de ferro bonita, hesitei. Parecia a jaula de uma criatura horrenda. — Nunca entrei em um. O que faz?

— Bem, como o nome indica, eleva-se do chão, me levando junto. Às vezes me balança para aquele lado, às vezes para esse.

Ele fingiu que estava sendo balançado violentamente de um lado para o outro.

Fiquei pálida, com o estômago revirado.

— Sério?

Alexander estreitou os olhos até virarem meias-luas.

— Lógico que não. O elevador está em um trilho. Viu? — Ele apontou para uma linha de metal bem lubrificada aparafusada à parede. — É bem seguro. Uso todo dia. — Então subiu pela rampa e puxou as portas no estilo de acordeão. — Primeiro as damas.

Passei por ele, entrando no espaço pequeno.

— Nós dois cabemos aqui?

Ele guiou a cadeira para dentro, e seus joelhos trombaram em minha saia.

— Apertando, dá. — As bochechas dele ficaram coradas de repente, e fiquei surpresa por achar aquilo tão encantador. — Pode fechar a porta? Não vai funcionar até a trava estar acionada.

Ao menos aquilo era reconfortante.

Ele puxou uma alavanca, e um zumbido mecânico alto ecoou ao redor.

— É só o vapor. Puxamos a alavanca para acionar o vapor, então aquele botão movimenta o elevador — explicou Alexander.

— De onde vem?

— Do lago. Os canos levam a água para ser aquecida debaixo da casa. Às vezes parece que a mansão toda está grunhindo.

Imaginei a casa chorando, atormentada, e engoli em seco.

— Está com medo? Sério?

Neguei com a cabeça, querendo ser corajosa. Mantive os olhos focados no piso da jaula. Parecia sólido e imóvel de um jeito reconfortante. Talvez se eu conseguisse me convencer de que não estávamos...

Ele acionou o botão, e, com um estrépito, de repente estávamos em movimento, elevando-nos do chão, subindo pela parede como uma aranha subindo determinada por sua teia. Enfim ousei levantar a cabeça e olhar pelas janelas amplas que compunham a parede adiante, maravilhada. Daria uma vista espetacular à luz do dia.

— O que é aquilo?

Apontei para uma construção envidraçada imponente, iluminada em contraste com a noite.

— A estufa do meu pai — contou Alexander enquanto chegávamos ao segundo andar.

A parada abrupta me fez perder o equilíbrio, e ele esticou o braço para me estabilizar, os dedos quentes nos meus.

— Parece ser tão grande quanto Chauntilalie.

Era tão alta quanto e se estendia para além da vista da janela. O vidro estava embaçado com a umidade, impossibilitando ver lá dentro. Era um brilho opaco e verde em meio à noite escura.

— Quase é. — Ele soltou minha mão, girando um mostrador e puxando a alavanca de novo. — A porta?

Abri-a, esperei que ele saísse, então segui. No piso havia três corredores levando a diferentes partes da casa. Nenhum deles parecia familiar.

— Verity — chamou Alexander, fazendo-me voltar a atenção para ele. — Algo muito importante: sempre lembre de fechar a porta e acionar a trava quando sair. A vovó também usa o elevador, e se alguém esquecer a trava ficamos presos até alguém aparecer para ajudar.

Observei com atenção enquanto ele posicionava a trava na posição de fechamento.

— Agora você — insistiu ele, acenando com a cabeça quando repeti o movimento do jeito certo. — Ótimo. — Então olhou para mim. — Você deve estar cansada depois de um dia tão longo viajando. Bem... *dias* — corrigiu. — Consegue encontrar seu quarto daqui?

Olhei para a interseção de novo, lembrando que eu estava nos fundos da casa, e apontei para o corredor da direita.

Covinhas proeminentes apareceram quando ele sorriu, apontando para o do meio. Então se pôs em movimento, seguindo pelo corredor.

— Vamos, é só me seguir.

— Ah, não, você não precisa...

A ideia de ele me conduzir até meus aposentos pareceu estranhamente íntima, sobretudo considerando que eu não sabia o que a tal gardênia significava.

— Não vou deixar você vagar pela casa a noite toda, perdida em um mar de corredores iguais. Que tipo de anfitrião eu seria?

— Tecnicamente, você não é o anfitrião — retruquei, o seguindo com passos apressados. A cadeira de rodas era tão mais ágil do que eu. — Sua mãe que mandou a carta, convidando-me. Ela é o... a anfitriã.

Ele riu.

— Vocês das Salinas focam uns detalhes muito peculiares. É à direita ali — informou ele, parando em outra curva e gesticulando para um corredor.

— Verity? Alexander? São vocês? — chamou Dauphine, de repente diante de nós ao fim do corredor.

Quando nos aproximamos, ela estava prostrada no piso diante das escadas do saguão. As orbes a gás do lustre estavam mais fracas, e a entrada lá embaixo era uma mistura de sombras cinza e lavanda.

— Alexander, eu levo a srta. Taumas para os aposentos. Ela parece prestes a pegar no sono bem aí em pé.

— Estávamos indo para...

— A partir daqui é comigo — insistiu ela, com a voz e o sorriso agradáveis, ainda assim inflexíveis.

— Lógico — concordou Alexander, fazendo uma pequena reverência. — Boa noite, mãe, Verity. Tenham bons sonhos.

Trocamos trivialidades, e ele se virou, seguindo por um corredor em que eu não tinha reparado.

Dauphine ficou observando o filho até ele fazer uma curva e sumir de vista.

— Ele é um querido — comentou ela, tocando minhas costas e me incitando a andar. — Sempre tão gentil, atencioso. Espero que seu retrato registre isso.

— Vou dar meu melhor.

— Lógico que vai. Peço desculpa pelo... momento desagradável no jantar. Gerard e Alexander... eles me lembram daqueles carneiros que vivem no alto das montanhas, batendo cabeça, um contra o outro. Eles sempre foram tão diferentes. Alexander tem tantas ideias sobre o que quer

para o futuro da propriedade, para o ducado, para o nome Laurent... É difícil para Gerard ver tantas diferenças entre os dois.

Eu me sobressaltei quando ela parou de andar. De algum modo, já tínhamos chegado à soleira da porta decorada com os relevos de glicínias. As chamas das velas tremeluziram e dançaram, como se dando as boas-vindas.

— Bem, cá estamos.

— Obrigada, Dauphine. Você foi muito gentil e amável.

Ela sorriu.

— Estamos felizes que esteja aqui. Gosto de tomar café na Sala Begônia... ela tem lindos vitrais, de frente para o lado oeste. Podemos conversar mais sobre o retrato.

Concordei com a cabeça, ficando vermelha ao tentar conter um bocejo. Toda a agitação da semana pareceu me dominar de uma vez, deixando-me exausta.

— Será ótimo.

— Boa noite, então — disse ela, apertando meu braço antes de ir embora.

— Boa noite.

Quando entrei na saleta, o aroma das velas cor-de-rosa acesas foi sufocante, e senti o perfume enjoativo na língua de tão doce.

Abri a caixa de Annaleigh e logo as substituí pelas velas salgadas que ela mandara. Na verdade, não eram muito melhores, mas ao menos faziam o quarto ficar com um cheiro mais familiar, um pouco mais parecido com meu lar.

Uma criada devia ter entrado ali enquanto eu estava fora. Minhas malas tinham sido desfeitas. Quando conferi o armário, todas as roupas estavam penduradas em uma fileira organizada, passadas e alinhadas.

Vi a camisola e a peguei, com a total intenção de remover o vestido de noite. Só que quando me sentei na ponta da cama para retirar as meias, minha mente exausta tomou conta. Caí sobre a irresistível pilha de travesseiros, com o corpo pesado, fechei os olhos e apaguei.

~~Querida irmã,~~
~~Minha querida irmã Camille,~~
~~Eu queria dizer que~~
~~À grandiosa majestade, a imponente Duquesa das Salinas~~

Camille,

Sei que é improvável que leia esta carta, então imagino que não importa como eu a comece. Eu já consigo visualizá-la rasgando-a em pedacinhos a essa altura.

Mas...

Eu queria que soubesse que cheguei a Florice, e que a viagem correu bem. Nunca imaginei que Arcânia fosse tão grande. Mesmo que estejamos tão distantes, ainda sinto seus olhos atentos a meus movimentos. É como se eu nunca tivesse saído de Highmoor.

Eu queria me desculpar por como fiz as coisas... por ter fugido daquele jeito. Eu só não sabia mais o que fazer. Não aguentaria passar outra noite sob aquele teto, não agora. Agora que sei... de tudo. Entendo seus receios e prometo que farei o possível para não envergonhar nossa família.

Não sei por que estou escrevendo isto. Não tenho coragem de mandar a carta e provavelmente vou guardá-la na escrivaninha aqui, esquecida, até o trabalho estar encerrado e eu precisar fazer as malas.

Mas é bom falar com você assim. Quase a vejo me ouvindo e entendendo tudo o que eu queria conseguir dizer.

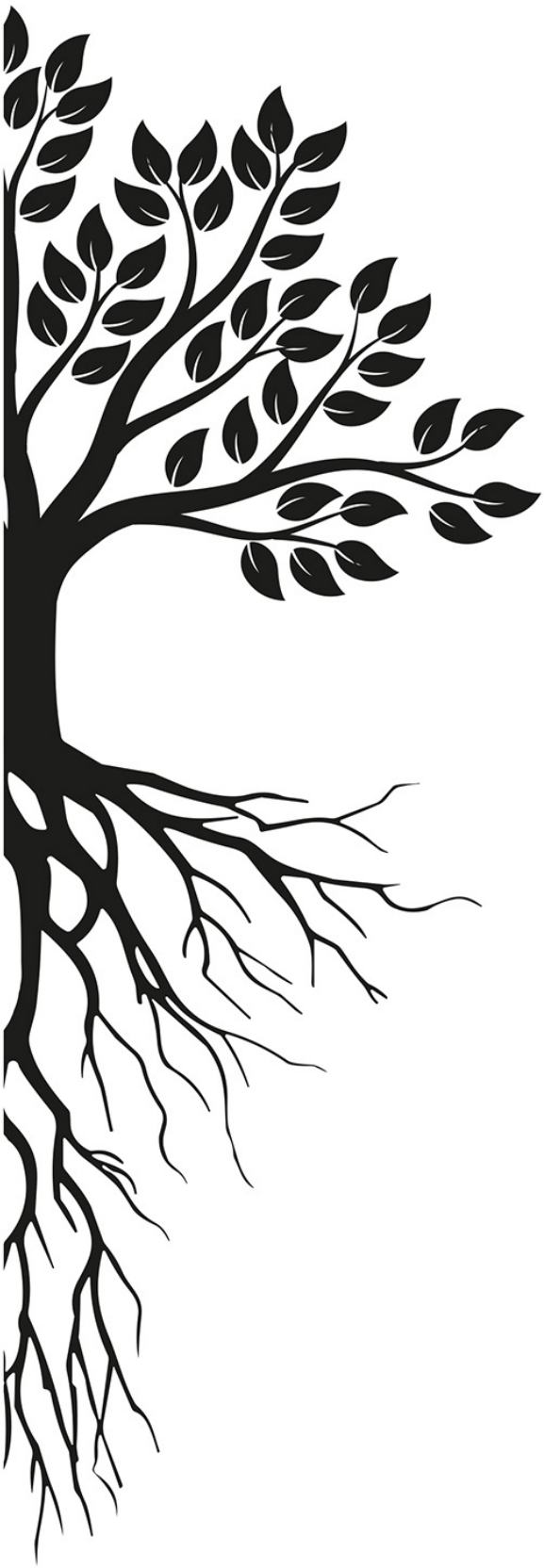
Eu me pergunto para onde vou depois daqui.

Espero que eu volte para você, que eu volte para Highmoor.

Um dia.

Só não agora...

Sua irmã,
Verity



11

O CARVÃO DESLIZAVA PELO PAPEL, uma linha preta intensa se curvando para o lado errado. Esfumacei-a com a lateral do polegar, tentando corrigir o ângulo. Os olhos de Alexander estavam atentos a cada movimento meu.

A luz do sol entrava pelas janelas atrás dele, projetando feixes dourados em seu cabelo escuro e conferindo a ele uma aparência divina. Até as frondes das palmeiras de cada lado dele faziam uma curva de reverência graciosa, completando a ilusão.

Dauphine tinha nos levado para lá depois do café da manhã, prometendo que ali incidia a melhor luz da mansão. Ela tinha chamado de Solário Leste, o que me fez ponderar quantos solários Chauntilalie ostentava.

A luz era perfeita, *sim*, mas com tanto dela se derramando pelas paredes envidraçadas, estava quente demais, e o ar estava abafado o suficiente para deixar minha pele úmida. Eu sentia o meu colarinho engomado começando a murchar de suor.

— Quanto posso me mexer? — questionou Alexander, falando com o cantinho da boca.

A respiração dele tinha ficado tranquila desde que começamos a sessão uma hora antes, com o peito mal subindo e descendo.

— Quanto quiser.

Ele continuou estático.

— Não vai atrapalhar você em nada?

— São só desenhos preliminares. — Tracei o contorno das bochechas. — Só estou me familiarizando com seu rosto.

Então fiquei imóvel, ouvindo como o comentário soou íntimo, e me perguntando se o futuro duque também tinha achado.

Ele mudou de posição, remexendo-se para apoiar o peso no braço da cadeira.

— E como é? — Alexander abriu um sorrisinho, prestes a se alargar ainda mais. — Meu rosto?

Escondi-me atrás do santuário que era o caderno de desenhos.

— Bem adequado.

— Bem adequado? Ah, srta. Taumas, assim você me magoa.

— Você tem um nariz muito comprido — provoquei, com um tom autoritário. — Quando eu for dar o título à pintura, vou chamar de *Alexander*... Qual é seu nome todo?

— Alexander Etienne Cornelius Leopold Laurent — entoou ele com uma fingida solenidade.

— Sério? É ainda mais comprido que seu nariz — respondi e, quando ele sorriu, olhei para além do cavalete, focando o olhar no dele. — O retrato vai ficar bom. Gerações de futuros Laurent vão observá-lo e dizer: "Esse homem tinha muitos nomes, mas olhe como era notável e como o nariz dele era todo proporcional."

— A mamãe vai adorar isso. — Um minuto de silêncio se passou. — Está tudo bem nós conversarmos? Não quero distrair você, mas é um jeito mais legal de passar o tempo.

Meus dedos deslizaram pela página, esfumaçando a sombra das linhas de cabelo, criando a curva da sobrancelha.

— Tudo bem. Na verdade, eu até prefiro conversar quando estou desenhando alguém novo. Quanto mais eu souber de você, melhor consigo retratar na pintura.

— Me conte sobre as Salinas — pediu Alexander, recostando-se e brincando com os botões do paletó de veludo escovado.

Ele tinha escolhido uma gravata de seda do mesmo tom de verde de seus olhos, fazendo-os brilhar na luz do início da manhã.

— Falar de mim não vai me ajudar a saber de você.

Virei a página do caderno, começando um novo desenho. Daquela vez, os movimentos de meus dedos estavam seguros e certos. As linhas fluíam pela página com confiança.

Ele coçou a nuca.

— É, mas pode ser difícil se abrir para uma pessoa desconhecida. Eu não sei nada de você.

— Justo. — Segurei o lápis com mais firmeza, desenhando linhas ágeis e fortes para rascunhar a cadeira de rodas. — Você responde uma pergunta, e depois eu respondo outra.

Alexander concordou com a cabeça.

Fiz uma pausa, tentando aperfeiçoar o ângulo do recosto de vime. Era mais alto que ele, com uma almofada na altura da cabeça.

— Se você não estivesse comigo agora, sentado aqui para fazer o retrato, o que estaria fazendo?

A risada de Alexander foi leve e fácil.

— Provavelmente sentado em outro lugar. Costumo fazer muito... Pare — comandou ele.

Minha boca estava aberta, prestes a pedir desculpas.

— O quê?

— Você está prestes a se desculpar. Não faça isso. Por favor. — Ele suspirou. — As pessoas ficam tão reticentes por causa da cadeira, por eu estar na cadeira. Não devia ser assim. *Você* não devia ficar assim — enfatizou. — É a realidade de boa parte da minha vida. Eu não me lembro de um momento em que não era assim. É parte de quem sou, mas não é a única coisa que me define. Não é desconfortável para mim falar disso, fazer piada com isso.

Abaixei o lápis, fitando-o.

— Eu... eu ouvi dizer que foi um acidente.

— Foi, sim.

— Posso perguntar... como aconteceu?

— A escada no saguão. É bem íngreme para um garotinho. Eu estava descendo correndo para tomar café da manhã, no dia de meu aniversário de quatro anos, e caí.

— E isso causou... — Parei de falar, incerta sobre o que queria dizer.

— Paralisia nas duas pernas. Não consigo sentir nem movimentar nada daqui para baixo — explicou, gesticulando na altura das coxas.

— E você consegue...

— Hã-hã-hã — interrompeu Alexander, balançando a cabeça. — A ideia é cada um responder a uma pergunta. Você já perguntou duas vezes seguidas. — Então se recostou no descanso de cabeça, analisando-me. — Por que minha avó acha que você é amaldiçoada?

Senti um gosto amargo na boca e desejei que ele tivesse perguntado qualquer outra coisa.

— Eu... eu imagino que seja por causa das minhas irmãs. Elas... morreram.

— Quantas?

— Seis.

Ele soltou um assobio.

— Realmente parece ser... uma boa quantidade de azar.

Eu só consegui assentir. Peguei o lápis de novo, girando-o entre os dedos.

— Mas você tem outras, não tem? Outras irmãs?

— Cinco.

— Uma família bem grande. — Ele desviou o olhar do meu, suave e pensativo. — Sempre me perguntei como teria sido crescer com alguém da

minha idade na casa.

— Nem todas somos próximas em idade. Minha irmã mais velha, Camille, é catorze anos mais velha que eu.

Ele murmurou um "hum".

— Eu queria um irmão. Quando eu era bem menor, implorei e supliquei para a mamãe ir às lojas e escolher um para mim... Eu achava que eram criados assim. — O sorriso dele ficou melancólico. — É uma casa grande demais para ficar sozinho.

Parecia mesmo um desperdício, uma residência tão enorme ficar quase sempre vazia. Era para os salões e corredores estarem vivos com o som de passos tamborilando, gritos e risada. Virei outra página, mas não consegui começar um novo desenho.

— Eles tentaram ter outro filho? — questionei, a pergunta invasiva escapando de mim antes que eu pudesse pensar duas vezes.

Alex balançou a cabeça.

— O papai queria... mas não era... a mamãe não conse... — Ele pigarreou. — Pelo que entendo, foi um período difícil quando ela estava grávida de mim.

— Com certeza pode ser difícil para as mulheres. Minha mãe morreu em meu parto — confessei baixinho, então soltei algo próximo a uma risada. — Talvez eu *seja* amaldiçoada.

Alex franziu a testa.

— Eu não acredito nisso. Os deuses... eles nos criaram, criaram tudo isto. — Ele gesticulou ao redor, indicando um espaço maior do que o solário. — Que propósito haveria em amaldiçoar as próprias criações?

— Entretenimento? — chutei.

Ele negou com a cabeça.

— Eles se importam demais com a gente. Até muito, às vezes. Você sabia que a mamãe... — Alex parou de falar, mas os olhos faiscavam.

— O quê?

— Ela provavelmente morreria de vergonha de eu contar, mas... — Ele abaixou a voz. — Na verdade ela é descendente de Arina.

Ergui as sobrancelhas.

— Sério?

O marido de Annaleigh, Cassius, era metade imortal — filho da deusa da noite, Vérsia —, mas não era algo do qual ele falava muito. Muitas pessoas ficavam desconfiadas de qualquer um que tivesse uma descendência divina, dos poderes que talvez possuísse. A maioria era bem normal, sem nenhum vestígio de algo especial, mas havia um bocado de

histórias de outros com dotes extraordinários, e então um estigma se formara.

Alex mordeu o lábio, nervoso com a ideia de ter falado demais.

— A mãe dela... Dizem que talvez ela tenha tido um caso com um dos filhos de Arina, mas que tentou agir como se Dauphine fosse filha do marido.

— Funcionou?

As covinhas apareceram.

— Os rumores persistem até hoje... O que acha?

Sorrimos um para o outro, e comecei outro rascunho no caderno.

— Ela foi embora, sabe? — mencionou ele com cuidado. — A vovó. Foi hoje de manhã.

— Foi embora? — repeti, preocupada. — Por quê?

Alex desviou o olhar do meu como óleo deslizando pela água.

— Para se afastar "daquela garota Taumas amaldiçoada".

Fiquei corada, chocada por minha presença ter tamanho impacto na mulher. Mordi a parte interna da bochecha, hesitando antes de responder:

— Talvez, se ela tem sentimentos tão fortes a respeito... Tenho certeza de que sua mãe acharia outra pessoa para pintar... Eu podia... Eu podia ir embora hoje se... — Parei de falar.

Ir embora para onde?

Não poderia voltar para Highmoor.

Não poderia voltar para Camille.

Eu não me surpreenderia se ela tivesse posto uma frota de navios nos arredores do porto de Salície, pronta para mandar meu pequeno esquife de volta para o continente só para me dar uma lição e demonstrar toda a raiva que estava sentindo.

— Ah, não — retrucou Alex, depressa. — Com certeza não. A vovó adora um drama. Tenho certeza de que ela está tentando punir a mamãe por... — Deu de ombros. — Alguma coisa, sem dúvida.

— Mas sair de casa...

— Ela não está vagando ao relento pelas ruas de Florice, eu garanto — comentou ele, com um sorriso malicioso. — Temos vários outros imóveis menores pelo reino. Uma cabaninha na beira do lago em Forésia. Um apartamento na capital. A Casa Marchioli, lógico.

— Casa Marchioli — falei o nome devagar, saboreando a pronúncia.

Ele confirmou com a cabeça.

— Marchioli é nossa casa de inverno, embora a mamãe e o papai não a tenham usado em anos. Não desde... — Ele lançou um olhar significativo para as próprias pernas. — Meu avô a construiu logo depois de virar

duque. Ele não aguentava ver Chauntilalie no inverno, com todas as plantas mortas ou adormecidas até a primavera. Não parece incomodar tanto o papai, considerando que ele tem a estufa.

Eu estava com o estômago embrulhado como se estivesse me equilibrando em uma corda bamba. Um passo em falso, e o tombo garantiria minha morte.

— Então... você acha que ela está na Casa Marchioli?

Alex negou com a cabeça.

— É longe demais para a vovó. É provável que ela tenha ido para a capital. Foi visitar velhos amigos na corte, conhecer novos restaurantes. Sabe como é.

Eu me recostei no assento, sem saber se valia a pena terminar o desenho que eu havia começado.

— Não fique incomodada com isso. A mamãe quer você aqui. Eu... eu quero você aqui.

Alex abriu um sorriso tranquilo e reconfortante.

Retribuí o sorriso, mas o gesto pareceu tenso e frágil. Voltei ao desenho, rascunhando linhas pela página com pouca atenção.

— Lendo — disse Alex de repente, rompendo o silêncio inquieto que recaiu sobre nós. — Você perguntou o que eu estaria fazendo agora se você não estivesse aqui. Eu... eu gosto de ler. À beira do lago, se o tempo estiver bom. Ou tem uma salinha no segundo andar com janelas grandes que dão para os jardins. Se for um dia chuvoso, levo o livro para lá. Gosto de ver o relâmpago dançando pelo céu, sentir o trovão sacudindo o vidro.

— Lendo.

Eu imaginava o cenário com facilidade, via a pilha de livros ao lado de Alex, ouvia o farfalhar das páginas, sentia o cheiro da chuva e da tinta. Combinava bem com Alex. Ele parecia confortável, feliz.

Alex assentiu, fervoroso, tendo já esquecido da conversa anterior.

— Tantas coisas do mundo do lado de fora dessas paredes não foram feitas para mim, para a cadeira, para... tudo... Mas com os livros posso ir a qualquer lugar, de uma só vez, livre. Posso andar pelas ruas de Arcano, desvendar um assassinato em Pelage, até ver como são suas ilhotas.

Enquanto falava, uma expressão entusiasmada tomou seu rosto, e me apressei para desenhar a imagem, misturando-a à minha visão.

— Qual é seu lugar favorito no lago? — perguntei, inspirada.

Alexander inclinou a cabeça, pensando.

— Tem um arvoredo...

— Pare! — Afastei o cavalete e me levantei. — Não me conte, me mostre.



— Minha nossa... — murmurei, olhando para cima.

As árvores favoritas de Alex eram imponentes, curvando os galhos finos e nos dando um banho de flores cor-de-rosa vívidas e folhinhas verdes. A luz encontrava caminho em meio à copa, criando um efeito deslumbrante de sombras rajadas e explosões de um branco ofuscante. Para além do arvoredo, estendia-se um lago enorme. As águas cinzentas eram fundas, e espuma branca boiando na superfície.

— São olaias choronas — explicou Alexander, apalpando o tronco branco como se fossem velhos amigos. — Poucas da espécie em toda a Arcânia.

— As outras... morreram?

Toquei as flores pairando ao redor. Os miolos tinham uma cor vermelha linda, como coraçõezinhos intocados dentro dos brotos vistosos.

— Não, o papai não criou muitas.

— Ele as plantou?

— Enxertou — corrigiu Alex. — É o que ele faz. É um botânico. Experimenta cepas de flores, cruzando-as e criando híbridos, mas, quando era mais jovem, adorava trabalhar com as árvores. Ele fez essas cinco e até enviou uma para o rei Alderon. Ouvi dizer que ainda está lá em algum lugar no terreno do palácio.

— São incríveis. — Uma brisa soprou, balançando os galhos e enchendo o ar com a doçura floral suave. — Entendo por que é seu lugar favorito.

— Eu gosto de ficar observando a água — explicou ele, voltando a atenção ao lago. — É tão volúvel... Ontem parecia quase de um azul-turquesa e estava quase tão imóvel quanto uma lagoa, sem qualquer indício de onda. E aí hoje... — Alex gesticulou para a agitação da água. — Bem, você entende dessas coisas.

Estiquei a manta que Alexander encontrara para nós, posicionando-a sob a mais alta das árvores. Ele acionou duas alavancas contra as rodas da cadeira para evitar que saísse do lugar enquanto o valete, Frederick, ia à frente e o ajudava a levantar-se.

Dauphine não estivera brincando. O homem era o mais alto que eu já vira, um verdadeiro gigante e bastante forte. Frederick o pegou no colo, como se não passasse de uma criança, antes de colocá-lo no cobertor. Ajeitou as pernas de Alex, deixando-o em uma posição confortável, e um segundo criado apareceu com travesseiros para que ele se recostasse.

— Obrigado, Frederick, Johann — disse Alexander, acenando com a cabeça enquanto eles se afastavam. Então olhou para mim e explicou: — Eles vão ficar por perto, caso eu precise deles. Então... o que estamos fazendo aqui?

— O retrato tem que ser uma representação sua... neste momento da vida. Muitos retratistas acabam empacando nos adornos: as cortinas de veludo, o globo e a biblioteca, as espadas e os símbolos. Isso tudo é para impulsionar a ideia de importância na pessoa retratada, para fazer a pessoa parecer toda monumental, mais grandiosa do que o público. Só que quando você olhar para o retrato daqui a muitos anos, quero que olhe e diga: "Aí está um jovem que gostava de ler próximo ao lago e de olhar para as olaias choronas. Nossa, como nos divertíamos."

Alexander ficou me analisando e, enquanto as ondas quebravam na margem do lago e as cortinas feitas de flores balançavam ao redor, eu me perguntei se tinha falado demais, se ele achou o discurso insuportável e pretensioso, as aspirações de uma pintora novata que não deveria estar registrando a imagem de um futuro duque.

— Isso é... Eu nunca ouvi ninguém falar de tais sentimentos de forma tão eloquente. Eu sinto... sinto exatamente isso. Há muita gente aqui em Florice que se coloca numa posição de importância, como mencionou, valorizando a aparência de algo acima do conteúdo. Estão mais preocupados com como são percebidos do que como são de verdade. O Povo do Sal pode ficar encucado com formalidades prosaicas, mas o Povo das Pétalas fica tão envolto em aparência que não consegue olhar de forma alguma para além da superfície. Esse... *esse*... é o motivo para eu querer adicionar o alisso a meu brasão, que se dane o papai.

— Um valor para além da beleza — afirmei, com as palavras que ele havia dito na noite anterior ecoando na mente. — Eu tinha imaginado que as diferenças de opiniões entre vocês iam para além de uma simples flor.

Ele confirmou com a cabeça.

— Temos *tantas* diferenças, o papai e eu. Tantas opiniões conflitantes. Eu não acho que nós, enquanto povo, fomos sempre assim, ansiando pelo novo, pelo impecável. Precisamos voltar aos costumes antigos, aos tempos mais simples. — Alex retesou a mandíbula. — O papai não acha isso, óbvio.

— O que os outros vão pensar?

Alexander deu de ombros.

— Isso importa?

— Talvez não, mas a *verdade* é que vocês adoram a deusa do amor e da beleza. Imagino que os postulantes de Arina vão ter várias opiniões a

respeito disso. Eu nem consigo dizer o que nosso Alto-Marinheiro faria se Camille de repente suspendesse o ato de navegar.

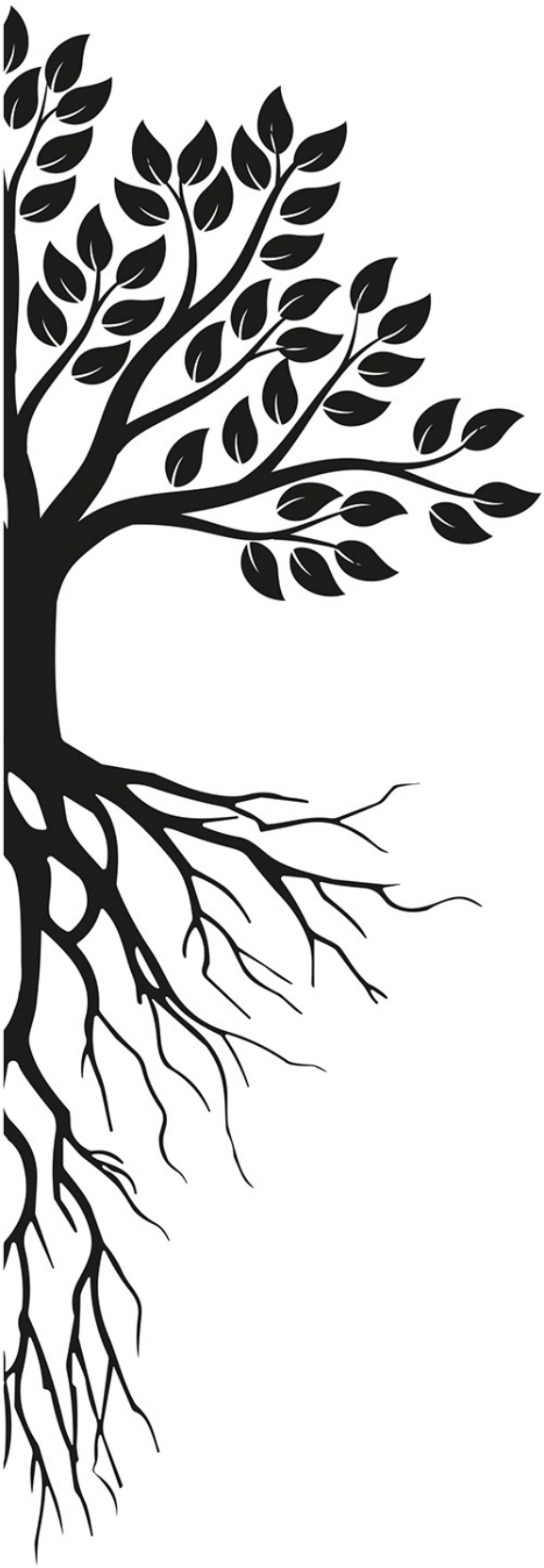
Ele franziu bastante as sobrancelhas até formarem uma linha escura e grossa.

— Você me entendeu mal. Eu não quero banir as representações de Arina... isso seria impossível. A beleza existe em todos os cantos do mundo. O amor mora dentro de todos nós. É esse o ponto. Eu só... só quero aprofundar isso. Mostrar que pode haver... que *deveria* haver... uma essência lá no fundo. Lógico que uma noiva no dia do casamento é linda, mas esse brilho não diminui com a idade avançada, quando ela estiver cansada demais para seguir quaisquer que sejam as modas ridículas que as lojas e os salões estiverem exaltando. Sei que Arina sorri ao se deparar com um casal de velhinhos andando pela rua juntos, de mãos dadas, firmes no compromisso que fizeram um ao outro. Existe amor no cuidado com os doentes, com os fracos, com os feios. Uma flor murchando tem tanto esplendor quanto uma prestes a desabrochar. As pessoas se apressam para idolatrar o revigorante e o novo. Fetichizam a coisa toda. — Ele esfregou a testa, seus olhos estavam vívidos e fervorosos. — Por que deveríamos celebrar um sem o outro?

— Não deveríamos — respondi, movimentando a mão, frenética, enquanto corria para registrar o momento no papel.

Queria capturar a inclinação exata da cabeça dele, a paixão e a convicção tomando seu rosto, o calor no olhar.

Pronto. Aquela era a imagem perfeita para o retrato de Alexander.



12

Ficamos no lago até bem depois de as sombras da tarde se alongarem pelo terreno.

Dauphine mandou bandejas cheias de pão fresco e carnes assadas frias, queijos e frutas para um piquenique de última hora. Depois, veio um carrinho que parecia oferecer um serviço de chá completo com torres de bolinhos que pareciam pequenas obras de arte.

Enchi quase metade do meu caderno com os pequenos detalhes de Alexander. Havia dezenas de rascunhos das mãos dele, a curva do sorriso, os olhos. Os desenhos ficavam mais detalhados à medida que eu me familiarizava com os formatos e as linhas dele. Algumas das reproduções pareciam saltar das páginas, cópias perfeitas do rapaz.

Às vezes conversávamos, em outras ficávamos calados. Ele tinha enfiado um livro na lateral da cadeira de vime e, depois do almoço, começou a ler em voz alta, fazendo-me rir enquanto interpretava os personagens com vozes engraçadas, atuando e fazendo drama. Eu não conseguia imaginar uma tarde mais perfeita.

— Acho que temos que entrar, não é? — comentou ele quando um coro de rãs começou a entoar a melodia do crepúsculo. — Temos que nos trocar para o jantar... Arina nos acuda se alguém me vir usando a mesma roupa que estive usando de tarde.

Comprimi os lábios, tentando conter o sorriso que queria surgir. Parecia absurdo quando ele falava daquele jeito.

Alex exalou devagar, observando a água.

— Foi um dia muito maravilhoso. Odeio que esteja acabando.

— Foi bem bonito mesmo — concordei, colocando os materiais na lata e tirando as lascas de lápis do meu colo. Minhas mãos, manchadas de preto, reclamavam de uma dorzinha de cansaço, mas satisfação. — E somos muito sortudos por podermos fazer isso de novo amanhã, não somos?

— Não vai ser a mesma coisa. A água vai estar diferente. Você também. As flores vão estar um dia mais velhas. E eu também... Só para constar, não acredito que você seja amaldiçoada — declarou ele baixinho, enfim

desviando o olhar do lago para mim. — Eu só... queria que soubesse disso. E sinto muito pela vovó ter trazido à tona uma época tão dolorosa de sua vida.

— Está tudo bem... — comecei a falar, mas logo ele me cortou.

— Não está — insistiu. — E vou falar isso com ela quando ela retornar. Você tem minha palavra.

Sorri. Eu não o conhecia há muito tempo, mas já tinha percebido como Alexander queria que as coisas fossem feitas do jeito certo. A bússola moral dele era inabalável. Nunca conheci alguém tão bondoso, tão gentil.

A frase reconfortante intensa dele me deixou de coração quentinho, e desviei o olhar antes que começasse a corar por inteiro.

— O que é aquilo? — questionei ao notar uma forma escura bem no meio do lago.

O sol poente brincava com os ângulos, fazendo a coisa brilhar. Era uma espécie de estátua. Estreitei os olhos, tentando ver melhor. Quase parecia...

— O coração em chamas de Arina — explicou Alexander. — É parte do antigo sacrário dos Laurent.

— Uma estátua? No meio de um lago? Como que fica fixa ali? A água parece tão funda.

— Ali tem quase que uma ilhazinha. Um dia levo você lá.

Gostei do jeito que ele disse aquilo, com um pressuposto tão casual de que teríamos vários *uns dias* juntos no futuro.

Depois de um momento, ele acenou, gesticulando para Frederick e Johann se aproximarem. Alexander fez uma careta quando Frederick o ergueu do chão e o recolocou na cadeira.

— Obrigado.

— Devo levá-la de volta ao seu quarto, srta. Taumas? — questionou Johann, pegando meus lápis de cima da manta.

— Ah, por favor, obrigada — respondi, soltando o caderno.

Alex seguiu pelo caminho em direção à mansão, esforçando-se para pegar o embalo e guiar a cadeira barranco acima.

— Posso? — perguntei.

— Ah, você não precisa...

— Eu sei — interrompi. — Mas posso e quero.

Segurei as barras às costas da cadeira. Movimentava-se com mais facilidade do que esperava, mas ainda requeria um esforço concentrado para mantê-lo na trilha.

— Bem, obrigado. — Alex estava com o rosto vermelho por causa do esforço. — Preciso recorrer a Frederick para tantas coisas... ele me ajuda a

subir e descer da cadeira e com outras... tarefas pessoais... mas faço o esforço de me movimentar sozinho pelo terreno.

— Você gosta de ser independente.

Ele concordou com a cabeça.

— Vire à direita na bifurcação.

Girei a cadeira o melhor que pude, apoiando o peso em um dos suportes para que a mudança na direção não fosse tão drástica. Quando chegamos a um terreno mais nivelado, ele esticou o braço para trás e apalpou minha mão.

— Você é uma pessoa bastante gentil, srta. Taumas.

Os dedos dele se demoraram em cima dos meus, e o calor do contato me causou uma vibração pelo corpo.

— O dia inteiro foi "srta. Taumas isso" e "srta. Taumas aquilo". Achei que fosse me chamar de Verity...

Ele balançou a cabeça.

— Isso foi ontem à noite. É mais fácil ser audaz e cavalheiro no escuro. Mais fácil assumir o papel de garoto charmoso encontrando a menina bonita pela primeira vez. A luz do dia vem e acaba com toda a coragem. Faz a pessoa se perguntar se foi atrevida demais, ousada demais.

Ele ousou se virar para trás e olhar para mim, seu olhar inseguro.

Eu me senti à beira de um precipício, sem saber onde pisar. Embora houvesse vários jovens trabalhando em Highmoor, Camille sempre deixou evidente que não aprovaria uma sociabilidade casual entre eles e eu. Como irmã de uma duquesa, eu ouvira que merecia pretendentes melhores, mas — com uma nítida ausência de pretendentes possíveis nas ilhas — tive que presumir que qualquer coisa *naquele* sentido só aconteceria para mim dali a muitos anos.

O que estava acontecendo no momento?

Eu tinha gostado do dia com Alexander, muitíssimo. Ele era inteligente e engraçado, e, mesmo tendo passado uma tarde desenhando as feições dele, não me fez admirar menos a aparência do rapaz.

Só que aquilo era novidade para mim.

Aqueles sentimentos eram novidade para mim.

Aquelas comoções eram por estar maravilhada com a nova situação ou com o charme persuasivo de Alex?

Porque ele era charmoso, *sim*; isso era inegável. Eu o imaginava vagando por um salão de baile, meia dúzia de jovens seguindo os movimentos dele, com estrelas dançando nos olhos admirados. Imaginei o olhar dele voltando para mim, escolhendo a mim.

— Acho que... — Parei, com a voz falhando. — Eu acho que não deveria se preocupar com isso. Com nada disso. E acho que devia me chamar de Verity.

Agindo com uma ousadia nada característica, girei a mão sob a dele para que as palmas se tocassem. Alex roçou o polegar pela pele suave de meu pulso, e prendi a respiração, deliciada com a sensação íntima.

Isso não significa nada, disse a mim mesma. *Nada mesmo*.

Embora fosse verdade que tanto o pai dele quanto o meu eram duques, eu era a última entre minhas irmãs. Uma garota como eu nunca acabaria com alguém como ele.

Contudo, ainda assim... senti uma emoçãozinha ao testar como era a sensação de um flerte inocente.

— Verity. — Alex sorriu, apertando minha mão. — Alex. E Verity.

— Alex! — Uma voz ecoou antes que eu pudesse responder. — É você? — Gerard Laurent surgiu de detrás de uma sebe alta e bem cuidada, e afastei a mão da de Alex, enfiando-a atrás da cadeira de rodas como se tivéssemos sido flagrados fazendo algo terrível. — Ah, e Verity, excelente! Enfim está acontecendo. Vocês precisam vir ver, os dois. Venham, venham!

Ele desapareceu atrás de outro aglomerado de arbustos.

Alex olhou para mim, com um sorriso radiante.

— Primeiro as damas... Verity.



— O que é aquilo ali? — perguntei, confusa.

Estávamos dentro da estufa enorme que eu tinha visto na noite anterior, diante de uma mesa de trabalho comprida. As vidraças ficavam posicionadas nas extremidades, projetando reflexos das cores do arco-íris nas plantas. O ar era quente, úmido e cheirava a *verde*. Eu quase sentia a clorofila na língua, fresca e intensa.

Na mesa havia dezenas de vasos e terra esparramada, punhados de musgo seco e frascos de líquido colorido. Instrumentos de latão estavam dispostos de forma cuidadosa e organizada. O lugar serviria bem para uma composição de natureza-morta, mas a atenção de Gerard estava focada apenas em três vasos de planta ali no meio.

Eram um estranho emaranhado de videiras espiraladas e brotos de roxo-escuro, tão apertados quanto punhos.

— O papai vem trabalhando nessas flores faz quase um ano — explicou Alex.

— E elas não desabrocharam nenhuma vez — adicionou Gerard, sem perceber a censura velada do filho. — Os brotos sempre acabam definhando, virando cascos secos de decepção e fracasso. Mas aqui, olhem isso — disse o homem, brincando com a posição do vaso do centro.

Um dos brotos parecia mais solto que os outros, maior e mais suave, como se fosse alguém sonhando, espreguiçando-se em meio ao sono, instantes antes de acordar e saudar um novo dia. As bordas eram adornadas como uma serpentina de confete, salpicada de tons deslumbrantes de bizâncio e clarete.

— Nunca vi nada assim — murmurei, inclinando-me para olhar mais de perto.

Devagar, de modo espetacular, a coisa se desenrolou, uma dama girando as saias por um salão de baile. As pétalas iridescentes tinham uma textura suave, como o pelinho ralo na bochecha de um bebê, com camadas grossas e extravagantes todas juntinhas. Quando se abriu de todo, um estame vermelho-vivo se erguia, orgulhoso.

— Parabéns, pai — disse Alex em respeito.

— Ah — sussurrou Gerard, com a voz densa e reverente. — É mais magnífica do que eu poderia ter imaginado.

Ele aproximou a mão direita da flor e, por um momento horrível, temi que ele fosse arrancá-la, mas em vez disso girou os dedos em círculos amplos, abanando a fragrância em nossa direção.

Era um cheiro curioso, profundo como a resina de um pinheiro, mas com uma complexidade sobreposta que parecia familiar, embora eu não conseguisse identificar de onde.

— Então você... criou isso a partir de outras flores? — perguntei, sentindo-me perdida em meio a um mar de conceitos desconhecidos.

Gerard confirmou com a cabeça.

— Esse é o resultado de infinitas polinizações cruzadas e enxertos. Começou com uma florzinha aster bonita de que sempre gostei e uma planta nixmista.

Eu sentia a censura implícita de Alex emanando dele e quase o via pensando que fora melhor quando as duas plantas estavam por conta própria, criações separadas, como fora a intenção dos deuses.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, tentando evitar que Gerard identificasse o humor do filho. Independentemente de qual fosse a opinião de Alex, aquele era um grande momento para o pai dele, algo no qual tinha se empenhado muito.

— Nunca ouvi falar da nixmista.

Eu queria esticar a mão e acariciar as folhas aveludadas, tão escuras que quase pareciam pretas, mas me contive.

— É uma flor rara, encontrada apenas nas Montanhas Cardãs e quase impossíveis de cultivar fora da paisagem acre. Só que enfim aperfeiçoei a mistura de fertilizante para colocar no solo aqui. — Ele deu um tapinha em um dos frascos de vidro. — Enxofre, cinzas e folhas de chá.

— Sério? — Estreitei os olhos para o líquido turvo. — Como chegou a essa combinação?

— Tentativa e erro, minha querida Verity, tentativa e erro.

Contei os vasos entre nós.

— E vai fazer só essas três?

— Nesta tentativa, sim. Três. Sempre três. Um é uma amostra pequena demais. Qualquer coisa que produzisse poderia ser por acaso. Dois também não é o bastante. Ambos poderiam falhar, e aí voltaria à estaca zero. Porém, com três, dá para identificar os problemas. Os pontos em que as coisas deram errado. — Ele acenou com a cabeça, fervoroso. — Sempre três.

— Estávamos indo jantar — comentou Alex, afastando-se da mesa.

— Lógico, lógico. Jantar... — Gerard parou de falar, com atenção completa na planta. — Hoje, não, acho. Preciso fazer muita coisa ainda. Preciso fazer as medições e começar a desenhar...

Aquilo despertou meu interesse.

— Desenhar?

Gerard ergueu a cabeça, olhando para mim com surpresa.

— Isso, lógico. Preciso documentar tudo... Talvez queira me ajudar... Dauphine disse que suas habilidades com o pincel são louváveis.

— Pai, ela trabalhou o dia inteiro. Tenho certeza de que ela...

— Eu adoraria — declarei, interrompendo Alex.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— É uma flor que vou ver uma vez na vida — expliquei, abrindo um sorriso reconfortante a ele. — Eu não poderia perder isso por algo tão trivial quanto um jantar. Além do mais... assim *eu* não preciso trocar de roupa.

Alex abriu um sorriso, achando graça.

— *Touché*.

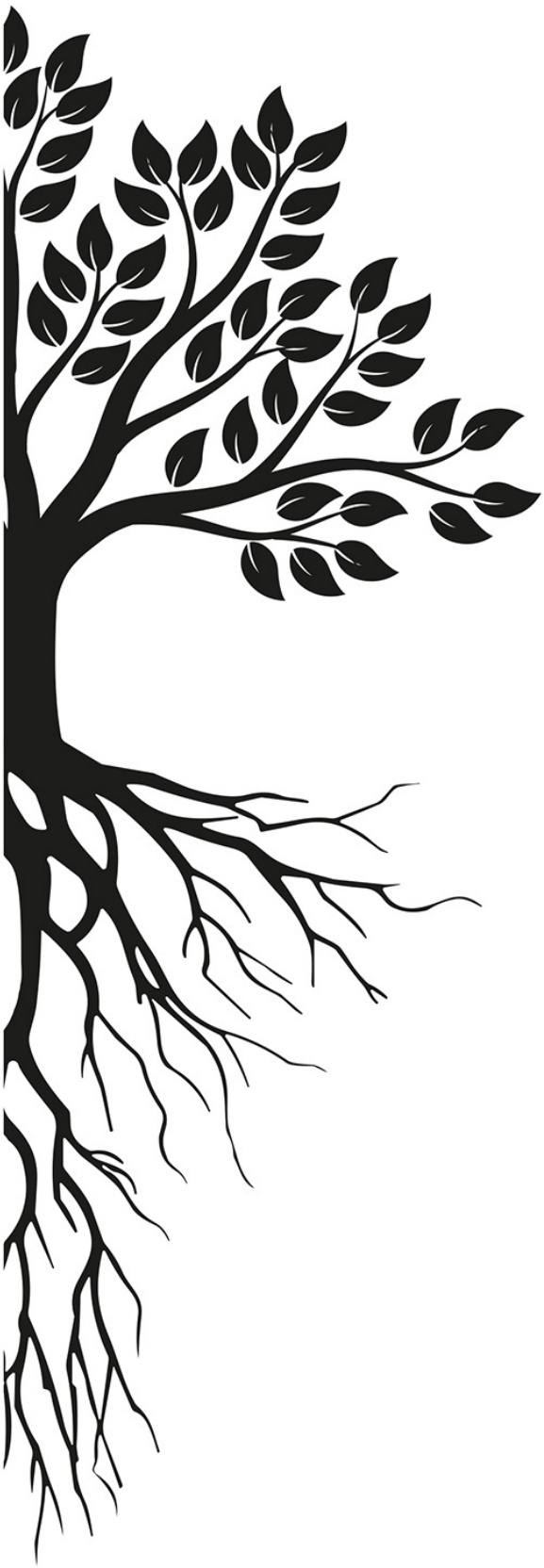
— Excelente. — Gerard deu tapinhas em minhas costas com uma força considerável. — Eu tenho um guia de trabalho aqui... — Ele enfiou a mão debaixo da mesa e sacou um caderno enorme. — E há aquarelas no compartimento bem ali. — O botânico abriu uma gaveta e de lá tirou

pequenas réguas e canetas de pena. — Alexander... diga a sua mãe que não vamos jantar, mas peça para ela mandar uns pratos para cá, por favor? E talvez uma garrafa de espumante... Sim! Isso pede uma celebração, não acha?

— Mãe, jantar e espumante — recitou Alex. — Algo mais? Verity?

O jeito que ele alongou as sílabas de meu nome fez minhas bochechas corarem, e fiquei grata pelo foco exclusivo de Gerard estar nos instrumentos de trabalho.

Neguei com a cabeça, e ele começou a conduzir a cadeira para longe, afastando-se de costas para o caminho pavimentado da estufa, assim ele poderia continuar me encarando até chegar à rampa que levava à mansão. Logo antes de prosseguir, ele deu uma piscadela, e então sumiu de vista.



13

— Maravilhoso, maravilhoso — murmurou Gerard, espiando por cima de meu ombro para analisar o trabalho.

Outras duas flores tinham começado a brotar, e eu estava determinada a retratar a imagem exata das pétalas estranhas em cada etapa do desenrolar.

As latas de aquarelas estavam espalhadas pela mesa como peças dos quebra-cabeças que Marina e Elodie adoravam montar a tarde toda. Passei o pincel úmido por uma porção de verde-junípero, então passei pela página, seguindo o contorno dos caules da planta. Um toque de vermelho surgiu em seguida, fazendo alusão ao vaso sombreado embaixo.

Gerard foi para o outro lado da área de trabalho, dando um bom gole na taça de espumante. Ele tinha acabado com a maior parte da garrafa e cambaleava um tanto.

— Sabe... — murmurou ele, pensativo. — Quando Dauphine propôs trazer uma pintora das Salinas, achei a ideia absurda. Qualquer um que se preze seria daqui. De Florice. Teria passado por algum dos conservatórios, encontrado um patrono e moraria em algum sótão boêmio em cima da própria galeria. — Gerard ergueu a taça em minha direção em um brinde solene. — Eu estava errado, e com certeza direi isso à minha esposa.

A menção dele às Salinas me deixou incomodada. Era fácil não pensar nas minhas irmãs enquanto eu fazia os desenhos de Alexander, mas ali, no escuro, as preocupações se multiplicaram, acumulando-se no centro de meu peito e sufocando meus pulmões.

Ele estava feliz com meu trabalho no momento, mas e se Camille mandasse uma carta para ele, dissesse todas as coisas horríveis que achava a meu respeito?

Com certeza ela não ousaria fazer isso.

Como minha irmã dissera, qualquer vestígio de insanidade mancharia a reputação de todo mundo, inclusive a dela.

Ainda assim, fiquei cutucando a lateral da unha do polegar, ansiosa.

Talvez eu devesse escrever uma carta para ela, uma de verdade, e realmente mandar, em vez de escondê-la nas profundezas do baú.

Gerard não reparou em minhas preocupações. Tamborilou os dedos no desenho que eu já havia finalizado, o trabalho sempre seu foco.

— Você é uma maravilha, Verity. De verdade. Queria que documentasse todos os meus estudos. Eu tenho vários cadernos em meus aposentos, mas nenhum parece tão real quanto o que fez aqui. Eu quase... — Ele parou de falar, balançando a cabeça para espantar pensamentos que eu não tinha o direito de saber.

— O quê?

Ele abriu um pequeno sorriso, pego no flagra.

— Eu sempre desejei que Alexander e eu tivéssemos momentos assim... arregaçando as mangas, lado a lado, trabalhando em prol de um objetivo em comum. — O meio-sorriso sumiu. — Mas ele não tem interesse em nada disso. Nesta noite, tive um gostinho desses devaneios.

Fiz uma pausa, parando com o pincel logo acima do papel, perguntando-me qual seria a melhor abordagem para uma situação nitidamente delicada.

— Por que acha que é o caso?

Gerard passou o dedo pela borda de uma das folhas.

— Ele acha que meu trabalho é frívolo. Até uma blasfêmia.

— Uma blasfêmia?

Ele desviou os olhos para o topo da estufa.

— Alexander me lembra de meu pai às vezes. Muito devoto. Muito fiel às próprias crenças. — O botânico balançou a cabeça e virou o restante do espumante. — Eu odeio vê-lo seguir o exemplo do papai. Aquele homem era insuportável de tão teimoso.

— A teimosia nem sempre é algo ruim — argumentei com cautela. Tinha a nítida impressão de que os dois homens tentavam me fazer ficar do lado deles no debate, e eu não queria decepcionar nenhum dos dois. — Alex disse que você levou um ano cultivando as flores, tentando de novo e de novo.

Gerard confirmou com a cabeça.

— Um homem menos teimoso não teria se dado ao trabalho.

Adicionei uma sombra suave sob o vaso, e a reprodução estava completa.

— Perfeito — concordou ele, deixando o assunto morrer enquanto enchia nossas taças com o que restou na garrafa. — A você... e ao retrato de Alexander. Se for minimamente parecido com as aquarelas, vou ter que encontrar um lugar melhor para pendurá-lo no Grande Salão.

— A você — respondi, sentindo o rosto corado de satisfação pelo elogio. Ergui a taça na direção dele. — E a sua conquista aqui hoje. Você criou algo

realmente magnífico.

Gerard estufou o peito de orgulho, e brindamos as taças em um tilintar alegre. As bolhas dançantes fizeram cócegas em minha garganta ao descerem, e fiquei me sentindo quentinha e um tanto zonza.

— Alexander me mostrou suas árvores choronas. São lindas.

Ele sorriu, satisfeito.

— Aquelas foram complicadas.

— Como decide quais plantas enxertar em conjunto? Eu não faria a menor ideia de como conseguir nada disso.

Gerard deu um gole demorado, ponderando.

— Eu olho ao redor do mundo e tento imaginar a melhor versão de tudo o que vejo. Como... aquela fileira de morangos crescendo ali. — Ele apontou. — O clima na estufa os ajuda a crescer o ano todo, mas os de inverno nunca têm o mesmo sabor doce. Um dia fui andar pela floresta depois de uma grande tempestade e descobri um aglomerado de bagas cor-de-rosa, crescendo no auge do inverno. Eram deliciosas. Escavei uma muda e a trouxe para cá para analisar. Foram muitas tentativas e erros, mas agora nossas bagas são perfeitas o ano todo.

— Deve ser tão emocionante — refleti. — Criar algo tão útil do nada.

— Imagino que seja como quando você termina uma pintura. Você começou com uma tela em branco e então... Veja só! Arte! Traz uma sensação de que somos um deus, não é?

Tentei manter uma expressão neutra. Nunca conhecera ninguém que falava com tanta casualidade sobre os deuses, e aquilo me causava uma sensação incômoda bem lá no fundo.

— Imagino que sim. Um pouco. Talvez.

Ele ergueu o cálice de novo.

— Um brinde a alcançar a divindade!

A irreverência ostensiva dele me fez sorrir, mas eu mesma não ousei repetir a frase. Quando encostei a taça na dele, o restante da bebida dele derramou, e eu sentia a noite chegando ao fim.

— Que nome vai dar a essa aqui? — perguntei, voltando a atenção à flor para dar uma última olhada.

— *Callistephus constancensia*.

— Lindo.

Ele concordou com a cabeça.

— É o certo. Ela ajudou tanto com isso.

— Dauphine? — questionei, ponderando por que ela não se juntara a nós, sobretudo sabendo quanto tempo Gerard havia dedicado às flores.

O jantar já deveria ter acabado àquela altura. Não havia relógios na estufa, mas parecia estar perto da meia-noite.

— Constance — corrigiu ele, sem oferecer maiores explicações. — Imagino que esteja ficando tarde... e você já tinha passado o dia todo trabalhando. — Gerard olhou para as janelas altas, úmidas por causa da condensação. — É lua cheia hoje. — Então mordeu o canto da boca, matutando algo. — Quer ver um último espetáculo antes de descansar?

A curiosidade afugentou qualquer cansaço que eu sentia.

— Um espetáculo?

Ele confirmou.

— Prometo que não tem nada igual em Highmoor. Venha comigo.



No jardim em Chauntilalie, dezenas de olhos brilhavam em nossa direção, e pareciam reais ao piscarem enquanto as flores balançavam à brisa fresca da noite.

— São as espectros-escuros — contou Gerard, apontando para os olhos como se eu não tivesse reparado. — Florescem à noite, só sob os luares mais intensos.

Estreitei os olhos e consegui discernir o formato delas, as pétalas sinuosas que pareciam ter sido desenhadas por uma criança. Eram de um azul tão escuro que se mesclavam à noite, deixando o centro anelado branco à mostra de um jeito pleno e horrendo.

— No passado tínhamos uma corujona que vivia aqui perto. Uma criatura enorme; as asas abertas eram mais largas que meus braços. Era incrível de ver, mas a brutamontes ficava destruindo meus canteiros. Pegava uns pedações de terra nas garras quando atacava ratos-do-campo desavisados e arrancava as malmequeres que eu tinha passado temporadas cultivando. Plantei essas aqui perto das tocas da criatura, e nunca mais nos incomodou.

— São aterrorizantes — comentei, agachando-me para ver melhor. — Eu nunca imaginaria que eram flores. Parecem mais...

— Demônios — completou o botânico. — Consegui as sementes com um viajante que alegou terem sido escondidas do Sanctum. Imagine só que tipos de coisas brotam na terra dos deuses?

Balancei a cabeça enquanto olhava ao redor do jardim, que parecia transformar as formas sombrias em figuras fantasmagóricas, coisas que

eram grandes demais, ágeis demais, tudo *demais* para aquele mundo.

— Que maravilhas eu poderia criar... que prodígios deslumbrantes...

— Acha mesmo que poderia melhorar os jardins dos deuses? — Eu queria manter o tom leve e ágil como o de Gerard, mas a impertinência casual dele me causou uma sensação de mal-estar sóbria e inquietante.

— Minha querida Verity, eu não acho — corrigiu ele, dando uma piscadela travessa. — Eu tenho certeza.

— Não tem medo de que Seland ouça isso e resolva vir atrás de você? — Imaginei o deus da terra pisando duro pelos jardins de Gerard, apanhando-o como um agricultor colheria cenouras. — Ele fez as flores e as árvores de um jeito por algum motivo.

— Sim, mas foram os motivos *dele*. Ele fez nosso mundo para si próprio, e aí se mudou para outro mundo. Faz milênios que ninguém o vê, nem nos dias mais sagrados de festa. Ele deixou tudo aqui de um jeito específico, mas ouso imaginar algo melhor. Sou como um deus supervisionando a propriedade, produzindo e criando de acordo com as minhas necessidades, com os meus desejos. — Ele passou os dedos pelo cabelo, bagunçando o penteado certinho, enquanto observava os arredores. Então sorriu, satisfeito com o que via, e tentei não tremer. — Mas venha, venha. Dauphine vai me matar se eu mantiver você aqui fora até tarde da noite. Tem um atalho por aqui...

Ele me guiou por um caminhozinho nos fundos do jardim.

— Atravessamos aqui e... — Ele olhou para trás, pressentindo que eu não estava atrás dele. Então seguiu meu olhar em uma direção. — Ah, sim, lógico.

Eu paralisei ao ver um monte de túmulos. Estavam sob os galhos extensos de um salgueiro, como filhotes debaixo das asas da mãe. As lápides de quartzo cintilavam ao luar, reluzindo com um branco sobrenatural.

O espaçamento estava errado, próximos demais entre si, próximos demais da casa.

— São... animais de estimação?

Ele mordeu o lábio inferior.

— São... bem... são meus filhos.

Senti palpitações no peito, tomada pelo constrangimento. Era óbvio que eu tinha entendido errado a conversa de antes com Alex. Dauphine deveria ter tentado ter mais filhos, muitas vezes. Dei um passo na direção dele, no esforço de reparar o dano que meu erro pudesse ter causado.

— Lamento por... tantas perdas — murmurei, contando as pequenas pedras, nove no total.

Ele balançou a cabeça, como se ver as lápides não o incomodasse mais.

— Não eram... Não era para ser.

Juntos, observamos as pequenas pedras, e senti o peito apertado por ele. Nunca havia conhecido ninguém tão determinado a consertar e melhorar o mundo ao redor de si, mas algumas coisas estavam além até mesmo do alcance de Gerard Laurent.

— Está ficando tarde — afirmou ele depois de um momento de silêncio apropriado. — Temos mesmo que ir.

— Obrigada por me mostrar os espectros — falei quando já estávamos dentro da casa, sob as lamparinas a gás fortes demais. Pisquei bastante para me adaptar à claridade, com espirais de cor embaçando minha vista. — E as *Calli*... *Calla*... a Constance.

Ele ficou rígido, olhando ao redor como se estivesse preocupado com alguém ter me ouvido.

— Eu não... Pensando melhor, não sei bem se é o nome certo para elas. Vou pensar um pouco mais. Por aqui — acrescentou Gerard, pressionando um ornamento floral ao longo do lambril do corredor.

Uma parte da parede se abriu, revelando uma escada estreita.

— Uma passagem secreta! — exclamei.

O botânico balançou a cabeça.

— Parece bem mais misteriosa do que é. Quando meus antepassados construíram Chauntilalie, eles não queriam ver nem sinal dos criados necessários para manter um imóvel tão grande. Todas as passagens dos criados foram escondidas, para não perturbar a beleza da casa.

— Ah. — Minha voz foi tomada pela decepção.

Era uma explicação tão prosaica.

— Cuidado com os degraus. São bem íngremes — alertou ele, entrando primeiro. — Agradeço muito sua ajuda — comentou por cima do ombro enquanto subíamos a escada em espiral. A voz de Gerard ecoou pelas paredes de pedra. — Vai ser bem útil ter tantas imagens como referências depois. Foi muito prazeroso trabalhar com você. Espero que um dia... talvez Alexander encontre uma noiva tão talentosa e astuta quanto você.

Eu não sabia o que fazer além de concordar com a cabeça e torcer para que o gesto não fosse interpretado como soberba.

— Imagino que seu cartão de dança fique sempre cheio — opinou ele, chegando ao topo da escada. Então abriu a porta, revelando o corredor em frente à minha suíte. — Se não se incomodar com a metáfora.

— Ah... não. Não houve... ninguém.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Que curioso. Bem, estou certo de que algum jovem aparecerá e verá que você é uma jovem para casar. — Ele acenou com a cabeça. — Sim. Sim, tenho certeza disso.

Com um floreio galante, ele abriu a porta de meu quarto e fez um gesto para que eu entrasse.

— Também gostei da noite — respondi, pronta para dar boa-noite.

Meu quarto já havia sido preparado para o repouso. As cobertas foram afastadas, e um montinho pequeno de brasas queimava na lareira.

— É, eu... — Gerard parou de falar, fazendo uma expressão peculiar. Sem ser convidado, ele entrou logo atrás de mim, olhando ao redor da saleta. Aí inspirou fundo. — Que cheiro estranho.

Funguei, identificando o aroma das velas de Annaleigh. Quem quer que tivesse preparado o quarto havia deixado três velas acesas na mesa de cabeceira.

— São as velas — expliquei, apontando. — Minha irmã mandou uma caixa para cá, das Salinas. Para eu não sentir falta de casa.

— Que atencioso. É sálvia e — ele fungou o ar de novo — sal, se não me engano. — Então franziu a testa. — Que combinação curiosa.

— Annaleigh sempre gostou desse cheiro.

— É provável que seja uma superstição antiga da ilha.

— Superstição?

Gerard confirmou com a cabeça, parecendo não perceber que eu não tinha entendido.

— Sal e sálvia. Dizem que a combinação dos dois afugenta espíritos indesejados. Fantasmas — elucidou ele, e meu coração martelou forte.

— Ah. — Abri um sorriso fraco. Por que ele estava me encarando tanto? Eu sentia o peso do olhar penetrando na minha pele. — Nunca ouvi falar disso.

Me lembrei de todas as caixas que Annaleigh tinha me dado, em aniversários, feriados, presentes atenciosos oferecidos "só porque quero".

Só porque quero.

Só porque quero.

Só porque ela sabia o que eu via.

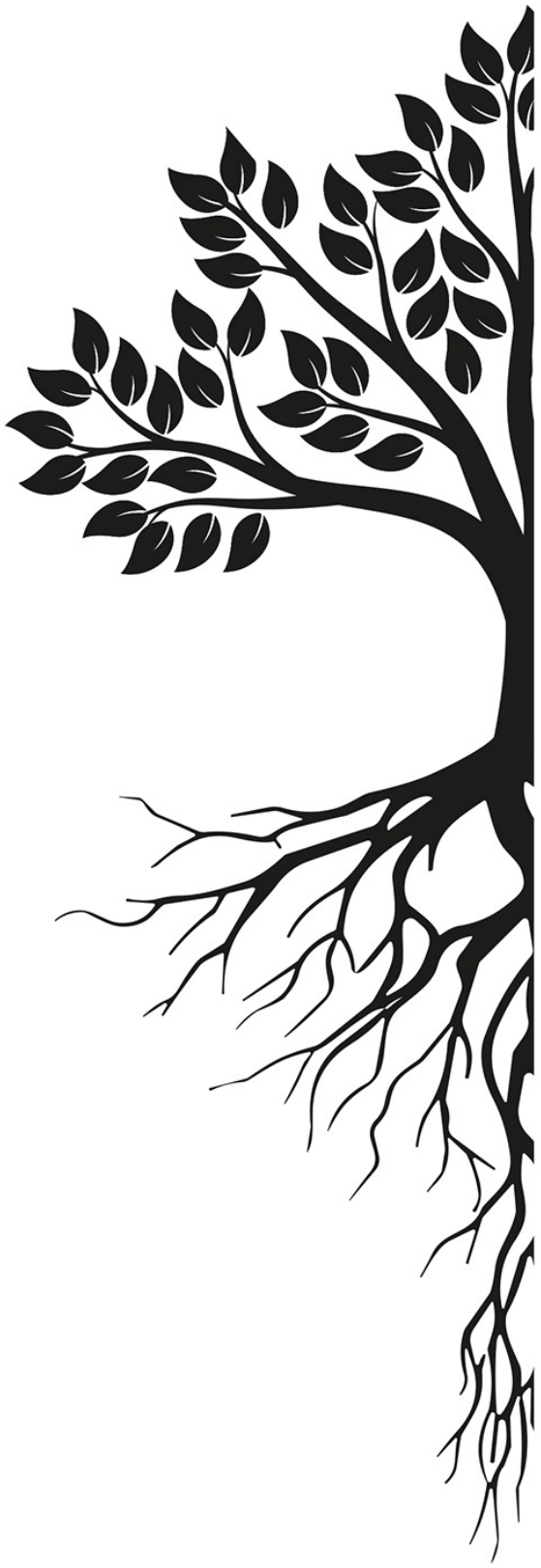
Mas Gerard sabia?

O botânico deu as costas para o quarto, seguindo na direção da porta com um passo tranquilo, sem denunciar nada. Ele não parecia perceber minha preocupação nem dava nenhum sinal de desconfiança.

— Está bem tarde. Vou deixá-la descansar. Obrigado outra vez pelo trabalho de hoje.

— Sim, lógico.

Segui atrás dele, analisando cada movimento.
O sorriso dele foi neutro, e Gerard parecia cansado.
— Então tenha bons sonhos, Verity.



14

Quando acordei, estava escuro. As velas de Annaleigh já tinham se apagado havia muito tempo e viraram piscinas de cera dura, derramando-se dos suportes e danificando a mesa de cabeceira.

Passei as unhas debaixo do resíduo, soltando os flocos de sal e sálvia.

Era de admirar que eu não tivesse colocado fogo na mansão toda.

Grogue de sono, olhei ao redor do quarto, sentindo que havia algo de diferente.

Agucei a audição, tentando captar o eco de algo, *qualquer coisa* alta o suficiente para ter me acordado. Devia ter havido um barulho que despertou minha consciência, cravando as garras em meu torpor. As duas taças de espumante na estufa, junto à revelação surpreendente de Gerard sobre as velas de minha irmã, tinham me deixado com a cabeça dolorida, a mente desequilibrada, e o que eu mais queria no mundo era tomar um copo de água e voltar a dormir.

Com um grunhido baixo, fiz um esforço para sair do ninho quentinho de travesseiros e me sentei, procurando, ainda sonolenta, pela água.

Um lamento estridente cortou o silêncio, e rangi os dentes.

Afastei as camadas de cobertas para o lado e cambaleei até acender as lamparinas a gás, que sibilaram quando as chamas iluminaram o quarto. Por um instante não consegui ver por causa da claridade ofuscante, só ouvia o barulho soar de novo, atravessando-me.

Era alguém... chorando?

Fui para a sala de estar. O ar estava mais frio ali, mais arejado. Voltei para o quarto e peguei o robe. Enquanto terminava de amarrá-lo, os dedos lutando com o cinto de seda, outro ruído estridente ecoou.

Cobri as orelhas, mas ainda ouvia, ainda *sentia*, vibrando em meus ossos, fazendo meu peito vibrar e causando dor.

Não era choro.

Eram gritos.

Enquanto o som sumia, ousei checar o corredor. Eu havia esperado ouvir os criados berrando por ajuda, passos pesados e lamentos de

desespero, qualquer coisa que explicasse tamanha angústia, mas estava tudo quieto. Silencioso.

Outra vez, o grito.

Parecia vir de detrás de mim quando me virei.

Os jardins.

A estufa.

Vinha lá de fora.

Espiei pela janela, varrendo com os olhos o quintal escuro.

Os clamores diminuíram em volume, ficando roucos e sofridos, como se arrancados das entranhas de alguém. Era um animal, alguma presa que deu o azar de ser encurralada?

A lua cheia banhava o jardim com suavidade, destacando as árvores enfileiradas, ressaltando os contornos de estátuas, fazendo as trilhas de quartzo cintilarem.

Então vi.

Uma forma grande saiu de debaixo de um dossel de árvores.

Era uma mulher, alta, com saias longas arrastando atrás de si. Ao luar, emanavam um brilho azul estranho e sinistro.

Estreitei os olhos. Era Dauphine?

O que ela estava fazendo no jardim tão tarde? Ela também tinha ouvido os barulhos e ido ver o que era?

Tateei pela janela, querendo abri-la e perguntar se ela estava bem, se precisava de ajuda, mas não tinha como. As vidraças eram soldadas. Bati os dedos no vidro em vez disso, querendo que ela soubesse que não estava sozinha, querendo guiá-la a um lugar seguro de alguma forma.

Ela se sobressaltou com o barulho que fiz e se virou. Em uma torção brusca, o pescoço dela se virou em um ângulo terrível, bizarro. Parecia que tinha se separado do corpo. Então abriu a boca e gritou outra vez.

Na pressa para me afastar da janela, e assustada, tropecei em um apoio de pé estofado, caindo no piso de madeira e batendo na lateral de um armário.

Meu grito de dor ecoou no cômodo.

Sentei-me, fazendo uma careta enquanto massageava a nuca. Já sentia o galo se formando, latejante, sensível e proeminente no couro cabeludo como um ovo de ganso. O quarto girou, instável, enquanto eu rastejava até a janela.

Quando olhei para fora, percebi que estava vendo dobrado.

Havia duas mulheres no jardim, os vestidos brancos cintilando, a atenção focada na mansão.

Em mim.

Duas mulheres me encarando.

Comecei a piscar, tentando desanuviar a vista.

Uma mulher gritou.

Depois a outra.

Uma se afastou, adentrando mais o jardim.

A outra ficou para trás.

Eu não estava vendo dobrado.

Abaixei-me, encolhendo-me nas cortinas translúcidas, como uma criança que acredita que, se eu não conseguia vê-las, então de certo elas não conseguiam me ver, e se elas não conseguiam me ver, então eu estava segura.

O que eram elas? Os gritos e os clamores não eram sons que a garganta de um ser humano conseguiria produzir. Eram estridentes demais, altos demais... perversos demais.

Comecei a tremer e suar. Sentia o corpo pegajoso, enfermo, ao lembrar do ritmo estranho com que Rosalie e Ligeia se movimentaram pelos corredores de Highmoor, o jeito que os sussurros delas eram ouvidos bem atrás de minhas orelhas, mesmo quando eu as via se afastar de mim.

Ousei olhar para os jardins de novo.

A mulher tinha se movido.

Estava sentada no galho de uma árvore, a três metros do chão, com as saias deslizando dos ramos como uma cachoeira de seda. Ela abriu a boca, esticou-a, escancarou-a, e de novo *aquele som*.

— Não é possível — murmurei.

Como ela tinha escalado a árvore tão rápido? Como ela fazia... — ela guinchou de novo — ... aqueles barulhos?

Eu me recostei na parede, de costas para a janela, para a mulher, para o barulho horrível, e tapei as orelhas.

Um fantasma, sussurrou uma vozinha dentro de minha cabeça. *Você está vendo um fantasma*.

— Não é possível — repeti, com a voz tensa e convicta. — As velas — murmurei, atendo-me à ideia com o desespero de alguém que se afogava em busca de uma boia. — É para as velas os afugentarem. É só acender outra vela.

As mesmas velas que você viu Hanna acendendo centenas de vezes?, perguntou a voz, não ajudando em nada. *Hanna Whitten, que morreu faz doze anos? Essas velas?*

Outro grito cortou a noite.

Por que ninguém mais ouvia?

Lembranças indesejadas da conversa com Camille tomaram minha mente, como uma bolha purulenta inchando a ponto de estourar.

"Sabe como é esquisito ver você falando com eles, tendo conversas inteiras em que só se escuta você falando? Parece uma desatinada, Verity, como se tivesse perdido a sanidade."

Enquanto os gritos ecoavam ao redor, funguei, tentando conter as lágrimas.

Os corredores estavam silenciosos quando eu checara.

Ninguém mais na mansão ouvia aquilo.

Se fossem fantasmas, se fantasmas fossem reais, outros teriam visto. Outros teriam ouvido.

Mas ninguém mais ouvia. Ninguém mais tinha ouvido.

Só eu.

Estava tudo dentro de minha cabeça.

Camille estava certa.

Eu tinha perdido a sanidade.

Querida Camille,

Enquanto escrevo isso, encolhida no chão da sala de estar aqui, logo antes de amanhecer, tem uma mulher morta do lado de fora da janela, anunciando uma sentença de morte aos gritos, e agora entendo que tudo o que me disse era verdade.

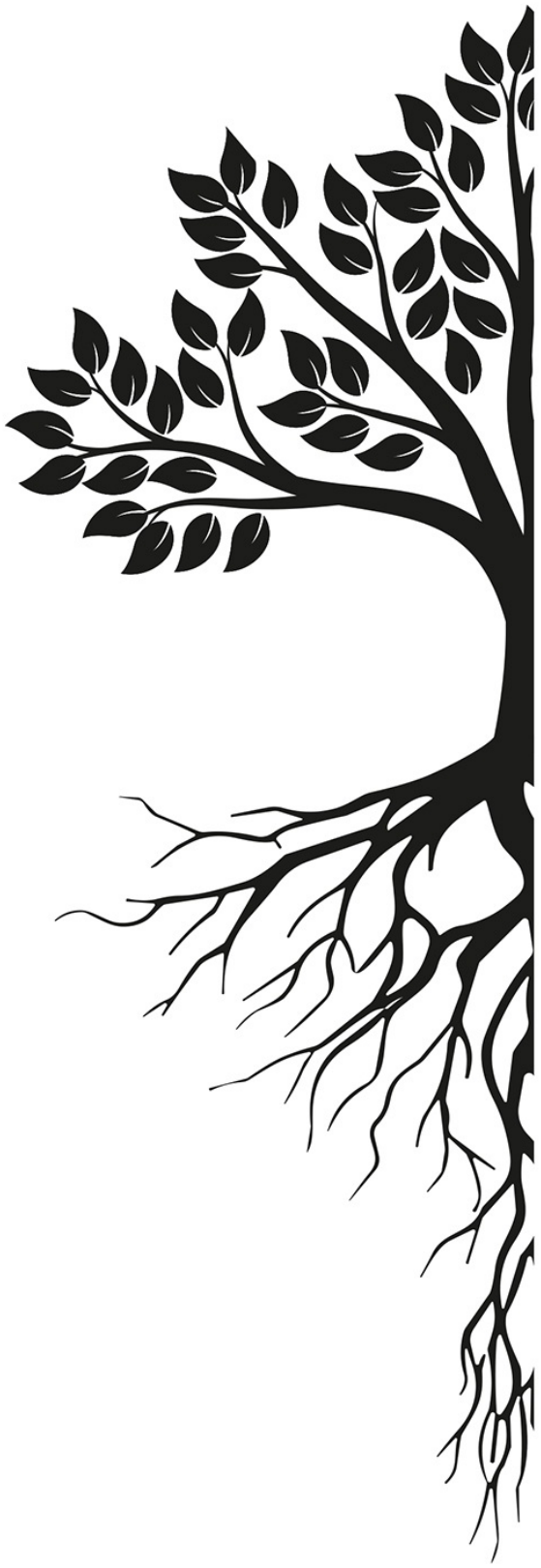
Tem algo de muito, muito errado comigo. Sinto como se uma parte minha — uma vital ao extremo — estivesse danificada. E não sei se dá para consertar.

Queria mostrar a você que eu era forte e capaz. Queria ser como você — dona de meu próprio destino —, mas não vejo como continuar, agora que sei o que sei.

Por favor, me ajude. Sei que deixei você irritada, mas ainda sou sua irmã e estou pedindo que tenha misericórdia. Vou acatar qualquer penitência que julgar necessária. Só venha, depressa. Por favor.

Sua irmã,

Verity



15

Uma batida à porta me acordou. Feixes de luz iluminaram meu rosto, e estreitei os olhos diante da claridade incômoda.

— Srta. Taumas? Café da manhã — informou uma voz abafada do outro lado.

Café da manhã?

Manhã.

Era manhã.

Estiquei o corpo que estava encolhido, fazendo uma careta quando minha coluna e as juntas estalaram. De algum modo, eu tinha conseguido pegar no sono, aninhada em meio às cortinas, escondendo-me das criaturas horrendas que eu havia conjurado na noite anterior. Havia folhas espalhadas — rascunhos de cartas para Camille, algumas no início e outras quase finalizadas — pelo chão ao meu redor.

— Já vou — respondi ao lacaio.

Minha garganta parecia machucada, como se eu tivesse passado a noite toda gritando.

Será que tinha passado?

Não.

Com certeza alguém teria ouvido *aquilo* e ido checar.

Depois de cambalear até a porta, abri-a um pouco, estreitando os olhos.

Era Alex. Seu rosto murchou ao ver meu estado todo desconjuntado.

— Ah, Verity, o que houve? Você não parece bem.

— Eu... — Franzi a testa, confusa, o que afetou a fala. — Desculpe, eu achei... Achei que fosse...

Percebendo que meu robe estava aberto, logo puxei-o para cobrir o corpo, mas não antes de ele ver minha camisola. Graças ao sono perturbado, as fitas amarradas junto ao pescoço tinham se soltado, e minha clavícula ficou exposta.

Alex ficou vermelho de pronto.

— Ah, sim... foi uma piada. Não foi muito boa — confessou. — Mil desculpas. É que passou das nove. Eu imaginei que...

Alex olhou para o corredor, como se desesperado para que alguém aparecesse para salvá-lo.

Puxei a parte de cima do robe contra o pescoço, com o corpo todo vermelho de constrangimento.

— Não, *eu* que peço desculpa. Não dormi muito bem, e infelizmente ainda não estou preparada para estar em público.

— Que tal eu pedir para servirem o café da manhã para você aqui? — sugeriu, tomando o cuidado de não olhar para mim. — Eu devia ter imaginado que o papai ia lhe fazer trabalhar até tarde e... eu... eu vou lá pedir para alguém trazer uma bandeja. Isso. — Ele começou a seguir pelo corredor e então parou de repente. — Café? Você toma café? Ou chá?

Me escondi atrás da porta entreaberta, assim só minha cabeça ficou para o lado de fora.

— Qualquer um dos dois serve. Bem... café — concluí. Depois de uma noite daquelas, eu precisava de todo tipo de ajuda possível. — Puro, por favor. Obrigada.

Alex concordou com a cabeça e se afastou depressa, com as rodas da cadeira a toda.



— Desculpe mesmo — repeti, sentada em uma das cadeiras na sala de estar enquanto alisava a saia de meu melhor vestido de chá.

Eu o tinha escolhido na esperança de que as muitas flores azuis bordadas me animassem e que o tecido branco, semelhante ao linho, ajudasse a aparentar que eu não estava pálida. Também ostentava a gola mais alta que eu tinha, presa na altura da nuca com três botões de pérola.

Alex teve a bondade de esperar meia hora antes de voltar. Um lacaio o acompanhava, carregando uma bandeja com café, torrada, um belo ovo poché e uma tigelinha com várias frutas.

— Eu que peço desculpas. Quando não desceu de manhã, eu achei... — Ele ficou vermelho de novo. — Eu não sabia se tinha sido por causa de algo que falei ontem ou... Lamento por não ter tido uma boa noite.

Uma risada escapou de mim diante do eufemismo da frase.

— Foi... — Fiz uma pausa, lembrando de como eu, derrotada, havia escrito a carta para Camille antes de chorar até pegar no sono. Até nos sonhos as mulheres fantasmagóricas pareceram gritar comigo. — Foi *horrível*... mas não teve nada a ver com você — acrescentei depressa.

Era doloroso olhar nos olhos de Alex quando eu sabia que tinha algo de muito errado comigo. Quando ele descobrisse — e eu tinha certeza de que era questão de *quando*, não de *se* —, qualquer amizade que florescia entre nós acabaria.

Eu me perguntei como ele reagiria. Ele se afastaria de uma vez, agradecendo aos céus por ter escapado de uma relação tão azarenta? Ou pior ainda, o rosto dele seria tomado pela pena, preocupado com a garota que perdeu a sanidade? O pensamento me corroía por dentro.

— Eu também não dormi bem — admitiu ele depois de dar um gole no próprio café. — Aqueles malditos pássaros deixaram metade da casa acordada ontem.

— Pássaros? — repeti, convicta de que eu tinha ouvido errado.

— Estavam guinchando que nem *banshees*. Você deve ter ouvido.

— Eu ouvi... ouvi alguma coisa, mas não pode ter sido um pássaro.

Ele confirmou com a cabeça.

— Os pavões da mamãe. São horríveis. Dá para ouvi-los a quilômetros de distância.

Fiquei sem reação.

Alex deu uma risada enquanto parecia compreender alguma coisa.

— Ah, Verity. Nem imagino como você deve ter ficado apavorada, sem saber o que era.

Eu me inclinei para a frente, precisando ouvi-lo dizer aquilo em voz alta de novo.

— Você... você ouviu também?

— Eles geralmente ficam empoleirados nas árvores, calados, mas tem alguma coisa na lua cheia... Passam a noite toda aos prantos. Sinto muito por não termos pensado em lhe avisar.

— Mas eu vi... Quer dizer, achei ter visto... — Parei de falar antes que mencionasse as mulheres de vestido branco vagando pelo terreno. — Você disse que eles ficam empoleirados nas árvores?



— São brancos! — exclamei ao entrar no jardim lateral.

Diante de nós, dois pavões desfilavam no gramado, cascateando quase dois metros de penas pontilhadas atrás de si.

— A mamãe faz questão de que sejam — explicou Alexander.

— Pavões albinos — murmurei, maravilhada.

Sim. No escuro, à lua cheia, era bem possível eu tê-los confundido com mulheres. Eram muitíssimo altos, passando da altura da minha cintura. E as penas... seguiam o rastro dos pássaros como um vestido sedoso faria.

— Não são albinos — corrigiu ele. — Na verdade são azuis, mas perdem a cor por causa de uma mutação. Viu os olhos? Azuis, não vermelhos. Nosso bando de pavões aqui é composto por uns brancos leucísticos. Embora, às vezes, um filhote cresça com vestígios de azul ou verde pela penugem. É chamado de variegado.

— O que acontece com eles? — perguntei, olhando ao redor na esperança de vislumbrar o pássaro tão incomum.

— Nós os comemos — contou Alex, inexpressivo.

Esperei ouvir sua risada após a piada.

Mas ele não riu.

Engoli em seco.

— Então... os barulhos de ontem... foram eles?

Alex confirmou com a cabeça e, em perfeita harmonia, um dos machos inclinou a cabeça para trás e soltou um guincho gutural. De imediato, os pelos de meus braços se eriçaram.

Soltei uma risada aliviada.

— Você não faz ideia de como é bom ouvir isso!

— É? — questionou Alexander, tapando os ouvidos.

— Eu fiquei imaginando coisas horríveis ontem. Achei que... — Hesitei, então continuei, pronta para admitir os medos. — Achei que estivesse perdendo a sanidade.

— Se ouvir isso por metade da noite não fizer alguém perder a sanidade, nada mais vai — argumentou ele enquanto outro pavão respondia ao primeiro.

O animal seguiu em frente, sacudindo o corpo enquanto a cauda comprida se abria até formar um leque impressionante. Padrões em formato de olhos estranhos cor de creme adornavam as pontas de cada pena, nos encarando com uma cegueira inquietante.

Observei os pavões enfrentando um ao outro, e mentalmente já amassava a carta que havia escrito para Camille.

— É uma bela manhã — comentou Alex, olhando para o rastro de nuvens cirros se espalhando e revelando um céu bem azul. — Vamos pegar o caminho mais longo para a casa antes de começar nossa sessão?

— Por favor — concordei, seguindo-o.

Dobramos a curva, chegando à lateral mais distante da casa. Nos deparamos com outro jardim, cheio de flores cor-de-rosa e amarelas. Abelhas e beija-flores dançavam à luz do sol da manhã.

— O que é aquilo? — questionei, estreitando os olhos para enxergar além das sebes baixas cercando a área.

Alex olhou na mesma direção que eu olhava.

— Ah. Aquilo.

Ele direcionou a cadeira e partiu pelo caminho que nos levaria para mais perto das formas estranhas.

No campo após o jardim, grandes montes de terra se erguiam, bem redondos e cobertos de gramíneas selvagens. Alguns eram extensos, espalhando-se por vários metros, enquanto outros eram divididos em vários segmentos. Não havia um padrão lógico que eu pudesse identificar, mas era óbvio que os montes deveriam significar algo, um projeto que fora iniciado e então largado e esquecido.

— É uma das ideias do papai que nunca de fato vingou. — Alex não pareceu perceber o trocadilho na própria frase.

— E o que deveria ser?

— Rosas. O papai queria criar um jardim labiríntico, feito todo de rosas. Os montes eram para ajudar a ancorar as paredes. Ou algo do tipo — explicou ele, dando de ombros.

— Ficaria lindo — comentei, imaginando o cenário que Gerard teria idealizado.

— Ele nunca conseguiu fazer funcionar. O solo nunca fica no equilíbrio ideal. Sol de mais, sombra de menos. — Alex balançou a cabeça. — É uma coisa que ele nunca conseguiu cultivar direito, mas então em algum momento um novo monte aparece, e ele voltar a falar do labirinto.

Eu me aproximei do monte mais perto de nós, circundando toda a extensão.

— Parecem bem agourentos, não é? Não são planos o suficiente para serem uma ondulação no prado, mas não são altos o suficiente para formarem uma colina decente.

Alex tomou o caminho de novo, a expedição tendo acabado.

— A janela do meu quarto tem vista aqui para o jardim — revelou ele, apontando para a mansão. — Eu tinha pesadelos quando criança por causa deles.

Olhei para os montes uma última vez antes de segui-lo.

— Pesadelos?

— Ah, sim. — Ele riu. — Acontecia muito de eu ficar acordado até tarde, lendo histórias macabras à luz de velas, bem depois de minha mãe me colocar na cama. Minha imaginação sempre ia longe.

— Com o que você sonhava?

— Eu achava que os montes estavam cheios de ossos — contou, dando um sorriso travesso. — Imaginava que eles germinavam da terra preta e cresciam como as rosas que meu pai tanto queria.

Ele ergueu as mãos, contorcendo os dedos em um nó apertado.

— Mas que pensamento mais perturbador — murmurei.

Senti calafrios nos braços apesar do calor.

— Eu tinha várias ideias assim quando garoto — afirmou ele, separando as mãos e continuando a seguir para a casa.

Uma silhueta branca enorme surgiu por entre as árvores e pousou diante de nós. O pavão se ergueu ao máximo, inclinou a cabeça e soltou um lamento prolongado.



— Leucístico — tentei falar de novo escondida pelo cavalete, desenhando a base para praticar.

Depois de sermos expulsos dos jardins pelo pavão infeliz, tínhamos seguido para uma pequena biblioteca no segundo andar para começar a sessão.

— Leucístico — repetiu Alexander, demorando-se na segunda sílaba.

— Leucíssssstico.

— Melhor.

— Que coisa estranha.

Abaixei o lápis e saquei uma das paletas de madeira.

— A palavra? — perguntou ele, esticando os braços à frente e flexionando os pulsos.

— O conceito. Pássaros brancos que deviam ser azuis... ou são pássaros azuis que ficaram brancos?

— Qualquer um dos dois, imagino.

Espremi diferentes tintas no meio da paleta. Juntas criariam o tom perfeito e cálido da pele de Alex.

— Por que branco? Não é para os azuis serem deslumbrantes?

— Mamãe teve um leucístico quando criança. Foi o animal de estimação predileto dela. Quando virou a senhora de Chauntilalie, achou que eles combinariam mais com a estética da casa. E o papai concordou. Eles passaram anos repovoando o bando. Só permitem que os pássaros com a mutação alcancem a maturidade.

Comecei a misturar as cores.

— Então eles erradicaram toda uma linhagem de... material genético — comentei, gaguejando um pouco, sendo as palavras e os conceitos estranhos para mim — só para usarem como decoração?

A expressão de Alex mudou, demonstrando tudo o que ele achava da prática em uma careta enojada.

— Exato. Entende por que quero tanto adicionar o alisso ao meu brasão?

— É, entendo.

E entendia mesmo. Se eu precisasse escolher algum lado do debate, eu sabia que concordaria com Alex. A noção de tantos pássaros sarapintados e belos serem massacrados só para preservar a aparência da propriedade dos Laurent era abominável. Tentei tirar a imagem sanguinolenta da mente.

— Acho que estou pronta para começar. E vou iniciar com seu rosto, então quando eu acertar sua posição, ajudaria se ficasse bem imóvel.

— Nada de falar?

— Falar um pouco, tudo bem, mas vou precisar que mantenha a postura exata da melhor forma possível. — Vasculhei um estojo, buscando o pincel certo. — Não é para ser uma tortura para você. Se sentir que precisa — por costume, quase falei "se levantar", mas me contive — mudar de posição, beber algo, fazer qualquer coisa, podemos pausar. Sempre tento levar em consideração que existe uma pessoa de verdade por trás da tela, mas se eu me deixar levar pelo momento e precisar ser relembrada... me relembre.

Ele sorriu.

— Prometo que farei isso. Como começamos?

Frederick tinha ajudado Alex a sair da cadeira de rodas e o acomodara no sofá estofado de veludo verde-oliva.

— Qual posição lhe parece mais natural? — perguntei, aproximando-me dele com um olhar crítico.

Ele se esticou, tentando poses diferentes: com o rosto apoiado na palma da mão, sentado na ponta do sofá com a postura formal e retíssima, recostado nas almofadas com um dos braços sobre as costas do móvel. Nada parecia certo.

— Podemos tentar a última pose — sugeri, incerta, pois não estava de todo satisfeita com a ideia, mas era um começo.

Sem dúvida, eu acabaria pintando aquela tela com uma demão de gesso, cobrindo o teste prático de qualquer forma.

— Pode inclinar um pouquinho a cabeça para a direita? Para a sua direita — acrescentei quando ele se mexeu para o lado errado. — E para

trás? Foi muito para trás... — Movimentei as mãos, inquieta. — Posso tentar ajustar você na pose certa?

— Sim, por favor. Estou me sentindo um pouco ridículo — confessou ele, com a cabeça toda inclinada para longe do centro do corpo.

— Está parecendo mesmo — provoquei.

Logo antes de colocar os dedos no rosto dele, hesitei. Eu havia pintado dezenas de retratos, enchendo os corredores de Highmoor com imagens de minhas irmãs e sobrinhas, do pequeno Artie e de William. Tinha convencido criadas e mordomos a posarem para mim no tempo livre, pintado pescadores distraídos enquanto estavam sentados no cais, esperando que alguma criatura mordesse a isca.

Só que nunca havia pintado alguém tão atraente de um jeito singular como Alex. Alguém que tinha quase minha idade. Alguém que me instigava. Tocá-lo, passar os dedos com cuidado pela pele dele para colocá-lo na posição certa...

Era algo muito íntimo.

Quando enfim tomei coragem e segurei o rosto dele, corrigindo a inclinação da cabeça, ele prendeu a respiração.

— Suas mãos estão geladas.

— Desculpe.

Esfreguei as mãos antes de continuar. Alex tinha uma pele mais suave do que eu imaginava, estava recém-barbeado, sem nem indício de barba. Toquei sua mandíbula com as pontas dos dedos, girando a cabeça de leve para a direita. Eu odiava os retratos feitos com a pessoa olhando direto para a tela. Explorar os ângulos era tão mais interessante e envolvente. Convidavam os observadores a se demorarem ali, ponderando que segredos a pessoa retratada teria.

— Assim.

Toquei o queixo dele, meu polegar quase encostando em sua boca, ajustando a posição com delicadeza. Enquanto segurava o rosto de Alex, ele colocou a mão sobre a minha, inclinando a bochecha na curva de meus dedos, e a ação fez cada pelo das minhas costas se arrepiar.

— Você tem cheiro do que eu imagino que seja o aroma do mar — murmurou ele.

— É meu creme — respondi, pensando no pequeno recipiente que eu levara de Highmoor. Era confeccionado com filamentos compridos da alga kelp coletada nas praias de Salície. Afastei as mãos, inibida. — O cheiro é forte demais?

Devagar, ele segurou minha mão e levou o nariz ao meu pulso, inspirando fundo.

— Nem um pouco. É bem sutil. Bem suave. Bem Verity.

— Ah.

Foi a única palavra em que consegui pensar enquanto minha garganta fechava e minhas entranhas se reviravam, de repente sendo tomada por uma vontade desconhecida.

Não.

Era mais do que aquilo; percebi pontinhos de calor irradiando por mim.

Mais do que uma vontade.

Havia uma pontada, uma necessidade.

Um anseio.

Eu nunca havia sentido aquilo. A sensação me acertou em cheio, como um rochedo despencando de uma montanha. Eu nem sabia que conseguia sentir aquelas coisas. Nunca houvera ninguém em Highmoor — garoto ou garota — que inspirasse uma reação tão intensa dentro de mim.

A boca dele estava tão, tão próxima, e de repente tive um desejo esmagador de me inclinar e pressionar minha boca na dele. Imaginei as duas sussurrando uma para a outra, desbravando cada contorno, a dele se abrindo enquanto eu mordiscava a curva do lábio e...

Antes que eu pudesse ceder aos pensamentos desenfreados, endireitei a postura e me afastei.

— As tintas vão acabar secando...

Voltei a me sentar no banco, abanando o rosto quente, escondida atrás da tela.

— Está bom assim? — questionou ele, e ousei arriscar a olhar por trás do cavalete.

Ele tinha voltado a fazer a pose na qual eu o colocara.

— Você ficou perfeito. — As palavras escaparam de minha boca antes que eu pudesse contê-las. — A pose. *A pose* ficou perfeita — emendei, mas o sorriso de Alex ficou mais travesso.

— Então podemos começar?

Querida Annaleigh,

Muito obrigada pela carta e pela caixa de velas. Eu as acendo quase todo dia. Eu queria que soubesse que estou segura e bem. A encomenda do quadro está progredindo bem e... eu... eu acho que o herdeiro de Chauntilalie talvez esteja interessado em começar a me cortejar...

Você vai reparar nas reticências. Não sei se deveria usar um ponto de exclamação ou interrogação. De verdade não sei muito o que eu deveria fazer a respeito disso.

Estou muito lisonjeada e acho que posso estar começando a gostar dele também... Ele é muitíssimo inteligente e engraçado, e muito, muito bonito.

Mas...

(As reticências de novo.)

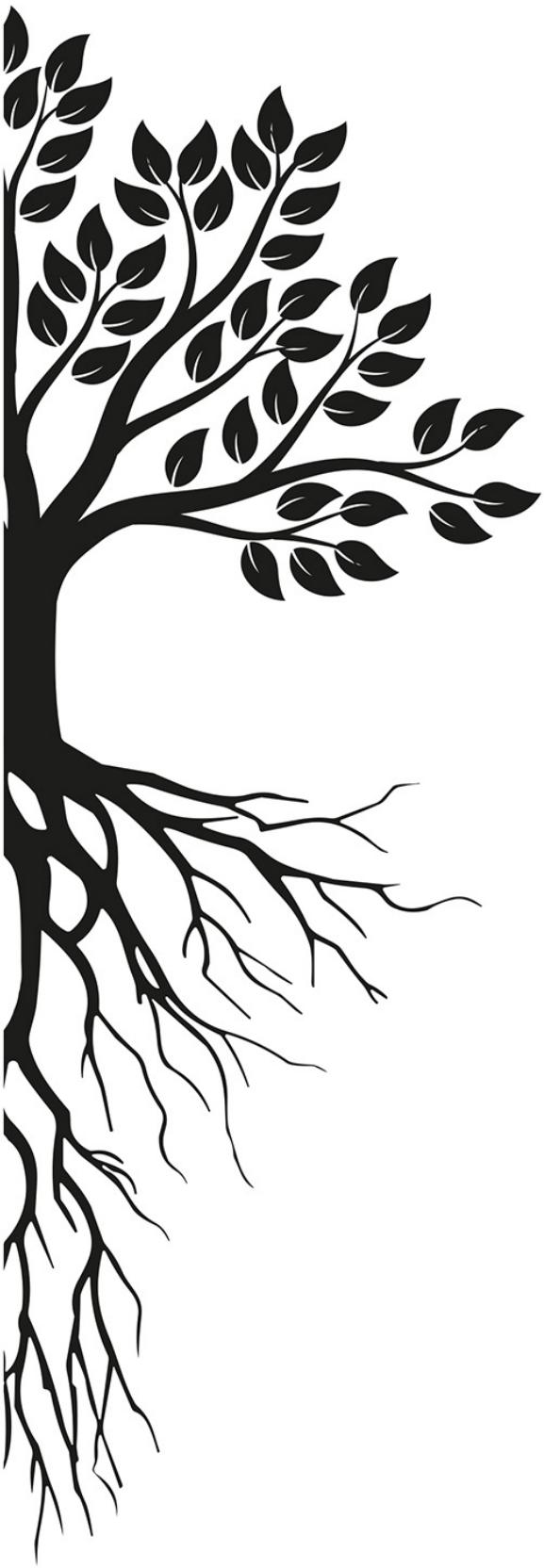
Nunca ninguém se interessou por mim assim. É algo estranho e inebriante desconfiar que alguém esteja atraído por nós. Tem como estar apaixonada por estar apaixonada? Eu consigo imaginar o sentimento afetando muitas decisões sobre as coisas.

Eu queria que estivesse aqui. Queria poder fugir para o quarto com você e conversar sobre isso à vontade. Sinto falta de seus conselhos, de sua sabedoria. Sinto falta de minha irmã.

Imagino que a conversa com Camille não tenha corrido bem... Embora tenha sido bem doloroso, escrevi uma carta para ela avisando que cheguei bem, mas não recebi resposta. Quero fingir que é um atraso por conta da distância, mas sua carta chegou tão depressa. Acho que algumas desavenças não podem ser reparadas.

Mande outra carta logo. Ainda tenho algumas semanas até terminar a pintura. Dê um beijo na pequena Cecilia por mim.

Com todo o amor,
Verity



16

Ainda naquela tarde, eu estava no quarto, sentada à escrivaninha. Um tinteiro, uma pena e um envelope diante de mim. Terminei de escrever o endereço de Annaleigh com um floreio de tinta verde-jade.

— Verity?

Dauphine enfiou a cabeça no quarto, aguardando a autorização para entrar. Estava usando vestes com pregas complexas de brocado cerúleo naquele dia. O cabelo volumoso estava preso com uma presilha pente cintilante adornada com olhos de pena de pavão, e por um momento me perguntei se tinham vindo de uma das aves abatidas.

— Entre — orientei, levantando-me. — Eu estava só escrevendo uma carta para minha irmã, avisando que cheguei bem.

Eu havia enfiado a carta no envelope antes que Dauphine conseguisse ler minhas observações sobre o filho dela.

— Posso levar para você — ofereceu, puxando o envelope para perto de si.

— Ah, ainda não a selei — comentei, mas ela falou por cima de minhas palavras, sorrindo.

— Não tem problema. Vou pedir para Bastian fazer isso antes de levar o restante das correspondências para a cidade.

Antes que eu pudesse argumentar, a carta foi enfiada nas profundezas das saias dela.

— Sentimos sua falta ontem à noite. E hoje de manhã — acrescentou, franzindo a testa em preocupação. — Alexander me contou que os pavões lhe assustaram. Sinto muitíssimo por ter esquecido de lhe avisar. Espero que a noite não tenha sido muito horrível...

Eu sabia que Dauphine esperava que eu atenuasse a culpa dela.

— Não tem problema.

— E... pensei que seria legal irmos à cidade amanhã... Você vem trabalhando tanto, com o retrato e as flores bobas de Gerard, com certeza merece uma folga. Talvez almoçar, ir a algumas lojas? Podemos sair depois do café da manhã.

— Ah, seria... — Fiz uma pausa, buscando a palavra certa.

Com certeza era inesperado. Eu havia acabado de chegar e tinha presumido que Dauphine fosse querer que eu finalizasse a pintura o quanto antes.

— Ah, por favor, aceite — prosseguiu como se não tivesse percebido minha hesitação. — Fico sempre presa aqui com todos esses homens e... Marguerite. — Ela abriu um sorriso travesso e sabichão. — Seria ótimo fazer alguma coisa com você.

Depois de um momento, concordei com a cabeça.

— Seria ótimo, Dauphine. Obrigada.

Ela sorriu, e a atmosfera ao redor se iluminou.

— Ah, maravilha! Vou avisar aos cocheiros. E como está indo o retrato, afinal?

— Muito bem, eu acho. Comecei o primeiro rascunho hoje de manhã, para ter uma noção da pose. Ainda precisamos encontrar o local ideal.

Dauphine acenou com a cabeça.

— Alexander me contou que gosta muito de sua companhia.

Lembrei os dedos dele tocando meu pulso, e fiquei com as bochechas vermelhas.

— Ele é um modelo maravilhoso.

A duquesa torceu uns anéis na mão esquerda, as joias brilhando mesmo à luz do fim de tarde.

— Alex é um querido. Fico contente por ele ter alguém novo com quem conversar. Infelizmente não tem muita gente que possa fazer companhia a ele aqui. Sobretudo jovenzinhas, como você.

— Não? Eu imaginei que...

Dauphine balançou a cabeça, e os brincos com o formato de orbes de esmeralda enormes sacudiram de um lado ao outro.

— Alexander é bem seletivo com as pessoas com que se relaciona. Teve uma infância muito solitária. Depois do acidente, fiquei com tanto medo do que mais poderia acontecer com ele que fiz o possível para mantê-lo em segurança. Talvez eu tenha sido zelosa demais.

— Eu sei como é crescer tão isolado.

— Ah, lógico. Highmoor é a única propriedade na ilha em que mora, não é?

— Nossos vizinhos mais próximos ficam a três horas de barco. E isso com um tempo bom.

Ela franziu a testa em preocupação de novo.

— Estou certa de que vocês têm muito em comum, então. Logo, logo serão amigos íntimos.

— Eu... eu espero que sim.

Dauphine sorriu.

— Eu também.



— Esse tom de azul não cai bem em você — afirmou a assistente da loja, afastando a faixa de tecido de meu rosto.

— Mas sempre gostei...

— Não, não. Fica estranho com seu tom de pele. Viu?

Ela ergueu a seda de novo, apontando para um espelho de bordas entalhadas com cisnes e pétalas douradas. A expressão da moça estava horrorizada.

— Eu acho bonito.

A jovem balançou a cabeça e levou a peça embora como se temendo que eu tentasse arrancá-la dela.

Dauphine sorriu em compaixão. Havia croquis de vestidos espalhados ao redor da espreguiçadeira estofada em que estava sentada.

— Aqui é sempre tão tenso assim? — sussurrei para que a assistente não ouvisse.

— Só se você ousar discordar de uma opinião — respondeu, dando risadinhas. — Aquele azul *realmente* não lhe favorecia.

— Isso não é necessário — comentei, descendo da pequena plataforma. — Eu não preciso de um vestido novo. Com certeza não um chique feito esses.

Eu me sentei na outra ponta da espreguiçadeira, analisando os desenhos rejeitados.

Eram todos exagerados a ponto do ridículo... saias bufantes e ornadas por metros de guarnições, os ombros tão acentuados pelos ângulos rígidos que quem o trajasse pareceria mais um réptil do que uma mulher, os corpetes cobertos por lantejoulas e pedras falsas.

— Toda mulher sempre precisa de um vestido novo — insistiu. — Esta é minha loja favorita em Florice, e quero que tenha um pedacinho daqui quando voltar para casa. — Dauphine suspirou como se o pensamento fosse doloroso. — Para onde irá depois que finalizar o retrato?

Eu não tinha parado para pensar como seria a vida depois da encomenda dos Laurent. Não sabia ao certo se Camille me aceitaria de volta em Highmoor, de braços abertos, e sabia menos ainda se eu mesma queria voltar.

Só que não havia outro lugar para ir. Mercy vivia em aposentos espaçosos no palácio, mas a moradia dela fora uma gentileza do rei. Não era como se a residência fosse dela e ela pudesse acolher parentes em momentos de necessidade. Honor estava na mesma situação, sendo uma governanta que morava na casa da família, e na casa de Annaleigh e Cassius mal tivera espaço no chalé de Héspero antes de o bebê atormentado por cólicas nascer.

Contabilizei mentalmente a quantidade escassa de plantas remanescentes que eu tinha dentro da mala em Chauntilalie.

— Com certeza vamos sentir sua falta — acrescentou ela quando ficou nítido que eu não tinha resposta a dar.

— Também vou sentir falta de vocês.

— Eu me pergunto se... — Ela fez uma pausa, pensativa, então balançou a cabeça como se censurasse a si mesma.

— O quê?

— Um devaneio bobo de uma mãe, nada mais.

Lembrei a reação inicial de Camille à carta de Dauphine, presumindo que ela quisesse que Mercy fosse ficar com eles, para arranjar um casamento entre Alex e minha irmã.

Eu pensava que um jovem tão atraente e charmoso quanto Alex tivesse uma lista de pretendentes fazendo fila pela chance de serem cortejadas por ele, mas Dauphine mencionara como ele era seletivo, que se mantinha isolado.

Talvez Camille estivesse certa.

Talvez os Laurent quisessem, *sim*, encontrar uma esposa para o filho.

Eu não era contra casamentos arranjados. Os casamentos — sobretudo entre famílias nobres — eram quase sempre o resultado do planejamento cuidadoso dos pais. Só porque eu não tinha mais os meus não significava que meu futuro não pudesse ser orquestrado de forma deliberada também...

— Você parece bem pensativa, minha querida — comentou Dauphine, interrompendo a batalha entre minha mente e meu coração. — Está tudo bem?

Controlei a vontade de responder, reconhecendo a importância daquele momento. Eu poderia não dizer nada, deixar que ela me desse um vestido ostensivo que acabaria sendo mandado para Highmoor para ficar guardado em um armário e, sem dúvidas, nunca ver a luz do dia. Camille jamais tiraria os olhos de mim depois que eu voltasse.

Se eu voltasse...

E se eu não retornasse, o que aconteceria? Eu tinha um pouco — bem pouco — de dinheiro, além do que os Laurent me pagariam ao finalizar o retrato de Alexander. Eu poderia me sustentar por um tempo... mas onde? Com que propósito? Era o que eu queria mesmo?

Eu queria pintar.

Queria aventuras.

E queria, *sim*, alguém com quem compartilhá-las.

Em algum momento.

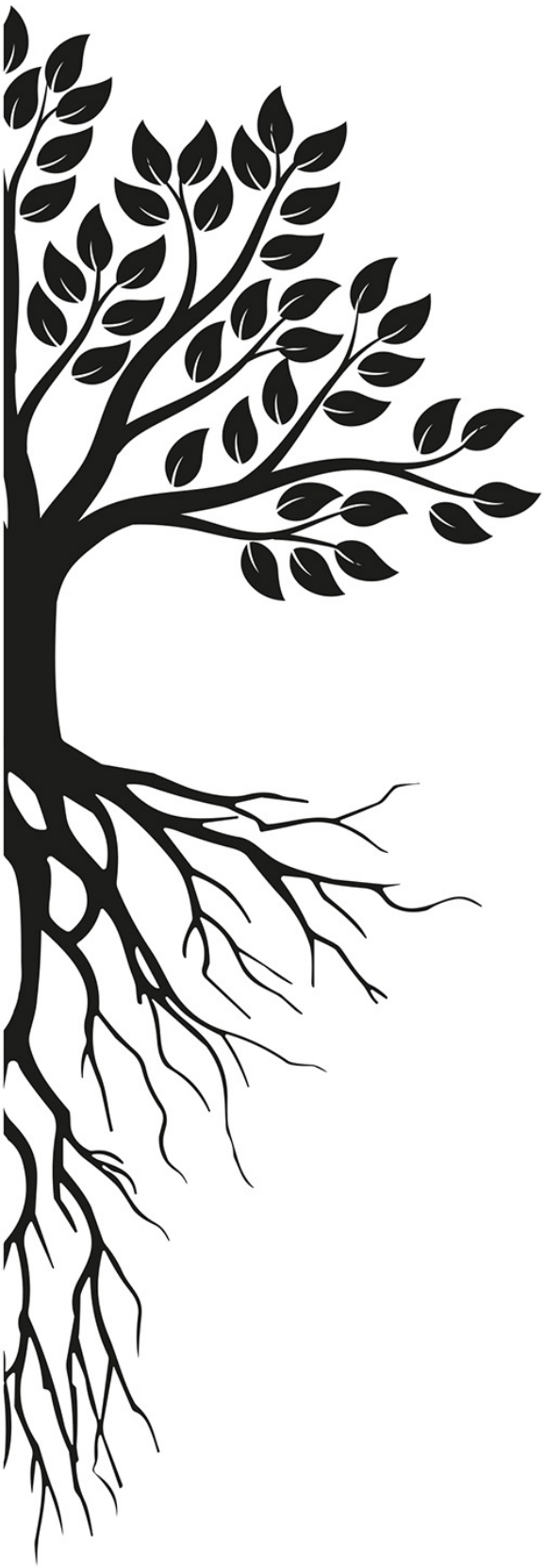
E Alex era gentil. Inteligente. Sempre me tratava com carinho e respeito. Prestava atenção no que eu falava e me fazia rir. Ele viraria um duque. Eu poderia ser uma duquesa. Assim como Camille. Não havia nenhuma dúvida de que uma vida com ele poderia ser plena e feliz.

Comprimi os lábios, vendo os vestidos nas páginas, pronta para lançar o dado da sorte.

— Eu só... É que me ocorreu quanto vou sentir falta de tudo isso. Sei que só faz uns dias que cheguei, mas já me apaixonei por Florice. Vai ser difícil ir embora.

Virei o rosto para averiguar quanto minha performance a tinha afetado, mas a assistente retornou naquele momento carregando um monte de tules nas cores lavanda, pêssego e dourado. Dauphine voltou a atenção aos desenhos, murmurando, experiente, sobre a cintura de um dos vestidos.

Só que, enquanto fazia aquilo, percebi que ela tinha no rosto um sorriso de canto pequeno e discreto.



17

— São para você — declarou Gerard, entrando no escritório de repente e deixando uma pilha de livros ao lado da mesinha à esquerda de meu cavalete.

— *Guardado a sete chaves* — murmurei, inclinando a cabeça para ler as lombadas. — *Ensinamentos sobre o mundo oculto do vocabulário botânico*. *A arte dos arranjos florais*.

Ele acenou com a cabeça, aprovando.

— Dauphine mencionou que você tinha escolhido fazer o retrato de Alexander aqui. — Ele gesticulou ao redor do espaço. — Achei que fosse ficar legal ter um buquê em alguma parte da pintura, ao fundo. Posso não conseguir escolher o legado do meu filho, mas com certeza posso relembrá-lo de tudo o que veio antes.

— Entendi. E estava pensando em flores específicas?

— Aqui — respondeu, e me entregou uma lista.

Li os itens, acenando com a cabeça, embora eu não fizesse ideia de qual mensagem deveria transmitir. Olhei para o monte de livros. Seria uma manhã atarefada.

— Eu não conheço algumas delas... a maioria, na verdade. Teria como eu ver exemplos das plantas na estufa?

— Temos todas elas, com exceção da *Fragaria vesca*. Acho que pode excluir essa da lista, no caso. Só vai ficar pronta daqui a algumas semanas — contou Gerard, pegando o lápis de minha mão para riscar o nome na lista.

— Pai. — Alexander parou diante da soleira, estreitando os olhos, antes de entrar no escritório. — Eu não esperava vê-lo aqui hoje. Vai observar Verity trabalhando? Garantir que está à altura?

— *Hum*.

O botânico olhou ao redor, percebendo todas as mudanças que tínhamos feito: o reajuste da posição da escrivaninha para que pudesse aparecer e ainda assim garantir uma boa iluminação à figura de Alexander; a reorganização de uma pilha de livros relevantes em segundo

plano, junto a uma estatuetazinha do coração em chamas de Arina e uma reprodução emoldurada de Chauntilalie pendurada na parede.

Alexander se colocou no centro do cômodo, bem como tínhamos decidido que ele ficaria ao final da sessão anterior.

— Você não vai ficar na cadeira, vai? — perguntou Gerard, inclinando-se para se aproximar de mim e analisar a composição pelo meu ângulo.

Então ele atravessou o cômodo e começou a ajeitar a posição da estátua.

Alex parecia despreocupado.

— Onde mais eu ficaria?

Gerard soltou o fecho da cortina, mudando as dobras do tecido para um cenário mais bonito, apesar de eu já ter feito o contorno bruto do objeto na tela.

— Há várias outras cadeiras que pode escolher. Com certeza você não quer que essa coisa velha de vime seja imortalizada.

— Com certeza *você* não quer.

— Bem, não — confessou Gerard, enfim se virando para o filho. Então retirou uns fiapos do ombro de Alexander, sem conseguir se segurar. — Você... você é bem mais do que a cadeira, Alexander. Por que a incluir?

— É parte de quem eu sou, pai. Eu ficar sentado em um *fauteuil* sufocante para uma pintura não muda isso. Além do mais, é muito desconfortável.

— Mas você quer que gerações de Laurent lembrem de você como um...? — Gerard de repente parou de falar.

— Um aleijado? — questionou Alexander em tom de desafio. — Um inválido? Um deficiente?

O duque franziu bem as sobrancelhas, como se estivesse com dor. Percebi que ele fechou as mãos.

— Como alguém... que não é perfeito.

Fez-se um silêncio longo e desconfortável.

— Se está atrás de perfeição, talvez seja melhor você pedir à Verity para refazer na pintura esse seu nariz horroroso.

Prendi a respiração. Gerard ficou olhando para o filho, incrédulo, e me preparei para um rompante iminente.

Em vez disso, ele riu.

Eram risadas tão intensas que ele teve que colocar a mão na barriga para evitar tombar.

— Talvez seja melhor mesmo. — Gerard enxugou o canto do olho e deu um tapinha bem-humorado nas costas de Alexander. — Acho que é melhor eu deixar vocês trabalharem.

O botânico gesticulou para a tela.

— Quer ficar? — sugeri, surpreendendo os dois, mas querendo tirar proveito do momento feliz e inesperado. — Estou fazendo um desenho de base hoje, e vou começar a pintura de fato amanhã.

Gerard descartou a proposta com um aceno de mão.

— Não, não, eu tenho trabalho a fazer também.

— Com as Constances? — perguntei.

Fazia uma semana desde que eu vira as flores roxas. Eu tinha ficado ocupada organizando tudo para o retrato de Alexander, e os retoques de Gerard com frequência o mantinham intocado ao longe, sem comer e trabalhando noite adentro, com a estufa iluminada como um farol mesmo nos momentos que eu apagava as velas ao ir dormir.

Ele lançou um olhar a Alex, então desviou os olhos tão depressa quanto.

— Não, não. Outras coisas. Outras flores. Mas você tem que ver. Já floresceram umas outras, e estão desse tamanho agora... — Ele ergueu o punho fechado. — Dê uma olhada na lista e nos livros, e depois vá me encontrar. Estou sempre em uma das estufas.

Gerard acenou com a cabeça, distraído, e então se foi, o corredor ecoando seus passos por um bom tempo depois de ter saído.

— Ele deu o nome de uma mulher às flores roxas? — perguntou Alexander quando ficou nítido que Gerard estava longe do escritório e não ouviria.

— De início, sim. *Callistephus constancensia* — adicionei, tentando lembrar o nome exato que Gerard tinha dado aos brotinhos. — Mas depois falou que talvez decida por outro nome.

Alex fez um som de censura.

— A audácia do homem.

— Ela tinha ajudado com as flores, foi o que ele disse. Quem é? Uma assistente? Uma jardineira?

Ele suspirou.

— Acho que você vai perceber cedo ou tarde que o papai... — Ele olhou para o teto, como se tentando encontrar as palavras ideais. — O papai é um homem de... apetites insaciáveis.

Ele abaixou a cabeça, olhando-me com a certeza de que não estava fazendo referência a propensões de Gerard por jantares extensos.

— Ah — murmurei, logo ficando vermelha.

— Eu não entendia muito bem isso quando era mais novo. Não entendia quem eram as mulheres. Eu as via por uns dias e depois elas sumiam... Ele vai de uma à outra depressa, sempre atrás de algo novo.

— Coitada de Dauphine. — Fiquei com o coração apertado por ela. — Acha que ela sabe?

O rosto de Alex estava sério.

— Eu acho que mamãe mergulha de cabeça nas próprias atividades, socializar e fazer compras, para evitar pensar muito a respeito, mas com certeza deve doer. Eu sei que sim — acrescentou. — Então, essa Constance... — Ele deu de ombros. — Eu não faço ideia de *quem* seja, mas sem dúvidas sei bem que *tipo* de ajuda ela deu a ele.

Eu me remexi, sem saber o que dizer.

— Meu pai mencionou uma lista — comentou Alex, mudando de assunto de maneira brusca enquanto se aproximava da escrivaninha para reposicionar a estátua. — Que lista?

Eu me levantei para ajustar as cortinas e entreguei a ele o papel.

— Ah, papai.

— O que foi? O que significam?

Ele amassou o papel e então atirou em um cesto de lixo.

— Só que um lobo perde o pelo, mas não perde o cheiro. Ele quer adicionar um buquê à pintura? — deduziu ele, percebendo os livros na minha mesa de trabalho. Confirmei com a cabeça enquanto Alex pegava os exemplares. — Não se dê ao trabalho. A pintura não é dele.

— Espere... — pedi, pegando os livros. — Na verdade eu quero dar uma olhada. O significado das flores... quero aprender mais.

Alex cedeu, soltando os exemplares.

— Como quiser.

Abri o primeiro, folheando as páginas, encantada com as pinturas botânicas e as listas de possíveis significados de cada flor.

— Talvez eu faça um buquê para você ainda hoje. Eu poderia adicionar uma... — Folheei outra vez, tentando encontrar algo adequado. Algo que o fizesse sorrir de novo. — Uma rosa.

Alex ficou com ruguinhas ao redor do olhos quando riu.

— Que falta de criatividade!

— É a primeira vez que tento falar a língua das flores! — retruquei, fingindo estar ofendida.

— Bem, você vai precisar se atentar às cores. Qual vai escolher?

Analisei o verbete surpreendente de tão comprido.

— Um rosado, acho. — Continuei lendo. — Cor-de-rosa, sem espinhos.

Levantei a cabeça, torcendo para ter feito a escolha certa. Era para representar o início do afeto, oferecido com emoção na esperança de ser recíproco.

Ele considerou a escolha enquanto voltava à posição anterior, pronto para o início de nossa sessão.

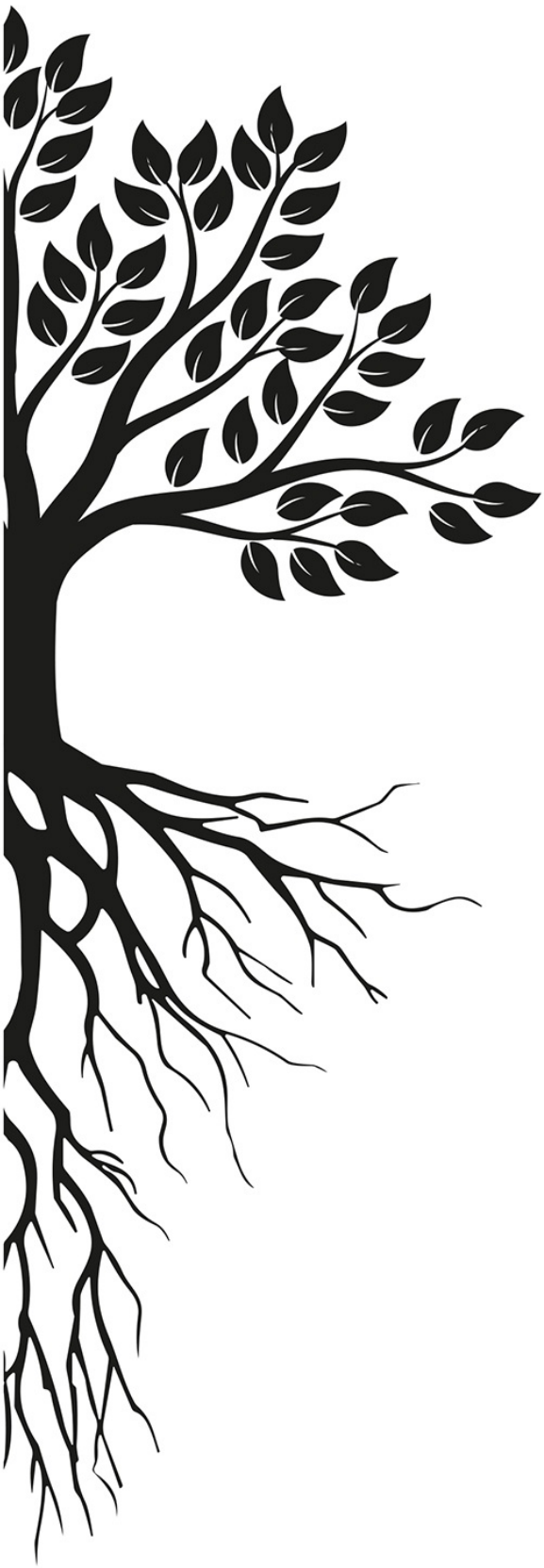
— Seria uma honra receber de você essa flor.

Peguei o lápis e olhei para a tela.

— Você mandaria algo em resposta?

Alexander abriu um sorriso perfeito, e comecei a trabalhar, logo capturando a imagem na tela.

— Ah, Verity, você vai ter que esperar para ver.



18

— Por que viemos para tão longe? — perguntei enquanto passávamos pelos jardins, seguindo uma rota revestida por tábuas em direção à floresta próxima de Chauntilalie.

Talvez "floresta" fosse demais. Era óbvio que a vegetação era bem-cuidada: os galhos e as videiras que no geral se espreitavam e rastejavam sem controle pelo solo de uma mata estavam controlados, mantendo o caminho transitável para a cadeira de Alex. Só que as árvores pareciam brutas e selvagens, conferindo a ilusão de que estávamos no início de uma aventura inconsequente.

Na maior parte das vezes, almoçávamos ao ar livre. Alexander gostava de exibir os tesouros escondidos da ampla propriedade, e os piqueniques eram uma ótima distração depois das longas sessões de pintura da manhã.

— Você viu o Muro do Viveiro ao chegar à cidade? — perguntou Alex, enquanto as rodas da cadeira rangiam alto pelo caminho de tábuas. Confirmei com a cabeça, e ele prosseguiu: — A maior parte das pessoas não sabe disso, mas havia algumas estátuas feitas para o muro que nunca foram usadas. Foram consideradas horripilantes demais. Até dizem que os próprios filhos dos escultores choraram quando viram o que os pais estavam criando. Meu trisavô as trouxe para Chauntilalie.

— Uma decisão bem sensata. — Gargalhei. — E no piquenique de hoje você está me levando para ver essas criaturas horrendas?

— Você preferiria ir com minha mãe para o almoço da alta sociedade, então? Com certeza dá tempo de voltarmos. — Ele deu uma piscadela. Então, enquanto o caminho fazia uma curva, continuou: — É melhor se preparar. As estátuas são feitas para surpreender, e a primeira é bem chocante.

Mesmo sendo alertada, fui pega desprevenida.

A estátua estava presa à lateral de um salgueiro gigantesco. Não consegui evitar olhar para cima, esperando me deparar, maravilhada, com a copa expansiva de galhos pendurados.

Em vez disso, dei de cara com um monstro rastejando tronco abaixo. O pescoço estava inclinado para trás em um ângulo impossível enquanto

observava os habitantes do jardim. Uma boca gigantesca se curvava em escárnio, e presas enganchadas envolviam as mandíbulas.

— Por que alguém criaria algo assim? — questionei, tentando disfarçar meu arquejo.

— Quando o Muro do Viveiro foi construído, Florice foi vista como uma região pequena e irrelevante. O Povo das Pétalas era meio ridicularizado... defendendo o amor e a beleza em uma época de tanto conflito por território. O viveiro foi construído para mostrar que a arte pode ser significativa, que a beleza pode ser poderosa. — Alex passou pelo salgueiro. — Essa aqui é uma das minhas favoritas.

— E o que é? — questionei quando vi o gigante pesado.

Não era exatamente um urso, não era exatamente um sapo, mas era enorme o bastante para tapar o restante do jardim à primeira vista. Olhos protuberantes saltavam de um focinho quadrado. Ao final das pernas grossas e atarracadas estavam as patas palmadas.

— Dei o nome Brutus a ele — contou Alex, sorrindo. — Quando eu era criança, vinha com várias histórias e lia para ele em voz alta. Mamãe até mandava alguém trazer chá.

Não consegui evitar sorrir, imaginando-o apoiado nas patas do monstro, brindando a xícara nos dedos estranhos da fera.

— Com certeza ele parece ser uma companhia melhor do que a primeira coisa que vimos. Oi, Brutus — cumprimentei.

Os olhos de quartzo da estátua pareceram dar uma piscadela em resposta.

— Você devia ter trazido o caderno de desenhos.

— Devia mesmo. Onde vamos ficar?

Eu carregava o cesto de vime no braço. Raphael o tinha abastecido de sanduíches com fatias grossas de presunto e manteiga com sal, uma garrafa fechada de limonada cor-de-rosa e todos os copos, pratos e talheres que viessem a ser úteis.

— Vamos continuar — incitou Alex, apontando pelo caminho. — Chegamos... no Jardim dos Gigantes.

Depois de passarmos por Brutus, vi como a área era ampla. No meio do jardim havia um lago tomado por verdete. O caminho de tábuas atravessava as águas verde-escuras, cercado por bancos que convidavam as pessoas a se sentar e observar as criaturas que se esgueiravam de debaixo de árvores e atrás de arbustos. Era uma mistura de criaturas fantásticas e horríveis.

— Está bom aqui? — questionou Alex, parando perto de um dos bancos.

Uma cabeça empedrada e disforme despontava entre as ondas, parecendo um inseto a não ser pelos dedos de aparência bem humana que seguravam a beirada da passarela.

Fiz de tudo para não estremecer enquanto confirmava com a cabeça, começando a abrir o cesto.

— Que tarde linda — murmurou Alex em apreciação, erguendo o rosto na direção do sol enquanto dois cisnes pretos passavam por ali, observando-nos com um desdém altivo.

Varri o jardim com os olhos, identificando um dragão na beira do lago tão cheio de musgo e líquen que quase se mesclava à paisagem. Uma videira curvilínea saía de um dos olhos da criatura, criando o efeito de uma íris verdejante.

— É um lugar estranhamente perfeito — confessei. — Adoraria desenhar tudo aqui.

Ele sorriu, parecendo bem satisfeito consigo mesmo por ter escolhido o lugar, e deu uma mordida no sanduíche.

— Talvez eu pudesse ir rapidinho em casa depois do almoço — continuei, pensativa. — O retrato está indo bem. Daria para tirarmos a tarde de folga.

Alex negou com a cabeça.

— Você já tem compromisso esta tarde. A mamãe comentou que chegou um bilhete hoje de manhã. Seu vestido ficou pronto, e você pode ir lá experimentar. — Ele se recostou na cadeira, observando-me com as pupilas escuras e dilatadas. — Estou ansioso para ver como vai ficar em você.

Senti um rubor delicioso tomando meu corpo, causando formigamentos e deixando meu pescoço e minhas bochechas vermelhos, quentes e palpitantes. Ninguém nunca tinha me olhado daquela maneira. Era extasiante.

— O vestido? Ah, é formal demais para o dia a dia.

— E se o usasse na festa?

Ele colocou uma amora envolta por açúcar na boca.

— Que festa?

— Por certo você ouviu a mamãe falando sem parar a respeito. É semana que vem.

Franzi a testa.

— Ela comentou de um jantarzinho...

Ele sorriu.

— Não existe nada "inho" com Dauphine Laurent. Foram convidadas umas vinte famílias, no mínimo.

Fiquei surpresa.

— É muita gente.

— Ela quer apresentar você para todas as amigas e se vangloriar por descobrir seus talentos. — Alex comprimiu os lábios, parecendo escolher com cuidado as palavras seguintes. — Eu também estava esperando que fosse uma chance de exibir você. De exibir a *nós*.

— A nós? — repeti, adorando a mudança no rumo da conversa.

Passávamos as sessões conversando sobre vários tópicos: indo de arte e dos livros caros a ele, para histórias engraçadas de parentes distantes até chegar a todas as mudanças que ele queria fazer em Florice no futuro. Alexander tinha uma perspicácia leve e charmosa, mas, embora eu soubesse que ele gostava de minha companhia — e parecesse que os pais deles tinham logo tentado nos juntar —, ele nunca havia deixado suas intenções tão evidentes.

E como *ele* não dizia nada, *eu* sentia que não poderia dizer nada. Então não falávamos sobre isso, mas conversávamos de tudo, descobrindo a forma de pensar um do outro, as cadências e os ritmos. Brincávamos um com o outro, e logo depois nos acabávamos de rir.

Era bem diferente do cortejo entre Camille e William que eu havia testemunhado, quando espiava os dois sentados em cadeiras opostas na Sala Dourada, murmurando sobre o tempo ou os preços no mercado de peixes por trás de xícaras de chá revestidas de prata.

Ali não tínhamos nenhuma pretensão formal nem momentos forçados que precisávamos cumprir — troca de elogios, piscar de olhos. Éramos só... nós.

— Nós — confirmou Alex, incerto. — Isto é... se você quiser que haja um... nós...

Ele umedeceu os lábios, e eu queria me aproximar e abraçá-lo. Ele parecia bastante desconfortável, como se enfim definir nosso relacionamento o deixasse vulnerável e preocupado.

— Eu... eu me afeiçoei muito a você, Verity. Espero que saiba disso.

Concordei com a cabeça, sentindo que falar estragaria o momento.

— Eu nunca me permiti considerar estar nesta posição... conhecendo alguém tão adorável e maravilhosa como você, tão talentosa e inteligente, e que se encaixa tão bem...

Alexander colocou a palma da mão em minha bochecha, acariciando-a com o polegar. Abri um sorriso para encorajá-lo.

— Eu tinha presumido que, por causa disso — disse ao bater com a mão livre no braço da cadeira de rodas —, nunca fosse me casar. — Então seu rosto ficou todo vermelho, bochechas e pescoço corados, e, quando se

afastou, começou a agitar a mão no ar como se em busca das palavras. — Não que eu esteja dizendo que vamos nos casar. É que... Eu só... — Alex fechou os olhos. — O que estou tentando dizer é que... Eu adoraria cortejá-la, Verity Taumas, se me permite. — As palavras emanaram dele em um rompante frenético como se mal pudesse esperar para despejar tudo. Depois de um instante, ele ousou abrir um só olho para ver minha reação. — Você... você está rindo de mim!

Não consegui esconder o sorriso.

— É que você parece tão nervoso.

— E estou — admitiu.

— Sinto muito. — Cobri a mão dele com a minha, em uma carícia encorajadora. — Você não precisa estar... Sabe disso, não sabe?

— É difícil falar disso, e é por essa razão que não havia mencionado até então... Eu gosto de você, Verity. Mais do que isso... Eu... Eu me importo com você. Muito. — Ele passou os dedos pelo cabelo escuro. — Você é a primeira coisa em que penso quando abro os olhos, e a única coisa que habita meus sonhos à noite. Mas sei que uma vida comigo... com esta cadeira... talvez não seja algo que lhe interesse.

Fiquei com o coração apertado ao imaginar todos os pensamentos tristes e solitários que deveriam estar passando pela mente de Alex. Com cuidado, deslizei pelo banco, aproximando-me dele.

— Isso nunca me incomodou antes — argumentei. — E não acredito que incomodaria um dia.

— Você não tem como saber disso. Você...

— Sei que quero... que *sempre* quis... fazer isto — insisti, e surpreendendo a nós dois, inclinei a cabeça e encostei a boca na dele.

Era nosso primeiro beijo, *meu* primeiro beijo, e foi...

É só um beijo, lembrei a mim mesma, sentindo-me desconectada do momento de um jeito estranho.

Identifiquei nos lábios dele o gosto de limonada, frutas e a luz suave do sol da tarde. Passei os dedos pelo rosto de Alex, contornando as linhas que eu havia desenhado dezenas de vezes, mas que não havia entendido até o momento.

Reparei em cada gesto, cada movimento, cada sensação, no cheiro dele, no gosto, e por fim senti um vazio preocupante no peito. Não era para eu estar sentindo algo? Não era para eu ter sido arrebatada por uma onda extasiante, zonza e ofegante e... alguma coisa? Qualquer coisa.

Era aquilo...

Um beijo era só aquilo?

Não podia ser verdade.

Poetas não escreviam sonetos sobre essa sensação.

Canções não eram entoadas a respeito de sentimentos como aquele.

Pareceu... insignificante.

Por fim me afastei, tentando decifrar o que eu havia feito de errado. O que havíamos feito de errado.

Era o ângulo? A pressão?

Alex sorriu, mas percebi que eu não conseguia interpretar aquilo, não conseguia identificar os pensamentos dele.

Ele estava tão confuso quanto eu?

Eu tinha certeza de que o desejava — pensava nele com frequência e de formas cada vez mais íntimas —, mas será que eu estivera errada? Ou era impossível que os aspectos físicos do amor fizessem jus às fantasias extravagantes de uma imaginação muito fértil? Embora eu fosse inexperiente, não era puritana. Eu tinha lido os exemplares gastos de romance de minhas irmãs. Eu havia comparecido à ópera. Sabia o momento glorioso e empolgante que um beijo deveria despertar.

Esperei que as sensações surgissem e me tomassem, inflamando meu coração até parecer que explodiria no peito e banharia o mundo com o esplendor de um novo amor.

Mas nada aconteceu.



Com um suspiro descontente, prendi um último grampo no cabelo e me virei, observando meu reflexo no espelho à frente. Eu parecia irritada e amarga, e forcei um sorriso para ver se melhorava.

Não melhorou.

Dauphine e eu tínhamos chegado da minha prova de roupa com tempo o bastante para nos arrumar para o jantar e, embora eu me sentisse bem precipitada, queria ter certeza de que ficaria bonita para Alexander.

Nosso primeiro beijo me preocupava.

Eu tinha esperado fogos de artifício e estrelas cadentes, bolhas efervescentes e deleite.

Não esperava...

Aquilo.

Eu tinha passado o trajeto todo até a cidade ouvindo só pela metade ao que Dauphine dizia enquanto fazia uma lista mental de coisas nas quais eu já fora ruim, mas que, com prática, eu havia me aperfeiçoado.

Desenhar.

Velejar.

Bordar.

Caligrafia.

Com certeza eu conseguiria adicionar "beijar" àquela lista um dia.

Havia motivos, muitos motivos, para que o beijo não tivesse dado certo. Era um ato estranho em si — encostar o rosto no de outra pessoa com a expectativa de que o gesto fosse milagrosamente agradável.

Com o tempo, com certeza ficaria mais gostoso.

Assim eu esperava.

O que me preocupava era o que Alex tinha achado.

Se ele tivesse sentido que o beijo tinha sido medíocre também, consideraria que eu era inexperiente naquilo? Ele tinha considerado que eu poderia ser uma pupila apta que buscaria melhorar? E se ele me dispensasse sem me dar outra chance?

Enquanto eu beliscava as bochechas, criando pontinhos de cor ali, alguém bateu à porta da sala de estar com suavidade. Senti como se fosse acabar passando mal. Nossa conversa seguinte poderia determinar o restante da minha vida. Eu continuaria em Chauntilalie ou seria escorraçada, nunca mais dando um único beijo?

— Já vou — respondi, convicta de que era Alexander.

Logo antes de virar a maçaneta de vidro, respirei fundo para me acalmar.

Só que, quando abri a porta, não havia ninguém no corredor.

Confusa, saí, quase esbarrando em um pequeno pacote deixado à soleira.

Um buquê!

Eu me abaixei para pegar o pequeno ramalhete, admirando os aglomerados de um branco da cor da neve e das flores cor-de-rosa lindas. Um cartãozinho estava preso à fita que amarrava o buquê.

"Às vezes palavras não são necessárias. (Cistáceas e gardênias.)", estava escrito na caligrafia arrojada e pontuda de Alex.

Sorrindo, levei as flores para o quarto a fim de colocá-las nos vasos grandes na mesa de cabeceira, antes de me virar para a pilha de livros de Gerard.

Primeiro chequei o significado da gardênia, lembrando que Alex as mencionara na noite em que cheguei à mansão.

— *Gardenia jasminoides* — li em voz alta.

Havia vários significados possíveis. "Você é tão encantadora"; "Eu também sou feliz, alegre, o mais terno amor".

Encostei o nariz nos brotos cor de creme, inspirando o aroma doce antes de checar a cistácea.

O livro só descrevia um significado.

— *Cistaceae* — murmurei, passando o dedo pela frase, com um sorriso se espalhando no rosto, como se o coração sorrisse junto. — "Disto estou muito convicto."

Convicto.

Ele estava convicto.

Senti desaparecer toda a ansiedade que me sufocara a tarde toda, como água corrente se derramando da beira de um penhasco.

Ele estava convicto.

Nosso cortejo continuaria. Havia esperança de um futuro seguro.

Com Alex.

Ele estava convicto.

Um pequeno pensamento sombrio se infiltrou em minha mente, mas o afugentei antes que criasse raiz.

Ele está convicto, mas e você?

~~Querida Mercy,~~

~~Aconteceu tanta coisa nos últimos tempos que preciso lhe contar...~~

~~Minha querida Mercy,~~

~~Obrigada, obrigada, obrigada ao extremo, minha queridíssima irma! Faz quase tres semanas que estou em Chauntilalie, e imagino que vá continuar aqui por bem mais tempo ainda.~~

~~Alexander Laurent pediu para me cortejar, e eu aceitei.~~

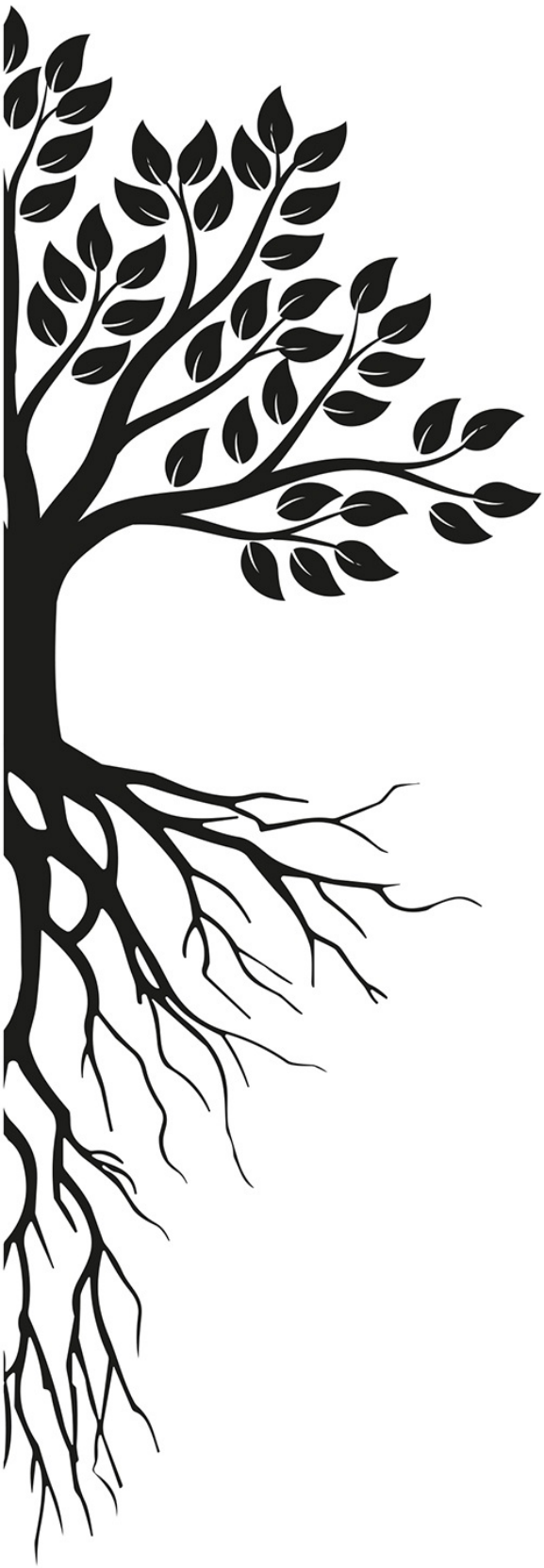
~~Querida irma,~~

~~Muito obrigada por me recomendar para a lady Laurent. Comecei a trabalhar no retrato de Alexander e~~
~~Mercy,~~

~~Eu queria tanto que estivesse aqui. Tem tanto que preciso lhe contar e... Eu só queria mesmo que estivesse aqui.~~

Camille,

Por que, não importa o que eu faça, tudo sempre acaba voltando para você?



19

O RELÓGIO NA MESA DO ESCRITÓRIO tiquetaqueava baixinho, anunciando os segundos que se passavam com uma persistência zombeteira. Reorganizei a ordem das tintas dispostas na mesa lateral e alinhei os pincéis, ajeitando-os até ficarem em um ângulo perfeito, um ao lado do outro.

Analisei o retrato à frente. A figura de Alexander saltava da tela branca, metade finalizada. O corpo, exposto em um busto, estava quase pronto. Eu precisava adicionar umas pinceladas realçando os dedos e os detalhes do tecido nas mangas, mas estava satisfeita com o estado atual da obra.

Ainda assim, o relógio tiquetaqueava.

Exalando com força, levantei-me e andei de um lado para o outro, arrumando as cortinas para criar um efeito diferente, afofando as almofadas no divã, enquanto ouvia o barulho do relógio.

Onde estava Alex?

Não era do feitio dele se atrasar.

No geral, ele se juntava a Dauphine e eu no fim do café da manhã e de lá seguíamos para o segundo andar para a manhã de trabalho juntos. Só que eu havia tomado café sozinha depois de Dauphine mandar avisar que estava com enxaqueca. O lacaio que repassara a mensagem havia transmitido as desculpas da anfitriã em um tom despreocupado, alegando que virava e mexia a duquesa sofria de dores de cabeça.

Primeiro Dauphine, e então Alexander.

Mais tiques do relógio.

Quinze minutos depois, agitada por ficar perambulando pelo cômodo, deixei o escritório, seguindo na direção da ala sul. Tinha uma leve ideia de onde ficava o quarto de Alex e quando ouvi um gemido repentino, ecoando em um barítono familiar, soube que estava na direção certa.

A porta estava entreaberta.

— Alex? — chamei, entrando na saleta.

Ouvi sons de algo se movendo ecoando no quarto, lamentos de dor e tormento. Uma voz pediu que levassem uma valise a ele; reconheci como sendo a de Frederick.

A porta do quarto foi aberta.

— Srta. Taumas, o que está fazendo aqui? — questionou Johann, arregalando os olhos de surpresa.

Eu nunca o tinha visto com aparência tão desleixada. Ele estava sem paletó, e as mangas da camisa estavam dobradas. O colete estava aberto e todo desconjuntado, como se algo — ou alguém — tivesse puxado a peça. As mechas loiras, no geral sempre arrumadas com pomada, caíam nos olhos, e ele respirava pela boca.

— Alexander e eu tínhamos uma sessão para trabalhar no quadro de manhã, mas ele não apareceu. Então vim atrás dele. — Logo depois que falei, ouvi a voz de Alex ecoando no quarto, soando como um uivo de cortar o coração. — O que aconteceu?

— Ele está com dor nas pernas — explicou Johann, vasculhando o cômodo com os olhos. — Às vezes acontece.

— Eu achei que ele não sentisse nada...

— Cadê a porcaria da valise? — berrou Frederick após outra onda de sons de Alex se debatendo.

— Por favor, faça parar, Arina, faça parar — suplicou ele.

Johann tomou iniciativa, pegando uma bolsa preta de debaixo de uma mesa lateral.

— O sr. Laurent não poderá encontrá-la hoje.

— É Verity? — bradou Alex, em pânico. — Não. Não. Eu não quero que ela veja... — Ele parou de falar, e a voz terminou em um grunhido. — Não deixem que ela veja... que ela me veja...

Passos pesados se aproximaram da saleta. Frederick enfiou a cabeça pela brecha da porta, com o rosto marcado por manchas vermelhas e os olhos escuros.

— Você tem que ir embora — declarou ele com firmeza.

Eu não queria ser impertinente, mas não poderia apenas ir embora.

— Posso vê-lo só por um instante, por favor? Para desejar melho...

— Não — interrompeu Frederick. — Vá embora.

A porta foi fechada em um baque definitivo.

Por um momento, fiquei ali na saleta, ouvindo os sons horríveis enquanto olhava ao redor do espaço. Aquele era o recanto particular de Alex separado do resto de Chauntilalie, um espaço todo dele.

Tinha o cheiro dele: papel e tinta, chá com especiarias e resíduos vegetais.

Havia pilhas de livros espalhadas por cada superfície. Alguns tinham papeizinhos ou fitas escapando por entre as páginas, marcando o ponto em que havia interrompido a leitura. Outros estavam de cabeça para baixo, espalhados pelo braço de uma cadeira ou a beirada de uma mesa. Na

escrivaninha havia uma das primeiras reproduções em desenho que eu havia feito dele, na tarde sob as cercis. Passei o dedo pela imagem dele retratada em lápis, desejando haver algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo no momento.

Um lamento alto e terrível cortou o ar, arrepiando o pelo dos meus braços. O silêncio que se seguiu foi ainda mais tenebroso. Então ouvi os sussurros:

— Obrigado, obrigado — murmurou ele várias vezes, a voz frágil e devotada. — Obrigado.

Eu me virei e saí correndo da suíte.



Gerard estava na estufa principal, debruçado sobre uma mesa. Fileiras de minúsculos vasos terracota permeavam o espaço de trabalho, e ele colocava com cuidado uma colher de terra preta em cada um deles.

Fiquei tão aliviada por ver um dos Laurent em seu estado habitual que quase o abracei.

— Verity — cumprimentou ele, levantando a cabeça quando me aproximei.

Ele verificou o relógio de bolso, uma bugiganga de ouro rosé pequena pendurada por uma corrente brilhante na cintura. A coisa se abriu, expondo a faceta do relógio de um lado e o retratozinho de uma Dauphine bem mais nova no outro.

— Achei que você estava com Alexander.

— Ele... não está bem hoje — respondi, incerta sobre como explicar o que eu havia vislumbrado lá em cima, o que eu havia ouvido. — Talvez seja melhor você dar uma olhada nele.

Os olhos do botânico ficaram mais escuros, e ele fitou a sombra imponente de Chauntilalie.

— É uma das crises dele?

— Eu não vi... mas ele parecia estar com muita dor.

Gerard assentiu, sério.

— Acontece de vez em quando. Frederick estava com ele?

— E Johann também.

O rosto dele relaxou.

— Que bom.

Esperei que ele logo se movimentasse, mas apenas voltou a atenção aos vasos.

— Não vai lá vê-lo?

O homem negou com a cabeça.

— Ele está em boas mãos. Por certo já administraram o medicamento... Ele não vai estar muito lúcido pelas próximas horas.

— O que... o que estava acontecendo?

— Espasmos musculares. Ele tem isso desde o acidente. São convulsões nos membros do corpo, talhando que nem leite estragado. — Ele levantou a mão, com os dedos esticados, então fechou a mão em um punho rígido. — Causa muita dor, óbvio.

— E o medicamento? — perguntei, me lembrando da valise preta.

Isso pareceu animá-lo, sua expressão parecia orgulhosa.

— É uma de minhas criações, na verdade. Uma mistura de camomila para ajudar a relaxar, cerejas para combater a inflamação e casca de salgueiro. E algumas outras coisas também, lógico.

— Lógico — repeti, sentindo-me incomodada com o tom tranquilo do botânico, como se estivéssemos tomando chá da tarde e Alex não estivesse lá em cima, contorcendo-se de dor.

Ou inconsciente. Eu não sabia qual das opções era a pior.

— E tudo foi cultivado aqui — acrescentou ele, fazendo um gesto com o braço na direção da estufa.

— Eu não sabia que dava para usar plantas em algo além da decoração — confessei, olhando ao redor da mesa de trabalho. — Ou perfumes. Alexander faz tudo parecer tão...

— Frívolo — deduziu ele, com uma expressão de descontentamento.

Eu não poderia fingir que não era o caso.

Gerard suspirou.

— Aquele garoto só vê o que quer... Meu trabalho é bem mais do que pétalas bonitinhas e aromas. Olhe essas plantas, Verity. São lindas, com certeza, mas o trabalho que faço aqui é importante. Tem significado. As plantas são medicinais, possuem propriedades de cura. Podem amenizar os espasmos de Alexander, acabar com a dor nas pernas. Curam queimaduras, doenças, removem cicatrizes. Essas plantas, as coisas que meu filho estima tão pouco, possuem o poder de vida e morte.

— Morte?

Olhei na direção em que presumia que ficasse a janela de Alex.

— Está vendo aquelas terras ali?

Segui com o olhar para onde ele apontava o dedo e vi um lote isolado, separado com cuidado do restante da estufa. Estava cercado por um portão

alto feito de filigranas de ferro forjado. Crânios de metal de expressões retorcidas olhavam de cima, nos pontos mais altos da cerca, com malícia. Eram uma visão tão inesperada em meio a um mundo de verde, de coisas brotando, que prendi a respiração.

— O que é aquilo?

— A mais completa destruição — revelou Gerard, admirado. Ele pegou luvas de trabalho e as ofereceu a mim. Depois que eu as calcei, ele pegou outro par da aba no colete e as calçou também. — Venha comigo, só não toque nem cheire nada.

— Cheirar? — perguntei, mas ele estava ocupado com a tranca e não respondeu.

O portão soltou um guincho de metal se arrastando quando Gerard o abriu.

— É melhor lubrificar o portão — comentei, sem saber se eu queria mesmo entrar.

— Eu o mantenho assim há anos — contou ele, sorrindo. — Eu sou o único que tem a chave da estufa, mas no geral a deixo destrancada enquanto trabalho... para o caso de Dauphine ou Alexander precisarem de mim. Se alguém entrar escondido, enquanto eu estiver fazendo algo, para tentar roubar uma das plantas... — Ele balançou o portão para a frente e para trás. — Funciona como um sistema de alerta, entendeu?

Fiquei enjoada. Que tipo de plantas precisavam daquele tipo de medida de segurança?

— Venha, venha — chamou ele, e seguimos pelo caminho central. — O que você vê?

Girei em um círculo, olhando para as plantas presas com um olhar crítico. A tensão em meu peito se dissipou, como uma névoa se espalhando sob o sol da manhã.

— Parece tudo tão... normal.

Ele riu.

— Esse é o grande equívoco quando se trata de plantas. As pessoas acreditam que são tão superiores ao resto do mundo vivo... Somos civilizados, andamos em carruagens chiques, criamos obras de arte duradouras e nos apaixonamos. Logo, devemos estar muito acima da terra, do mato e *disto aqui*. — Ele apontou para uma árvore baixa com um tronco grosso e feio. As folhas eram pontudas e verde-escuras, e algumas orbes laranjas estavam penduradas nos galhos. — *Strychnos nux-vomica*. Se inspirar o pó das sementes desses frutos, minutos depois é tomada por convulsões. E menos de uma hora depois, morre.

Ele me conduziu por outro caminho, parando diante de um bocado de brotos verdes com pétalas roxas pequeninas e lindas com formato de sino em cima.

— Temos essas aqui no terreno de Highmoor — comentei, agachando-me para analisar os brotos manchados e em forma de taça. Então levantei a cabeça, assustada. — É melhor, então, tirarmos de lá?

Gerard gargalhou.

— A dedaleira não mata geralmente, mas pode causar um rebuliço no sistema digestivo e no coração, se não houver um antídoto por perto.

Olhei, desconfiada, para as flores delicadas. Uma vez que sabia dos segredos que escondiam, de repente me pareceram estranhas e suspeitas.

— Quer ver meu tesouro precioso?

— Eu... acho que sim...

Engoli em seco o bolo na garganta que se assemelhava ao medo.

Gerard me ajudou a ficar de pé e nos guiou ao centro do jardim de venenos. Estendeu a mão para um arbusto quase da minha altura, como se estivesse na corte, apresentando uma dama grandiosa.

— Eis aqui *Atropa belladonna*.

Florzinhas que pareciam feridas se aninhavam entre as folhas, e porções de frutos redondos e escuros brilhavam, sedutores, à luz da manhã.

— Uma das plantas mais perigosas no mundo que conhecemos — comentou ele, observando-a com um maravilhamento fascinado. — É a única espécie que consegui cultivar até chegar à maturidade. É quase impossível germinar as sementes. Mas olhe para ela. Não é magnífica? Tão encantadora, tão letal. Só de ingerir alguns frutinhos a pessoa...

— Pare — interrompi. — Eu não quero saber.

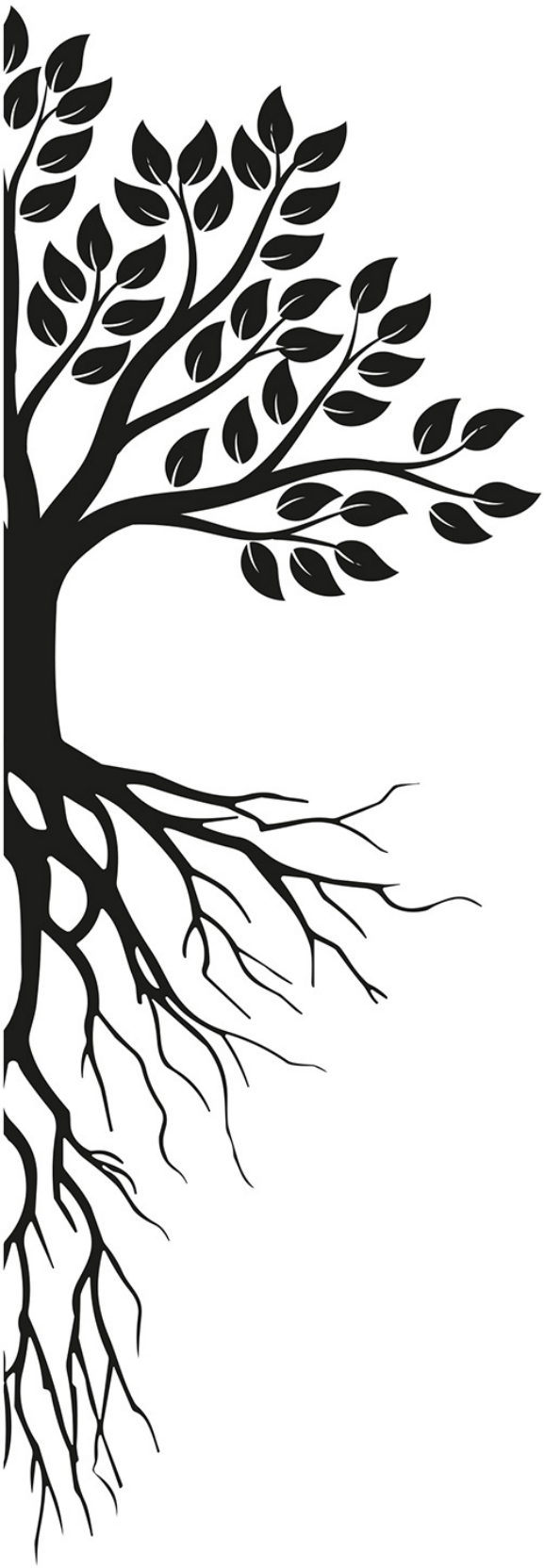
Ele inclinou a cabeça, como se não conseguisse entender minha aversão.

— Eu só achei que...

Dei as costas à planta, ansiosa para sair daquele jardim da morte. O verde — que momentos antes parecera tão benigno, tão encantador — naquele instante se inclinava em nossa direção com uma intenção maliciosa, como se conspirando pelo nosso fim com um júbilo ávido.

Passei pelas plantas com folhas claras e em formato de estrela e brotos pontudos tão vermelhos quanto feridas, árvores com flores penduradas que eram tão amarelas que pareciam vômito, uma sebe densa que estranhamente tinha o cheiro de amêndoas, fazendo cócegas em meu nariz com uma persistência terrível. Minha visão começou a ficar turva, me deixando um pouco tonta demais, sob claridade demais, e senti os

joelhos cederem. Minha cabeça bateu nos azulejos lascados de cor lavanda, e então não vi mais nada.



20

O MUNDO TODO RETORNOU EM uma mistura de cores vivas que eram claras demais, deixando rastros de cometas cintilantes pela minha visão.

— Verity? Verity! — exclamou Gerard, me sacudindo.

Pontinhos de luz emanavam do rosto dele; os olhos do homem pareciam arder que nem brasa fervilhante. Parecia radiante. Parecia um deus.

Minha cabeça latejava, cada batimento cardíaco martelando forte demais, causando reverberações erráticas por meu corpo todo.

Um movimento repentino pareceu indicar que eu tinha me sentado, mas, quando olhei para a frente, só vi as placas das janelas da estufa. Espiralavam como um caleidoscópio prismático, de tons iridescentes e explodindo de maravilhamento.

— Verity — chamou uma voz, provocante e debochada.

Eu me virei e vi minhas irmãs, minhas seis irmãs falecidas, ali na estufa.

A pele de Ava ainda estava coberta pelas pústulas da peste. Os braços e pernas de Octavia estavam em ângulos tão errados que senti ânsia de vômito. Dos pulsos de Elizabeth pingavam a água da banheira e sangue, umedecendo a terra seca como uma chuva de verão.

— Vocês não estão aqui — murmurei, e minha língua estava áspera e desobediente, feito uma linguiça que rechearam demais e estava prestes a se romper. — Vocês não estão realmente aqui, porque já morreram.

— Verity — chamou a voz de novo.

Gerard.

Eu achava que era Gerard.

Fiquei sem reação, tentando manter a atenção em minhas irmãs. Meus olhos queriam se virar, se revirar para trás, de volta para a cabeça, de volta para o abraço acolhedor da inconsciência, de volta para o nada tão, tão desolador.

— Verity...

Abri os olhos de repente. Por causa da voz.

Só que não fora Gerard a falar.

A pele dela era pálida e cinzenta. Mechas de cabelo preto cobriam os ombros, balançando à brisa que eu sabia que não corria na estufa. Ela sorriu, expondo dentes cinza afiados, e os olhos...

Choraminguei, chegando para trás, tentando me afastar daqueles olhos, mas eles me mantiveram ali, uma borboleta presa por uma estaca em uma placa. Eram poças pretas profundas me encarando, deslumbrantes e hipnotizantes. Não havia esclera, nem íris. Era só um preto oleoso e revolto.

— Verity... — murmurou ela, alongando meu nome como se estivéssemos em um jogo, capturadas em meio a uma dança.

Ela piscou, e o preto — o preto horrível e terrível — escorreu por suas bochechas, deixando o rosto marcado por rastros de maldade.

— Que expressão estranha — comentou ela, inclinando a cabeça em uma brincadeira que pareceu forçada, estranha e completamente errada. — É como se estivesse surpresa com a minha presença.

— Eu... eu... — Minha cabeça estava pesada, pendendo para o lado enquanto eu tentava falar.

— Você parece um peixe fora d'água, meu bem. Embora — ela fez uma pausa, olhando ao redor da estufa — imagino que esteja mesmo.

— Quem... quem é você?

Os olhos pretos cintilaram, o brilho tão gelado quanto a pele de uma serpente.

— Não lembra? Eu e você somos velhas amigas.

— Não somos, não.

Lutei para ficar de pé, ainda que houvesse raízes brancas tipo fios crescendo por meus braços de maneira impossível, rasgando minha pele, fincando-se bem no solo, e me mantendo no lugar. Videiras das árvores próximas se espreitaram para se enrolar aos meus tornozelos, torcendo-se pelas minhas pernas, cravando-se nos meus músculos enquanto eu lutava contra o aperto dominante. Coisas verdes rastejantes irromperam de meu peito, desabrochando-se em flores assustadoras que abocanhavam e me mordiam.

— Eu não conheço você — insisti.

— Óbvio que conhece. Eu conheço você... Eu as conheço... — contrapôs a mulher, olhando para minhas irmãs.

Eulalie, com a cabeça bem abaixada junto ao peito, com a clavícula despedaçada, a coluna rachada, ergueu a mão e acenou para nós.

— Verity — murmurou minha irmã, com um tom triste que eu não lembrava de ter ouvido antes.

Minha mente lutou contra o pensamento, resistindo como um cavalo em surto.

Eu *não* tinha como lembrar da voz dela.

Não de Eulalie.

Tinha?

— Verity — entoou a mulher dos olhos pretos. — Eu preciso que me escute, menina. Preciso que ouça bem.

Em um piscar de olhos ela sumiu, para longe de mim, para o outro lado da estufa, nas árvores, pendurada nos galhos a quilômetros de distância.

— Consegue me ouvir? — balbuciou ela, e eu conseguia ouvir, *sim*, a voz dela bem em meu ouvido, em minha cabeça, retumbando por minha corrente sanguínea, inquieta, perturbadora.

Com um aceno fraco de cabeça, confirmei.

— Que bom. — Em um instante ela retornou, o peso de seu corpo me pressionando mais na terra. — Você tem que ir embora daqui. — A mulher se inclinou à frente, pressionando os cotovelos ossudos em meu pescoço e bloqueando minha respiração. — Entendeu? Vá embora de Chauntilalie.

Vi pontos escuros, e senti como se estivesse lutando para respirar, como se minha boca estivesse comprimida e cheia.

— Ouviu, Verity? — questionou o espectro, mas eu não conseguia responder.

Havia turfa e barro dentro de minha boca. A terra me sufocava.

— Verity?

O rosto dela estava muito perto do meu, perto demais. Os olhos da mulher eram grandes e ficavam cada vez maiores até que tudo o que eu via era a extensão infinita das profundezas escuras.

— Verity!

A mão ágil de alguém irrompeu do vazio aterrorizante e me deu um tapa forte na bochecha.

Eu me sentei, arfando, estremecendo ao me deparar com um mundo claro demais.

Gerard estava sentado ao meu lado em uma cadeira de vime comprida. Estávamos ao ar livre, no jardim. Eu sentia o ar fresco no rosto. A mulher — o monstro — havia desaparecido. Minhas irmãs também, deixando apenas o eco da voz desamparada de Eulalie em minha mente.

— Ah, graças a Arina! — exclamou Gerard, ofegante como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Alguém que eu não conseguia ver colocou um copo em minhas mãos, e Gerard me ajudou a levar o conteúdo à boca, a água fresca descendo pela

garganta, o que deixou a mente um pouco mais desperta.

— O que... o que aconteceu?

— A sebe de loureiro — declarou ele, como se explicasse tudo. — Eu a tinha podado de manhã. Nem pensei que... — Ele parou de falar, ofendendo a si mesmo baixinho com uma série de xingamentos. — Foi muito estúpido da minha parte.

— Eu não... não entendo.

— A seiva do loureiro exala um veneno poderoso... Quando podamos os galhos, é preciso tomar muito cuidado para não inspirar as toxinas... Eu tinha deixado as portas abertas para arejar o espaço. Não considerei que permaneceríamos lá por tanto tempo, ou que você seria afetada assim. Eu tinha passado a manhã trabalhando na estufa sem ver nada.

— Ver — repeti, e umedeci os lábios. — O que era para eu ver?

Gerard deu de ombros.

— Algumas pessoas já relataram ter alucinações, coisas terríveis das quais não conseguiam acordar. Às vezes ficavam com a garganta bloqueada... sufocavam nas próprias línguas empoladas. — Ele ficou olhando para mim. — Não tenho como me desculpar com você. Não consigo acreditar que fui tão descuidado.

— Então... foi como um sonho? — questionei, sentindo uma onda de alívio.

Só um sonho.

Não fui eu.

Não foi minha mente.

Não de verdade.

Gerard franziu a testa.

— É difícil dizer. Algumas pessoas acreditam ser mais que isso. Que é uma experiência, como portas se abrindo para outros mundos. Um portal para reinos além do nosso. Já li muitos relatos de sobreviventes dizendo terem visto várias maravilhas inimagináveis. Alguns até alegam terem conversado com os deuses. — Gerard se inclinou à frente. — Foi quem você viu?

— Quem eu vi...

A mulher com os olhos cheios de lágrimas.

Ela não era humana, aquilo era bem evidente.

Teria sido uma deusa?

Abri a boca, formulando a resposta.

Eu queria contar a ele. Queria contar tudo.

Sobre os fantasmas.

Sobre a deusa.

Mas o que Gerard pensaria de mim?

Com certeza uma garota com a capacidade de ter pensamentos tão terríveis — a clavícula afundada de Eulalie me veio à mente —, visões tão terríveis, não era a escolha certa para o filho dele.

As palavras de Camille me assombravam.

"Ninguém vai querer ter uma noivinha desatinada, uma esposinha desatinada, parindo criancinhas desatinadas. Seria o fim para você."

Mas não era minha culpa.

Eu não tinha perdido a sanidade.

Foi o loureiro.

Não foi?

Não tinha loureiro nenhum na noite que você viu aquelas mulheres, uma vozinha em minha cabeça provocou.

Foram os pavões.

Não com a Hanna. Ela que morreu faz doze anos, lembrou a voz.

Pare com isso.

Pare com isso agora.

Não são sonhos e não é o loureiro, insistiu a voz, parecendo de um jeito sinistro com a da mulher melancólica. *Sempre foi você*.

Dei um grande gole na água, quase engasgando com o grito lutando para se libertar.

Gerard nunca poderia saber. De nada. Eu não poderia arriscar a relação com Alex, nem meu posto em Chauntilalie, nem a mera segurança de meu futuro por causa daquilo.

Não poderia.

— Eu não lembro — menti, então tomei mais água.

— Tem certeza? — insistiu ele, com um brilho estranho nos olhos. — Pareceu afetar tanto você. Pode me contar, Verity. Mesmo se for só um fragmento de memória.

Ele cobriu minha mão com a dele, parecendo preocupado.

Neguei com a cabeça.

— Não me lembro de nada. De verdade.

— Você falou vários nomes.

Dei de ombros, impotente.

— Você falou com alguém. Parecia estar com medo.

Ele apertou meus dedos com força, de forma incomum.

— Eu não estava... Não lembro. — Eu me senti encurralada, sem conseguir me soltar do aperto dele ou de seu olhar fervoroso. Arfei. — Gerard, você está me machucando.

De imediato, ele me soltou.

— Eu... Desculpe, Verity. Não sei o que me deu. — Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto. — Talvez eu mesmo tenha inalado muito do loureiro... — Então esticou a mão como se quisesse amenizar qualquer resquício de dor de minha mão, mas parou, parecendo pensar duas vezes. — Sinto muitíssimo.

— Está tudo bem — respondi, tentando esconder o tremor. — Foi um dia estranho para todo mundo.

Ele acenou com a cabeça, grato.

— Foi mesmo. Foi mesmo.

— Eu quero voltar para o quarto agora — anunciei, fazendo um esforço para me levantar da espreguiçadeira.

— Lógico, sim. Vou levá-la até lá — sugeriu, logo se levantando e me estendendo o braço.

— Não — contrapus depressa. — Eu... eu sei quanto trabalho você tem a fazer. E... seria melhor arejar mais a estufa, é óbvio.

Gerard pareceu envergonhado.

— Lógico. Lógico, sim. Vou fazer isso.

Dei um passo instável para longe dele. Depois outro.

— Que bom. Obrigada.

Tinha avançado dois passos pelo terraço quando ele me chamou.

— Verity.

O som de meu nome na boca dele, um eco exato de como Eulalie pronunciara, me fez estremecer.

Como eu tinha me lembrado da voz de Eulalie?

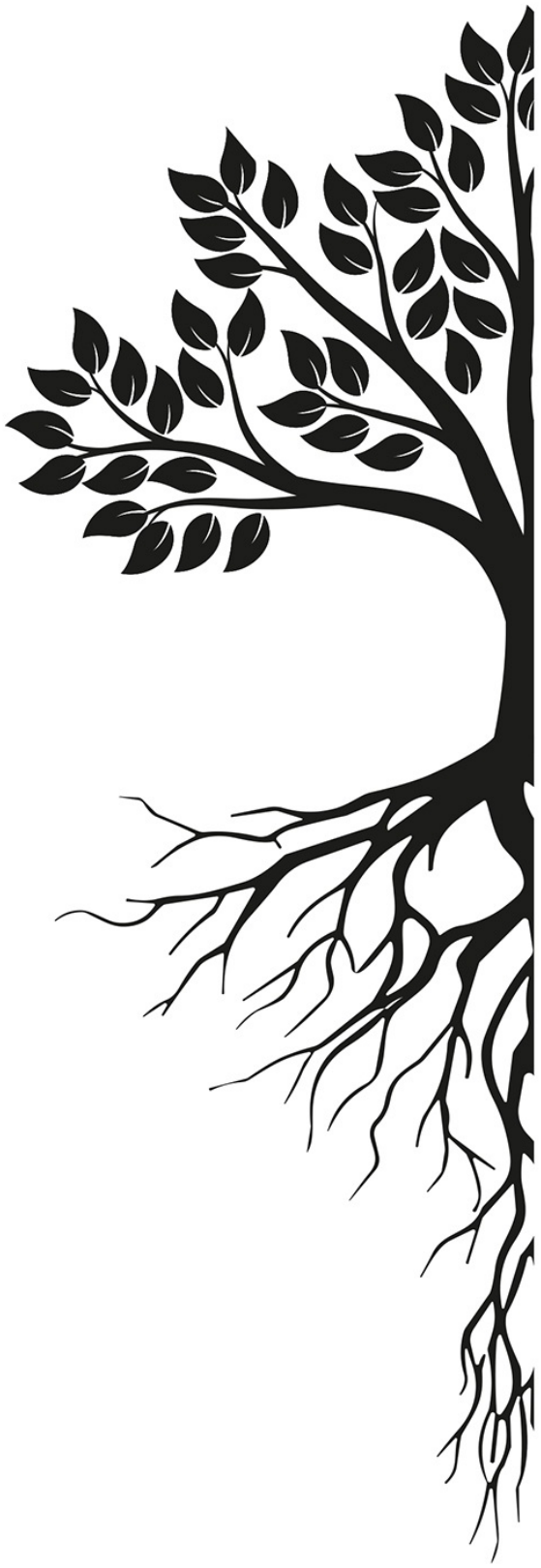
Então me virei na direção dele.

— Se lembrar de algo, vai me contar, não vai?

Uma série de tremores me tomou, e, apesar do dia quente, de repente senti o corpo todo gelado.

— Com certeza — menti.

Gerard sorriu e andou na direção da estufa.



21

Por sorte, não havia criado algum em minha suíte quando voltei, sentindo como se estivesse me tremendo toda de dentro para fora.

— Água — murmurei, instruindo a mim mesma contra o pânico que me assolava. Minha garganta estava seca, e o ressecamento parecia se estender até o estômago. Com as mãos trêmulas, peguei o jarro ao lado da cama e servi um copo grande de água, engoli tudo bem rápido, sem parar. — Mais.

Imaginei a água descendo pela garganta e afastando os resquícios do pesadelo que o loureiro provocou em mim, limpando os vestígios remanescentes da mulher perversa.

Ainda assim, não foi o bastante.

Olhei para o jarro vazio e estava prestes a puxar a corrente felpuda pendurada ao lado da cama para chamar um criado quando lembrei de algo que Hanna me disse uma vez.

"Sempre que há algo te incomodando, você corre para a água."

Acenei com a cabeça para a sabedoria antiga na voz fantasmagórica dela.

Eu só precisava de mais água.



Cordas feitas de flores douradas se enrolavam pela torneira ouro rosé. A água jorrava dentro da banheira rebaixada. Havia garrafas de vidro enfileiradas na penteadeira do banheiro, cheias de sais, flocos, óleos e flores secas. Eu as abri sem pensar, despejando quantidades desajeitadas e extravagantes na banheira. Espalharam-se pela água em um tom arroxeado convidativo, cintilando com um brilho furta-cor e aromatizando o ar.

Eu não me importava com nada daquilo, com as cores, os aromas impregnados. Eu só queria entrar na água.

Tirei com dificuldade a blusa e a saia. As peças estavam grudadas em mim em meio ao vapor, e quase rasguei a camisa na tentativa de me livrar dela. Eu sentia como se estivesse sendo estrangulada devagar, o abraço apertado de meu espartilho me lembrando de um jeito bem desconfortável das videiras rastejando por minha pele. Meus dedos tremiam enquanto eu abria o último conjunto de colchetes e ilhós e jogava a roupa no chão.

Praticamente me joguei dentro da água estonteante.

A banheira era bastante profunda e comprida, e mergulhei, submergindo o corpo por completo pelo máximo de tempo que meus pulmões aguentaram.

Quando enfim levantei a cabeça, a água cobria meu peito, chegando ao queixo. Girei uma das torneiras com os dedos dos pés, e a corrente constante da bica diminuiu até cessar. Inspirei fundo, desfrutando do ambiente úmido e enfim me sentindo como se pudesse respirar direito.

A água estava quente e acolhedora, cercando-me em um abraço que parecia um lar. Estiquei o corpo, de costas, e fiquei olhando para o teto pintado. Folhas, flores e pássaros margeavam a superfície, em grande quantidade nas laterais, e então mais esparsos ao se aproximarem do pequeno lustre com videiras no centro do cômodo.

Eu balançava de um lado para o outro, movimentada pelo ritmo das ondulações constantes. Lógico que eu tinha me limpado desde que cheguei à Chauntilalie, mas era a primeira vez que eu parava para apreciar de fato as maravilhas do cômodo, da banheira.

A água estava cheia de sabão, pelo menos mais do que o normal, fluindo pelos membros de meu corpo com carícias sensuais, e olhei para as garrafas metade vazias dos óleos, sentindo-me culpada por despejar tanto do conteúdo quando entrei apressada.

Eu compraria mais depois.

Naquele momento, só queria fechar os olhos e deixar a água acalmar meus nervos à flor da pele. Eu já sentia a tensão na cabeça sumindo, desprendendo-se de mim como as geleiras se rompendo e tombando no oceano, derretendo-se em pedaços cada vez menores até virarem apenas água.

Quando enfim saí do banho, as pontas de meus dedos dos pés e mãos estavam enrugados feito ameixa seca, mas enfim me sentia como eu mesma de novo.

Estar na água tinha me dado um tempo para pensar tranquilamente, de identificar os medos que vinham me perturbando sem parar desde a fatídica noite em Highmoor, quando eu vira Rosalie e Ligeia vagando pelos corredores.

Camille acreditava que eu via fantasmas e, depois de ouvir Hanna, de ver sua silhueta falhando e sentir minha mão a atravessando, eu havia acreditado que ela tinha razão.

Fantasmas existiam. E eu conseguia vê-los.

Só que aquilo não significava que eu era desatinada.

O que aconteceu comigo no jardim de venenos... aquilo parecia mais estranho, mais impossível de explicar tão bem.

Minhas irmãs — minhas irmãs falecidas há tantos anos — tinham estado lá.

Se eram fantasmas, e eu sabia que fantasmas existiam, então o que a mulher com lágrimas pretas era?

Real, isso é certo, mas um fantasma?

Não necessariamente.

A teoria de Gerard — de que as toxinas no loureiro eram poderosas o bastante para abrirem um portal na mente, um ponto tênue entre mundos no qual tanto maravilhas grandiosas quanto horripilantes poderiam ser vivenciadas — parecia plausível. E se eu já era o tipo de pessoa propensa a ver coisas sobrenaturais...

Eu tinha visto uma deusa? Ou havia uma explicação mais racional?

Era uma alucinação? Minha mente sendo envenenada? Uma mente cheia de lembranças trancafiadas, lembranças esquecidas havia muito tempo, que poderiam ser transformadas em algo estranho e monstruoso?

Ou...

Poderia haver uma explicação ainda mais simples?

Nenhuma das coisas havia acontecido comigo. Nem os fantasmas, nem os deuses, porque era tudo coisa da minha cabeça. Algo dentro de mim estava danificado, deturpado, errado.

Eu tinha perdido a sanidade?

Não parecia ser o caso.

E o fato de eu estar considerando a possibilidade, de ter analisado tudo com cuidado, de forma lógica e racional, não seria prova de que eu estava sã?

Camille havia me envenenado com aqueles pensamentos, incitando em mim o medo e a dúvida, uma rebarba afiada feita para me cutucar para sempre, acabando com a chance de eu ter uma vida normal longe dela e de Highmoor.

Com uma súbita determinação, vesti o robe e segui para a escrivaninha na qual havia outra carta não finalizada para Camille a minha espera. Peguei o papel e comecei a rasgá-lo em dois, então em quatro, em oito, destruindo, meticulosamente, o último resquício de culpa por ter ido

embora do jeito que fui. Eu não precisava me desculpar. Não havia feito nada de errado.

Quando o papel virou apenas pedacinhos de confete, destruído demais para ter conserto, joguei no cesto de lixo e me sentei na cadeira, só então reparando como estava tarde.

O crepúsculo banhava o mundo, tingindo o céu de um lavanda rosado. Uma porção de estrelas espalhadas brilhava com intensidade, e eu via uma lua crescente enorme logo acima das árvores, parecendo saudosa e sonhadora.

Respirei fundo, focando o presente. Era ali que eu queria estar. Não em Highmoor, para sempre sob a asa da minha irmã, sempre querendo coisas que estavam fora do meu alcance.

Eu queria estar ali. Ficar ali. Com Alex.

Como se atraído por meus pensamentos, alguém deu batidinhas suaves à porta.

— Entre — respondi sem me levantar, e me animei quando o vi.

— Não, não se levante — pediu Alex quando fiz esforço para ficar de pé. Ele se aproximou de mim em vez disso, segurando meu rosto entre as mãos e me observando, preocupado. — Sinto muito por não ter vindo antes. Acabei de acordar e soube do que aconteceu. Você está bem?

Senti a mão quente dele em minha testa, checando a temperatura, e afastei-a, entrelaçando nossos dedos.

— *Você* está bem?

Ele parecia um tanto pálido, e as olheiras eram profundas o bastante para parecerem hematomas. Estava de pijama e um robe verde-esmeralda macio, e o cabelo estava bagunçado por ter ficado deitado. Imaginei perfeitamente como ele devia ter sido quando criança.

Alex confirmou com a cabeça.

— A dor já passou. Os extratos do papai sempre ajudam a amenizar, mas sinto muito por você ter ouvido tudo aquilo...

— Pare — interrompi. — Não precisa se desculpar por isso, por nada disso. Fiquei tão preocupada com você.

— Então peço desculpas *por isso*. Eu estou me sentindo péssimo. Eu devia ter lhe contado das crises, mas fazia tanto tempo que eu não tinha uma, que tinha esperado que, de alguma forma, não fossem acontecer mais. Eu odeio ter deixado você preocupada.

— E aconteceu alguma coisa que foi gatilho para a dor?

Os piqueniques, as aventuras pelo terreno. Ele estava forçando demais o próprio corpo por minha causa?

— Eu acho que não. No geral é algo que vem e vai, sem motivo. Essa foi... especialmente ruim, mas já acabou.

Acariciei os dedos dele.

— Você ainda devia estar deitado. Devia estar descansando.

Ele apertou minha mão, como se temesse que eu o mandasse embora.

— Eu precisava vir ver você. Quando papai contou o que aconteceu, quase perdi a cabeça. — A voz de Alex falhou. — Vim para cá o mais rápido que pude. Ficava imaginando o pior e... Eu não acredito que ele pôde fazer algo tão perigoso. Tão estúpido. — Então passou as costas da mão nos olhos. — O jardim tem que ser destruído.

— Alex...

— Tem, sim — insistiu. — E se você tivesse tocado em outra planta? E se eu tivesse perdido você? Verity, eu... eu não posso...

Ele encostou a testa na minha como se não tivesse palavras, me puxando para um abraço apertado.

Fechei os olhos, me aconchegando nos braços dele. Ali eu estava segura. Era impossível pensar em fantasmas e espectros. Era apenas Alex. Apenas nós.

— Seu cabelo — murmurou ele, passando os dedos pelos nós.

— Ainda está molhado, desculpe.

Eu me afastei, acreditando que as mechas compridas o tinham molhado.

Só que Alexander estava sorrindo.

— Eu nunca tinha visto seu cabelo solto. É tão comprido. Tão lindo. — Então pigarreou, como se constrangido por ter dito aquilo. — *Você* é tão linda.

Ele acariciou minhas bochechas, e de repente fiquei bem ciente de que estávamos usando apenas roupas de dormir. Alex observou os cintos de nossos robes, emaranhados juntos. O dele verde-escuro e dourado, o meu da cor jade-clara.

— Fazemos uma dupla e tanto — comentou ele.

Respirar de repente ficou difícil. Falar, impossível. Concordei com a cabeça.

— Diga a verdade: você está bem?

— Agora estou — prometi.

— Ouvi os relatos mais horríveis de pessoas que...

— Alex — eu disse, tentando interrompê-lo.

— Desculpe. É que... eu tinha essa imagem terrível na mente de que quando eu entrasse no quarto, você não estaria aqui, que teria... — Ele

engoliu em seco. — E eu... não estou pronto para viver em um mundo sem você, Verity.

— Estou aqui. Estou melhor. Não vou a lugar algum.

Ele segurou meu rosto com as mãos de novo, direcionando meu olhar para focar o dele.

— Eu te amo — afirmou Alex em alto e bom som, falando mais alto do que minhas palavras de conforto. — Estou tentando dizer que te amo.

Fiquei sem conseguir respirar, imóvel.

Alex arregalou muito os olhos, ansioso e vulnerável, enquanto me esperava responder. Eu sentia o peso da expectativa dele, da esperança, me pressionando com uma força tangível. Eu não queria decepcioná-lo.

— Você me ama?

— Provavelmente é cedo demais para dizer isso... muito cedo, com certeza... mas os sentimentos existem. São autênticos, de verdade, e, Verity, eu te amo.

— Eu...

Ele encostou o dedo em minha boca depressa.

— Você não precisa dizer isso só porque eu disse. Eu sei que... que só nos conhecemos faz umas semanas, um mês, no máximo, mas amei cada momento que passamos juntos, conversando e rindo... Não faz ideia do quanto amo ver você rir. Quando estamos separados, conto os minutos, os segundos, até ver você de novo. Às vezes sinto que perdi a cabeça, mas sei que não. Eu só...

— Ah, Alex.

Mesmo confusa, um sorriso se espalhou por meu rosto. Eu me sentia como uma flor, virando o rosto para desfrutar do calor do sol.

Eu não o amava, não ainda, não do jeito que ele descrevia, todo animado e com entusiasmo, mas já o estimava. Gostava de sua companhia, respeitava suas ideias, preocupava-me com seu bem-estar.

Aquilo era amor, não? Um tipo de amor?

— Eu também me importo com você. — As palavras saíram de minha boca por conta própria, e eram a verdade.

A base estava lá. O restante viria depois.

Eu tinha certeza.

Ele estacou no lugar, o alívio sendo palpável.

— Mesmo?

Confirmei com a cabeça, determinada.

— Mesmo.

Alex exalou de uma só vez.

— De verdade?

— De verdade.

Com uma exclamação de alegria, ele se inclinou à frente e me beijou.

De imediato fiquei imóvel, surpresa pela repentina transição de conversa para intimidade. Ele moveu os lábios nos meus, de um jeito gentil, mas persistente. Como ele sabia fazer aquilo? Não ousei retribuir, em pânico com a possibilidade de fazer algo errado.

Ele segurou minha nuca, e fiquei maravilhada com a confiança no toque. Ele não estava preocupado que eu fosse achá-lo ousado demais? Não estava preocupado com a possibilidade de os toques não me agradarem?

Alex soltou uns murmúrios de satisfação, o que fez com que eu mergulhasse ainda mais na espiral de pensamentos. Não era para ele sentir que eu não estava presente no momento com ele, atenta e ávida na intenção de desfrutar do momento como ele? Compartilhávamos tudo um com o outro, todos os sonhos e as ideias. A partir dali deveríamos estar juntos naquele espaço físico, e eu não conseguia evitar sentir que estava ficando para trás.

A respiração dele ficou mais profunda, um nítido sinal de agrado.

Ele estava gostando dos beijos.

Por que eu não estava? O que havia de errado comigo?

Eu tenho que fazer isso do jeito certo, pensei, enfim ousando tocar a ponta dos dedos nos ombros dele. *Pontos, por favor, eu tenho que fazer isso do jeito certo*.

Depois de mais um momento, Alex se afastou, sorrindo, eufórico.

— Quer me encontrar no lago amanhã? Tem algo que quero lhe mostrar.

Eu queria. Queria ser o tipo de garota que estava pronta para se apaixonar. Tínhamos percorrido a propriedade toda juntos, sem nem indício de alguém supervisionando. Então por que o pensamento de ficar sozinha com ele de repente me deixou apavorada?

Com certeza haveria mais daquilo. Mais beijos. Mais momentos em que eu estava propensa a fazer algo errado e acabar com tudo.

— Amanhã é a festa — retruquei.

Será que ele não conseguia ouvir meu coração acelerado? Meu rosto estava pegando fogo... Ele tinha que estar vendo o rubor em minhas bochechas. Será que parecia um tom de prazer ou de constrangimento de uma garota desnorteada?

— Eu sei.

— E sua mãe não vai precisar de ajuda com... algumas coisas?

Nas poucas ocasiões em que Camille sediara algum tipo de evento em Highmoor, a mansão toda virava um caos. Ao tomar café da manhã juntas, Dauphine não tinha falado em outra coisa que não fosse a festa. Tantos detalhes a planejar, tantas especificidades com as quais lidar.

— Não com todos os criados extras que ela contratou.

— Mas...

— Você vai amar, sei que vai. E leve o caderno de desenhos.

Fui dominada por uma curiosidade forte o bastante para superar a ansiedade correndo em minhas veias.

— Acha mesmo que não vão dar por nossa falta?

— Use o vestido — orientou ele. — Aquele de que a mamãe está falando sem parar.

— Você quer que eu desenhe... usando um vestido de festa? — perguntei, sem entender.

— É você que gosta de desenhar... Eu só quero ver você com o vestido.

Ele abriu um sorriso, e eu soube que não poderia recusar.

— Amanhã, então.

Alex entrelaçou os dedos nos meus e levou a boca à palma de minha mão, imitando o gesto que fez quando nos conhecemos e despertando uma onda de afeto em meu peito. Eu não me incomodava com aquele tipo de beijo, suave, unilateral e sem nenhuma pressão de ser retribuído.

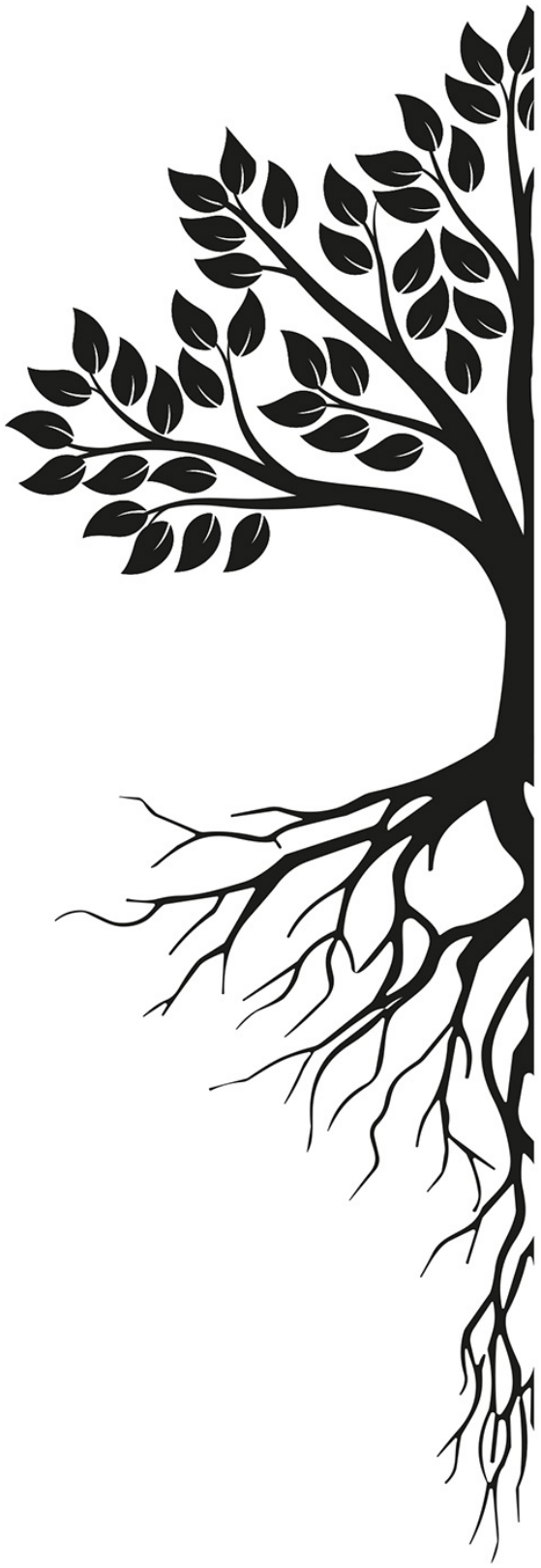
— É melhor eu deixar que você descanse. Não consigo nem imaginar como deve estar cansada.

Ele deu um último beijo em minha testa. Seus lábios eram quentes, ternos, e eu estava morrendo de vontade de sentir aquele afeto que ele parecia oferecer sem esforço.

— Tenha uma boa noite de sono — murmurei, hesitando antes de passar a mão pelo braço dele.

Pareceu um gesto formal e pomposo, mas Alex sorriu mesmo assim.

— Como eu não teria? — rebateu ele, seguindo para a porta. À soleira, virou-se e deu uma piscadela. — Vou sonhar com você.



22

O QUARTO ESTAVA QUENTE DEMAIS.

Os lençóis estavam enrolados em minhas pernas, embolados e emaranhados como as videiras de hera se espalhando por Chauntilalie. Virei o travesseiro de novo, desesperada pelo fresquinho do outro lado, mas não senti alívio algum.

Quando o primeiro pavão entoou, guinchando em meio à noite úmida, sentei-me, grunhindo.

Seria impossível voltar a dormir com os pássaros fazendo aquela barulheira outra vez.

Na mesa de cabeceira havia dois castiçais — uma vela era presente de Annaleigh, e a outra a mistura de cera rosa característica de Chauntilalie. Remexi no *cloche* de vidro ao lado das velas, tateando em busca de um fósforo, enquanto ponderava qual das duas acender.

A revelação de Gerard de que o presente de minha irmã era para afugentar fantasmas deveria ter sido uma surpresa, mas, quanto mais pensava, menos sentia aquilo. Era uma atitude típica de Annaleigh: proteger, sempre proteger, mesmo quando não estava presente.

Por mais que eu quisesse descartar a coisa como superstição de Salinas, as velas deviam funcionar. Eu não tinha visto nem vestígio de espíritos desde que chegara a Chauntilalie.

Mas você via Hanna, contrapôs a vozinha horrível em minha cabeça. *Você via a própria Hanna Whitten que morrera havia doze anos acendendo as velas. Centenas de vezes. Será que elas eram tão eficazes assim?*

Porém, quantos outros fantasmas as velas teriam evitado que eu visse?

Highmoor, apesar das grandiosas reformas, era uma mansão antiga, com séculos de idade. Minhas irmãs e meus pais não foram os primeiros a falecer lá dentro.

— E eu só vi a Hanna — respondi àquela voz, sentindo-me tola por falar em voz alta. — A Hanna, que disse que lutou para ficar lá com a gente. Ficar lá *comigo*.

E as trigêmeas, insistiu a voz. *Você também as viu*.

Aquele detalhe *vinha* me incomodando, um mosquitinho zumbindo em meu subconsciente enquanto eu tentava espantá-lo e esquecer, mas que ficava voltando com uma persistência irritante.

A noite que eu tinha visto Rosalie e Ligeia vagando pelos corredores, a noite que descobrira que fantasmas eram reais, que eu tinha uma espécie de dom...

... *maldição*...

... o que acontecera de diferente? Por que eu as tinha visto naquele momento, e não antes?

Eu estivera com uma vela na mão?

Camille tinha sugerido que eu levasse uma. Eu recusara. Ela tinha enfiado o objeto em minha mão mesmo após a minha recusa? Parecia que sim.

Não a imaginava aceitando não como resposta.

Só não conseguia lembrar.

Com um gesto determinado do pulso, o fósforo se acendeu, e acendi a vela de Annaleigh.

Era melhor ser cautelosa ao extremo. Não poderia arriscar ali. Não naquela casa. Não com aquela família. Não quando meu futuro era tão incerto.

Depois de vestir o robe, segui para a saleta, procurando algo para fazer. De cima de uma mesinha lateral, a pilha de livros de Gerard parecia me encarar. Eu queria lê-los, queria mesmo, mas parecia que eu nunca tinha tempo.

O reloginho na cornija soou duas vezes. Peguei o primeiro exemplar, sem ler o título, e comecei a folheá-lo.

— *Withania somnifera* — li em voz alta, tendo dificuldade com o termo desconhecido. — Cereja-do-inverno.

A ilustração que acompanhava o termo mostrava raminhos verdes de folhas com um fruto laranja, cada um coberto por uma casca enrugada, como uma lanterna de papel.

Só havia uma definição para a planta. "Farsa."

Havia um pequeno crânio desenhado após a definição, indicando que era uma planta venenosa, e por um momento ponderei se havia cerejas-de-inverno no jardim letal de Gerard.

Um arrepio me tomou de repente, e fechei o livro.

Eu não queria pensar no que espreitava atrás daquele portão macabro.

Não queria mais ficar parada, lendo páginas e páginas de informações que eu não iria absorver.

Eu queria estar de pé.

Em movimento.

Desbravando.

Dançando, sugeriu a voz.

Outro clamor estridente soou, parecendo que o maldito pássaro tinha pousado bem ali na sacada.

Eu estava no corredor, o mais longe possível dos pavões, antes de sequer perceber que havia me levantado da cadeira.

Fiquei vagando sem rumo por um tempo, passando por corredores pelos quais eu nunca tivera motivo para transitar de dia. Procurei a escada em espiral escondida que Gerard havia me mostrado, olhando bem para um trecho da parede atrás da qual eu sabia que a passagem estava, até perceber um ornamento em formato de folha com afrescos que tinha um tom um pouco diferente dos outros, como se tivesse sido tocado inúmeras vezes. Apertei-o, satisfeita quando a porta se abriu, revelando os degraus.

Eu nunca tinha visto a mansão tão escura antes. O luar fraco projetava feixes de luz pelas paredes pintadas e tapeçarias penduradas. Era mesmo uma bela mansão, bastante diferente da austeridade imponente de Highmoor.

Cada detalhe de arquitetura, desde as vigas extensas servindo de esqueleto que sustentavam o restante da casa até os parafusinhos usados para fixar as dobradiças das portas, era uma obra de arte. Parei diante de uma peça de baixo-relevo, admirando cada detalhe.

Era um campo de flores silvestres, entalhado na parede com tanta profundidade que se via os brotos individuais de todos os ângulos, réplicas perfeitas de equináceas, papoulas e várias outras espécies que eu não sabia identificar. Passei pelo relevo devagar, tentando adivinhar quanto tempo o artista teria levado para criar aquela mera seção da parede.

Na lateral, quase escondidos na borda dourada, estavam alguns sininhos com textura enrugada, quase como...

Quase como lanternas de papel.

— *Withania somnifera* — murmurei no corredor vazio, feliz por ter lembrado da descrição que acabara de ler. — Você não parece tão perigosa assim, feita de mármore.

Passei o dedo pela superfície vincada.

Um pouco mais adiante no corredor ouvi um clique e um som de corrente de ar, como uma porta se abrindo, e estaquei no lugar, convicta de que um lacaio tinha acordado cedo e esbarraria comigo ali.

Olhei por cima do ombro, pronta para improvisar um pedido de desculpas por eu estar acordada de madrugada, e parei.

Era uma porta, *sim*.

Uma bem escondida.

As bordas estavam irregulares e disformes, talhadas ao longo das porções de flores silvestres para mascarar sua presença. Ela estivera ali desde o início, bem na minha cara.

Outra passagem secreta!

Olhei para as cerejas-de-inverno que pareciam indefesas e gargalhei.

— Uma farsa, realmente.

A passagem revelada pela porta estava escura, uma bocarra escancarada que parecia pronta para me engolir toda. Sentindo que eu estava invadindo um espaço, estiquei primeiro a mão com a vela, tentando entender para onde o caminho levava. Eu não via nenhuma escada, só um corredor estreito, ladeado por placas finas de madeira.

— Aonde você vai dar? — questionei, ousando espiar lá dentro.

O corredor era extenso, e a vela não conseguia iluminar tudo, então, depois de hesitar, entrei.

De imediato, a porta se fechou, camuflando-se tão bem à parede interna que eu não fazia ideia de como abri-la. Tateei o espaço, esperando que a porta se abrisse.

Continuou fechada.

Eu estava presa.

— Está emperrada — afirmei, tentando afastar a onda de pânico. — Só preciso ver até onde vai esta passagem e se consigo sair do outro lado.

Segui devagar, evitando a todo custo que algo que pudesse abrir uma porta passasse despercebido. Depois de vários metros, o corredor chegava a uma bifurcação.

— Isso deve seguir pela casa toda — murmurei, tentando imaginar em que parte da mansão eu estaria.

Escolhi seguir pela esquerda.

Era mais ampla; porém, mais apinhada de coisas.

Havia três estantes de livros, imponentes, que iam do piso ao teto, de um lado da passagem. Cada prateleira estava cheia de volumes antigos e montes abarrotados de papel. Ergui a vela, analisando as lombadas, mas a maior parte da tinta envelhecida havia se apagado. A curiosidade me venceu, e coloquei a vela no chão, pegando o primeiro livro que vi.

Folhei-o e logo entendi por que aqueles livros estavam escondidos e separados das prateleiras expostas na biblioteca de Chauntilalie.

Virei outra página, e depois outra, ficando toda vermelha.

Era um livro de ilustrações, demonstrando atos íntimos entre uma orgia de pessoas usando pouquíssimas vestimentas. Eram páginas e

páginas de seios enrubescidos e bocas abertas, membros muitíssimo eretos, pessoas revirando os olhos de prazer.

Homens apalpavam mulheres enquanto outros observavam, com os olhos tomados pelo desejo. Mulheres beijavam mulheres, passando os dedos pelas curvas da pele exposta, introduzindo os dedos umas nas outras com tanta destreza que me remexi. Homens com os braços esticados na direção de outros homens, acariciando o...

Virei o livro de lado, tentando entender o que de fato estava acontecendo no desenho, e, ao entender, fechei o livro. Meu coração estava acelerado, tomado por uma emoção estranha e ilícita. Coloquei o livro na prateleira, sentindo o rubor se espalhar por meu peito.

Embora eu nunca tivesse nem segurado a mão de alguém antes de ir para Chauntilalie, tinha uma ideia por alto do que acontecia por trás de portas fechadas. Só que nunca havia imaginado que pudesse ser tão... criativo.

Olhei para os montes de livros com uma ânsia incômoda. Mal conseguia beijar Alexander sem ser tomada pelo pânico, insegura e sem saber o que fazer. As pessoas nos desenhos não só pareciam ser especialistas, mas se *deleitavam* com os atos, fazendo com que as ações parecessem interessantes. Algo a ser desfrutado. Desejável.

Talvez...

Afugentei o pensamento malicioso, mesmo que estivesse esticando a mão e pegando outro exemplar.

Não faria mal dar mais uma olhada.

Talvez até ajudasse.

Livros não eram feitos para instruírem?

Aquele livro era diferente do outro, um diário, escrito com a caligrafia conhecida e apertadinha de Gerard.

Passei os dedos pela escrita minúscula.

O livro tinha palavras que eu não conhecia, e ponderei se ele tinha escrito tudo em forma de códigos. Vez ou outra apareciam pequenos desenhos nas margens. Eu imaginava que fossem plantas, embora estivessem bem diferentes do que eu já tinha visto. Um desenho tomava duas páginas inteiras — uma base triangular, com flores em formato de orbes de cada lado no topo. Havia uma musculatura estranha na coisa, o que me fez lembrar um livro de anatomia que eu vira na coleção de Annaleigh em Héspero.

Guardei o livro, estremecendo, e peguei outro.

Mais um diário, mas aquele eu conseguia ler.

Ao menos em parte.

Era uma lista de nomes.

Uma lista de nomes femininos.

Uma lista bem comprida de nomes femininos, percebi, enquanto folheava.

De vez em quando apareciam datas, passando por uma década toda, com mais palavras que eu não compreendia ao lado dos nomes. Alguns tinham colchetes embaixo, listando outros nomes, sempre em conjuntos de três.

Eu me lembrei de uma das ilustrações que vira no outro livro, um grupo de pessoas buscando dar prazer umas às outras, juntas. Era aquilo... era aquilo que eu via? Alex havia dito que o pai era um homem de apetite insaciável. Ele havia documentado todos os encontros íntimos, não apenas registrando com quem estivera envolvido, mas também uma lista codificada do que fizeram? Havia tantos nomes no livro...

Coitada de Dauphine.

Guardei o livro e peguei a vela do chão.

Senti o estômago revirar ao imaginar Gerard com tantas outras, reimaginando as imagens que eu acabara de ver. Eu queria sair daquele corredor escondido, queria ficar o mais longe possível dos livros e das ideias sombrias deles. Fui cambaleando pelo caminho, indo para a direita, depois para a esquerda, e chegando a uma escadaria de pedra.

Espiando pelo vácuo, notei um brilho de dobradiças de metal.

Uma porta!

Abriu com facilidade, lançando-me no corredor não muito longe da minha suíte.

Fechei a porta com delicadeza, maravilhada com como as bordas da porta se camuflavam ao papel de parede com perfeição, então ouvi passos e o zumbido suave de alguém cantando, desafinado, baixinho.

Gerard! A última pessoa no mundo que eu queria ver.

Meu quarto estava longe demais para que eu conseguisse me esconder, então fui na direção da porta mais próxima, xingando baixinho quando a maçaneta fez barulho de um jeito inútil. Estava trancada.

Antes que eu pudesse escapulir, Gerard fez a curva. Ao me ver no corredor, estacou no lugar, estreitando os olhos a meia-luz.

— Verity?

— Eu... — Tentei de novo abrir a porta, sabendo que não adiantaria, mas ainda esperando por uma saída. — Eu estava só procurando um... — Parei de falar, com todas as desculpas de repente parecendo bem erradas.

— Esse aí é meu escritório — respondeu ele, ainda parado, observando-me com cuidado.

— É?

Afastei a mão da maçaneta de vidro lapidado.

O espaço entre nós parecia tão grande quanto um desfiladeiro, mas eu estava me coçando para me afastar ainda mais.

— É.

— Eu não ia... — Não fazia ideia do que estava prestes a negar que faria e parei. — Está trancado.

Ele remexeu no plastrão e de lá sacou uma chave prateada, pendurada em uma corrente em volta do pescoço.

— É uma das únicas portas na mansão que fica trancada. Sendo um duque, há vários documentos com conteúdo sensível que precisam ser guardados a sete chaves.

Era uma explicação simples.

— Lógico.

— Com certeza sua irmã faz a mesma coisa com o escritório dela.

Confirmei com a cabeça.

Ele enfiou a chave para dentro da camisa.

— Posso ajudá-la com alguma coisa?

Dei um passo para trás, com as lembranças indesejadas das ilustrações tomando minha mente.

— Não. Obrigada. Eu... eu devia voltar para meu quarto. Para voltar a dormir — acrescentei, enfim fazendo menção ao horário avançado.

Abri um sorriso curto antes de me virar na direção da suíte.

— Pesadelos? — questionou ele, forçando-me a me virar de novo.

— Hã?

— Está tarde para você estar acordada. Teve pesadelos? Não seria de espantar depois de tudo o que aconteceu hoje.

— Não — retorqui depressa, interrompendo-o antes que ele pudesse insistir de novo em saber sobre a minha visão no jardim de venenos. Então usei a primeira desculpa que me veio à mente: — Eu... fiquei lendo até tarde, lendo os livros que você me emprestou e... havia frases que eu não sabia. Sobre as flores. Termos botânicos. Aí pensei em ir à biblioteca.

— A biblioteca — repetiu ele em um tom que me deixou incerta se ele acreditava em mim.

Confirmei com a cabeça, decidindo me ater à história.

— Queria um dicionário. Queria conseguir perguntar coisas para você sobre os livros depois sem parecer tola.

Gerard sorriu, parecendo satisfeito.

— E não achou?

Inclinei a cabeça, sem entender.

— O dicionário — explicou ele.

Olhei para minhas mãos; eu ainda segurava o castiçal. Em um piscar de olhos, ele sacou a chave outra vez e abriu a porta do escritório antes que eu pudesse impedi-lo. Entrou lá e voltou com um calhamaço.

— Isso deve ajudá-la a encontrar o que busca — declarou ele, estendendo-me o exemplar.

Segurei o livro enorme contra o peito.

— Obrigada. Vai ajudar muito.

Gerard confirmou com a cabeça, parado à soleira do escritório.

— O que está fazendo de pé tão tarde? — perguntei, começando a me virar na direção da suíte. — Ou tão cedo? Parece cedo, não?

Umedeci os lábios, tentando não começar a tagarelar enquanto imagens da coleção escondida de livros dele voltavam à minha mente.

— Acho que ainda é tarde. Acabei de sair da estufa. Eu preciso enviar uma correspondência assim que raiar o dia.

— Então vou indo — respondi, grata pela conversa estar chegando ao fim. — Obrigada pelo dicionário.

— Por nada. Boa noite, Verity.

— Boa noite, Gerard — falei enquanto ele começava a fechar a porta do escritório.

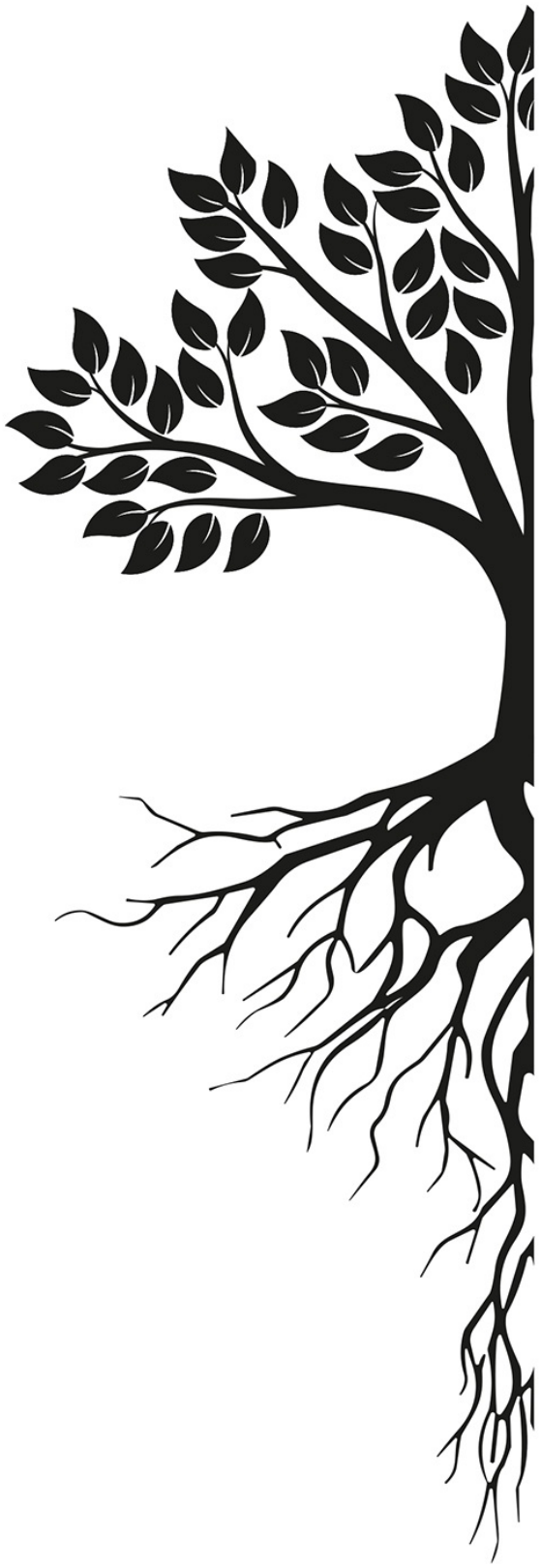
Eu estava quase no quarto quando o botânico falou:

— Não fique lendo até muito tarde. A festa de Dauphine é amanhã. Com certeza você vai querer estar a mais bonita possível para aproveitar todo o evento.

— Com certeza — confirmei, virando-me para olhar para ele.

Gerard estava no meio do corredor no momento, observando-me com uma expressão indecifrável.

Fechei a porta em um gesto rápido, girando o trinco bem devagar para que ele não me ouvisse trancando-a.



23

A MANHÃ NASCEU EM TONS DE vermelho-escarlate e carmesim. O céu parecia um feixe de seda ensanguentada se desenrolando, e eu, nascida e criada em uma ilha, me encolhi toda, pressentindo a tempestade que viria depois.

Da sacada, observei a movimentação no jardim enquanto criados penduravam cordas com lamparinas e espalhavam velas por corrimões e parapeitos.

Coitada de Dauphine.

Tanto trabalho, e a água levaria tudo embora.

Ouvi um farfalhar atrás de mim, e me virei.

Uma jovem loira com olhos escuros, pouco mais velha que eu, estava no meio da sala, encaminhando-se para o manequim que Dauphine tinha mandado levarem para o quarto mais cedo. Meu vestido havia chegado tarde no dia anterior, e ela já havia mandado que o passassem e afofassem até ficar perfeito.

Era enorme, com tule lavanda, rosa e cor champanhe. A saia era plissada e cheia como um merengue, mas era surpreendentemente leve, como se uma nuvem tivesse descido à terra só para me adornar. O corpete tinha uma transparência travessa, com belos bordados de flores em contas e fios metálicos cobrindo os seios. Representações das mesmas flores estavam bordadas em todas as camadas da saia, então, quando eu caminhava, passava a impressão de brotos em meio à ondulação enevoada, mas desapareceriam antes que se tivesse certeza do que os olhos viram.

A moça esticou a mão para tocar o tule sedoso com uma ânsia descontrolada, e então pareceu pensar melhor e ficou ali, com a mão erguida, congelada no meio do caminho.

Ela era a primeira criada que eu via em Chauntilalie. Fora estranho perceber a presença de tantos lacaios e valetes, mas, a julgar pelas tendências extraconjugais de Gerard, acabei achando graça, imaginando a engenhosidade prática de Dauphine.

O que tornava a garota, tão jovem e bonita, uma presença inesperada.

Estaquei no lugar, olhando para o castiçal que eu usara na noite anterior e naquele momento era um toco derretido.

A criada estava ali mesmo, ou fora membro de outra equipe de Chauntilalie, uma que já se fora havia muito tempo?

O cabelo dela estava preso em uma trança simples e atemporal, mas o vestido — uma bata de linho azul — tinha um estilo peculiar: a cintura parecia ter um corte mais alto na frente do que na parte de trás, e a peça toda parecia larga.

— Bom dia — cumprimentei, curiosa para ver se a suposta fantasma falaria comigo.

A jovem se sobressaltou, como se não tivesse notado que eu estava na sacada. Ela curvou a cabeça em cumprimento para esconder a surpresa.

— Bom dia.

Então ela *conseguia* me ver.

— Foi... foi Dauphine que mandou você para me ajudar com o vestido?

Observei-a com cuidado, esperando pelo momento em que sua silhueta falharia por um instante, denunciando o que era.

— Parece bem complicado — comentou a jovem, sem de fato me responder, dando a volta no manequim para compreender as minúcias do vestido.

Uma fileira de dezoito botões pendurados se alongava pelo tecido delicado nas costas como se por magia, como uma coluna vertebral de alta-costura. Um movimento errado de minha parte, e o corpete se desfaria todo.

— Imagino que sim — murmurei, ainda de olho nela.

Eu tinha certeza de que teria algo de sobrenatural na jovem, mas ela se movimentava com facilidade pelo cômodo, uma forma sólida, ocupando a quantidade certa de espaço.

Fiquei em dúvida.

— Não vai dar para você usar um espartilho.

Balancei a cabeça, enrubescendo.

— Isso é... é uma prática comum em Florice? Que se fique tão... exposta?

Ela deu de ombros, com o olhar fixo nas mangas compridas e transparentes.

— Não existe algo de fato comum na moda, existe? Assim que algo se torna corriqueiro, já é considerado ultrapassado e esquecido para dar lugar a algo novo.

Eu me aproximei dela.

— Mas as pessoas... Acha que eles vão pensar que sou... desinibida demais?

Fingindo estar preocupada, toquei o ombro dela, quase rindo de alívio ao sentir o corpo firme.

Eu tinha tirado conclusões precipitadas.

A criada era tão de carne e osso quanto eu.

Minha mente, exausta como estava depois de uma noite de sono agitado, estava me pregando peças.

A jovem enfim focou o olhar no meu, abrindo um sorrisinho.

— Sua roupa vai ser a mais modesta da festa.

Ergui as sobrancelhas, surpresa.

— Acho que posso ajudá-la — declarou a criada.

— Ah, obrigada — respondi, ignorando a peculiaridade da frase enquanto seguia para o centro da sala, longe da mobília. Eu já havia trançado o cabelo em uma coroa com flores, e usava as ligas e meias por baixo do robe. — Eu acho que não fomos apresentadas — comentei, tímida quando ela removeu o robe, deixando-me toda exposta.

Com um movimento hábil dos dedos, a criada abriu a fileira de botões e retirou o vestido do manequim. Sem dizer nada, colocou a peça sobre minha cabeça, ajudando-me com as mangas compridas e se certificando de que tudo estava em seu devido lugar. Eu sentia a moça fechando os botões, e então parou diante de mim, analisando tudo com um olhar crítico.

— Eu sou Verity — acrescentei.

— Eu sei. — Ela me olhou, inexpressiva, com os olhos castanho-escuros neutros. — Vai precisar de ajuda com os sapatos?

Olhei na direção do quarto, e lá estava um par novo de calçados, de couro macio que nem manteiga, salpicado de brilhos nas cores champanhe e dourado. Eu os vira na vitrine de uma loja e tinha sentido uma atração inexplicável por eles, apesar de Dauphine alegar que uma jovem devesse viver de salto alto.

Sem abrir a boca, neguei com a cabeça.

— Você tem certeza de... — Ela parou de falar, e senti que a pergunta se referia a algo além dos sapatos. — Tem certeza de que quer tudo isso?

Me remexi de um lado para o outro, bem ciente do grande espaço que a peça ocupava no recinto.

— Na verdade... não. Dauphine que escolheu o vestido. É um pouco demais para meu gosto.

Ela estreitou os olhos, observando-me como se eu fosse o auge da estupidez.

— Não o vestido. Isso. Tudo isso. — Ela acenou para o cômodo com a mão. — Todos eles.

— Os Laurent?

Ela confirmou com a cabeça.

— Você tem que ter cuidado — alertou a criada, interrompendo-me depressa antes que eu respondesse. — Parece ser... uma boa pessoa. Não devia deixar que eles a machuquem.

— Me machuquem? — Fiquei boquiaberta. — Alex nunca...

— Ele não — cortou ela, sibilando. Então virou a cabeça para a porta ao ouvir passos do lado de fora. — Acho que está tudo certo aqui. Aproveite a festa.

Antes que eu pudesse contrapor, a criada saiu apressada do quarto e desapareceu pelo corredor.



— Ah, querida, você parece um sonho, mas está cedo demais para já estar vestida — comentou Dauphine, erguendo a cabeça quando entrei na saleta particular dela.

— Alex queria me mostrar algo antes da festa... Ele me pediu para usar o vestido.

Os olhos dela faiscaram, compreendendo.

— Ah, que maravilha! Então não vou atrasar você... Só queria lhe passar um itinerário do dia... mas parece que você está quase com o cronograma completo. Dê uma voltinha.

Girei devagar para que ela avaliasse, e as camadas de tule se esvoaçaram.

— Esse tom de roxo é perfeito para seu tom de pele — murmurou ela. — Você parece etérea. Se as Irmãs do Ardor a vissem agora, roubariam você para servir Arina pelo resto da vida. — Dauphine soltou um suspiro suave. — Alexander vai ficar encantadíssimo.

Olhei para a saia do vestido, sentindo o estômago se revirar de nervoso. Não era o afeto dele o que mais me preocupava.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza. — Ela se levantou e segurou minhas mãos, abrindo um sorriso enorme. — Eu espero que saiba como você está fazendo meu garoto feliz. Antes de você chegar... ele estava recolhido dentro dos próprios pensamentos, do próprio mundo. Eu sabia que ele estava solitário, e não tinha certeza de como ajudá-lo, o que fazer... Você o fez sair da concha, o fez brilhar. Não há palavras para agradecer tudo o que tem feito por ele.

— Eu gosto demais do Alex — afirmei, dizendo aquilo para mim mesma tanto quanto para ela.

Dauphine acenou a cabeça.

— Qualquer um consegue ver isso. Vocês ficam tão bem juntos. É lindo de ver. Quando Gerard estava me cortejando... era uma época diferente, lógico. — Ela abriu um sorrisinho, e curvei os dedos dos pés dentro da sapatilha brilhante, nervosa. — Há mil maneiras diferentes de um casal se apaixonar e, aqui em Florice, todas elas são importantes e válidas.

Fiquei com a boca seca enquanto ela parecia estar dando voltas em vez de ir direto ao ponto.

— Você acha que... Ele está pensando... — Titubeei, pois o pensamento era intenso demais para se considerar. — Sabe para onde Alex vai me levar?

Dauphine deu de ombros, embora estivesse nítido que ela fazia alguma ideia, sim.

— Onde quer que seja, não demorem muito. Vamos ter muito o que celebrar hoje.



Alex me pediria em casamento.

Naquele dia.

Eu tinha certeza daquilo.

Segui, apressada, pelos corredores de Chauntilalie, com o grande volume de saias pairando atrás de mim como um rastro de barco na água. Criados pulavam para longe de meu caminho, mas minha mente estava fixa nas palavras de Dauphine e eu não prestava atenção aos rostos horrorizados e confusos que passavam por mim.

"Vamos ter muito o que celebrar hoje", dissera ela.

O que mais eu presumiria daquilo?

Um pedido.

De casamento.

Do Alex.

Com os nervos à flor da pele, aninhei-me em uma alcova, longe da agitação e do rebuliço dos preparativos da festa. Um lugar silencioso no qual eu poderia ficar sozinha com meus pensamentos. Sozinha com todo o pavor que sentia.

— Casamento — murmurei, arfando, com as mãos trêmulas.

Não deveria ter sido um choque; qualquer um veria a trajetória de nossos caminhos. Tínhamos começado um cortejo. Ele havia se declarado. Dauphine tinha praticamente dado uma piscadela para mim enquanto eu saía.

Encostei a testa no vidro da janela, deixando a superfície fria amenizar o fervor de meus pensamentos.

— É o Alex — lembrei a mim mesma. — Ele é um homem bom. Vai virar um homem *ótimo*. — Minha respiração se estabilizou, e senti uma onda de calmaria me tomando, espalhando-se pelo restante do corpo. — Era isso que você queria.

Confirmei com a cabeça.

Esposa de Alex.

Fiquei imóvel, pensando naquela palavra, imaginando como seria minha vida, para sempre entrelaçada à dele. Imaginei o rosto dele envelhecendo, as rugas e o cabelo branco ganhando espaço nos ângulos e nas formas que eu já conhecia tão bem. Vi a mão dele, já mais grossa e com manchas da idade, segurar a minha, um toque de ternura suave enquanto estávamos sentados no banco de um jardim, ele com a cara enfiada em um livro, e eu com um caderno de desenhos no colo. Alissos brotando ao redor.

Meu coração ficou quentinho, cheio de luz.

Era mais do que um devaneio.

Parecia uma visão.

Uma profecia.

Um presságio de boa sorte.

Seríamos felizes para sempre.

Cheia de paz e certeza, abri os olhos e de imediato me sobressaltei.

Alex estava do outro lado da janela, observando-me com um olhar intenso. Antes que eu pudesse cumprimentá-lo, ele se virou e saiu andando.

Meu queixo caiu enquanto ficava completamente perplexa.

Não tive reação, ponderando se eu entendi mal o que vira.

Alex andando.

Sem conseguir me convencer, disparei pelo corredor e saí pela porta mais próxima que dava acesso ao jardim.

Ao virar em uma sebe alta, trombei com ele e tive vontade de rir.

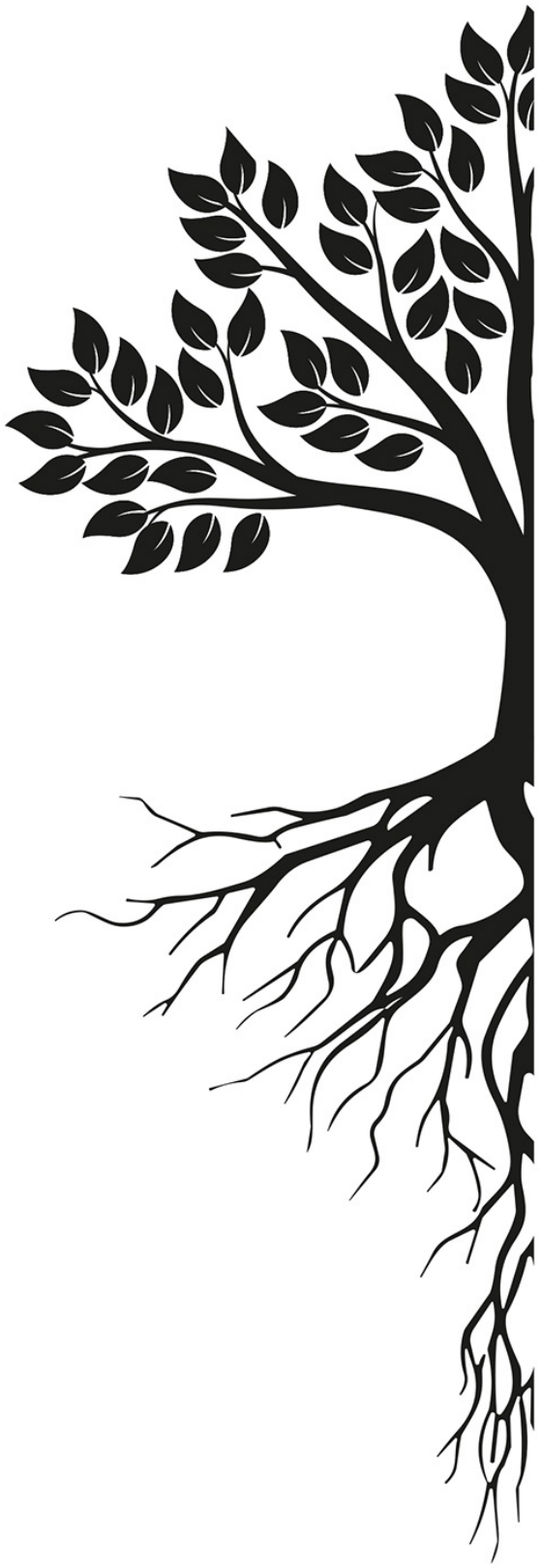
Não era Alex.

A julgar pelas roupas, o rapaz era alguém que Dauphine havia contratado sem dúvidas para um auxílio extra na festa. O cabelo escuro e o porte físico eram muitíssimos parecidos com os de Alex, mas só isso.

— Desculpe — falei, saindo do caminho dele. O homem carregava uma bandeja com velas de chá. — Eu achei... achei por um momento que fosse outra pessoa.

Ele abriu um pequeno sorriso e seguiu caminho, deixando-me sozinha no canto do jardim.

O céu havia se transformado em um azul intenso com rastros de nuvens no horizonte. Alex devia estar me esperando no lago. Passei as mãos pelo vestido, garantindo que tudo estava no lugar antes de seguir para onde deveria, em direção ao meu futuro com o coração tranquilo e preparado.



24

Alex já estava sentado no bote quando cheguei ao cais.

Era um barco especial. Ele estava com os pés enfiados em coldres cobertos para ajudá-lo a ficar no lugar enquanto manuseava os remos, e um encosto de madeira fora construído no banco de tábuas. Frederick com certeza o ajudara a entrar ali, mas não estava mais por perto.

Ele não pareceu perceber minha chegada, pois estava com o olhar fixo na água. Também trajava uma vestimenta formal. A cauda do fraque se espalhava pelo assento rústico, e o plastrão estava dobrado na série de nós mais complicada que eu já vira.

Minhas sapatilhas fizeram barulho no cascalho, e ele se virou.

Por um momento, não falou nada, nem se mexeu. Só me observou. Em silêncio. Em reverência.

Então, o sorriso mais lindo apareceu em seu rosto.

— Ah, Verity. Você está ainda mais encantadora do que imaginei.

— Gostou? — perguntei, dando uma voltinha de brincadeira para ele ver o efeito todo.

— Amei. Eu... — Ele comprimiu os lábios e me olhou de cima a baixo, com vontade, como se gravando o momento na memória para a eternidade. — Estou maravilhado. De verdade.

Fiquei vermelha, contente por ele ter ficado tão surpreso.

— O que... o que está fazendo aí? — questionei, acenando com a cabeça para o bote.

— Venha aqui — orientou ele, abrindo mais o sorriso.

Olhei para o cais. A madeira estava gasta e cinzenta, e ostentava várias rachaduras irregulares e compridas.

Hesitei.

— Acho que a saia não vai caber.

— Vai dar certo. Tem uma escada ali. Eu ajudo você — insistiu, oferecendo a mão.

Alex se segurava a uma estaca com a outra para evitar que o barco balançasse.

Eu me virei para Chauntilalie, orando para que Dauphine não estivesse observando, então juntei as camadas de tule e seda, enrolando-as na altura dos joelhos como se não passassem de gabardine antes de descer a escada.

— Obrigada. — Eu me sentei no segundo banco. Já estava acostumada a entrar e sair de barcos, mas o vestido enorme e delicado dificultava os movimentos, fazendo com que eu me sentisse desajeitada como um jovem ganso, com as pernas compridas demais, os pés largos demais. Ajeitei as saias, mantendo o tecido longe das bordas do barco. — Acho que está seco.

Por um momento, apenas trocamos olhares, agradecendo pelos esforços que fizemos um pelo outro. Alex tinha tido bastante cuidado com as mechas escuras do cabelo, usando pomada até formar ondas lustrosas, e o rosto estava recém-barbeado e hidratado.

— Você está muito bonito — elogiei com timidez, a voz soando baixa e quase um sussurro.

— Que bom que achou — disse, satisfeito. — E você... Estou sem palavras. — Alex segurou minha mão, beijando os dedos. — Nem Arina conseguiu chegar a esse nível de formosura.

— Aonde vamos?

As covinhas dele apareceram.

— Você vai ver.

Com um impulso forte, ele nos afastou do cais e assumiu os remos, conduzindo-nos para as profundezas.

A brisa soprava pelo lago, levando o cheiro de alga e lírios-d'água. Um peixe pulou ali perto, um esguicho rápido de prateado, depois desapareceu.

— A vista da mansão é linda daqui — murmurei, estreitando os olhos para o outro lado do lago a fim de observar a silhueta pitoresca de Chauntilalie.

— Falei para trazer o caderno — provocou Alex.

Olhei para o traje elegante sob medida.

— E onde eu teria guardado um caderno?

— Ah... sei lá. — Ele soltou um dos remos para gesticular em direção à saia do vestido. — Essa coisa é enorme. Deve ter um bolso aí em algum lugar.

Nossas risadas se misturaram em meio à luz intensa da manhã.

— Vai ser uma pena — murmurei, apontando para o movimento acontecendo pelo terreno.

Os lacaios no momento carregavam caramanchões de flores cortadas e bandeirolas com fitas.

— Como assim?

— O céu estava tão vermelho hoje mais cedo. Não sente que tem uma tempestade vindo aí?

Na direção oeste, um monte de nuvens de um azul-escuro se aglomerava, formando uma massa grande.

— O mau tempo jamais ousaria frustrar os planos de Dauphine Laurent — argumentou Alex, mas notei que ele olhou outra vez para as nuvens, mordiscando o lábio, pensativo.

— Eu não tinha notado que o lago era tão grande — comentei, preenchendo o silêncio enquanto ele remava. — Tem uma nascente? Não parecem ter córregos de água o alimentando.

— Você tem uma visão apurada. Na verdade é água parada, artificial. Antes tinha um lago mais lá para cima no cume ao norte da propriedade, mas meu bisavô o desviou... depois de fazer uns ajustes à paisagem aqui.

— Ele moveu o lago inteiro? — Eu não entendia. — Por quê?

Ele sorriu de novo.

— Você vai ver... Olhe!

Alex apontou para atrás de mim.

A estátua de Arina, a mão gigante apontando para dentro do coração em chamas, saía da água como uma baleia indo à superfície. Era feita de pedra cinza-clara, com veias douradas a atravessando, conferindo às chamas um lampejo realista.

— O sacrário — murmurei, maravilhada. A estátua pairava ao longe, e vi um trecho de terra, tão rente à água que eu não notara. — É uma ilha!

Buquês de flores de mármore guardavam cada ponta da plataforma. Os laços de pedra se derramavam, cercando a borda e criando um corrimão extravagante.

— Esse é o sacrário? — questionei, estreitando os olhos para enxergar a placa.

Frederick estava no cais, já esperando por nós. Aquela fora uma operação planejada muito bem.

Alex conduziu o bote pela lateral da ilha, jogando uma corda para Frederick, que a amarrou antes de estender a mão para me ajudar a sair.

Perambulei pela plataforma enquanto Frederick ajudava Alexander a sair do barco. Havia círculos grandes de vidro verde nos azulejos claros. Dez no total, salpicando a ilha como confete, e me perguntei que importância teriam para o Povo das Pétalas.

Inclinei-me sobre um dos corrimões de fitas o máximo que a coragem me permitia. Através da água verde-escura, vi umas linhas curvas da estrutura que mantinha o coração em chamas de Arina fixo ali.

— Quão fundo é o lago?

— Bastante. Está querendo nadar? — questionou Alex, abrindo um sorriso malicioso.

Ele estava na vertical, apoiando bastante o peso em Frederick, sem a cadeira de rodas à vista. Eu nunca tinha parado para pensar na altura dele fora da cadeira, mas ele era bem alto, mesmo estando naquele ângulo esquisito.

— Se me jogar na água, sua mãe nunca vai perdoar.

— Eu nem me atreveria!

— Estava só me perguntando por que construíram a estátua tão longe da ilha. Não teria sido mais fácil usar isso como base?

— Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

Com um esforço impressionante, Frederick pegou Alex no colo e o carregou até uma escada em espiral que seguia para um ponto abaixo da ilha.

— O que é aquilo? — perguntei.

Estava escuro demais para conseguir enxergar.

Alex riu.

— Quantas perguntas! Prometo que vou mostrar tudo. Infelizmente, este é um dos poucos lugares em Chauntilalie sem um elevador nem rampa, embora papai deixe uma cadeira aqui para mim. E, por sorte, temos Frederick.

Ele foi na frente, descendo com Alex pelos degraus estreitos de metal. Depois de dar uma olhada na plataforma, eu os segui. Chegando à base, fiquei maravilhada ao ver uma sala secreta. Claraboias foram instaladas para iluminar o espaço... os dez círculos grandes que eu percebera antes.

— Que engenhoso! — exclamei em um murmúrio, olhando para as janelas.

Havia palmeiras em vasos dispostas com cuidado, tentando camuflar as colunas grossas que serviam de suporte. No meio da sala estava uma mesa de jogos. Quatro poltronas acolchoadas com braços curvos ficavam ao redor da mesa, prontas para uma noite de jogos de cartas. Pinturas de caças a cavalo e flores sombrias emolduravam uma parede de quadros. No canto mais distante havia um bar de mogno, abastecido com dezenas de garrafas de vidro e decantadores. A fumaça de charuto pairava no ar, conferindo ao espaço uma atmosfera sem dúvidas masculina.

— Onde estamos?

Alex, na cadeira de novo, foi até mim, parando ao meu lado. Era uma cadeira mais compacta que a de vime que ele costumava usar.

— Um dos esconderijos do papai. Nos meses quentes, depois dos jantares festivos, ele traz os convidados para cá.

Imaginei um grupo de homens, jogando cartas e bebendo conhaque enquanto ondas de fumaça e risadas altas preenchiam o ar. A singularidade usual do lugar era o suficiente para relevar o aroma fraco de mofo e o ar frio e úmido.

Frederick pigarreou, como se para nos lembrar que estava ali.

— Sim, lógico. Isso é tudo, obrigado, Frederick — respondeu Alex. — Até já.

O criado subiu a escada de novo.

— Para onde ele vai?

— Pegar o barco para voltar. Mencionei a tempestade enquanto estávamos lá em cima. Vamos voltar para casa de outro jeito.

— De outro jeito? — ecoei.

Estávamos no subterrâneo, em uma ilha, no meio de um lago. Que outro jeito de voltar haveria?

— Vou te mostrar — anunciou Alexander, seguindo para uma porta nos fundos do espaço.

Tinha o formato de uma lágrima comprida e levava a um túnel moldado no mesmo formato. Reparei em um brilho de luz lá no final, mas o restante da passagem estava completamente escuro.

— Pode ir — incitou Alex.

Hesitei. Estávamos muito abaixo da água? O túnel não parecia ser longo, mas com certeza se afastava da ilha, indo mais para dentro do lago.

— Nós podemos estar aqui embaixo? — perguntei, enrolando, e as paredes de estuque branco ecoaram minha voz. — É seguro?

Alexander estava quase dançando de entusiasmo.

— Pode ir, pode ir!

O túnel era estreito demais para seguirmos lado a lado. Queria que Alexander tivesse ido na frente, mas ele, com delicadeza, me incitou a prosseguir. Eu me movimentei com cuidado, com medo de acabar tropeçando em algum desnível do chão de cimento. Meus olhos logo se ajustaram ao escuro, e o que estava no fim do túnel me pareceu claro demais.

Quando chegamos lá, parei tão de repente que Alex trombou em mim. Rindo, ele me cutucou para prosseguir.

— Minha nossa — murmurei, arfando, e dei uma voltinha para assimilar tudo.

Era impossível, mas estávamos debaixo d'água, no centro de um grande domo de vidro todo submerso no lago. Centenas de janelas curvas iam do piso até a crista do teto, com um pé-direito de quase dois andares. Gesso grosso e suportes de metal as mantinham juntas, com uma roseta

no centro de cada junção. A luz do sol atravessava a água e se derramava no domo, projetando um brilho tonalizado pelas algas. Floreiras suspensas cobriam as paredes curvadas, com um arranjo incrível de flores e plantas. Um tapete de lã grosso estava no meio do piso, com estampas florais na cor azul-marinho e marfim.

— O que é este lugar? — sussurrei, sem querer estragar a magia do momento.

Eu nunca tinha visto nada tão encantador na vida.

— Meu bisavô a usava como sala de música e salão de dança. Na verdade, ele até mandou trazerem um piano de cauda para cá, peça por peça, e então montaram o instrumento aqui para usarem em festas.

— E cadê o piano?

Eu não conseguia imaginar um lugar mais surreal para um espetáculo. Eu estava com os dedos coçando para registrar a ideia no papel, com grandes lordes e ladies dançando em contraste com as janelas verdetes nebulosas.

— Parece uma ideia maravilhosa até se perceber como fica úmido aqui. O piano estava sempre desafinado, e as peças internas começaram a ficar deformadas. Teve que ser desmontado e levado embora. O vovô usava o espaço para orar... foi ele quem adicionou a estátua do Coração em Chamas. O papai descobriu que aqui tinha um clima perfeito para cultivar algumas espécies mais específicas. — Alex apontou para as caixas. — Prometo que não tem nenhuma perigosa aqui.

— Nunca vi algo tão estupendo — afirmei, passando os dedos por uma das janelas.

O vidro era grosso, com alguns centímetros de espessura, distorcendo a vista.

Uma forma escura se sobressaiu dentre as profundezas turvas e trombou com a janela. Soltei um gritinho de surpresa, chegando para trás.

— Ah, não se assuste — disse Alex, logo vindo para perto de mim. — O lago tem muitos peixes. As carpas são um tanto agressivas.

— E elas nos veem aqui?

Ele confirmou com a cabeça, aproximando-se mais.

— Lógico. Olhe só.

Ele segurou minha mão e a pressionou no vidro, mantendo-a ali. Instantes depois, a carpa voltou, junto a outra. As duas disputaram, cada uma tentando chegar mais perto de meus dedos. Os animais abriram as bocarras, arrastando os lábios na janela e sacudindo as caudas em fúria.

Eram muito, muito grandes. Eu esperava que fosse uma distorção do vidro grosso, mas as barbatanas peitorais pareciam mais largas que as

mãos de Alex, que também estavam contra o vidro, atraindo mais das criaturas.

— Quando eu era criança, elas me deixavam apavorado — admitiu ele. — Agora... eu as acho fascinantes.

Eu afastei o olhar, focando o centro do domo. A luz era mais forte ali, e eu via as cristas das ondas na superfície da água. Uns peixes menores passavam nadando, seguidos pelo que parecia ser um pato.

— Nunca vi patas palmadas deste ângulo — comentei, dando uma risadinha.

— O coração fica ali — explicou Alex, seguindo meu olhar. — O domo o mantém fixo naquele ponto. Quando o papai vem aqui com as lamparinas a gás à noite, dá para ver o brilho ao redor da estátua, como se Arina estivesse mesmo no sacrário, projetando a luz por toda parte.

— É incrível, Alex. — Sorri, ainda maravilhada e emocionada pelo lugar. — O que você vai fazer com o espaço?

Ele pareceu surpreso.

— Eu?

Confirmei com a cabeça.

— Eu... eu não sei ao certo. Imagino que vá ser algo elaborado e grandioso. É um lugar tão extraordinário... Parece destinado a coisas extraordinárias. — Ele engoliu em seco, franzindo a testa enquanto se remexia na cadeira. — Bem. Não é meu. Ainda não. Mas acho que sei qual quero que seja meu primeiro ato extraordinário aqui.

Alex exalou, trêmulo, e sacou uma caixinha de veludo do bolso interno do paletó.

Fiquei imóvel.

Era aquilo.

Estava mesmo acontecendo.

Ali, no lugar mais mágico e romântico com o qual eu poderia ter sonhado.

— Verity... Eu não sei como o Povo do Sal faz essas coisas, mas aqui em Florice, quando encontramos o amor, agimos de acordo. A vida é imprevisível, então é preciso fisgar o que se ama e valorizar cada momento ao lado da pessoa.

Ele tocou minha bochecha, acariciando-a.

— Eu encontrei meu amor. Encontrei você e quero celebrar isso, aqui: em um lugar que é tanto onda quanto flor. É você e eu. Eu não consigo imaginar um lugar melhor para lhe pedir isso... Verity Adelaide Taumas, pode me deixar amá-la pelo restante da minha vida?

Prendi a respiração por causa da frase incomum, e o ar ficou preso em minha garganta, o que impossibilitou qualquer resposta em alto e bom som que eu pudesse dar. Depois de um instante, confirmei com a cabeça.

Ele segurou minhas mãos nas dele, apertando-as com gentileza.

— Pode me deixar estimá-la, adorá-la, respeitá-la e honrá-la?

Confirmei com a cabeça de novo, sentindo as lágrimas se acumulando nos olhos.

— Me deixe entrelaçar minha vida à sua, dois fios formando uma corda, bons quando sozinhos, mas muito melhores quando unidos?

Comprimi bem os lábios, evitando que tremessem. Eu nunca tinha ouvido uma ode mais perfeita ao que o casamento deveria ser.

— E você promete, deste dia em diante, ser minha amada, minha outra metade, minha... *esposa*?

As lágrimas escorreram por minhas bochechas.

— Prometo.

Esperei que ele abrisse a caixa e revelasse o anel de noivado, mas Alex continuou parado, só segurando minhas mãos, e mantendo o olhar no meu enquanto ganhava meu coração.

Por fim, ele sorriu e se inclinou à frente para sussurrar:

— Você tem que me perguntar a mesma coisa.

— Tenho? — perguntei, preocupada, sentindo a risada escapar. — Nas Salinas é uma questão tão simples e trivial.

Alex pareceu horrorizado.

— Trivial? Como um pedido de casamento pode ser trivial?

Me remexi, com as mãos ainda nas dele.

— Geralmente o homem se ajoelha e diz algo superficial sobre a beleza da mulher ou como ela o faz feliz, então ele ergue o anel e a pede em casamento.

Alex tirou as mãos das minhas.

— Eu deveria ter me ajoelhado? Eu... eu posso tentar.

— Não! Não, seu pedido foi perfeito. Tudo, tudo mesmo, foi perfeito.

Os cantos dos olhos dele se enrugaram quando ele sorriu.

— Ainda não acabou.

— Tem mais?

Ele abriu a caixa e sacou o anel, deixando-me deslumbrada com a quantidade de diamantes adornando a peça. Era como um jardim em plena floração, um céu noturno cheio de estrelas.

— Foi o anel de minha bisavó, mas está na família Laurent há muitas, muitas gerações.

— É lindo.

O anel de ouro estava brilhando de tão polido, e o diamante do meio parecia piscar para mim.

— Combina com você.

Alex segurou minha mão e começou a colocar o anel brilhante em meu dedo.

Afastei a mão.

— Espere. Você disse que era para eu perguntar também.

Ele negou com a cabeça.

— Não precisamos seguir isso. Você não é de Florice e não...

Inspirada, afastei o volume das saias e coloquei o joelho no chão, ficando cara a cara com Alex. Segurei as mãos dele como ele fizera comigo, trêmula e afetada por causa da grandiosidade do momento.

— Alexander Etienne Cornelius Leopold Laurent... você tem muitos nomes, mas também tem todo o meu coração. Você me deixa passar o restante da vida amando você?

O sorriso dele era pura alegria.

— Eu deixo.

— Você me deixa adorá-lo, venerá-lo, respeitá-lo e fazê-lo rir? — questionei, sem conseguir lembrar ao certo as palavras que ele usara.

Alex apertou minhas mãos com mais força, entrelaçando nossos dedos. Senti o anel pressionar nossa pele.

— Todo dia, sempre.

— Você me deixa entrelaçar a vida à sua como meu amigo, meu querido, meu marido?

Alex sorria como nunca.

— Nada me deixaria mais feliz. Agora... posso colocar o anel?

Confirmei com a cabeça enquanto ele colocava o anel. Então Alex ergueu minha mão, movimentando-a de um lado ao outro, de modo que a luz refletiu nos diamantes.

— Obrigado — murmurou ele, com a voz intensa. — Este é um dos momentos mais felizes de minha vida. Fico maravilhado com você, Verity. — Ele acariciou meu rosto, passando os dedos por minha boca. — Acho que temos que selar tudo com um beijo, não é?

Respirei fundo, orando para que ali, naquele momento magnífico, eu fizesse certo.

— É isso que os noivos de Florice fazem?

— Ah, é, sim.

Alex sorriu, então aproximou a boca da minha.



Não foi... horrível.

Ele tinha me puxado para me sentar em seu colo, apoiada em suas pernas entre as rodas da cadeira. De início foi um pouco esquisito, e fiquei preocupada com a possibilidade de machucá-lo, mas então Alex encostou a boca na minha, e eu tinha várias outras coisas com as quais me preocupar.

— Alex — murmurei enquanto ele mordiscava o canto de minha boca. Por um momento considerei fazer o mesmo com ele, mas mudei de ideia, com medo de que o machucasse. — Alex, é melhor voltarmos.

— É melhor ficarmos — contrapôs, com o tom sonhador e distante, entrelaçando os dedos aos meus.

Minhas mãos pareciam diferentes com o peso do anel de Alex. Mais importantes, mais crescidas. Não eram mais as mãos de uma menina, e sim de uma moça amada e estimada. Eu me ative ao sentimento, à sensação de segurança e conforto.

— A festa — eu o lembrei.

Ele grunhiu e me beijou com mais intensidade, tocando a língua na minha. Passei o momento tentando visualizar o que cada boca estava fazendo. Quanto mais eu pensava, mais parecia confuso. A respiração dele ficou entrecortada e acelerada, e fiquei um pouco contente de satisfazê-lo tanto.

— Frederick não vai voltar logo?

— Ele já foi embora de barco.

— Então, como voltamos? — ponderei, segurando o rosto dele e o mantendo parado para que nossos olhos se encontrassem, os beijos chegando a um maravilhoso fim.

— Vamos de escada. — A voz dele soou estranha, tensa e ofegante.

Foram mesmo uns beijos que o deixaram naquele estado? Por que eu não conseguia parar de pensar e aproveitar o momento junto a ele?

— Que escada?

— A que fica ali — murmurou, apontando para um segundo túnel do outro lado do cômodo.

— Outro túnel?

— Uhum — confirmou, envolvendo minha cintura com os braços, tentando me puxar de volta.

Mas eu já estava me levantando de seu colo, ajeitando as saias enquanto ele reclamava.

— E aonde vai dar?

O rosto de Alex estava com um rubor adorável, rosado e quase vermelho, e ele passou os dedos pelo cabelo, tentando arrumar a bagunça que eu fizera.

— Meu bisavô sabia que precisava haver duas saídas, caso acontecesse algo aqui. Aquele túnel leva de volta à costa. Tem uma guarita fazendo a curva no cais. Já passamos por ali. Lá tem outra escada em espiral que nos leva a Chauntilalie.

— E Frederick vai estar lá, nos esperando?

Ele segurou minha mão, outra vez tentando me puxar de volta.

— Mas acho que ele não se importa de esperar mais um pouquinho...

— É tentador — respondi, sem nenhuma intenção de ceder e voltar ao colo dele.

— É? — A voz de Alex soou baixa e rouca enquanto ele se aproximava. — Quanto?

— Muito... — Cheguei para trás. — Mas tem o jantar, e antes disso seus pais vão querer saber de tudo o que aconteceu, imagino.

— Eles já sabem. Tive que pedir ao papai para pegar o anel no cofre da família, e lógico que a mamãe quis saber de tudo. Eles vão ficar muito, muito contentes.

— Mas eles não sabem que eu aceitei. Vamos lá dar a boa notícia.

Com um suspiro resignado, ele concordou.

Seguimos pelo túnel. Era bem mais longo que o primeiro, e bem mais escuro. O ar parecia carregado, e fiquei bem ciente da quantidade de água que nos cercava, urgente, pesada e horripilante.

Tateei a parede com a mão esquerda para me equilibrar. Mesmo a meia-luz, dava para discernir o aglomerado de diamantes.

Alex chegou à saída primeiro. Havia mais claraboias circulares iluminando uma escada sinuosa que chegava ao patamar superior. A luz através delas era fraca, e percebi que nuvens escuras deviam ter enfim se assomado sobre a propriedade enquanto estávamos ali embaixo, escondidos em nosso próprio mundinho sob as ondas.

— Frederick? — chamou Alex, com um tom incerto.

Não houve resposta.

— Que tal eu subir e chamá-lo? — sugeri, começando a subir a escada.

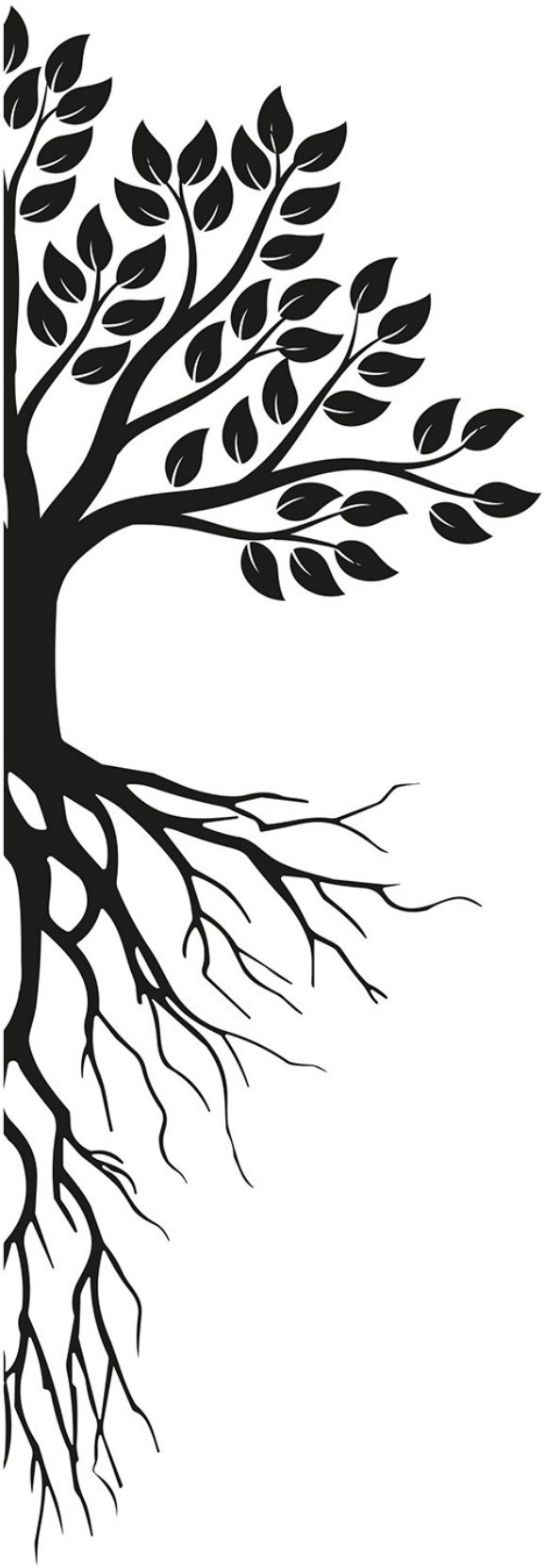
Estava escorregadia por causa da vegetação que crescera ali; e os corrimões, cobertos por musgo esponjoso. Aquela parte do espaço parecia abandonada, por certo não tão usada quanto a entrada mais impressionante e surpreendente pelo lago.

Quando cheguei à porta lá em cima, tentei a maçaneta. Rangeu, mas não cedeu.

Tentei de novo, ponderando se o metal enferrujado precisava de uma forcinha extra.

E ainda nada, não girou.

Estávamos trancados.



25

TRANCADOS.

Estávamos trancados.

Em um salão de baile.

Debaixo de um lago.

Uma risada subiu por minha garganta, incrédula.

Bati à porta, mas era um metal pesado, e os golpes soaram como baques abafados.

— Verity? — A voz de Alex ecoou pelo espaço circular, sem entender o que estava acontecendo.

— Estou aqui ainda — respondi, batendo à porta de novo.

Nada.

Espiei escada abaixo. Alex me olhava com esperança.

— Está trancada.

— Trancada? Mas Frederick já devia estar aí fora. Talvez ele esteja na ilha, nos aguardando com o barco.

— Talvez — murmurei, esperando mesmo que fosse verdade.

Uma energia estranha tomava o ar. A tempestade estava por vir. Desci a escada. No último degrau, escorreguei em um bocado de líquen e tropecei. Alex me segurou pelo cotovelo, equilibrando-me.

— Tudo bem?

Confirmei com a cabeça.

— Por que não vai na frente dessa vez? — sugeriu ele. — Você vai conseguir ver melhor com a luz lá da frente.

Grata, entrei no túnel escuro. Chegamos ao domo de vidro e prosseguimos.

A sala de fumo estava escura, e enquanto eu subia pela escada em espiral, sentindo o peso do olhar de Alex em mim, deu para ver que era tarde demais. A tempestade havia chegado.

— Frederick — chamei, saindo para a plataforma.

Estava vazia. O barco não estava lá.

O céu estava escuro por causa da chegada das nuvens carregadas que tínhamos visto antes, prontas para desabarem. Estreitei os olhos em meio

ao vento cada vez mais forte, esperando ver um vestígio de um lacaio perdido ali fora, e assim eu poderia pedir ajuda. Só que as preparações para a festa tinham sido interrompidas. Todo mundo devia ter entrado às pressas para esperar a tempestade passar.

Considerei pular na água e nadar até a margem. Eu poderia avisar aos criados da porta trancada, e então buscaríamos Alex. Só que levaria muito tempo, e meu vestido seria destruído.

— Eu posso deixar o vestido aqui — murmurei comigo mesma, pensando nas opções.

Inclinei-me sobre o corrimão, enfiei os dedos na água e fiz uma careta. Ainda estava gelada por causa do degelo da primavera, mas eu já tinha enfrentado temperaturas piores em Salície. Deixar as saias volumosas para trás facilitaria o movimento das pernas na água, e por certo eu precisaria ser bem veloz. Aquelas carpas gigantes tinham cara de que atacariam qualquer coisa em movimento na água.

O vento ficou mais forte, fazendo meu cabelo ricochetear no meu rosto. Um raio irrompeu de uma nuvem escura, acertando uma árvore na margem do lago. A força do trovão subsequente retumbou no meu peito, e balancei a cabeça. O último lugar que eu queria estar durante uma tempestade com raios era na água. Seria uma sentença de morte.

Outro traço de luz cortou o céu, pulando de nuvem a nuvem, em busca de um ponto de escape. Era absurdo pensar em ficar ali. Voltei escada abaixo enquanto o céu se rompia, e a chuva torrencial desabava em cima de mim. Em um instante fiquei ensopada.

Desci correndo, segurando o corrimão de madeira com força. Já estava bem mais escuro na sala de fumo. As claraboias brilhavam pouco, e não era suficiente para iluminar o espaço. A chuva caía forte, causando uma cacofonia nas estruturas.

— Nada de Frederick nem de barco — contei a Alex, esfregando os braços porque estava começando a ficar arrepiada. — Tem luz aqui embaixo?

Encontramos vários lampiões ali, mas não conseguíamos achar fósforos. Com tanta chuva descendo pela escada, uma poça se formava pela sala, em busca de um ralo.

— Você disse que o domo brilha à noite, não é? — berrei, tentando fazer a voz se projetar apesar do barulhão.

Outro trovão soou, e as garrafas no bar tremeram.

Alex levou as mãos aos ouvidos.

— Quê?

— As lamparinas a gás. No domo?

Ele confirmou com a cabeça e se virou na direção do túnel, guiando às pressas a cadeira. Na entrada do domo, encontrou uma plaquinha de latão e mexeu no interruptor.

Várias lamparinas se acenderam, iluminando o espaço verde nebuloso. Com um clamor de alívio, sentei-me em um banco entre as floreiras de Gerard. Meu cabelo estava pingando, e eu já batia os dentes de frio.

Um baque forte no vidro fez com que eu me sobressaltasse.

A água ao redor do domo ganhou vida em um frenesi quando dezenas de carpas se pressionaram às janelas, atraídas pela luz e ferozes por causa da tempestade. Batiam umas contra as outras, com as bocarras escancaradas.

Eram nojentas, estranhas de tão musculosas, e enormes demais. Pareciam algo saído direto de um pesadelo.

— Acha que elas conseguem quebrar o vidro?

Alex analisou as janelas enquanto mais peixes se atiravam no domo, deixando a água em um tom de lodo, marrom revolto, com as bocas enrugadas e as caudas balançando, frenéticas.

— Não... A estrutura foi feita para aguentar a constante pressão e o peso da água. As carpas não têm nem chance, não importa o quanto tentem. — Mais um golpe no domo que pareceu um tiro de canhão. Alex estremeceu e gesticulou para mim. — Por que não vem para cá? Só por segurança. Eu não... acho que não conseguem nos ver aqui no meio da sala.

— Elas veem a luz — contrapus, indicando as orbes de vidro com a cabeça. — Está chamando a atenção delas.

Ele olhou para o teto, analisando, incerto, a quantidade de luz refletindo na água.

— É melhor... é melhor apagarmos?

Houve outro golpe no vidro, e assenti.

Alex mexeu no interruptor, e a escuridão recaiu sobre o domo.

Por um momento, ficou escuro demais, mas então meus olhos se ajustaram. A luz esverdeada projetava estranhos feixes de luz sobre nós, mal servindo para iluminar os contornos de nossos corpos.

— Você está tremendo — comentou Alex, aproximando-se.

Ele tirou o paletó e o estendeu a mim.

— Obrigada — murmurei, vestindo-o.

Ainda estava quente por causa do calor do corpo dele, e tinha o cheiro de Alex.

— Pode me ajudar a sair da cadeira? Parece que vamos ficar um tempo aqui... É melhor ficarmos mais à vontade.

Ele acionou as travas que fixavam as rodas, então me orientou. Quando Alex já estava no chão, afastei a cadeira, permitindo que ele se esticasse bem, então me sentei, tímida, ao lado dele. As saias do vestido, antes volumosas e plenas, já pareciam uma tulipa triste, após o ataque da tempestade, murcha e esmirrada.

Observamos os corpos sombrios das carpas se contorcerem e se retorcerem, disputando coisas que já não víamos mais. Em algum momento, perderam o interesse e nadaram para outras partes do lago, buscando outras coisas para assustarem. Eu quis comemorar quando as feras se foram e o silêncio voltou ao ambiente.

— Lamento tanto, Verity — disse Alex baixinho.

Eu me virei para ele, que olhava para as próprias mãos, com uma expressão cheia de remorso.

— O que houve?

— Tudo. Eu queria criar um momento incrível, mostrar a você como a vida comigo pode ser surpreendente e maravilhosa, e agora estamos aqui debaixo de um lago, esperando que uma tempestade passe, e estraguei seu vestido. Estraguei o dia. Eu... — Em seguida ele murmurou algo baixo demais.

Eu me inclinei na direção dele.

— O que você falou?

O rapaz suspirou.

— Eu estrago tudo.

— Alex... isso não é verdade.

Ele riu de um jeito amargo e furioso; não continha humor algum.

— A vida inteira... a linhagem da família Laurent, o ducado, tudo em perigo, só porque eu caí da escada quando criança.

— Isso não foi sua culpa. Coisas assim acontecem. Acidentes acontecem.

— Diga isso a meu pai.

Fiquei boquiaberta, estupefata.

— Gerard culpa você?

— Nunca disse para mim diretamente, mas já o ouvi no escritório, quando ele acha que todo mundo foi dormir. Chorando. Berrando. Lamentando como é tudo um desperdício.

— Alex, que horror. Eu... sinto muito que você tenha escutado isso, mas precisa saber que não é verdade. Será um duque maravilhoso. Tem tantas ideias, ideias grandes e boas para mudanças. Para melhorias.

— Eu poderia ser o melhor líder que esta província já viu, mas nada disso vai importar se eu não puder executar a missão de todo duque.

— Qual?

Ele ficou tanto tempo sem responder que comecei a achar que não tinha me ouvido. Então suspirou de novo.

— Providenciar herdeiros.

— Ah. — Um segundo depois, a implicação da declaração me ocorreu, como uma gota de tinta em uma poça d'água, espalhando-se, e mudando tudo ao redor. — *Ah*.

Ficamos ali sentados no escuro, com a cabeça cheia e a boca inerte.

Era lógico que eu entendia *como* os herdeiros eram feitos. Tinha ajudado Camille durante os partos e também Annaleigh no ano anterior, em uma de minhas visitas a Héspero, quando ela entrara em trabalho de parto cedo demais.

— Você... você sabe se... — Eu não tinha palavras para completar, e acabei gaguejando, toda vermelha.

— Não é como se eu tivesse tido a chance de tentar. Eu... eu acho que tudo funciona como deve, mas... — Alex exalou com força. — Isso é absurdo. Você é a única pessoa no mundo com que eu devia falar disso sem ficar constrangido ou envergonhado, mas eu... — Um pequeno soluço o fez parar de falar. — Estou com tanto medo de já ter falhado com você.

— Alex.

Segurei as mãos dele, tentando oferecer um pouco de conforto, mas ele se afastou, cruzando os braços.

— Você não falhou comigo, nem com sua família. Nós... nós vamos descobrir logo se...

— Se — concordou ele com a voz triste.

Então suspirei.

— Vamos fazer dar certo, não importa o que aconteça.

— Mas não quero que você tenha que fazer dar certo. Não quero que lide com a decepção. Quero, *quero tanto*, ser o homem que pode lhe dar tudo. Dar-lhe o mundo. Mas não posso. E isso — ele apontou para o domo escuro — só mostra que de fato é o caso. Eu nem consigo pedir você em casamento sem estragar tudo.

Olhei ao redor. A água, marrom e revolta por causa das carpas, tinha começado a voltar para a cor verde-escura. O tom verde ia ficando mais claro ao redor, e, enquanto analisava o topo do domo, no ponto que a água tinha só centímetros de profundidade, vi algo que eu nunca esperava ver.

— Alex, olhe ali — chamei, apontando.

Ele inclinou a cabeça, dobrando o pescoço de modo desconfortável.

— Não, assim.

Ajudei-o a se deitar no tapete de lã grosso para olhar o zênite. Então fiz o mesmo, aninhando o corpo à estrutura comprida e rígida dele.

— E para o que estamos olhando?

— Ali. No ponto que a água está mais clara. Está vendo? Os brilhinhos?

Ele franziu as sobrancelhas.

— As gotas de chuva?

Confirmei com a cabeça.

— Passei a vida toda perto da água. Sei nadar, velejar, interpretar o tempo só de olhar para ela. A água ditou cada aspecto da minha vida: como eu me deslocava, o que eu comia. *Sinto* a mudança na maré no meu sangue. Achei que já tinha visto todas as versões possíveis da água: ondas e gelo, tempestade e vapor... Nas Salinas tem tudo isso. Mas eu nunca, *nunca* — repeti para dar ênfase — vi a chuva cair assim.

Ele soltou um murmúrio, considerando e analisando a chuva sob outra perspectiva.

— E nunca teria visto, se não fosse por você. — Beijei a bochecha dele, aninhando-me mais ao seu corpo e apoiando a cabeça em seu peito para observarmos as gotas de chuva mergulhando no lago. — Obrigada. É... é uma maravilha.

Senti quando ele abriu a boca para dizer algo, mas então mudou de ideia, balançando a cabeça. Alex beijou o topo de minha cabeça, um beijo terno e doce demais.

— Você que é — murmurou antes de me dar outro beijo. — Você que é uma maravilha.

O lago todo pareceu se iluminar com o relâmpago cruzando o céu, bem acima de nosso pequeno esconderijo.

— Eu sei o que quero fazer com este espaço aqui quando chegar a hora — revelou Alex, abraçando minhas costas e me puxando para perto.

Eu me remexi para olhá-lo.

— O quê?

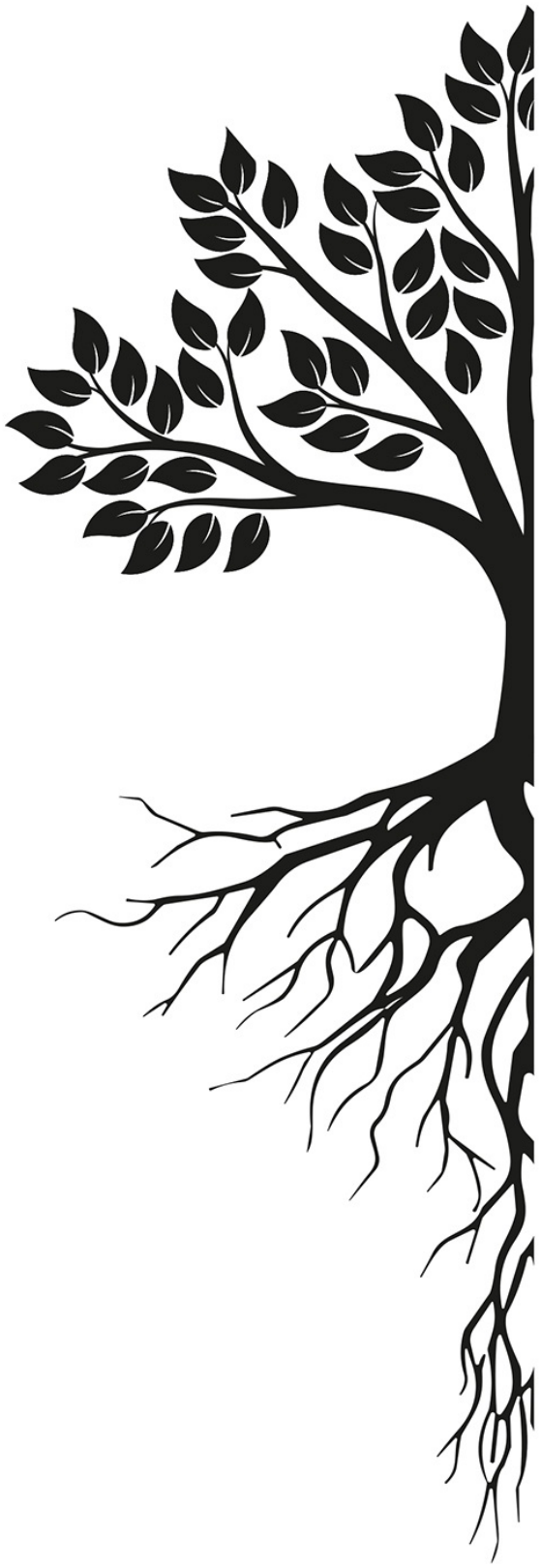
— Eu quero colocar uma cama enorme bem aqui no meio, cheia de travesseiros e cobertores bem macios, e toda vez que tiver uma tempestade, eu e você podemos vir para cá e ficar olhando, só nós dois.

— E as carpas — argumentei.

— Lógico.

Estiquei o pescoço e o beijei.

— Essa, Alexander Laurent, é uma ideia extraordinária.



26

— E aí o lacaio de Alexander entrou e encontrou os dois, ensopados e quase morrendo de frio, encolhidos para se aquecerem, no conservatório de Gerard! Conseguem imaginar tamanho suplício? Coitada da Verity, e tão corajosa, enfrentando a tempestade daquele jeito para salvar os dois, mas o que poderia fazer? — Dauphine deu outro gole no vinho e balançou a cabeça. — Mas, agora, olhem. Olhem para minha futura filha, deslumbrante e radiante. Eu não poderia estar mais orgulhosa desses dois.

Todos os convidados se viraram para nos encarar, sem disfarçar. Alex e eu tínhamos sido alocados no centro da mesa de banquete, Alex à minha esquerda para que pudesse pegar minha mão e mostrar o anel de diamante sempre que alguém pedia. E toda hora alguém fazia isso.

— À nossa Verity, de mente e beleza resplandecentes! — exclamou Gerard, erguendo a taça de vinho no ar, com grande fervor. — E a meu filho Alexander, da sorte resplandecente. Que a união deles seja no mínimo... resplandecente — finalizou, rindo.

Ergui a taça, aceitando as felicitações de todos e abrindo um sorriso forçado para Gerard. Eu não conseguia, não iria esquecer do que Alex dissera sobre o pai. Mas não era a noite certa para aquele tipo de questionamento.

— Como a porta acabou trancada? — questionou uma mulher mais velha, voltando a atenção a nós, e a pele marrom brilhava, reluzente, à luz de velas.

Era Binita Peaseblossom, a marquesa de uma propriedade vizinha.

Alex pigarreou.

— Bem, acontece que...

— Foi a coisa mais estranha! — interrompeu Dauphine, com as bochechas tão inflamadas quanto o próprio humor. — *Não* tem tranca na porta! Não uma de verdade. Gerard tem uma chapa frontal, para afugentar os curiosos, mas ele a mantém aberta...

— Como precaução, para o caso de acontecer coisas do tipo. É uma porta secreta, meu amor — explicou ele, e, embora as palavras fossem simpáticas, o tom estava marcado pela irritação.

— Ah, querido, estamos entre amigos. Não é mesmo? — questionou ela para a mesa, bem-humorada.

Todos assentiram, erguendo as taças outra vez.

— Se não tinha tranca, como eles acabaram trancados? — insistiu Binita.

— Foram sabotados! Alguém colocou uma barra de ferro entre as alças.

Todo mundo murmurou em surpresa.

— Não consigo imaginar quem... — Dauphine parou de falar enquanto um exército de criados entrava, carregando o próximo prato.

Quando o último criado saiu do salão, Dauphine suspirou.

— É um mistério. De dar nó na cabeça.

A vários assentos de distância, Marguerite fez um som de escárnio, como se discordasse.

Se eu tivesse que apostar em quem teria aprontado aquela, com certeza apostaria nela.

A matriarca Laurent havia retornado a Chauntilalie naquela manhã, arrancada de qualquer que fosse a cabana de verão em que se escondera nas últimas semanas.

Depois que fomos resgatados, Alex tinha reunido a família para contar a novidade, e Marguerite havia chorado. Não lágrimas de felicidade, como as de Dauphine, mas lágrimas mesmo. Ela soluçara tanto que Gerard tivera que conduzi-la para o quarto, abrindo sorrisos entusiasmados para nós por cima do ombro enquanto saía do cômodo.

— Que acidente estranho. Você deve ter ficado apavorada — comentou um visconde mais velho, trazendo a atenção do grupo para nós de novo.

— Alexander estava comigo — respondi, sentindo como se estivesse me apresentando em uma peça. — Eu não estava com medo de nada.

Ele levou minha mão aos lábios, e os convidados ali presentes celebraram.

Era exaustivo ter que sustentar aquela animação por tanto tempo.

Horas antes, Frederick havia nos encontrado. Tinha pedido mil perdões a Alex, jurando que o tinha visto antes na casa e presumido que tivéssemos voltado à propriedade por conta própria. Apenas quando Dauphine começara a nos procurar que perceberam que havia algo errado.

Depois de anunciarmos o noivado, a duquesa havia me rebocado para o quarto, desesperada com o estado do vestido.

— Com certeza eu gosto de grandes gestos românticos — murmurara enquanto me ajudava a despir o vestido, abrindo os botões. — Mas agora, ah, caramba. Caramba, caramba, caramba.

Ela tinha mandado o vestido ser vaporizado, e a peça voltara um tanto menos ostensiva, um pouco mais sutil, mas serviria.

— Temos que fazer mais vestidos para você — comentara antes de me deixar sozinha para ajeitar o cabelo.

Na ponta da mesa, um homem pigarreou, incitando minha atenção de volta ao presente. Mesmo sentado, ele era mais alto do que a maior parte dos convidados, e o brilho sofisticado do terno de veludo verde complementava a pele escura e o sorriso fácil.

— Falando em acontecimentos estranhos, eu venho querendo lhe perguntar, como anda a Casa Marchioli, Gerard? Já conseguiu avaliar os danos?

— Lorde Udoh tem uma propriedade no norte, perto de nossa casa de inverno — explicou Alex, inclinando-se para perto de mim.

— Danos? — repetiu Binita, franzindo as sobrancelhas em preocupação. — Aconteceu alguma coisa?

Dauphine começou a negar com a cabeça, mas, antes que pudesse discordar, Gerard fez que sim.

— Foi só um pouco de azar. Parte da mansão pegou fogo em meio a uma tempestade na semana passada. Os raios podem ser bem traiçoeiros nas montanhas, sabe?

— Ah, nossa — murmurou a marquesa, apertando os colares, como se o movimento dos dedos fosse um gesto de proteção. — Alguém se machucou?

Gerard secou os cantos da boca com o guardanapo.

— Pelas graças, não. Faz tempo que não temos uma equipe de criados lá. Fico muito ocupado com o trabalho, então não conseguimos ir lá com frequência.

Lorde Udoh se inclinou à frente para focar o olhar no do duque.

— Tem certeza?

Gerard inclinou a cabeça como se não entendesse.

— Já ouvi muitas histórias da Casa Marchioli pelo vilarejo. Barulhos estranhos. Gritos à noite. Ruídos horripilantes.

Vários convidados murmuraram, surpresos.

O lorde continuou:

— Quando ouvimos falar do incêndio, mandei o valete lá para averiguar. Ele disse que a porta da frente estava aberta, e que havia pegadas escuras passando pela soleira. Alguém deve ter estado lá.

Gerard pigarreou.

— Ouvi dizer que os aldeães foram para lá quando viram as chamas. Para ajudar a apagar o fogo. — Ele movimentou os dedos, inquieto. — Com

certeza as pegadas eram deles.

Lorde Udoh estreitou os olhos, e a energia entre os homens mudou quando as máscaras de jovialidade que usavam pareceram ficar pesadas demais para continuarem ali fixas.

— Mas isso não explicaria os barulhos curiosos, explicaria? Isso acontece há anos.

Gerard abriu a boca, mas Dauphine o interrompeu, batendo palmas.

— Todo mundo já comeu as ostras? Mal posso esperar para provarem o sorbet. Raphael vem testando novos sabores a semana toda. Precisam me dizer o que acham!

O tom de voz dela foi animado o bastante para dissipar as tensões crescentes entre Gerard e o lorde, e o restante dos convidados retomou as conversas leves.

— Qual foi o sentido de tudo isso? — sussurrei para Alex, observando lorde Udoh voltar a atenção para a refeição.

Os criados voltaram e começaram a recolher os pratos.

Alex balançou a cabeça, parecendo despreocupado.

— Ele e o papai vêm batendo de frente há anos. Lorde Udoh incursiona na apicultura. Ele vem tentando convencer o papai a deixá-lo manter uma colmeia aqui em Chauntilalie. Ele acha que, com as flores únicas que o papai criou, o mel produzido pode ser incrível.

— Parece uma ótima ideia.

— Concordo. Mas o papai... se preocupa com o que as abelhas podem fazer com as polinizações selecionadas. "Inserir uma colmeia em um ambiente tão controlado seria puro caos. Puro caos!" — A imitação dele de Gerard foi perfeita demais.

— Então os gritos à noite...?

Alex riu.

— É só lorde Udoh tentando pôr lenha na fogueira na frente dos amigos do papai, é lógico. Ou — disse ele e parou para refletir, abrindo um sorriso — os pavões da mamãe estão indo cada vez mais longe!

Bandejas cobertas foram colocadas à nossa frente, e os convidados começaram a aplaudir quando os domos prateados foram removidos, revelando uma taça de sorbet com frutos peculiares empilhados. Tudo tinha saído dos pomares de Gerard, e ele estufou o peito de orgulho quando todos exclamaram, deliciados.

A conversa mudou com facilidade ao longo da refeição, e Dauphine se ocupou de contar uma história animada sobre algo que acontecera em um evento de caridade do qual participara pouco tempo antes.

Logo o sorbet tinha sumido, e o exército de criados voltou, recolhendo os pratos com um aprumo ensaiado.

— Obrigada — falei ao criado à esquerda.

O rapaz tinha cabelo ruivo, e as bochechas de pele clara e com sardas ficaram bem vermelhas antes de ele se afastar depressa, juntando-se à fileira que saía da sala.

Observei cada um dos homens enquanto saíam, curiosa para ver se o lacaio que eu confundira com Alex estava entre eles. Frederick deveria ter cometido o mesmo erro, vendo o criado e presumindo que fosse o futuro duque.

Só que o jovem não estava entre os homens que trabalhavam no salão no momento.

— Vamos? — perguntou Alex, chamando minha atenção depois que os pratos foram retirados.

— Vamos o quê?

— A mamãe acabou de chamar para tomar conhaque na biblioteca. — Ele me analisou com atenção. — Onde estava com a cabeça?

— Só estava pensando na porta.

— Não precisa se preocupar. Falei com Frederick depois que tudo se acertou. Foi um galho que caiu durante a tempestade e bloqueou a entrada. Não teríamos conseguido sair, não importava o quanto tentássemos, mas ninguém nos trancou de propósito.

— Mas Dauphine disse que foi uma barra...

Ele fez uma careta, achando graça.

— A mamãe jamais deixaria a verdade atrapalhar o relato de uma boa história, sobretudo em uma festa em que ela é a anfitriã.

Aquilo parecia verdade.

— E seu sósia?

Ele deu de ombros.

— Há tantas pessoas rondando pela casa hoje... Pode ter sido qualquer um.

Fazia todo sentido, e fiquei feliz por outra pessoa ter chegado à mesma conclusão.

— Na verdade eu pensei que tivesse visto você hoje mais cedo também — confessei. — Pela janela, no jardim.

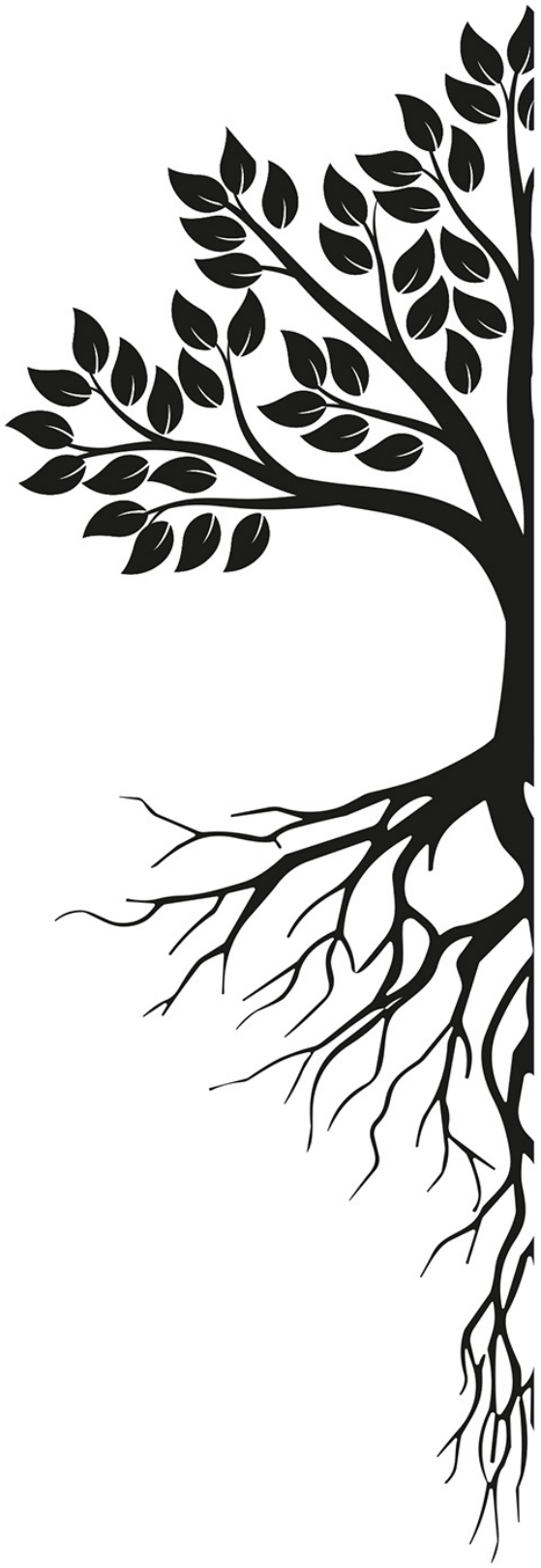
— É mesmo? — Alex inclinou a cabeça, ainda achando graça. — E ele era tão bonito quanto eu?

Estreitei os olhos, como se tentasse lembrar o rosto do outro homem.

— Tanto quanto, acho. Mas ele era bem mais modesto.

Alex riu enquanto seguíamos para a biblioteca.

— Então talvez você devesse se casar com ele.



27

Os gritos me acordaram.

Abri os olhos de repente e me sentei, no susto, ouvindo o barulho pelo quarto escuro.

Eu estava esgotada e irritada por terem me acordado.

A festa tinha demorado para acabar. O conhaque na biblioteca levara alguns convidados mais ousados a pedirem para ver a famigerada sala subaquática. Tontos e dando risadinhas, eles seguiram para os jardins escuros em busca da guarita. Lacaios cansados foram na frente depressa para acenderem as lamparinas, mas, mesmo assim, a marquesa tropeçou, torcendo o tornozelo em meio à pressa de ser a primeira a achar a porta. Inteligente, Alex tinha escolhido não ir, alegando que o lugar ficaria cheio demais e não teria espaço para a cadeira. Eu também não queria ir, mas Gerard tinha passado o braço por meus ombros de modo insistente, encorajando-me a contar a história outra vez.

Eu voltara ao quarto já de madrugada, com o corpo exausto e a cabeça rodando. Haviam retirado uma caixa de espumante de detrás do bar, e os convidados ficaram maravilhados, abrindo garrafas e mais garrafas, brindando ao noivado, à sala subaquática e às carpas que tinham, lógico, sido atraídas para as janelas por causa das luzes.

Outro grito cortou a noite, e me deitei de novo.

— Esses malditos pavões — murmurei, virando-me de lado e colocando um travesseiro sobre o ouvido para abafar os guinchos.

O sono logo me tomou, mas como um cobertor leve, fácil de ser removido, e, quando outro grito soou, afastei os travesseiros, xingando baixinho.

Tinha que haver algo a ser feito a respeito dos pássaros. Jaulas fechadas ou poleiros. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Servi um copo de água e bebi devagar, determinada a pegar no sono de novo.

Quando o outro grito ecoou, não foi dos jardins.

Parecia algo vindo de dentro da casa, logo ali no corredor.

Franzi a testa, deixando a água de lado.

Será que um dos pássaros tinha entrado na casa?

Grunhindo, me levantei e peguei o robe. Vestindo-o para me proteger do frio, saí para o corredor, ponderando se alguém mais tinha percebido que os adorados animais de estimação de Dauphine haviam entrado na mansão.

Outro grito, um mais alto e curto. Terminou em um ruído ofegante, engasgado e arfante.

Era... era uma criança?

Voltei para a saleta e acendi uma vela, franzindo a testa ao perceber que era rosa. Estiquei o braço para iluminar o espaço, tentando encontrar uma das velas enviadas por Annaleigh. Parecia que um criado tinha substituído todos os tocos de sal e sálvia pelas rosadas.

Ouvi outro grito, horrível e longo, e os cabelos de minha nuca se arrepiaram.

Não era um pavão.

Parecia uma pessoa. Sofrendo muito.

Eu quase ouvia as palavras, pedindo misericórdia.

Aquilo me fez agir. Eu procuraria as velas de Annaleigh depois. Alguém estava precisando da minha ajuda.

A vela tremulava quando saí para o corredor, projetando sombras altas ao redor. Movimentavam-se pelo corredor como morcegos horripilantes, etéreos e fantásticos, fazendo minha imaginação ganhar asas.

O ar era preenchido de vez em quando por um grunhido, um gemido, um rasgo dilacerante de alma, e quase larguei a vela para cobrir os ouvidos.

O que era aquilo?

Quem era?

Prendi a respiração, lembrando-me da crise de Alex. Ele estaria sofrendo de novo?

Deixei o medo de lado e segui para a ala mais distante, disposta a ajudar como eu conseguisse.

Só que, quando virei no corredor de Alex, estava tudo silencioso. Eu ouvia o tiquetaquear do relógio de pêndulo a algumas portas de distância. As batidas constantes formavam um ritmo regular e metronômico. Contei os segundos, esperando por outro grito.

Depois de três minutos de silêncio, voltei para minha ala. Eu estava com o estômago embrulhado, inquieto. Era improvável que conseguisse voltar a dormir, mesmo cansada como estava, então quando cheguei ao saguão, mergulhado em sombras, desci pela escada.

Eu iria à cozinha para fazer uma xícara de chá.

Dauphine gostava de criar misturas das ervas e folhas dos jardins. Estava sempre oferecendo uma ou outra quando tomávamos café da manhã. Com certeza deveria haver algo que acalmasse a minha mente — e a mim.

Na cozinha, enchi a chaleira e encontrei fósforos. Rapidamente, o fogão estava aceso, e a água, esquentando.

Latas de chá ocupavam uma prateleira na parede, e inclinei a cabeça, aproximando-me para ler os rótulos com uma caligrafia irregular. Quando fui pegar a camomila, as lamparinas a gás no cômodo se acenderam, me assustando.

Eu me virei, esperando ver um mordomo ou um lacaio, ou talvez até o cozinheiro, acordando cedo para começar a preparar o pão, mas era Gerard que entrava na cozinha.

— Verity! — exclamou ele, sobressaltando-se tanto que quase escorregou nos degraus baixos. — Eu não esperava encontrá-la acordada a essa hora.

— Ouvi uns... barulhos. Parecia alguém gritando.

— Malditos pavões — murmurou ele, secando as mãos no avental de trabalho. — Eles só perturbam.

O avental estava coberto de manchas vívidas.

Manchas vívidas da cor vermelho-sangue.

A lembrança daquele último grito horrível ecoou em minha mente, e, sem perceber, me afastei dele.

Ele percebeu meu olhar aterrorizado e ficou imóvel. Em pânico, olhei ao redor, pensando em um plano de fuga. Só havia um jeito de sair dali, pela porta, e Gerard estava na frente dela. Encarei o conjunto de facas entre nós, e senti a boca seca. Eu teria coragem de usar uma arma contra alguém? Conseguiria alcançá-las antes dele?

Só que Gerard abriu um sorriso decepcionado.

— Estava trabalhando com uma nova estirpe de beterraba na estufa, triturando para fazer substrato. Fazem uma bagunça só.

Eu estava na ponta dos pés, pronta para correr e pegar as facas se necessário.

— Depois da festa? Tão tarde? — Minha voz vacilou, denunciando a desconfiança.

Ele não pareceu notar.

— Como dizem por aí, para os ímpios não há descanso.

— Você parece um granjeiro no dia do abate — contrapus, percebendo então, aliviada, a terra incrustada debaixo das unhas dele.

Gerard soltou uma risada brusca.

— Achou que era sangue? Não é de espantar que ficou tão pálida! Ah, Verity, parece que viu um fantasma!

— Bem... — murmurei, sentindo-me tola depois que o pico de adrenalina baixou. Lógico que era sumo de beterraba. — E o que mais pensaria? Todos aqueles gritos, e aí você entra aqui com o avental nesse estado.

— Verdade, verdade! — Ele deu uma risadinha. — Eu acho que sairia correndo pedindo socorro. Obrigado por ter uma mente mais centrada que a minha. A última coisa de que os criados precisam depois de toda a confusão de ontem é gritos no meio da noite. Assassinos à solta. Um lunático em Chauntilalie.

Fiquei com as bochechas vermelhas quando ele riu de novo.

— Ah, eu... — Ele enxugou do canto do olho uma lágrima depois de tanto rir, e manchou a pele com o sumo vermelho. — Eu estava vindo fazer um lanchinho antes de ir me deitar. O cardápio das festas de Dauphine sempre vem em umas porções minúsculas. Quer beliscar também?

Ele começou a lavar as mãos na pia. A terra preta e o sumo de beterraba — sim, com certeza era aquilo mesmo — pingaram na bacia de porcelana e desceram ralo abaixo.

Neguei com a cabeça.

— Eu estava só fazendo chá.

Como se no momento perfeito, a chaleira atrás de mim apitou.

— Algo para ajudar você a dormir?

Mostrei a camomila.

Em dois passos, ele atravessou a cozinha, pegando a erva da minha mão. Então começou a vasculhar as outras latas em busca de algo.

Tentei não me encolher diante do cheiro de Gerard. Havia uma pungência mordaz de solo e coisas úmidas em decomposição, um odor intenso de suor, e, além de tudo, algo pior, um fedor que queimou minhas narinas e revirou meu estômago.

— Isso... isso aqui é perfeito — comentou ele, erguendo uma lata hexagonal. — Já provou um chá floral?

— Nunca nem ouvi falar — confessei, desejando cobrir o nariz de forma discreta.

Ele pegou um bule de chá em um vidro translúcido e jogou um monte de gravetos e folhas ali dentro. A coisa atingiu a base do bule com um som raspado, deslizando pelo centro curvado como um inseto. Esticando o braço à minha frente, Gerard pegou a chaleira fumegante e despejou a água quente no objeto curioso.

— Agora — murmurou ele, recolocando a chaleira no lugar e apagando os queimadores. — Observe com atenção.

Obedeci. O bulbo escuro parecia estar se alterando em resposta à água ao redor. Uma folha se desenrolou do todo, então outra e mais outra, e de repente a coisa toda floresceu, virando uma flor linda. As pétalas desabrocharam, rodopiando na água feito pião.

— Nossa — murmurei. A flor ficou imersa, transformando a água em um chá de um azul vívido. — É lindo.

Gerard assentiu, observando.

— E bem mais eficaz que a baboseira que Dauphine faz. Você vai ter a melhor noite de sono da vida com isso, mesmo que os pavões continuem perturbando.

Abri um sorriso.

— É curioso que não dá para ouvi-los nesta parte da casa. Estavam fazendo tanto barulho antes que imaginei que a casa toda acordaria.

Ele inclinou a cabeça, ouvindo, enquanto pegava uma xícara e um pires da prateleira.

— Talvez tenham se cansado.

— Tomara.

Ele arrumou uma bandeja com o bule, a xícara e o pires, uma colher e uma jarrinha de mel.

— Talvez no início ache um pouco amargo.

— Obrigada — respondi.

Estiquei a mão para pegar a bandeja, mas ele continuou segurando o objeto com firmeza.

— Verity... eu... eu não tive a chance de conversar com você antes, com toda aquela comoção, mas estou muito feliz que vá fazer parte da família. Alexander é bem... bem especial, e sempre soube que quem o coração dele escolhesse também seria. — Gerard umedeceu os lábios. — Acho que ele fez uma escolha excelente.

— Obrigada, lorde Laurent. Gerard.

— Pode me chamar de pai — sugeriu ele. — Embora talvez... isso seja... — Ele parecia nervoso. — O casamento pode ser uma empreitada difícil, mesmo na melhor das circunstâncias, e fico feliz por você ter uma compreensão prática de como é nossa vida aqui. Como filha de um duque, e irmã de uma duquesa, entende que... famílias como as nossas possuem deveres, obrigações específicas... Presumo que você tenha tido aulas quando criança...?

Pensei na época em que tinha aulas, ouvindo a governanta tagarelando sobre impostos e inquilinos, armazéns e administrações. Concordei com a

cabeça.

— Ótimo. Ótimo. Excelente. Então você sabe como as coisas são passadas de pais para filhos, em propriedades como as nossas.

Logo senti o rosto ficar vermelho e orei a Pontos que ele estivesse falando de latifúndios, não de genética. As palavras de Camille ainda queimavam na minha mente tanto quanto na noite que ela as bradara:

"Ninguém vai querer ter uma noivinha desatinada, uma esposinha desatinada, parindo criancinhas desatinadas."

Embora fosse doloroso admitir, ela tinha razão. Ninguém vai querer.

Ficar noiva de Alex era um passo na direção de assegurar um futuro, mas aquilo tudo poderia ser arrancado de mim com facilidade; bastava uma palavra errada, um momento de deslize.

Eu quase tinha contado a Gerard das coisas terríveis que eu vira no jardim de venenos. Sem dúvidas, se tivesse feito aquilo, eu não estaria no momento com o anel de Alex reluzindo em meu dedo.

Eu precisava ficar mais atenta. Precisava me certificar de que as velas de Annaleigh continuariam acesas.

— Lógico — murmurei quando ficou nítido que ele estava esperando uma resposta audível.

— Que tipos de coisas você acha que vai passar para os seus filhos?

Estaquei no lugar, meu coração martelando de modo doloroso a ponto de eu sentir a pulsação até na ponta dos dedos. Começaram a formigar por causa da pressão.

Ele sabia.

Ele sabia de alguma coisa.

Mas como?

— Está falando do meu dote? — perguntei, conseguindo enfim falar. — Eu... eu não sei os pormenores disso. Camille sabe, lógico.

— Lógico. — Gerard fez uma pausa, como se buscando as palavras certas para prosseguir. — Você dará uma ótima duquesa.

Ele abriu a boca, como se para continuar falando, mas retirei a bandeja das mãos dele.

— Fico feliz por ouvi-lo dizer como Alexander é especial — comentei, lutando contra o ímpeto de sair correndo. — Talvez devesse falar mais isso para ele. Acho que seria muito importante para Alex ouvi-lo dizendo isso.

Ele ficou sem reação, apenas me olhando, e fiz o máximo para não desviar o olhar primeiro.

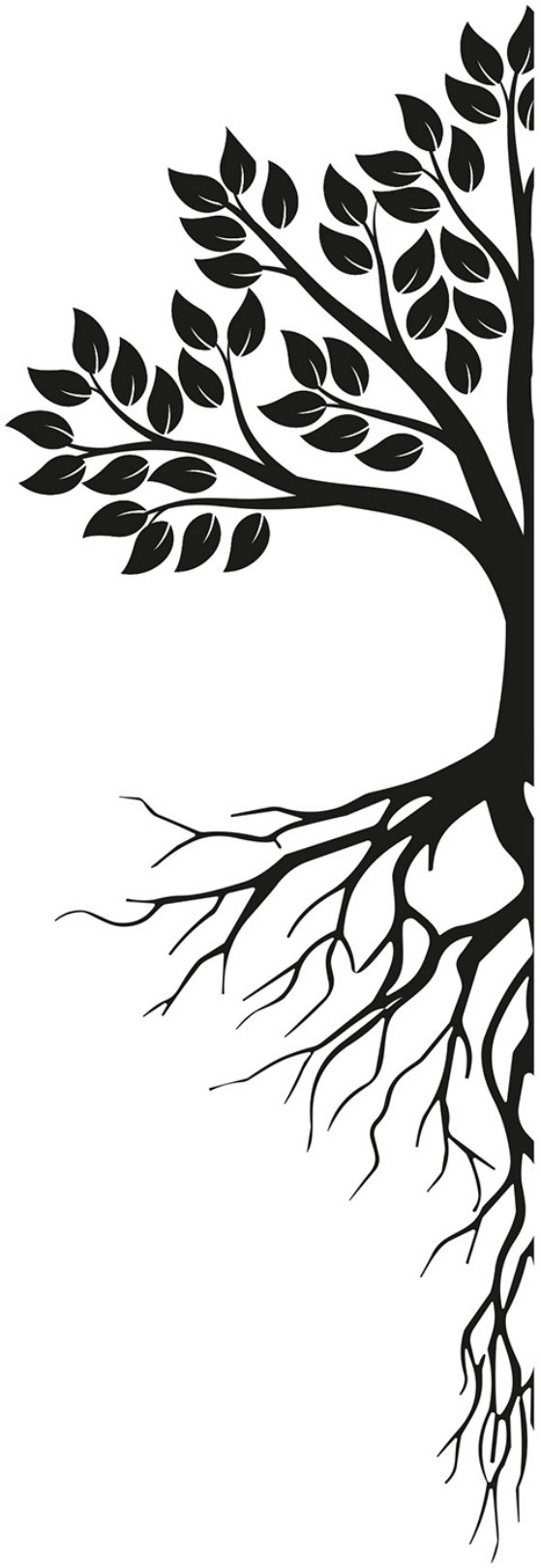
— Talvez você esteja certa.

— Eu sei que estou... O chá deve estar esfriando.

— Ah, sim. Sim, lógico. — Ele passou os dedos pelas madeixas grisalhas. Havia sumo de beterraba até no couro cabeludo de Gerard, espalhado em um monte de gotinhas ralas. — Espero que tenha bons sonhos, Verity, e que consiga dormir logo.

Desejei boa-noite a ele e subi com a bandeja, tendo o cuidado de andar com passos firmes e calmos, tranquilos. Eu não era uma garota fugindo de uma situação que estava prestes a ficar perigosa. Estava tudo bem.

O chá era amargo, mesmo depois de ser adoçado pela maior colherada de mel que eu conseguia aguentar, mas não ouvi mais os pavões.



28

Acordei confusa no dia seguinte, com a cama úmida e um cheiro de azedo. O sol entrava pelas janelas em um ângulo estranho, alto demais no céu. Apenas quando fui olhar o relógio na cornija que percebi que eu tinha dormido até depois do meio-dia.

Alguém estava batendo à porta, de um jeito discreto, mas persistente.

— Pode... pode entrar — respondi, e minha voz estava estranha e rouca.

Bem seca também, como se eu tivesse passado a noite inteira com a boca aberta, escancarada. Fosse qual fosse a flor no chá de Gerard, com certeza havia cumprido seu papel.

Dauphine entrou, carregando um livro de registros enorme, junto a dois lacaios. Um deles empurrava um carrinho cheio de *cloches* prateados e talheres. Torci para que tivesse um bule cheio de café. O outro criado carregava uma pilha de livros tão alta que chegava a ser intimidadora.

Dauphine os orientou a colocar tudo na saleta, e depois eles saíram.

— Bem como eu imaginava — murmurou ela, espiando dentro do quarto com um sorriso sabichão. Puxei as cobertas até o queixo. — Eu queria deixá-la dormir mais, só que tem tanto a ser feito que infelizmente acho que não vamos conseguir dar conta de tudo. Está pronta para começar?

— Começar?

— Os preparativos para o casamento, lógico!

— Ah. — Afastei as mechas bagunçadas do cabelo, um pouco enjoada. Na noite anterior Dauphine tinha bebido mais espumante que eu. Como ela estava tão renovada e radiante? — Alex não devia participar da conversa?

— Ora, ora, pelo visto alguém acorda bem esgotada, hein? — comentou ela, sorrindo, e começou a andar pelo quarto, abrindo cortinas e amarrando as cordinhas para mantê-las no lugar. — Acho que precisamos encontrar um criado pessoal para você.

— Ah, não precisa. Eu posso...

— Óbvio que precisa — contrapôs, virando-se para me observar. — Agora você é parte da família, Verity. Queremos que você se sinta em casa,

que *esteja* em casa. Não é mais só uma convidada. Chauntilalie passou a ser sua casa também. Vamos cuidar para que tenha tudo de que precisa.

Considerei tudo isso com cautela.

— Nesse caso... Acha que seria possível trocar as velas usadas aqui no quarto?

— Velas? — repetiu ela, olhando ao redor com curiosidade.

Gesticulei para a caixa com as velas de sal e sálvia enviadas por Annaleigh.

— Minha irmã me mandou essas. Fazem me lembrar de Highmoor. Eu preferia manter essas na suíte. Os criados no geral colocam as velas rosa nos castiçais. São muito bonitas... mas possuem um aroma bem forte, mesmo apagadas.

Ela pegou a vela que eu tinha usado na noite anterior e fungou, como se testando.

— Eu nem sei de onde vêm essas velas — confessou, fazendo uma careta por causa do cheiro. — Vou mandar que as removam. Na verdade — disse ela e parou para anotar —, vou fazer questão de que seja a primeira tarefa de seu novo valete.

— Contratar outro criado parece um desperdício. Sua criada poderia me auxiliar, de vez em quando, se eu precisasse.

— Criada? Não entendi.

— Sua criada. Eu não sei o nome dela.

Ela ficou me observando, curiosa.

— Ela é loira... e tem olhos bem escuros...?

— Não tenho criada... Bastian é meu valete. Ele tem mãos bem mais ágeis que uma criada. — Ela abriu mais o sorriso, como se se lembrando da destreza dos dedos do criado, e então riu. — Meus vestidos sempre têm uns botões minúsculos.

— Ah — murmurei, lembrando do homem baixinho que a seguira com os livros. — Lógico. Ela deve ser uma criada da casa, então.

Dauphine me lançou um olhar peculiar.

— Não há criadas em Chauntilalie, Verity. Eu... eu gosto de controlar bem as coisas, controlar bem as — disse ela e mordeu o lábio — despesas da casa. É muito extravagante ter tantas garotas fazendo o serviço.

— Mas...

Engoli em seco ao perceber quem era a jovem.

Não era uma criada, e sim uma das conquistas recentes de Gerard.

Uma amante.

Bem debaixo do nariz de Dauphine.

Abri a boca, pronta para contar a ela, mas havia algo nos olhos da duquesa. Ela sabia. Sabia ou suspeitava e estava se preparando para a onda de dor. Eu não conseguiria aguentar o fardo de contar.

Então esfreguei a testa, fingindo estar confusa.

— Eu falei criada? Quis dizer lacaio. Como sou boba. — Abri um sorriso, cheio de remorso. — Acho que o espumante de ontem embaralhou minha mente.

Dauphine fez uma pausa antes de abrir um sorriso um tanto atrasado.

— A culpa é toda minha. Eu não deveria ter vindo despejar tudo isso em cima de você enquanto ainda está acordando. Que tal eu deixá-la se arrumar, e depois começamos os preparativos? Tem café e um desjejum leve ali no carrinho. Com certeza vai lhe fazer muitíssimo bem. Uma hora está bom?

Confirmei com a cabeça.

— Vamos nos encontrar na sacada então, longe dessa fumaceira das velas.



— Você não disse que ela viria também — resmungou Marguerite quando entrei na sacada uma hora depois.

Eu tinha colocado o melhor vestido diurno que possuía, um de linho rosado com camadas de croché rendado no corpete. Parecia o tipo de coisa que uma futura noiva usaria para planejar o casamento. Tinha ficado confiante e segura enquanto andava pelos corredores de Chauntilalie. Só que, em três segundos, a reclamação de Marguerite já me desanimou.

— Estamos cuidando dos detalhes do casamento — respondeu Dauphine, com uma expressão tensa. — Onde mais ela estaria?

— Você também não disse isso.

Marguerite bebericou o chá, a borda da xícara salpicada de petalazinhas lilás, analisando-me com um olhar frio antes de virar a cara, deixando bem nítida sua opinião.

— Bem — murmurou Dauphine, deixando a própria xícara de chá de lado e pegando uma pena. A mesa diante de nós era uma confusão de papel e tinta, amostras de cores e um calendário. — Suas irmãs servirão de madrinhas?

— As garotas amaldiçoadas? *Elas* vão vir para cá? — Marguerite massageou a têmpora. — Isso é demais para mim.

— Mãe... — censurou Dauphine.

— Madrinhas — repeti, tentando ignorar a mulher mais velha. — Tenho certeza que sim, embora eu tenha que perguntar. Elas ainda não sabem de nada disso, óbvio.

Eu teria que mandar cartas para todas elas, dando a notícia. Eu tinha certeza de que Honor e Mercy ficariam felicíssimas por mim. Annaleigh também, era provável. Só Pontos sabia se eu conseguiria localizar Lenore. E Camille...

Uma parte de mim acreditava que ela ficaria feliz. Afinal, eu me casaria e viraria duquesa; seria uma grande honra para a família, e a ajudaria a solidificar as alianças no continente. Mas ainda assim...

Ela nem quisera que eu saísse de lá, para começo de conversa. Contar que eu ficaria ali para sempre poderia não ser bem recebido. Ela tentaria impedir o casamento? Uma pontada de preocupação me tomou. Eu conseguia imaginá-la mandando uma carta para Gerard e inventando uma desculpa para o casamento não acontecer.

— Talvez suas sobrinhas mais velhas possam ser daminhas, para carregarem as flores.

— Que gentileza sua incluir as duas. Seria difícil escolher uma só.

— Ah, minha querida, não serão apenas elas duas! O anel de flores é uma das partes mais importantes da cerimônia... além dos votos, óbvio. Serão necessárias ao menos oito flores tradicionais. É provável que Alexander vá querer os alissos também... — murmurou ela, anotando. — Então nove... Existe alguma flor com um significado especial para você?

— Eu... eu não sei ao certo. Nem sei o que é um anel de flor.

Marguerite emitiu um ruído estrangulado e surpreso.

— Você me trouxe aqui para isso? Por que que você está deixando Alexander se casar com essa menina incompetente?

Dauphine deu um gole no chá, engolindo um suspiro. Eu não sabia se era direcionado à sogra ou a mim. Então explicou:

— Eu devia ter imaginado que o Povo do Sal teria tradições diferentes das nossas. O anel de flor dá início à cerimônia. Depois que os convidados se sentam, as menininhas entram. Cada garota representa uma flor, um símbolo. A murta é amor sagrado; o ranúnculo, alegria futura; e assim por diante. As garotas atiram as pétalas em um círculo pelo local da cerimônia para unir o casal em beleza e amor. Dizem que a própria Arina usou as oito flores tradicionais no dia que se casou com Vaipani.

— Que ideia linda — opinei, imaginando a cena. — Acho que cistáceas. Alex as colocou em um buquê para mim uma vez.

Ela concordou com a cabeça, aprovando.

— "Disto estou muito convicto." Uma escolha perfeita. — Ela anotou também, cheia de floreios. — Próximo item... o enxoval. Imagino que queira mandar trazer suas coisas de casa, mas... se eu puder ser franca, Verity, suas vestimentas carecem de um certo... estilo que é comum para mulheres em Florice.

Marguerite riu, e fiquei da cor do meu vestido.

— Eu quero ajudá-la a escolher um novo guarda-roupa. Podemos incorporar suas roupas também, lógico, mas teremos tantos eventos nas próximas semanas que pedem... um toque a mais.

— A mais de quê? — questionei, olhando para os vestidos de ambas.

— A mais de tudo — retorquiu Marguerite.

Dauphine franziu as sobrancelhas, preocupada.

— Ah, não quero chatear você, Verity, querida. Só quero me certificar de que comecemos com o pé direito, sim? É um mundo diferente do qual está acostumada.

— Eu sei disso. E eu não quero fazer nada que envergonhe Alexander nem vocês.

— E nem seria possível — insistiu Dauphine.

Marguerite fez um som contrariado, discordando.

Concordei com a cabeça, e a duquesa sacou o calendário.

— Agora, o casamento vai cair no... hum... no dia dezoito, então não temos muito tempo.

— No dia dezoito de...

— Do próximo mês.

— Do próximo mês? — repeti, arfando. — Não vamos nos casar no próximo mês... vamos?

Dauphine ficou sem reação diante de minha reação.

— Não seria melhor... não seria melhor chamar Alex? Seria horrível se ele achasse que planejamos a coisa toda sem a opinião dele.

— Ele já sabe de tudo isso, tenho certeza. Você viu como ele é dedicado, e só há algumas datas sagradas o bastante para marcar um casamento. O dia dezoito é a próxima. Se não for essa, vocês não conseguiriam se casar até — disse ela, folheando uma porção de páginas, analisando os quadradinhos — o fim do outono.

— Isso não seria ruim, seria? Daria tempo de planejarmos tudo... mandar convites, garantir que as pessoas compareceriam.

Dauphine pareceu horrorizada.

— Por que não compareceriam?

— É só que... a data sendo tão próxima, com certeza as pessoas já terão outros compromissos...

Marguerite bateu com a mão na mesa, sacudindo as xícaras e os pires e fazendo um barulhão.

— E o que que seria mais importante do que um casamento? A união de duas almas. Se não compreende a magnitude da coisa em que está se metendo, garota, então é melhor devolver o anel a meu neto e sumir da nossa frente.

Ela estendeu a mão, como se esperasse que eu fosse embora naquele momento.

— Mãe! — exclamou alguém. Viramos as cabeças na direção da casa, no ponto em que Gerard estava, parado à soleira, ouvindo a todas as palavras odiosas que Marguerite tinha proferido. — Desculpe interromper o chá de vocês, senhoras, mas preciso conversar com a mamãe. Agora.

— Mas...

— Agora — repetiu ele com firmeza e se aproximou para puxar a cadeira da mãe de debaixo da mesa.

Quase parecia um gesto de deferência educada, mas vi como ele curvou os dedos nas costas da cadeira, em uma expressão nítida de raiva.

Eu queria me defender, dizer algo para assegurar a todos que Alex havia feito a escolha certa, que eu seria o par perfeito para ele — e para a família —, mas não consegui. Eu não sabia o que falar, nem tinha certeza de como abordar o tema.

Com um aceno breve de cabeça para Dauphine, depois para mim, Gerard foi embora, rebocando Marguerite da mesa com um aperto firme no cotovelo da mãe. Eles se afastaram em silêncio.

— Então... — comentou Dauphine depois de um longo instante. O sorriso parecia forçado. — No dia dezoito. Vamos precisar de vestidos para a festa de noivado, a cerimônia de benção... — Dauphine passou o dedo pelos blocos das semanas, lendo as anotações. — Para a celebração de aniversário de casamento dos Peaseblossom. E para a abertura de um novo jardim botânico... Você vai amar o lago de lírios, é magnífico...

— E para o casamento, lógico — brinquei, tentando aliviar a tensão. Ela não riu. — Vou ter que ir às Salinas, ao menos duas vezes, imagino.

Só de pensar nisso, já me sentia angustiada.

— Para quê?

— Para o vestido de casamento. Há uma estilista em Astreia que faz os vestidos de casamento das Taumas há décadas. A sra. Drexel. Ela fez os vestidos de casamento das minhas duas irmãs... e o da minha mãe.

Dauphine negou com a cabeça.

— Como disse, não dá tempo. Além do mais, uma estilista das Salinas não saberia todas as costuras adequadas de um vestido de casamento.

Sorri, certa de que ela estava me alfinetando.

— Os vestidos da sra. Drexel são venerados nas ilhas. Dizem que até Arina compra lá... Tenho certeza de que o vestido que ela desenhar será espetacular.

— Com certeza são vestidos bonitos, mas há nós e costuras específicos que formam um vestido de casamento de Florice. Tirinhas de papel, com preces e pétalas, são costuradas na estrutura. Raízes na bainha para ancorar o novo casal. Cada nó, cada junta, é um símbolo de duas almas se unindo. Pode parecer um costume bobo para quem é de fora, mas significa muito para nós. Para ele — enfatizou a duquesa.

— Eu... — Mordi o lábio com força, ganhando coragem para prosseguir. — Eu não quero ser vista como alguém de fora e não quero decepcionar o Alex.

A expressão de Dauphine se suavizou.

— Sei que deve ser muita coisa para absorver de uma vez. Mas olhe os desenhos — pediu ela, retirando uma das reproduções de dentro do caderno. — Não são magníficos?

Em cada desenho, a noiva parecia igualzinha a mim.

Uma risada estranha escapou de mim.

— Alex me pediu em casamento ontem... De onde vieram todos esses desenhos?

Dauphine sorriu.

— Ah, Verity, é incrível o quanto se consegue fazer quando não se passa a manhã toda de preguiça na cama.

Dauphine deu um gole no chá, e os lábios deixaram uma marca coral em forma de lua crescente na borda. Então começou uma nova lista.

Querida Mercy,

Lamento ter demorado tanto para entrar em contato de novo. As coisas vêm acontecendo tão depressa que mal sei por onde começar. Eu queria estar à sua frente, contando isto a você pessoalmente, mas... estou noiva! De Alexander Laurent! Por conta de todas as tradições do Povo das Pétalas em relação a casamentos, vamos nos casar em menos de um mês, na próxima data sagrada deles. Estou enviando essa carta pelo mensageiro mais rápido dos Laurent para lhe pedir para ser uma de minhas madrinhas. Prometo que pode escolher o próprio vestido e o buquê mais bonito.

Logo nos falamos!

Com todo o meu amor,
Verity

Querida Annaleigh,

O cortejo com Alexander foi rápido — estamos noivos, e quero que você seja uma das madrinhas, se puder. O casamento acontecerá no próximo mês. Os Laurent têm tantas tradições diferentes das nossas... mas espero que você, Cassius e a pequena Cecilia consigam comparecer. Sei que as coisas estão... delicadas com Camille, mas desejo de verdade que ela consiga deixar as diferenças de lado e vir aqui, pronta para celebrar. Quero que as coisas voltem a ser o que eram. Quero todas as minhas irmãs de volta. Acha que consegue falar com ela de novo? Camille não respondeu a nenhuma de minhas cartas, mas certeza de que agora fará isso... considerando as boas-novas... E também... você pode trazer mais uma caixa ou duas das velas de sal e sálvia quando vier? Elas vêm ajudando muito a lidar com... a saudade de casa.

Com todo o meu amor,
Verity

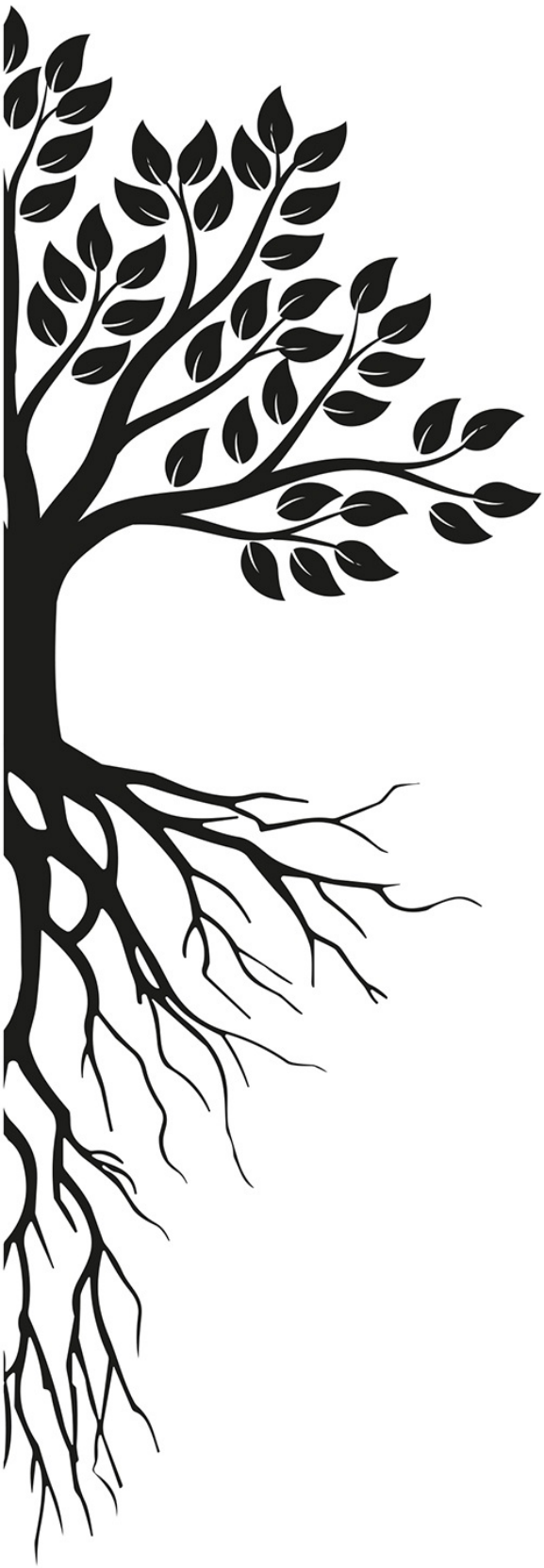
Camille,

Nem sei por que estou mandando esta carta. Sei que não vai ler, mas... você é minha irmã, eu te amo e sinto sua falta, e queria que estivesse aqui para dizer isto pessoalmente... Alexander Laurent me pediu em casamento, e eu aceitei. Vamos nos casar no mês que vem — os convites formais serão enviados em breve, com certeza —, mas queria que soubesse por mim primeiro. Sei que você não concordava com minha vinda para cá e nem imagino como reagirá a esta notícia... mas espero que esteja feliz.

Eu estou.

Odeio essa rixa entre nós. Odeio que já estou aqui há tanto tempo e não recebi nenhuma carta sua. Sei que está com raiva, mas, por favor, por favor, deixe esses sentimentos de lado. No dia do casamento. Só um dia. Por mim, sua irmã caçula. Que ama você.

Com todo o meu amor,
Verity



29

— Você está quietinha hoje — comentou Alex, mantendo a postura imóvel de modo que a boca mal se mexeu. — Está tudo bem?

Passei o pincel por uma porção de tinta cinza na paleta.

— Só estou cansada, acho.

— E está com voz cansada. Teve outra noite ruim?

— Não entendo como você consegue dormir com a algazarra dos pavões — confessei, passando o pincel pela tela com cuidado. Minhas mãos tremiam um pouco. Passar semanas sem dormir direito estava me afetando. Eu tinha me permitido uma xícara a mais de café pela manhã, e por isso meu corpo parecia uma corda toda distendida, prestes a se romper. — Não escuta mesmo o barulho?

Eu ainda ouvia os lamentos dos pavões, muito depois de os gritos pararem. Ficava acordada por horas a fio, agitada demais e sem conseguir pegar no sono até descer e fazer um pouco do chá floral de Gerard. Era a única coisa que me acalmava o suficiente para dormir.

— De vez em quando, mas não como você descreve. Eles devem preferir a parte norte dos jardins por alguma razão. Vou conversar com um dos zeladores. Talvez possam construir um ninho para eles mais longe da casa.

— Seria maravilhoso. Ontem, pareciam estar tão perto que saí para o corredor com um atiçador de lenha na mão.

Aqueles gritos foram os piores, estridentes e guturais. Lembravam-me de quando as gêmeas tinham nascido, e Highmoor toda ficara acordada com o choro delas.

— Ah, Verity — murmurou Alex, parecendo preocupado.

Contudo, ele desfez a tensão do momento logo depois quando começou a rir.

— Você acha meu martírio engraçado? — perguntei, olhando por cima da tela. — Sabe que eu consigo adicionar umas verrugas na sua cara aqui, não sabe? Vão ser várias gerações de futuros Laurent debochando de seu retrato.

Ele ergueu a mão, tentando parar, mas acabou se curvando de tanto de rir.

— Só estava imaginando você, correndo para o corredor... com certeza bem fascinante de camisola — adicionou depressa —, brandindo o atiçador, pronta para a batalha.

Alex fez uma mímica do que seria degolar uma das criaturas antes de me olhar. Os olhos dele faiscavam de alegria, e, apesar de minha irritação com os pássaros, peguei-me retribuindo o sorriso antes de voltar a pintar.

O retrato estava quase finalizado. Eu só precisava fazer uns realces e sombras para deixar a obra mais realista e terminar uns detalhes no cenário de fundo antes de começar o rosto dele. Eu gostava de deixar o rosto por último.

Na verdade, eu não queria que as sessões acabassem.

Meus momentos com Alex eram a melhor parte do dia.

Dauphine tinha começado a planejar e ocupar cada minuto do meu dia. Sempre tinha um motivo para irmos à cidade, o que deixava as sessões de pintura em segundo plano. Ela parecia sempre pronta para invalidar qualquer sugestão ou ideia que eu tivesse para o casamento. Fosse para minhas roupas. Fosse para minha aparência.

De manhã cedo, ela havia comunicado que marcou uma hora na perfumaria para que escolhêssemos um aroma personalizado para mim, algo digno de uma futura duquesa.

— Eu não sou de usar perfume — eu contrapusera, enquanto tomava a terceira xícara de café.

Ela havia confirmado com a cabeça, como se estivesse bem ciente daquilo.

Gerard passava quase o tempo todo na estufa, atrasando jantares e fazendo Dauphine ficar vermelha de raiva, com exceção de quando aparecia nos momentos mais inconvenientes, pronto para testar meu conhecimento sobre as casas nobres de Arcânia e temperar a conversa com insinuações veladas e declarações cada vez mais descaradas a respeito da extensa linhagem de descendentes que era para eu trazer ao mundo.

As pilhas de livros em minha saleta só aumentavam, cheios de coisas com as quais ele esperava que eu me familiarizasse. Elas balançavam na escrivaninha, tão altas quanto torres. Eu tinha a intenção de ler os volumes, tinha mesmo, mas, ao fim do dia, depois das sessões de pintura e provas de vestidos, degustações e almoços com amigas de Dauphine, era comum eu cair na cama totalmente exausta.

E então... tinha os pavões.

Era como se eu estivesse presa em um redemoinho, girando e girando, cada vez mais coagida, sem conseguir sair. Nos momentos que estava com Alex eu me sentia mais eu mesma. O tempo que passávamos juntos era calmo, doce e... nosso. Não havia segundas intenções, comentários afiados. Eu conseguia respirar, livre.

— O aniversário de casamento dos Peaseblossom é no fim desta semana — mencionou ele, divagando.

Eu me lembrava do casal mais velho que comparecera ao jantar de Dauphine. Parecia que muito tempo tinha se passado desde então, embora tivessem sido só três semanas.

— Eles estão juntos há quanto tempo?

— Cinquenta e cinco anos.

Levantei as sobrancelhas, impressionada.

— Seremos nós um dia — previu ele com convicção. — Daqui a cinquenta e cinco anos, vou olhar para você no meio de nossa festa e dizer: "Lembra aquela primavera, quando pintou meu retrato? Que jovem tolo eu era na época. Achei que você não tinha como ser mais bonita, mas olhe para você agora... magnífica."

— E eu vou me inclinar e berrar para você repetir tudo porque eu não vou ter ouvido nada.

Alex abriu um sorrisão.

— Eu não tenho dúvida de que nosso amor vai ser mais forte do que é hoje, mesmo que minha audição esteja fraca.

Meu sorriso congelou no rosto, então cedeu.

— No que está pensando? — questionou Alex, atento como sempre.

Remexi um pouco de tinta na paleta, ganhando tempo. Eu ainda não havia contado a Alex que tinha encontrado a amante de Gerard no dia que noivamos. Eu sabia que precisava contar — eu já guardava segredos demais e não queria adicionar mais um à lista —, mas não tinha certeza de como abordar o assunto. Não era algo que surgia de forma natural em uma conversa cotidiana.

— Verity — incitou ele, aproximando-se. Esticou a mão, mas parou antes de me tocar. — Falei algo que não devia?

— Óbvio que não.

— Às vezes fico preocupado com... — Ele parou de falar.

— Com o quê?

— Nada.

Alex desviou o olhar.

Inclinei a cabeça, tentando focar o olhar no dele outra vez.

Ele comprimiu os lábios.

— Eu sou novo nisso tudo. Temo que... fico preocupado em parecer intenso demais, animado demais.

— Ah, Alex, não — contrapus, então entendi o que ele confessara. — Você fica nervoso?

Ele confirmou com a cabeça, e senti um quentinho no coração, tocada pela vulnerabilidade da confissão.

— Eu também fico. — Deixei a paleta e o pincel de lado. — E isso me preocupa... o tempo todo.

Alex franziu as sobrancelhas.

— O que a preocupa?

— Eu fazer algo e estragar tudo... estragar o que *nós* somos. Não sei o que estou fazendo, nunca sei, na verdade, mas sobretudo com você. Eu não quero fazer algo errado e aí você acabar... insatisfeito.

— Ah, Verity. — Ele segurou minha mão. — Isso não é possível. Nunca.

— É fácil dizer, mas... — Parei de falar, pensando em Dauphine, na mágoa nos olhos dela.

— Eu não sou parecido com meu pai em *nada* — afirmou ele, adivinhando as palavras que eu não dissera. — Eu juro, aqui e agora, você é a única para mim. Você é tudo. Ninguém no mundo me roubaria de você. — Então segurou meu rosto entre as mãos. — Nunca vou fazer nada para a machucar. — Encostou a boca em minha testa, selando a promessa com um beijo. — Nunca vou ser infiel. — Outro beijo. — Nunca vou desejar ser.

Senti um embrulho no estômago, ponderando se ele faria tais declarações se me conhecesse por completo, se soubesse as coisas que eu via, as coisas dentro da minha mente.

— Eu... eu tenho uma surpresinha para você — declarou.

— Tem?

Ele assentiu e segurou minhas mãos de novo.

— Venha aqui se sentar no divã um instante.

— Ah.

Olhei para as tintas, perguntando-me se deveria cobri-las.

— Não vai demorar, mas é melhor ficar confortável — explicou, percebendo minha preocupação. Então me conduziu para o sofá acolchoado, esperando que eu me acomodasse antes de posicionar a cadeira ao meu lado. — Venho pensando como vai ser depois do casamento.

— Depois?

Dauphine estava me fazendo focar tanto cada detalhe do dia em si que eu não tinha parado para pensar muito no que viria depois.

— A maior parte dos casais viaja, faz um passeio pelo continente ou vai para algum cantinho tranquilo, enquanto a casa é preparada para a nova dona.

— Ah, lógico.

Camille tinha passado quase um mês fora depois de se casar com William. Mercy, Honor e eu tínhamos ficado em Highmoor, aos cuidados da governanta e de Hanna. *Só que não*, refleti, com o peito apertado, como sempre era o caso ao pensar nela.

Alex umedeceu os lábios.

— Mas em relação a casas... essa é uma situação singular... por minha causa. Há várias casas nas quais poderíamos morar... até chegar a hora de nos mudarmos de volta para Chauntilalie.

Ele falou aquilo com tanta certeza, e ponderei qual seria a sensação de ter tanto da própria vida planejado e acertado. Camille não havia crescido sabendo que viraria duquesa. Ela fora a quinta a nascer entre doze. A maior parte da infância devia ter sido como a minha, perguntando-se o que a vida teria reservado para si, onde e como construiria o próprio lugar no mundo.

Só que Alex sempre soubera. Ele era o herdeiro. Viraria o duque.

Ele mordiscou a parte interna da bochecha.

— Embora... papai tenha dito que poderíamos ficar aqui, em Chauntilalie, sem problemas, pelo tempo que quisermos...

Engoli em seco, querendo contrapor, mas sem saber como Alex reagiria. Parecia uma atitude dura e ingrata, mas eu tinha começado a desejar um futuro sem Dauphine planejando cada momento de minha vida, um em que eu não precisaria temer trombar com Marguerite e o mau humor dela. Um sem Gerard farejando meus segredos como um cão de caça.

— Mas falei que não — prosseguiu ele, com uma expressão preocupada.

— Falou?

— Eu quero que tenhamos a chance de sermos nós mesmos... longe deles... longe de tudo, por um tempo.

Toquei a bochecha dele, o polegar acariciando a pele com suavidade. Parecia a coisa certa a se fazer, e fiquei surpresa com como o gesto aconteceu de forma natural, sem eu ficar pensando demais nem por um instante.

— Fico tão feliz.

— Fica?

Sorri.

— Muito, muito feliz.

Alex exalou, aliviado.

— Eu estava tão nervoso, achando que talvez dissesse que queria ficar em Chauntilalie. É uma casa antiga e encantadora, e mal posso esperar para envelhecer aqui com você, mas...

— Mas primeiro precisamos de uma casa, só nós dois.

— Concordo. Só nós dois. — O olhar dele era caloroso, as pupilas estavam escuras e dilatadas. — Verity. Posso... Tudo bem se eu... Posso abraçar você?

— Me abraçar? — repeti, incerta do que ele sugeria.

Alex confirmou com a cabeça, com os olhos ansiosos e esperançosos.

— Como?

Com cuidado, ele conduziu a cadeira à frente e então me puxou para o colo. Gargalhei, surpresa demais para ficar desconfortável com a proximidade. Ele ajeitou minhas saias para não ficarem presas nas rodas. Por um momento, Alex deixou a mão no alto de minha coxa, posicionada com a sutileza de uma pergunta. Então me abraçou, puxando a lateral de meu corpo para encostar em seu peito. Ouvi a batida de seu coração e senti seu cheiro, uma combinação de sabonete e loção pós-barba, algo verde e totalmente Alexander.

— Vamos precisar de um estúdio — comentou ele, pensativo. — Em nossa casa. Um cômodo com janelas grandes para deixar entrar muita luz, de frente para água. Não quero que você fique muito longe das ondas.

— Nossa casa — falei, abrindo um sorriso carinhoso. — E vai ter uma biblioteca para você. Com prateleiras baixas nas paredes. Assim você vai conseguir alcançar todos os livros.

— Eu gosto dessa ideia. — A voz dele soou baixa e sonhadora, e ele me envolveu com os braços, mantendo-me junto de si.

Eu gostava daquilo. Eu adorava nós dois.

Parecia que estávamos envoltos por um raio de sol, aquecidos pelos pensamentos de um futuro juntos. Eu estava confortável e feliz e não me sentia pressionada a fazer nada além daquilo.

Cheguei ainda mais perto de Alex e dei um beijo em sua bochecha.

Não fiquei pensando.

Eu queria fazer aquilo.

E fiz.

E a sensação foi... boa.

Fácil.

Certa.

Finalmente.

— É perfeito — sussurrei.

Todas as aflições e ressalvas que eu sentira desde o noivado sumiram. Não me importava que a mãe dele achasse que eu não era sofisticada nem tinha estilo. Não me importava que a avó dele achasse que eu era amaldiçoada.

Era Alex que importava. Era o único em quem eu confiava total e implicitamente.

Seríamos nós a escrever nossa história.

Nós, por conta própria.

Juntos.

— Somos nós dois — prometeu ele, beijando minha testa com tanta ternura e doçura que ansiei por outro beijo. — Pelo resto da vida.



Tarde naquela noite, os pavões me acordaram de novo.

Uma lua cheia enorme estava alto no céu, projetando um brilho azul sobrenatural no meu quarto.

— Melhor descer e pegar o chá — murmurei, suspirando e saindo de debaixo das cobertas.

Eu estava exausta demais para procurar as pantufas, e as tábuas geladas congelaram meus pés descalços enquanto eu descia. A rota já me era tão familiar que nem me dei ao trabalho de levar uma vela. Eu já sabia o caminho de cor.

Todas as luzes da mansão estavam apagadas, mas o luar se derramava pelas janelas abertas, iluminando os cômodos e corredores. A brisa era doce, impregnada com o aroma dos jasmins de Gerard que floresciam à noite.

A conversa com Alexander ainda estava fresca na cabeça e, enquanto vagava pelos longos corredores, tentei me imaginar como a senhora de toda aquela maravilha. Que pintura eu penduraria ali um dia? Eu manteria as cortinas na cor damasco? Como daríamos nosso toque na mansão?

Fosse qual fosse a forma que o fizéssemos, eu sabia que o faríamos juntos. Gerações de Laurent falariam de nós em um tom maravilhado e reverente. Nossa história de amor seria uma lenda.

Um movimento atraiu minha atenção para mais adiante no corredor.

Lá na frente, havia alguém parado no meio do corredor arqueado, analisando um retrato na parede.

A figura era masculina demais para ser Dauphine, alta demais para ser Gerard.

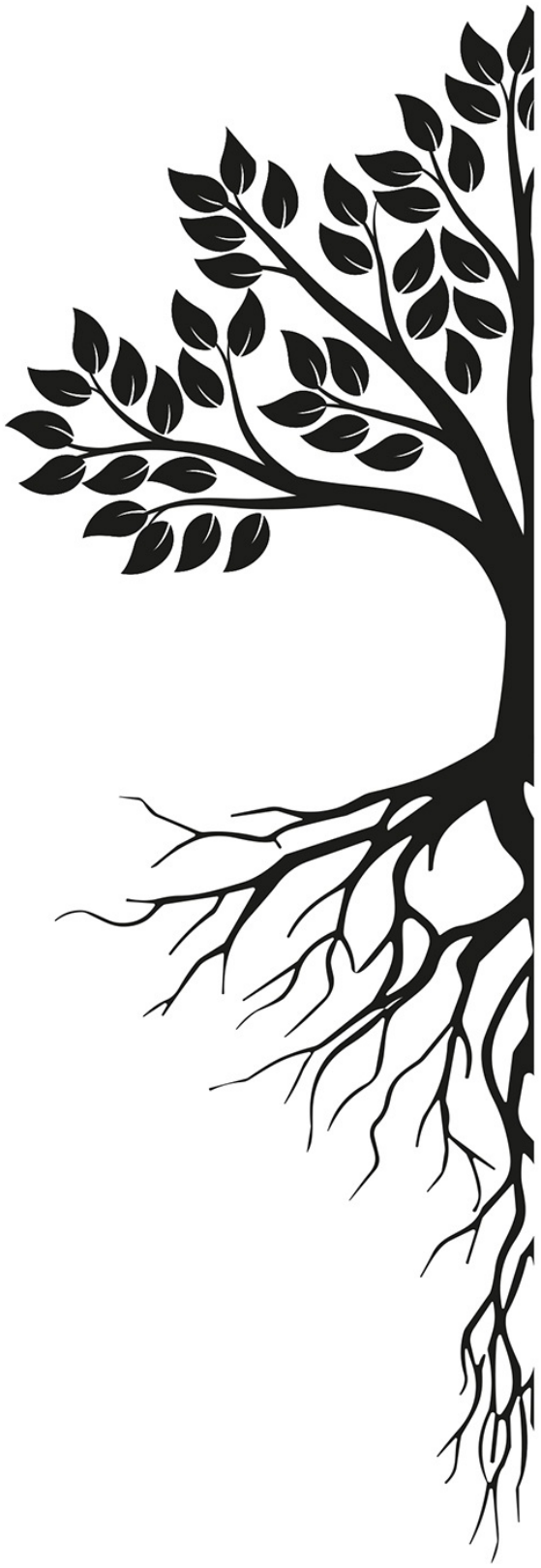
Um criado, então, acordado até tarde, como eu.

Dei uma tossida breve, para alertá-lo de minha presença, e ele se virou, assustado. Um raio de luar iluminou seu rosto, e arfei.

Ali, de pé por conta própria, sem nenhum tipo de apoio, estava Alex.

Nós nos encaramos por um longo momento. Eu estava incrédula demais para falar.

Ele levou um dedo aos lábios, um gesto que pedia meu silêncio. Então sorriu, a curva de sua boca tão familiar estava distorcida e estranha, então se virou e foi embora.



30

Fiquei olhando para o ponto em que ele estivera...

Alex.

De pé.

Pisquei, como se aquilo o fizesse voltar, mas lógico que não foi o caso.

Então fui atrás dele.

Eu não estava familiarizada com aquela ala de Chauntilalie, e assim que cheguei ao novo corredor — com as paredes pintadas com murais de campos de flores silvestres —, percebi que estava perdida. O corredor era coberto por tapetes, que abafavam meus passos. Depois de um mês inteiro ouvindo-os fazendo ecos, foi estranho de repente não ouvir nada.

Parei, tentando ouvir movimentações nos cômodos próximos, mas não havia nada.

Então, ouvi um ruído suave e crepitante, como vidro quebrando. Soou de modo brusco, vindo de algum ponto adiante.

Várias portas estavam abertas, e, curiosa, espiei em cada cômodo. Vi um piano de cauda em um, uma estrutura preta imponente no meio de um cômodo que, com exceção disso, estava vazio. O segundo continha pilhas de caixas e barris — um depósito da mansão.

A porta da terceira sala estava entreaberta, então a escancarei, e me sobressaltei.

Era outro depósito, mas o conteúdo ali não eram produtos secos ou carnes salgadas. Era arte.

Estátuas.

De tamanho real e abarrotando o lugar como um exército, cada uma coberta com um tecido claro para proteção.

Alex entrou ali, eu tinha certeza. Havia algo diferente no cômodo, a sensação intensa de outra presença, de outra pessoa. O ar se movimentava para permitir que um segundo corpo ocupasse o espaço.

— Alex — chamei, e minha voz soou muito alta.

O que ele estava fazendo ali?

Tão tarde da noite.

De pé.

Andando.

Suspirei.

— Eu sei que está aqui.

Em algum ponto mais nos fundos da sala, obscurecido pelo mar de lençóis, algo se mexeu.

Dei um passo para dentro, sentindo cheiro de poeira e do aroma de objetos havia muito abandonados.

— Alex, eu sei que é você. Só apareça. Apareça e explique...

Atrás de mim, outro som, como alguém pigarreando.

Olhei para as duas estátuas, uma em cada lado da porta, desconfiada.

Ele estaria escondido atrás de uma delas?

Sem aviso, arranquei o lençol, revelando um trio de anjos alados, voando em um emaranhado de membros e sorrisos beatíficos.

A segunda estátua era um par de garças, com os pescoços inclinados em ângulos estranhos para observar um sapinho de latão entre as patas.

Um suspiro suave soou mais longe no espaço.

— Alex, não tem graça. — Minha voz não soou tão firme quanto eu desejava.

Um toque de incerteza reverberava pelo tom.

Eu parecia assustada.

À soleira da porta, tentei ver a situação sob uma perspectiva lógica, aquele dilema bizarro e desconcertante.

Eu havia visto Alex.

Andando.

Só que ele não andava. Eu o tinha visto fazer esforço para subir e sair da cadeira, a forma que dependia de Frederick. Não dava para fingir aquilo.

Dava?

Que grande absurdo.

Não era Alex.

Então quem era?

Olhei ao redor do cômodo, com o medo permeando meu coração como a geada fria que tomava o campo no inverno.

Tinha o criado, na noite da festa de Dauphine. Eu o vira. Frederick o vira. Nós dois tínhamos achado que era Alex.

Ele estava lá de novo. Naquele exato momento. Voltara a Chauntilalie e estava vagando pelos corredores no meio da noite, e eu o tinha encurralado.

Um leve sibilo, como se alguém exalasse depois de estar prendendo a respiração por muito tempo. Os pelos de meus braços se arrepiaram.

Parecia mais próximo. Não parecia?

Mordi a parte interna da bochecha. Precisava agir. Precisava fazer algo.

O jovem que eu vira no corredor era alto. Sozinha, eu não teria nem chance contra um adversário tão assustador.

Eu precisava de ajuda.

Mas se eu fosse atrás de ajuda, arriscava perdê-lo de vista, e ele poderia escapar.

Eu podia gritar... mas minha voz se mesclaria aos clamores dos pavões. Os gritos que ainda preenchiam o ar, distantes e descontrolados.

Não.

Eu teria que fazer aquilo eu mesma.

— Você ainda está aqui — murmurou uma voz atrás de mim, e então gritei, assustada com a súbita percepção de que o sósia tinha saído da sala e então voltado para me machucar.

Mas era a jovem que tinha me ajudado com o vestido na manhã que Alex me pedira em casamento.

A jovem que não era uma criada.

Estreitei os olhos.

Era a moça cujo nome Gerard dera às flores.

A que tinha deixado Alex enojado.

A amante de Gerard.

— Por que ainda está aqui? — perguntou ela.

— Tem alguém aqui dentro — sussurrei, envolvendo-a na situação, quisesse ela ou não. — Constance.

Ela arregalou os olhos.

— Você sabe meu nome?

Ignorei a surpresa dela.

— Você tem que me ajudar. Tem um intruso na casa. Acho que é alguém que esteve aqui no dia da festa, que voltou para... não sei... roubar... *alguma coisa*.

Pareceu fazer sentido, um homem errante usando trabalhos temporários para descobrir novos locais para roubo.

— E você acha que ele está aí dentro? — murmurou ela devagar, então analisou as estátuas. — Eu não vejo ninguém.

— Ele está se escondendo. Debaixo dos lençóis.

— Isso parece um pouco de mais, não?

— Eu o vi. Entre e veja você mesma.

Constance contorceu o rosto em uma careta.

— Eu não... eu queria conseguir.

— Vá — comandei, quase empurrando-a para dentro da sala.

Com um suspiro, Constance estendeu a mão na direção do interruptor de luz. A sala permaneceu escura.

— Viu? — murmurou ela, virando-se para mim. — Eu não consigo...

— Olhe — falei, apontando.

Havia cacos de vidro no chão, ao redor dela. Os globos cobrindo as lamparinas a gás tinham sido estilhaçados. Era de admirar que ela não tivesse se cortado.

— Acredita em mim agora? — sibilei.

Constance olhou ao redor da sala, preocupada, e assentiu.

— Abra as cortinas — orientou ela só mexendo a boca.

Na ponta dos pés, fui até o outro lado da sala e, depois de lutar um pouco com o tecido das cortinas pesadas, puxei vários cordões e deixei o luar se derramar no espaço.

Os tecidos de tela brilharam em um azul sinistro, e observei-os em busca de um movimento que denunciasse a presença.

Não vi nenhum movimento na sala.

Olhei para a moça, a amante de Gerard, e dei de ombros.

Constance levou o dedo à boca, um eco assustador do gesto que o jovem tinha feito para mim minutos antes. Então apontou para uma das estátuas e gesticulou para que eu arrancasse o lençol. Lançou um olhar para a estátua próxima de mim.

Confirmei com a cabeça.

Erguendo a mão, comecei a contar.

Três.

Meu estômago embrulhou, enjoado.

Dois.

As palmas de minhas mãos suavam quando peguei a ponta do tecido.

Um.

Arranquei o tecido, revelando uma estátua de mármore de mais querubins. Sem me deixar abater, removi mais tecidos, fazendo a poeira se espalhar e meus olhos arderem. Obras menores tombaram para o chão em meio à nossa pressa de descobrir tudo, fazendo uma algazarra ao cair. Arrancamos mais e mais lençóis, chegando ao centro da sala até...

Só restar uma única estátua.

Era alta, mais alta que eu, e era tão fácil visualizar alguém se escondendo debaixo do tecido. Estreitei os olhos, quase certa de ter visto a bainha subir e descer. Havia alguém ali, respirando.

A peça estava mais próxima de mim.

A amante acenou com a cabeça, com os olhos arregalados de medo.

Umedeci os lábios, então puxei o lençol. O tecido esvoaçou para longe, revelando uma figura escura.

Constance soltou um gritinho, eu berrei, e a figura continuou em silêncio.

E imóvel.

Os olhos de Arina, inexpressivos e em bronze, nos observavam com uma expressão divertida, como se achasse graça da situação.

— Ele não está... não está aqui — murmurei, olhando para a bagunça que tínhamos feito. O sujeito devia estar ali, escondido debaixo dos tecidos ou das urnas de metal que caíram. — Cadê ele?

Constance observou a sala, com os olhos atentos não deixando passar nada.

— Tem certeza de que viu alguém?

Confirmei com a cabeça.

— Aqui? — insistiu ela.

— Achei que tinha visto. — Minha voz soou infantil e baixa.

Ela ficou sem responder por tanto tempo que ponderei se ela sequer acreditava em mim.

— Mas você...

Senti que ela estava lutando com algo dentro de si mesma, considerando as opções, decidindo o próximo passo.

— Você vê muitas coisas, não vê?

Um tremor tomou meu corpo. Era óbvio que Gerard suspeitava de eu conseguir fazer... algo, embora eu rezasse para que ele não captasse de todo minhas habilidades. E ele tinha contado aquilo para ela. Era daquilo que falavam enquanto estavam... Balancei a cabeça, afugentando imagens indesejadas.

Ela suspirou.

— Venha comigo, Verity.



— Me conte tudo — pediu Constance quando chegamos à cozinha; as lamparinas a gás brilhando fortes.

Eu me sentei em um banco de frente para a ilha, apoiando os pés no suporte mais alto, desejando poder me encolher dentro de mim mesma e esquecer da vergonha e da humilhação da noite. Todos os meus segredos —

ver espíritos, a vozinha em minha cabeça — estavam prestes a ser desvendados.

Por aquela moça.

A amante de Gerard.

Ela contaria a ele tudo o que eu disse, e aí seria o fim.

Acabaria meu noivado.

Eu nunca mais veria Alex.

Teria sorte se não me trancafiassem em um manicômio.

Talvez Camille fosse me visitar, esfregando a sanidade e a retidão inquestionável em minha cara.

Constance esticou a mão como se fosse tocar a minha, arrancando-me da espiral de pensamentos. Só que parou logo antes de encostar em mim, com uma expressão indecisa.

— Verity... você pode me contar qualquer coisa. Vou acreditar em você. Não precisa passar por tudo isso sozinha. — Havia um fervor intenso em seu olhar. — Não vou contar para ninguém.

— Não vai contar para Gerard? — perguntei com cuidado, sentindo-me como um animal se aproximando de uma armadilha, pressentindo o perigo, mas disposto a ignorar tudo em nome do atrativo da isca oferecida.

Ela conteve uma risada.

— Eu garanto que ele não saberá de nada se depender de mim.

A pergunta escapou de mim antes que eu pudesse analisar se era apropriada.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Ela abaixou a cabeça, com as bochechas vermelhas, embora eu não soubesse dizer se era por causa de vergonha ou raiva.

— É. Pode-se dizer que sim.

— Eu... — Fiquei sem saber o que dizer.

Eu detestava o fato de aquela jovem ter magoado Dauphine, de a presença dela na casa ser uma rebarba pontiaguda, desmantelando um casamento com os espinhos purulentos. Quando ela não passara de um conceito, um nome em um caderninho, uma entre dezenas, fora fácil ignorá-la, desconsiderá-la. Ela fora só uma amante.

Só que a expressão dolorosa no rosto dela me deixou de coração apertado.

Não era ela que eu odiava, nem as mulheres que vieram antes dela.

Era Gerard.

Ele as tinha levado para lá, as *amantes*, e quando não as queria mais, quando acabava de sugar qualquer que fosse o prazer novo que encontrara

com elas, passava para a próxima. Eu me perguntava quantas garotas deixaram Chauntilalie com os olhos vazios, as bochechas vermelhas.

Constance fechou as mãos.

— Nada disso importa agora. Eu quero saber de hoje. O que aconteceu? O que viu?

Devagar, hesitando, contei tudo. Sobre ouvir os pavões, ver Alex no corredor, vê-lo indo embora. Contei do criado que eu vira na manhã da festa de Dauphine, que se parecia tanto com Alexander. Que Frederick o vira também. Quando terminei, estava esgotada, exausta ao extremo.

Ela comprimiu os lábios, considerando o que eu dissera.

— Você disse que estava indo pegar chá?

Assenti, cansada.

— Uma xícara de camomila faz um bem tremendo — argumentou Constance, olhando para a fileira de latas na parede acima da pia.

— Camomila, não. O chá floral. Na lata hexagonal roxa.

Depois de hesitar de maneira visível, ela ficou na ponta dos pés para alcançar o chá. A lata escorregou de sua mão e caiu na bancada. Constance se virou para mim, balançando a cabeça devagar, com medo.

— Ah, Verity. Com certeza não é isso que você quer.

— É esse sim. — Saí do banco e comecei o trabalho: enchendo a chaleira de água, acendendo o fogão. — É a única coisa que me ajuda a dormir.

Peguei a lata e removi uma das flores bem prensadas. Ela contorceu o rosto com nojo e golpeou com a mão, atirando a flor no fogo. Constance pareceu tão espantada com a própria reação quanto eu.

O cheiro das folhas de chá queimando preencheu a cozinha. Era um cheiro familiar, mas eu não conseguia identificar onde o havia sentido antes.

Comecei a ficar incomodada.

— O que é essa flor?

— São flores de papoula. Papoula — repetiu para enfatizar, como se fosse o suficiente para me fazer entender.

— O que... o que significa? Eu não sei nada de... — Parei de falar, ficando sem palavras ao lembrar da área reservada na estufa. — São venenosas?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não exatamente. Mas... as favas dessas flores podem criar uma droga bem poderosa. Faz a pessoa cair em um sono profundo, quase como um desmaio inconsciente. Algumas pessoas passam dias sem acordar. Outras... nem acordam mais.

Eu me lembrei das manhãs depois de beber o chá: acordando na mesma posição que tinha ido dormir, com calor e desorientada, com o corpo doendo por não ter me mexido nenhuma vez. Eu tinha culpado os pavões por provocar tamanha exaustão, mas e se...

— Por que... por que alguém beberia isso?

— Diz-se que esse estado, esse transe, ajuda a abrir mentes. O chá pode diluir o véu entre os mundos. Faz a pessoa ver além do aqui e agora.

— Como assim? Que mundos? — Lembrei-me da mulher com as lágrimas pretas. Da imagem horrível de minhas irmãs mortas. Gerard havia dito algo similar depois de eu ter inspirado o loureiro no jardim de venenos. — O além-vida? As pessoas veem o além?

Ela abriu um sorriso fraco.

— Ou... o Sanctum. Alguns a usam para conversar com os deuses... Também pode fazer a pessoa ver coisas — complementou Constance, com um tom intenso. — Coisas que os outros não veem.

— Coisas como... como Alexander andando pelos corredores.

Ela confirmou com a cabeça.

Uma alucinação.

O rapaz que eu vira não passara de uma alucinação.

Tinha parecido tão real.

— E quanto tempo dura o efeito? Eu venho bebendo isso há semanas. Ainda... ainda faria efeito hoje?

Eu me remexi, imaginando o chá tóxico correndo por minhas veias, uma serpente adornada de joias com veneno pingando das presas.

Constance olhou para a vasilha como se a resposta estivesse no recipiente de metal. Percebi que ela não tocava o objeto.

— Não sei. Acho que depende do quanto se bebe, da concentração da infusão.

— Por que Gerard daria isso para mim?

Ela desviou o olhar, tendo o cuidado de me evitar.

— Talvez ele quisesse saber o que você veria...

Havia um equívoco, um mal-entendido em algum ponto. Talvez alguém tivesse colocado as papoulas ali, e Gerard não houvesse notado. Talvez *eu* tivesse pegado a lata errada. Gerard era capaz de muitas coisas, mas nunca me machucaria de propósito.

Machucaria?

Um guincho cortou o ar, agudo e estridente, fazendo minha cabeça martelar e meus tímpanos quase estourarem. Estremeci.

Constance se virou para a chaleira que apitava. Ela foi tão rápida no ato de parar com o barulho que esqueceu de pegar um pano. Fui alertá-la

do perigo quando ela segurou a alça quente.

— Deixe que eu faço — falei, logo a afastando e pegando o metal com um pano.

Levei a chaleira para a boca de trás do fogão, e o guincho cessou. Fiquei nervosa antes de olhar para Constance, temendo o pior.

Só que ela parecia bem.

Constance ficou toda nervosa, observando-me de olhos arregalados.

Suas mãos ainda pendiam nas laterais do corpo.

— É melhor passar água fria na mão — sugeri, gesticulando.

Ela continuou imóvel.

Será que tinha entrado em choque?

— Constance?

Quando dei um passo à frente e a incitei na direção da pia, vi que os dedos dela estavam normais. Virei as mãos dela para o outro lado, certa de que tinha deixado as queimaduras passarem despercebidas, mas não havia nada, só uma pele rosada intacta.

— Pode me soltar, por favor? — O tom dela foi tenso e nervoso.

— Quê?

Passei os dedos pelos dela, sem conseguir entender o que eu via.

— É mais difícil fazer isso quando está tocando em mim.

Um pavor estranho me tomou, causando um formigamento na nuca. Eu sentia a sensação descendo por minha coluna como uma aranha de pernas compridas, testando um fio de seda.

— Fazer o quê? — Cada palavra saía de minha boca com o peso de um rochedo, e fui arrebatada pela sensação onírica de que estávamos nos movimentando devagar demais, presas em um momento errado do tempo.

— Tocar nas coisas — admitiu ela. — Mexer nas coisas. Estar aqui.

Minha mão, que apertava a dela com força, de repente não tocava mais nada. Ela havia desaparecido, tremeluzindo até sumir como uma vela que a brisa apagou.

Fiquei boquiaberta enquanto olhava ao redor, confirmando que eu era a única na cozinha.

— Constance? — chamei, com a voz baixa; uma tentativa vã em um espaço vazio.

Ela tinha sumido.

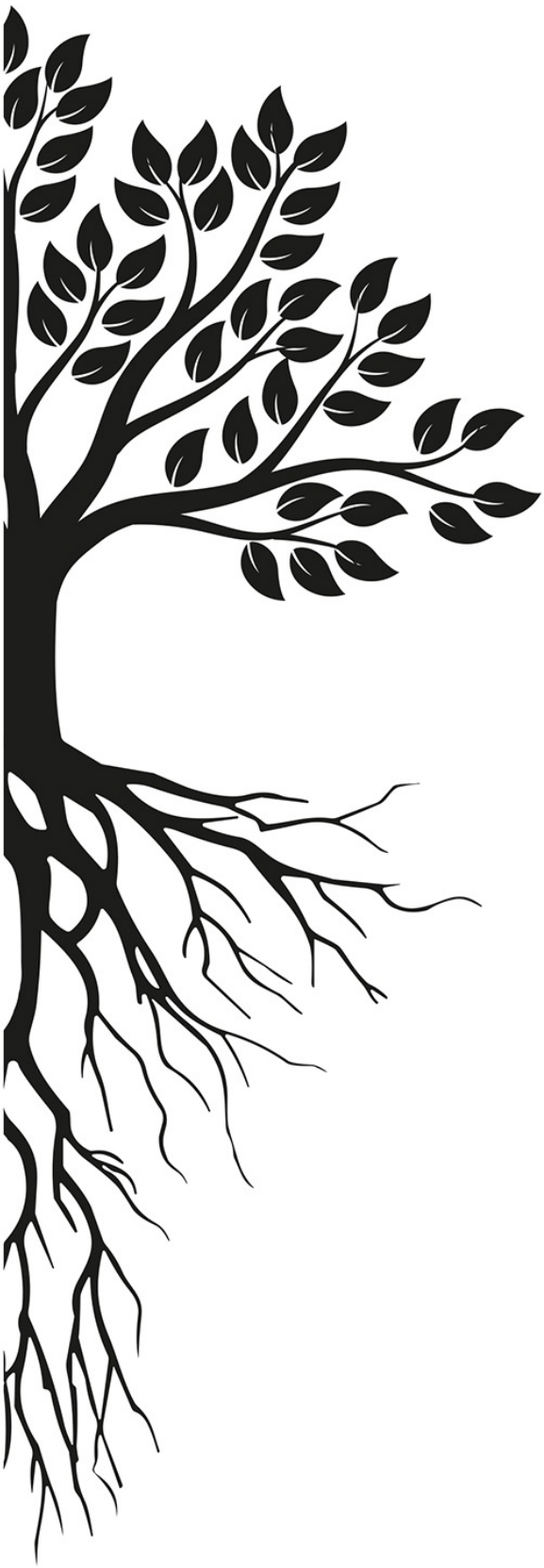
— Constance? — repeti, e sentia o toque de histeria tomando minha voz, ameaçando acabar comigo.

Nenhuma resposta.

Lógico.

Constance, a Constance de Gerard, havia desaparecido.

Desaparecido, como se nunca tivesse estado ali.
Desaparecido, como o fantasma que era.



31

Um fantasma.

Constance.

Ela era um fantasma.

— Como? — perguntei em voz alta, sentindo-me uma tola.

O cômodo estava vazio. Ninguém responderia. Muito menos...

Constance.

Que estava...

Balancei a cabeça.

Aquilo não estava certo. Não poderia estar.

Eu havia me preocupado com a possibilidade de ela ser um fantasma quando a vira pela primeira vez, parada na saleta, atraída pelo vestido enorme. Eu suspeitara que ela era um espírito até...

Segurar a mão dela.

Ou ela segurar a minha.

Algo assim.

Tivera alguma coisa naquele dia. Alguma coisa que tinha dispersado meus medos e me convencido de que ela era real.

Só que eu também tinha tocado nela naquela noite. Eu a vira pegar a lata de chá de papoula. Eu a vira arrancar os lençóis no depósito.

Não vira?

Esfreguei a testa, tentando lembrar.

Eu não havia tocado nela. Não no corredor. Depois de perceber que ela era amante de Gerard, eu tinha ficado enojada, evitando ficar perto dela. Mas o chá...

O chá tinha caído das mãos dela.

Eu me lembrei do barulho metálico ao cair na bancada.

E no depósito eu estivera focada em arrancar o máximo dos tecidos com a maior rapidez possível. Fora um momento de foco em uma situação específica e de frenesi. Não dava para negar que talvez eu mesma tivesse arrancado todos eles...

Cobri a boca, sufocando o grito que queria escapar. Minhas costelas doíam por causa da pressão que sentia por dentro.

Constance tinha estado viva e bem no dia que eu ficara noiva.

Só que no momento era um fantasma.

Outrora viva. No momento morta.

O que havia acontecido com ela?

Um grito repentino tomou o ar.

Não foi a chaleira. Nem eu. E os pavões tinham se calado.

Tremi enquanto os lamentos ecoavam pelas paredes de azulejos. O tom estridente e fixo, perturbando a noite com uma angústia dolorosa e impossível de ignorar. Eu não queria ver o que causava tal som, mas também não poderia não fazer nada.

Prendendo a respiração, saí da cozinha na ponta dos pés, sem saber com quais horrores poderia me deparar.

O corredor estava vazio.

Até não estar mais.

Mais adiante, vi Constance. Notei um vestígio de linho azul enquanto ela aparecia e desaparecia de vista, como o sol brincando de esconde-esconde em um dia nublado. Ali em um momento, e no outro, *puf*, e então reaparecendo a uma distância.

Ela estava indo para algum lugar, mais para dentro da casa.

— Constance? — murmurei.

Ela não se virou nem pareceu ter me ouvido.

— Constance!

Ainda nada. Ela continuou adiante, seguindo pelo corredor com um propósito eu que não conhecia, desaparecendo a cada poucos segundos, então reaparecendo.

Eu queria chamá-la, gritar, berrar e me esgoelar, mas o silêncio de Chauntilalie me conteve. Eu não descobriria nada se acordasse todo mundo na mansão. Então fiquei calada e a segui.

Ela chegou a uma bifurcação no corredor, então virou à esquerda.

Corri para alcançá-la antes que sumisse de vez.

Enquanto me aproximava, percebi que estava falando, a voz baixa e distante, como se não quisesse que ninguém escutasse. Esforcei-me para discernir as palavras.

— Você tem que fazer alguma coisa por eles. Eles... — A frase foi cortada quando ela sumiu de novo.

A jovem reapareceu mais à frente.

— Você disse que podia me ajudar. Disse que podia ajudá-los. — A voz dela se ergueu, ficando trêmula e agitada.

— Constance?

Daquela vez ela parou e se virou, olhando pelo corredor, a preocupação evidente. Só que nossos olhares não se encontraram. Era como se ela nem me visse, como se de repente eu, não ela, fosse o fantasma.

— Achei que tinha ouvido algo — murmurou ela, seus olhos castanhos analisando o espaço escuro. Por um breve momento pousaram em mim, então em outro ponto. — Acho que tem alguém nos seguindo.

Ela sumiu de novo, deixando-me sozinha.

Ao redor, as sombras pareciam à espreita, mais escuras que antes, banhando-me com a escuridão pesada. O silêncio se estendeu como uma fita de seda comprida, as fibras se desfazendo quanto mais forte eu segurava. Quando Constance enfim reapareceu — daquela vez atrás de mim, fazendo a curva como tinha feito um instante antes —, quase gritei.

— Você tem que fazer alguma coisa por eles. Disse que podia me ajudar. Disse que podia ajudá-los.

Franzi a testa. Ela não tinha acabado de dizer aquilo?

— Achei que tinha ouvido algo. — Ela vasculhou o corredor com os olhos, a expressão idêntica à de antes. — Acho que tem alguém nos seguindo.

Mais uma vez, ela desapareceu, e então reapareceu, vindo de detrás de mim. Eu a vi repetir o processo mais uma vez. E mais uma. E então outra. Eu virava a cabeça de um lado para o outro como quando observava as filhas gêmeas de Camille jogando badminton no terreno de Highmoor.

Constance parecia estar refazendo os passos que fizera em vida, de novo e de novo, como se presa em uma corrente acelerada, sem conseguir se libertar. Quando recomeçou o ciclo, entrei na frente dela, tentando alterar seu percurso, mas a jovem me atravessou. Os pelos em meus braços se arrepiaram, e senti calafrios pelo corpo todo.

Não foi uma brisa fria que me fez tremer.

Aquilo era errado.

Ela parecia errada, uma entidade lançada no tempo e lugar errados.

Eu queria ajudá-la, mas não conseguia impedir que o ciclo se repetisse de novo e de novo.

— O que aconteceu depois? — sussurrei, esfregando as mãos nos braços. Eu estava com uma sensação estranha. Como se o que estava errado nela tivesse me marcado. — O que está tentando me mostrar, Constance?

— Você disse que podia me ajudar. — Ela tremeluziu. — Disse que podia ajudá-los.

Outra vez, a pausa. Outra vez as palavras.

— Achei que tinha ouvido algo.

Só que daquela vez Constance foi sumindo, sem entoar a última frase.

Olhei para a cozinha, pronta para a sequência recomeçar.

Só que então ela reapareceu no meio do corredor, mais adiante. Ela havia parado ao lado de um baixo-relevo, com o rosto raivoso.

— Não. Não. Você disse que podia consertá-los — contrapôs a jovem. — Isso não basta!

Eu a observei erguer as mãos, golpeando alguém invisível. O ombro dela foi lançado para trás, como se tivessem devolvido o golpe, e Constance arregalou os olhos, temerosa.

A imagem da jovem tremeluzia com mais frequência, quase translúcida mesmo nos momentos de mais intensidade, e me perguntei se ela estava ficando cansada. Eu nunca vira Hanna se esforçar tanto — com certeza teria me feito perceber o segredo dela se tivesse sido o caso —, mas ela também estivera morta havia mais tempo que Constance.

— Você tem que vir ver...

Ela agitou a mão para o mural de pedra, as mãos desaparecendo em meio ao aglomerado de flores, e atravessou a parede, deixando-me para trás.

Observei a arte, certa de que havia uma passagem secreta escondida atrás.

Fiquei satisfeita quando vi as folhas pontudas de um oleandro.

Oleandros significavam desconfiança, um aviso de que nem sempre se podia acreditar no que se via.

Com um sorriso, empurrei os brotinhos de gesso, e uma placa escondida se abriu.

O túnel diante de mim era mais escuro que um túmulo.

Cheia de esperança, olhei para o corredor, torcendo para haver um castiçal ou um lampião, algo que ajudasse a iluminar o trajeto. Só que não havia nada, e, enquanto hesitava, ouvi o eco da voz de Constance pelas paredes de tijolos ficando mais fraco. Eu teria que entrar mesmo sem ver nada.

A porta se fechou atrás de mim, e ergui as mãos para a frente, tentando me situar no espaço escuro. As paredes dos dois lados estavam bem próximas, e eram ásperas. À frente só havia um vazio com algumas teias de aranha empoeiradas.

— Você não pode continuar fazendo isso. — A voz de Constance soou estridente como um alarme.

Segui o som.

O piso era irregular, cheio de altos e baixos inesperados que me faziam trombar nas paredes. Estava com os quadris doloridos, já indicando os

hematomas que surgiriam, mas continuei em diante.

— Ela nunca vai concordar com isso.

Pouco a pouco, o caminho se inclinava para cima em um ângulo que indicava que não estávamos mais no primeiro andar da mansão. Só que também não parecia que estávamos no segundo.

— Vou contar a ela — alertou Constance, parecendo estar mais perto, embora eu ainda não a visse. — Vou contar a ela hoje.

Estiquei as mãos, tentando segurá-la.

— Você não vai sair impune — prometeu a jovem. — Ela vai descobrir tudo.

— Descobrir o quê? — perguntei antes de trombar com algo que de repente surgiu em minha frente.

Vi estrelinhas, e minha cabeça girou.

— Fique longe de mim — bradou Constance, sibilando. — Afaste-se.

Por um momento, achei que ela tivesse me golpeado, mas então senti uma parede de tijolos. Devia ser uma divisão no meio do caminho. À esquerda vi um brilho fraco, a luz de uma vela iluminando a superfície do túnel de um cinza desbotado. Constance estava entre a luz e eu, com a silhueta oscilante preenchendo o espaço apertado.

— Pare.

Ela ergueu as mãos em uma postura defensiva, afastando-se de mim.

— Abaixe isso — comandou ela. — Você não vai me machucar. Não pode. Eles não vivem sem mim.

Constance caiu para trás, emitindo um som doloroso de surpresa, e lutando contra a pessoa invisível que a agredia. A jovem apertou o próprio peito, e uma mancha vermelha se espalhou pelo corpete. Ela foi golpeada de novo, e seus lamentos foram baixos e guturais.

— Não. Não, por favor. Eu não estava falando sério. Eu não... prometo...

As botas dela se debatiam no chão, erguidas, chutando. Houve um momento em que achei que ela conseguiria escapar do ataque, mas então se desequilibrou, caindo. A cabeça atingiu a parede. Ela segurou o próprio pescoço e começou a arfar, uns sons molhados e ruidosos.

— Não! — berrou uma vez, e reconheci a angústia e o desespero.

Fora o grito que eu ouvira na cozinha.

Então ela desapareceu de vez.

Fiquei estática, horrorizada, sem conseguir desviar o olhar do ponto em que ela estivera.

Constance havia sido assassinada, bem ali naquele corredor.

Mas por quem?

A jovem tinha indicado que ela e Gerard tiveram um desentendimento. Havia sido físico? Ele tinha defeitos — muitos, muitos defeitos —, mas eu não o imaginava matando alguém. Aquelas mãos criavam coisas, promoviam o desenvolvimento a partir simplesmente de solo e sementes.

Não poderia ter sido ele.

Eu me lembrei da expressão de Dauphine no dia depois que eu ficara noiva, quando conversamos sobre contratar um criado para mim, quando ela havia dito com todas as letras que não havia nenhuma criada na casa. Ela soubera naquele momento que Gerard tinha levado outra amante para lá. Será que tinha descoberto o paradeiro de Constance e ido atrás da jovem?

Encolhi-me, imaginando o olhar doentio e ciumento de Dauphine.

Sim. Eu conseguia ver a cena, vê-la como a agressora.

O túnel de repente pareceu mais escuro, e senti o peso de todas as pedras e sombras ao redor. Imaginei um estrondo profundo, os tijolos se soltando enquanto a casa estremecia. Tudo desabaria em cima de mim. Eu seria engolida viva, para sempre enterrada nas ruínas de Chauntilalie.

Precisava sair dali. Precisava escapar da escuridão.

Fugi pelo corredor, seguindo o vestígio da luz de vela.

Trombei em uma porta entreaberta, e fiquei surpresa, sem reação, ao me deparar com um cenário alegre e inesperado.

Onde eu estava?

Sentindo náuseas, girei em um círculo lento, absorvendo cada detalhe com uma compreensão entorpecida.

Era um quarto de criança.

As paredes tinham uma cor azul intensa, como o céu noturno, com estrelas laminadas bem presas ali.

Três cavalinhos de balanço estavam enfileirados em uma parede, como se no início de uma corrida. Os olhos pintados eram grandes, e as bocas formavam caretas ao redor dos pedacinhos de madeira. Por um momento, quase ouvi os relinchos.

Havia bichos de pelúcia, chocalhos e bloquinhos.

Tudo separado em três.

Várias velas cor-de-rosa queimavam, as chamas bem altas e intensas, enchendo o espaço com o cheiro familiar pungente. Um móbile de papel estava pendurado em frente à janela coberta de hera, com estrelinhas e luas girando em pequenos círculos, movimentados pela brisa.

Tentei espiar pela janela, tentando me localizar na casa, mas as videiras tapavam tudo e não dava para ver através delas.

Uma porta aberta levava a outro cômodo. Uma única vela iluminava o espaço com um brilho suave.

— Que lugar é esse? — sussurrei, passando pela soleira.

Estaquei ao perceber que não estava sozinha. Berços estavam encostados em uma parede.

Três deles.

E cada berço era ocupado por uma silhueta pequena que choramingava.

Havia bebês ali.

Eu estava com uma sensação estranha, cambaleante, como se houvesse um parafuso solto em um espaço grande. O que quer que Constance tinha feito ao me atravessar continuava me afetando, intensificando-se e espalhando-se como uma ferida gangrenosa.

Estiquei a mão para um dos berços, tentando me equilibrar, então espiei as figuras por debaixo das cobertas.

Cachinhos dourados emolduravam um rostinho ingênuo. Olhos de um azul ardósia me encaravam, preguiçosos.

Eu conhecia aqueles olhos.

Eram os olhos de Gerard.

Seriam... filhos de Gerard?

Sem aviso, Constance entrou no quarto, inteira e ilesa. O corpo parecia mais sólido que antes.

— Que lugar é esse? — perguntei, mas ela ainda estava presa no passado, sem me notar.

Cantarolando uma cantiga suave e alegre, Constance pegou uma das crianças no colo, e foi para uma cadeira de balanço. Mal tocava o chão, empurrando a cadeira para a frente e para trás na ponta dos pés, embalando o bebê em um sono tranquilo. Com uma das mãos, desabotoou o vestido disforme e revelou um seio cheio de leite, permeado por veias estranhas, verdes e erradas. O bebê faminto logo abocanhou, sugando de forma barulhenta.

— Constance? — tentei outra vez, sem conseguir desviar o olhar das veias escuras dela. — O que está fazendo? O que é isso tudo?

Ela e o bebê tremeluziram, desaparecendo por completo por um segundo, dois, três, antes de voltarem. Aproximei-me, agitando as mãos, tentando captar a atenção dela, mas a jovem só tinha olhos para o neném.

Olhando para ela em mútua adoração, ele colocou a mãozinha no peito da jovem, e soltei um arquejo.

Não era mão, e sim um toco, deformado e em uma cor verdete horrível. Diante de meus olhos, o braço se desenrolou, como a fronde

espiralada de uma samambaia, e folhas — folhas! — se abriram. Espalharam-se pela pele de Constance, uma renda de videiras e tentáculos.

Afastei-me da cena macabra, engolindo um grito, e esbarrei no primeiro berço. Encolhi-me quando o bebê se esforçou para rolar para o lado e me olhar. Era novo. Tão novo e pequeno. Os bebês não deviam ter mais de um mês.

O rosto estava vermelho e tenso, prestes a soltar um lamento. Tufinhos de pelo verde, como musgo emplumado, saíam de detrás das orelhas. Os dedinhos eram tentáculos curvos nas cores verde-escuro e roxo.

O mesmo tom das flores na estufa.

Meu estômago se revirou, e o quarto girou.

— Eu não quero mais ficar aqui — sussurrei, contendo um soluço.

Não tinha ouvido Constance se levantar.

Não a tinha visto se aproximar.

Só que ela estava ali ao meu lado, com o rosto distorcido e surrado. Uma ferida comprida marcava seu nariz, escancarando a pele pálida até os pedaços da derme ficarem pendurados. Havia uma tesoura de jardinagem cravada em seu peito, e manchas vermelhas se acumulavam ali, manchando o linho de sangue. Ela tinha um cheiro fétido, escuro e úmido como o de uma sepultura.

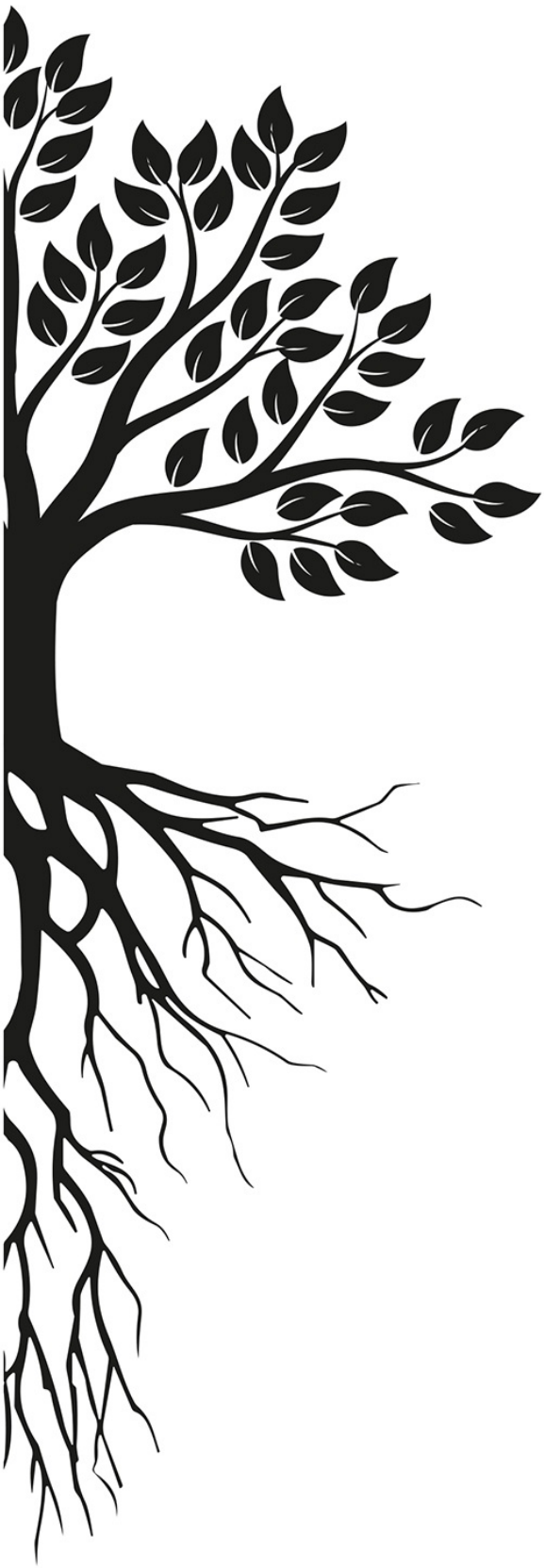
Eu não precisava analisar o bebê nos braços dela para saber que também estava morto, de um jeito horrível.

— Nos deixe em paz! — berrou ela do passado, sumindo e desaparecendo, e a voz soou terrível e rouca.

Foi um barulho letal, raspando por uma garganta tão retalhada que eu via o indício de ossos e tendões, estriações musculares e cordas vocais que não eram para ninguém ver.

Gritando, eu me virei e saí do quarto, distanciando-me dos vários berços em decomposição e das coisas horríveis mortas-vivas dentro deles. Os barulhinhos afrontados dos bebês viraram gritos a plenos pulmões, então guinchos, ficando mais altos a ponto de fazer jus à revolta da mãe deles. Os gritos reverberaram na minha cabeça, e de repente percebi que não foram pavões me acordando ao longo daquelas noites.

Meus gritos se uniram aos deles enquanto eu saía correndo, atravessando o corredor escuro até passar pela porta escondida e a fechar atrás de mim.



32

Eu estava de olhos bem abertos quando o sol despontou no horizonte, projetando os raios dourados em Chauntilalie e banhando o mundo com a promessa de um belo dia. Eu sentia o calor na pele enquanto olhava pela janela, sem ver nada de verdade, perdida em pensamentos. A cor pêssego cintilante tomou o céu enquanto eu cutucava as unhas até sangrarem, tentando dar sentido ao que eu vira.

Um homem que não era Alexander andava pelos corredores da mansão, usando o rosto dele.

Só que poderia ter sido uma alucinação.

Constance tinha morrido, assassinada por Dauphine.

Talvez.

E aqueles bebês...

Os bebês de Gerard...

Um rouxinol cruzava o corrimão da sacada, cantando as últimas notas de seu trinado, mas eu não ouvia. Não de verdade.

Depois de escapar do maldito quarto infantil, eu tinha voltado para o meu próprio e ficara ali, sentada, aguardando.

Aguardando por aquele momento, em que os pássaros cantarolavam e o céu se iluminava.

Alex acordaria logo.

Ele saberia o que fazer.

Eu só tinha que descobrir uma forma de contar a ele.

— Você consegue — sussurrei, com a voz baixa e pouco convincente. — Só precisa contar... tudo a ele.

Assenti e visualizei a mim mesma de pé, saindo do quarto e indo ao encontro de Alex.

Eu me imaginei andando pelos corredores, um passo após o outro, ensaiando como dizer. Tinha certeza de que as palavras surgiriam, contanto que eu imaginasse tudo muito bem.

— Alex, tem uma coisa que preciso contar...

Eu vejo fantasmas. Falo com fantasmas. Eles falam comigo. Só que não perdi a sanidade. Ao menos, acho que não.

— Alex, infelizmente não trago boas notícias...

Seu pai gerou uma espécie de prole monstruosa que parece mais planta do que bebê. E sua mãe matou a amante dele. E também os bebês. Provavelmente.

— Alex, podemos...

Fugir desta casa antes que toda essa escuridão se propague e de alguma forma recaia sobre nós.

Confirmei com a cabeça de novo, mas continuei paralisada, enraizada à cama.

— Alex...



— Aí está você. Faz mais de uma hora que estou esperando. — As palavras de Alex me acertaram como uma onda gelada quando entrei no pequeno escritório.

Eu tinha rodado a casa inteira atrás dele... no quarto de Alex, na sala de jantar, no terraço. Até tinha dado uma passada no lago, analisando a margem para o caso de ele ter resolvido tomar café da manhã ao ar livre.

Eu não tinha encontrado vestígio nem dele nem de Frederick.

— Eu... eu o procurei. Você não estava no quarto.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Lógico que não. Estive aqui. Esperando.

A irritação dele me deixou desnorteada, o que me fez reagir àquilo em vez de seguir o plano elaborado com minúcia.

— Desculpe. Eu não... eu não me lembrava de ter marcado uma sessão esta manhã...

Ele esfregou a testa.

— O que mais estaríamos fazendo?

— Podemos conversar por um momento? — questionei, cravando as unhas na palma da mão.

Alex checou o relógio de bolso.

— Agora?

Eu ia concordar com a cabeça, mas ele logo me cortou:

— Já perdemos boa parte da manhã. Vamos logo com isso.

Quase caí em cima da banqueta na pressa de obedecer. Eu nunca vira Alex tão irritado antes. Abri a paleta, ainda molhada do dia anterior, e peguei um pincel.

— Você parece estar com dor de cabeça. Um café ajudaria? Posso pedir para...

— Já tomei café! — bradou. — Horas atrás.

— Desculpe — respondi, mesmo sem saber pelo que me desculpava.

A única coisa que nos separava era a tela, mas eu sentia estar a quilômetros de distância dele.

Mergulhei o pincel na cor cinza-acastanhada e tentei esquecer as palavras que eu ensaiara. Tentar contar algo a ele quando estava daquele jeito só poderia acabar em desastre. Poderíamos seguir em silêncio até que o humor dele melhorasse.

Depois viria o resto.

Depois, eu contaria tudo a ele.

Fechei os olhos e respirei fundo para me acalmar.

Eu só precisava focar aquilo, o trabalho, Alex.

Só que, quando abri os olhos, pronta para começar a esboçar a linha definida das bochechas dele, pausei, confusa.

Tinha algo errado.

A pintura não estava de acordo com o Alex daquele dia.

— Você está se curvando um pouco para a direita — comentei, olhando para além da tela, tentando deixá-lo igual ao retrato. — Pode mudar de posição?

Em desalento, observei sombras e realces no rosto dele mudando, ainda sem encaixar. Nada batia com o que eu já havia pintado.

— Pode ficar de novo como estava antes? — pedi de maneira inútil.

Ele flexionou os ombros, mas ainda não estava certo.

Analisei o retrato pintado e então o rapaz diante de mim. Pareciam tão familiares, mas ao mesmo tempo não.

— Incline a cabeça um pouco... Para o outro lado. — Observei-o tentar duas vezes antes de abaixar a paleta. — Assim.

Dei a volta no cavalete para segurar o rosto dele com delicadeza, mudando o ângulo para a postura certa. Esperava que ele curvasse o rosto em direção à minha mão, desse um beijo em meu pulso, e tudo voltasse ao normal.

— Eu sei! — berrou ele, golpeando o braço da cadeira. — Eu sei o que tenho que fazer!

As palavras jorraram dele como um tiro de canhão, assustando-me. Eu nunca o vira levantar a voz antes, e fiquei chocada ao ter tamanha frustração direcionada a mim. Me afastei e me sentei atrás do cavalete, abismada, e me escondi dos olhos raivosos dele.

— Por que não... por que não encerramos por hoje? É óbvio que não tem nada funcionando direito. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Embora eu tivesse conseguido conter as lágrimas, minha voz tremia.

Do outro lado do cavalete, ele não respondeu. Então um suspiro.

— Eu... Me desculpe, *Ver*. — A cadeira rangeu do outro lado do cavalete, e observei as rodas girando para a frente, então pararem, incertas. — Eu não queria gritar.

— Está tudo bem — garanti, embora não parecesse estar. — Nós dois estamos cansados.

— Muitas noites indo dormir tarde, muitas festas — comentou ele. — Dauphine parece determinada a nos exibir em todos os eventos da temporada.

Concordei com a cabeça, embora ele não pudesse ver.

— Desculpe *mesmo* — repetiu e então se aproximou, aparecendo ao lado do retrato. Sua expressão era de arrependimento. — Por favor, me perdoe.

E então ele se inclinou e me beijou.

Foi suave de início, hesitante, como se pedisse desculpas. Fiquei parada, mas ele suspirou e me beijou de novo com mais intensidade. Pareceu diferente dos outros beijos. A boca dele era insistente, sedutora. Intrigada, inclinei a cabeça, oferecendo um ângulo melhor. Ele murmurou, satisfeito, e separou meus lábios com a língua.

Alex nunca havia me beijado daquele jeito.

Eu não sabia que um beijo poderia *ser* daquele jeito.

Ele deslizou as mãos pelo meu corpo, apertando, alisando, puxando-me para perto até eu estar pressionada contra seu peito. O abraço foi poderoso, possessivo, como se tentasse me marcar como dele.

E pela primeira vez, eu queria que o fizesse.

Fechei os olhos. Minha pele formigava, desejando mais do toque. Era eletrizante, um raio acertando uma árvore várias e várias vezes, fazendo faíscas e brasas nascerem dentro de mim.

— Alex? — Eu não sabia se era para ser uma pergunta ou uma exaltação.

Ele sorriu e enfiou os dedos por meu penteado, puxando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço. Então passou a boca, faminto, por minha pele, causando em mim um arquejo tão feroz que não reconheci de imediato como um som meu.

Beijei-o de volta, querendo corresponder com tanto fervor quanto ele, querendo desbravar aquele lado novo e estimulante de Alex. De mim. De

nós juntos, cada um incitando o outro a alcançar níveis estonteantes, incalculáveis.

Com muita frequência, eu me sentia como um veleiro mercante, controlado pela âncora pesada que eram as expectativas e exigências que os outros tinham de mim. Os beijos de Alex arrebentaram aquela corrente, libertando meu barquinho para que zarpasse, livre, ao vento.

O que os outros queriam não importava mais, só o que eu queria.

E eu o queria.

Queria rir de alegria.

Era por causa *daquilo* que as pessoas faziam tanto alarde.

Era aquela a sensação que um beijo poderia causar.

Puxei o cabelo dele, puxando sua boca para a minha de novo, e ele grunhiu. As reverberações ecoaram junto da minha pulsação acelerada, espalhando-se no centro de meu corpo como uma *coisa* feroz, ansiosa, que se contorcia sem parar. Ah, Pontos, eu o queria tanto.

Os beijos ficaram mais rápidos, mais frenéticos. Ele estava com gosto de chá com especiarias e amêndoas.

Perdi a noção de onde nossas mãos estavam, acariciando e alisando, roçando e puxando. Não importava onde estavam, o que faziam — eu só sabia que queria mais.

Ele me puxou do banco e me colocou sentada em seu colo, com as costas apoiadas em seu peito enquanto ele deslizava a boca por meu pescoço, os beijos molhados e vorazes.

— Você tem um cheiro tão bom — murmurou ele, com a voz baixa e intensa, a boca encostando em minha orelha.

Eu estava sem palavras. Falar era um esforço muito grande. Os beijos dele eram como espumante, bolhas efervescentes de alegria as quais eu queria mais e mais, mesmo que deixassem minha mente turva, girando como as flores ao caírem.

— Odeio o perfume que Dauphine comprou para você. É doce e enjoativo demais. Não é você. — Ele mordiscou o lóbulo de minha orelha, então o abocanhou, sugando e acariciando. — Isto... isto é você. E é perfeito.

As mãos dele ficaram mais ousadas, passando por meu corpete e até desabotoando os primeiros fechos da blusa. Ele pressionou a mão na pele nua de meu peito, em busca do coração acelerado, e senti-o sorrir contra minha bochecha.

— Faz tanto tempo que quero fazer isto, *Ver* — sussurrou, brincando com a renda na borda de meu corpete. — Você é tão macia quanto imaginei.

Recostei-me no peito dele, analisando seu rosto enquanto ele descia mais os dedos, afastando o volume da saia e começando a subir por minha perna de forma descarada.

— Alex, eu... — Segurei a mão dele, parando-a em minha coxa, com os dedos separados, a palma da mão quente como um ferro em brasa. — Não... ainda não.

Ele focou o olhar no meu, escuro, as pálpebras pesadas. Ele estava com as pupilas dilatadas de desejo, e quase soltei sua mão, desejando encostar a boca na dele de novo e mergulhar no êxtase ímpio dos beijos. Qual seria a sensação daqueles dedos se eu os deixasse subir um centímetro mais? E depois outro?

Mas prendi a respiração quando percebi algo estranho nos olhos dele. Algo estranho na borda grossa ao redor das íris.

Eram de outra cor.

Um anel bronze circundava o verde.

Era uma diferença muitíssimo sutil, mas eu havia passado horas observando o rosto de Alex, memorizando cada pedacinho dele, o volume da boca, a linha acentuada e orgulhosa do nariz. Eu conhecia os olhos dele mais do que os meus, e aqueles não eram os olhos de Alex.

Aquele não era Alex.

Caí no chão na pressa de me afastar dele. De colocar uma boa distância entre nós. De fugir.

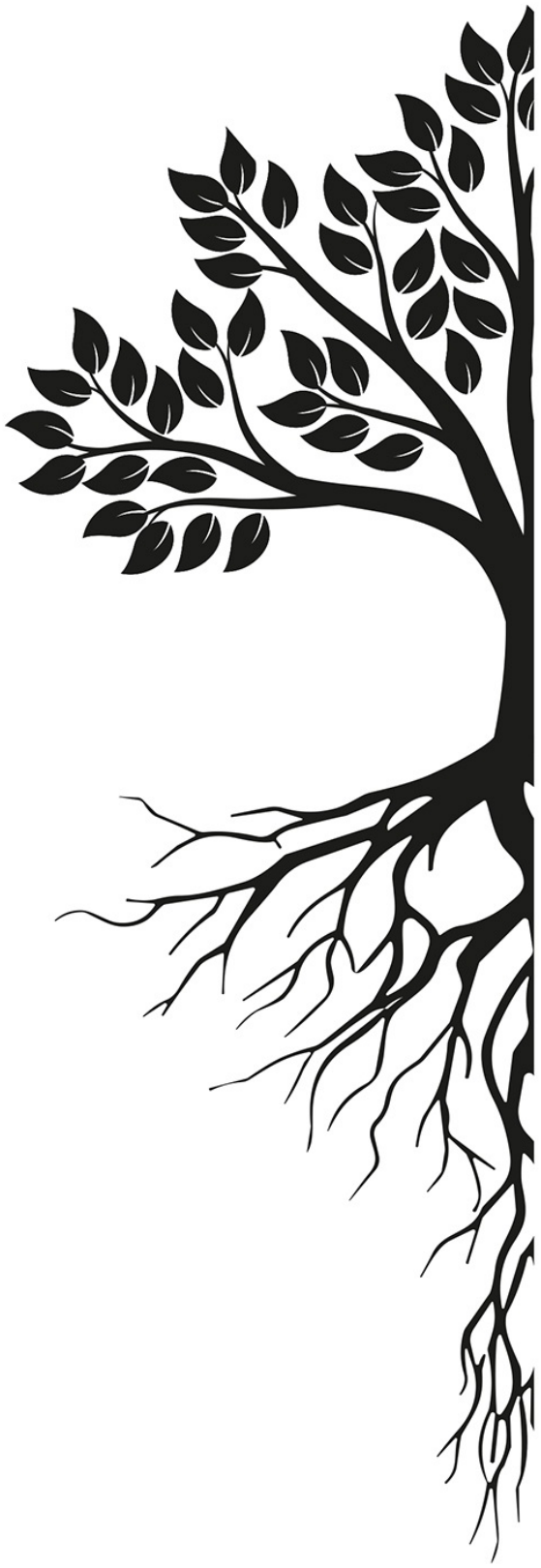
O rapaz que não era Alex me observava com uma expressão interessada, não preocupada, enquanto eu abotoava a blusa depressa.

Ele estava achando graça, não assustado.

Ele sabia que eu sabia.

E então sorriu.

— Quem... quem é você?



33

— Como assim, *Ver*?

Quando ele falou meu nome, abreviado naquele apelido incomum, muitas coisas se encaixaram. Vi todos os detalhes do rosto dele que eram quase Alex, mas não chegavam a ser. As sobrancelhas eram um pouco mais grossas, o ângulo das bochechas mais elevado de um jeito quase imperceptível.

Não era de admirar eu não ter sido capaz de deixá-lo como no retrato.

— Você não é o Alex.

Ele ergueu um cantinho da boca, todo alegre. Cruzou uma perna sobre a outra, recostando-se na cadeira com uma postura relaxada que eu nunca vira Alex reproduzir.

— Bravo — murmurou ele, aprovando.

— Quem é você?

— Viktor — respondeu, como se um único nome explicasse tudo. — Eu não achei mesmo que fosse descobrir tão rápido. O que me denunciou?

— Seus olhos. Têm um anel castanho em volta.

Ele fez uma careta, então um som de "tsc", como se não importasse.

— Julien devia ter vindo no meu lugar.

— Julien?

Ele confirmou com a cabeça.

— Meu irmão. O irmão do querido Alexander.

Franzi a testa.

— Alex não tem irmãos.

— Então como você explica minha existência?

As orelhas dele eram iguaizinhas às de Gerard.

— É um primo — respondi, gaguejando.

— O papai não tem irmãos.

— Ele não é seu pai.

Viktor sorriu ainda mais.

— Embora eu muitas vezes tenha desejado que não fosse, infelizmente é.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Alex não tem um irmão.

— Você tem razão — respondeu ele, para minha surpresa. — Ele tem dois. Trigêmeos.

— Trigêmeos — repeti, pensando nos bebês que eu vira no quarto infantil.

Eram três.

Três das plantas que Gerard nomeara em homenagem a Constance.

Gerard havia dito algo sobre conjuntos de três naquela noite na estufa. Esforcei-me para lembrar exatamente o quê.

"Três. Sempre três. Um é uma amostra pequena demais. Qualquer coisa que produzisse poderia ser por acaso. Dois também não é o bastante. Ambos poderiam falhar, e aí voltaria à estaca zero. Porém, com três, dá para identificar os problemas. Os pontos em que as coisas deram errado. Sempre três."

Um sentimento incômodo surgiu dentro de mim como um óleo pegajoso se espalhando e envenenando por onde passava.

Três plantas.

Três bebês.

Três filhos.

Gerard estava fazendo experimentos com... *alguma coisa*, aquilo estava nítido. Mas o quê?

Eu queria berrar de frustração, deixá-la escapar da garganta, sair para o mundo onde isso seria problema de outra pessoa. Se Constance tivesse me mostrado mais...

Enfim compreendi, de maneira rápida e repentina.

— Você não está aqui de verdade. — A frase escapou antes que eu pudesse impedir, o pensamento grande demais para ficar ali preso e implícito. — Você é um fantasma.

Viktor ficou sem reação, intrigado.

— Sou?

Assenti, sem saber muito bem o que fazer.

Ele estreitou os olhos.

— Isso é algo comum para você? Ver fantasmas? Falar com espíritos? — Ele se inclinou para trás, observando-me com uma expressão de divertimento. — *Ver*, você estava agorinha sentada em meu colo, me beijando. Eu estava beijando *você*... Você sabe muito bem que este corpo aqui é bem sólido.

Como se para provar o que dizia, Viktor passou os dedos por minha bochecha, desceu por meu pescoço, demorando-se para sentir a pulsação acelerada. O toque parecia real, sem sombra de dúvidas.

Prendi a respiração, afastando-me dos dedos sedutores dele.

— Então você está vivo.

Ele se inclinou para a frente, com um brilho fixo e descontrolado nos olhos.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Eu só beijei você porque achei que era Alex — bradei, evitando de propósito mencionar o que ele acabara de falar.

Viktor abriu mais o sorriso, uma expressão perversa.

— E o Alexander sempre beija você assim?

Cruzei os braços com firmeza, fazendo o possível para não desviar o olhar.

Ele riu.

— Eu imaginei mesmo que não. Ah, meu querido irmão. Eu devia ter estado aqui para ensinar a ele tantas coisas.

— *Onde* você estava? — questionei, as palavras saindo afiadas que nem bisturis. — Alex não se lembra de você. Gerard e Dauphine nunca mencionaram seu nome.

Grunhindo, ele se levantou da cadeira, esticando-se todo, alto, com as juntas estalando.

— Eu não sei como ele passa o dia sentado nessa coisa. Deve ser um horror para as costas.

— Não é como se ele tivesse escolha.

Viktor abaixou o olhar, analisando a cadeira e minhas palavras, então deu de ombros e foi até a janela.

Com cuidado, me coloquei de pé, ajeitando as saias e tentando esticar a coluna o máximo possível, fazendo bom uso de toda a minha altura. Mesmo do outro lado do cômodo, eu sabia como ele era bem mais alto. Fui me aproximando da porta aberta.

— Ah, *Ver* — murmurou ele, com o olhar fixo em algo do lado de fora, o que o impedia de ver que eu me movia. — Correndo para pedir ajuda quando estou de costas? Tenho que admitir que estou decepcionado.

— Onde Alex está? — Tentei manter a voz estável e firme, afastando a preocupação e o medo.

— Na cama, dormindo.

Balancei a cabeça.

— Eu o procurei lá. O quarto estava vazio. O que fez com ele?

— Nada. — Ele pareceu magoado, como se a acusação o ofendesse.

Não importava.

— Onde ele está?

— Lá embaixo, na enfermaria. Ele teve uma das crises ontem à noite. Aquele criado gigante dele o levou para lá para ser tratado. Imagino que

ainda esteja lá, dormindo até as dores passarem. Eu estava falando sério. Isso de ir dormir tarde por várias noites o está afetando muito. Afetando a todos nós.

— Mas você não...

— Você não sabe nada de mim, de nenhum de nós, garotinha Taumas.

A mudança de tom foi repentina e ágil, uma nuvem escura explodindo e lançando a torrente em forma de tempestade. Só que quando enfim se virou para mim, parecia calmo, a raiva controlada, contida por um pulso bem firme.

— Como já está aí perto, pode fechar a porta? Preciso contar uma história, e não quero que sejamos interrompidos.

Eu queria gritar por socorro. Queria gritar e me esgoelar e fazer os criados todos de Chauntilalie correrem para me ajudar. Só que Alex uma vez dissera que o escritório era melhor porque era a parte mais isolada da mansão, longe dos quartos e de outros lugares pelos quais os criados costumavam passar. Ninguém me ouviria.

Então eu precisava correr.

Estiquei a mão para a maçaneta — uma cauda espalmada de pavão feita de latão —, impulsionando a rajada de energia necessária para sair correndo do cômodo, fechar a porta e buscar ajuda. Só que antes que eu pudesse entrar em ação, fui forçada a permanecer ali quando uma figura apareceu, cruzando a soleira.

Por um instante, achei que fosse Alex.

E então Viktor.

Mas não.

Era Julien.

— Achei que tínhamos combinado que não seríamos vistos, irmão — comentou ele, com a voz objetiva e clínica.

Os olhos dele, idênticos aos de Alex, me observaram com um desinteresse curioso.

— Você é o Julien — adivinhei, e ele suspirou.

— Contou nossos nomes a ela?

— Achei que ela podia nos ajudar.

Outro suspiro.

— Feche a porta antes que mais alguém entre aqui — instruiu Viktor, afastando-se da janela e seguindo para a área de estar, andando pelo escritório com uma confiança confortável, um rei à vontade no palácio.

A porta foi fechada, e Julien a trancou, a fechadura fazendo um ruído definitivo.

Eu estava encurralada.

— Que tal se sentar aqui comigo, *Ver*? — convidou Viktor, dando um tapinha ao lado dele no divã. — É uma história longa e curiosa. É melhor ficarmos à vontade.

Eu não tinha a menor intenção de chegar perto dele, mas Julien foi à frente, encurralando-me na direção dos assentos. Escolhi uma poltrona em vez disso, o mais longe de Viktor possível, mas fiquei de pé atrás do móvel, usando-o como uma barreira protetora e bem acolchoada.

Julien se sentou na poltrona diante de mim enquanto Viktor se esparramava no divã, esticando as pernas e colocando os braços atrás da cabeça. Ele parecia um gato se estirando no sol, elegante e de todo satisfeito com seu lugar no universo.

— Por onde devemos começar? — questionou ele.

— E temos mesmo que começar? — rebateu Julien.

Ele usava uma roupa diferente da do irmão. Viktor vestia o paletó e o plastrão que Alex usava na pintura que eu fazia, mas Julien usava algo menos formal. O colete estava desabotoado e as mangas da camisa, dobradas até os cotovelos. Eu via que os joelhos da calça estavam um tanto gastos e notei o tecido mais barato, os remendos e cerzidos. Não era alguém que havia passado a vida nos confortos de Chauntilalie.

— Acho que sim. Já passamos semanas aqui, procurando por respostas sozinhos. Ela pode nos ajudar. É bem inteligente.

— Ajudar vocês? — repeti, querendo rir.

Julien, sim, riu, um pigarreio inexpressivo e indiferente na garganta. O som pareceu perturbador, como o agitar das asas de um inseto.

— Ela vai é atrás do papai contar tudo.

Viktor sorriu, despreocupado.

— Ela não ousaria fazer isso. Porque *ela* sabe que *nós* sabemos.

— Que vocês sabem o quê?

Apertei com força o encosto da poltrona, arranhando o brocado. Meu coração martelava tão alto que com certeza eles ouviam.

— O que você vê. — Viktor agitou os dedos. — Fantasmas.

— Fantasmas? — Tentei sorrir, como se as palavras não tivessem provocado arrepios de pânico pela coluna. — Eu não... não sei do que está falando.

Viktor inclinou a cabeça, os olhos parecendo luas crescentes achando graça.

— Óbvio que sabe. Agora mesmo você achou que eu fosse um.

Balancei a cabeça.

— Foi só uma brincadeira.

— Ela mente muito mal — comentou Julien.

Viktor concordou com a cabeça.

— Nós ouvimos você ontem. No depósito.

— No depósito.

Eu me lembrei dos barulhos que eu ouvira lá no espaço escuro, o farfalhar e suspirar do outro lado da sala em um momento, e atrás de mim no outro.

— Vocês dois estavam lá ontem.

Eles confirmaram com a cabeça ao mesmo tempo.

— Como desapareceram sem que nós víssemos?

— Passagem secreta — explicou Viktor, mas Julien ergueu a mão, interrompendo-o.

— Você disse "nós" — declarou ele, e por dentro xinguei. — Mas até onde sabemos, só havia três pessoas lá ontem. Você — disse, apontando —, ele e eu.

— É — concordei de modo pouco convincente.

— Então com quem você estava falando? Ouvimos sua conversa todinha, uma bem animada, aliás, mas só ouvimos seu lado da coisa.

Umedeci os lábios.

Viktor recostou a cabeça em uma almofada.

— Ele sabe, *Ver*. Nós dois sabemos. Já pode parar de tentar esconder.

Me remexi, mudando o peso de um pé para o outro.

— O que ele sabe?

— Tudo. Você vê fantasmas. Tem medo que os outros descubram. Está com medo de nós. Está fingindo que não. Está se perguntando por que acho isso. — Julien olhou para mim com o mesmo olhar de Alex, e quis me esconder atrás da poltrona e me acovardar. — Está preocupada com o número três. E com alguma coisa relacionada a uns bebês...

Estaquei no lugar.

— Como... como sabe disso?

— Ouço todos os seus pensamentos, srta. Taumas.

Um som descrente escapou de mim.

— Você lê mentes?

Julien ergueu os lábios em algo parecido com um sorriso.

A ideia era grande demais e intensa demais para que eu entendesse.

— Não estou entendendo.

Julien olhou para Viktor com uma expressão de desdém.

— Eu achei que você tinha dito que ela era inteligente.

— Ela acabou com a minha farsa em um piscar de olhos.

O outro irmão suspirou.

— Isso não significa grande coisa.

— Será que um de vocês pode me explicar o que está acontecendo? — interrompi, com a voz exigente.

Tudo estava rápido demais. Eu sentia como se estivesse atolada em um lamaçal que eles criaram.

Julien se virou para mim.

— Eu sou especial. — O tom foi neutro e inexpressivo, fazendo a palavra não soar nada *especial*. — Viktor é especial. Nós dois somos muito especiais.

— Você lê mentes? — repeti, precisando ouvi-lo dizer aquilo.

Eu tinha consciência de que havia coisas, muitas coisas, no mundo que eu não sabia, não compreendia. Coisas fantásticas demais para serem críveis. Ler mentes parecia algo forçado, mas eles me ouviram conversando com um fantasma. Quem era eu para dizer que a história deles era bizarra?

— Leio — respondeu Julien de forma simples, sem oferecer maiores explicações.

— Vocês dois? — questionei, tendo o cuidado de evitar o olhar de Viktor.

Minhas bochechas ficaram vermelhas ao lembrar de todas as coisas que ele poderia ter ouvido enquanto desfrutava dos beijos.

Julien soltou uma risada breve, mais uma rajada de som do que divertimento de fato.

— Não. Viktor tem outros... talentos.

Ousei olhar para ele.

— O quê?

— Eu...

Ele baixou o olhar para o chão, todo sisudo.

Julien suspirou, impaciente.

— Mostre a ela logo.

— Mas...

— Já estamos mesmo pondo todas as cartas na mesa. Não faz muito sentido se ater a segredos agora.

Viktor comprimiu os lábios antes de gesticular para a escrivaninha no canto mais afastado do escritório.

De início, eu não tinha certeza do que devia ver.

Então, um pequeno movimento.

A dança sutil de uma chama.

Virei-me para Viktor.

— Você acendeu a vela?

Ele confirmou com a cabeça, e o candelabro na mesa lateral também se acendeu.

E aí as velas ao lado das janelas.

E logo as lamparinas a gás.

— Pare! — comandei.

A iluminação estava forte demais, intensa demais, e assim eu não conseguiria me convencer de que o que havia acontecido antes era uma ilusão, um truque malicioso feito para impressionar e encantar.

Viktor deu de ombros e, uma a uma, as chamas se dissiparam, apagadas por mãos invisíveis.

— Como?

Outro dar de ombros.

— Eu só... me concentro nos sentimentos dentro de mim e...

Eu lutava para encontrar as palavras certas.

— Não, não *como*... — Fiz uma pausa, com todo o caos que girava em minha mente se resumindo à única pergunta que importava. — Se são irmãos de Alex, e vocês dois conseguem fazer essas *coisas*... e ele?

Viktor deu de ombros.

— O papai nos mandou embora antes de percebermos o... dom... de Alexander.

— Mandou vocês embora?

Eles confirmaram com a cabeça.

— Para... para um internato? — questionei, tentando desvendar a história toda.

Julien negou com a cabeça.

— Éramos jovens.

— Muito jovens — concordou Viktor. — Foi dias depois de nosso aniversário de quatro anos. Não entendíamos o que estava acontecendo. Por que estavam nos levando embora. Só que um dia éramos uma família feliz e unida, e no outro...

— Fomos exilados — finalizou Julien.

Os cantos dos olhos de Viktor ficaram enrugados quando ele riu.

— Fica parecendo que nos jogaram em uma floresta, Julien, que fomos criados por cães selvagens. Tínhamos criados. Tutores. O melhor que o dinheiro do papai poderia pagar. Julien fala oito idiomas.

— Nove — corrigiu Julien, sem emoção.

— Mas não tínhamos... isso — continuou Viktor, acenando para o escritório com a mão. — Nossa casa. Nossa família.

Pensei em todas as coisas que eu havia descoberto sobre Gerard e Dauphine na noite anterior e ponderei se aquilo não tinha sido uma

bênção para os dois rapazes.

Julien tamborilou os dedos nos joelhos.

— Tem uma propriedade antiga no norte. Fomos mandados para lá.

— A Casa Marchioli — adivinhei, então fiquei imóvel. — Houve um incidente lá há pouco tempo. Um incêndio...

Lancei um olhar desconfortável para Viktor.

— Não fui eu — rebateu ele com a voz dura. — Eu juro.

— Foi uma tempestade — confessou Julien. — Você sabe que elas podem ser severas na primavera. O raio acertou o lado norte da casa. Tinha algum tipo de festa em um vilarejo próximo. Um casamento. Só havia dois criados na casa com a gente. Brahms...

— Que era um cozinheiro horrível — ironizou Viktor.

— ... e Sheffield — prosseguiu Julien, apesar da interrupção.

— O cão de guarda do papai — explicou Viktor. — Nosso carcereiro. Ele supervisionava o terreno, os portões. Só ele tinha as chaves de qualquer coisa. E garantia que ninguém entrasse em Marchioli.

— Ou saísse — acrescentou Julien de modo significativo, com os olhos tão vazios quanto a voz. — Na pressa de apagar as chamas naquela noite, as chaves de Sheffield caíram do bolso. Eu as vi no corredor enquanto corríamos para pegar baldes de água...

— Aproveitamos a deixa da tempestade para fugir — declarou Viktor.

— E vieram para cá? — questionei, sentando-me, já envolvida na história.

Eu via com facilidade a chuva batendo nas janelas compridas. Ouvia os estalos e crepitares das brasas, sentia o cheiro da fumaça aumentando.

— Para onde mais teríamos ido? — perguntou Julien, dando de ombros. — Chauntilalie é o único lugar... o único lugar de verdade... que reconhecemos como casa.

Imaginei os dois garotinhos, vagando por uma propriedade silenciosa e solitária, tendo só um ao outro como companhia, com os rostos tensos e assustados. Era uma história absurdamente triste, mas um fato me incomodava como um espinho, preso à manga e evitando passar despercebido.

— Eu não entendo por que Gerard teria mandado os filhos embora.

O silêncio tomou o escritório, e tive uma sensação bem incômoda de que os dois estavam, de algum modo, conversando entre si sem eu ouvir.

— Eles ficaram com o filho. O filho *predileto* — respondeu Viktor enfim, com a voz bem amarga.

Com um movimento dos dedos, todas as velas no local ganharam vida, as chamas atingindo uma altura perigosa.

— Pare com isso — Julien sibilou para ele, e depois de um momento, as chamas diminuíram até virarem brilhos suaves e controlados. Então se virou para mim. — Pelo que consegui saber com os tutores, nossos... talentos... teriam chamado muita atenção em meio ao círculo social tão educado em que nossa família estava inserida. Julgaram que Alexander era... apresentável.

A explicação tinha um horrível toque de verdade. Como Dauphine conseguiria explicar os rompantes de Viktor em um almoço da alta sociedade?

— O que me deixa ainda mais curioso... Faz algumas semanas que está na companhia de nosso irmão — comentou Julien. — Reparou em algo... peculiar nele?

— Nada.

Ele estreitou os olhos.

— Pense bem. Pense direito. Deve haver alguma coisa.

— Eu não... não vi nada. Com certeza nada igual a vocês dois.

Julien suspirou.

— Tem que haver alguma coisa. Do contrário não há sentido nenhum em você estar aqui — contrapôs ele e, quando eu ia argumentar, lançou-me um olhar que me fez fechar a boca. — Você vê fantasmas, srta. Taumas. É inútil fingir que não. Não precisa se envergonhar. Os dons são algo que engrandecem, não que nos diminuem.

— Os seus, talvez. O meu me garantiria uma passagem só de ida para o manicômio.

Julien balançou a cabeça.

— O papai nunca faria isso. É exatamente por isso que ele a trouxe para cá.

— Dauphine queria que eu pintasse o retrato de Alex. *Ela* me escolheu.

Viktor inclinou a cabeça, espiando atrás do cavalete para ver o retrato, e fez uma careta.

— Não é que você não tenha talento, mas acha mesmo que era a melhor escolha, entre todos os artistas por aí?

— Acho — afirmei, sentindo a indignação fervilhar dentro de mim.

Os dois se entreolharam, o que me deixou mais irritada.

— Eu sou uma boa pintora.

Julien soltou um sonzinho decepcionado.

— Não adianta ficar toda ofendida. No máximo, seu trabalho é aceitável. Uma pintora aceitável acabou noiva do filho de um duque em um piscar de olhos. Não parou para pensar sobre o momento oportuno da

coisa? Sobre a coincidência? Com certeza deve ter alguma parte sua que estranhou a rapidez do cortejo, toda a pressa em preparar a cerimônia?

Viktor abriu um sorriso empático.

— Eu não a culpo por não pensar. Faz algumas semanas que estamos a observando, desfilando por aí com vestidos, perfumes e camisolas de seda novas — comentou ele, e fiquei imóvel quando abriu um sorrisinho. — Você está bem longe de casa. Uma garota que guarda um segredo obscuro. Uma garota contando as últimas moedas que tem no bolso. É fácil fazer vista grossa quando estão lhe oferecendo o mundo.

Eu queria argumentar, mas não conseguia.

Não era mentira.

Gerard nunca pedira um dote.

Dauphine havia insistido que eles pagariam por tudo.

Alegara ser uma alegria oferecer à futura nora o melhor que Florice tinha disponível, e acatei tudo, calada e obediente como uma boneca de plástico.

Eles eram jardineiros exímios, esculpindo-me ao redor dos próprios desejos ao seu bel-prazer.

E eu, com muito medo de ficar sozinha, com muito medo de que meus segredos fossem revelados, deixei que fizessem tudo aquilo.

Senti um calafrio me atravessar como a névoa gelada da manhã.

— Alex me ama — sussurrei.

Ele amava. Aquilo eu sabia.

O que quer que os pais dele tivessem feito, quaisquer que fossem os planos que Gerard tivera ao me levar para a mansão, eu tinha certeza de que Alex não sabia. Ele tinha se apaixonado por mim, se apaixonado por mim *de verdade*.

Não por meu dom.

Sua maldição, disse uma vozinha na minha cabeça.

Só por mim.

Eu me ative ao pensamento, mantendo-o junto ao coração, recusando-me a duvidar dessa verdade.

Julien não pareceu nada impressionado.

— Com certeza ele acha que sim. Mas tudo, desde o momento em que você pôs os pés nesta maldita casa, foi esquematizado com cuidado, com uma cautela impecável. Tanto você quanto Alexander são só brotos enxertados, raízes transplantadas na mesa de trabalho do papai. Ele remata tudo ao redor. A casa. As plantas. A família. Cortando as imperfeições, forçando as características mais desejáveis a virem à tona. É o jeito dele.

— Com que propósito?

Julien soltou outro suspiro, como se minha incompreensão lhe causasse dor. Então ergueu o indicador no ar.

— Você — disse ele, e ergueu outro dedo —, Alexander. — Uniu os dois dedos. — Pode-se imaginar que tal união gere um novo grupo distinto de descendentes.

Fiquei com a boca seca ao lembrar dos filhos de Constance e como eles eram bem *distintos*.

— Isso é absurdo. E... e não sabemos se... se Alex... — Parei de falar, frustrada.

Viktor começou a rir.

— Com tudo o que viu aqui, acha mesmo que Gerard Laurent deixaria uma paralisiazinha acabar com os planos dele?

Fiquei agitada.

— Como que ele... Não consigo imaginar...

Julien revirou os olhos.

— Ah, não seja tão ingênua, por favor. Assim você parece uma tonta.

— Então talvez eu seja tonta mesmo — bradei, já cansada do comportamento condescendente de Julien.

— Disso, não duvido — respondeu, ignorando o veneno de minhas palavras. — Mas, mesmo assim, você é especial. Especial o bastante para o papai achar que é digna do filho predileto dele.

Senti o estômago se revirar enquanto me lembrava do bracinho tipo fronde do bebê se desenrolando na noite anterior. Gerard havia feito algo com eles, havia feito algo com Constance. Não havia outra explicação para aquela aparência. E se ele havia feito aquilo com a própria amante, com uma prole bastarda a qual ele nunca reconheceria, o que queria fazer comigo? Que planos ele tinha para a linhagem Laurent?

— Como que eles são? — perguntou Viktor, de repente curioso, sentando-se direito. — Os fantasmas?

Contorci os dedos das mãos em um nó, apertando tanto que as pontas ficaram pálidas, e então vermelhas. Não havia como me esquivar das perguntas daquela vez. Eles já sabiam demais.

— Eu não... eu nem sempre percebi que eram fantasmas.

Julien inclinou a cabeça, intrigado.

— Como assim?

— Não tinham a aparência que se imaginaria... Não tem nada de correntes se arrastando nem névoa assustadora.

— Então *como* eles são? — insistiu ele.

— Como você ou eu. — Ergui a mão. — Sólidos, assim. Embora... nem sempre. — Deixei a mão cair no colo de novo. — A vida inteira, achei que fosse normal como todo mundo. Então vi duas das minhas irmãs falecidas e... a verdade foi revelada, toda de uma vez.

Pelo olhar de Viktor, vi que ele pareceu compreender.

— É por isso que está aqui, não é? Descobriu a verdade e fugiu.

Eu me remexi na poltrona, desejando que o estofado me engolisse. Eu odiava o quanto aqueles rapazes pareciam me enxergar.

— Minha irmã... a duquesa... ela não queria que ninguém soubesse de minha... maldição.

— Dom — corrigiu Julien com gentileza.

Era a primeira vez que ele se dava ao trabalho de suavizar as palavras, e olhei para cima, ousando focar o olhar no dele.

— Eu não aguentei ficar em Highmoor, na casa dela. Ela teria me mantido presa lá para sempre.

Devagar, como se aproximando-se de um animal selvagem, Viktor se levantou do divã e se ajoelhou em minha frente, acomodando-se de modo a apoiar os cotovelos em ambos os lados da poltrona. Ele invadiu meu espaço pessoal, tão próximo que era desconfortável, e ainda assim não consegui protestar. Lembrei o jeito que a boca dele se movera na minha, e uma onda de desejo traiçoeiro se reacendeu dentro de mim.

Olhei para Julien, afastando os pensamentos depressa, mas ele continuava com a expressão impassiva de sempre.

Viktor se aproximou ainda mais, abaixando a cabeça como se de repente estivesse tímido.

— Somos iguais, *Ver*. Eu, você e Julien. Somos todos iguais. Nossas famílias queriam nos esconder, fingindo que não existíamos, mas existimos. E nosso fogo tem mais força do que eles imaginam. Você vai nos ajudar?

— Ajudar vocês? — repeti, querendo me afastar, ficar o mais distante possível da pressão insistente do corpo dele no meu e desanuviar os pensamentos, longe do cheiro desesperador que ele tinha: folhas de outono, fogueiras e perigo.

Só que aí ele levantou a cabeça, mantendo-me ali parada.

— Por favor?

— Ajudar como?

— Estamos procurando uns documentos — explicou Julien.

Eu me remexi para longe de Viktor, encostando as costas na almofada para conseguir respirar direito.

— Que tipo de documento?

— Certidões de nascimento, anúncios, registros escritos. O papai sem dúvidas alterou todos os documentos importantes, mas deve haver algo que prova quem somos. Quem sou.

— Os filhos de Gerard. Vocês querem provar que são filhos dele.

Julien confirmou com a cabeça.

— E o herdeiro de Chauntilalie, lógico.

Arqueei as sobrancelhas.

— Quê? — Olhei para Viktor, tentando entender tudo. — Alex é o herdeiro.

Viktor negou com a cabeça.

— Nosso irmão caçula não é, não. Eu sou o do meio. Julien é o mais velho. O que nasceu primeiro. O sucessor do papai. O futuro duque.

Julien cruzou o tornozelo sobre a outra perna, ajustando a bainha da calça com uma precisão aguçada.

— É por isso que voltaram para Chauntilalie — afirmei, zonza. Eu tinha ouvido aqueles rapazes, sentindo verdadeira empatia por eles. Descobrir que eles estavam ali só para roubar o lugar de Alex parecia uma traição. Tanto a mim quanto a ele. — Para reivindicarem o título. A herança. Tudo isso?

Viktor se apoiou no calcanhar, com um sorriso travesso e cativante.

— Parece um conceito romântico dizendo assim. Como se fosse o tema de uma peça. *O herdeiro impedido!* — Ele gesticulou para o espaço entre nós, como se lesse o título pintado em um letreiro. — *O príncipe esquecido! Herdeiros em exílio!*

— Fale baixo! Sua voz é mais alta do que acha. Se alguém vier aqui procurá-la, já era — bradou Julien antes de suspirar e se virar para mim. — Srta. Taumas, pode ficar tranquila, não tenho a menor intenção de perturbar a posição de Alexander na família. Só quero ser reconhecido como um Laurent, que seja concedido a mim o que me é de direito como um filho do duque. Não se pode seguir pelo mundo sem prova de quem se é. Isso é tudo o que quero. Que o papai me reconheça como legítimo. Que reconheça a nós dois — acrescentou, acenando com a cabeça para Viktor.

— Então... qual é o plano em si? Disse que faz semanas que estão aqui. O que estão fazendo? Onde têm ficado?

— Aqui e ali — contou Viktor. — Tem um monte de espaço desocupado nessa casa. As passagens nos ajudam a passar despercebidos.

— E o que vocês têm feito esse tempo todo? — Parei de falar, lembrando-me da manhã da festa de Dauphine, o dia que Alex tinha me pedido em casamento. — Era você — declarei, referindo-me ao criado que

eu vira pela janela. O que achara ser Alex. Virei-me para Julien. — Ou você. Vocês estavam fingindo ser criados, vagando pela casa.

— Éramos meninos quando nos mandaram embora — afirmou Julien, sem confirmar nem negar. — Queríamos nos familiarizar de novo com a mansão. Com nossa família.

— E Gerard e Dauphine não viram vocês?

Parecia impossível que não tivessem visto.

— Servi espumante na taça da mamãe três vezes naquela noite, e ela nem titubeou — revelou Viktor, com um tom de triunfo. — A mente só vê o que quer. E tudo o que aquela mulher queria era uma taça cheia e uma festa boa.

— Já vasculhamos cada centímetro da mansão, em busca de respostas — continuou Julien. — Só falta um lugar.

A alegria de Viktor desapareceu.

— O escritório do papai. Está sempre trancado.

— Ele usa a chave em volta do pescoço — confirmei. — Nunca tira.

— É lá que ele guarda os registros. — Julien acenou com a cabeça. — Tenho certeza.

— Tentamos arrombar a fechadura — confessou Viktor. — É impossível. Pode... pode nos ajudar?

— Ajudar vocês a entrarem no escritório?

Os dois assentiram.

Fiz uma pausa, incomodada com o que eu estava prestes a sugerir.

— Não podem só abordar Gerard, ou Dauphine, vocês mesmos? Com certeza se vissem vocês...

O rosto de Viktor demonstrou desdém e decepção.

— Ah, *Ver*, o homem finge que não existimos desde que nos entendemos por gente. Se nos visse, começaria a rir e nos mandaria direto para a Casa Marchioli de novo. Depois colocaria grades em todas as portas e janelas. Isso se saíssemos daqui vivos...

— Gerard não faria...

— Faria — bradou ele.

Pensei na tesoura de jardinagem cravada no peito de Constance e engoli em seco, contendo a bile que subia pela garganta.

Se Gerard não fizesse aquilo, Dauphine com certeza faria.

— Ele faria qualquer coisa para se proteger — afirmou Julien.

Viktor fez uma careta de escárnio.

— Para proteger a família perfeita e o legado perfeito. O filho perfeito!

— Alex não é inimigo de vocês.

Ele soltou um som de deboche.

— Ele roubou nosso legado, nossa herança, nossas próprias identidades. Eu diria que isso cria uma desavença entre nós.

Neguei com a cabeça.

— Vocês disseram que eram muito novos quando foram embora... Ele não se lembra de vocês. Nunca teria concordado com uma coisa dessas. Ele é um homem bom, eu juro.

— Veremos.

— Está querendo dizer o quê?

— Estou querendo dizer que... — Viktor deu de ombros, parecendo cansado de repente. — Não somos os vilões da história, Verity. Somos só duas pessoas colocadas em uma situação terrível, uma que não criamos, e estamos só fazendo o que você está tentando fazer.

— Eu? O que acham que estou fazendo?

Ele fixou o olhar, exposto e vulnerável, no meu.

— Sobrevivendo.

Julien confirmou com a cabeça.

— Pode nos ajudar? Por favor?

Viktor segurou minhas mãos. As pontas dos dedos acariciaram minhas palmas, e o toque provocou uma sensação eletrizante.

— Acredita em nossa história?

Hesitando, perdida nas profundezas dos olhos dele, assenti.

— Acredita que cometeram um grande erro? Não só contra mim, mas contra Julien também?

Assenti de novo.

— Então que consigamos consertá-lo, *Ver*. *Por favor*.

Foi o "por favor" que selou tudo. Duas palavras tão simples, prolongadas e suplicantes.

Ele tinha razão. Estavam na mesma situação da qual eu havia fugido. Escondidos por uma família que não queria que o mundo soubesse dos talentos que tinham. Silenciados e ocultos. Eu não conhecia aqueles rapazes, nem confiava neles, mas sabia o que era estar no lugar deles.

Umedeci os lábios.

— Como?

Um sorriso aliviado surgiu no rosto de Viktor, como se eu tivesse prometido dar a lua a ele.

— Nos dê um tempinho. Um dia ou dois. No máximo três... Se não tivermos dado um jeito de entrar no escritório a essa altura, vamos procurar por você. Só não conte a ninguém que estamos aqui.

— Eu não posso esconder isso de Alex. Ele merece saber.

Ele negou com a cabeça, preocupado.

— Ele não pode saber. Ninguém pode saber.

Hesitei.

Eu tinha começado o dia pronta para contar tudo a Alex. Oferecer a ele todos os meus segredos.

Só que se eu contasse a ele naquele momento, se contasse tudo... eu sabia bem como Alex reagiria. Ele confrontaria Gerard de imediato, em busca de respostas, exigindo que os erros fossem reparados. Ele acabaria com a chance dos irmãos de resolverem aquilo como queriam.

Porque ele era uma boa pessoa.

A melhor pessoa que eu conhecia.

Revezei o olhar entre os dois rapazes.

Eu já tinha tantos segredos.

Poderia guardar o deles por um tempinho.

— Um dia — respondi enfim, contrariada. — Vou dar um dia a vocês, e então conto a Alex. Tudo. Ele pode nos ajudar. Vai ter algum plano. Eu sei que vai.

— Um dia — repetiu Julien, focando apenas a parte do acordo que lhe interessava.

— Um dia.

Viktor suspirou, aliviado, e sorriu de novo.

— Obrigado. — Ele segurou minhas bochechas quentes entre as mãos, os dedos as fazendo resfriarem, e deu um beijo de gratidão no alto de minha cabeça. — Obrigado. Obrigado. Obrigado.

Lutei contra o ímpeto de puxá-lo para mais perto, para cima de mim, e deixar que os anseios ferozes que me tomavam assumissem o controle.

Ele abriu um sorriso enigmático, como se fosse ele, não Julien, que ouvia meus pensamentos, então fez uma pausa, ouvindo com atenção algo que eu não escutava.

— Jules, temos que ir.

— Ir? — repeti.

Julien confirmou com a cabeça, levantando-se depressa, com os movimentos precisos e focados. Viktor removeu o paletó — o paletó de Alex — e o pôs no encosto da cadeira de rodas.

— Até logo — prometeu ele, parando por um momento para beijar as costas de minha mão.

Curvei os dedos ao redor dos de Viktor, querendo mantê-lo ali, comigo, mas, em um instante, Julien estava do outro lado da sala, girando parte da sanca junto a uma das arandelas. Uma porta escondida se abriu, revelando outro túnel.

— Viktor — bradou ele, chamando a atenção do irmão.

Então o irmão do meio se foi, correndo para girar o trinco no brasão antes de mergulhar na escuridão atrás de Julien.

A parede se fechou, fazendo um clique abafado, e eles sumiram.

Instantes depois, a porta do escritório se abriu, e Alex entrou, usando uma cadeira diferente e parecendo afobado.

— Ah, Verity, você está aqui — disse ele, agitado. — Que dia! Tive outra crise ontem à noite, dormi demais e aí não consegui achar a cadeira de rodas, imagine. Ah. — Ele viu a cadeira de vime no meio do escritório. — Está aqui.

Fechei as mãos em meio às saias preparando-me para contar a primeira mentira a ele.

— Eu... peguei emprestada. Desculpe. Ouvi dizer que não estava bem ontem, então achei que seria melhor deixá-la descansar. Eu ia pintar os detalhes da cadeira hoje... Não imaginei como seria preocupante acordar e não ver a cadeira lá.

Ele acenou com a mão, dispensando minhas falsas desculpas com uma generosidade que eu não merecia.

— Eu que devia me desculpar. Fico muito mal sabendo que estava aqui trabalhando sem mim. — Alex segurou minha mão, apertando-a de maneira afetuosa. — Desculpe mesmo.

— Não seja bobo. Você não estava bem. — Analisei-o, percebendo as olheiras escuras, o cansaço que trajava como um terno sob medida. — Como está se sentindo agora?

Alex balançou a cabeça.

— Vou ficar bem. São só muitas noites indo dormir tarde, muitas celebrações. Estão me afetando demais. E a você também.

Ele esticou a mão e tocou minhas olheiras.

De maneira desconfortável, o momento me fez lembrar das palavras de Viktor. Parecia impossível que eles fossem irmãos, e ainda assim... parecia tão real. Eu me perguntei onde os rapazes estariam... se tinham escapado para uma parte mais no interior da casa ou se estavam atrás da porta, ouvindo tudo. Será que Viktor estava me vendo de mãos dadas com o irmão?

Afastei o pensamento. Não importava.

— Você parece tão cansada quanto eu. Ao menos diga que os pavões ficaram calados ontem. Pedi a Erikson para alocar o ninho longe da casa.

Abri a boca, sentindo as palavras todas prestes a saírem.

Os bebês, Constance e o assassinato, minhas visões. Queria contar tudo.

Mas se eu começasse a puxar o fio da história, a coisa toda seria revelada.

Os irmãos exilados. As habilidades deles. A própria existência dos dois.

E eu havia dado minha palavra de que guardaria segredo.

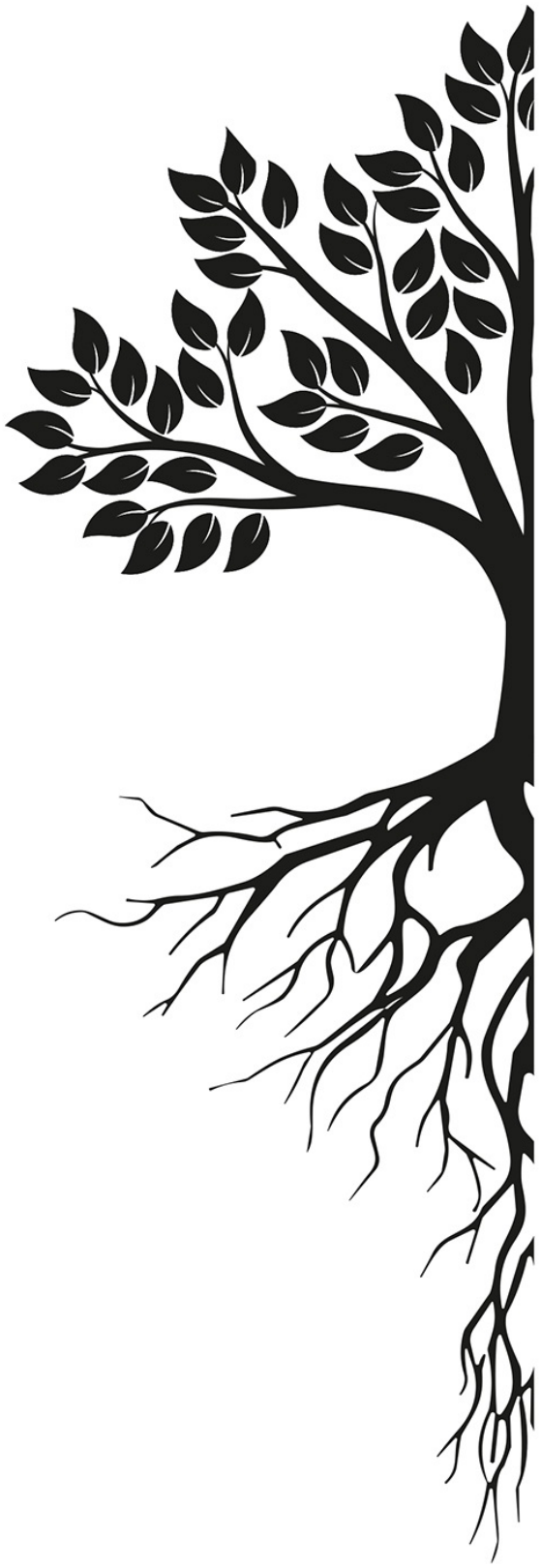
Por um dia.

Eu sentia Viktor ali com a gente, de alguma forma, em algum lugar. O olhar dele focado em minha nuca, observando escondido com atenção, garantindo que eu mantivesse o juramento, certificando-se da própria segurança e da de Julien.

— Verity? — incitou Alex, parecendo preocupado com meu silêncio.

Abri um sorriso fraco, com o estômago se revirando diante da mentira.

— Não. Não, correu tudo bem. Dormi que nem pedra.



34

— O QUE ACHOU DO PEIXE HOJE? — perguntou Dauphine, do outro lado da sala de jantar formal.

Eu mal conseguia vê-la com todos os vasos de flores gigantescos na frente.

Naquele mesmo dia — enquanto eu descobria a existência dos irmãos de Alexander —, um exército de estilistas de casamento tinha vagado por Chauntilalie, expondo as ideias para os melhores lugares onde colocar as mesas e os arranjos. Era para experimentarmos tudo naquele noite, cada um sentado diante de um conjunto diferente de louça e talheres, decorações e cálices.

Eu estava tendendo a escolher o arranjo diante de mim. Tufos gigantes de capim-dos-pampas cor-de-rosa brotavam de vasos de cada lado do prato, o que transmitia uma falsa sensação de segurança. Eu poderia me esconder em meio às profundezas espalhafatosas, ficando de olho tanto em Dauphine quanto em Gerard.

— Verity? — insistiu Dauphine.

Eu via pela curva da boca dela que não estava feliz em fazer a pergunta duas vezes.

Olhei para o salmão intocado no prato. Havia uma crosta de flores amarelas selada na lateral do peixe.

Meu estômago estava embrulhado e eu tinha passado a maior parte do jantar remexendo a comida de um lado do prato ao outro. Era exaustivo fingir que era uma noite normal, que eu não tinha descoberto que minha futura sogra era uma assassina, que meu futuro sogro era um cientista desatinado, fazendo experimentos em jovens mulheres e bebês como se não passassem de plantas na estufa. Como se eu não tivesse desvendado que ele tinha um plano nefasto para mim. Como se eu não houvesse conhecido dois irmãos de Alex que ele nem sabia da existência.

Eu passara a me sobressaltar com cada movimento inesperado que via pelo canto do olho, convicta de que Gerard estava se aproximando de mim com algemas e um arsenal de poções e esboços. Olhar para Dauphine me causava uma pontada no peito. Eu quase entendia a raiva enciumada que

ela devia ter sentido ao descobrir sobre Constance, mas como uma mãe poderia suportar mandar os próprios filhos embora? Eu não acreditava de verdade que os deuses infligiam punições ou bênçãos a depender do comportamento, mas, bem lá no fundo, uma parte obscura do meu coração ficou feliz por ela não ter tido mais filhos.

— Eu estava pensando que poderia ser uma boa opção para a festa de casamento — prosseguiu Dauphine. — Com certeza é diferente, mas será a correta?

— Não servimos peixe em casamentos — declarou Marguerite, indignada.

O arranjo diante dela era cheio de marfim e prata, com ângulos bem incisivos. Eu nunca vira um arranjo de vasos e talheres tão ameaçador antes. Fiquei observando a mulher mais velha e amarga, ponderando se ela sabia sobre Julien e Viktor. Ela morava em Chauntilalie na época? Sabia dos dois netos desaparecidos? Eu não acreditava ser possível. Se Gerard os tivesse mandado embora por causa das habilidades, eu imaginava que ele teria contado para pouquíssimas pessoas. Ele preferiria manter os próprios pecados em segredo.

— Criaturas de sangue frio e sem sentimento? Para celebrar uma vida de amor? — continuou Marguerite, e as pedras de rubi penduradas nas orelhas balançaram de um lado para o outro com uma força surpreendente. — Vamos nos deliciar com cisnes, como sempre fizemos.

Ela deu um gole no vinho, como se o assunto estivesse encerrado.

Minhas entranhas se reviraram, imaginando um massacre de grandes pássaros brancos. A imagem se transformou, substituída pela lembrança de Constance me rondando, com os tendões à mostra e a tesoura ensanguentada brilhando.

— Acho que peixe é uma boa ideia, mãe — opinou Alex, perdido em um mar de cálices verdes, faqueiros pretos e bambus retorcidos. — Eu tenho certeza de que a família de Verity adoraria uma recepção tão atenciosa. É bondade sua pensar neles.

Enfiei a faca ouro rosé no corte escamoso. Minhas mãos tremiam.

— São flores de funcho?

Dauphine confirmou com a cabeça, satisfeita por eu as ter reconhecido.

— Significam resistência. Cada prato será um novo desejo para o casamento de vocês.

— Que lindo.

Coloquei um pedaço de peixe na boca, determinada a salvar o máximo de cisnes possível, embora tudo que eu comesse tivesse gosto de cinzas.

Marguerite fungou, descontente, e o silêncio recaiu sobre o cômodo. Parecia que todo mundo ali estava com a mente em outra coisa. Alex cruzou os talheres em cima do prato vazio, e o barulho na louça foi alto demais. Ele olhou para mim, abrindo um sorriso culpado.

— Recebeu alguma resposta de minhas irmãs já? — perguntei quando o silêncio se estendeu demais.

Foram tantos convites enviados — cada um feito de flores prensadas bem finas em papel vegetal, com bordas ouro rosé e uma fileira de pérolas como uma referência a mim — que sete lacaios tinham ido para a cidade, com as algibeiras transbordando com os papéis preciosos.

— Não chequei as cartas hoje. E você, querido?

Dauphine olhou para Gerard, inclinando a cabeça para ver além da nuvem de peônias.

Gerard ergueu os olhos do prato. Ele tinha passado a maior parte da noite em silêncio, o que me deixou ainda mais inquieta. Os olhos dele estavam desfocados e distantes, com certeza pensando em alguma coisa específica e ignorando completamente os arranjos de flores insípidas ao redor.

— Sim, sim, acho que chegaram. Três cartas, acho.

Três.

Por debaixo da mesa, contei os nomes com o movimento dos dedos.

Annaleigh.

Mercy.

Honor.

Tinham que ser.

Eu sabia que não deveria esperar nada de Lenore, mas onde estava a resposta de Camille? Ela não compareceria mesmo, só para mostrar que ainda estava chateada? O casamento seria dali a uma semana. Não importava o que acontecesse até lá, ao menos Annaleigh logo estaria presente. Ela nunca me decepcionaria.

Dauphine abriu a boca, surpresa e cheia de raiva, uma nuvem escura sobrepondo o sol em um dia lindo.

— Três! Era para você repassar todas as respostas, não para deixá-las escondidas. Bastian e eu temos listas, tantas listas, e se não soubermos quantos convidados virão, então não conseguiremos planejar...

— Estão em meu escritório — interrompeu Gerard, por sorte cessando a ladainha da esposa. Ele pegou um pedação de salmão e mastigou, prolongando o silêncio. — Já, já as entrego a você.

Meu coração começou a bater descompassado. O escritório!

— Eu posso ir buscá-las — sugeri, empurrando a cadeira, e fazendo um barulhão com os talheres. — Não teria problema. Só preciso da chave...

Gerard ficou só me observando com uma expressão indecifrável.

— Estamos no meio do jantar, mocinha. — Marguerite arfou, lançando-me um olhar abismado e horrorizado. Então olhou para Alex. — Ela é sempre assim, tão agitada? Tanto alvoroço por causa de umas cartas.

— Dauphine disse que eram importantes... — argumentei, olhando para a duquesa em busca de ajuda.

— Bem, e são, lógico — confirmou ela, ainda olhando feio para o marido. — Mas não é preciso pular uma refeição por causa disso.

— Não se preocupe, Verity — instruiu Gerard, acenando para que eu voltasse a me sentar. — Não é preciso tanta pressa.

Os criados entraram e substituíram os pratos por outros.

— Estou ansiosa para saber o que acham deste — declarou Dauphine.

O domo prateado foi erguido e revelou o corpinho de uma codorna, servido em uma cama de arroz selvagem e uvas assadas. Abri um sorriso empático para Alex. Ao que parecia, nenhuma de nossas preferências pessoais fora levada em consideração.

— Verity e eu estávamos conversando sobre a lua de mel no outro dia — mencionou Alex, cutucando o pássaro no prato. — Eu queria levá-la para dar uma olhada em nossas propriedades. Encontrar uma casa que seja adequada para nós.

— Não há nenhuma pressa para isso, lógico — argumentou Gerard. — Podem ficar à vontade em Chauntilalie pelo tempo que quiserem.

Ele remexeu uma das rosas-híbridas-de-chá circulando o suporte de vela diante de si como se tivesse acabado de perceber a nova decoração.

Eu o analisei. Ele parecia tão distraído. Será que estava mesmo pensando em trabalho, ou era só um disfarce para mascarar as maquinações cruéis e os segredos?

Tanto da persona de Gerard era uma contradição: ele levava flores recém-colhidas para Dauphine toda manhã, as entregando com beijos demorados e molhados, mas se deitara com inúmeras mulheres ao longo dos anos. Era comum fingir que perdia a noção do tempo na estufa, mas eu sabia que, enquanto trabalhava, ele anotava tudo com minúcia, registrando um cronograma recorrente de cada ação nos cadernos, focando sempre o relógio de bolso e as plantas diante de si. Mostrava ao mundo o que significava ser um pai atencioso — adaptando metade de Chauntilalie para acomodar a cadeira de Alex — enquanto havia exilado dois outros filhos em uma propriedade isolada, pois o que os olhos não viam, o coração não sentia.

O que mais ele estava escondendo?

Quando fora a última vez que eu recebera uma mensagem de casa?

Era óbvio que Camille não mandaria nada, mas era para eu ter recebido ao menos algo de Mercy àquela altura. Ela era péssima em manter contato, só mandava cartas quando havia alguma fofoca boa para compartilhar, mas eu achava que ela gostaria de saber como eu estava, como a encomenda do retrato estava indo. Fora por causa dela que tudo aquilo havia começado, afinal.

Recebi uma única carta de Annaleigh, enviada junto às velas, prometendo reparar a relação entre mim e Camille, mas depois nada. Eu presumira que tivesse sido por causa da teimosia de Camille, que Annaleigh não tivera nada de bom para relatar e escolhera seu jeito característico de dar más notícias: o sumiço. Nossa briga fora muito séria, minha atitude ousada, intensa demais para que Camille me perdoasse.

Mas e se mais cartas tivessem chegado? Outras cartas enfurnadas no escritório de Gerard? Por conta da negligência ou...

... de propósito?

— Tem alguma casa em específico em que estava pensando? — questionou Dauphine, puxando-me de volta à conversa. — O chalé no Covo de Alcíone seria ideal para vocês. Verity, com certeza você vai se apaixonar. Fica bem perto de um lago... A água estaria sempre ali por perto.

O ímpeto veio, rápido como um relâmpago, e tomei iniciativa antes que Alex respondesse.

— Na verdade, estou mais interessada em ver a Casa Marchioli. Pelo que Alex diz, parece tão pitoresca. Talvez devêssemos começar por lá...

— Ah, não — interrompeu Gerard. — A Casa Marchioli não é o lugar ideal para vocês.

Fiquei sem reação.

— Não é mesmo — concordou Dauphine depressa.

— Mas por quê? — insisti.

— Vocês são um casal jovem, só começando a vida... — argumentou Dauphine.

— É uma casa grande demais para só vocês dois. Talvez daqui a alguns anos... depois de nos darem uns netos — acrescentou Gerard. O sorriso, quase um sorriso malicioso, fez um arrepio descer por minha coluna. — Aí, sim. Aí podemos considerar a Marchioli.

— Eu ainda adoraria ir lá visitar, não é, Alex? — questionei, virando-me para ele, querendo o apoio dele.

— Acho... acho que sim — respondeu ele.

— Ah, mas teve um incêndio lá, não teve? — perguntei, mantendo o tom o mais neutro possível, como se tivesse acabado de lembrar da fatalidade. — Alguém descobriu o que houve?

— Faz muito tempo que ninguém vai lá — contou Gerard, balançando a mão como se o assunto não importasse.

— Uma criada que trabalhava na cozinha — interveio Dauphine de repente. — O incêndio foi na cozinha.

Fitei um, depois outro, então estreitei os olhos. Os rapazes disseram que todos os criados tinham saído, que estavam celebrando um casamento.

— Temos que fazer uma lista de casas para vocês analisarem, assim podemos garantir que estejam aptas para visitarem — opinou Gerard, prosseguindo com o assunto. — Que estejam arejadas. Com roupas de cama limpas.

Ele agitou as sobrancelhas de modo sugestivo na direção de Alex.

— O Covo de Alcíone, com certeza — declarou Alex, ignorando a alfinetada bem-humorada do pai.

Ele tinha respondido depressa, como se para manter o controle da conversa e direcioná-la para onde queria que fosse. Só que a rapidez na resposta me deixou um pouco preocupada, me atingindo com uma tenacidade dolorosa. Ele estivera tentando ser educado com os pais ou também sabia dos segredos que a Casa Marchioli guardava?

A desconfiança me corroía. Eu sempre tinha me sentido segura com Alex. Ele fora minha única constante ali em Chauntilalie. Só que o quanto eu o conhecia de verdade?

Eu precisava conversar com Alex — longe de Chauntilalie, onde as paredes tinham mesmo ouvidos — e descobrir o que ele sabia. Eu precisava ter outra pessoa do meu lado. Alguém que não agisse de acordo com os próprios interesses, e sim com o meu. Com o nosso.

Em nome de Pontos, eu rezava para que ainda houvesse um "nosso".

— Vamos provar um sorbet novo hoje — anunciou Dauphine quando os criados retornaram, carregando taças geladas bem vermelhas. — É feito de vinho de romã e é para ser bem sugestivo. Acho que vai combinar com o bolo que está por vir.

Alex jogou um pouco do arroz para cima da codorna, mascarando o fato de que nem tinha provado o prato. Ele me viu olhando e deu uma piscadela, com um sorriso ingênuo e fácil.

Prendi a respiração.

Ele era tão lindo. Tão bom, puro e com certeza não fizera parte daquele absurdo todo.

Não era verdade?

Eu só precisava aguentar o jantar e voltar ao quarto. Precisava ficar sozinha com meus pensamentos e aí — com certeza — conseguiria achar uma solução, compreender de fato o que estava acontecendo e em quem eu deveria confiar.

— É para a romã representar o quê? — questionei, mexendo no sorbet com a colher enquanto tentava amenizar o pânico que me dominava.

— Ora, a fertilidade, lógico — respondeu Dauphine, dando uma boa colherada no quitute arroxeado.

Ela fechou os olhos, desfrutando do sabor.

Gerard gargalhou.

— Então talvez a Marchioli esteja no futuro de vocês, afinal de contas.

Ele ergueu a taça de sorbet em nossa direção, um brinde atrevido.



— Que noite. — Alex grunhiu, enquanto seguíamos pelo corredor. — Peço desculpas por minha família. Parece que todos perderam a sanidade.

— Eles estão bem... animadinhos — respondi, então me encolhi, lembrando da piscadela travessa que Gerard dera para mim depois da piadinha.

— Desatinados, isso sim — insistiu ele. — O casamento virou a casa de ponta-cabeça. Eu queria... eu queria que a semana que vem passasse logo, e assim acabaria de uma vez.

Ele entrou no elevador primeiro, e comecei a manusear o portãozinho, liberando a trava. Alex esperou que o vapor entrasse em ação, os grunhidos do mecanismo preenchendo o ar, antes de prosseguir.

— Isso vai parecer uma blasfêmia, mas não ligo nadinha para essas coisas do casamento. Ao menos não as partes pelas quais a mamãe está obcecada. Quero que consigamos a bênção de Arina. Quero ver você caminhando até o altar, em minha direção. E quero dizer os votos com você. É isso. É tudo o que importa.

Eu queria acreditar nele. Queria muito acreditar, de todo o coração.

O elevador sacolejou ao parar.

Comecei o processo com a trava e o portãozinho de novo. Alex saiu, e fechei a porta, mexendo na alavanca. A rotina tinha virado algo natural para mim, movimentos que eu fazia no automático.

Alex avançou pelo corredor, virando-se para me acompanhar até meu quarto.

As velas cor-de-rosa tinham voltado, enchendo o corredor com a persistência aromatizada e fazendo minha cabeça girar. Passamos pela porta do escritório de Gerard, e parei ali, analisando os aglomerados entalhados de *Euphorbia marginatas* na frente.

— Verity — chamou Alex, virando a cadeira quando percebeu que eu não estava ao lado.

— Eu estava só... — Parei de falar, sem saber como prosseguir. — Estava pensando nas cartas de minhas irmãs. Lá dentro. — Olhei para a porta de novo. — Gerard já deve ter se esquecido delas.

Alex abriu um sorriso empático.

— Eu não me preocuparia tanto. Agora que a mamãe sabe, tenho certeza de que não vai dar sossego até que ele as entregue logo.

Uma ideia se formou em minha mente e, antes que eu pudesse pensar bem, mergulhei de cabeça na oportunidade.

— Mas e se ele não lembrar? Ele é tão descuidado às vezes.

Alex assentiu.

— O que... o que acontece se ele perder as chaves em algum lugar?

— As chaves do escritório? — questionou Alex, e senti um alerta vermelho piscar na mente.

Ele ainda não parecia desconfiado, mas havia um toque de perplexidade na voz, como se não entendesse aonde eu queria chegar.

— Ou as da estufa ou dos galpões de trabalho — respondi depressa. — Dos armários prateados ou dos cofres. Ele poderia deixar todo mundo trancado do lado de fora de Chauntilalie com um único erro.

— Com certeza o valete dele tem uma chave mestra para a maioria desses lugares — assegurou.

— Para o escritório também? — insisti, então me encolhi, me perguntando se havia ido longe demais.

Alex deu de ombros.

— Provavelmente não do escritório, mas você sabe como o papai é. Sempre tem três de tudo.

Estaquei no lugar, sentindo-me eu mesma como uma fechadura cujos mecanismos internos se torciam e giravam, chegando à combinação exata. Uma vez que tudo estava encaixado, a resposta era revelada.

— Conjuntos de três.

Ele se virou para o corredor outra vez, pronto para continuar.

— Você reparou nisso, não?

Eu o segui.

— Com as plantas, óbvio.

Alex riu.

— Com tudo. Sempre. Três canetas-tinteiro, sempre prontas. Três relógios de bolso, caso os dois primeiros deem problema. Três buquês para a mamãe quando um já daria conta.

— Ele tem três molhos de chave — murmurei, querendo ouvi-lo dizer em voz alta.

— Nunca vi, mas com certeza tem. — Alex abriu um sorriso melancólico. — Se eu soubesse onde estão, eu mesmo abria o escritório para você.

— Faria isso?

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu sei como suas irmãs são importantes para você. Deve estar sentindo muita falta delas. Se o papai não tiver entregado as missivas amanhã de manhã, vou rebocá-lo eu mesmo lá para dentro e garantir que as pegue.

Mordi o lábio inferior, sentindo o coração palpitar.

Queria contar a ele. Queria contar tudo, bem ali naquele momento, e resolver logo aquilo.

Eu havia prometido a Viktor e Julien que daria um dia a eles, e já era quase meia-noite. Eu poderia confessar tudo só com um pouco de peso na consciência.

Alex merecia saber.

Por onde eu deveria começar?

Com os fantasmas?

Constance?

A mãe dele?

Os irmãos?

— Alex?

— Hum? — Ele bocejou com vontade quando paramos em frente à porta de meu quarto, então pareceu constrangido. — Desculpe. Não é você me dando sono, eu juro.

Hesitei. Ele parecia esgotado, sem nenhuma energia.

— É que...

Eu não poderia contar. Ainda não. Não naquela noite. Eu precisava que ele estivesse descansado, pronto para ouvir tudo o que eu tinha a dizer com a cabeça fresca, a mente aberta, e assim poderíamos tentar consertar tudo. Juntos.

Amanhã, prometi a mim mesma.

No dia seguinte, eu contaria tudo a Alex.

— Vamos tirar um dia de folga da pintura — sugeri. — Você está exausto. Durma até mais tarde, descanse.

— É uma ideia excelente.

Ele entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para perto para me dar um beijo suave de boa-noite.

Curiosa, retribuí o beijo, movimentando a boca como fiz quando achara que Viktor era ele. Uma fagulha leve se acendeu dentro de mim, mas, antes que eu pudesse desbravá-la, deixando que se intensificasse, Alex se afastou, acariciando minha bochecha e abrindo um sorriso cansado.

— Vamos tomar café da manhã um pouco mais tarde, no terraço? — convidou, deixando evidente que a noite tinha acabado.

Deixei a decepção de lado e confirmei com a cabeça.

— Tenha bons sonhos.

— Só vou sonhar com você — prometeu, cheio de sono, antes de se afastar.

Eu o observei seguir pelo corredor e desaparecer, fazendo a curva para o saguão.

Havia outras duas chaves por aí, escondidas em alguma parte de Chauntilalie.

Eu as encontraria.

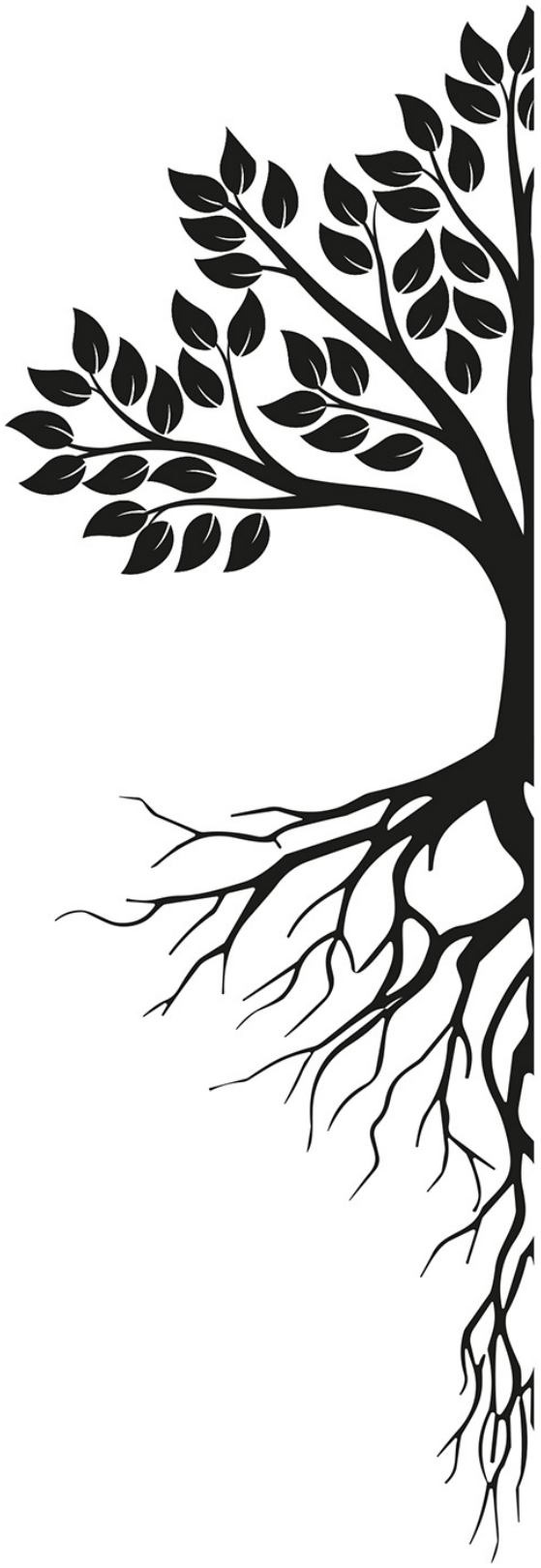
Naquela noite mesmo.

Determinada, acenei com a cabeça e entrei na suíte. Eu vestiria algo mais prático que o vestido cheio de contas, esperaria até todo mundo se recolher, então começaria a busca.

— Graças a Arina — comentou uma voz no escuro, de imediato acabando com meus planos.

Assustada, acendi as lamparinas a gás e vi Viktor esparramado no divã verde da saleta. Julien estava empoleirado em uma poltrona bergère grande e rosada.

— Achamos que ele não iria embora nunca mais.



35

— O QUE ESTÃO FAZENDO AQUI? — murmurei, fechando a porta.

Viktor balançava as pernas na beirada do sofá, de um lado ao outro, de forma apática.

— Estamos aqui esperando há uma eternidade. Os jantares são sempre assim tão longos, cacete?

— Viktor — censurei.

Ele balançou a cabeça.

— Estou entediado, *Ver*. Você não faz ideia de como é exaustivo passar cada minuto com esse aí, procurando de novo e de novo sem dar em nada — explicou, gesticulando para Julien, que pareceu conter um suspiro. — Mas esperar aqui dentro é ainda pior. Quem é que come sete pratos em um jantar comum de família?

— Foi para o bufê de casamento — revelei, sentindo-me na defensiva de um jeito estranho.

Ele arqueou a sobrancelha, com uma expressão sugestiva.

— E *como* estão indo os preparativos para o casório? Já contou para seu noivo que teve um casinho com o irmão perdido dele?

— Não tem *nada* para contar. A menos que queira que eu *conte*. — Adicionei uma ênfase significativa.

— Eu só estava brincando — rebateu Viktor, sobressaltando-se em preocupação. — Tanto naquela hora quanto agora.

A confissão nobre me afetou mais do que eu gostaria.

Julien inclinou a cabeça, girando o pescoço, que estalou.

— Estávamos pensando, com Alexander indo se deitar cedo, e o papai com certeza enfurnado na estufa hoje...

— Devíamos fazer um joguinho — sugeriu Viktor, sobrepondo a voz do irmão.

— Um joguinho?

Os dois assentiram, e Viktor se levantou do divã em um pulo.

— Vamos ver quem encontra a passagem secreta para o escritório do papai primeiro.

A informação de que havia outras duas chaves não saía da minha cabeça. Eu sentia a língua se curvando para formar as palavras, para alertar os rapazes da verdade, mas me controlei. Ainda não estava pronta para confiar informações confidenciais. Ainda não.

— Faz dias que estão procurando — argumentei, em vez disso. — Por que acham que a minha ajuda vai fazer diferença?

— Você vê coisas que outros não veem. — Viktor soltou uma risada curiosa. — Muitas, muitas coisas que outros não veem.

Balancei a cabeça.

— O dia foi longo. Eu...

Antes que eu pudesse concluir, como se atraída pela insinuação de Viktor, Constance entrou na saleta, atravessando a porta fechada. Estava com o rosto inteiro de novo, o sangue e a tesoura de jardinagem sumiram. Mas ela aparecia e desaparecia, a forma translúcida e tênue.

A mulher parou logo diante da soleira, com os olhos fixos em algo que não estava na frente dela, e fui lembrada de quando a conheci. Ela havia entrado às escondidas no quarto para ver meu vestido de noivado, bem como fazia no momento.

Estava presa em outro ciclo, percebi, revivendo o dia de novo e de novo.

— Constance — chamei, tentando evitar que continuasse.

Atravessei o quarto antes de lembrar que Viktor e Julien estavam ali.

— O que você... — Viktor ficou imóvel. — Tem alguém aqui? Agora? — Em júbilo, ele se virou para a porta e fez uma reverência toda formal. — Saudações, ó Sábio Espírito. Precisou vir de muito além do véu entre mundos para nos fazer companhia hoje?

Julien deu um tapa no irmão, calando a gracinha.

— Quem é, srta. Taumas? Você a conhece?

Ignorei os dois, tentando segurar Constance como se o toque fosse mantê-la dentro do quarto de alguma forma.

— Constance, consegue me ouvir?

Para minha surpresa, ela focou os olhos castanhos em mim e assentiu. Estava com uma expressão séria e preocupada.

— O que estou fazendo aqui? — Ela ficou estática, notando os irmãos. — Quem são eles?

— Eles não conseguem ver você — garanti. — Nem ouvir nada do que diz.

Julien curvou a cabeça, como se esforçando-se para ouvir os pensamentos dela. Depois de um momento, desistiu, franzindo a testa.

Constance olhou ao redor da sala.

— Estávamos na cozinha agora há pouco, não?

— Não. — Minha voz foi gentil, incitando-a a lembrar.

Ela suspirou, e sua forma tremeluziu bastante, uma chama sendo soprada por um vento forte.

— Estou tão cansada — confessou a mulher. — Vivo pensando que vou cair no sono, mas ele não vem. Não aqui.

Ela desapareceu.

E reapareceu, andando de um lado para o outro.

— Aqui. Aqui. Por que ainda estou aqui?

Ela parou e tentou segurar minhas mãos.

Fiquei bastante incomodada quando os dedos translúcidos tentaram segurar os meus.

— Eu não entendo por que estou aqui. Fiz tudo certo em vida. Orei aos deuses. Fiz oferendas a eles. Por que estão me mantendo aqui?

O soluço dela foi dividido em momentos de sons irregulares enquanto ela sumia e aparecia.

— Quer nos colocar a par do que está acontecendo? — pediu Viktor, lembrando-me da presença deles.

Antes que eu pudesse responder, Constance voltou, por um momento assumindo uma forma sólida, assim como eu a vira na sala das estátuas.

— As sementes — declarou ela, arfando. — Eu preciso das sementes sagradas.

— Sementes sagradas. O que é isso?

Atrás de mim, Julien pigarreou.

— O Povo das Pétalas enterra os entes queridos com várias sementes dentro dos corpos. Ajuda no processo de decomposição, ajuda os mortos a retornarem logo para a terra. E, então, a partir da morte... uma nova vida.

Era um sentimento bonito, tão diferente do Povo do Sal, que lançava os mortos ao mar, os espíritos em paz na Salmoura.

— Precisa das sementes... para que o espírito possa seguir em frente. — Virei-me para a mulher de novo. — Onde está enterrada, Constance?

Ela seguiu para as janelas do terraço, oscilando. Quando tentou dar um tapinha na placa de vidro, a mão atravessou.

— Perto do jardim lateral, no lado sul da casa.

— Os montes — murmurei, lembrando-me do dia que Alex me mostrara os pavões. — O labirinto de rosas de Gerard.

O rosto de Constance ficou sério.

— Tem muito além de rosas naquele solo.

Eram tantos montes pelo prado. Quantas jovens Dauphine havia machucado? Fui para perto de Constance, observando a noite escura lá fora.

— Tem outros lá com você?

— Eu não sei — confessou ela. Então ficou imóvel, como se percebesse algo. — Você viu meus bebês?

Confirmei com a cabeça.

Ela segurou minha mão, envolvendo os dedos gelados nos meus com uma urgência intensa. Uma onda de vertigem me tomou. Fiquei com os joelhos fracos.

— Ele está planejando fazer isso com você. Agora vê? Entendeu?

Ela desapareceu por um momento.

— Acho que sim — respondi quando ela voltou. — Não vou deixá-lo fazer isso.

Constance pareceu não acreditar.

— Ele é poderoso demais, ninguém consegue detê-lo.

— Vou descobrir um jeito... um jeito de mostrar tudo o que ele fez — prometi. — E vamos contar para todo mundo. Vamos contar...

— O escritório — murmurou ela com a voz distraída, interrompendo-me. — Você tem que entrar no escritório.

— O que tem dentro do escritório? — questionei, começando a ficar animada.

— Está trancado — continuou ela, e sumiu.

Ela levou sete segundos para reaparecer.

— Eu posso entrar. Tem umas chaves — expliquei a ela. — Duas outras chaves.

— Chaves? — repetiu Viktor, interessado, e eu quis xingar.

Minha mente parecia uma boia em meio a uma tempestade forte, balançando de um lado para o outro presa a uma corda. Eu não conseguia pensar direito a ponto de acompanhar tantas conversas.

— Então não precisamos das passagens secretas? — perguntou ele.

Julien ficou em silêncio, mas eu quase o sentia dentro de mim, vasculhando minha cabeça em busca de informação.

— Não, mas ela não sabe onde as chaves estão — confirmou o outro irmão.

— Você já viu as chaves, Constance? — insisti. Senti a mão dela soltando a minha, a forma da mulher quase desaparecendo, e fiquei desesperada para conseguir qualquer informação antes que sumisse de novo. — Constance, sabe onde as chaves estão?

Ela franziu a testa, como se precisasse de um esforço considerável para formular palavras.

— Não, mas ele usava as plantas. As mensagens secretas delas. Você só tem que...

Ela desapareceu.

Esperei por um momento, certa de que ela ressurgiria, mas se passou um minuto. Ouvi o relógio do quarto tiquetaqueando segundo a segundo. Nada de Constance.

O quarto parecia silencioso demais.

Quando me virei, percebi que Julien tinha girado o corpo todo para o outro lado, recostado na cadeira, com uma expressão firme enquanto me observava. Viktor continuou parado atrás do divã, com uma expressão maravilhada.

Olhei de um para o outro. Seria impossível mantê-los longe a partir daquele momento.

— Vocês sabem muita coisa desse mundo das flores?



— Não tem nada aqui — resmungou Viktor, andando de um lado ao outro em frente à parede.

— É o último quarto neste corredor. Tem que haver algo.

Tínhamos começado a procurar nos cômodos próximos ao escritório de Gerard, presumindo que ele fosse querer manter uma chave extra por perto caso a dele sumisse.

O primeiro fora uma saleta cheia de árvores em vasos de mármore e cadeiras tão esguias que lembravam pernas de aranhas. O próximo cheirava a poeira e abandono. As paredes eram cobertas por papéis descascados em tons pastel, e um tapete de lã estava cheio de buracos criados por uma mobília que não estava mais ali. Havia uma sala cheia de cadeiras em posições esquisitas, outra com uma harpa e um suporte de partituras. Tínhamos procurado em todos os cômodos da ala, e até voltado ao meu, sem encontrar nada.

— Julien, e você, alguma coisa?

Os sapatos dele fizeram sons de clique contra o chão de azulejo.

— Nem sinal de um único gerânio, dente-de-dragão ou flor-de-cera.

Tínhamos feito uma lista de todas as flores nas quais conseguimos pensar que fossem usadas para proteger ou esconder.

Castanheiro-do-diabo e rosas brancas. Dedaleira e atanásia.

— Eu acho que seu espírito não sabia do que estava falando — comentou Viktor, suspirando.

— Ela não é meu espírito — bradei.

Ele se atentou aos barulhos do lado de fora antes de abrir a porta com cuidado. Tínhamos mais uma hora ou duas antes de amanhecer, e os criados começarem a acordar de novo. Depois de um momento, ele saiu.

— Não tem nada aqui — concordou Julien antes de sair também.

Analisei a sala pela última vez, desanimada. Tínhamos levado horas procurando nos cômodos. Tentar encontrar a flor certa em uma causa dedicada a elas parecia impossível. Seria mais fácil convencer Gerard a tirar a chave do próprio pescoço e me entregar.

No corredor, Viktor e Julien estavam diante da porta do meu quarto. Eu não conseguia ouvir as palavras, mas dava para ver que estavam discutindo por causa de alguma coisa. Todos os meus músculos doíam, cansados. Suspirei enquanto erguia o olhar, implorando a Pontos por força.

Eu já não aguentava mais os irmãos Laurent naquela noite.

A luz de velas tremeluziu, iluminando os padrões das folhas de mármore pelo teto, e fiquei estática.

Ignorando a discussão cada vez mais veemente deles, segui pelo corredor, voltando na direção do escritório de Gerard.

Bem diante da porta, uma árvore subia pela parede, com o casco irregular e galhos retorcidos. Era um espinheiro. Aglomerados de bagos estavam pendurados nas folhas de pedra, mas os gravetos estavam cheios de espinhos bem pontiagudos, alguns com vários centímetros de comprimento.

Uma proteção perfeita.

Eu me virei na direção dos rapazes.

— E se Constance não estivesse falando de uma flor?

Minha pergunta encerrou a briga entre eles, e Julien se aproximou, analisando cada árvore enquanto passava.

— É um...

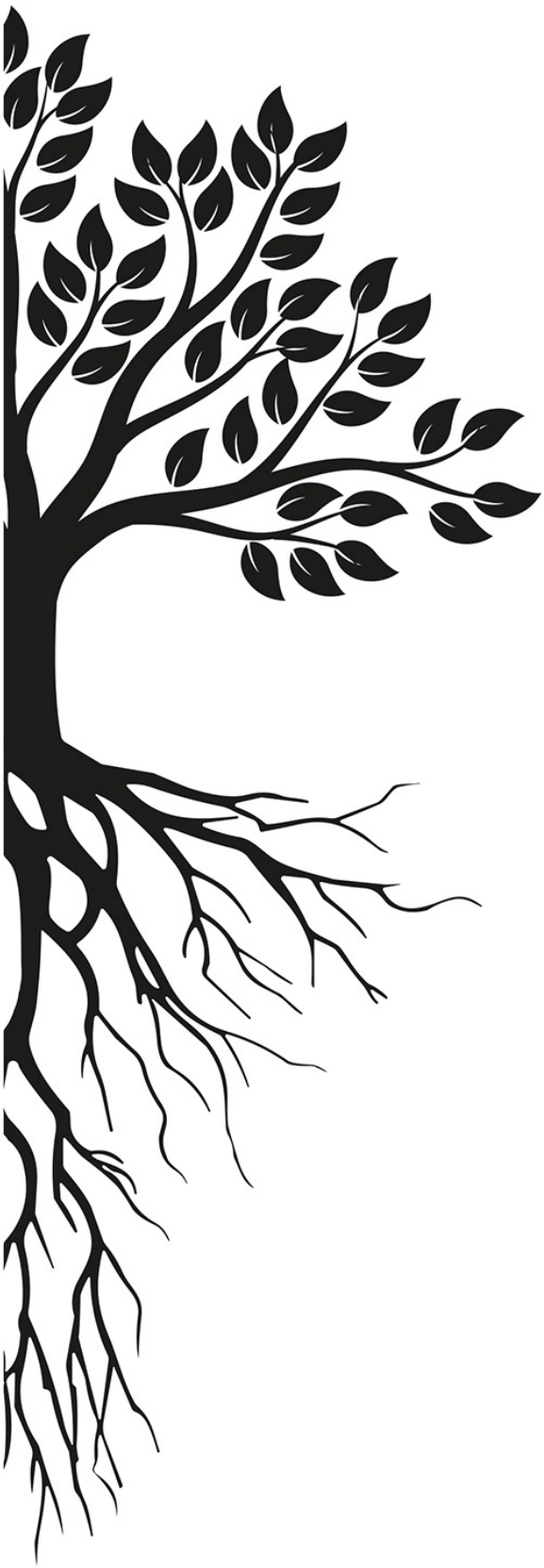
— Espinheiro — completei, passando as mãos pelo entalhe, em busca de algum lugar no casco em que o mármore cedesse de alguma forma.

Na base, no ponto que o tronco se separava, as raízes se cravando no piso, havia uma leve variação na pedra, quase imperceptível.

Empurrei e, do outro lado do tronco, uma caixa escondida se abriu, revelando uma pequena chave prateada.

Julien prendeu o fôlego.

— Muito bem, srta. Taumas — murmurou ele a contragosto.



36

Com um estalo dos dedos de Viktor, vários candelabros ganharam vida, iluminando o escritório enquanto entrávamos. Fechei a porta com um clique ágil.

O espaço era tão diferente do restante da mansão. As paredes eram cobertas por painéis de madeira, escuros e pesados. Uma parede era cheia de pinturas botânicas. Uma mesa enorme de nogueira-preta ocupava os fundos da sala toda. Cadeiras de couro e madeira idênticas estavam em frente a ela. O restante do escritório contava com estantes longas, contendo livros, flores prensadas e jarros de espécimes flutuando em líquidos turvos demais para conseguir enxergar.

Um cheiro enjoativo tomava o ar.

Formol, tive a vaga impressão. Com um toque de resina e decomposição.

— Tantos livros — murmurei, virando-me para contá-los. — Deve haver centenas de exemplares aqui. Como vamos...

— Aqui está — anunciou Julien, ajoelhando-se ao lado da mesa.

Ele passou os dedos por uma saliência quase imperceptível, cutucando-a.

Viktor e eu o observamos pegar um abridor de cartas ouro rosé entre os materiais de Gerard e o usar para abrir o compartimento com facilidade.

— Como sabia que estava aí? — questionei, aproximando-me para ver o que havia ali.

— Eu não tenho muitas lembranças de Chauntilalie — confessou ele, inclinando-se à frente para olhar. — Mas lembro do papai escondendo uma garrafa de absinto da mamãe. Ele me deixou provar.

Viktor pareceu impressionado.

— O papai lhe deu álcool? Quando era *criança*?

Julien torceu o nariz.

— Uma bebida horrível. Parecia um alcaçuz que amargou. Mas ficou na minha memória, então acho que tenho que agradecer de algum modo.

A primeira coisa que vi foi uma garrafa de bebida alcoólica, de um tom verde brilhante. Viktor logo removeu a tampa e cheirou, então seguiu para o carrinho de bebidas. Julien retirou várias pastas de couro e um diário grosso de lá, cheio de papéis soltos.

— A dama escolhe — declarou ele, espalhando tudo na mesa.

Peguei o dossiê mais próximo e me acomodei em uma das poltronas. Viktor voltou para perto de nós, carregando copos de cristal pesados, cheios até a boca de absinto. Ele me ofereceu um primeiro, quase enfiando em minha mão.

— O papai vai perceber que tem uma boa quantidade faltando. — Julien sibilou, recusando o copo. — E você nem preparou direito. Tem que adicionar açúcar queimado e água.

— Incrível como você passou anos exilado de Chauntilalie e ainda assim, cá está, soando tão arrogante quanto o papai — comentou Viktor, pegando o diário. Ele se sentou na outra cadeira, jogando as pernas por cima do braço do móvel. — Saúde — disse antes de dar um longo gole no líquido verde. Viktor olhou para mim. — Ah, *Ver*. Você não é cheia de frescura que nem o Jules, é?

Ergui o copo.

— Tem cheiro de perfume velho.

Viktor bebeu de novo, e o copo já estava pela metade.

— E tem gosto de ambrosia. Por que não podemos beber que nem deuses? Anda logo, *Ver*.

Revirando os olhos, dei um golinho e fiz careta. Julien tinha razão a respeito do sabor. Era anis e funcho, mas achei intenso e inebriante.

— Podemos retomar a tarefa em questão? — bradou Julien, incisivo. — A última coisa de que precisamos é do papai entrando aqui e nos flagrando desprevenidos e embriagados.

Viktor deu uma piscadela e engoliu o restante da bebida antes de abrir o diário.

Por um tempo, no cômodo era só silêncio enquanto líamos.

A pasta que eu pegara tinha vários papéis soltos. Havia reproduções botânicas estranhas, legendas com palavras que eu quase conhecia, mas não chegava a entender. Virei o papel de lado, tentando compreender como a planta crescia. Não parecia haver nem raiz nem folha.

— Fundus — murmurei para mim mesma. — Miométrio.

Julien ergueu a cabeça, lançando-me um olhar cortante que nem adaga.

— O que está murmurando aí?

— Só estou lendo.

— E estamos todos de acordo de que é uma atividade executada em silêncio?

Com o rosto atrás do registro, Viktor fez careta para mim, então se levantou, inquieto demais para continuar parado. Ele pegou o copo de Julien, então se inclinou no encosto de minha cadeira, espiando para ver o que eu lia.

— *Coração em chamas,* de Arina — Viktor xingou, derrubando o diário. O objeto escorregou para debaixo da cadeira, acertando meu calcanhar. Ele tirou o papel de minhas mãos e bateu com a coisa na mesa em frente a Julien. — Olhe isso.

Julien analisou o diagrama.

— Me dá o resto.

Antes que eu pudesse argumentar, Viktor pegou a pasta e a atirou na mesa. Os papéis se espalharam. Julien os folheou, com os olhos correndo de um lado ao outro, ágeis. Então prendeu a respiração.

— Você consegue ler? — questionei.

Ele fez um som breve e ofendido.

— Lógico.

— E está dizendo que tipo de planta são? O que ele pretende fazer com elas?

Devagar, Julien ergueu a cabeça, observando-me como se eu fosse bastante estúpida.

— Não são plantas. São reproduções anatômicas.

Analisei os desenhos sob uma nova perspectiva, ainda sem conseguir compreender que órgãos retratavam.

— O sistema reprodutivo feminino — elucidou Julien, girando o papel, como se fosse ajudar.

Ainda parecia uma flor para mim.

— O que dizem as anotações?

— São uma lista de testes, ao que parece — revelou Julien, tão distraído por estar focado na leitura que parecia Gerard. — Espécimes usados, proporções e quantidade de dosagens. Drogas, extratos. — Virou outra página. — Ele registra todas as mulheres... Acho que encontramos Constance. — Pigarreou. — Constance Devereux. Vinte anos. Cabelo loiro, olhos castanhos. Pai biológico, Aukera. Sem nenhum dom identificável.

— Traduza, por favor — pediu Viktor, passando o dedo pela borda do copo. Seus olhos tinham um brilho vidrado já. — Nem todo mundo aqui tem sua memória eidética.

Julien ergueu a cabeça.

— Aukera. Lorde do júbilo e Deus da sorte. Um dos filhos de Vaipani.

— O pai de Constance era um deus? — questionei.

— Meu pai achava que sim... — Julien analisou os outros testes. — Essa outra era neta de Acácia... — Ele parou de falar como se tentasse lembrar que deusa era aquela.

— A filha de Pontos — expliquei, satisfeita por saber de algo que ele não sabia. — Ela controla as ondas com trombas d'água.

Julien assentiu.

— O papai injetou uma combinação de hidrófitas direto no útero da mãe. Os bebês nasceram com brânquias.

Prendi a respiração.

— Ele estava fazendo experimentos com mulheres que descendiam de deuses.

Franzindo a testa, Julien voltou a ler.

— Ao que parece, sim, embora eu não entenda o que ele está tentando criar. Tentou várias linhagens: de Seland, Oberonin, Ário, Vérsia. Tem até uma linhagem distante que descende do próprio Vaipani. Seis mulheres. Seis deuses.

Uma sensação incômoda de déjà-vu me dominou. A história era familiar de alguma forma.

Então eu lembrei.

Alex havia me contado aquilo, quando eu chegara a Chauntilalie.

Diziam que Dauphine tinha um pouco de divindade dentro de si, descendendo direto da prole de Arina. Aqueles rapazes. Alex. Eles tinham sangue sagrado correndo nas veias.

Abri a boca, mas Julien continuou, impedindo que eu falasse.

— Aqui tem uma lista de medicamentos usados... — Ele fez um som com a boca. — Venenos, na verdade. Sálvia, mescalina, hioscina. Ele triturou nozes de areca, tirou extratos de ópio de papoulas...

Fiquei imóvel, lembrando o chá que Gerard me dera.

— Ele até batizou as velas nos quartos das mulheres com óleo de *Brugmansia*. — Ele me olhou como se soubesse que eu não entenderia. — Parece uma trombeta. Bem venenosa.

— As velas — repeti. — Ele envenenou as velas?

Julien confirmou.

— E as flores... de que cor são?

— Existem várias tonalidades. Amarelo, branco, até laranja. Mas a mais poderosa é uma rosa-escura... parecida com aquelas velas ali. — Fazendo uma careta, Julien apontou para as velas apagadas no aparador. — Nem pense em acendê-las, Viktor.

Eram da mesma cor das velas no maldito quarto dos bebês. No corredor de frente para minha suíte. Na minha mesa de cabeceira.

Sabia-se lá quanto tempo fazia que eu estava respirando aquele veneno.

Gerard vinha me dopando desde que eu chegara. Induzindo-me a um estado de complacência. Obediência. Entorpecendo-me para que eu não notasse todas as coisas estranhas e erradas dentro da mansão.

Viktor estalou a língua, pensativo, sem perceber meu desconforto.

— Por que o papai estaria dando alucinógenos a bebês?

Julien comprimiu os lábios, ponderando.

— Talvez para garantir que eles nascessem em um estado que sempre os faria ter... visões.

— De fantasmas? — sussurrei, esperançosa.

— De deuses.

Um arrepio correu por minhas costas.

Viktor estava sentado na beirada da mesa, com o segundo copo de absinto quase vazio.

— Os deuses estão por toda parte. Por que tanta complicação para se comunicar com eles?

Julien abaixou os papéis, ainda ponderando.

— Há muitos deles que não viajam mais entre os mundos, os que estão bem embrenhados no Sanctum. Os esquecidos.

Quando eu era criança, o marido de Annaleigh, Cassius, adorava me aterrorizar com histórias das divindades caídas, os Natalícios, esquecidos por tanto tempo que ficaram disformes e grandes demais, transformando-se em criaturas corpulentas de barro e com as bocas famintas.

— Não consigo imaginar por que alguém ia querer falar com eles.

Viktor mordeu o interior da bochecha.

— Talvez o papai queira ouvir o que *eles* têm a dizer.

Julien olhou para Viktor.

— Você encontrou alguma coisa sobre isso no diário?

Lembrando que havia caído debaixo da cadeira, estiquei o braço para buscá-lo.

— *Ver*, não! — alertou Viktor, tentando pegar o objeto.

Só que seus movimentos já estavam afetados pelo álcool e ele se movimentava com mais lentidão do que de costume.

Então eu já tinha aberto o registro, analisando as páginas. Ao contrário das anotações nas pastas, aquilo ali estava escrito em arcaniano. Eu entendia tudo.

— Ah.

Ali, escrito na caligrafia minúscula de Gerard em tinta permanente, estava meu nome.

Escrito três vezes na página.

Junto a três combinações.

Mais uma vez, três.

Sempre três.

Uma pequena parte minha tinha se agarrado à esperança de que as teorias de Julien estivessem erradas, que eu acabar ali, com aquela família, naquela situação, fora uma mera coincidência infeliz.

Só que ali estava, a prova irrefutável.

Gerard tinha me levado para lá de propósito, me selecionado, ensaiado cada momento desde minha chegada como uma dança bem executada.

"Alexander e Verity", era o primeiro registro. Um monte de anotações simbolizadas se seguia, terminando no veredito final: "Vantajoso." Ele tinha envolvido uma seção inteira com um círculo de aprovação.

— "Julien e Verity" — li em voz alta, pulando as partes abreviadas que eu não compreendia. — "Potencialmente favorável."

Julien fez um som de escárnio displicente, e eu não soube ao certo se deveria ficar ofendida ou lisonjeada.

— "Viktor e Verity" — li o último parágrafo em voz alta. O trecho todo fora riscado com um traço definitivo, quase impossibilitando ler a conclusão de Gerard. — "Volátil demais."

Viktor balançou a cabeça, virando o restante do copo.

— Como se ele soubesse alguma coisa de nós, Jules.

Ele apertou com força o ombro do irmão, mas senti que era ele quem buscava conforto e consolo.

Julien descartou o gesto, mexendo o ombro.

— Parece que ele sabe mais do que pensávamos. Estou começando a achar que não fomos esquecidos, querido irmão. Só... transplantados.

— E ainda assim, considerados insuficientes — respondeu Viktor, pegando o diário de novo.

A lareira atrás de Julien ganhou vida, as lenhas se acendendo com chamas que subiram bem alto pela chaminé. Assustada, pulei da cadeira, prestes a gritar, mas então percebi que era só Viktor tentando esfriar a cabeça.

— Seria bom receber um aviso prévio — comentou Julien, rangendo os dentes.

Ele abriu outro dossiê, ignorando o rompante do irmão.

— Aquele homem — bradou Viktor, folheando o registro. Na parede, as chamas das lamparinas dançavam, oscilando de maneira perigosa. — Não

é certo continuarmos aqui. Somos considerados inadequados demais para sermos reconhecidos como filhos legítimos, mas ele não poderia só desistir de tudo o que havia planejado para nós. "A aptidão intelectual de Julien cresce de vento em popa" — debochou ele, com a voz afetada. — "Cada carta de Sheffield supera até minhas maiores expectativas para ele." Bom para você, Jules. Não é bem-vindo no jantar de família, mas ao menos impressionou o papai.

Julien comprimiu os lábios. Não era um sorriso em si, mas senti que ele estava satisfeito.

— "Viktor" — começou ele, então parou.

Depois de um momento de pausa, ele arrancou a página e a amassou. Quando abriu a mão, só o que restava era fuligem.

— Tem mais alguma coisa sobre Alex? — perguntei, torcendo para dissuadir a raiva de Viktor, mas também querendo saber o que Gerard achou que aconteceria quando ele me juntasse com o filho caçula.

Eu nunca vira Alex fazer algo como os irmãos faziam. Contudo, se Gerard se dera ao trabalho de me levar — assim como meus *talentos* — para Chauntilalie, devia haver algo específico que queria conseguir.

— Páginas — respondeu Viktor com a voz sombria, dedilhando o diário com o rosto tenso de ira. — Um monte delas. Capítulos inteiros sobre a vida do alecrim dourado. E sabe o que dizem?

Neguei com a cabeça, sem ter coragem de responder em voz alta.

— Nada! Porra nenhuma. — Ele atirou o copo na lareira, e o vidro pesado se despedaçou. — Não tem uma única coisa especial nele. Nada. Ele é todo normal. Todo inútil. O exato oposto do que o papai queria. Não como eu. Não como Jules. Mas fomos *nós* os expulsos. Fomos *nós* os exilados. Fomos nós que... — Ele parou de falar ao rosnar, com as mãos tremendo.

Levei um momento para perceber que estava saindo fumaça do diário.

— Pare com isso — comandei, pegando o objeto dele e abanando de um lado para o outro.

Havia marcas de queimadura nas bordas, sombras escurecidas nos pontos em que ele colocara as mãos, mas o caderno estava intacto.

Viktor voltou para o carrinho de bebidas, murmurando para si mesmo enquanto pegava o absinto com um floreio elaborado. Então despencou na cadeira de novo, jogando as pernas por cima do braço do móvel e bebendo direto da garrafa.

— Vai só ficar sentado aí enchendo a cara?

Ele me olhou, com o rosto tenso e exausto.

— Tem uma ideia melhor?

— Melhor deixá-lo pra lá, srta. Taumas — interveio Julien, com a cara enfiada nos documentos, sem se preocupar. — É capaz de ele incendiar metade da mansão com esse humor aí.

Viktor ergueu a garrafa na direção do irmão em um brinde antes de dar mais uma golada.

Suspirando, enojada, abri o diário e voltei a ler.

O primeiro registro datava de vinte anos antes. Dauphine tinha acabado de contar que estava grávida. Havia várias listas de raízes e extratos em seguida. Parecia que Gerard havia começado a adulterar os chás dela. Por dias registrou quantos mililitros tomava e os efeitos colaterais resultantes. Uma semana depois, ele adicionou extratos em pó às refeições dela. E depois, unguentos e loções aplicadas direto à barriga que crescia. E em seguida, injeções.

Senti o estômago embrulhado ao imaginar uma agulha grossa me perfurando.

Dizia ali que ela tinha sofrido com um enjoo horrível, que era comum que desmaiasse depois dos tratamentos e então que chorava sem parar em meio ao sono. Gerard escreveu que ela passava dias de cama, falando com coisas e seres que ele não via.

A barriga dela cresceu, e o mesmo aconteceu com a quantidade de drogas que ele administrava para ela.

Dauphine devia ter percebido em algum momento que os procedimentos não eram normais. Por que ela tinha concordado? Gerard havia dito que tinha algo errado com os bebês? Que ele estava tentando consertá-los?

Eu estava desesperada para acreditar que ela não tinha se voluntariado a participar daqueles estratagemas absurdos.

Mais enojada ainda, fechei o diário e o joguei em uma prateleira próxima, sem conseguir lidar com aquelas coisas horrendas.

Quando o caderno caiu, pesado, na prateleira, a estante toda balançou para a frente e para trás.

Pisquei, convicta de que fora uma ilusão de ótica, um truque de luz no escritório mal iluminado.

Só que não.

A estante estava se balançando para a frente e para trás como se...

Como se não fosse uma estante.

Lancei um olhar aos rapazes, ponderando se eles perceberam o mesmo que eu. Julien estava focado em um novo caderno, com o nariz a meros centímetros da página. Viktor tinha fechado os olhos e estava com a

cabeça apoiada no encosto da poltrona, com a garrafa de absinto quase caindo do aperto frouxo.

Em um estado de admiração e pavor, encostei os dedos, hesitantes, nas prateleiras, arfando quando a coisa enorme cedeu, movendo-se para a esquerda. Logo acima, vi um pedaço de trilho camuflado.

A estante era uma fachada falsa, nada mais que uma máscara se escondendo à vista de todo mundo.

Exalando com o esforço, empurrei a estante para o lado, e foi revelado outro conjunto de prateleiras atrás. Só que aquelas não continham livros.

Em vez disso, estavam cheias de jarros.

Fileiras e fileiras de jarros grandes.

Recipientes de espécimes envoltos em líquido.

Artie tinha uma coleção delas. Sempre levava para casa criaturas mortas carregadas pela maré até a praia e que ficaram presas nas piscinas naturais. Ele adorava analisá-las e enfiava os animais em jarros cheios de formol. O líquido escuro conservava as criaturas para que não apodrecessem.

Minha garganta fechou enquanto eu ponderava que coisas Gerard mantinha nos jarros dele.

Inclinei-me para observar a prateleira mais próxima, bem na altura dos olhos, e girei um jarro.

À primeira vista, parecia um animal. Pálido e morto havia tempos, com a pele maleável e encerada de um jeito estranho. Membros alongados se curvavam para trás, comprimidos para caber no jarro.

Dois animais, imaginei, depois de contar oito apêndices.

Flutuavam no formol, girando em torno de um eixo invisível.

Fiquei de queixo caído quando vi a cabeça.

As cabeças.

Foi quando percebi que era por causa da coisa no jarro, não os papéis escondidos, que Gerard mantinha o escritório tão trancado.

Os corpos — o corpo, corrigi na mente, vendo o pedaço de pele que costurava os três peitos juntos — eram pequenos. Tinham nascido prematuros, aquilo estava nítido. As feições, vagas e inexpressivas na suspensão líquida, não pareciam ter sido finalizadas, um pedaço de argila abandonado por um escultor que perdera o interesse na obra.

Mesmo estáticas, as feições eram erradas, tão erradas.

O trigêmeo no lado esquerdo da massificação tinha uma cabeça bem redonda, sem orelhas, e uma boca circular escancarada que me lembrava dos baldes de lampreias que a cozinheira levava fresquinhas do cais para Highmoor. Fileiras de dentes serrilhados despontavam das bordas.

O rosto do trigêmeo do meio era uma tela em branco. Uma membrana fina cobria a parte em que os olhos deveriam estar. A pele estava marcada por uma rede de veias roxas.

O bebê à direita não tinha boca e encarava o mundo através de um único olho intumescido, bem no meio do rosto. A pupila era oblonga, como a de uma cabra ou ovelha. Os membros superiores tinham cotos nas pontas, era mais barbatana do que braço.

Eu sabia que os bebês, as coisas, estavam mortas, mas um truque de luz se projetou no olho daquele que parecia um ciclope, e eu podia jurar que ele tinha focado em mim.

Sem dizer nada, afastei-me do jarro, dos monstros contidos ali, e esbarrei na poltrona de Viktor. Como estava dando um gole, o álcool pungente caiu pelo peito dele, manchando a camisa do mesmo tom doentio dos bebês em conserva.

— *Ver*...

Ele interrompeu a reclamação quando cravei os dedos em seu ombro, acenando com a cabeça na direção das prateleiras.

— Vocês podem ficar com raiva por terem sido exilados na Casa Marchioli — falei, chamando a atenção de Julien, que ainda lia os dossiês. — Mas ao menos não acabaram dentro de um jarro de vidro.

Viktor se levantou, estreitando os olhos enquanto se aproximava da estante.

Dezenas de jarros cobriam as prateleiras, alguns aninhados em trios, outros maiores aninhados entre volumes com capas de couro, e embora eu não tivesse a menor vontade de analisar melhor, eu apostaria a vida que cada um tinha os resquícios de um experimento.

Como mariposas sendo atraídas para a chama, os rapazes seguiram para lá, virando um jarro após o outro enquanto observavam os meios-irmãos amaldiçoados. Encontrei o absinto que tinha sobrado e virei o copo depressa, tremendo. Foi uma péssima decisão. Senti a corrente sanguínea fervendo, e toda vez que fechava os olhos, via a boca escancarada, o rosto sem olhos, e os membros arredondados.

— Pelas *estrelas* de Vérsia — sussurrou Viktor, pegando um espécime. — Isso aqui são... frondes?

— Frondes? — sussurrei. — Como... em uma samambaia?

Viktor ergueu o jarro, e senti calafrios ao ver a figura ali dentro.

— Eu vi esse bebê antes — confessei, com a voz falhando enquanto a bile subia pela minha garganta. — É um dos bebês de Constance.

Mordisquei a parte interna da bochecha, lutando para juntar as peças de tudo que eu havia concluído e analisá-las com o que eu de fato sabia.

E não fazia sentido.

Constance havia sido assassinada de forma cruel. Um ataque como aquele não era algo fácil de fazer sumir. Era risível imaginar Dauphine no túnel secreto, de quatro, limpando os resíduos deixados pelo corpo, arrastando o cadáver de Constance para fora da mansão e então a atirando na sepultura que ela mesma cavara.

E os bebês.

Se Dauphine tivesse matado Constance, sem dúvidas teria ido atrás das crianças, querendo fazer parecer que a amante de Gerard tinha pegado os filhos e fugido.

Só que os bebês estavam ali.

No escritório de Gerard.

Ali, conservados para que pudessem ser examinados e estudados mais um pouco. Analisados e decifrados.

Por Gerard.

— *Ver* — chamou Viktor. — Você está bem?

Devagar, neguei com a cabeça.

— Gerard a matou — murmurei, com a boca muito, muito seca. — Constance. Ele a matou e matou os bebês. — Gesticulei para os jarros na prateleira de baixo. — Esses não eram como os outros... Olha como os jarros são grandes. Eles tinham nascido. Estavam vivos. Até...

Senti um bolo na garganta, e as palavras não saíram mais.

Viktor ficou pálido, olhando para os outros jarros.

— E onde acha que estão as mães agora?

— Nos jardins — chutei. — Enterradas em alguma parte daqueles montes de rosas.

— Ele precisa pagar pelo que fez — murmurou Julien baixinho, passando os dedos pela borda de um jarro. O formol ali dentro estava turvo demais, e por sorte não dava para ver nada dentro. — Temos provas o suficiente, mais do que o suficiente. O diário... Os bebês... O que quer que esteja enterrado nos montes... Podemos ir às autoridades e deixar que lidem com tudo. Que lidem com *ele*.

Viktor confirmou com a cabeça, parecendo contido de um jeito incomum.

— Mas... — Parei de falar, com a cabeça girando. — Mas vocês não podem...

Os dois irmãos focaram o olhar em mim.

— Não está prestes a dar desculpas para tudo isso, está, *Ver*? — questionou Viktor, brusco, logo aparecendo ao meu lado.

Ele segurava o bebê de Constance. Os bracinhos tipo tentáculos balançavam no líquido oscilante.

— Não, lógico que não! Com certeza Gerard precisa ser punido, precisa ser detido, mas... antes que façam isso, antes que contem para qualquer outra pessoa, precisam contar para Alex — declarei com firmeza, tentando fazer o cômodo parar de girar. — Ele precisa saber disso. Saber de você e de Julien. Saber tudo o que Gerard fez. Alex merece ouvir da gente primeiro.

Os rapazes se entreolharam, e tive a impressão distinta e desconfortável de que estavam conversando sem usar palavras.

— Tudo bem — concordou Viktor. — Mas em algum lugar fora da casa. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo.

— Lógico... O que fazemos com tudo isso? — perguntei, olhando para os papéis, o diário, as lascas de vidro na lareira.

— Vamos levar os documentos — concluiu Julien, voltando para a mesa. — Quero ter certeza de que não deixamos passar nada.

Coloquei a estante falsa no lugar, enfim cobrindo os espécimes, então olhei ao redor, tentando decidir a melhor forma de ajudar. Eu me sentia à deriva, como uma rede de pesca esquecida, sendo levada pelas ondas e acumulando detritos marinhos até que o peso de tudo me levasse a ser enterrada cheia de limo. Eu só queria me deitar, mas sabia que era improvável que o sono me abraçasse.

Eu temia nunca mais conseguir dormir.

Antes de Viktor recolocar a garrafa de absinto no nicho escondido, ele cuspiu dentro.

— Deuses, por que bebi tanto?

— Eu estava pensando a mesma coisa, meu irmão — respondeu Julien, ajeitando os papéis em uma pilha organizada. — Você não faz ideia de como é ter que ficar ouvindo os pensamentos de vocês dois agora. É como nadar na merda.

Viktor abriu um sorriso malicioso, achando muita graça.

— Ouvir você dizer isso vai fazer a ressaca de amanhã valer a pena, com certeza.

As provocações entre eles me fizeram pensar em minhas próprias irmãs, e de repente senti muita saudade delas.

Mercy, Honor, Annaleigh.

Até Camille.

Sobretudo Camille.

Senti um bolo na garganta outra vez, e percebi que estava prestes a chorar. Julien logo notou e lançou um olhar sofrido a Viktor, um gesto que

nitidamente solicitava uma intervenção. Enxuguei o rosto, logo afugentando os pensamentos avassaladores.

— Gerard disse que tinha recados de minhas irmãs aqui. — Funguei. — Como estamos levando o resto, posso pegar as cartas também?

Com exceção das canetas-tinteiro na lateral, dispostas em um trio de organização fanática, a mesa estava vazia. Julien abriu a gaveta do meio e vasculhou ali dentro.

— Aqui — anunciou, entregando-me uma pilha de correspondências.

Perplexa, peguei os papéis. Havia bem mais do que três respostas ao convite de casamento, como Gerard mencionara.

— Ele vem escondendo as cartas de mim — concluí, folheando a pilha.

Havia envelopes com a caligrafia sinuosa de Mercy, a letra atarracada de Honor, a tipografia cuidadosa de Annaleigh, e até a escrita em cobre de Camille.

Ansiosa, abri uma das de Camille, mas o selo de cera já estava rompido, e a carta não estava ali.

Olhei os outros envelopes. Estavam todos vazios.

— Cadê as cartas?

— Ele provavelmente as queimou — sugeriu Viktor, olhando para a lareira com ânsia.

Fiquei incrédula.

— Por que ele faria isso? O que minhas cartas têm a ver com ele?

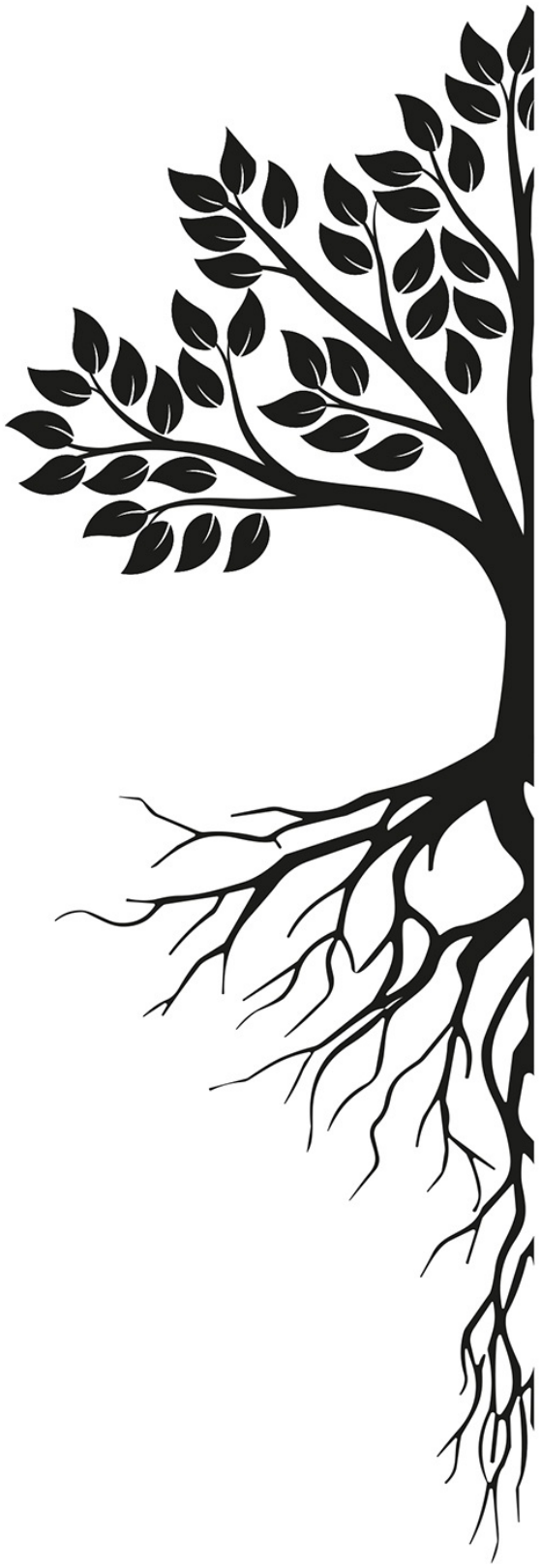
Julien fez uma careta, parecendo controlar um suspiro pesado.

— Depois de todo o trabalho necessário para atrair você a Chauntilalie, com certeza o papai não ia querer que fosse embora. Se ele afastasse você de sua família, fazendo parecer que ninguém sentia sua falta, que ninguém se preocupava com você, sentiria que não tinha mais para onde ir. — Ele umedeceu os lábios. — Eu aposto que qualquer carta que você tenha escrito também não saiu da mansão.

Franzi a testa, sentindo uma faísca de raiva subindo por mim, quente e agressiva como se o próprio Viktor a tivesse acendido. Fechei as mãos, cravando as unhas fundo nas palmas.

— Ele tem que...

— Hã, hã, hã — interrompeu Julien, erguendo o dedo para cessar meu rompante. — Guarde a raiva para amanhã, srta. Taumas. Guarde para a hora certa.



37

Quando Frederick abriu a porta do quarto de Alex na manhã seguinte, com o rosto sério e sombrio, eu soube que o dia não transcorreria de acordo com meus planos.

Eu tinha dormido pensando em levar Alex para o lago, longe de olhos curiosos e os ouvidos de Chauntilalie, para contar tudo a ele.

Só que era Frederick ali, imponente, à minha frente, preenchendo todo o espaço da porta sem abrir nem uma frestinha para mim.

— Lamento, srta. Taumas. O sr. Laurent está indisposto hoje.

— Outra crise? — questionei, com o coração apertado ao imaginar Alex sentindo dor de novo.

Ele assentiu, todo solene.

— Está descansando agora. Eu sei que ele não ia querer que a senhorita o visse nesse estado.

— Ele tem tido tantas crises.

Frederick confirmou com a cabeça de novo, sem dar maiores explicações.

— Eu posso só... — Parei de falar quando ele cruzou os braços, como uma montanha intransponível e formidável demais para que se argumentasse. — Pode dizer que passei aqui? Quando ele acordar?

Frederick prometeu que sim e fechou a porta sem fazer barulho antes que eu pudesse pedir outra coisa.

Fiquei olhando para a entrada, memorizando o entalhe da madeira, e tentei pensar no próximo passo.

Era para contarmos tudo a Alex naquele dia.

Tudo que era para acontecer naquele dia dependia de Alex saber o que sabíamos.

Suspirando, deixei a ala sul e segui para o primeiro andar. Estava inquieta demais para voltar ao quarto. Enjoada demais para tentar tomar café da manhã. Sentia o peso de todos os segredos que eu descobrira na noite anterior me abafando, incitando-me a agir, mas não havia nada a ser feito. Não no momento. Não sem Alex.

Virei de corredor em corredor, sem rumo.

Passei pelo mesmo conjunto de espelhos três vezes antes de perceber que estava andando em círculos, presa em um ciclo, como Constance.

Eu precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Meus pensamentos estavam uma bagunça de verdades não compreendidas, planos formulados pela metade e incontáveis perguntas sem respostas.

A revelação de Julien sobre as mulheres selecionadas por Gerard me corroía.

Estava nítido que o patriarca tentava extrair algum tipo de poder, alguma estirpe de divindade das linhagens das mulheres e transferi-las à prole alterada dele. Mas como eu me encaixava no plano?

Eu era diferente da maior parte das pessoas, definitivamente.

Só que não era como aquelas mulheres.

Não havia deuses em minha árvore genealógica, nem mesmo nas gerações antigas. A linhagem Taumas, apesar de toda a nobreza altiva, era de todo comum. Eu não sabia como conseguia ver o que eu via, mas não era por causa de algum encontro sórdido e secreto com o divino. Eu era completamente mortal.

Então por que Gerard me escolhera?

E o que ele esperava que meus filhos fizessem?

Lembrei-me da ponderação de Viktor na noite anterior, de que Gerard estava tentando conversar com os deuses. Com os mais antigos, havia muito entocados nas profundezas do Sanctum. Os Natalícios.

Por que alguém iria tão longe para falar com eles?

Ele havia dopado mulheres grávidas com misturas de papoulas e nozes de areca, plantas aquáticas e fungos. Coisas cultivadas no jardim de venenos.

Coisas como a planta loureiro que tanto tinha me afetado...

Eu me lembrei do sorriso perverso do espectro melancólico. De como ela tinha se movimentado. Como tinha falado.

Parei de caminhar, quase tropeçando, ao ter a súbita convicção de que ela não fora uma alucinação.

Ela estivera lá com a gente mesmo.

Só que apenas eu conseguira vê-la.

Uma deusa.

Ou algo do tipo.

Umedeci os lábios, considerando o que aquilo poderia significar.

Os deuses sabiam de tudo.

Os deuses viam tudo.

Ela saberia sobre mim. A respeito de meu dom.

Teria respostas.

Eu tinha certeza.



O solo estava úmido e quente quando abri um cobertor no Jardim dos Gigantes ainda naquela manhã. Era o único lugar na propriedade toda em que eu sabia que não me encontrariam. Quando Alex e eu tínhamos ido fazer um piquenique ali, as estátuas enormes estavam cercadas de mata alta e arbustos emaranhados depois de crescerem demais.

Nenhum jardineiro trombaria comigo.

Ninguém veria o que eu estava prestes a fazer.

Minhas mãos tremiam enquanto retirava o que eu havia pegado escondido e enfiado na algibeira.

Um frasco de chá de papoula, uma infusão duas vezes mais forte do que costumava preparar.

Uma vela rosa.

Fósforos.

E um graveto de sebe de loureiro, cortado de um galho que escapava da cerca do jardim de venenos uns momentos antes.

Tinha esperado até Gerard tomar chá antes de começar a trabalhar e de imediato enrolei o graveto em um lenço, torcendo para que as toxinas não escapassem até eu estar pronta para usá-las.

A magnitude do que eu estava prestes a fazer me acertou.

Eu me envenenaria de propósito para tentar invocar uma entidade sobrenatural.

Estremeci, lembrando-me dos dentes cinza afiados dela.

Um fantasma, não. Algo bem, bem pior.

Exalando, trêmula, acendi a vela. O cheiro impregnou o ar, fazendo-me querer vomitar uma vez que já sabia a verdade.

Destapei o frasco e dei um gole demorado no chá. E então outro.

Fiz uma pausa, esperando que algo acontecesse.

— Olá? — Minha voz saiu fraca e insegura.

Fechei os olhos, tentando lembrar todos os detalhes da mulher melancólica. O cabelo escuro e ondulado. As unhas compridas e irregulares. O sorriso cruel. Ah, se eu soubesse o nome dela...

— Eu... eu não sei se estou fazendo isso direito, mas... está aí?

Abri os olhos.

Ao redor, a cor das árvores estava errada. Era como se eu tivesse olhado na direção do sol, queimando as retinas até o mundo todo ser banhado por um tom diferente. Tudo em tons de azul. Azul-escuro e cerúleo. Galáxias rodopiantes de lazulita e cobalto.

Parecia que as árvores tinham se multiplicado.

Mas nada do espectro.

Dei outro gole no chá, então desenrolei o lenço e funguei com vontade.

O cheiro do loureiro fez cosquinhas em meu nariz.

Fiquei zonza na hora.

Houve um som brusco de movimento atrás de mim.

Virei-me a tempo de ver uma das estátuas do jardim se erguer da terra.

Era quase uma girafa, uma criatura enorme e imponente, cambaleando com as pernas esguias e ossudas. Cada passo sacudia o chão como trovão. Espinhos grossos desciam pela coluna da fera. O focinho era comprido demais, como um crocodilo. Tinha oito olhos.

A criatura analisou o jardim com um olhar inteligente, terrível e astuto, e, ao me ver, desejei cair na inconsciência.

O desespero me atravessou enquanto eu me encolhia diante da fera.

Observei-a escancarar as mandíbulas como uma cobra, pronta para me devorar.

Sem conseguir correr, sem conseguir sequer me mexer, fechei os olhos, torcendo para que fosse uma morte rápida.

Só que nada aconteceu.

Quando abri os olhos, a estátua tinha voltado ao lugar de antes, nada além de uma pedra.

— É só o veneno — falei, tentando me assegurar.

Inspirei mais do loureiro.

Sangue na cor magenta escorreu pelas árvores, manchando minha pele. Senti a substância quente se infiltrando em meu corpo, maculando minhas entranhas.

— Eu não quero mais ficar aqui — murmurei quando o lago começou a borbulhar, purulento, cheio de criaturas invisíveis.

A clareira reverberou um zumbido estranho, e jurei que via o ar ao redor se moldar no formato de ondas.

Caí no chão, sem conseguir conter a tremedeira.

Estava frio, tão frio. O vento me açoitava, transportando flocos de neve. Os flocos fizeram caretas, os rostos tomados pela raiva. As árvores esticaram os braços, como homens se afogando e se debatendo em busca de socorro.

Aninhei os joelhos contra o peito, tentando ficar o menor e mais imperceptível possível. O uivo do vento cessou, embora as árvores ainda dançassem daquele jeito absurdo.

Então ouvi outro som.

Passos se aproximavam atrás de mim. Suaves como um sussurro sedoso, seguiam na ponta dos pés pela grama, mais perto.

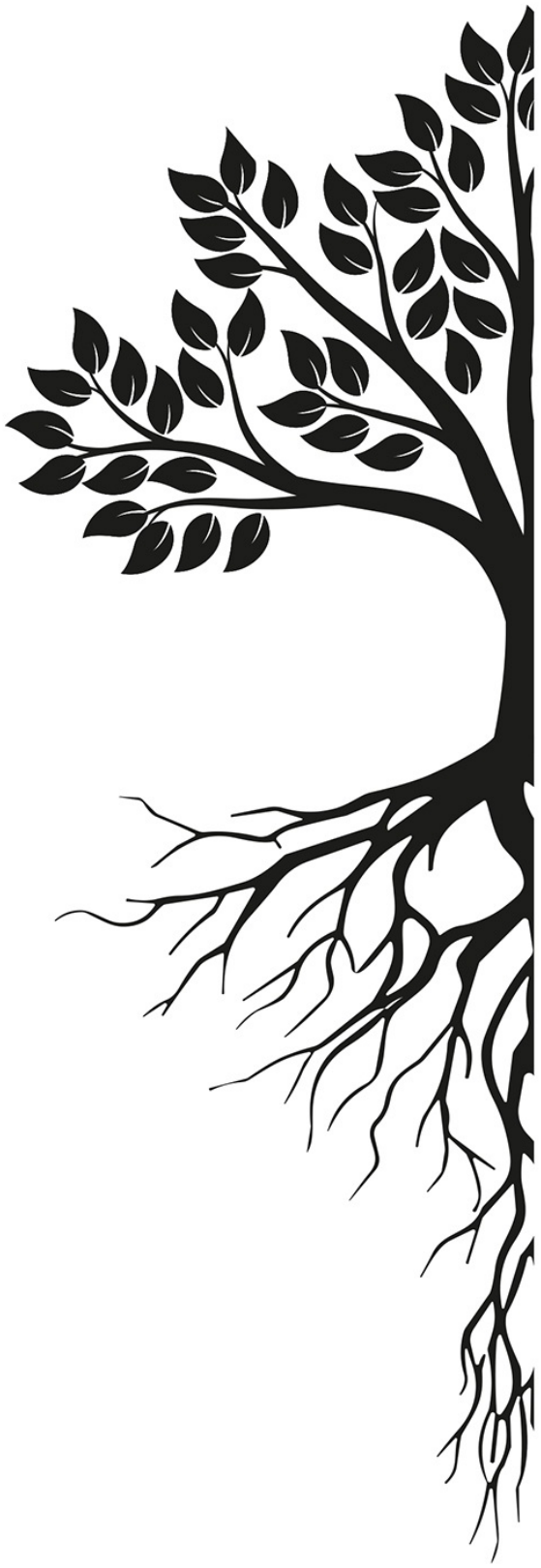
Fechei bem os olhos.

Se fosse meu fim, não queria nem ver.

Dedos frios tocaram minha bochecha, e uma voz gentil murmurou sons reconfortantes.

— Ah, venha aqui, meu bem. — A voz era tão familiar quanto as mãos que me puxaram para cima, acariciando meu cabelo com dedos mortos havia muito tempo.

Com um lamento incoerente e agradecido, abracei a forma fantasmagórica de Eulalie e chorei.



38

— Você não é real. Não pode ser real — repeti, com o choro sendo abafado pelas camadas da camisola.

Eulalie havia morrido no meio da noite, caindo dos penhascos perto de Highmoor e colidindo com a rebentação.

Ela *parecia* um fantasma, com os contornos suaves e iluminada por um brilho interno. A pele não tinha a mesma cor, e ela existia só em tons de cinza, tremeluzindo de um jeito estranho na floresta iluminada pelo luar de Florice, como um choco fazendo esforço para continuar camuflado enquanto um predador se aproximava.

— Sou tão real quanto você precisa que eu seja — respondeu ela, abraçando-me com mais firmeza.

Meu coração martelava tão forte que parecia machucado e sensível.

— O espírito de Eulalie não está por aí — contrapus. — Ela está na Salmoura há anos.

O fantasma segurou meu rosto entre as mãos manchadas, me calando.

— Eu odiava ficar presa em qualquer lugar em vida. Por que na morte seria diferente?

O sorriso fácil dela me deixou sem fôlego.

Eu tinha esquecido como ela era linda.

Algumas memórias tomaram minha mente, mas se dissiparam antes que eu pudesse captá-las de todo.

— Ah, minha caçulinha — entoou ela, dando um beijo no alto de minha cabeça. — Você se meteu em uma confusão e tanto.

A sensação de ser abraçada, de ser reconfortada, era boa. Eu não tinha percebido como havia ficado abatida e desapontada até minha irmã me abraçar. Aninhei-me nela, encostando a testa em seu pescoço, como teria feito se ela estivesse viva, quando eu era bem menor.

A lembrança da sensação quase me arrebatou, uma correnteza sendo levada ao longo do tempo.

Eu conhecia aquela sensação.

Tinha feito aquilo antes e... a lembrança era quase palpável.

— Por que não consigo me lembrar de você? Por que não consigo me lembrar daquele ano? — Mordi o lábio. — Por que sou a única que vejo?

Ela soltou um suspiro suave e demorado, a ondulação gentil da espuma do mar chegando à praia.

— Muitas coisas aconteceram naquela época. Nenhuma delas foi agradável.

— Me conte tudo — insisti. — Por favor.

Ela enrolou o dedo em um dos cachos soltos, medindo as palavras.

— Havia uma mulher bem cruel que queria ferir os outros tanto quanto foi ferida... e ela usou os deuses para fazer isso.

— Os deuses? Era com eles que eu queria falar. Por isso fiz isso tudo. — Gesticulei para o frasco de chá derramado, as folhas de loureiro já esmagadas. — Eu preciso descobrir por que estamos conectados, por que consigo fazer tudo... isso. — Agitei a mão na direção da clareira. Prismas de arco-íris tão grandes e tangíveis quanto borboletas dançaram no ar. — Nós... nós temos algum parentesco com...

— Ah, caçulinha. Existem várias formas de os deuses nos tocarem.

Ela encostou o dedo em minha testa, o gesto cheio de significado.

Era como se eu olhasse tudo através de binóculos posicionados de maneira inadequada. O mundo estivera embaçado e torto até Eulalie ajustar o foco, e de repente tudo se encaixou com perfeição. As imagens eram nítidas e intensificadas com cor.

Vi tudo.

Então me *lembrei* de tudo.

Minha mente parecia um caderno de desenhos ao vento, com as páginas do passado voando, cada lembrança como uma ilustração desenhada de próprio punho.

O papai se casando de novo.

O funeral de Eulalie.

Vários calçados, brilhosos e lustrosos de início, e então esfarrapados até virarem pedaços gastos de couro.

Rosalie e Ligeia, com os olhos fechados e congelados, azulados, dormindo para sempre.

Pés descalços girando no mesmo lugar, de novo e de novo, sem música, sem um parceiro...

Segurei a última página do livro com força quando a virei.

Ela.

O espectro.

Lágrimas pretas escorrendo pelo rosto dela enquanto repuxava os lábios, fazendo-nos dançar no ritmo que queria.

— Kosamaras — sussurrei.

Eulalie assentiu com tristeza.

Kosamaras.

Irmã da deusa da noite. Arauta do Delírio e dos Pesadelos. A portadora de desilusões, ilusões, truques da mente e desespero.

Eu não havia sido tocada pelo divino.

E sim abusada pelo sobrenatural.

Kosamaras tinha aprisionado minhas irmãs e eu, controlando nossos pensamentos com um toque perverso, fazendo-nos ver o que ela queria, o que temíamos.

Eulalie me apertou com mais força, os olhos claros muitíssimo tristes.

— Você não tem que se lembrar disso, Verity. Tem coisa que não vale a pena.

— Mas... — Vasculhei as lembranças. A noite do incêndio. A morte do papai. Cassius me salvando, enxergando-me quando ninguém mais conseguia. — Acabou ali, não? Acabou. Annaleigh nos salvou. De alguma forma... Por que ainda estou vendo coisas?

Ela comprimiu os lábios.

— Você sempre viu as coisas de uma forma diferente. É o que faz de você uma artista tão boa. Só que, quando Kosamaras tocou em você — ela tamborilou na minha testa outra vez — abriu algo. Algo que não voltou a ser o que era. Por isso que está aqui agora. — Ela olhou para a mata como se pudesse distinguir a forma grande de Chauntilalie por entre as folhas. — Ele escolheu você.

— Eu sei. Sabe o que ele está tentando fazer? O que é que ele quer de mim... dos meus filhos?

As palavras pareciam tão erradas. Eu não tinha filhos. Ainda não.

— Não importa. Você só precisa ir embora. Volte para Highmoor. Não pode ficar aqui, Verity. Não pode ficar com essas pessoas.

— Mas e Alex? Eu o amo.

Eulalie balançou a cabeça.

— Ele não importa. Só você. Você tem que ir embora. Hoje. Não consegue sentir? O perigo está perto. À espreita. Oculto. Esperando. Até o ar daquela casa está envenenado. — Ela acenou com a cabeça na direção da vela rosa. — Você tem que ir embora, mas vou ajudá-la. É por isso que vim até aqui.

A última palavra foi alongada e demorada, e o tom me lembrou de uma coisa. Uma coisa preocupante e errada.

Afastei-me de Eulalie.

— E *por que* você veio?

— Acabei de dizer. Estou preocupada com você, Verity. Aquela casa é maligna. Aquele homem é...

Balancei a cabeça.

— Não é a isso que me refiro. Por que *você* está aqui? Eu não a vejo desde que tinha seis anos. Mal me lembro de você. Se queria me avisar de algo, por que não usou outra pessoa, alguém que conheço e em quem confio? A Hanna, por exemplo. Por que não foi Hanna que veio?

Ela passou a língua pelos dentes.

— Nem todo mundo é forte o bastante para sair da Salmoura.

Um alerta começou a soar em minha mente, e estreitei os olhos.

— Mas você é?

Ela assentiu.

— Como?

O rosto de Eulalie continuou neutro e inexpressivo.

— Não posso contar. Não funciona assim.

— E como funciona? Como exatamente? Me diga, Eulalie.

Ela recuou, aumentando o espaço entre nós ao perceber que as coisas não estavam transcorrendo como planejara.

— Por que está fazendo isso? Eu só quero ajudar.

— Talvez, mas você não é minha irmã.

Ela inclinou a cabeça, com os olhos arregalados e magoados.

— Lógico que sou.

— Minhas irmãs estão na Salmoura.

— Eu sei disso. Falei que...

— Hanna está em Highmoor. Sempre esteve presa em Highmoor.

— Para... para cuidar de você — gaguejou ela.

— Você disse que ela estava na Salmoura. Quem é você?

Estreitei os olhos, vendo tudo pela primeira vez. Ela parecia, *sim*, com Eulalie, uma réplica exata de todos os retratos que eu já vira, até as linhas suaves na pele, como fissuras na pintura a óleo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Eu não entendo. Por que não acredita em mim? Por que não...

Enquanto as lágrimas se acumulavam e escorriam pelas bochechas, ficaram pretas, deixando marcas de pigmento escorregadio como alcatrão pela pele craquelada de minha irmã.

— Kosamaras — murmurei com a voz sombria.

Tinha funcionado.

Eu tinha invocado a Arauta.

Ela sorriu, e os dentes assumiram pontas afiadas. Então se esticou toda, e a fachada de Eulalie se dissipou, revelando sua forma verdadeira.

Kosamaras me observou com os olhos pretos insondáveis e riu.

— Realmente não sabia com quem estava me metendo tantos anos atrás, garotinha Taumas. — Ela fez um som de "tsc", com a voz rouca como os cascos de besouros mortos. — Você enxerga tudo. Seria bem impressionante se não causasse tantos incômodos a nós.

— "Nós."

Ela ergueu os dedos, girando-os no ar como se indicasse um lugar além da floresta, além de Chauntilalie, além de tudo naquele mundo.

— Os deuses? — chutei. — Eles se importam com o que está acontecendo aqui?

— Ah, como se importam — disse ela. — Todos nós nos importamos.

Contive uma risada.

— *Eu* invoquei você. Fui eu que me envenenei, e aí você vem aqui toda cheia de teatrinho...

O rosto dela ficou fechado, desdenhoso, e o ar entre nós estalou com o poder.

— Você não daria conta de mim sem um teatrinho, garota Taumas.

Daquilo eu não tinha dúvida.

— Eu até poderia ter escolhido um disfarce melhor que sua irmã há muito falecida, mas a mensagem segue a mesma: vá embora. Agora mesmo. Vá para o mais longe possível da mansão, o mais longe possível daquele monstro.

Embora tudo dentro de mim quisesse se encolher diante da presença de algo que era tão maior do que eu mesma, levantei o queixo com uma confiança que eu não sentia.

— Que engraçado, logo você chamando alguém de monstro.

Ela fez um som de escárnio.

— Não teste a sorte comigo, pequena Taumas.

— Por que você foi atrás de minha família naquela época? Duas irmãs minhas morreram por sua causa. Meu pai. Minha madrasta.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Eu não tive nada a ver com a morte dele. Nem dela. Isso foi tudo *ele* que fez.

Ouvi a ênfase que ela deu à palavra.

— Quem?

— Viscardi — revelou ela, sibilando.

Estremeci.

Um Traquineiro. O deus das barganhas e Senhor do Povo dos Ossos.

Ela deu de ombros.

— Mas isso é irrelevante.

— Só que não! O que quer que tenha acontecido comigo *na época* é o motivo de eu estar em Chauntilalie *agora*. Você fez alguma coisa comigo.

Ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro na clareira, com o vestido cinza esvoaçante que nem fumaça.

— Um erro lamentável.

— Lamentável — repeti, acompanhando os movimentos dela com os olhos.

A Arauta parou ao lado de uma das estátuas do Viveiro e suspirou, parecendo entediada com a conversa.

— Eu não sabia.

— Não sabia o quê?

— O que você é.

Fiquei boquiaberta, assustada.

— Como assim? O que eu sou?

— Pare de repetir tudo o que digo — bradou, irritada.

— Então diga algo que faça sentido! — Logo fiquei de pé, avançando nela. Meu medo fora substituído por indignação, a raiva me atravessando em cheio. Ela havia atormentado minha família, entregado duas irmãs minhas a mortes cruéis e geladas, e alterado uma parte essencial de meu ser. O mínimo que ela poderia fazer era me responder de forma direta. — O que você fez?

— Ludibriei você com uma farsa. Assim como fiz com suas irmãs.

— Não é a mesma coisa. Elas pararam de ver coisas há muito tempo. Eu não.

— Você... você era diferente. Geralmente quando alguém é ludibriado, veem o que eu quero que vejam.

Ela girou o pulso, e os dedos pegaram fogo, destilando chamas azuis. Eu ouvia o crepitar. Sentia o calor.

— Pare — comandei quando ela agitou a mão perto de meu rosto, rindo.

Kosamaras abaixou a mão, e as chamas sumiram.

— Quando a barganha teve fim, a farsa também acabou, mas você ainda via coisas. Coisas que não criei. Coisas que não são daqui, e sim de lá...

De novo ela fez um pequeno gesto indicando o ar ao redor.

— Espíritos — adivinhei.

Ela confirmou com a cabeça.

— Ecos do passado.

Outra confirmação.

— Por quê?

— Não sei. De verdade, não sei — acrescentou depressa. — Tem alguma coisa aí dentro, mocinha Taumas. — Ela cutucou minha têmpora. — Alguma coisa diferente.

As palavras me deixaram arrepiada, e senti calafrios. Só que tive um pensamento, e meu coração palpitou. Segurei a mão dela. Kosamaras tinha uma pele de textura estranha, como papel aquarela rugoso, mas apertei com firmeza.

— Faça parar.

Ela se desvencilhou de meu aperto intenso.

— Não posso fazer nada. A porta já estava aberta. A farsa só a escancarou um pouco mais.

— Então feche a porta! Você é uma deusa. Se não tem poder para fazer parar, quem tem? Pontos? Viscardi? Traga Vaipani aqui agora mesmo e faça parar.

Ela balançou a cabeça, as mechas pretas ondulando nas costas.

— Talvez se você... saísse daqui, agora... algo poderia ser feito.

Uma onda de risada sem humor escapou de mim, tão alta e desagradável quanto o coaxar de uma rã-touro.

— Você quer que eu faça uma barganha?

Ela deu de ombros, em um gesto elegante, os ângulos das omoplatas se erguendo até formarem pontos acentuados.

— Não custa tentar.

Saí de perto dela, sentindo a fúria quente e intensa queimando minha garganta.

— Não vou embora. Não vou fazer nada do que pedir. Não até consertar isso.

O rosto dela ficou duro, insensível e feio.

— Eu posso mandar você agora mesmo de volta para Highmoor com um estalar de dedos.

— Então vá em frente. Se é assim todo-poderosa e fortona, vai lá. Me mande de volta. Me obrigue a voltar. Me manipule até eu estar de volta nas Salinas.

Ela fechou as mãos com tensão e torceu o nariz com desdém. Então sibilou, proferindo palavras em um idioma que eu não conhecia, finalizando a frase com um grito triunfal.

Ao redor, a floresta girou, as árvores e os arbustos se mesclando e espiralando juntos em um furacão catastrófico de cor e barulho. Sentia como se tivéssemos girado várias vezes, com forças estranhas nos empurrando e puxando, embora eu tivesse certeza de que não tinha tirado os pés do chão. Quando parou, estávamos no meio da Sala Azul em

Highmoor e eu queria me encolher no chão, vomitar. Era pior do que qualquer enjoo que eu já tivera dentro de um barco.

Do lado de fora, ondas enormes quebravam na margem, lançando pedregulhos gigantes contra os penhascos rochosos como se não passassem de bolas de gude. A maresia impregnava o ar, e eu sentia seu gosto intenso na língua.

Fiquei de queixo caído, abismada por ela ter realmente feito aquilo. Eu tinha pagado para ver, a desafiado a fazer algo que não conseguia, mas eu estava ali de novo, pisando no tapete de lã pesado de minha irmã.

Dei uma volta, me perguntando onde Camille estava. Tudo parecia igualzinho à noite que eu tinha partido. Nenhuma coisa fora do lugar nem diferente. Nada além da vela rosa na mesa de apoio ao lado de meu divã brocado favorito.

Estreitei os olhos.

A vela era rosa.

Igual a que eu tinha deixado no Jardim dos Gigantes.

— É uma cópia maravilhosa — comentei, olhando para o teto abobadado da minha casa ancestral. Tentáculos compridos, brilhantes em prata dourada, desciam do cume, e senti uma pontada de saudade de casa. — Mas é falsa. Ainda estamos em Chauntilalie.

Kosamaras rosnou, e em um instante estávamos entre as estátuas de novo.

— Garota maldita.

— Por que mesmo eu tinha medo de você? — ponderei, ousando me aproximar dela.

Ela se afastou, desacostumada a recuar.

— Verity... Estou do seu lado. Esqueça as minhas imprudências antigas e analise os fatos na mesa. Você está correndo um grave perigo. Precisa ir embora de Chauntilalie, e precisa ir agora. Já pode ser tarde demais.

— O que vai acontecer?

Eu não havia pensado que a pele dela poderia ficar ainda mais fantasmagórica, mas aconteceu, ela ficou ainda mais pálida, afetada de forma visível.

— Eles vão usar você, usar seus filhos, como chave. Uma chave para coisas terríveis.

— Que coisas? — insisti.

Quanto menor e mais deplorável ela parecia, mais poderosa eu me sentia.

— Não posso falar.

Fiquei irritada.

— Você não pode fazer muita coisa, né? Quando crianças, nos ensinaram a temer você, a temer os Arautos e nos curvar diante dos deuses, e por quê? Consegui ver além de todas as suas ilusões. Não tenho medo de você. Não tenho medo dos planos de Gerard, mas *você* tem. — Observei seu rosto com cuidado, e ela parecia extremamente apavorada. — O que quer que ache que está por vir está lhe causando arrepios.

Eu queria rir da reviravolta absurda.

— E também devia deixá-la arrepiada, mocinha Taumas. — Ela sibilou, com a valentia oscilando. — Você e aquele garoto vão criar coisas terríveis, coisas terríveis. Terríveis o bastante para deixar até os deuses vulneráveis.

Fiquei surpresa com o pouco de informação que ela me deu, enfim.

— Que garoto? — Meu estômago se revirou, lembrando de como Gerard riscou bruscamente as anotações. — Viktor?

"Volátil demais."

Havia jarros e jarros de criações de Gerard nas quais ele nem pensara duas vezes. Bebês com chifres. Com tentáculos. Com cabeças demais e olhos de menos.

Gerard havia criado aquelas coisas sem pensar duas vezes.

E ainda assim ele temia o que quer que Viktor e eu gerássemos fosse...

"Volátil demais."

— Vá embora — insistiu Kosamaras, segurando meu braço, com o rosto tenso, suplicante, embora cravasse as unhas em minha pele. — Vá embora enquanto pode.

— Ele vai só continuar fazendo mais crianças. Encontrando mais mulheres.

— Não como você. É você que eles temem.

As palavras me acertaram como um golpe no meio do peito.

Os deuses temiam... a mim.

— Eu? — Eu estava atordoada. — Não é de *mim* que precisam ter medo. É dele. É *ele* que precisa ser detido.

— Garota estúpida. Só vá embora.

— Eu vou ficar — respondi, decidida, a determinação correndo por minhas veias e me enraizando ali, naquele lugar, em Chauntilalie com os Laurent.

Eu daria fim a tudo aquilo. Era a única forma de deter Gerard.

O espectro contorceu o rosto de ira.

— Tentei avisar. Tentei evitar tudo isso. Qualquer que seja a danação que trouxer para este mundo, espero que devore você primeiro!

Um raio cortante, largo, branco e fervilhando com eletricidade, acertou a estátua de girafa. O trovão, por sua vez, retumbou em meu peito,

rasgando o mundo. Cobri as orelhas, encolhendo-me diante da força.

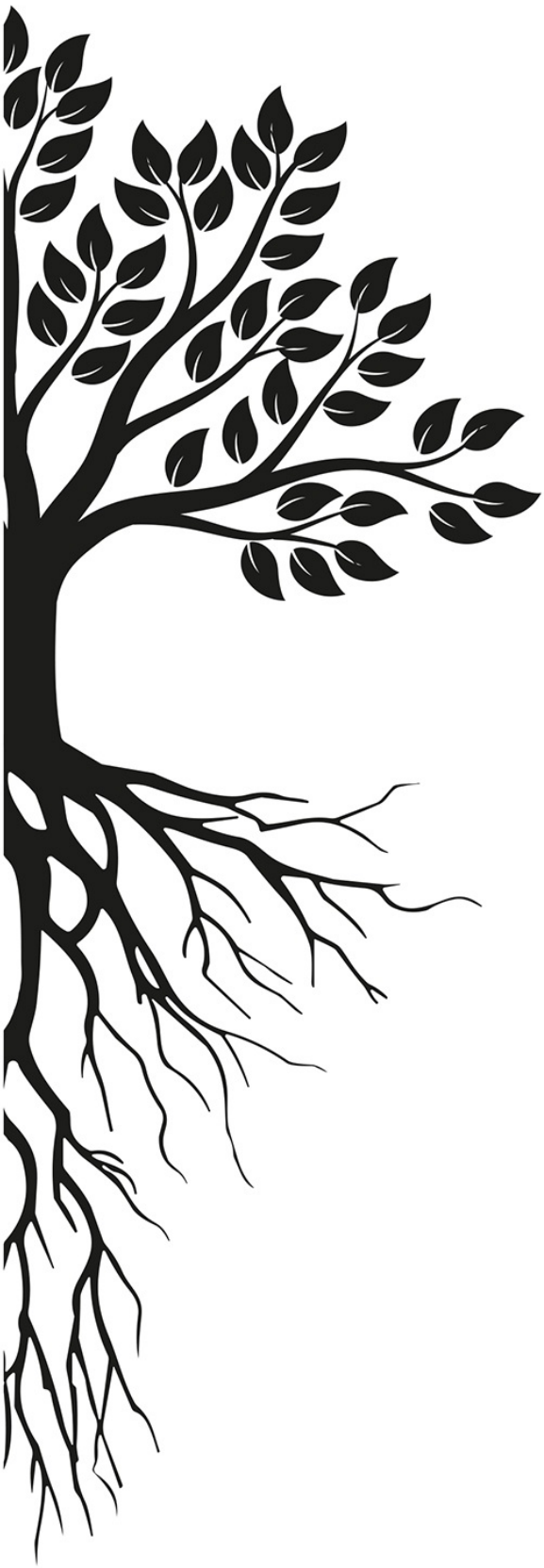
Quando o ar se acalmou, abri os olhos.

A luz do sol havia voltado.

A clareira estava vazia.

Kosamaras tinha sumido.

Só que lá no topo da colina, no caminho coberto por tábuas, observando tudo de queixo caído, horrorizado, estava Alex.



39

— Alex — chamei, cheia de medo.

O que ele viu?

O que escutou?

Ele recuou, afastando-se de mim, com o rosto confuso.

Logo me mexi, subindo pela barragem gramada.

— Espere. Alex! Por favor, espere!

Ele passou por um dos animais do Viveiro, uma quase borboleta com tentáculos em vez de pernas, e o perdi de vista. Quando contornei a grande pedra, vi que ele parara, congelado no meio do caminho, de costas para mim.

— Alex.

Ouvi minha voz se erguer, esperançosa. Talvez não fosse Alex em carne e osso. Talvez fosse só fruto dos venenos que eu havia consumido. Talvez ele nem estivesse ali de verdade.

Só que quando girou a cadeira — ele por completo, inteiro, sem nenhum traço de sobrenatural —, eu soube que estava sem sorte.

— O que *foi* aquilo, Verity?

Umedeci os lábios, ganhando tempo.

— O que... o que você viu exatamente?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Eu não sei. Você estava tendo uma espécie de... acesso. Estava gritando e... — Ele balançou a cabeça, e uma expressão estranha cruzou seu rosto enquanto me observava. — O que tem de errado com você?

Ouvir a insinuação me magoou. Eu sempre soube que havia uma forte possibilidade de ele reagir daquele jeito. Havia sido a razão de eu ter guardado segredo com tanto cuidado até então. Só que ainda doía ouvi-lo falar daquele jeito em voz alta.

— Não tem nada de *errado* comigo. Eu estava... estava falando com alguém.

Alex analisou o jardim, descrente.

— Não tem ninguém aqui. Só você.

— Mas tinha — insisti.

— Eu não vi ninguém.

— Mas eu vi... — Em um gesto ágil, ajoelhei-me ao lado da cadeira dele, ficando cara a cara com ele. — Eu... eu vejo coisas.

— Coisas.

— Fantasmas — confessei baixinho.

— Isso não é possível.

— Parece um delírio, eu sei, mas ainda é verdade. — Segurei as mãos dele, como se a ação afetasse a confissão de modo tangível. — Eu os vejo desde sempre. Desde que era criança. Eu não... não sei sempre se são fantasmas. Minha aia, Hanna... ela esteve comigo a vida toda. Sempre estava lá... dando beijos no joelho ralado, contando histórias antes de eu dormir. Ela me abraçava quando eu chorava, e me fazia rir. Era tudo para mim... Na noite que saí de Highmoor, descobri que ela tinha morrido quando eu era bem pequena. Só que tinha ficado lá, para cuidar de mim. — Meus olhos já estavam marejados. — Aquele tempo todo, ela era um espírito.

O rosto de Alex foi se suavizando.

— Por que não me contou isso antes?

— Eu não sabia o que pensaria. Ou melhor... sabia e não queria ver isso. No geral, quem ouve alguém dizendo que vê fantasmas acha que tem algo de *errado* com a pessoa — expliquei, atirando de volta a adaga que ele lançara em forma de palavras.

Foi bem satisfatório vê-lo se encolher.

— Então... agora há pouco. Lá embaixo. Você estava falando com um fantasma?

— Não exatamente. — Desviei o olhar. Aquele era o momento pelo qual eu estava esperando... Eu contaria tudo a Alex, revelaria tudo o que sabia, e não haveria mais segredos entre nós. Só que, uma vez que a hora tinha chegado, com todas as revelações na ponta da língua, pareceu impossível. Fechei bem os olhos e deixei tudo sair em um rompante intenso. — Era uma Arauta. Kosamaras. Eu a invoquei porque tem algo horrível acontecendo em Chauntilalie. Seu pai... os experimentos de seu pai...

— Os experimentos do papai? — repetiu ele, e ousei abrir os olhos. — As flores? O que tem elas?

Soltei um suspiro trêmulo.

— Ele não está fazendo experimentos só com flores.

Devagar, de modo doloroso, contei tudo.

Alex ficou calado enquanto eu explicava que havia conhecido Constance, que tinha presumido que ela fosse uma das amantes de Gerard, que depois descobrira que ela era um fantasma. Ele ficou imóvel enquanto

eu contava das crianças estranhas, dos diários e das pastas, das listas de outras mulheres. Só quando mencionei os jarros que ele se mexeu.

— Eu... eu não acredito — murmurou devagar. — É horrível demais para ser verdade.

Comprimi os lábios, desejando poder poupá-lo de mais verdades dolorosas.

— Tem mais.

Alex ergueu o olhar, focando em mim. Eu nunca o vira tão exausto.

— Como que ainda pode ter mais?

— Ontem... — Fiz uma pausa, remexendo-me. — Ontem conheci seus irmãos.

Alex abriu a boca, mas não saiu nada. Então tentou de novo.

— Eu não tenho nenhum irmão — declarou ele com cuidado.

— Ah... tem, sim.

Das profundezas da mata atrás de Alex, houve um movimento. A cabeça de Viktor apareceu por trás de uma árvore, e ele acenou para mim. Julien saiu de detrás de um arbusto. Deviam tê-lo seguido até o jardim. Eles o estiveram observando, ouvindo nossa conversa. Esperando pelo momento certo antes de se revelarem.

— Tem dois, na verdade — contrapôs Julien, assustando Alex.

Ele se virou e ficou observando, estupefato, os dois se aproximando.

— Isso é uma piada? — Ele olhou para mim. — Quem... quem são essas pessoas, Verity?

Eu me levantei, sem conseguir responder.

— Não tem por que ficar tão horrorizado. — Viktor se inclinou na direção da cadeira, invadindo o espaço pessoal do irmão enquanto o observava com atenção. — Isso é incrível.

Devagar, como se estivesse hipnotizado, Alex tocou o rosto de Viktor.

— Você é igualzinho a mim.

— *Você* que é igual a *mim*, irmãozinho. E *nós* somos iguais a *ele*.

Alex desviou a atenção para Julien, que ficou afastado, observando o encontro com os olhos neutros e impassíveis.

— Trigêmeos. — A voz dele soou admirada e espantada.

— Alex, esses são Julien e Viktor — anunciei. — Seus irmãos.

— Eu não entendo. Se eles... se vocês... — corrigiu-se, olhando os outros dois para incluir os intrusos. Alex balançou a cabeça quando ficou sem palavras. — Eu não me lembro de ter irmãos. Como não consigo lembrar?

— Éramos bem pequenos quando o papai nos mandou para a Casa Marchioli — revelou Julien. — Logo depois do acidente.

Ele lançou um olhar significativo para a cadeira de rodas.

— Para a Casa Marchioli? — Alex ficou sem reação. — Ninguém vai lá há anos...

— Havia um motivo para isso — comentou Viktor com a voz brincalhona. — Nós dois.

— Mas por quê? Por que o papai mandou vocês embora?

Julien e Viktor se entreolharam, e os senti hesitando.

— Só mostrem a ele — pedi, pronta para que tudo fosse revelado. — Combinamos que contaríamos tudo.

Com um suspiro, Viktor bateu palmas, e o caminho em frente à cadeira de Alex explodiu em chamas. Alex soltou um grito assustado, e as rodas colidiram com o gradil quando ele tentou se afastar do fogo. Sem qualquer reação, Julien pisoteou até as chamas sumirem. Restou um circulozinho de fuligem e cinzas nas tábuas de madeira e um cheiro acre de fuligem no ar.

— O que foi isso? Como você...

Julien se ajoelhou diante da cadeira, focando o olhar no de Alex.

— Os experimentos do papai. A srta. Taumas contou deles, não foi?

Depois de um instante, Alex assentiu.

Julien retesou a mandíbula.

— Nós fomos o primeiro experimento.

Incontrolável, Viktor ateou fogo em várias tábuas ladeando o lago. Os topos felpudos das plantas crepitaram com um estalo dos dedos dele.

Alex observou aquilo, aterrorizado, antes de se virar para Julien.

— Então... você faz isso também?

— Lógico que não — bradou Viktor. — Eu sou único. *Ele* pressente o que os outros ao redor estão pensando. Lê mentes.

Julien estreitou os olhos em um evidente incômodo por ser limitado a uma descrição simplória.

— Não é mesmo tão impressionante quanto atear fogo no mundo, mas é uma característica bem útil. Devo confessar que estou bem curioso a seu respeito, Alexander. Em relação a que tipo de dom você possui.

Alex pareceu abalado.

— Eu não consigo fazer nada... parecido com isso.

— Seu talento pode não dar tanto na cara, mas tem algo aí, de toda forma. A presença da srta. Taumas aqui confirma isso.

— Da srta. Taumas? — Alex desviou o olhar, e fiquei imóvel quando voltou sua atenção para mim. — Verity, do que ele está falando?

Juntei as mãos.

— Julien acha...

— Julien *tem certeza* — corrigiu ele, entre dentes. — O papai descobriu, de algum modo, as habilidades da srta. Taumas de se comunicar com os mortos. Ele a trouxe para cá a fim de uni-la a você. O que quer que você faça deve ser bem impressionante para ele ter tido todo esse trabalho.

— Unir a mim? — retrucou Alex, sem compreender.

Viktor suspirou.

— Não vamos ter que explicar de onde vêm os bebês, vamos?

— Não! — Alex estava com as bochechas vermelhas. — Mas você faz parecer que Verity foi uma esposa por encomenda. Não foi assim. Nada disso. Nós... nós nos amamos.

Julien conteve um suspiro.

— Lógico. Sim. Deve ser muito oportuno se apaixonar pelo outro animal que divide a jaula com você.

— Julien! — exclamei, abismada.

Ele passou os dedos pelo cabelo, bagunçando tudo.

— Você não sabe como os pensamentos dele são exaustivos, srta. Taumas.

— Então por que não nos deixa sozinhos por um instante — rebati com a voz firme.

Não era uma pergunta.

Grunhindo, Julien se afastou, seguindo pelo caminho de tábuas na direção da margem do lago. Viktor o seguiu, dando risadinhas. Alex esperou até que os dois não pudessem ouvir mais nada.

— Eu não entendo o que está acontecendo, Verity. — Ele estava com o olhar fixo ao longe. — Eu tenho irmãos? E o papai... As coisas que disseram... que *você* disse... essas coisas horríveis...

— Eu sinto muito. Muito mesmo. Eu queria lhe contar... Eu queria, mas... agora já sabe de tudo. Parece absurdo. E então eles apareceram... — Fiz uma pausa, com o estômago embrulhado.

Quando ele segurou minha mão, lágrimas de gratidão escorreram por minhas bochechas.

— Eu quero dizer que não acredito, mas cá estão eles, prova de que tem algo errado, prova de que papai está escondendo alguma coisa. — Ele olhou para Viktor e Julien, que estavam sentados em um tronco caído, fazendo bastante esforço para fingir não estarem nos observando. Alex sibilou baixinho. — E mamãe... aqueles são filhos dela. Não tinha como ela não saber deles.

— Só porque ela sabe parte da história não significa que saiba de tudo — argumentei, tentando encontrar um lado positivo na tempestade que nos acometia.

Alex soltou uma risada magoada.

— Julien e Viktor querem acionar as autoridades. Com tudo que encontramos no escritório ontem à noite, vão ter que prendê-lo. — Eu não sabia ao certo se tinha falado aquilo como informação ou alerta.

Relutante, ele assentiu.

— Sinto muito. Eu... eu não consigo imaginar como está se sentindo.

— Enojado. Desolado. Traído. Eu... — Alex passou os dedos pelo rosto. — Eu não sei o que pensar. O que sentir. Em quem confiar. — Ficou olhando para os irmãos por um bom tempo. — Eu não... eu não acho que mamãe sabia dos... dos outros.

Mordi o lábio.

— Com certeza a polícia vai...

— Não. Eu não quero que ela descubra assim. Da boca de desconhecidos. Desconhecidos que vão pensar que ela é culpada de... de tudo *isso*. Verity, você não pode acreditar que ela teria ficado aqui, com papai, se soubesse.

— Não — respondi, afugentando a lembrança de que eu tinha achado que ela mesma matara Constance.

Ele confirmou com a cabeça, aliviado.

— Então o que você quer fazer?

Ele suspirou.

— Tem que haver uma forma de descobrirmos o que ela sabe antes que eles... antes que contem a todo mundo.

Ele lançou um olhar incomodado a Viktor.

— Podemos tirá-la da casa. Conversar com ela. Temos um compromisso na cidade amanhã — mencionei, contorcendo as mãos até os dedos formigarem. — É minha última prova do vestido.

Alex arqueou as sobrancelhas, esperançoso.

— Acha que... acha que consegue descobrir o que ela sabe? O que ela vai confessar?

— Não quer confrontá-la você mesmo? Ouvir o que ela tem a dizer?

— Papai acharia estranho se eu fosse com você em uma prova de vestido... e talvez ela esteja mais aberta, seja mais sincera só com você. — Ele segurou minhas mãos, acariciando-as até a dormência passar. — Por favor, Verity.

Fiz uma pausa, sem saber como revelar um segredo bem guardado, mas Alex parecia tão vulnerável e infeliz que eu não poderia dizer não.

— Eu... eu vou tentar.

Por um instante demorado, ficamos observando as ondas dançando pelo lago.

— Irmãos — murmurou ele enfim, maravilhado. — Eu tenho irmãos.

— Talvez devêssemos ir lá e conhecê-los melhor.

Alex assentiu, mas não se mexeu. Também fiquei ali, parada, disposta a esperar pelo tempo que ele precisasse.

— Eu sinto que estou na beira de um precipício — comentou ele, observando os dois com cuidado. — O solo está começando a ceder, e já não há mais o que fazer. Se eu recuar, a queda vai acontecer mais rápido. Só que ficar parado também não vai me salvar.

— Então vamos cair juntos.

— Desculpe pelo que falei. Não queria insinuar que tem algo de errado com você. Eu só... Fui pego desprevenido. Queria que tivesse me contado antes. Não quero que guardemos segredo um do outro.

— Estava preocupada com o que você ia pensar. Parece absurdo.

— O mundo é cheio de absurdos. — Ele focou o olhar nos irmãos, inquieto. — E se eles estão dizendo a verdade... é bem pior do que eu imaginava. — Então olhou para mim. — Deve ser apavorante ver tudo.

— É, sim. — Lembrei de Kosamaras, das lágrimas pretas, das presas cinza. Então pensei em Hanna, nas xícaras de chá, nos abraços atenciosos. — E não é. Conto mais detalhes depois. Vou dizer tudo, prometo. Só...

— Depois — completou ele, então soltou uma risada sem qualquer pontada de humor.

Levantei a mão dele e dei um beijo em seus dedos. Lá de onde estava sentado, Viktor nos observava, estreitando os olhos obscuros.

Alex também olhava.

— Acho que é melhor não os deixar esperando mais. Vamos?

Confirmei com a cabeça e o segui.



— Você vai falar com Dauphine? — resumiu Julien depois que Alex e eu contamos o plano aos irmãos.

Estávamos na margem do lago, com Julien e Viktor ainda sentados no tronco enquanto eu estava de pé ao lado de Alex. Uma criatura equina se agigantava sobre nós, com a crina feita de espirais flamejantes. Pinças gigantes parecidas com a de um escorpião despontavam do peito da fera, e uma língua bifurcada se derramava, parando a metros da cabeça de Viktor.

Concordei com a cabeça.

— Precisamos descobrir o que ela sabe. Do que ela é culpada de fato.

— E depois? — perguntou Alex, revezando o olhar entre os outros rapazes.

— E então fazemos os dois pagarem — respondeu Viktor, rosnando.

— E então acionamos as autoridades — afirmou Julien, se sobrepondo à dramática sede de sangue do irmão. — Vamos até Florice. Mostramos as provas. Eles vão ter que vasculhar a casa. Vão encontrar os jarros. E o que quer que esteja enterrado no labirinto das sebes.

— E depois, o que acontece? — insistiu Alex. — Se o papai for preso... *quando* ele for preso... ele não vai mais ser duque. Vocês vão ficar aqui?

— Duvido muito — respondeu Julien.

— Mas você é o mais velho, ao que parece — contrapôs Alex.

Eu nunca o vira tão desconfortável. A vida toda dele tinha virado de cabeça para baixo, seu lugar no mundo — outrora tão certo e planejado — não existia mais.

— Eu não tenho interesse no título, na propriedade nem na casa — afirmou Julien, lançando um olhar desdenhoso para Chauntilalie.

— Mas você não pode simplesmente abandonar tudo — argumentou Alex. — O ducado não pode ficar vazio.

— Posso, sim — persistiu Julien, sem emoção. — Acha que abdicar é o quê? — Ele observou Alex com curiosidade, como um cientista faria com um novo e estranho inseto. — Eu tomaria todas as providências para que a propriedade fosse transferida para você primeiro, lógico.

Viktor ficou boquiaberto.

— Ora, espere aí...

Julien nem titubeou.

— Eu não posso imaginar um candidato pior ao ducado do que você. Com suas alterações de humor? Com seus... acidentes? Alex passou a vida se preparando para o cargo. Você está atualizado dos acordos de negócio com as outras províncias? Sabe a porcentagem dos impostos que devem ser aplicados para o rei?

— Bem, não, mas...

— Ele sabe — continuou Julien, brusco. — Você odiaria ficar restrito a uma posição tão limitante e, se parasse mesmo para pensar direito, seria o primeiro a admitir isso. O título fica com Alexander.

Viktor fechou a boca, com uma expressão magoada.

— Que seja, mas quero minha parte da herança. Não dá para um homem vagar pelo reino de bolso vazio.

— Lógico — concordou Alex depressa. — E você também, Julien. Vocês dois sempre serão bem-vindos em Chauntilalie. Eu... eu sei que não

sabemos muito um do outro, e as circunstâncias são no mínimo absurdas, mas... esta é a casa de vocês. As portas sempre estarão abertas.

Viktor pareceu mais tranquilo.

— Então. Parece que estamos resolvidos — comentou, lançando um olhar sombrio a Julien.

— Então — murmurou Julien com um tom definitivo —, você conversa com mamãe amanhã.

— Vou dar meu melhor — prometi, soando mais corajosa do que me sentia.

— Por que daria menos que isso? — Julien me observou, inexpressivo. — Tem uma coisa em seu cabelo.

Ele estava olhando para a lateral do meu rosto, acima da orelha.

— Quê? — Levantei a mão. Algo se mexeu em meus dedos, e logo os afastei, encolhendo-me. — O que é?

— *Eucorysses grandis*, se não me engano. Posso?

Sem esperar pela autorização, ele deu um peteleco no inseto, paralisando-o. O toque pareceu estranho. Ele não parecia me tratar como alguém de carne e osso, só um problema a ser resolvido. Quando se afastou, vi um besouro da cor preta e creme. O casco tinha ângulos pontudos, como uma armadura.

Julien levou o bicho para perto do rosto, analisando-o, preocupado.

— É, ele mesmo. Você tem que ter cuidado, srta. Taumas.

— Como assim?

Ele abriu a mão. O inseto rastejou pela curva da mão dele, exibindo marcas horrendas. Com os ângulos e as manchas, parecia um crânio sorridente.

— Alguns acham que estes besouros prenunciam uma morte horrível.

— Que criatura medonha — murmurou Viktor, inclinando-se à frente para ver melhor e roçando em meu ombro.

Ele não fez menção de se afastar.

Alex se esticou o máximo possível para vislumbrar o maldito inseto. Fazendo careta, deu um tapa no bicho com o pulso, e a criatura caiu na grama.

— Superstições antigas. Nada além disso.

Ele abriu um sorriso, mas pareceu abatido e preocupado.

Dei um passo para o lado, afastando-me de Viktor.

— Lógico. Nunca ouvi falar de um aviso assim antes.

Julien se voltou para mim, um olhar intenso e intrigado.

— E não teria ouvido mesmo, sendo nascida e criada em uma ilha. De qualquer forma, fico feliz de o bicho não ter pousado em minha cabeça.

Senti um arrepio nas costas e quis, em desespero, culpar o ar úmido da manhã.

— Uma completa bobagem — concordou Viktor. — E de toda forma, o último a ser tocado foi o irmão caçula. Eu odiaria estar em seu lugar agora.

— Sério? — A voz de Alex soou com um toque de severidade. — Parece que faz tempo que vem sonhando em estar em meu lugar.

Viktor retesou a mandíbula, e senti a belicosidade se formando entre eles, como a água desgastando uma represa. Eu queria intervir, dissipar a tensão crescente de algum jeito. Eles podiam até não ter crescido juntos, mas ainda eram irmãos, sangue do próprio sangue. Senti um aperto no peito ao pensar em minhas irmãs, na falta que eu sentia delas. Abri a boca, pronta para despejar verdades profundas, mas todas as frases pareciam clichês e insignificantes.

Depois de um momento longo e tenso, Viktor balançou a cabeça e saiu andando.

— Ignore-o — aconselhou Julien enquanto Viktor atirava pedras no lago, tentando fazê-las saltitar pela água. — É o que sempre tento fazer.

— Você mencionou uns acidentes — comentou Alex, observando o irmão do meio com cuidado. — Com... com o fogo?

Julien assentiu.

— Ele sempre teve um temperamento terrível, e as chamas só acentuam isso. Uma desavença pode desencadear um incêndio. É melhor ter cuidado com ele.

Minhas bochechas ficaram vermelhas quando lembrei do outro tipo de fogo que Viktor conseguia provocar. Quando Julien olhou para mim, fiquei paralisada, afugentando os pensamentos.

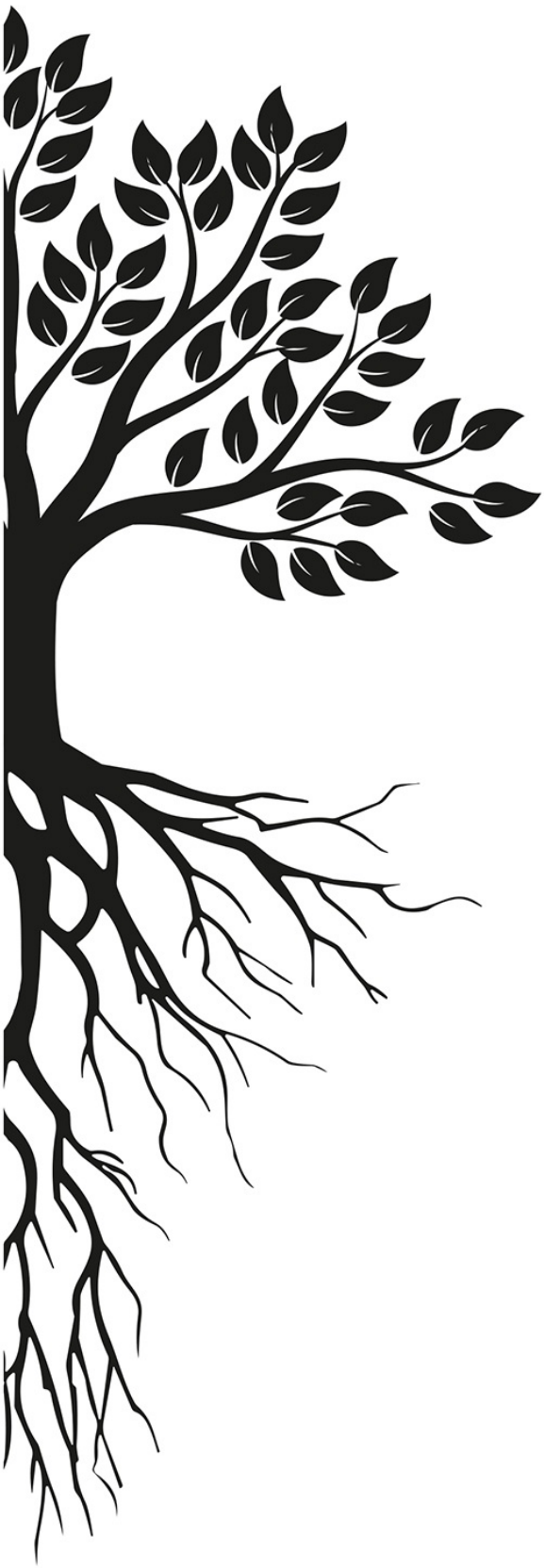
— Acho que vou dar uma volta — anunciei, querendo ir para longe de Julien e daquele olhar sábio demais.

— Não precisa ir — contrapôs Alex, mas eu já me afastava na direção de uma estátua na outra extremidade do lago.

Era menor que as outras, um ápice de listras e garras, uma cauda emplumada e asas coriáceas. Eu me sentei — as patas felinas da criatura eram um assento surpreendentemente confortável — e fiquei observando os irmãos. Alex e Julien pareciam estar envolvidos em uma conversa enquanto Viktor procurava mais pedras.

Sentia os olhos pesados e pisquei, sonolenta, inspirando o ar fresco. Recostei-me na perna da criatura, relaxando os ombros. Todos os segredos que eu tinha guardado a sete chaves, um monte de nós emaranhados e retorcidos, foram expostos. Alex sabia de tudo, e tínhamos um plano, uma linha de ação, uma frente unida.

Pela primeira vez desde que eu chegara a Chauntilalie, estava em paz. Enquanto pegava no sono, ousei acreditar que o bem venceria e que Alex e eu conseguiríamos provar que os deuses estavam errados.



40

Abri bem os olhos quando ouvi um farfalhar suave se aproximando.

Viktor estava a alguns metros de distância, perto da beirada da água. Ele se agachou para arrancar um punhado de lindas florzinhas da grama alta e as ofereceu a mim.

Hesitando, levantei-me de perto da estátua e fui até ele.

— O que é isso? — questionei, girando o caule entre o polegar e os outros dedos.

As flores pareciam a saia de uma moça girando em um salão de baile.

— Dictamo-branco. Sinta o cheiro.

Ergui as pétalas até o nariz e senti o aroma cítrico forte.

— Ah.

Fiquei com os olhos marejados com a surpresa.

— É gostoso, não é? É uma flor especial, na verdade.

— É?

Ele assentiu.

— O óleo na folha é bem inflamável — contou, observando as plantas altas espalhadas pela margem. — Dá para atear fogo nelas... atear fogo em um campo todo, mas a flor em si não queima.

Tive a súbita premonição de que ele estava prestes a botar fogo em tudo ali, só para me mostrar.

— Não faça isso.

Estiquei a mão para pará-lo.

Nossas mãos se tocaram, só uma insinuação de pele na pele, e o ar entre nós mudou, carregado de uma expectativa eletrizante.

Lancei um olhar incomodado a Viktor enquanto me lembrava das palavras de Kosamaras.

"Você e aquele garoto vão criar coisas terríveis, coisas terríveis. Terríveis o bastante para deixar até os deuses vulneráveis."

Houve um momento, uma única inspiração, em que poderia ter me afastado, depressa, agindo como se nada tivesse acontecido.

O momento estava ali.

Então passou.

Segurei a mão dele.

— O que está fazendo, *Ver*?

O tom de voz dele era cálido e divertido, satisfeito, como se soubesse bem o que eu fazia, embora eu mesma não soubesse.

Sem dizer nada, segurei a nuca dele, passando os dedos pelas ondas grossas do cabelo. Ele soltou um som suave e surpreso antes de eu encostar a boca na dele, calando-o.

Viktor retribuiu com o mesmo entusiasmo, e me inclinei para a frente quando ele subiu as mãos pelas minhas costas, puxando-me para si. Abri a boca, deslizando a língua pela dele com uma audácia descarada que não podia ser controlada.

Com um grunhido suave de satisfação, ele deu um passo para a frente, o que me fez dar um passo para trás, e meu tornozelo bateu em uma pedra. Caí em uma cama, cheia de travesseiros de seda e cobertas aveludadas. Não estava ali antes, eu tinha certeza, mas me aconcheguei mesmo assim, desfrutando do conforto lascivo.

Viktor fez o mesmo.

Com movimentos ágeis, ele me deitou no colchão como o prato principal de um banquete, uma oferenda depositada em um altar. Passou as mãos pelo meu corpo com uma reverência ardente, um homem suplicante se curvando em absoluta devoção.

O céu era um vácuo de azul noturno e estrelas cintilantes, espiralando o mais próximo que já estiveram. Rastros de poeira cósmica giravam e brilhavam, caindo nas costas expostas de Viktor, iluminando minha nudez. Eu senti aquela coisa se infiltrar em minha pele, uma energia diferente, moldando e alterando minha essência, fazendo-me querer uma coisa nova, diferente. Era como testemunhar o nascimento de nosso mundo, da galáxia, da própria existência.

Só que então o céu sumiu, o corpo de Viktor ficou na frente quando ele se inclinou sobre mim, beijando meu pescoço, descendo pelo peito, atento aos seios. A pele dele era quente a ponto de ser febril. Nossas respirações ficaram entrecortadas, preenchendo o ar de desejos obscuros, necessidades mais profundas.

Passei os dedos pelos músculos do peito dele, desbravando as ondulações e os formatos de seu corpo, tão diferente do meu. Ele guiou minhas mãos mais para baixo, passando pelos altos e baixos do abdome, acariciando a ereção. Nossos corpos estavam suados por causa do desejo quando o puxei para mais perto, mais perto de minha vontade, cobrindo a mim mesma com o calor dele.

Eu ansiava por Viktor, quase perdendo a sanidade por causa da necessidade incessante de mais, de mais dele, de mais do toque e de todas as coisas bárbaras de tão maravilhosas que o toque provocava. Queimava em minhas veias, deslizando até os pés. Eu os contorci, ardendo de tanta vontade.

Viktor cravou os dedos em minha pele enquanto distribuía beijos ardentes pela curva de meu quadril, e arfei, abrindo os olhos.

Estávamos em chamas.

O fogo era de verdade, crepitando numa dança hipnótica.

Meu sangue chiava enquanto as mãos escaldantes dele desciam ainda mais, apertando minhas coxas, marcando-me com a boca como se fosse ferro quente, mas não havia dor, só aquele desejo sem fim, a insaciabilidade absurda.

"Você e aquele garoto vão criar coisas terríveis, coisas terríveis. Terríveis o bastante para deixar até os deuses vulneráveis."

Afugentei o alerta da Arauta enquanto deslizava as unhas pelas costas de Viktor, fazendo-o soltar um grunhido feroz que me fez querer expor os dentes, uivar para as estrelas.

As estrelas.

Estavam ainda mais próximas, o lugar delas no universo correndo risco enquanto tecíamos novas energias, atraindo-as para observar o início de algo...

Terrível.

Extasiante.

Terrível o bastante para deixar até os deuses vulneráveis.

Um tremor começou a crescer dentro de mim, cintilando e brilhando mais que as estrelas ao redor, girando ainda mais perto. Pulsava um branco incandescente e intenso, iluminando meu corpo com o resplendor. Viktor fitou o fundo dos meus olhos, e seus olhos também emanavam luz.

Uma luz linda e terrível.

Terrível.

— Viktor — murmurei, tentando encontrar uma maneira de parar aquilo, mesmo que cada parte minha berrasse para continuar.

— *Ver* — sussurrou ele com um grunhido, puxando-me mais para perto, e a luz mudou, ficando rosa como o rubor do primeiro amor, como um pêssego maturando ao calor do sol de verão.

Então ficou vermelho, vívido como as papoulas dançando em um campo, um carretel de fios escarlate.

Imaginei os fios nos emaranhando no momento, infiltrando-se por nossos membros entrelaçados, unindo-os como um só corpo quando ele

deu um impulso para a frente, acabando com todo o espaço entre nós.

— Sim — murmurei, arfando, e adentrando profundezas difusas e inebriantes.

Eu não sabia onde ele começava e eu terminava, e não me importava. Éramos um só, e a sensação era tão gostosa, tão certa. Até as estrelas brilharam em concordância.

Porém, a luz delas mudou de novo, ficando mais escura enquanto íamos mais fundo. Tão escura quanto uma mancha de sangue, uma ferida torta, um grito silencioso.

E então ouvi os gritos.

Tantos gritos.

Como se cada pessoa em Florice, em Arcânia, no mundo todo, tivesse aberto a boca e libertado os pavores mais profundos. Berravam pedindo alívio, libertação, o fim daquilo.

Um tremor intenso retumbou embaixo de nós, sacudindo a cama, sacudindo o solo, sacudindo o mundo até se romper.

E as palavras de Kosamaras me voltaram à mente.

"Qualquer que seja a danação que trouxer para este mundo, espero que devore você primeiro!"

Estava vindo. Tinha começado.

— Temos que parar — falei em meio aos soluços, ofegante.

Não podíamos parar.

Não naquele momento.

Não quando estávamos quase lá.

Quando *aquilo* estava quase lá.

Quase...

Lá.

Quase...

Uma batida suave à porta me arrancou do torpor, e abri os olhos, arfando como se tivesse fugido das garras da morte. Meu coração martelava, batendo em uma cadência desconhecida.

Eu estivera tão rendida ao sonho, tão mergulhada dentro dele, de um jeito horrível e arrebatador, que por um momento não lembrava onde estava.

Me sentei, e a consciência voltou de uma vez.

Eu estava na saleta.

Deitada no divã aveludado.

Depois de passar o dia no Jardim dos Gigantes, havia fingido estar com dor de cabeça antes do jantar. Eu sabia que não aguentaria ficar sentada próxima a Gerard, fingindo que estava tudo bem.

O quarto já estava escuro, banhado com tonalidades do azul noturno e luz das estrelas.

Com exceção de Viktor, prostrado na soleira da passagem secreta, iluminado pelo brilho de uma única vela amarela.

Viktor.

Meu corpo grunhiu quando lembrei de como ele havia me tocado.

Ele não.

Fora só um sonho.

Só que senti o desejo nas entranhas pelo eco do êxtase de qualquer jeito.

Ele franziu a testa, parecendo culpado.

— Estava dormindo?

— Eu... — Afastei uma mecha de cabelo, nervosa e afobada. — Eu estava, mas... Que bom que me acordou. Eu estava tendo um pesadelo muito...

Sensual.

Vergonhoso.

— ... chocante — concluí, com o peito subindo e descendo depressa, como se eu estivesse sem fôlego.

Engoli em seco, tentando conter o tremor na voz.

— Não sonhou comigo, então? — questionou ele, bem-humorado.

Bem lá no fundo, senti a forma como a parte mais profunda e secreta de mim reverberara o grunhido feroz dele. Contive o ímpeto de colocá-lo contra a parede e exigir que ele fizesse como no sonho ali mesmo.

— Poxa, não.

— Que pena.

Ele entrou no quarto, seguindo para o divã, e quase caí do móvel na pressa de me afastar quando ele se sentou.

— Você não parece bem — afirmou ele, colocando a vela na mesa à frente.

— É só uma dor de cabeça — respondi, aproveitando a mentira de antes.

— Não é de admirar quando se tenta dormir com todos esses grampos prensando a cabeça.

Com um gesto, ele pegou os grampos que prendiam as ondas de meu cabelo. O cabelo se soltou todo, chegando aos ombros, e cascateando, solto e comprido. Senti um rubor me tomar, quente como uma febre.

Aquilo era muito íntimo.

Muito conturbado.

Muito...

— Linda — murmurou ele, focando o olhar no meu.

Enfiei as mãos por entre o volume das saias, pensando em coisas impossíveis.

E se eu mantivesse o olhar no dele por um instante a mais do que devia? E se nossas mãos roçassem, só um toque?

Aquilo levaria mesmo à destruição do mundo?

Alex, pensei com firmeza, arrastando-o para o foco da minha atenção. A ação foi como ser acertada por uma onda gelada, ensopando o desejo traiçoeiro que me serpenteava por dentro.

Eu nunca o trairia. Sabia daquilo no fundo da alma.

Mas, ah, como as partes profundas, perversas e curiosas de mim queriam fazer aquilo.

— Você pareceu chateado hoje cedo — comentei, tendo o cuidado de me afastar do toque ousado dele. — No jardim das estátuas. Quando Julien disse que deixaria o ducado para Alex.

Viktor deu de ombros.

— Não faz diferença para mim se ele quer desistir do título e das obrigações que vêm junto, mas era de pensar que ele ao menos me perguntaria se eu gostaria de fazer o mesmo. Porém, imagino que ele esteja certo. Eu não faço ideia de como administrar um lugar como este, fazer as coisas que se esperaria que eu fizesse... Mas ainda assim. Parece que ninguém nunca considera perguntar o que eu quero.

— E o *que* você quer?

Era uma pergunta que parecia simples, mas senti um calor se espalhar por meu peito quando ele olhou para mim. Quando percebi como ele poderia interpretar as palavras. Quando ponderei se ele *quereria* interpretar daquele jeito.

Ele passou a língua pelas pontas afiadas dos dentes, pensando.

— Agora?

Abri a boca, mas nada saiu.

— Caminhar com você? — sugeriu Viktor.

— Caminhar? Está tão tarde...

Ele abriu um sorriso.

— E teria hora melhor? Não é como se eu pudesse levá-la em uma caminhada à luz do dia. O que os criados pensariam... Alexander de repente se levantando da cadeira a tempo de valsear com você até o altar?

Ele abaixou o olhar para seu colo.

— O que está fazendo aqui, Viktor? De verdade?

Ele deu de ombros, a luz própria vacilando.

— Na verdade... não consegui dormir. Toda vez que fechava os olhos, eu via as anotações do papai, cravadas em minha mente como uma marca de ferro quente. "Volátil demais." — Ele engoliu em seco. — Eu sinto como se ele tivesse resumido e descartado minha vida inteira com duas palavras.

— Ele pode ter escrito aquilo, mas não significa que é verdade — murmurei, hesitante.

Era óbvio que ele estava magoado, mas eu não fazia ideia de como reconfortá-lo.

Ele *era* volátil; impossível fingir que não.

Só que aquilo não fazia dele dispensável, descartável.

Viktor franziu as sobrancelhas.

— É tão estranho... Passei a vida toda com raiva dele. Com raiva, ódio e repulsa dele. Reclamando do exílio, sonhando com a chance de fazê-lo pagar, de fazê-lo se arrepender, só que no fim, na hora da verdade... ainda quero a aprovação dele. Não é ridículo?

Com cuidado, coloquei a mão em cima da dele.

— Não é ridículo. — Eu queria dizer mais coisas, mas as palavras pareciam embaralhadas demais para serem pronunciadas em ordem. Por fim falei, antes de me levantar e puxá-lo junto: — Vamos. Vamos caminhar.

Viktor sorriu, mas não foi o sorriso malicioso e triunfal que eu esperava. Em vez disso, ele pegou a vela e me conduziu, com gentileza, para a passagem secreta.

Fiz uma pausa, imaginando nossos corpos disputando o espaço no túnel estreito, cada toque e encontrão acidental alimentando meu fogo interno até eu empurrá-lo contra a parede, colar a boca na dele enquanto passeava as mãos por aquele corpo, reivindicando cada pedacinho dele como meu.

Os ecos do mundo soaram em minha mente, fazendo com que eu voltasse para o momento.

— Você primeiro — orientei.

Bem lá no fundo, eu sabia que estava cometendo um erro terrível.

— A dama que manda — respondeu ele, adentrando a escuridão.

Eu me empenhei mais na ação de fechar o painel na parede do que era necessário, ansiosa para ganhar distância entre nós.

Eram sentimentos temporários, lembrei a mim mesma. Ânsia, não amor; desejo, não destino. Aquela vontade passaria, assim como a presença de Viktor em Chauntilalie. Ele iria embora, e eu voltaria a ter controle sobre mim mesma. Era um desatino momentâneo, nada mais.

— Você trancou?

Ele se virou ao perceber que eu não estava atrás dele. A vela projetava sombras estranhas nas paredes com placas de madeira enquanto ele voltava para ficar perto de mim, e eu estivera certa. O espaço era pequeno demais para nós dois. O cheiro dele pairava no ar: denso, herbal e estranho, como uma noite de verão tempestuosa, logo antes de o raio cortar o céu.

Antes de as estrelas despencarem...

— Tranquei, sim — respondi, encostando no revestimento de madeira para tentar ficar longe dele.

— Cuidado — alertou, gesticulando para a vela. — Ou vai acabar se queimando.

Eu me perguntei se ele sabia o quanto aquelas palavras eram verdadeiras.

— Venha — chamou, acenando para que eu o seguisse.

O caminho era estreito, e era difícil ver muita coisa com pouca iluminação, mas o piso era liso e reto. Afastei os pensamentos de torções de tornozelos delicados que resultariam em braços fortes e longos me auxiliando. Menos uma coisa com que me preocupar.

Chegamos a uma bifurcação, e depois de um momento Viktor seguiu para a esquerda.

— Você sabe aonde estamos indo?

— Eu acho que sim. No geral, sim. Falei para Julien que devíamos deixar marcas em giz para nos guiarmos, mas ele insiste em não deixar rastro nenhum de nossa presença "neste solo amaldiçoado". — Ele repetiu em um tom descontente com uma precisão sinistra.

Passei a mão pela parede, e a poeira cobriu os dedos.

— Ele acha mesmo que a casa é amaldiçoada?

Ele deu uma risadinha.

— Você conheceu Julien? Nunca vi uma mente tão guiada pela ciência quanto a dele. Se perfurar aquelas veias, vai sangrar racionalidade e lógica no tapete bonito. — Então suspirou. — Você não faz ideia de como é conviver com alguém tão simplório. Se bem que — acrescentou, pensativo — você passou um tempo com Alex, *afinal*.

— Ele não é simplório.

— A mesa de cabeceira dele tem vários livros — contrapôs ele, fazendo um som de escárnio. — Pilhas e pilhas de livros.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Não tem problema nenhum em gostar de ler.

— Os livros provavelmente vão sufocá-lo enquanto dorme. Talvez você também. Você devia mesmo cancelar o casamento.

Ele olhou por cima do ombro depressa, como se tentando não demonstrar interesse.

— Eu não vou cancelar o casamento por causa de uma pilha de livros.

— Pilhas.

— Nem assim.

Subimos uns degraus, cinco para cima, e então por uma extensão de mais degraus, subindo mais ainda na casa.

— O *que* faria você cancelar?

Havia um tom estrangulado estranho na voz dele, como se precisasse fazer algum esforço para parecer tão despreocupado.

Hesitei.

— Nada.

Viktor fez um som de deboche.

— Está... está brincando?

Balancei a cabeça, embora ele não conseguisse ver. Quando chegou a outra interseção, ele parou, olhando para trás. Eu nunca o vi tão sério antes.

— Você não vai seguir mesmo com isso, vai?

— Por causa de... Gerard? — Eu nem sabia como pronunciar tudo o que tínhamos descoberto no dia anterior.

— Entre outros motivos.

Eu estivera matutando aquilo desde que o plano fora definido no Jardim dos Gigantes. Se os crimes de Gerard fossem expostos, se ele fosse preso e levado embora, não havia mais perigo para mim, para Alex, para nós dois. Minha situação não havia mudado, nem meus sentimentos. Não sairia correndo com o rabo entre as pernas.

— Alex não teve nada a ver com isso.

— Não?

— Óbvio que não. Você o viu hoje. Ele ficou chocado. Não dá para fingir surpresa de maneira tão convincente assim.

Viktor balançou a cabeça em uma ágil discordância.

— É bem como uma pessoa que tem algo a esconder reagiria. Exagerado e dramático demais.

— Foi genuíno. Sincero. Tudo o que Alex é.

Ele fez outro som de deboche.

— Você fala como se o amasse.

— E amo. — Não houve hesitação nenhuma daquela vez.

— Só tem eu aqui, *Ver*. Não precisa fingir.

— Não estou fingindo. — Minhas palavras foram duras, a cabeça de um fósforo faminta por uma chama.

Em um piscar de olhos, Viktor se aproximou e me prensou contra a parede.

— Você disse que ele nunca beijou você como eu beijei.

Eu sentia o calor do hálito dele em meus lábios, seduzindo e me tentando a inclinar a cabeça, acabar com a distância e me perder na promessa daqueles beijos de novo.

Coloquei as mãos no peito dele, com os dedos espalhados, e ele sorriu como se tivesse ganhado. Com uma pressão gentil, mas firme, empurrei-o, conseguindo espaço para me afastar dele, do brilho sombrio nos olhos, do perigo do sorriso ludibriante.

— Amor é mais do que beijo. Bem mais.

— Parece ser uma desculpinha de alguém que nunca recebeu um bom beijo.

— Eu escolho Alex. — Eu me remexi, desconfortável com a forma que ele ainda pairava sobre mim. — Escolhi Alex — corrigi com ênfase.

Ele me encarou com uma expressão horrível de tão indecifrável, antes de se virar e continuar caminhando. Fiquei ali ainda, surpresa por ele ter desistido com tanta facilidade. Viktor parou, sem ouvir meus passos.

— Você vem?

Desconfiada, eu o segui.

— Então você escolheu Alex, e Alex escolheu você, e tudo muito bem, mas e seus filhos? Considerou isso na decisão?

— Talvez filhos não se tornem uma realidade — respondi, tentando manter a voz neutra e inexpressiva.

— E se estiverem? Consegue imaginar pequenas cópias das coisas que viu nos jarros?

Ele estremeceu.

Dei de ombros.

— Isso não aconteceria. O que quer que Gerard queira nos juntando... não vai acontecer. Alex não é como vocês dois. Ele não consegue fazer o que vocês fazem.

Viktor lançou um olhar maroto para mim por cima do ombro, erguendo as sobrancelhas de um jeito descarado e sugestivo.

— Isso nós já sabemos, *Ver*.

Ele esticou a mão como se fosse roçar os dedos por meu corpete, deixando a intenção nítida, mas parou logo antes de me tocar. Um rubor quente e constrangido tomou meu peito, fazendo minhas orelhas queimarem. Tudo o que eu queria transmitir parecia grande demais para ser proferido em palavrinhas organizadas. Meus sentimentos eram uma bagunça só.

— Ah, *Ver* — murmurou ele com um tom de pena. — As coisas que eu podia lhe mostrar.

— Eu não preciso que me mostre nada — bradei, irritada com o tom de voz e as suposições arrogantes.

Empurrei-o para o lado e segui escada acima, sem considerar o chão escuro e desconhecido. Os treze degraus acabavam em uma porta, e lutei com a maçaneta, abrindo-a sem me importar com onde estávamos. O ar noturno invadiu a escada, difundindo o cheiro provocante de jasmim e flores de laranjeira. O mundo existia nas cores índigo e azul-escuro. As estrelas brilhantes giravam em uma dança lenta pela extensão do céu, deslumbrantes em uma beleza distante.

— O jardim do telhado — murmurei, lembrando do primeiro vislumbre que tivera dele através da claraboia enorme na entrada.

Estava ali, na minha frente, tão maior do que parecia lá do térreo. As placas de vidro se projetavam em ângulos pontudos, lisas e prateadas ao luar. Linhas contínuas grossas conectavam a obra.

O restante do telhado era cheio de samambaias e palmeiras em vasos, grandes arbustos com flores e canteiros de florações que desabrochavam à noite. Bancos sinuosos estavam aninhados ao esplendor botânico, os lugares perfeitos para encontros escondidos e sussurros de palavras doces.

Ouvi os passos de Viktor atrás de mim enquanto ele subia.

— A luz das estrelas — anunciou ele, acenando com a mão pelo espaço, cheio de orgulho, como se ele tivesse estruturado o lugar.

— É lindo — respondi com superficialidade.

Afastei-me, apoiando-me no parapeito enquanto fazia o possível para não olhar para Viktor nem para os banquinhos escondidos.

— Você está brava comigo.

— Estou irritada — admiti.

Ele cantarolou, seguindo para o outro lado do telhado.

— Acho que eu mereço.

— Merece mesmo.

— Só... coloque as opções que tem na balança, *Ver*. Todas. Você ficou presa naquelas ilhas por tempo demais. Precisa sair por aí, vivenciar o mundo antes de assumir um compromisso. Desbravar. Satisfazer curiosidades.

Eu me virei para ele, incrédula.

— Você fala como se não tivesse passado a vida toda preso em uma mansão podre. "Vivenciar o mundo" — imitei, abaixando a voz em uma tentativa de interpretar o barítono dele. — Que mundo que você viu?

— Eu vi coisas. Fiz coisas.

— Ah, com certeza — respondi com um tom de voz que deixava evidente que eu não acreditava nele.

— Não foram só tutores que o papai mandava como visita à Marchioli. Tiveram mulheres. — Viktor abriu um meio-sorriso ao lembrar de algo. — Mulheres muito, muito lindas. Julien não quis nada com elas, óbvio. Então sobrava mais para mim... As coisas que fiz lá deixariam você de cabelo em pé, *Ver*.

— Retiro o que disse — declarei com ar altivo e nada impressionado. — Você é um total conhecedor dos prazeres sofisticados. Bem chegado à decadência e aos vícios. Fico maravilhada com sua vasta experiência.

Por um momento o semblante dele murchou, e a vulnerabilidade me lembrou de Alex.

— Para onde você acha que vai? Depois... de tudo? Com o mundo todo a seus pés?

Ele deu de ombros e seguiu para o assento mais próximo da claraboia. O brilho do saguão interno iluminou seu rosto com um resplendor estranho, atraindo-me para sentar na outra ponta do banco, sem querer.

— Eu não *quero* ir a lugar nenhum — ele admitiu. — A vida toda, sempre tive essa imagem de Chauntilalie na mente, como um farol, uma meca, uma luz vívida perfeita no horizonte. Algo com que sonhar, para almejar. Parece absurdo deixar tudo isso de lado.

— Então acha que vai continuar com Julien?

Viktor balançou a cabeça.

— Faz tanto tempo que estamos juntos que parece impossível vivermos separados um dia, mas a ideia de passar outro dia só tendo ele como companhia é insuportável. Ele é tão... vazio, mas ao mesmo tempo não. Tem tantos pensamentos... tanto os dele quanto os de todo mundo. Só pensamentos, nada de sentimento. É como viver apenas com a casca de um ser humano, olhar para uma pintura pela metade, só ouvir as notas da mão esquerda em um solo de piano. Não consigo mais continuar com isso. — Ele passou os dedos pelo cabelo. — Somos tipo um conjunto estranho de aparadores de livros. Julien não sente nada, mas eu sinto *tudo*. A dor do mundo, a ira do mundo. Tudo parece amplificado e exagerado até explodir de mim como...

Ele agitou a mão como se algo o tivesse escaldado, e lá no terraço de baixo um braseiro se acendeu. As chamas subiram na direção do céu, iluminando a noite com um clarão e uma erupção laranja.

— E eu nunca soube o porquê. — Viktor rosnou, fechando a mão em punho. Eu quase discernia o rastro tênue de fumaça escapando dali. — Sabe como é aterrorizante crescer com essas coisas dentro de si... ficar tão

vulnerável e exposto a tudo, saber que é diferente, que ninguém mais sente o que você sente, sabe o que sabe... mas nunca saber o porquê? Ou como? Ou... — Ele soltou uma risada sombria. — Lógico que sabe... e não sabe. Você era bem diferente de todo mundo enquanto crescia... mas você *não* sabia disso, e os outros, sim. — A risada dele ficou mais alta. — Ah, *Ver*, você e eu somos tão parecidos. Tão, tão parecidos.

Ele segurou meu queixo com delicadeza, como se tocasse algo precioso.

— Você não o ama. — A frase foi dita com resolução, uma declaração decidida, não uma indagação duvidosa.

— Amo, sim — insisti, mesmo que cada pedacinho meu quisesse ceder às carícias de Viktor, quisesse tocá-lo também.

— Não como você poderia me amar — contrapôs ele, acariciando minha bochecha com o polegar de um jeito ousado. — Não como sei que eu poderia amar você. Pessoas como nós... nós temos um brilho explosivo, *Ver*. Um brilho que queima e reluz, como o luar nas ondas que tanto ama. Alex não é nada. Ele é terra, tear, solo, barro, e vai sufocar você. Ele vai cobrir e apagar seu brilho para sempre.

— O fogo também não se dá bem com a água — refutei, tentando reunir a determinação necessária para me afastar do toque dele, sem sucesso.

Tentei me lembrar do estrondo aterrorizante no sonho — aquele som horrível e retumbante que anunciava o fim do mundo —, mas ali, na noite cintilante, parecia insignificante, um delírio passageiro, só isso.

— Sabia que do outro lado do mundo há ilhas criadas quando o fogo encontra a água?

— Não — confessei, apertando bem minhas mãos para evitar tocá-lo.

— Era de imaginar que o abraço do mar fosse o fim do fogo, mas juntos formam algo novo e esplendoroso. Vapor, ilhas e vida. Juntos criam um reino todo. Podíamos ser nós dois, *Ver*. — Ele aproximou o rosto do meu, com a boca a míseros centímetros da minha. — Pense nos mundos que poderíamos criar.

— Viktor, eu...

Começou como um contraponto, eu para sempre juraria que sim.

Só que aí ele encostou a boca na minha, ou a minha na dele, ou de alguma forma as duas se movimentaram ao mesmo tempo, encontrando-se, juntas e insistentes. Houve um grunhido. Eu não sabia se partira dele ou de mim, ou de nós dois.

O pensamento foi estridente e intenso em minha mente.

"Nós."

Não havia nós.

Mesmo que meu corpo gritasse pelo dele. Mesmo que eu quisesse puxá-lo para cima de mim, espalhar-me sob o peso maravilhoso do corpo dele, com mil estrelas observando lá de cima.

As estrelas...

As estrelas que faríamos despencar...

As estrelas que faríamos girar de acordo com nossa melodia...

Com certeza não havia um nós.

— Não. — Eu me afastei dele. — Isso não está certo.

— É só continuar me beijando, e eu mostro como pode ser certo. — A voz de Viktor soou baixa e rouca, e tive a súbita vontade de morder o lábio dele só para ouvi-lo gemer.

— Não — repeti com firmeza, tanto em prol dele quanto de mim. — Viktor, pare.

Virei a cabeça para evitar a boca dele — a boca encantadora, carnuda e voraz —, mas aí ele encostou os lábios em meu pescoço. Senti a pulsação acelerada bem ali, senti a onda de calor no ventre, uma ânsia que implorava por ser preenchida. Contudo, me afastei.

Ele me segurou, enfiando os dedos em meu cabelo, puxando-me de volta com uma persistência obstinada.

— Falei para parar! — gritei, tropeçando enquanto me levantava e recuava, ansiosa para me distanciar dele o máximo possível. Eu não estava mais com medo de mudar de ideia e sucumbir à tentação. Estava com medo de ele não acatar minha recusa, não importando o quão alto eu falasse. — Você é volátil demais. Talvez Gerard tivesse razão.

Com um clamor de frustração, Viktor golpeou o banco, um raio cortando o espaço, e a mão dele deixou uma marca chamuscada no mármore claro. De novo e de novo, ele acertou o assento, com a mão brilhando em uma fúria que não era natural.

As plantas ao redor dele começaram a murchar, as folhas magníficas viraram cascos secos em poucos segundos. Eu sentia o calor crescendo mesmo dali onde estava, quente e perigoso, um barril de pólvora soltando faíscas, prestes a inflamar.

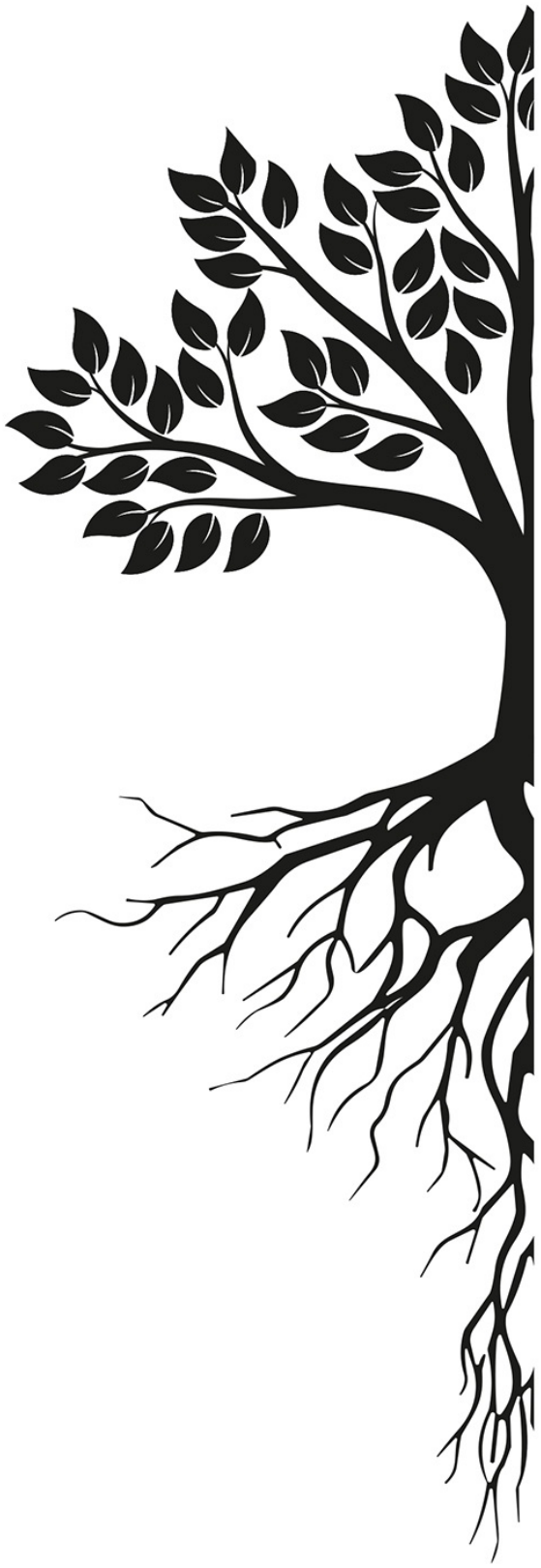
O alerta de Julien soou em minha mente, o eco das palavras me causando arrepios. Ter cuidado não era suficiente. Eu precisava ir embora, precisava ir naquele momento.

— Boa noite, Viktor — falei com a voz decidida, seguindo para a porta principal na lateral do jardim.

Que se danassem as passagens secretas. Eu não poderia imaginar um lugar pior para estar com ele daquele jeito, focado em mim com uma ira indignada e borbulhante.

— *Ver*, eu não queria...

Fechei a porta atrás de mim antes que pudesse ouvir a meia desculpa apressada e apavorada que ele estava prestes a dar.



41

— Fique de olhos fechados — instruiu Dauphine, segurando minha mão e me guiando pela loja.

Encolhi-me quando ela entrelaçou os dedos aos meus e torci para que ela não tivesse percebido.

Eu havia me vestido em uma sala nos fundos do ateliê, sem um único espelho como auxílio. Dauphine quisera me posicionar em uma pequena base na frente do salão para que, quando eu me visse no vestido de noiva finalizado, tivesse a experiência completa.

Parte de mim comemorava enquanto ela seguia com os planos elaborados para o casamento... Com certeza aquilo devia ser um sinal de que ela não sabia de nada, assim como Alex e eu. Se nossa união só significava o próximo passo em um experimento absurdo, por que fazer questão de tanta pompa? Havia formas de Gerard conseguir o que queria sem gastar milhares de floras com arranjos de mesa e massas folhadas.

Dauphine me ajudou a subir na plataforma, segurando minhas mãos para que eu me equilibrasse. Eu estava me movimentando com mais lentidão do que de costume, sobressaltando-me com cada som desconhecido. Depois de fugir de Viktor na noite anterior, minha imaginação tinha criado asas, conjurando cenários terríveis nos quais Gerard irrompia por passagens secretas, portando frascos de venenos desconhecidos e utensílios médicos, exigindo uma linhagem completa de descendentes.

O que Dauphine faria? Ela gritaria e derrubaria os extratos, ou me seguraria no chão enquanto o marido os injetava em mim?

O que se passava por trás daqueles olhos verdes dela?

Eu a senti ajeitando o vestido, os dedos passando pelo tecido nas mangas, antes de afofar a saia.

— Agora — autorizou Dauphine, parecendo satisfeita.

Abri os olhos e senti meus lábios se separarem — os vi no reflexo do espelho —, mas nenhum som saiu.

— Nunca vi uma noiva mais linda — murmurou Dauphine, apertando meus ombros. — Você tinha total razão quanto ao vestido. Fico feliz por ter

te ouvido.

O vestido fora a única parte do casamento em que eu me recusara a ceder. Quando a estilista, a madame Fujiwara, descobrira que eu era artista, contou, toda feliz, que poderia reproduzir a renda em qualquer desenho com que eu ousasse sonhar. Logo entrei em ação, desenhando algo na loja no mesmo dia, determinada a ter uma partezinha da cerimônia que dissesse respeito apenas a Alex e a mim. Ela havia adicionado as sugestões e, juntas, criamos algo significativo e simbólico.

O corpete era de renda pura e tinha um decote alto, com mangas até os cotovelos, e três linhas verticais de alissos espalhados na frente e cheias de linhas diagonais em forma de ondinhas derramando-se do centro da peça. Nas costas era o mesmo desenho, e havia uma fileira comprida de botões minúsculos pela coluna. As linhas geométricas no topo eram bem marcadas com uma faixa combinando antes de escorrer em uma saia comprida e esvoaçante de chiffon plissado.

Dauphine havia dito que era comum que as noivas de Florice escolhessem um tom vibrante para o vestido, e usassem o tom como a cor característica para tudo desde papéis de carta até roupa de cama.

Contudo, as noivas das Salinas usavam branco, e a trama de seda que eu escolhera me fazia lembrar das espumas brancas e salgadas deixadas nas praias de areia preta por ondas que as adoravam. Brilhava com um lustre radiante e fazia minha pele reluzir.

Não era a criação grandiosa e espetacular que Dauphine quisera, com camadas enormes de tule e organza. Não havia bordados elaborados nem lantejoulas estampadas. A beleza jazia nas linhas simples e nítidas, bem executadas e precisas.

Eu amei o vestido.

O desenho era perfeito, uma mistura gloriosa tanto de Alex quanto de mim. O reflexo no espelho mostrava faixas de verde penduradas, partindo de vasos em cestos pela loja, e dezenas de luzes minúsculas brilhando emaranhadas, emanando um aroma suave de manjericão e tangerina. Quase dava para acreditar que meu casamento seria naquele dia. Que eu estava prestes a andar até o altar e me unir a Alexander.

Eu me ative ao sentimento pelo máximo possível, lembrando os momentos felizes antes de Viktor e Julien irromperem em minha vida, destruindo a visão do futuro prometido.

— Querida... está chorando? — questionou Dauphine, aproximando-se para olhar melhor para mim. — Não gostou?

— Eu amei — sussurrei. — É... perfeito.

— Então está chorando de alegria?

Confirmei com a cabeça, mentindo.

Eu estava chorando por causa de todas as coisas que eu achava que compreendia, e que na verdade não fazia ideia. Chorava por tudo o que eu havia esperado que acontecesse, e não mais aconteceria. Uma luz fria e cruel fora projetada sobre a bela fachada de Chauntilalie.

Não faria parte de uma família feliz e perfeita após o casamento.

Era uma família com um passado até mais sombrio do que o meu.

Horror residia entre aquelas paredes douradas.

Observei os movimentos de Dauphine pelo espelho, querendo acreditar que ela era tão vítima quanto nós, querendo acreditar que teríamos outra aliada na hora de revelar os crimes de Gerard.

Kosamaras me mandara fugir.

Julien e Viktor disseram para eu ficar e buscar a verdade.

O que eu queria?

Analisei meu reflexo, vendo todos os detalhes, cheios de significados e cuidado, retratados em um vestido que eu nem sabia se usaria de novo.

Passei os dedos pelas camadas de seda transparentes.

Eu queria, *sim*, usá-lo de novo.

Mesmo sabendo tudo que eu sabia. Mesmo sabendo o que estaria por vir.

Eu queria me casar com Alex.

Os beijos ardentes de Viktor não poderiam mudar aquilo.

Nem os alertas de Kosamaras ou as tramoias absurdas de Gerard.

Exalei depressa, equilibrando-me.

Eu ficaria.

Buscaria a verdade.

Lutaria.

Lutaria pela justiça. Lutaria para revelar todos os segredos e maquinações, deixando que fosse o que tivesse que ser.

Eu queria lutar pelo rapaz que era, *sim*, inocente em tudo aquilo.

O que tinha meu coração nas mãos ternas e sinceras.

O rapaz por quem eu me apaixonara.

— Acho que estamos prontas — afirmou Dauphine, chamando a madame Fujiwara para a análise final.

Endireitei os ombros e ergui o queixo, determinada.

Sim, eu estava pronta mesmo.



— Acho que eu vi uma confeitaria ali na esquina — mencionei casualmente quando saímos do ateliê. Os três irmãos concordaram que eu precisava confrontar Dauphine fora de Chauntilalie. — Quer dar uma paradinha lá antes de voltarmos?

Dauphine levantou a sobrancelha, surpresa.

— Verity... aquela foi a prova final. Nem a maravilhosa madame Fujiwara vai conseguir consertar o vestido se você engordar um único grama antes do casamento.

— Só para um chá — prometi, abrindo um sorriso cativante. — Eu queria falar com você sobre uma coisa... longe da casa.

Ela checou o relógio da torre pairando sobre a praça.

— Hoje não, acho. Nossa lista de afazeres já está quase do tamanho do próprio Viveiro.

Segurei a mão dela antes que avisasse ao condutor da carruagem que estávamos prontas para ir.

— Eu estava pensando em... um presente... para Alex. Um presente de casamento. Eu só... não quero correr o risco de ele ouvir.

Dauphine abriu um sorriso travesso.

— Minha querida, é para *você* ser o presente dele. — Então contorceu a boca, pensativa. — O que me faz lembrar que precisamos decidir seu enxoval também. Você precisa de camisolas novas... chemises... meias de seda...

— Estou falando de um presente material — elucidei, sentindo as orelhas ficarem quentes.

— Alex não vai esperar presente nenhum.

— Mais um motivo então, não é mesmo? Uma boa surpresa.

Ela me observou, parecendo indecisa.

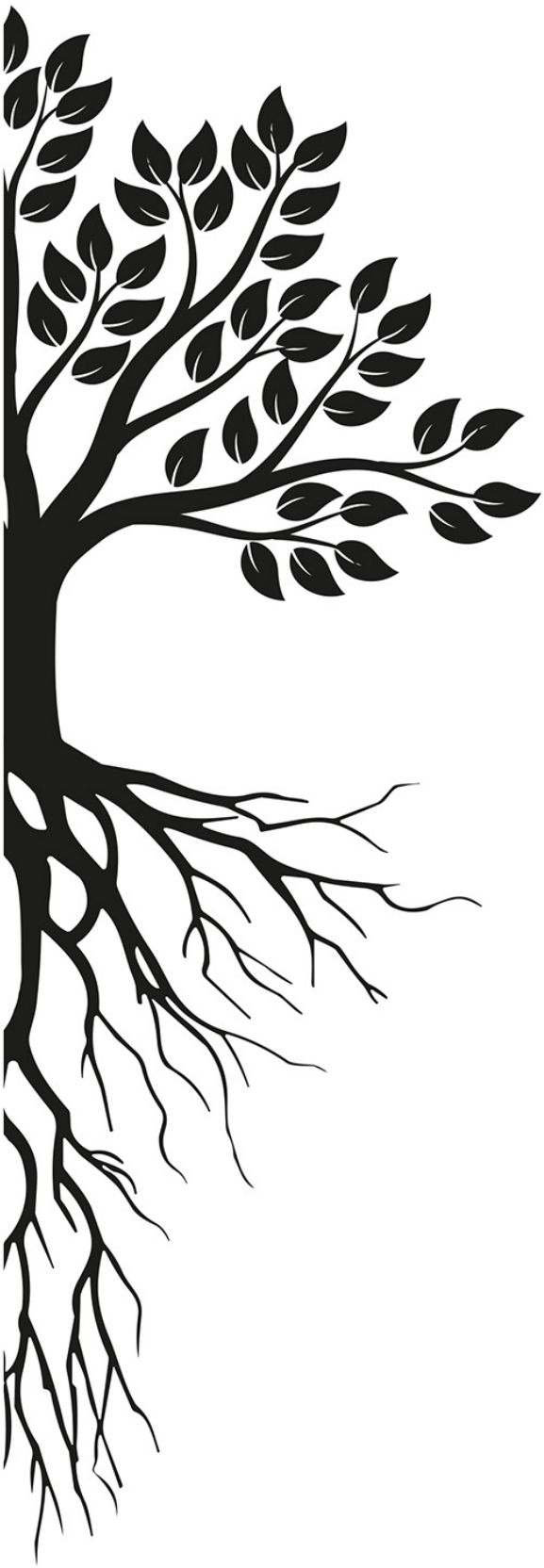
— Na verdade... — acrescentei, tentando pensar em algo que favorecesse meu lado. — Eu queria conversar com você sobre... sobre certas coisas... da noite de núpcias — gaguejei. — Como sabe... eu perdi a minha mãe muito nova, e minhas irmãs estão todas tão longe...

Ela suspirou, compreendendo.

— Ah, sim. Lógico. Lógico que podemos conversar. Mas lá não... Esse tipo de conversa requer privacidade, e a esposa do padeiro gosta de uma fofoca. Metade da cidade vai ficar sabendo dos seus segredos antes mesmo de terminar o primeiro macaron. — Ela olhou pela rua, animando-se. — Tem uma taverna ali na frente de que Gerard gosta. Eles separam uma área só para ele, acredita?

— Ser um duque tem seus privilégios — comentei, esperando que a voz tivesse soado maravilhada.

— E ser a duquesa também — respondeu ela, sorrindo, antes de me puxar pela mão.



42

A SALA PRIVATIVA DO DUQUE ERA surpreendente de tão rústica, e ainda assim combinava bastante com as preferências de Gerard, o que me fez ponderar com que frequência ele ia à taverna, passando as horas lá enquanto presumíamos que ele estivesse na estufa.

A sala era feita de vigas de madeira expostas e paredes de gesso. Ilustrações botânicas detalhadas estavam penduradas nas laterais da lareira. Uma pilha de livros se localizava na cornija, junto a *cloches* de vidro protegendo flores secas e pedras estranhas. Havia duas cadeiras de couro escuro à mesa de tábua, conferindo ao ambiente um aspecto intimista.

Dauphine observou o local com os olhos arregalados, absorvendo todos os detalhes.

— Nunca entrei aqui antes. Gerard diz que gosta da privacidade para trabalhar...

Ela fixou o olhar na segunda cadeira na qual eu tinha me sentado, parecendo incomodada.

Observei as imagens na parede. Uma mostrava a anatomia de uma romã, dividida ao meio e revelando o interior carnudo cheio de sementes. Outra retratava uma orquídea, com as pétalas bem abertas. Fizeram-me lembrar, de modo desconfortável, das ilustrações que eu vira nos cadernos secretos de Gerard. Eu me remexi por causa dos sentimentos estranhamente explícitos que evocaram.

Antes que pudéssemos fazer os pedidos, uma garçonete entrou com uma garrafa de vinho dentro de uma cesta trançada, e dois cálices. Ela tinha muitas sardas e o cabelo de um tom loiro mais escuro.

— Ah, não — recusou Dauphine. — Só queremos chá.

A criada estacou no lugar.

— Mas o duque sempre quer que este vinho seja servido quando chega aqui. Sobretudo na companhia de damas tão belas.

Então sorriu, e vários dentes lhe faltavam.

— Ele não vem hoje. — A voz de Dauphine soou ríspida enquanto suas preocupações foram não só confirmadas como ditas em voz alta, de modo

tão casual. — Vamos ser só nós duas.

A garçonete ficou sem reação, parecendo confusa.

— Mas já abri o vinho...

— Sirva para outra pessoa — intervim, ansiosa para que ela fosse embora. Quanto antes eu conseguisse desvendar os segredos de Dauphine, mais rápido sairíamos daquele lugar desagradável. — O salão de jantar parece bem cheio. Com certeza não vai ser desperdiçado lá.

— Mas é o vinho do duque.

A moça abraçou a bandeja contra o peito, arregalando os olhos como os espectros-escuros protegendo o jardim de Gerard.

Dauphine suspirou.

— Então vamos tomar. — A duquesa serviu minha taça, então a dela, aí fez uma pausa. — Cadê a terceira taça?

— Como é, senhora?

— Se achou que o duque estava vindo, cadê a taça dele?

A atendente se remexeu em desconforto, encolhendo-se diante do olhar penetrante da duquesa, antes de sair da sala sem responder.

Dauphine esfregou o meio da testa como se afugentasse uma dor de cabeça.

— Ele escolhe os lugares mais estranhos para frequentar. — Ela se desvencilhou do devaneio e olhou para mim. — Não importa. A que devemos brindar?

Franzi a testa, considerando as opções. Eu precisava de algo que guiasse a conversa na direção certa. Ergui a taça, inspirada de repente.

— Aos homens Laurent.

Ela soltou uma risada surpresa, mas encostou o cálice ao meu.

— Aos homens Laurent. Que o seu só te amole dos melhores jeitos.

Ela deu um gole demorado, então fez uma careta.

O vinho era muito amargo e ácido.

— Não é possível que isto tenha saído de nossa adega — comentou, erguendo a taça à luz da janela.

A porta foi aberta de novo quando a criada retornou, com um cesto de pães e um pratinho com azeite de oliva, alho e pimenta-preta moída.

— Tem certeza de que este vinho foi aberto agora? — questionou Dauphine, lançando um olhar incisivo para a jovem.

— Sim, milady. Eu que abri.

A duquesa deu outro gole, comprimindo os lábios.

A criada parecia prestes a sair correndo, ali paralisada na mesma posição, pronta para outras exigências por parte da duquesa.

— Posso ajudá-la com mais alguma coisa, milady?

— Por enquanto nada.

Ela foi embora.

Dei um golinho, passando o líquido de um lado para o outro na boca enquanto ponderava qual tática usar. O gosto intenso cobriu meus dentes, e tirei um pedaço do pão, torcendo para que disfarçasse o gosto.

— E ele te amola muito? Gerard?

Dauphine dividiu o pão em dois, mergulhando no azeite uma porção nada digna para uma dama. Mastigou por um momento antes de responder.

— É difícil imaginar agora, mas vai descobrir que todos os homens, até os bons, vão começar a amolar você conforme os anos passam. — Ela bebericou do vinho de novo e pegou mais um pedaço de pão. — É nosso fardo como mulheres suportar isso... Mas é uma conversa deprimente para uma noiva ter dias antes do casamento! Temos anos e anos para nos compadecer em relação a isso.

Confirmei com a cabeça, tentando ser o mais agradável possível.

— Mesmo assim, lamento muito. Ele passa tanto tempo trabalhando...

A risada de Dauphine interrompeu o que eu estava dizendo.

— Você não faz nem ideia. Ele nunca para de trabalhar. Mesmo quando se consegue arrastá-lo da estufa, ele ainda fica pensando, escrevendo. Sabe quantos cadernos ele usa no ano, com as escritas, desenhos e reflexões?

A duquesa balançou a cabeça, girando o vinho dentro do cálice.

— E onde que ele guarda tudo isso?

Julien imaginava que havia um laboratório em algum lugar da propriedade, longe da estufa, onde Gerard fazia a maior parte dos experimentos. Dauphine revelaria o lugar?

As pulseiras tilintaram no braço dela quando ela pegou outra fatia de pão.

— Que pergunta estranha.

Mordi o lábio.

— Eu só... sei como é difícil guardar minhas telas e meus materiais... Só fiquei me perguntando.

Dauphine deu de ombros, acomodando-se no assento na postura mais relaxada que eu já a vira.

— É uma casa grande. Eu não sei dizer... Essas cadeiras são bem confortáveis. Seria uma boa adquirir umas parecidas para colocar em Chauntilalie? No Gabinete Lilás. Que tal?

— E todo aquele trabalho, o tempo aplicado... tudo em nome de plantas — continuei, esperando manter a atenção dela no assunto, incitando mais revelações.

Ela abriu um pequeno sorriso.

— Ah, mas eu sei que Alexander não vai ser assim. Ele sempre foi um garoto tão atencioso. Até quando criança. É uma pena que ele...

— O quê?

Ela balançou a cabeça.

— É bobagem querer coisas que não podem acontecer, mas às vezes me pergunto como ele seria se não tivesse... — Dauphine parou de falar, comprimindo os lábios.

— Caído? — completei.

— Caído — concordou ela. — Ele contou para você o que aconteceu?

Confirmei com a cabeça.

— E o que ele se lembra do acidente?

A frase dela me pareceu estranha.

— Ele falou que estava correndo na escada e caiu.

Notei que a taça dela estava quase vazia e fiz menção de enchê-la de novo.

— Ah, Verity, eu não devia beber mais.

— Se você não contar, eu não conto — respondi, dando uma piscadela, feliz quando ela riu. — E como Alex *deveria* se lembrar do acidente? Aconteceu mais alguma coisa?

Ela levou a taça à boca, ganhando tempo.

— A escada é bem íngreme — falei com cuidado. — Dá para ver que um garotinho teria dificuldade ao passar por ela.

— Você mencionou que queria falar da noite de núpcias — comentou a duquesa, mudando o assunto com brusquidão, e vi que não era sensato continuar insistindo. — Com certeza você sabe um pouco do que acontece.

— Eu... — Observei-a tomar um gole grande do vinho como se em preparação à conversa a seguir. — Um pouco, sim.

Dauphine assentiu.

— Bem... suponho... que haja... dificuldades, de início. Com a lesão de Alexander... na verdade não sei como vai ser entre vocês.

Ela traçou a borda do cálice com o dedo. Eu nunca a vira tão envergonhada.

Se eu a deixasse desconfortável o bastante, talvez ela mudasse de assunto para um mais útil...

— Alex me avisou que talvez não seja possível... consumar de fato... a relação...

As bochechas de Dauphine ficaram vermelhas.

— Ah... Eu nunca havia considerado isso.

— Não? Eu tinha imaginado que...

Ela pigarreou, então deu outro gole.

— Seria horrível decepcionar vocês.

— Decepcionar? — repetiu a duquesa.

— Nunca teríamos filhos — concluí, dando o golpe. Se ela sabia que Gerard tinha me levado para Chauntilalie com um objetivo além do retrato, aquele seria o maior medo dela. — A linhagem Laurent vai acabar com Alex.

— Ah.

A expressão dela se suavizou, e Dauphine colocou a mão em cima da minha na mesa.

— Eu sei que deve ser uma decepção para você. E para Gerard. E minha irmã já me mandou uma carta, comentando sobre a preocupação com isso. — A mentira me escapou com facilidade.

Um lampejo diferente cruzou o olhar dela.

— Mandou?

Assenti.

— Ela disse que era a tarefa mais importante para uma duquesa... garantir o novo herdeiro.

Dauphine franziu a testa, e senti um aperto no peito, sabendo que eu tinha cutucado uma das feridas antigas dela.

— Eu só odeio a ideia de você e Gerard acharem que não estamos levando nossas responsabilidades a sério — expliquei depressa, tentando amenizar a coisa.

Ela bebeu mais vinho, ponderando o que eu dissera.

— Verity, fico emocionada por se preocupar com isso... mas não é necessária a aflição. Se quiser filhos, há várias formas de conseguir isso.

Respirei fundo.

Era o momento.

Ela estava prestes a revelar todos os segredos de Gerard, e iria se incriminar ao fazer isso.

— Tem mesmo?

Dauphine confirmou com a cabeça.

— Lógico.

Como se em busca de força, ela virou o restante da bebida antes de fazer menção de encher minha taça. Quando acenei com a mão, negando, ela colocou o que restava da garrafa no próprio cálice, enchendo quase até a borda.

— É pouco tradicional, mas a adoção é uma opção com certeza.

Ergui as sobrancelhas, surpresa.

— Eu tinha imaginado que... que Gerard... só fosse querer um Laurent legítimo como herdeiro.

O silêncio dominou o lugar por vários momentos.

Dauphine lançou um olhar para a porta, certificando-se de que estávamos sozinhas.

— O que você sabe exatamente?

— O que sei? — repeti, tentando ganhar tempo enquanto meu estômago ficava embrulhado.

O chão sob meus pés de repente pareceu instável, prestes a ceder se eu pisasse em falso. Se eu confessasse o que sabia e ela estivesse do lado de Gerard, iria logo contar a ele, e eles fariam algo antes que Julien e Viktor conseguissem alertar as autoridades. Só que, se eu me fizesse de desentendida, era improvável que ela repassasse alguma informação útil.

Dei um gole no vinho para me tranquilizar antes de lembrar como a bebida era forte.

A duquesa empurrou a cesta de pães em minha direção, então deu outro gole.

Olhei para a taça dela.

O vinho já a tinha afetado... Ela já estava quase esparramada na cadeira, arrancando pedaços de pão com as mãos, parecendo mais uma plebeia do que a estimada Duquesa de Florice.

Talvez também soltasse a língua...

Dei outro gole, o suficiente para quase acabar com o líquido na taça — não daria certo *eu* perder o controle das coisas —, e a empurrei para o centro da mesa, em um lugar que ela com certeza perceberia.

Sempre uma anfitriã graciosa, Dauphine pegou a garrafa antes de lembrar que estava vazia.

— Precisamos de mais vinho! — exclamou ela, aumentando a voz o bastante para a criada ouvir. — Mais pão. Mais vinho.

O tom dela estava tenso; a pele, corada e brilhando de suor.

— Está se sentindo bem? — perguntei.

Dauphine confirmou com a cabeça.

— Estou bem. Na verdade estou me sentindo muito... bem.

Limpei os cantos da boca com o guardanapo, escondendo o sorriso.

Meu plano já estava funcionando.

A criada voltou com uma garrafa aberta na mão e um cesto de pão na outra.

Dauphine bateu palmas como uma criança entusiasmada enquanto a moça enchia de novo a taça, então pegou a garrafa e a dispensou. Com a

mão trêmula, ela encheu meu cálice, deixando gotas de vinho caírem na mesa como respingos de sangue.

Fiquei olhando e me lembrei do sangue no avental de Gerard na noite que Constance morrera.

Como eu pudera pensar que era sumo de beterraba?

Afastei os pensamentos que não importavam naquele momento, mas insistiram em permanecer, como boias no mar. Não importava o quanto eu tentasse não pensar no avental de Gerard, nas unhas dele sujas de preto e vermelho, não conseguia tirar as imagens da mente.

Deixei a taça de lado, decidindo não beber mais. O vinho era mordaz e forte.

Lambi o lábio superior, sentindo um brilho de umidade ali. Apesar de a lareira estar apagada, a sala parecia quente demais.

— Talvez seja melhor bebermos um pouco de água — sugeri, sentindo a língua seca e pegajosa. — Mas... não sabemos o nome dela. Dauphine... não sabemos o nome da garçonete!

Ela me encarou, com uma expressão curiosa de quem achava graça.

— E por que isso seria necessário?

Fiquei sem reação, sentindo as pálpebras pesadas. Era importante demais para mim sabermos o nome, mas eu não conseguia explicar por quê.

— Para pedir água... ou vinho. E se quisermos mais vinho? — Soltei um arquejo. — Ou pão?

Ela riu, e o som pareceu um ronco, o que me fez rir também.

— Sabe um segredo na vida de duquesa? — questionou, gesticulando para que eu me aproximasse como se fosse sussurrar em meu ouvido. — Quando se é duquesa, nunca precisa lembrar o nome de ninguém. É só falar bem alto. Mais vinho! — berrou, como exemplo, e então caiu em uma gargalhada obscena.

Cobri a boca para conter as risadinhas, sentindo os pensamentos correndo soltos pela mente. Eu estivera tentando abordar um assunto, antes de começar o papo sobre garçonetes e vinho. Um assunto importante... Então me animei.

— Eu acho que você estava prestes a me contar uma coisa.

Dauphine passou o dedo pela borda da taça de novo, fazendo soar uma melodia no cristal.

— Eu estava? — Ela me observou com atenção. — Você é tão bonita. Entendo por que ele quer tanto você.

— Alex — afirmei, sentindo o coração se aquecer ao me lembrar dele.

O homem com quem eu me casaria. Meu Alex.

O sorriso de Dauphine diminuiu.

— Isso. Alex, lógico.

— Eu não sou tão bonita quanto você — respondi, preocupada com ela estar precisando de algum reforço positivo, de algum estímulo. — Você é tão forte e linda.

A duquesa pareceu emocionada, passando as mãos pelo vestido.

— Acha mesmo?

Confirmei com a cabeça, enfática.

— E gentil. Vocês vêm sendo tão gentis comigo.

Dauphine descartou o elogio com um aceno de mão, como se espantasse uma mosca.

— Não. Não. Eu podia ter sido mais gentil.

— Não! — Arfei, balançando a cabeça com veemência. Eu queria absorver todo o quentinho que sentia no peito, todo o afeto e a gratidão dentro de mim, e dar a ela. Pareceu fundamental e importante que ela soubesse o quanto eu a estimava. — Você fez tanto... ao me trazer para cá e me ajudar com... tudo.

— Você... — Dauphine parecia prestes a chorar. — Você é bem mais gentil do que eu um dia vou conseguir ser, mas... vai ficar tão brava quando descobrir.

Eu me inclinei para a frente, dando tapinhas no braço dela.

— Descobrir o quê?

Ela balançou a cabeça, contendo um soluço.

— Dauphine. — Comecei a tateá-la, bagunçando os babados plissados que cobriam o corpete. — Conte-me. Você pode me contar qualquer coisa.

— É sobre... — Outro soluço. — É sobre os bebês.

Alertas ressoaram em minha mente, atravessando a bruma estranha que tinha me tomado e fazendo meu coração acelerar.

— Os bebês... os bebês nos jarros?

Fiquei imóvel, percebendo o que havia feito. O que eu havia revelado.

Só que ela confirmou com a cabeça, parecendo não perceber meu erro.

— Os bebês nos jarros.

— E você sabe deles? — perguntei com cuidado.

Apenas após engolir que percebi que eu tinha tomado um pouco da taça. O gosto amargo do vinho persistiu em minha língua. Estremeci e a afastei.

— Ah, sim — confirmou ela depois de um doloroso momento de silêncio. Então tamborilou o dedo na própria têmpora. — Eu sei. Eu *sei* de todos eles. Como foram projetados. Como foram feitos. Mas eu não os *vi*. Ele não me deixa ver.

— Gerard — deduzi, precisando de uma confirmação.

Ela assentiu.

— Gerard que os faz. Os bebês nos jarros.

— Ele tenta fazer — argumentou ela, rindo, embora não houvesse motivo algum para humor.

— Eu os vi.

Dauphine segurou minha mão, meu braço, apertando-me como se eu fosse um colete salva-vidas.

— Viu? Você viu os bebês?

Confirmei com a cabeça, ao que parecia.

— Posso contar um segredo?

Inclinei-me à frente quando ela gesticulou para que eu me aproximasse.

O hálito dela era quente e úmido em meu ouvido.

— É por minha causa que eles estão nos jarros.

— Quê?

Quando arfei, o som se espalhou pela sala silenciosa de maneira brusca, como um tapa.

Dauphine havia confessado.

Havia confessado tudo.

Ela *sabia* dos experimentos.

Tinha *ajudado* com tudo.

Tinha ajudado Gerard depois das consequências caóticas...

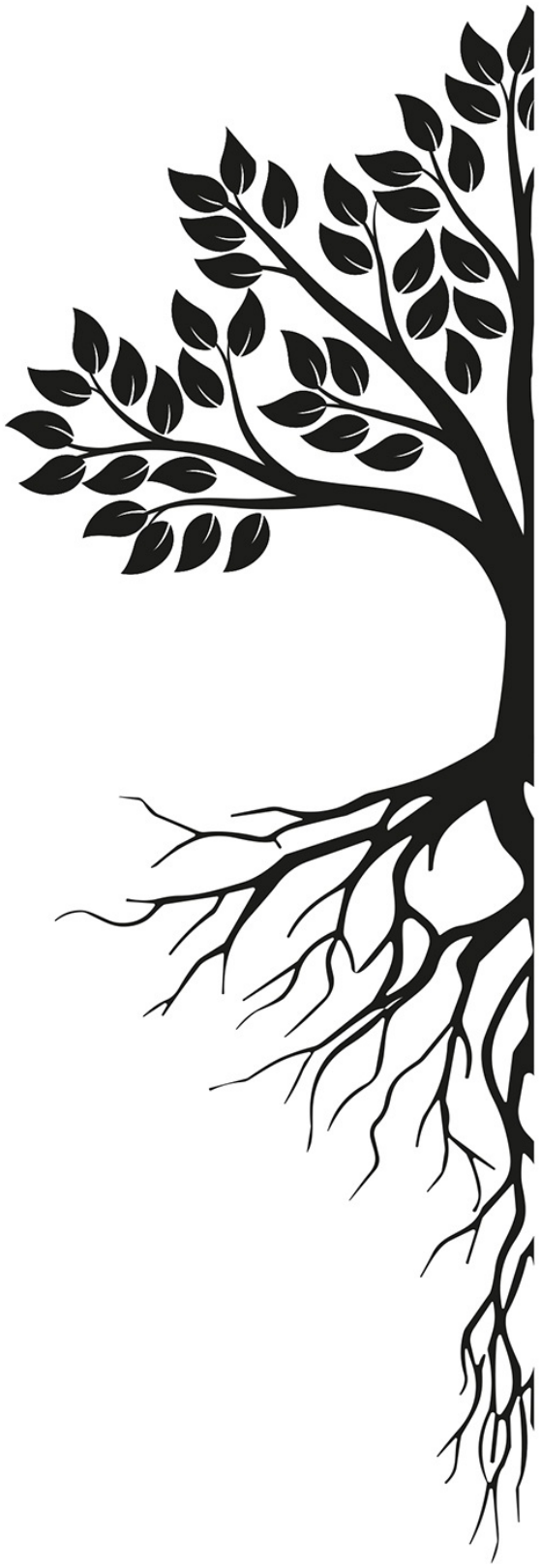
— Digo, eu não os coloquei *nos jarros* — elucidou, tamborilando as mãos na mesa, inquieta. — Mas fui eu que... que impedi que eles nascessem.

Eu me lembrei de como tantos dos bebês eram pequenininhos.

— O que você fez? — sussurrei, enojada.

Ela ficou estática, com os olhos arregalados e vidrados.

— Eu tentei impedi-lo.



43

— Tentou impedi-lo? Tentou fazer o Gerard parar?

Dauphine confirmou com a cabeça, e os brincos balançaram de um lado ao outro com fervor.

— Lógico. Eu não conseguia impedi-lo de achar as mulheres... todas aquelas mulheres áureas... mas conseguia impedir os bebês. Só... — Ela fez um gesto cortante. Uma tesoura dilacerando fios. — Antes que nascessem. — A duquesa afastou uma mecha de cabelo do rosto, como se buscasse se estabilizar. — Não é só ele que entende o que as plantas conseguem fazer.

— Gerard sabe?

Ela negou com a cabeça, então esfregou a testa como se tentasse se livrar da tontura.

— Óbvio que não. Ele nunca consegue ter a perspectiva completa, só o que o interessa. Ele culpou as mulheres. Achou que eram fracas. Nunca percebeu que eu... que eu... — Ela parou de falar como se não conseguisse admitir o que havia feito em si, nem para si mesma.

— Você as envenenou?

— Na maioria das vezes. — Ela umedeceu os lábios. — Tinham tantas, tantas mulheres áureas.

— As mulheres eram áureas?

Minha cabeça latejava, lenta. Palavras que eu sabia que não tinham significado nenhum. Minha cabeça era um emaranhado de ideias sem sentido.

— O sangue delas. Áureo. Como o seu.

Eu me esforçava para acompanhar o raciocínio.

— Se você não queria que os bebês nascessem... por que me mandou aquela carta? Por que me chamou para Chauntilalie?

Ela deu outro gole no vinho, e segurei seu antebraço, evitando que ela virasse a taça toda. As lágrimas que enchiam seus olhos escorreram pelas bochechas, e o remorso da duquesa foi palpável.

— Gerard queria usar você como experimento, não posso negar isso. Mas eu... eu queria você aqui por causa de Alexander. — Ela esfregou a própria bochecha. — Ele estava tão satisfeito e... estagnado. Não queria que

ele permanecesse daquele jeito, para sempre sozinho, para sempre esperando pela próxima etapa na vida. Queria que ele encontrasse o amor, que encontrasse uma parceira que desbravasse o mundo com ele, que expandisse a vida dele de maneiras que eu não conseguiria fazer. A carta que mandei a você não era de todo mentira. Sou, *sim*, amiga de Mercy. Quando eu estava na corte, ela me contou tanto de você, e eu soube, tinha certeza, que se Alexander chegasse a conhecê-la, adoraria você. — Dauphine suspirou. — Sugeri que viesse a Chauntilalie para fazer o retrato, e Gerard... ele tinha ouvido rumores de sua família. Das coisas que tinham acontecido com você quando era criança. Das coisas acontecendo com você agora, acho.

A voz dela era suave e cuidadosa.

— Você sabia as coisas que ele queria fazer comigo, e *mesmo assim me chamou para cá* — acusei, com o estômago embrulhado. Uma onda de raiva me atravessou. — Como pôde?

Dauphine abriu um sorriso doloroso.

— Porque eu sabia que não daria certo. Com a lesão de Alexander... eu sabia que ele não conseguiria ter filhos. — A duquesa balançou a cabeça com fervor, e eu não sabia se ela tentava assegurar a mim ou a si mesma. — E mesmo se conseguisse, ele não é como...

Ela parou de falar bem a tempo.

— Como Julien — concluí. — Como Viktor.

Dauphine inspirou de maneira brusca.

— Como sabe deles? — Ela franziu a testa. — O caderno de Gerard. Você encontrou o caderno de Gerard?

— Eu os conheci.

Ela arregalou os olhos.

— Onde?

— Na casa... nas passagens secretas. Eles... eles estão em Chauntilalie.

A taça caiu da mão dela, estilhaçando-se na mesa.

— Isso não é possível. Não. — A negação dela foi apressada, um apelo para que eu retirasse o que havia dito.

Confirmei com a cabeça.

— Faz semanas que eles estão lá.

Dauphine fechou os olhos, com a respiração trêmula, enquanto a atendente entrava na sala correndo.

— Eu achei que tinha ouvido... Ah, já vou limpar tudo — afirmou ela, seguindo para a mesa, com as mãos inquietas.

— Deixe-nos sozinhas — orientou Dauphine.

— Só vai levar um instante — respondeu a moça, pegando os cacos de vidro maiores. — Vou só...

— Saia. Agora! — gritou a duquesa, e a garota se sobressaltou.

Todos os cacos que ela tinha coletado caíram no chão em meio à pressa com que saiu.

Dauphine abriu os olhos.

— Precisamos voltar para Chauntilalie. Alexander está correndo um grave perigo.

— Por causa deles?

Ela confirmou.

— Não — discordei, mesmo lembrando de Viktor acertando o banco com os punhos escaldantes. — Eles não são... Estão com raiva, sim, mas não são perigosos. Só querem acabar com isso tudo, responsabilizar Gerard. — Fui me acalmando, sentindo o alívio tomar meu peito. — Você pode nos ajudar. Explicar às autoridades o que ele fez. Pode confirmar tudo.

— E confessar o que fiz? O que deixei que ele fizesse? Com aquelas mulheres... comigo? — Ela balançou a cabeça. — Não, Verity. Não.

Então a duquesa pegou a garrafa de vinho e bebeu direto do gargalo.

— E *por que* você deixou? — perguntei baixinho. — Devia saber que todos aqueles medicamentos, aquelas injeções... não eram normais.

Dauphine murmurou em concordância. Sua pele, no geral tão viçosa, estava com uma tonalidade verde pálida, e os olhos estavam vazios e desfocados.

— Eu sabia. Eu sabia de tudo que ele estava fazendo e deixei. — Ela segurou o choro. — E deixei porque era uma jovem estúpida que acreditou nele. Eu acreditava em tudo o que ele fazia, tudo que queria conseguir. — Então soltou uma risada breve. — Eu era tão, tão estúpida.

— Mas *o que* ele está tentando fazer? Encontramos alguns documentos. Sabemos que ele está tentando falar com os deuses, mas por quê?

Ela me encarou com uma expressão enojada.

— Ele não está tentando falar com os deuses, Verity. Está tentando *criar* um.

Meu estômago se revirou quando me lembrei dos bebês nos jarros. As brânquias. Os chifres.

— Isso é impossível.

— Não para Gerard. Não com todas as mulheres áureas. Ele só precisava encontrar a combinação certa.

Ela me lançou um olhar cheio de significado.

Senti um tremor pelo corpo e terminei a taça, querendo me envolver no abraço turvo do vinho e deixar que mascarasse tudo nos tons desfocados da apatia.

Era tudo tão maior do que eu temia. Maior do que eu conseguia dar conta.

Eu queria voltar para Chauntilalie.

Para Alex.

Eu não queria ser a única que sabia daquilo.

— Gerard tinha uma irmã caçula. Sabia? — A voz de Dauphine soou onírica e distante.

— Não sabia.

— O nome dela era Emilee — prosseguiu ela, como se minha resposta pouco importasse. — O pai dele era um homem muito devoto. Allister venerava Arina com muito fervor. Para ele, os deuses eram perfeitos e não erravam nunca. Apesar de toda a devoção, era um homem muito cruel. Fazia vista grossa para o sofrimento dos outros. Dizia que era culpa deles, que se eles tivessem sido mais devotos, mais pios, o sofrimento não os acometeria.

— O que aconteceu com Emilee? — perguntei e me encolhi antes mesmo de ouvir a resposta.

— Ela nasceu sem mãos. Em vez de deixar que a cidade ponderasse o que o grande e imponente Allister Laurent tinha feito para desagradar Arina, o pai de Gerard a afogou no lago com as carpas quando ela tinha uma semana de vida. Ela foi enterrada perto do lago, no bosque que Gerard plantou as cercis. Ele disse que as flores o fazem se lembrar das bochechinhas rosadas dela.

— Que horror.

— Naquele dia, foi a última vez que Gerard orou para os deuses. — Dauphine bebericou do vinho, com o olhar ainda vidrado. — Ele os viu como seres imperfeitos, nem onipotentes nem infalíveis. Percebeu todas as falhas que existiam em nosso mundo, no mundo que *eles* criaram. E queria consertar tudo.

Então recolocou a garrafa na mesa.

— Ele começou devagar, remendando plantas, fazendo pequenas mudanças para aperfeiçoá-las, então passou para coisas maiores. Ele me conheceu quando eu tinha dezesseis anos. — A duquesa suspirou e sorriu, de alguma forma lembrando aquela época com alegria. — Ele era tão deslumbrante e carismático. Eu o adorava. Teria feito qualquer coisa que ele pedisse. — Dauphine fez uma pausa. — Eu *fiz* tudo que ele pediu... e funcionou. Tivemos três filhos e... Você devia tê-los visto quando

nasceram, Verity. Eles eram mesmo áureos. Tinham uma aura de importância. Dava para ver que eram seres que mudariam o mundo.

— Mas vocês os exilaram. Mandaram Julien e Viktor embora.

Ela assentiu, parecendo afetada.

— Pode-se dizer que tentamos alcançar as estrelas, mas não sabíamos como elas queimavam até fazer isso de fato.

Ela pegou a garrafa e bebeu de novo. Deu um gole. Dois. Três.

— Alcançar as estrelas? — repeti, remexendo-me quando o sonho, o pesadelo, voltou à minha mente. Um rubor de vergonha cobriu minhas bochechas, tão ardente quanto as estrelas de Dauphine. — Temos que voltar. — Eu tinha descoberto tudo o que importava e queria pôr fim àquilo. — Temos que voltar agora.

— O vinho acabou. — Dauphine virou a garrafa de ponta-cabeça. Não caiu nem uma gota. — E não descobrimos o nome da criada. Olá? — Ela levantou a voz. — Olá, aí fora. Ah, cadê ela?

Tentei detê-la quando ela se levantou, afastando a cadeira da mesa, chutando lascas de vidro no chão, mas seus braços estavam escorregadios. Escorregadios e suados como eu imaginava que minhas mãos também estavam. Quando tinha ficado tão quente?

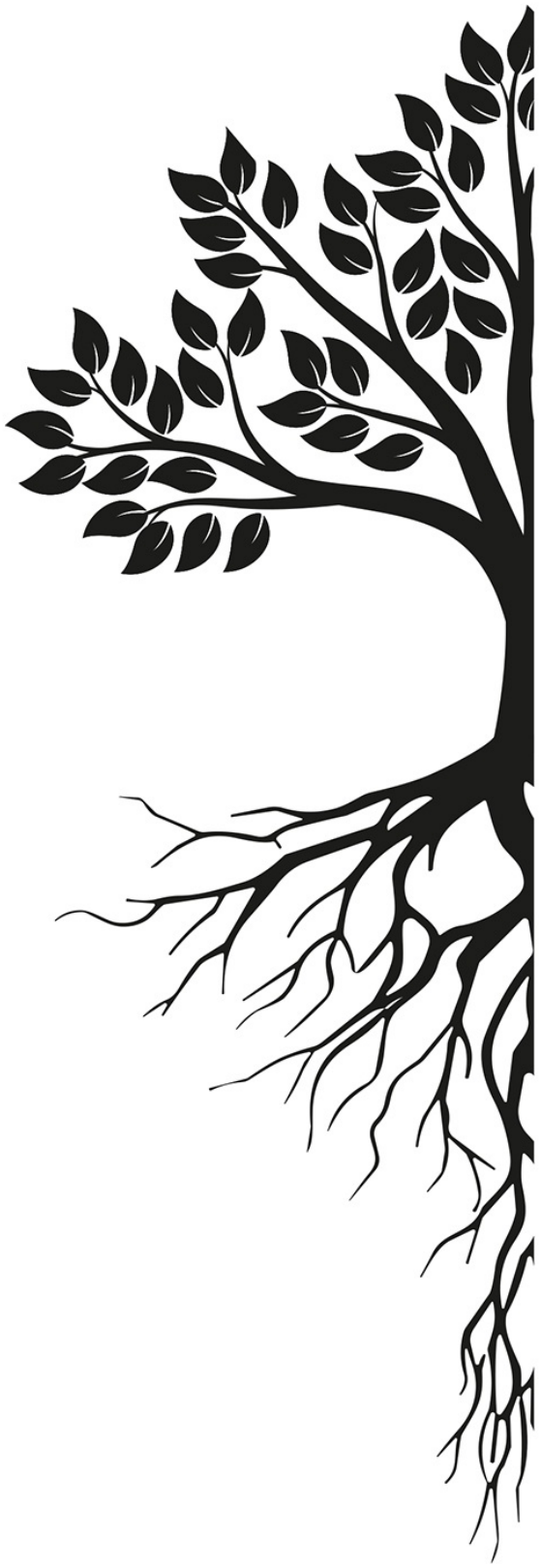
Quando Dauphine tentou se levantar, caiu de novo, com um baque deselegante.

— Ah. Isso não está funcionando. — Ela franziu as sobrancelhas, e por um momento, pareceu tão indisposta quanto eu. — Isso... isso não está funcionando. — Então umedeceu os lábios e caiu na gargalhada, e o riso era estridente demais, alto demais, tudo demais, e então chamou: — Olá? Sim. Aqui dentro! Precisamos...

— De ajuda — murmurei, oferecendo a ela a palavra certa, antes que as paredes se curvassem todas, engolindo-me por inteiro. — Alguém... nos ajude. Me... ajude...

Ela fez um som de deboche, calando-me.

— Não precisamos de ajuda. Precisamos é de mais vinho!



44

A CAMA DE ALEX ERA ENORME, duas vezes mais ampla que o próprio comprimento e coberta por uma colcha de veludo na cor carvão. Parecia pecaminosa de tão luxuosa enquanto eu subia ali, rastejando pelo colchão acolchoado como se eu fosse uma aventureira destemida, escalando uma montanha inexplorada. Ao me imaginar trajando uma gabardine monótona verde-oliva e óculos, dei uma risadinha.

Alex se remexeu.

— Verity? — sussurrou ele, com a voz rouca de sono. — Onde você passou o dia? Achamos que já estaria em casa horas atrás.

— Eu estava com Dauphine — cantarolei, e foi bonito como a canção de um rouxinol. — Experimentamos o vestido de noiva. — Outra risadinha. — Bem, eu. Não nós. Eu. *Eu* experimentei *meu* vestido de noiva, e ela ajudou. — Solucei. — Alex, é tão bonito. É tão bonito, comprido, branco e bonito e você devia ver. E vai. Você vai ver.

Ele se sentou, coçando a cabeça. O cabelo estava lindo e desarrumado.

— Você... você está bêbada?

— Não! Não. Acho que não. Bem. Teve uma garrafa de vinho. Duas. Talvez três? Mas já faz horas. Acho. Que horas são?

O mundo flutuava ao meu redor, parecendo grande demais, e ficar focada era bem difícil. Fixei o olhar em Alex, deixando o restante do quarto se mesclar ao caos vertiginoso.

Ele ajustou os travesseiros atrás de si, para que ficasse sentado.

— Pode abrir as cortinas? Eu não consigo ver o relógio daqui.

— Deve ser tarde. Parece ser muitíssimo tarde — respondi, fazendo o que ele pediu. Quase trombei com uma poltrona que brotou de repente do chão como uma flor. Quando abri as cortinas, raios de sol se infiltraram no quarto, ofuscando minha vista. — Ah. Ou não.

— Não — concordou ele, estreitando os olhos. — Passei a manhã toda esperando você e a mamãe voltarem. Fiquei ansioso para saber o que ela disse.

— Ela disse... disse... Você está na cama.

Gargalhei de novo.

Ele franziu bem a testa.

— Tive espasmos musculares outra vez.

— Ah, Alex. — Voltei para a cama e me sentei ao lado dele, segurando suas mãos. — Você está bem?

— Melhor agora que está em casa sã e salva... parece. O que a mamãe falou?

Ele afofou os travesseiros, chamando-me para ficar ao lado dele.

— Fomos a uma taverna maravilhosa — anunciei, passando por cima dele e mergulhando na maciez felpuda. — Seu pai tem um excelente gosto para vinho.

Alex inclinou a cabeça, com uma expressão preocupada.

— Papai estava lá?

— Estava? — Fiquei nervosa. — Eu não o vi! Ah, ele vai ficar tão chateado por não termos ido cumprimentá-lo.

Sentindo-me bastante à vontade, aninhei-me junto a ele, apoiando a cabeça em seu peito. Ele tinha um cheiro tão... verde. Como grama recém-aparada e folhas banhadas pelo sol, uma tempestade de verão e uma trilha pela floresta.

Alex prendeu a respiração.

— Conte o que a mamãe disse. Passei o dia todo sem ver Julien e Viktor, e com você tendo passado tanto tempo fora... comecei a pensar que o que aconteceu ontem foi só um sonho.

A cama era confortabilíssima, e fechei os olhos em meio à bruma sonolenta, embalada pelo calor do corpo de Alex. Ele me cutucou na cintura com uma persistência irritante.

— Sim, sim. Sua mãe... Sua mãe...

— Minha mãe — insistiu ele.

— Ela...

Minha boca ficou mole enquanto o sono se esforçava para me enlaçar.

— Verity — chamou Alex, com os lábios perto de meu ouvido.

— Hum?

Ele me cutucou no ombro, me puxando da maravilhosa inconsciência.

— Sabe, imaginei nossa primeira vez nesta cama de um jeito um pouco diferente.

— Seu pai também.

Senti o estômago revirar, dolorido e enjoado, e o suor se acumulou por meu couro cabeludo. Eu estava com uma sensação densa e esquisita na boca. Eu bebi *tanto* vinho assim?

Eu tinha uma vaga lembrança de Dauphine pedindo uma terceira garrafa, mas eu achava que não tinha bebido. Ela bebeu. A duquesa havia

lançado os recipientes vazios na lareira, rindo que nem uma tola quando se estilhaçaram todos, virando lascas verdes. Bastian havia entrado lá logo depois, conduzindo-nos para fora da taverna e para dentro da carruagem. Eu me esforcei para lembrar o que acontecera depois. Parecia bem mais fácil fechar os olhos e esquecer de tudo.

— Verity Taumas! — exclamou Alex, e a voz me arrancou do torpor. — O que aconteceu hoje?

Eu me esforcei para me sentar e então me recostei toda no cantinho da pilha de travesseiros. Esfreguei a nuca, tentando me manter acordada e no presente.

— Água, por favor.

Ele se esticou na direção da mesa de cabeceira e me serviu um copo de água.

— Ótima ideia. Beba esse copo, e depois mais um.

Confirmei com a cabeça, grata enquanto virava tudo em uma golada sedenta.

Ele encheu o copo outra vez, e outra, antes de deixar a jarra de lado.

— Então?

Enquanto eu tentava focar, o quarto começou a girar.

— Ela sabe.

Alex mordeu o lábio, sério.

— Tem certeza?

Assenti.

— E... tem mais...

Ele franziu as sobrancelhas.

— Como pode ter mais?

Fiz uma pausa, sem saber exatamente como explicar todas as revelações que foram feitas na taverna.

— Ela sabia dos experimentos... nas mulheres e nela. Sabia que Gerard estava tentando moldar vocês todos em algo que fosse...

Áureo.

— ... maior do que seriam.

Ele franziu a testa.

— Como assim?

Umedeci os lábios.

— Ele está tentando criar um novo tipo de pessoa. Não... nem uma pessoa, na verdade. — Dei um bom gole na água. — Ele está tentando criar um deus.

Alex fez um som de incredulidade.

— Não é possível.

Eu queria concordar, mas não podia.

— Você não viu os bebês... Tinham umas coisas neles tão diferentes. Tão erradas. Tão...

Áureas.

Dei de ombros, impotente.

— Mas se... se o papai selecionava mulheres com um sangue especial, com pais ou avós ou primos de segundo grau que fossem divinos... — Ele passou os dedos pelo cabelo, esforçando-se para ordenar os pensamentos. — Por que os bebês todos morreram? Julien, Viktor e eu... vivemos. Por que os outros morreram?

— Dauphine — murmurei, com um tom triste.

— Minha mãe?

— Depois de ver os poderes que Viktor e Julien tinham... ela mudou de ideia. Não apoiava mais o que Gerard estava fazendo. Então ela... ela fez o possível para impedi-lo. — Respirei fundo. — Ela disse que Gerard não é o único que sabia o que as plantas conseguiam fazer.

Alex pareceu nauseado.

— Você acha que ela envenenou as mulheres? E os bebês?

— Tenho certeza disso.

— E o papai não sabia.

Foi uma declaração da parte dele. Não uma pergunta.

— É por isso que continua trabalhando nisso, testando novos extratos, novas linhagens. Ele sabe que acertou uma vez. Não entende por que agora está falhando.

— A mamãe vai contar tudo às autoridades? Vai nos ajudar a prender o papai?

— Eu acho que dá para convencê-la. — Ergui a cabeça. — Você consegue convencê-la. Ela está dormindo agora, com certeza. Acho que Bastian a ajudou a ir para o quarto. Mas quando Dauphine acordar, converse com ela. Ela ama você. Demais. Eu sei que faria qualquer coisa que pedisse.

Alex confirmou com a cabeça, sem focar o olhar no meu.

— Está tudo bem?

Ele soltou uma risada sem humor.

— Que pergunta boba. Não tem nada bem agora, eu sei, mas... — tentei amenizar.

— Há quanto tempo você sabia deles? — questionou Alex.

Um sinal de alerta soou dentro de mim.

— De Julien e Viktor? Só por um dia. Nem chegou a isso.

Ele fez uma careta, e a mágoa ficou evidente.

— Como você pôde esconder algo, algo tão grande, de mim, por qualquer segundo que fosse?

— Alex, eu queria contar. Queria. Eu juro.

Segurei as mãos dele.

— Ele gosta de você, sabe? — murmurou Alex com a voz baixinha e tensa. Ainda não olhava para mim. — O Viktor. Ele flerta com você... bem na cara. Foi por isso... foi por isso que não me contou?

— Não. — Eu não sabia se a resposta tinha saído depressa demais, com um toque de culpa. — Não, lógico que não.

Ele ficou sem reação, com os olhos brilhando demais.

— Eu o vi parado ao seu lado, andando ao seu lado, e só... Tive esse vislumbre de como poderíamos ter sido se não fosse pela cadeira. Se eu não tivesse caído. Poderíamos ter feito tantas coisas, Verity. Tantas coisas que eu quero fazer e... — Ele passou a mão pelo rosto, contendo o rompante de emoções. — Acho que estou com ciúme. Muito ciúme.

Passei a língua pelos dentes. Ainda estava grossa, pesada e incapaz de expressar o que se passava em minha mente.

— Prometo a você, com todo o meu coração, não tem comparação entre vocês. — Segurei o rosto dele. — Viktor pode ter andado ao meu lado por uma tarde, mas você vai estar comigo pelo restante de nossas vidas. Lamento muito se já duvidou de que é o bastante para mim.

— Estou me sentindo bobo.

— Não se sinta. Mas se precisa me ouvir dizendo... Alex, eu te amo. Com tudo o que sou. É você que eu quero. É com você que vou me casar.

Ele abriu um sorrisinho, mas ainda parecia muito triste.

— Mesmo depois de tudo, depois de tudo que minha família fez... Ainda quer se casar comigo?

— Eu não vou casar com sua família, e sim com você.

No entanto, a expressão dele não mudou.

— Alex — murmurei com suavidade, com medo de que a emoção repentina dentro de mim se esvaísse, uma borboleta mal se apoiando em cima de uma flor.

Ele focou o olhar no meu.

E então o beijei.

Por um momento, ele permaneceu estático, sem reação, e temi ter piorado as coisas de alguma forma. Só que então eu o senti me beijando de volta, sua boca ganhando vida.

A hesitação e a cautela sumiram. Eu não estava mais preocupada com o que deveria estar fazendo com cada partezinha minha. Fechei olhos e

desfrutei do que aquilo de fato era, do que um beijo era para ser, com ele. Quando Alex se afastou, eu estava ofegante, zonza e irradiando alegria.

— Tudo bem... tudo bem se eu ficar mais um pouco aqui com você?

Alex deu um beijo em minha testa, concordando com a cabeça.

— Por favor.

Eu me acomodei no colchão, apoiando a bochecha em seu peito. Quando ousei olhar para ele, Alex estava de olhos fechados, com o rosto relaxado e encantador. Fiquei o observando, com os olhos vagando, de forma carinhosa, pela extensão de seu nariz, a curva das sobrancelhas.

Era uma sensação... boa.

Certa.

Eu via os próximos anos se desenrolando dali em diante, Alex e eu, juntos contra o mundo. No dia que ele me pedira em casamento, eu soubera que o amara — que me importava com ele, que tinha grande apreciação e afeto —, mas naquele dia, naquele momento, eu *me apaixonei* por ele. Mais do que eu imaginara ser possível.

Eu me ergui em um cotovelo, inclinando-me na direção dele, e o beijei suavemente, hesitando, ponderando. Ele abriu os olhos, focando o olhar no meu.

— Por que isso? — questionou ele, e os lábios roçaram nos meus ao falar, o que me causou deliciosos tremores pelo corpo.

— Porque eu posso — respondi, com a alegria me inflamando por dentro. — Porque eu quis. Porque te amo.

— Te amo — repetiu ele, sem saber que a revelação acertara meu coração em cheio.

E aquilo era certo.

Eu saber era suficiente. Que eu tivesse sido mudada.

Então o beijei de novo, prendendo a respiração quando ele me abraçou, o abraço mais doce de todos. Ele movimentou a boca na minha devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo, como se tivéssemos uma vida inteira para desbravar cada centímetro um do outro.

E tínhamos, mesmo.

— Você parece o mar — murmurei, com os dedos traçando o peito dele, tocando o rosto e se enfiando no cabelo escuro.

Eu nunca tinha me sentido em paz daquele jeito a não ser no abraço arrebatador das ondas. Era como se eu estivesse flutuando, com o rosto virado na direção do sol, aninhada no aperto frio da água. A coisa me segurava, me cobria, me cercava com uma segurança constante, conferindo paz interior.

Ele parou, parecendo achar graça.

— O mar? Eu sou o mais enraizado na terra possível. Eu *sou* raiz — comentou ele, espalhando as mãos em minhas costas, puxando-me para perto. — Uma raiz em um sistema bem amplo, tudo sustentando a mesma árvore distorcida que está apodrecendo. Mas você — completou ele, e arfei quando mordiscou a lateral de minha mandíbula — você é a chuva.

Alex enfiou a língua em minha boca, buscando e provocando. Era *daquele jeito* que eu torcera para que fosse a sensação dos beijos dele, que me deixassem maravilhada e desnorteada. Estava zonza demais para conseguir respirar e, embora me doesse, afastei-me dele, deitando-me de costas enquanto tentava recuperar o fôlego.

Com cuidado, ele rolou para o lado, encostando o corpo todo no meu. Sua pele estava bem quente, e eu queria puxá-lo para cima de mim, me perder sob o peso dele, absorvendo tudo dele para dentro de mim.

Ele me deu vários beijinhos no rosto, gestos de reverência e admiração.

— Você é como uma chuva de verão que atingiu minha vida, encharcando o solo e me fazendo ganhar vida. Estou falando sério, Verity — afirmou, parando com os beijos. — Eu era uma semente plantada bem fundo no solo, esperando pelo início da vida. Eu imaginava o que faria e como seria quando crescesse, quando eu assumisse o título do papai. Mas você... você me fez perceber que posso ser esse homem agora. Não preciso esperar. Nem ponderar. Você fez com que me desenvolvesse e me tornasse a pessoa que queria ser. Então viu... terra — disse ele, pressionando a mão ao peito. Depois passou os dedos por minha boca antes de me dar um beijo intenso. — E água.

Eu me perdi na bruma extasiante da boca dele na minha, nas mãos dele libertando partes de mim que eu nem sabia existir enquanto os nossos arfares e suspiros preenchiam o quarto.

— É mais que isso — murmurei enquanto ele roçava os dentes por meu pescoço.

— Mais? — perguntou ele, com a voz tomada pelo calor e pelo desejo.

— Mais — concordei, soltando um gemido. — Ah, sim, mais.



O clique suave da porta se abrindo me despertou.

Por um momento, eu não sabia onde estava nem que horas eram.

Meu corpo parecia comprido e límpido com o êxtase de tudo, como um pontinho de cera usada no lacre de uma carta, espalhando-se por um

pergaminho grosso e cor de creme. Flexionei os dedos dos pés, alonguei os ombros e olhei os arredores. Senti o movimento rítmico do peito de Alexander enquanto ele respirava. Por uma fresta nas cortinas, vi que o céu tinha assumido um tom lilás vibrante, com nuvens da cor pêssego-dourado.

Eu estava no quarto de Alex.

Era pôr do sol.

Um sorriso preguiçoso surgiu em meu rosto quando me lembrei dos momentos antes de pegarmos no sono, emaranhados juntos em um abraço alegre. Aqueles momentos tinham amenizado muitas das questões que Alex temia.

Ousei imaginar um novo futuro com ele, um com nossos filhos. Filhos com meu cabelo escuro, com os olhos verdes dele. Não seriam os seres extraordinários que Gerard queria, mas seriam nossos por inteiro. Completamente perfeitos.

Arfei quando vi uma figura espiando para dentro do quarto e fiz o esforço de me desvencilhar do corpo de Alex, que ainda dormia pesado.

— Frederick? — perguntei, estreitando os olhos em meio ao quarto escuro.

Ao meu lado, Alex suspirou e abriu os olhos. Ao me ver, abriu um sorriso travesso e alegre.

— Bom dia.

— Boa noite — corrigi.

Eu não estava mais inebriada, mas minha cabeça doía, martelando com cada sílaba pronunciada. Lancei um olhar esperançoso para a jarra de água na mesa de cabeceira de Alex, mas estava vazia.

— Sr. Laurent — cumprimentou Frederick, chamando a atenção quando acendeu as lamparinas a gás e iluminou o quarto. — Lamento muito por invadir o quarto assim... quando está... com a srta. Taumas.

— O que foi, Frederick? — questionou Alex, sentando-se.

— Vim buscá-lo.

Alex checou o relógio.

— Para quê?

O criado abaixou o olhar para o chão, com a boca tremendo.

— O senhor precisa vir comigo.

— Diga — insistiu Alex. — O que quer que seja, pode dizer na frente de Verity.

Ele entrelaçou os dedos, contorcendo-os até ficarem pálidos.

— É sua mãe.

Dauphine.

A taverna.

— Se ela estiver acordada, é bom irmos falar com ela — murmurei para Alex. — Quanto antes.

Ele confirmou com a cabeça.

— Pode trazer a cadeira aqui para mim, Frederick, por favor?

O criado acatou. Saí da cama pelo lado oposto, ajeitando as saias e encontrando os calçados reluzentes que eu tinha descartado antes. Enfiei os pés no couro dourado, pronta para sair.

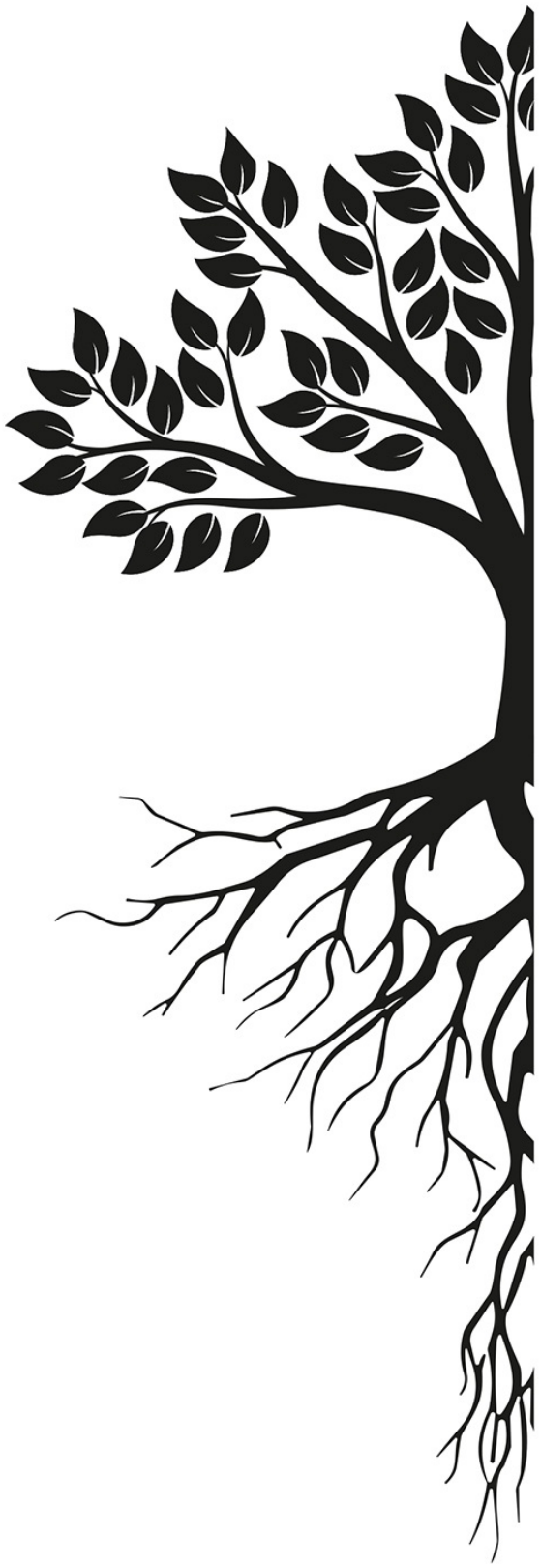
— Sua mãe... — Frederick abriu a boca, mas o restante das palavras não saiu.

Ele se abaixou para ajeitar o descanso de pé da cadeira. Alex tocou os ombros do valete. O homem mais velho tremia.

Alex franziu a testa.

— Frederick, o que houve?

— É a lady Laurent... Ela... Sinto dizer... ela está morta.



45

— Morta? — repetimos nós dois ao mesmo tempo, arfando.

— Como assim? — acrescentou Alex.

— Isso não é possível — argumentei, me sobrepondo à voz dele. — Eu estava com ela... faz só algumas horas. Ela estava bem.

Não bem.

Não exatamente.

Mas não...

Morta.

Fiquei tonta, tentando lembrar o último momento em que eu a vira. Estava tudo tão confuso. Ela tinha bebido mais que eu... Será que escorregara na escada, como Alex?

Frederick começou a dizer algo, mas então balançou a cabeça, mudando de ideia.

— O lorde Laurent precisa falar com o senhor.

Alex confirmou com a cabeça, com o rosto indecifrável até para mim.

— Tem que ser algum erro. Vamos descobrir. Obrigado, Frederick.

— Eu acho... — murmurou o gigante, com o luto bem marcado no rosto. — Eu acho que o duque preferiria encontrar apenas o senhor.

Nós dois nos entreolhamos, e o medo me tomou. Eu não queria Alex enfrentando Gerard sozinho. E se Dauphine tivesse contado a ele de minhas perguntas na taverna antes de...

Eu via o cenário hipotético com perfeição.

O vinho a teria deixado mais solta, libertando os pensamentos que no geral mantinha sob controle. E se ela tivesse contado a ele que envenenara as mulheres?

Um vislumbre da tesoura de jardinagem cravada no peito de Constance me veio à mente.

Será que ele tinha matado Dauphine também?

Ela não morreu, a esperança seguia viva dentro de mim. *É um mal-entendido. Tem que ser*.

Alex balançou a cabeça.

— Verity é parte da família agora. Nós dois vamos falar com ele.

Os corredores pareciam mais compridos que o normal, as tábuas do chão se estendendo por quilômetros enquanto seguíamos para a ala norte. Parecia que tínhamos passado por mil janelas. Cada uma brilhava com tanta intensidade que eu sabia que Frederick estava enganado. Chauntilalie não poderia continuar existindo em tamanho esplendor sem a dona da casa ali, orquestrando tudo.

Dauphine não tinha morrido.

Só que todo lacaio pelo qual passávamos estava com os olhos vermelhos. Curvaram a cabeça em respeito enquanto caminhávamos. Alguns trajavam versões mais escuras do uniforme. Ver a lã preta me despertou lembranças viscerais que eu já tinha esquecido havia tempo, lembranças de crescer usando vestidos de bombazine pretos e joias da mesma cor, em luto por uma mãe que eu não conhecera e por irmãs que morreram cedo demais.

— Alex — chamei, tentando tocar seu ombro, tentando segurá-lo, tentando ganhar tempo antes que o momento terrível se concretizasse.

— Eu tenho certeza de que está tudo bem — respondeu ele, assumindo o papel de quem reconfortava, como se não fosse a própria mãe dele em um perigo considerável.

Tentei ver aquilo como um bom sinal.

Se Dauphine estivesse mesmo morta, Alex sentiria aquilo de alguma forma.

A descrença dele me incitava ao otimismo.

Ele parou diante da porta do escritório de Gerard. Olhou para mim com uma expressão apreensiva.

— Vai ficar tudo bem — murmurei, tentando oferecer consolo contra o desconhecido. — Ela não pode ter... — Parei de falar, sem querer concluir a frase.

— Você acha que ele sabe? — indagou Alex, com a voz comedida e apressada. — Que sabemos? Acha que...

Ouvi as palavras que ele não disse.

Você acha que ele a matou?

— Eu... eu não tenho certeza — sussurrei.

Alex engoliu em seco, com a pele um pouco pálida, e bateu à porta.

— Pai?

— Oi. Entre. — A porta abafou demais a voz de Gerard, e não deu para interpretar o tom.

Abri a porta para Alex, deixando que ele entrasse primeiro.

Meu olhar foi, por instinto, para a estante com os espécimes nos jarros. A fachada falsa estava no lugar, escondendo todos os vestígios dos

experimentos de Gerard.

Ele estava sentado atrás da mesa, com as mãos espalmadas no tampo. Os olhos estavam secos, mas a boca formava uma expressão séria. Na lareira, o fogo rugia e crepitava, enchendo o cômodo com um calor tão poderoso que era difícil respirar.

O duque ergueu a cabeça.

— Verity.

Prendi a respiração, ouvindo o tiquetaquear do relógio de pêndulo, contabilizando os segundos de silêncio que se passavam, ponderando como Gerard lidaria com a situação, esperando que o caos se instalasse, como uma tempestade de verão: puro desatino e fúria.

O rosto do duque permaneceu plácido, sem revelar nada do que pensava. Quanto mais o silêncio prosseguia, maior era meu desejo de berrar e exigir respostas.

Ele suspirou, como se a esquisitice da situação fosse dolorosa.

— Preciso de um tempo sozinho com meu filho, Verity. Acho que talvez seja melhor...

— Eu quero que ela fique — interrompeu Alex, segurando minha mão, determinado.

Apesar da confiança firme da voz, seus dedos tremiam, e coloquei a outra mão sobre a dele, oferecendo o conforto da forma que podia.

Gerard olhou do filho para mim, e de volta para o filho.

— Pois bem. — A voz soou ríspida e objetiva. — Não tem jeito fácil de dizer isso, mas Dauphine... morreu.

Ouvir aquilo pela segunda vez foi tão chocante quanto da primeira vez. Eu queria fazer perguntas, mas o súbito vazio ao meu lado me conteve.

Alex havia tirado a mão da minha.

Ajoelhei-me ao lado da cadeira de rodas, puxando-o para um abraço apertado. Tentei me lembrar das condolências que as pessoas me ofereceram depois da morte do papai. Embora Kosamaras tivesse desbloqueado aquele período da vida que me faltara, permitindo que eu me lembrasse de tudo em detalhes impecáveis, não me ocorreu nada a dizer. Nenhuma condolência importava. Um luto terrível daqueles não poderia ser amenizado com palavras ditas às pressas.

Alex conteve um soluço, cobrindo a boca enquanto lágrimas escorriam pelo rosto como chuva.

— Não.

— Eu... Infelizmente é verdade.

Embora Gerard parecesse determinado a manter uma expressão neutra pelo bem de Alex, seu lábio inferior tremeu. Por um momento horrível e

empático, não vi o monstro que eu sabia que ele era. Só vi o homem, pequeno e sozinho. Apesar de todos os defeitos — e eram muitos —, ele amara mesmo Dauphine, de seu jeito.

Então me apoiei nos calcanhares, sem saber o que fazer.

— Gerard, sinto muito. Isso é chocante. Eu estava com Dauphine horas atrás. Ela parecia bem e feliz e... — Lembrei-me das garrafas se estilhaçando na lareira da taverna e estremeci. — O que aconteceu?

O duque contorceu a boca, como se tentasse remover um pedaço de comida preso nos dentes.

— Ela foi envenenada.

Arfei alto, chamando a atenção de Alex.

— Quê? Não pode ser. Quem ia querer envenenar a mamãe?

Gerard traçou com o dedo uma espiral na mesa.

— Ao que parece, quando estavam em Florice, sua mãe e Verity foram a uma taverna.

Fiquei boquiaberta.

Senti o olhar de Alex em mim, que arregalava os olhos em preocupação.

Gerard ergueu a cabeça, observando primeiro o filho, e depois a mim.

— Alguém adulterou o vinho que vocês beberam.

Tentar me lembrar da tarde era como tentar atravessar um lodo grosso. O gosto ácido do álcool seguia em minha boca, e tudo era só uma pungência amarga.

"Envenenada."

— O vinho? — repetiu Alex, juntando as peças mais depressa que eu. — Quando Verity chegou à tarde, ela não estava... com o comportamento de sempre. Distraída, risonha e *diferente*. Achei que ela e a mamãe tinham ficado altinhas, mas se o vinho foi batizado... O quanto você bebeu?

— Uma taça. Talvez duas. Eu não gostei do sabor... da sensação que me causou. Achei que fosse um vinho ruim...

O duque engoliu em seco, com uma expressão severa.

— E Dauphine?

— Ela bebeu o restante da garrafa... e outra — confessei, encolhendo-me. — Talvez mais?

Gerard exalou de maneira brusca, balançando a cabeça.

— Não pedimos o vinho — lembrei de repente. — A garçonete que levou a bebida para nós. Disse que era da sua reserva especial.

Gerard estacou no lugar.

— Isso foi no Diadema da Águia? — adivinhou Alex, virando-se para o pai. — Você tem uma sala privativa lá. Todo mundo em Florice sabe disso.

Qualquer um poderia ter adulterado a safra. Teria sido tão fácil. Mas quem ia querer machucar a mamãe? Ou Verity?

Gerard lançou um olhar fugaz e terrível para mim. Eu via a mentira se formando na boca dele.

Perdido em pensamentos, Alex não reparou.

— Acha que pode ter sido... — ele inclinou a cabeça em minha direção, abaixando a voz — pode ter sido *eles*?

— Eles? — repetiu Gerard, ouvindo as palavras com aquelas orelhas aguçadas que nem as de morcego.

Comecei a negar com a cabeça. Julien não teria feito aquilo, eu tinha quase certeza. Ele estava muito convicto da ideia de consertar as coisas pelos meios adequados. O rapaz era o retrato do protocolo e da racionalidade; lógico, meticuloso e certinho.

Mas Viktor... A raiva dele, uma vez inflamada, poderia ficar fora de controle. E ele estava com tanta raiva. A velocidade inesperada com a qual reagia o tornava aterrorizante, mas também um suspeito improvável de envenenamento.

Pois requeria tempo e habilidade. Era metódico. Precisava de muitas etapas.

Não era um processo que eu via Viktor escolhendo, pois ele ardia quente, forte e rápido.

— Não — decidi. — Eles não.

Alex não pareceu convencido.

— Alexander — chamou Gerard, sentado na beirada da cadeira. — De quem está falando? Se sabe de alguém que pode ter machucado sua mãe... e Verity — acrescentou ele depois de hesitar por um instante —, tem que me contar.

— Tenho? — Uma corrente perigosa envolvia a única palavra, e quando olhou para o pai, Alex estava com os olhos bem escuros. — Tenho mesmo que contar, pai?

Gerard pareceu pego de surpresa. Desde que eu chegara a Chauntilalie, mesmo quando estava com muita raiva, eu nunca vira Alex agir de maneira tão hostil.

— Tem várias coisas que você nunca me contou.

O duque passou a língua pelos lábios.

— O que quer saber?

— Por que não começa falando dos meus irmãos?

Gerard teve a audácia de fingir estar confuso.

— Você... você não tem irmãos, Alexander. Sabe disso.

— A presença de Viktor e Julien sugere outra coisa — argumentei, pronta para pôr fim à farsa dele.

Com a menção dos nomes, Gerard ficou pálido, afundando-se na cadeira como se eu o tivesse golpeado fisicamente.

— Eles estão aqui?

Confirmei com a cabeça.

— Eu devia ter imaginado que eles viriam para Chauntilalie depois do incêndio. Pelo coração de Arina! — Gerard deu um soco na mesa, recriminando-se. — Não é seguro para você ficar aqui, Alex. Não é seguro para nenhum de nós. — Ele focou a atenção em mim. — Precisa pedir para Frederick arranjar uma carruagem para irem embora. Vou lidar com eles dois como devia ter feito anos atrás.

— Eu não vou a lugar nenhum — contrapôs Alex, frustrando os planos do pai. — A mamãe morreu. Temos que — disse, engolindo em seco — fazer um anúncio, chamar as Irmãs do Ardor. Temos que preparar o corpo dela com sementes, devolvê-lo à terra. Temos que...

— Eu sei os procedimentos do luto — bradou Gerard, então passou os dedos pelo cabelo, puxando-o com um grunhido de frustração. — Nada disso importa agora.

— Por causa deles? — perguntou Alex, com o tom cortante que nem faca.

Gerard confirmou com a cabeça.

— Por causa de quem? — persistiu Alex. — Diga. Quero ouvir você dizer.

Gerard soltou um suspiro doloroso.

— Seus irmãos.

Os dois ficaram se encarando em meio a um silêncio pesado, mas eu sentia as palavras que queriam proferir, gritar, se acumulando em ambos os lados da mesa.

— Irmãos — bradou Alex enfim. — Eu tenho irmãos. Irmãos que escondeu de mim.

— Escondi *você* dos seus irmãos — corrigiu Gerard, enfatizando a diferença. — Eu nem consigo imaginar a raiva que está sentindo de mim, Alexander... sobretudo tendo ouvido só o lado deles da história... mas eu fiz a coisa certa. Vou sempre jurar ter feito a coisa certa.

Alex soltou uma risada amarga.

— A coisa certa? Você mandou seus filhos embora. Você os exilou. Eram crianças.

— Monstros — contrapôs o duque.

— Eram meninos!

Gerard se voltou para mim.

— Viu o que eles conseguem fazer?

Hesitando, assenti.

— Então sabe que eu fiz o certo. Fiz o certo!

— Mas você os criou — afirmei, tentando evitar que a tensão crescente nos afogasse. — Se acha que são monstros... por que continuou com os experimentos?

— Experimentos? — repetiu ele com inocência, e o suor se acumulou em sua testa.

— Eu entrei naquele quarto. Vi os bebês. E Constance — acrescentei com um tom definitivo e sério.

Gerard lançou um olhar para Alex, analisando a expressão do filho. Quando enfim falou, manteve a voz bem contida:

— Eu lidei com isso tudo antes que ela falasse com você.

— Eu os vi.

— Viu?

Gerard abriu um sorriso assombroso, e fiquei toda tensa, agoniada. Eu tinha acabado de confirmar que ele estivera certo a meu respeito. Eu era bem diferente, assim como ele tinha imaginado. Como ele havia sonhado.

Eu queria arrancar a expressão de admiração e veneração do rosto dele.

Antes de me dar conta, eu estava atravessando a sala.

— Também vi isso aqui — pronunciei com um rosnado e empurrei a estante falsa, revelando as fileiras de bebês nos jarros.

No escritório era só silêncio.

— O que... — Alex inclinou a cabeça, tentando compreender o que via. — O que é isso, pai?

Ele ficou diante das prateleiras.

— Alexander, não! — argumentou Gerard.

Então se levantou, mas não fez menção de se aproximar do filho.

Alex pegou um dos jarros, girando-o com gentileza até o bebê lá dentro ficar de frente para ele. Tive um vislumbre de dentes e muitos olhos antes de desviar o olhar.

Alex soltou um barulho enojado.

— Como pôde, pai? Como pôde fazer isso?

O rosto de Gerard murchou, decepcionado.

— Se eu não tivesse *feito isso* — respondeu com o mesmo tom de Alex —, eu não teria você.

Alex colocou o jarro no lugar, balançando a cabeça.

— Eu não sou assim. Não sou como o que está nos jarros.

— Você tem razão. Você é muito mais. Muito mais que isso. — Ele afastou as mechas de cabelo do rosto. — Você é meu maior feito, Alexander. E nem sabe.

Neguei com a cabeça.

— Não. Julien. Viktor. Eles têm talentos. Alex tem...

— Alexander tem tudo — cortou Gerard. — É difícil explicar o que era quando criança, meu garoto. Você era tão... tão...

— Áureo — concluí, sentindo o estômago se revirar todo em agonia.

— É! — Gerard acenou com a cabeça, enfático. — Ele era... e ainda é... tão áureo!

Alex abaixou a cabeça, como se tentasse enxergar algum tipo de diferença entre si mesmo e nós.

— Áureo, forte e resiliente. Eu criei o espécime perfeito... uma mente cheia de bondade e com uma capacidade infinita, um coração de bondade e amor, um corpo de persistência e poder. Criei um deus melhor do que qualquer um que reside no Sanctum!

Alex pareceu horrorizado.

— Pai!

A blasfêmia de Gerard ecoou, forte, pelo local, e me deixou arrepiada. Eu ouvia Kosamaras tão perfeitamente que parecia que ela estava sussurrando em meu ouvido.

"Você e aquele garoto vão criar coisas terríveis, coisas terríveis. Terríveis o bastante para deixar até os deuses vulneráveis."

Lembrei de horas antes, quando Alex e eu não passávamos de um emaranhado de corpos e fomes vorazes, arfando, apertando e gemendo com necessidade e êxtase. Desejos sendo atendidos. Apetites, saciados. Senti gosto de cinzas na boca.

Ela estava falando de Viktor.

Não de Alex.

Não de Alex, que não tinha nenhum poder.

Não de Alex, que era quentinho, meu e muito humano.

Por favor, Pontos. Alex, não.

Ele ergueu a mão, analisando os contornos, como se fosse mostrar de fato quem era.

— Mas... eu não consigo fazer o que meus irmãos conseguem. Que poder eu devia ter?

Gerard lançou um olhar significativo para as pernas do filho.

— Quê?

— Você sobreviveu — respondeu o botânico, ofegante. — Não lembra daquele dia, mas... nunca se perguntou de que altura caiu?

— Alguns degraus, dois ou três. A mamãe disse que minha queda foi bem, bem feia e...

Gerard negou com a cabeça.

— Alexander, você caiu da sacada.

Alex ficou sem reação, incrédulo.

— Não é possível. É uma altura de no mínimo...

— Doze metros. Quase treze, na verdade. Eu mesmo medi. Doze metros até o chão de mármore. Eu vi a queda. Você parecia um meteoro acertando a terra. Tivemos que remover a parte em que caiu. Ficou estilhaçada.

— O brasão Laurent — murmurou Alex, compreendendo.

Lembrei as lascas ouro rosé que compunham o mosaico grande na entrada. Destacava-se bem no mármore cinza frio, como se não tivesse sido parte do desenho original.

E não fora mesmo.

— Não conseguimos encontrar uma pedra que casasse direito, então pedi que o empreiteiro construísse algo bonito no lugar. Toda vez que passo pelo brasão, sou lembrado de que meu filho está vivo. Que está vivo de um jeito maravilhoso, *impossível*. Por minha causa. Por causa do que fiz. — Ele engoliu em seco, todo orgulhoso. — Criei um deus. Um imortal.

O ar no escritório estava silencioso e reverente.

— E Julien e Viktor? — perguntei, ousando romper o silêncio. — Em relação a eles... o que foi que criou?

Gerard teve a decência de desviar o olhar, envergonhado.

— Algo bem diferente, infelizmente.

— Diferente? — sussurrou Alex, cético.

— Julien nunca chorou quando era bebê. Nenhuma vez. Ele só olhava ao redor com os olhos enormes e inexpressivos. Incontáveis aias foram embora, porque ficavam incomodadas com o olhar dele que não piscava. Só quando Viktor fazia algazarra que Julien tinha alguma reação. Levei mais tempo do que devia até entender o que estava acontecendo. Ninguém espera que os filhos tenham tais...

— Variantes? — sugeri.

— *Desvios* — corrigiu o botânico. — Sozinho, Julien é inofensivo, mas com Viktor... um incita o outro ao desatino.

— Como assim?

Lembrei-me de como eles pareciam se comunicar com frequência sem usar palavras, uma entidade compartilhando dois corpos.

— Viktor está sempre cheio de raiva e ira, tem acessos de fúria e violência com facilidade. Uma vez ele ateou fogo nas cortinas do quarto

deles. Tínhamos achado que uma das criadas havia se descuidado com a vela, mas fora Viktor, que queria mais leite antes de dormir.

Gerard enxugou a testa com as costas da mão.

Imaginei meu sobrinho Artie. Ele não era muito mais velho do que os meninos quando foram exilados. Quando ele não conseguia o que queria, dava para ouvir os berros dele por boa parte de Highmoor.

— Ele era uma criança. Talvez devesse ter ensinado a ele que era errado usar os... dons — falei com cuidado para escolher uma palavra que não deixasse Alex mais chateado — daquele jeito.

Gerard gesticulou para mim, impassível.

— Ele tinha seis semanas de vida. E quase queimou metade da mansão. Depois disso, deixamos os dois longe de Alexander. Era arriscado demais mantê-los juntos.

Eu me lembrei de Viktor no jardim do telhado, o olhar de fúria, de estar a segundos de perder o controle por completo.

Qualquer desejo que eu tinha de defendê-lo sumiu.

— Eu não devia tê-los deixado juntos daquele jeito. Isso mudou Julien para sempre. Ter os pensamentos de Viktor, aqueles pensamentos terríveis, com frequência pesando a mente... — Gerard balançou a cabeça. — Ninguém devia ser forçado a viver assim.

— Você acha mesmo que eu sou o monstro dessa história? — questionou uma voz vinda dos fundos do escritório.

Virei a cabeça depressa. Viktor estava à soleira da porta, de braços cruzados. Usava calça azul-marinho, uma camisa branca e um colete cinza, uma réplica perfeita da vestimenta de Alex.

— Quem foi que mandou o pobre Julien embora para viver com um lunático desses?

Ele entrou no escritório, trancando o brasão atrás de si com um gesto casual dos dedos.

Uma porta escondida na lateral do escritório se abriu, e Julien apareceu ali, trajando a mesma roupa, o que fez deles um trio idêntico.

Constance estava errada. Sempre houvera uma passagem secreta para o escritório.

Ele foi se sentar na beirada da mesa, balançando as pernas com uma infantilidade estranha enquanto encarava o pai.

— Oi, papai. Você se lembra de mim?

Gerard engoliu em seco, com o pomo de adão subindo e descendo com dificuldade. Então confirmou com a cabeça.

— Ju-Julien.

— Muito bem — respondeu o irmão mais velho, expondo os dentes.

Parecia mais uma careta que um sorriso.

Viktor vagou o olhar pelo cômodo com uma curiosidade nítida.

— Sempre achei que este escritório fosse grande e importante, o assento de poder e imponência do papai. Agora só parece — ele focou o olhar em Gerard e sorriu — bem, bem pequeno.

As narinas do duque dilataram, a raiva tomando o rosto enquanto observava o filho que não via fazia quinze anos.

— Verity, quero que saia daqui com Alexander. Tire-o daqui. Vou lidar com esses dois sozinho.

Eu parecia estar enraizada no chão, sem conseguir me mexer enquanto meu olhar ia de Gerard para os rapazes.

Ainda assim, Alex seguiu em minha direção, apoiando-me.

— Não vou a lugar nenhum.

— Bravo, irmãozinho — elogiou Viktor, batendo palmas devagar. Ele se sentou em uma das poltronas. — Enfim se levantou e bateu de frente com o papai. — Então fez uma careta, cruzando uma perna por cima da outra. — Perdão, foi uma frase infeliz.

— Ele não está arrependido de verdade, sabe? — confidenciou Julien. — Por dentro ele está rindo um bocado.

Gerard ficou observando o filho mais velho, maravilhado.

— Que coisas maravilhosas poderíamos ter feito se aquele ali não tivesse destruído sua mente. — O botânico suspirou. — Mas que grande desperdício.

O olhar de Julien foi impassivo e frio.

— Não fale de desperdícios. É minha mente. Minha vida. Você era a única pessoa que podia ter explicado o que estava acontecendo comigo. Sabia que eu era diferente. Sabia *como*, o *motivo*, e ainda assim me mandou embora com *ele* e com tudo o que *ele* pensa.

— Não tinha como salvar você. Nem ele. Foi por causa *dele* que você foi embora, lembre-se disso! — contrapôs Gerard, com tristeza. Então se voltou para Viktor. — Todos os impulsos raivosos, os pensamentos egoístas, a inveja e o ódio, a ira e a fúria. Tudo isso foi consumindo você, explodindo até que o restante do mundo sofresse tanto quanto você. Eu devia ter sufocado você assim que percebi o que tinha criado.

Viktor se inclinou à frente, com as íris quase pegando fogo.

— Mas não fez isso, não é, pai? O pensamento deve encher você de vergonha e desespero. Já pensou em como o mundo seria, se tivesse feito isso? Ficar com a consciência culpada, perguntando-se que tipo de coisas gloriosas o garoto áureo teria conquistado se não fosse por minha causa?

Alex franziu as sobrancelhas.

— Do que... do que ele está falando?

Viktor revirou os olhos.

— Sabia que eles só comemoravam seu aniversário? Quem podia me culpar por fugir do quarto? Eu só queria participar do dia especial do meu irmão. O aniversário áureo do menino áureo.

Ele enfiou a mão na nuca de Alex, bagunçando o cabelo.

Alex se afastou, tentando se esquivar do toque de Viktor.

— Pai! — imitou Viktor, com a voz estridente demais. — Me ajude! Me salve!

Ele fez a mímica de algo caindo de uma altura grande até o chão.

Fui tomada por calafrios quando entendi do que ele estava falando.

— Alex não caiu da sacada, caiu? — perguntei a Gerard. — Alguém o empurrou. — Eu me virei para Viktor. — Você o empurrou.

— Julien ajudou — confessou Viktor enquanto Alex ficava boquiaberto.

— Só porque você estava com muita raiva. — Julien olhou para Gerard e tamborilou o dedo na testa ao complementar: — Você não faz ideia de como ele é persistente na mente. É como ser controlado pelas cordas de uma marionete. Mesmo quando está longe, sinto as cordas me puxando, rasgando tudo: minhas entranhas e a pele.

— Vocês podiam ter me matado — comentou Alex, ainda boquiaberto.

Viktor girou a cabeça, esticando o pescoço.

— Na verdade o objetivo *era* esse. Não sabíamos que você era tão... resistente. Ele ainda é, sabe, papai? Faz um tempo que estamos acrescentando uma coisinha ou outra aos chás e lanchinhos dele, mas nada deu jeito de o derrubar ainda.

— Os espasmos musculares que ele vem tendo — arfei, deduzindo o que os dois tinham feito. — Vocês estavam dopando o Alex?

Viktor sorriu.

Alex apertou os braços da cadeira com força.

— Por quê? Por que vocês... O que eu fiz a vocês?

— Não era sobre você. A questão sempre foi nos punir. — Gerard suspirou. — Depois do primeiro incêndio, Dauphine e eu mandamos as aias e os auxiliares embora. Contamos para todo mundo que Viktor e Julien tinham parado de respirar uma noite enquanto dormiam. Apresentamos você como filho único.

— E aí está — anunciou Viktor com alegria. — Eles só tinham olhos para você. O filho predileto e nada problemático. A luz intensa e reluzente da família Laurent. Ah, por Arina, como eu odiava você. — Então se animou. — Só que não mais. Agora vejo, agora entendo. Agora sei bem

quem é responsável por tudo. Você — ele apontou para Gerard — e aquela mulher.

— A mamãe não está mais entre nós — lembrou Julien.

Viktor soltou uma risadinha bem-humorada.

— Ah, sim. Quase esqueci... Meus mais profundos sentimentos pela perda recente, papai. Mas acho que não precisa de conselho sobre como chorar a morte de uma amante. Ao longo dos anos você fez muito isso.

— Vocês... — murmurei, tentando encontrar a voz. — Foram vocês que envenenaram o vinho.

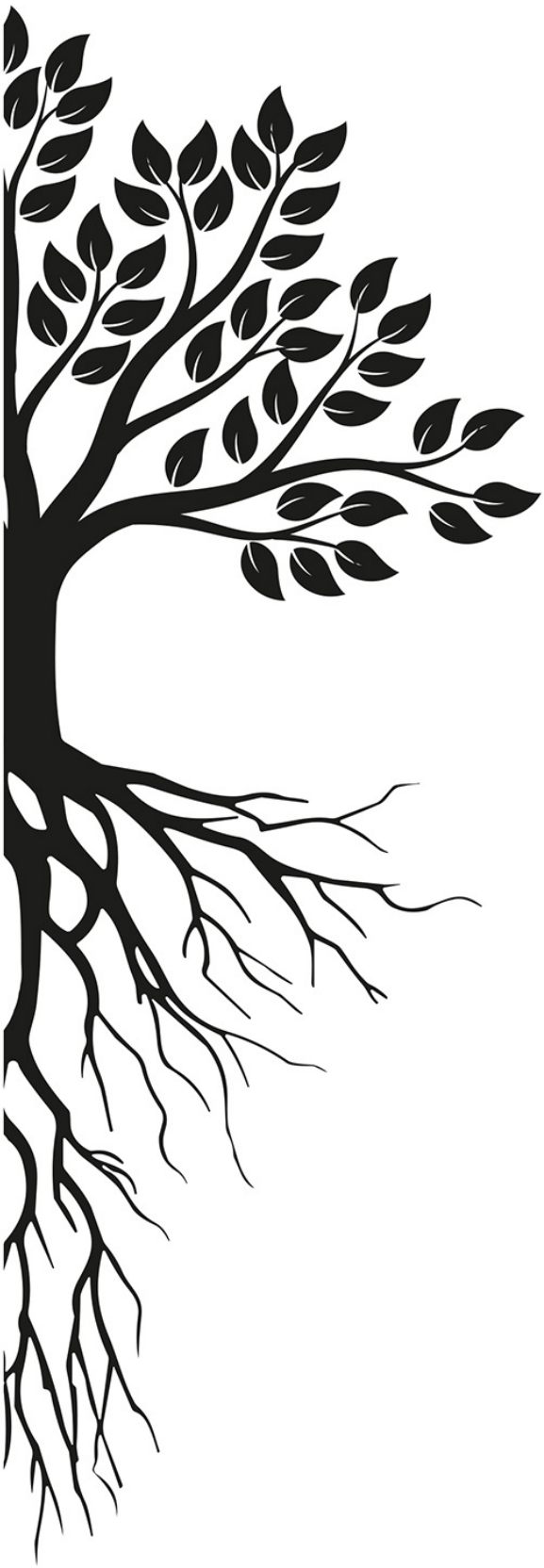
— Infelizmente, não. Alguém chegou primeiro. — Viktor lançou um olhar a Gerard, com os olhos brilhando de malícia. — Alguma ideia de quem possa ter feito algo tão hediondo?

Eu sentia como se tivesse algo entalado no meio de meu peito, dificultando a respiração. Cambaleei até a segunda poltrona, afundando no couro acolchoado.

Alex franziu as sobrancelhas, parecendo extremamente magoado.

— Papai, o que eles estão dizendo?

— Foi... foi um acidente — respondeu Gerard, com a voz vulnerável e tensa. Ele estava tão estoico antes, lidando com a dor por trás de uma fachada endurecida, mas tudo aquilo veio abaixo quando Viktor e Julien a desmantelaram, uma rachadura por vez. — Verity, você tem que acreditar em mim. O vinho não era para você. Nem para Dauphine. Eu juro pela minha vida.



46

No escritório imperava um silêncio abismado.

Gerard tinha adulterado o vinho.

Gerard tinha nos envenenado.

Envenenado Dauphine.

Assassinado Dauphine.

Tentei compreender tudo aquilo. Tudo o que acontecera naquela tarde.

— Se o vinho não era para nós, para quem *era*? Estava lá para alguém, já envenenado... Para quem?

Julien inclinou a cabeça.

— É, papai. Para quem era?

Gerard respirou fundo, trêmulo.

— É uma história bem longa.

Viktor ergueu a mão, gesticulando para o cômodo.

— E ainda assim, olha para a gente aqui, com todo o tempo do mundo. Conte a história para os irmãos Laurent. Será que seria uma boa nos aconchegarmos debaixo de umas cobertas, apagar a luz?

Atrás de mim, Alex permaneceu calado, lançando um olhar duro ao pai. Eu sentia as ondas de fúria emanando dele.

— O vinho... — Ele pigarreou, tentando de novo. — O vinho, na taverna, não é veneno. Não exatamente.

— Você colocou alguma coisa no vinho, isso está evidente — comentou Julien.

Gerard assentiu.

— Um pouco de... — Ele engoliu em seco, parecendo nauseado. — Um bom bocado de raiz de valeriana. É um calmante. Não é para matar ninguém, só para...

— Deixar a pessoa inconsciente — interveio Viktor. — Só por tempo o bastante para você rebocar a dama em questão para Chauntilalie. Estou curioso, papai. Você faz as coisas depois que ela acorda ou ela acorda já grávida?

— Tem água aqui? — interrompi, sentindo o estômago revirar. A mistura do calor do fogo ardente e da declaração objetiva dos crimes de

Gerard estava me deixando zonza. — Sinto que vou desmaiar.

— Lógico — respondeu o botânico, fazendo menção de acionar o sininho na mesa.

— Pare. — Julien cobriu o objeto de latão com a mão e o tirou do alcance de Gerard. — Já tem muita gente aqui dentro, não acha? — Ele olhou para mim. — E você não quer beber nada que esse homem ofereça, quer?

Faz sentido, pensei, engolindo em seco, infeliz.

— Então a mamãe foi apenas uma vítima da gula — comentou Viktor, pensativo.

Ele fez um som de "tsc", como se a situação o entristecesse, antes de uma risadinha escapar.

Alex cobriu a boca com a mão. Vi o movimento na garganta dele, como se contivesse a vontade de vomitar, e soube que aquilo estava sendo demais para ele. A morte de Dauphine, as confissões de Gerard, eram demais. Ele parecia um fio tensionado prestes a se romper.

— Eu nunca quis que acontecesse nada com ela. Precisa acreditar em mim, Alexander. — Gerard estendeu o braço pela mesa, tentando se conectar ao filho, mas os olhos de Alex estavam desfocados. — Eu nunca a teria machucado.

— Mas você quis, sim, machucar Constance — acusei, chamando a atenção dele. A bile quente ameaçava subir por minha garganta quando lembrei da tesoura de jardinagem. — Você a matou. Mas não entendo por quê. Eu vi os bebês. Ela deu a você exatamente o que você queria. Ela...

— Ela ia contar a você. A todo mundo. Tudo. Os bebês... cresceram, sobreviveram ao parto, sim, mas eles... não estavam se desenvolvendo como deveriam. Eram fracos, agitados. Constance me implorou para consertá-los, para salvá-los. Ela os amava, de verdade, mas não havia o que ser feito. Quando eles morreram, ela disse que era um sinal. Meus experimentos, minhas criações, estavam fadados ao fracasso. Ela ameaçou alertar você, Verity. Não queria que você passasse pelo que ela tinha passado. Mas eu... eu não podia deixar isso acontecer.

Gerard deu de ombros, como se não tivesse tido escolha na questão. Como se ele tivesse apenas feito a coisa mais razoável do mundo. Ele piscou de maneira inocente, com os olhos frios e sem remorso algum.

Alex murmurou algo, que foi baixo demais para se ouvir a princípio.

Apertei o ombro dele.

— O que foi que disse?

De maneira lenta e dolorosa, ele levantou a cabeça, focando o olhar no de Gerard.

— Eu disse que ele perdeu a sanidade.

— Não perdi, não — insistiu Gerard. — Eu sei muito bem o que fiz. Sei o que parece para vocês, o que devem achar que é, mas... vocês não entendem o que faço... não entendem que é necessário fazer sacrifícios em prol do bem maior.

— Bem... — repetiu Alex. — Que bem pode vir de tudo isso?

— Se vocês... se conseguissem entender... — Gerard cobriu o rosto com as mãos. — Meu pai era... um homem muitíssimo religioso. Eu fui criado para adorar os deuses. Não só Arina... todos eles. Eu conseguia nomear todos deles, mesmo que velhos, mesmo que esquecidos pelos outros. Eu conhecia cada Arauto, cada prole semideusa. Celebrávamos os festivais deles; honrávamos seus costumes. Quando papai virou duque, eu o vi desmontar o salão de baile adorado do vovô e transformá-lo em um sacrário. Para... eles.

Ele acenou com a mão de um jeito desconfortável que me lembrou Kosamaras.

Viktor se remexeu no assento.

— Ah, tadinho do papai, como deve ter tido uma infância terrível. — Sua expressão ficou dura. — Não fazemos ideia de como deve ter sido.

— Dauphine me contou de sua irmã — comentei, interrompendo o drama teatral de Viktor. — Que ela nasceu sem mãos. Que seu pai a matou por causa da deficiência.

Gerard concordou com a cabeça.

— Foi o último dia que rezei para os deuses. Eu os vi pelo que eram... seres com poderes sobrenaturais, com certeza, mas, no fundo, nada diferentes de você ou de mim. Não eram abençoados com a divindade... Só eram o próximo passo de nossa evolução. — Ele esfregou o queixo. — Os problemas em nosso mundo me mostraram que os poderes deles não eram ilimitados. E eu sabia que poderia melhorar isso, destilar a essência que os diferencia de nós. E então eu a aperfeiçoaria, criaria meu próprio deus. Um que consertaria a bagunça que os outros fizeram. Quando conheci Dauphine Armella, eu tinha certeza de que ela seria a mulher que me ajudaria a alcançar todos os objetivos.

— Por quê? — questionou Julien, inclinando a cabeça.

Alex soltou o ar de um jeito fraco, entrecortado. Entrelacei os dedos nos dele, feliz quando ele não se afastou.

— A árvore genealógica Armella está cheia de semideuses e atribuições secretas. A composição genética dela não poderia ter sido mais perfeita.

— E você também a amava, lógico — respondeu Viktor, com o escárnio a toda.

— Nós nos... afeiçoamos um ao outro, sim — afirmou Gerard, contorcendo a boca e quase parecendo culpado. — E eu tinha razão. Ela deu à luz vocês três. Quando vi como os resultados foram diferentes, queria tentar de novo, mas Dauphine se recusou. Ela tinha sido bem afetada pelos tratamentos... Era demais para ela passar por aquilo de novo.

— Então arranjou uma ajudinha — adivinhou Viktor, sarcástico.

Gerard confirmou com a cabeça.

— Tentei de novo muitas vezes. Mas nunca... nunca consegui replicar o experimento em si. As mulheres sempre morriam antes de os bebês nascerem. Não eram fortes o bastante.

Ele balançou a cabeça enquanto o rosto era tomado pela decepção.

Abri a boca, prestes a contar da interferência de Dauphine. Queria gritar o que ela havia feito pelas costas dele, mas parei. Ela tinha feito coisas terríveis, mas as fizera para deter um lunático. Contar os segredos dela no momento não traria as mulheres de volta, não extirparia os crimes de Gerard. Era melhor que alguns segredos fossem para o túmulo junto com a pessoa.

— Por isso era tão importante encontrar a parceira ideal para Alexander — prosseguiu Gerard. — É essencial que os genes *dele* continuem, misturados aos de alguém tão especial quanto. Alguém que tenha a força para gestar novos deuses, para dá-los à luz, para criá-los até assumirem os próprios destinos. Quando sua irmã contou para Dauphine sobre a maldição das irmãs Taumas, eu soube que você era a companheira certa para Alexander.

Senti o peso dos olhares de todos eles em mim.

O escritório parecia tão seco com o fogo crepitante e vívido. Era quase impossível pensar direito.

— Não vamos participar dessa perversidade — bradei. — Alex, vamos. Vamos embora.

Os olhos dele estavam cheios de lágrimas, desolados.

— Eu... eu não sei o que fazer. É... coisa demais. Demais. Eu...

— Vamos embora. Vamos sair daqui — pedi, segurando seu rosto e o fazendo olhar para mim. — Podemos lidar com tudo isso depois. Mas primeiro temos que ir. Para longe dele. Para longe de Chauntilalie.

— E eles? — questionou, olhando para os irmãos.

— E nós? — rebateu Viktor, olhando para mim com um sorriso malicioso.

— Façam o que quiserem. Levem o pai de vocês às autoridades, mandem prendê-lo. Fiquem com a casa. É de vocês. Alex, nosso assunto aqui está encerrado.

— Não — contrapôs, puxando-me para retornar. — Não vou fugir.

— Por favor. Temos que ir. Preciso ir. Eu só... eu preciso de água.

Eu já estava arfando, ofegante como um cachorro em um dia de calor intenso. Gotas de suor escorriam por meu pescoço, ensopando o corpete. Minha cabeça estava pesada demais.

Gerard removeu o plastrão e desabotoou os botões de cima da camisa. Seu rosto estava bastante vermelho.

— Está, *sim*, quente demais aqui. — Ele olhou para Viktor, com os olhos desfocados e apáticos. — É você. Você que está fazendo isso.

— Fazendo o quê? — perguntou o outro, todo inocente.

Havia ondas visíveis de calor emanando dele.

— Estão vendo — murmurou Gerard, abanando-se enquanto ofegava. — Estão vendo agora. Eu devia ter... não devia ter...

A mão do botânico caiu, pesada, na mesa, estendendo-se na direção do abridor de cartas ouro rosé na bandeja diante de si.

— Julien, agora! — comandou Viktor, com a voz irrompendo pelo caos rodopiante e sufocante.

Os olhos do irmão mais velho faiscaram. Ele se inclinou na direção de Gerard, encarando como uma gárgula de pedra, com a raiva de Viktor tomando o rosto.

Com um gesto ágil, Julien pegou a cabeça de Gerard e a lançou para frente, batendo o crânio do pai na beirada polida da mesa.

A testa de Gerard se rasgou ao meio como um melão grande e macio demais.

— Pai! — exclamou Alex, fazendo menção de se aproximar da mesa antes de Viktor entrar em ação, puxando-o para trás.

Eles relutaram por um momento, e fiquei com medo de a cadeira de rodas tombar.

Gerard olhou, sem foco, para mim.

— Tire meu filho daqui — implorou ele antes de Julien golpeá-lo de novo.

Desviei o olhar, fechando bem os olhos, sem conseguir impedir a explosão de violência.

Mas ainda ouvi os sons.

Os baques intensos da pele ensanguentada.

Os grunhidos de esforço de Julien.

Os arfares roucos de Alex, horrorizado.

Por fim, o baque abafado de um corpo caindo no chão.

Depois, silêncio.

Um silêncio longo e escancarado.

Um silêncio tão grande que parecia que fomos engolidos pelo vazio.

O ar ficou mais fresco enquanto todo mundo se acalmava.

— O que vocês fizeram? — sussurrou Alex.

Ousei abrir os olhos.

O corpo de Gerard estava, por sorte, fora de vista, atrás da mesa, mas a superfície do objeto estava coberta de sangue e de outras coisas que eu não queria nem identificar.

Julien permaneceu ali sentado na ponta da mesa, com o peito subindo e descendo depressa. Estava esgotado, mas o rosto voltara a ficar inexpressivo enquanto observava a bagunça que tinha feito.

Viktor segurou as manoplas da cadeira de rodas, como se preparado para conter o irmão, mas Alex não tinha mais força nenhuma para lutar. Ficou observando a cena, horrorizado, boquiaberto em surpresa.

— O que precisava ser feito — respondeu Viktor, sussurrando.

Eu tinha esperado que ele soasse triunfal. Ele quisera a vingança. Quisera fazer Gerard sofrer como Julien e ele tinham sofrido.

Só que a voz pareceu oca, tão vazia quanto a expressão de Julien.

— Ele ia pegar o abridor de cartas. Você viu. Ele teria machucado Julien. Machucado a mim. *Ver* — bradou ele, como um apelo —, você sabe do que ele era capaz. Sabe o que ele teria feito.

Da mesa, Julien virou as mãos devagar, como se percebesse só naquele momento o sangue ali.

— Mas não assim. Não como... — Antes que completasse, Alex virou a cabeça para o lado e vomitou.

Viktor torceu o nariz com nojo.

— Ele era um monstro. Era ele *o* monstro da nossa história e, em contos de fadas, sempre é preciso matar o monstro.

Ele saiu de detrás da cadeira de rodas, indo até a mesa. Debruçou-se sobre o móvel, analisando o cadáver de Gerard. Depois de um momento, assentiu.

— Você fez o que tinha que ser feito — murmurou Viktor, encostando a testa na de Julien, apertando o braço do mais velho com compaixão. Então se virou para nós, tamborilando os dedos na mesa, com o cuidado de não tocar nas poças coaguladas. — Vida longa ao duque Laurent.

— Vida longa ao duque — recitou Alex com a voz vaga, as palavras não passando de memória muscular.

Notei a ponta do sapato de Gerard despontando da lateral da mesa, vi as gotas de sangue respingadas no couro envernizado.

— Como vamos explicar isso?

— Vamos dizer exatamente o que aconteceu — afirmou Viktor, como se fosse a mais óbvia das respostas.

— Ninguém vai acreditar em nós — murmurou Alex, com a voz minúscula e perdida.

Pela primeira vez desde o ataque, Julien se mexeu, virando-se para nos encarar. Estava com os olhos bem arregalados, sem piscar.

— O que você me fez fazer? — Ele esfregou a testa. — Seus pensamentos. Aquelas imagens. Estavam tão fortes... — Esfregou com força, como se tentasse apagar a lembrança. Um rastro vermelho manchou sua pele. — Eu não conseguia ouvir nada além de você.

— Julien, pare — falei, esticando a mão para conter o rompante dele.

Ele bateu em minha mão para afastá-la, e o tapa machucou.

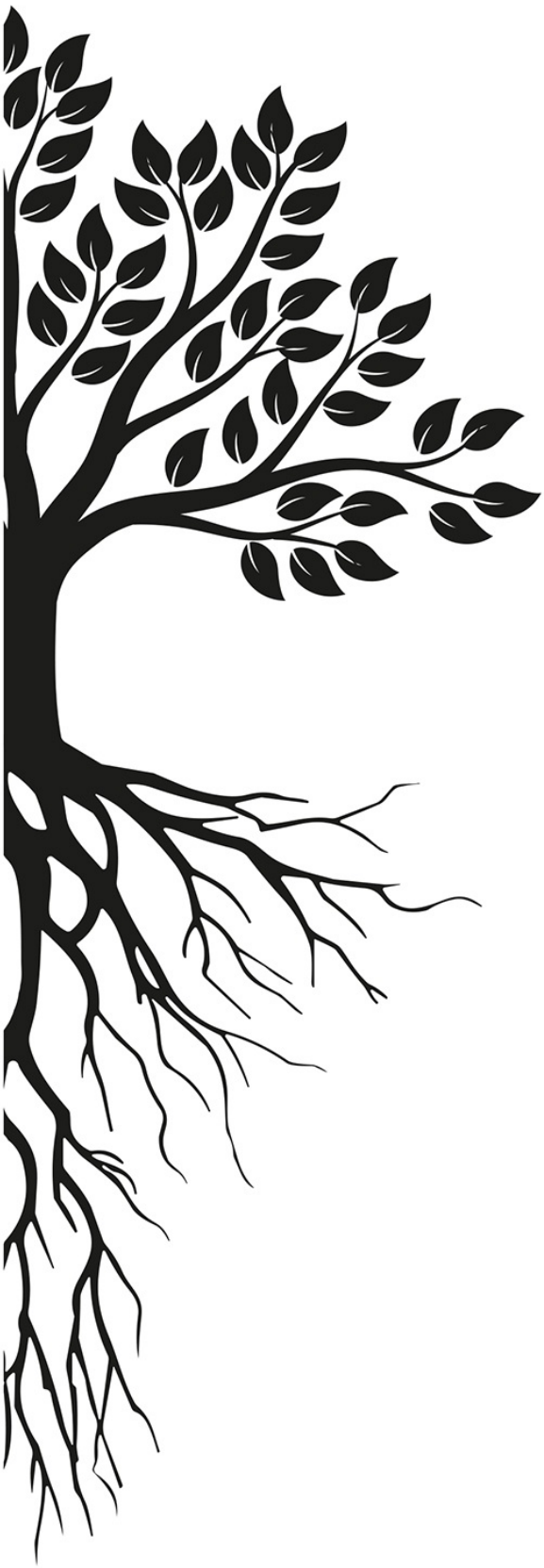
— *O que você me fez fazer?*

— Calma — orientou Viktor, e Julien abaixou a mão, ficando parado de novo. — Foi apenas legítima defesa.

— Foi? — perguntou Alex.

— Autopreservação — continuou Viktor, assentindo, tentando nos convencer. — E ninguém pode culpá-lo por isso, querido irmão. Por proteger sua vida, sua segurança e sacralidade, e por defendê-la utilizando quaisquer meios necessários.

— Eu acho que sim, mas... — comecei a falar, então arfei quando Viktor pegou o abridor de cartas e o enfiou no pescoço de Julien.



47

Tudo pareceu desacelerar em segundos surreais que se prolongavam e se expandiam, permitindo que eu visse todos os detalhes daquele ato horrendo.

Julien soltou um som estrangulado e suspirante enquanto tentava se afastar, esquivando-se de Viktor. O abridor de cartas voou, girando em descontrole no ar como um bastão luminoso. O objeto caiu aos pés de Alex, e a ponta estava vermelha.

Sangue — gotas, então um fluxo, e por fim uma torrente — se seguiu enquanto Julien tombava na mesa. Seus olhos estavam arregalados, só que mais vazios do que o normal, a vida ali já não existia mais.

Viktor pairou sobre o irmão, sem esboçar reação enquanto o sangue emanava do pescoço do outro. Saía em espirros, bombeado por um coração frenético e chocado, antes de virar um fluxo lento.

— Vida longa ao duque Laurent — repetiu Viktor, abrindo um sorriso macabro. Então, bem devagar, desviou o olhar do cadáver de Julien e focou nossos rostos horrorizados. Fixou a atenção em Alex. — Agora... o que fazer com você?

Entrei em ação, segurando as manoplas da cadeira de Alex. Não havia tempo para conversar nem para implorar por misericórdia. Tínhamos que ir embora. Naquele exato momento.

— O trinco! O trinco! — bradou Alex enquanto eu o empurrava pelo escritório.

Mal parei enquanto ele destrancava e escancarava a porta.

— Temos que ir para o elevador. Temos que pegar uma carruagem — falei aos prantos, em disparada pelo corredor. Tudo ao redor parecia pequeno. Parecia que meus pulmões tinham se comprimido, sem conseguir inspirar. Havia pontinhos escuros nos cantos de minha vista. — Socorro! — gritei, com a voz fraca. Eu tinha visto vários lacaios no corredor. Para onde tinham ido? — Precisamos de ajuda!

— Por que ele não está nos seguindo? — perguntou Alex, enquanto olhava para trás. — O que ele está fazendo?

Na frente da cadeira, uma das rodas menores titubeou, com o rodízio se soltando, e fiz esforço para evitar que Alex cambaleasse em direção às janelas.

— Não importa. Temos que chegar ao elevador.

— Ah, irmãozinho — cantarolou uma voz. As palavras de Viktor ecoaram pelo corredor, sem que víssemos de onde vinham. — Você pode correr, mas não pode se esconder.

— Frederick! — berrei. — Precisamos de ajuda... precisamos de... ajuda!

— Frederick! Johann! — Alex tentou. — Alguém!

A risada de Viktor nos seguia.

— Cadê todo mundo?

Alex balançou a cabeça, calado.

Viramos à esquerda, seguindo pelo corredor curto o mais rápido possível já que tínhamos que empurrar a cadeira tremulante. Meus braços doíam, os músculos queimando. Quando chegamos ao elevador, quis chorar. Estava estacionado no primeiro andar.

Acionei o botão para que começasse a subir.

Nada aconteceu.

Bati no botão de novo.

Nenhum movimento.

O elevador nem sequer se mexeu.

O vapor não corria pelos canos. No interior da casa, ouvi o clique lento e metódico dos sapatos de Viktor nas tábuas de madeira.

— A trava — disse Alex, rouco, percebendo o problema. — Quem quer que tenha o usado por último não liberou a trava.

— Alexander... — chamou Viktor. — De onde quer que esteja, pode sair...

Alex ficou pálido.

— Você tem que se esconder — sussurrei. — Até eu descer e conseguir fazer o elevador funcionar, ele já chegou aqui. Vai ser tarde demais. Encontre um lugar seguro para se esconder. Vou mandar o elevador subir e tentar chamar a atenção dele para outro lugar. Preste atenção ao barulho do elevador.

Alex negou com a cabeça.

— Eu não posso deixar você se arriscar assim. Eu tenho que...

Segurei-o com uma ferocidade súbita, e meus dedos tremiam quando o beijei.

— Eu preciso que fique em segurança. Por mim. Por nós. Eu te amo, Alex. *Depressa*.

O rosto dele foi tomado por sentimentos conflitantes, mas então ele se afastou, desaparecendo pelo corredor mais próximo.

— Alex, o elevador está emperrado — falei, erguendo a voz, o que tornava impossível Viktor não ouvir. — Temos que usar a escada dos fundos.

Corri para a direção contrária à de Alex, fazendo o máximo de barulho possível. Eu precisava que Viktor soubesse exatamente onde eu estava.

Encontrei, sim, uma escadinha em algum momento. Era íngreme e estreita, toda espiralada, e construída para ocupar o mínimo de espaço possível na mansão, e não para ser descida às pressas.

Na metade do caminho, tropecei, batendo a parte de trás das panturrilhas nos degraus de ferro e acertando o gradil com tudo. Minha cabeça bateu no metal curvo e, por um segundo horrível, imaginei os parafusos se soltando no objeto esguio, e eu caindo, colidindo com o piso, toda quebrada.

Fiz uma pausa, esperando.

O gradil se manteve firme.

Por ora.

Eu estava com a vista turva e me esforcei para focar. Eu sentia o sangue quente pingando no calçado, mas não havia tempo para parar e analisar a gravidade do ferimento.

Continuei, ainda trêmula.

— *Ver*. — A voz de Viktor soou do topo da escada. — Pareceu um tombo feio. Espero que não tenha se machucado.

— Alex, temos que ir depressa! — bradei enquanto descia os últimos degraus.

Minha voz soou diferente, e ponderei a força com que tinha batido a cabeça. Quando afastei uma mecha solta de cabelo, senti o couro cabeludo pegajoso por causa do sangue.

Uma risada retumbante ecoou pelas paredes de pedra abaixo.

— Acha mesmo que sou tão estúpido assim? Como que você estaria carregando aquele cara? Nas costas?

Ele riu de novo, e parei no piso, fazendo uma careta. Ele tinha sacado num instante o plano mal elaborado. Só podia torcer para que a tentativa frágil de desviar a atenção dele tivesse dado a Alex tempo o suficiente para se esconder.

Viktor começou a descer os degraus de metal, então parou. Ergui a cabeça e o vi espiando por cima do gradil.

— *Ver*... o que está fazendo? — Ele desceu mais um degrau, e cheguei para trás, mantendo a distância entre nós. — Pare com esse ato heroico

bobo. Vamos achar o moleque, acabar com ele e pôr fim a isso tudo.

— Você perdeu a cabeça.

Ele deu de ombros.

— Por que está fazendo isso?

— Porque sim — respondeu ele, com o tom neutro e racional. — Porque posso. Porque quero. Porque tudo o que o moleque sempre teve era para ser meu. E eu quero o que é meu.

— Era para ser de Julien.

— Que nunca quis nada disso. Ele só ia entregar tudo para aquele tolo de mão beijada.

— Você o matou — acusei, e ele fez um som de escárnio como se pouco importasse. — Seu próprio irmão. Seu melhor amigo.

— Ele estava no meu caminho. Agora não está mais. E logo nosso querido Alexzinho também vai estar fora de nosso caminho, e então vamos ser só nós dois.

— Não existe "nós dois" — insisti, recuando mais quando ele desceu outro degrau. — Nós dois juntos...

— Pense bem, *Ver*. Pense no que podemos criar. Vamos trazer novos deuses ao mundo, moldando-o à nossa imagem. Você e eu.

— Não — rebati, recuando ainda mais.

Ele deslizou o olhar por meu corpo, de um jeito tangível e indesejado.

— Vamos ver como você se sente. Depois.

— Depois? — repeti, preocupada.

Ele fez um gesto despreocupado com os dedos e desapareceu atrás do gradil. Os passos estavam mais suaves, subindo a escada.

— O elevador — murmurei para mim mesma, seguindo para os fundos da casa. — Conserte o elevador.

A casa estava estranhamente vazia enquanto eu a percorria. Nunca havia notado quantos criados os Laurent tinham até não ver nenhum ali, deixando a mansão silenciosa. Chauntilalie parecia maior sem eles, algo vivo com os olhos voltados para mim, como único entretenimento que tinha.

Fiz a curva no lugar errado, passando por um corredor com portas de ambos os lados e nenhuma janela à vista. Minha visão girou, e me encostei em uma porta, apoiando o peso do corpo ali. A porta se abriu, expondo Marguerite. Ela estava agachada atrás de um sofá, com as cortinas fechadas no quarto e as lamparinas a gás bem fraquinhas.

Com os olhos arregalados, ela olhou para mim em meio ao cômodo escuro.

— É você, mocinha Taumas?

— Temos que sair daqui, madame Laurent. Aconteceu uma coisa... *muitas* coisas terríveis.

— Dauphine — comentou ela, assentindo, e fazendo sinal por cima do coração, com os três dedos erguidos.

— E... Gerard também.

Ela ficou imóvel.

— Qual deles foi o responsável?

— Julien, mais ou menos... Mas espere aí. Você sabe deles? Que estão aqui agora?

Ela me lançou um olhar de evidente desdém.

— Por que acha que estou aqui me escondendo no escuro, garota maldita?

— Os criados não estão aqui...

— Eu os mandei saírem... para buscar ajuda — acrescentou quando fiquei sem compreender. — Quando vi Viktor em frente ao escritório de meu filho, pedi ajuda. Eu conheço esses meninos a vida toda. Vi o que meu filho conseguiu fazer... Acredite quando digo que precisamos de todo tipo de ajuda possível.

— Alex está escondido lá em cima. O elevador ficou emperrado aqui embaixo, e sem Frederick ele ficou encurralado.

Ela fez um sonzinho de consternação.

— Qualquer que seja seu plano, aqueles meninos não vão deixá-la seguir em frente. Viktor é implacável, e Julien...

— Julien está morto. Viktor o matou.

Mais uma vez, ela fez o gesto diante do peito. Um sinal de proteção, uma oração para uma alma falecida.

— E você tem certeza... tem certeza de que meu filho...

Confirmei com a cabeça.

— Lamento muito, madame Laurent.

Ela soltou um suspiro resignado.

— Ele cometeu grandes erros, meu filho. Sempre soube que aqueles meninos acabariam com ele, de um jeito ou de outro.

Marguerite balançou a cabeça com tristeza, e os cachos bem presos por grampos balançaram.

Eu queria reconfortá-la com um toque. As linhas de seu rosto pareceram mais fundas, marcadas pelo luto que não tinha vindo à tona de fato. Como se lesse minha mente, ela se afastou, cruzando os braços, uma torre de solidão desmoronando.

— Fique aqui, eu ajeito o elevador para Alex... Com certeza ainda tem uma carruagem por aqui. Podemos usá-la para fugir.

— E como sugere colocar meu neto na tal carruagem? Sem aquele criado gigante, ele vai ficar aqui preso como está lá.

— Tem o elevador, lá no cais, que o coloca dentro do barco. Vamos para o lago e esperamos até os criados voltarem com o socorro.

— Acho que... acho que é uma opção.

Ela se levantou com as pernas trêmulas, segurando o braço do sofá, cravando bem os dedos no estofado.

Olhei ao redor. O cômodo tinha vários vasos de flores, pequenas estatuetas douradas em forma dos adorados pavões de Dauphine. Tudo muito pequeno, muito delicado. Vi umas ferramentas perto da lareira e me animei.

O peso do atiçador de latão me deu confiança. Havia florzinhas entalhadas até a ponta afiada, mas eu não deixaria a beleza me distrair. Se fosse necessário, usaria aquilo como arma. Para salvar a mim. Para salvar Alex.

Pratiquei golpeá-lo no ar, sentindo-me ridícula com Marguerite me observando.

— Você quase parece intimidadora — murmurou ela como um elogio. — Acho que é o melhor que temos. Onde Alex está exatamente?

— Em algum lugar lá em cima. Falei para que aparecesse quando ouvisse o elevador. Não vamos ter tempo de voltar aqui para buscá-la. Vá para o barco agora. Encontramos a senhora lá.

Ela suspirou, descontente por receber ordens de alguém que a irritava.

— Pois bem. Me dê uma dessas varas aí. Se vai me deixar aqui sozinha para me defender, também quero estar armada.

Peguei a pá para ela. Era mais leve que o atiçador, mas serviria como uma boa arma, se necessário.

Ela testou o peso e assentiu, aprovando.

Armadas, seguimos para a porta na ponta dos pés. Respirei fundo antes de virar a maçaneta, certa de que Viktor estaria ali à espera.

O corredor estava vazio, deserto.

Eu me tremia toda ao enfiar a cabeça para fora e espiar o caminho.

Senti um calafrio de nervoso quando alguém segurou meu colarinho e quase gritei, mas era Marguerite, com os dedos enganchados me apertando.

— Cuide do meu neto — disse ela antes de me empurrar para o lado e seguir pelo corredor.

Eu a vi fazendo uma curva antes de correr na direção contrária, seguindo para o átrio.

Ouvindo os xingamentos brutos e os grunhidos de dor, eu soube que chegara tarde demais.

Lá em cima, na sacada, Alex e Viktor brigavam, um socando o outro. Havia sangue no rosto de Alex, graças a um ferimento na testa, e o nariz parecia quebrado, de um jeito que o deixava irreconhecível. A camisa de Viktor estava rasgada, e ele se mexia meio desajeitado, como se tivesse lesionado uma das pernas durante a luta. Os dois estavam com hematomas inchados e os dedos das mãos feridos. O cheiro de pelo chamuscado e pele queimada enchia o ar.

Quis celebrar quando Alex acertou a lateral do corpo do irmão com a cadeira, fazendo-o perder o equilíbrio. Viktor levantou a mão, jogou a cadeira para o lado, e Alex caiu. O teto lá em cima tremeu com a queda, e brasas incandescentes se espalharam pelo chão de mármore.

— Alex!

— A trava, Verity, libere a trava! — gritou ele antes de eu ouvir o barulho de um soco, e ele grunhir.

Cambaleando em direção ao elevador, pisei em um pedaço de cerâmica quebrada e escorreguei. O átrio estava cheio de lascas de vasos quebrados e flores espalhadas, que caíram da sacada enquanto os irmãos lutavam.

Mordi a língua com força quando caí no chão de pedra, e senti gosto de sangue na boca. Cuspi e comecei a rastejar na direção do elevador, então me esquivei quando uma mesinha de madeira caiu no chão, a centímetros de mim. Girei a trava e puxei a alavanca, preparando o elevador para a subida. O vapor pareceu um estrondo de trovão enquanto rugia pelos canos.

Só que antes que eu pudesse entrar nele e apertar o botão, fui puxada para trás e lançada ao chão.

— O que aconteceu... Marguerite? — perguntei, descrente, estreitando os olhos quando duas dela apareceram em minha visão.

Elas se movimentaram ao mesmo tempo, indo à frente e levantando a pá da lareira bem acima da cabeça.

Quando ela me golpeou, vi estrelinhas diante dos olhos e caí, contorcendo-me.

— Você é bem mais esperta do que eu pensava, mocinha Taumas — Então sibilou, chutando-me com os sapatos de bico.

Consegui rolar para longe, protegendo a barriga, mas ela acertou minha coluna em cheio. Grunhi.

— Verity! — berrou Alex, e, no chão, eu o vi se levantando para olhar por cima da sacada, horrorizado ao ver a avó me atacando. — Vovó, você tem que parar. Você tem que...

Ele não terminou de falar porque Viktor segurou a cabeça dele e a acertou no gradil. Alex caiu, fora de minha vista, e gritei.

— Por que está fazendo isso? — bradei em um gemido, virando-me para o lado para me esquivar da pá de latão.

O movimento ágil fez minha cabeça girar, e por um momento minha visão escureceu.

— Ele é meu neto.

— O Alex é seu neto. Viktor é um monstro.

Marguerite franziu a testa, com a boca curvada para baixo, como se recusasse uma segunda xícara de chá da tarde.

— Viktor que foi prometido a mim. Alexander... — Ela balançou a cabeça. — Alexander está danificado. É fraco. A união de vocês não teria dado em nada. Toda a pesquisa de meu filho teria sido em vão.

— Você sabia? Você sabia o que Gerard estava fazendo? — Eu queria me sentar, mas sentia uma dor latejante na lateral do corpo. — Por que não o impediu?

— Impedi-lo? — Ela deu uma risadinha. — Eu fiz todo o possível para *ajudá-lo*.

Ela levantou a pá acima da cabeça, e fiquei chocada demais para sair do caminho a tempo. A pá acertou meu ombro esquerdo. Eu me encolhi toda, apertando o braço lesionado.

— Acha que eu teria me curvado à Arina depois do que meu marido fez? Ela poderia ter evitado, poderia ter feito minha filha nascer perfeita e inteira, mas em vez disso naquela semana ela foi à ópera. Comeu nos melhores restaurantes, cercada pelo cortejo de cavaleiros, e acha que pensou em Emilee? Em mim? Os anos todos de devoção não significaram nada para ela. Tudo o que fizemos por eles... as orações e os festivais, os sacrifícios e as oferendas. Não significaram nada.

Marguerite tremia de indignação.

— Quando Viktor Laurent nasceu, fiz festa. Estávamos um pouco mais perto de acabar com todos eles. Mas, apesar de ser brilhante, meu filho falhou. Ficou com medo, assustado demais com o tamanho poder que havia criado. Apostou tudo no filhote mais fraco da ninhada e se convenceu de que era o melhor. Mas eu sabia... eu sempre soube.

Os rugidos na sacada aumentaram, e eu não conseguia discernir quem gritava, quem grunhia. Mais detritos caíram lá de cima. Torci para que algo acertasse Marguerite, mas ela se esquivava com facilidade.

— No dia que Gerard me contou que tinha achado a parceira perfeita para Alexander, uma jovem que poderia ajudar de verdade a trazer ao mundo a nova era áurea, eu soube que precisava agir depressa. — Ela

comprimiu os lábios. — Naquele primeiro jantar em Chauntilalie, vi que você era especial. Sabia que você era ideal para Viktor... Eu não fui para o apartamento da família em Florice. Em vez disso, fui para a Casa Marchioli.

— Você os ajudou a escapar — respondi, entendendo tudo com nitidez.

Marguerite confirmou.

— Ninguém suspeitou de mim. Eu comecei o incêndio. Encontrei os rapazes e os trouxe para cá. É uma pena que meu filho não vá ver o fruto de tanto trabalho. — Ela suspirou e depois deu de ombros. — Acho que é uma bênção a cripta da família ser tão grande. Então que isso, que tudo isso — disse ela, apontando para o caos lá em cima — acabe, mocinha Taumas. E quando acabar, você e Viktor podem ficar juntos. Assim o trabalho de verdade começa.

Meu estômago ficou embrulhado, e virei de lado, cuspindo bile. Enquanto colocava para fora, vi o atiçador. Tinha sido chutado para o lado quando ela me atacou da primeira vez, mas não estava longe, só um pouco além do alcance do braço.

Eu me estiquei, tentando pegá-lo, então gritei quando ela golpeou meu braço de novo. Girei outra vez, derrubando-a.

Ela berrou, pressionando o próprio quadril, e aproveitei o momento para me lançar na direção da arma. Meu corpo todo reclamava daquele movimento. Eu queria me encolher o máximo possível, ficar tão pequena que não haveria mais espaço para a dor. Só que segurei a vara de latão e me virei, cambaleando até ficar de pé enquanto apontava o atiçador para Marguerite.

Ela abriu um sorriso perverso, com as rugas se esticando de um jeito doentio.

— Verity! — gritou Alex, escondido atrás da sacada. A voz não soou normal. Estava densa demais. Úmida demais. — Mande o elevador! Por favor! — A súplica foi interrompida por um estalo esmagador que preencheu o ar.

Frustrada, eu me virei, andando com dificuldade na direção das portas de ferro. Antes de dar outro passo e entrar no elevador, algo grande caiu por cima da sacada. Uma figura cortou o ar e acertou o chão do átrio com um baque horripilante.

O corpo não se mexeu mais.

Fiquei paralisada no lugar ao olhar para a figura ali caída, torcendo para que se mexesse, torcendo para que houvesse algum tipo de vida remanescente nos membros esparramados.

— Alex? — sussurrei.

Nenhuma resposta.

Do corpo.

Nem de lá de cima.

Dei um passo hesitante na direção do corpo.

Na direção *dele*.

Ainda era Alex.

Ainda poderia ser ele.

Não apenas... um corpo.

— Alex? — Eu me debrucei sobre a pessoa fraturada. Um soluço crescia dentro de mim. Era ele. Tinha que ser ele. Eu não imaginava um mundo sem ele. — Por favor — implorei mesmo assim, invocando Pontos, Arina, qualquer deus que se dispusesse a ouvir. Eu não seria exigente. — Por favor, não seja Alex...

Virei seu rosto na minha direção, e as lágrimas escorreram por meu rosto. As feições estavam tranquilas, inchadas de maneira irreconhecível. O nariz parecia ter dobrado de tamanho, a mandíbula estava grande e disforme.

Um olho continuava aberto, fitando a claraboia no teto com um olhar desfocado e assimétrico. Havia manchas vermelhas cobrindo a íris como fogos de artifício, espalhando-se pelo espaço branco.

Tinha sangue.

Tanto sangue.

— Alex? — perguntei, segurando a mão dele.

Não houve resposta muscular. Nem um aperto em resposta. A alma dele, a essência, o que quer que o tivesse estimulado não existia mais. O que quer que o tivesse feito um Alex completo, humano e meu, não existia mais.

Não.

Não, não, não.

Sacudi o corpo dele, motivada pela esperança absurda de que Gerard estivesse certo de alguma forma.

Que o tivesse feito imortal.

Que Alex ainda estivesse vivo.

— Por favor — sussurrei, com a voz minúscula e tensa.

Nada.

Nem uma contração muscular.

O soluço escapou de mim, partindo meu coração ao meio.

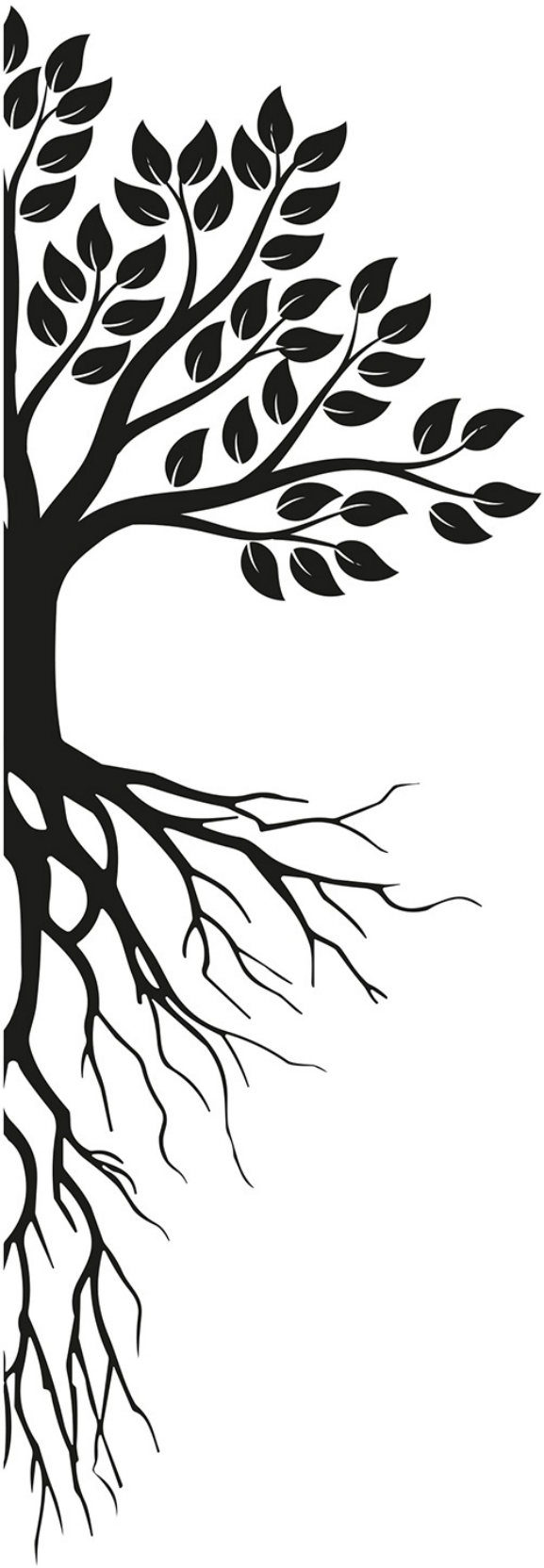
— Verity! Cuidado! — alertou uma voz conhecida.

Ergui a cabeça e fiquei boquiaberta quando, através da visão turva pelas lágrimas, eu vi.

Ela estava parada à soleira do átrio, apontando para atrás de mim.

— Camille?

Então me virei a tempo de ver Marguerite lançando a pá em direção a minha cabeça.



48

Acordei assustada e arfando, como se tivessem me sacudido.

O quarto estava escuro demais para ser reconhecido. Cortinas cinza compridas cobriam as janelas, e as lamparinas a gás estavam bem fraquinhas, conferindo uma luz fantasmagórica ao local.

De início não consegui me mexer, com o corpo enfaixado com ataduras e curativos. Meu pulso estava engessado, duro e pesado, e eu sentia uma gaze enrolada em minha barriga, mas por algum motivo estranho não sentia dor.

Ainda não, embora eu tivesse certeza de que logo me atingiria.

Estiquei a mão livre em busca de água.

Alguém arfou forte. Então, em meio às profundezas das sombras do quarto, houve movimento.

— Verity? Está acordada?

O colchão se moveu, como se alguém tivesse acabado de se sentar na beirada. Me esforcei para ver quem era. Assim que vi, senti como se meu coração tivesse se partido.

— Camille?

Ela assentiu, segurando minha mão ilesa.

— Estou tão feliz por ver você — afirmou minha irmã, beijando meus dedos.

— Estou... estou em Highmoor?

Ela negou com a cabeça. Eu nunca a vira tão desorientada antes. A casca grossa de duquesa tinha se desfeito, e ela usava o cabelo em uma trança de lado, além de estar com olheiras bem escuras.

— Estamos em Chauntilalie, em um dos quartos de hóspede. Não havia como levar você lá para cima depois de...

— O que está fazendo aqui? — Perguntar doeu.

Minha garganta estava extremamente seca e parecia que eu não falava havia dias.

— Eu... eu encontrei você. Durante o ataque... Não lembra?

Ela afastou uma mecha de cabelo de meu rosto, com os olhos âmbar me esquadrinhando enquanto absorvia cada detalhe dos meus ferimentos.

Parecia impossível balançar a cabeça.

— Achei que estava vendo coisas. Por que veio para Florice?

Ela pareceu magoada.

— Para o seu casamento. Eu... eu vim alguns dias antes do previsto. Queria... ajudar você, como pudesse, e queria... queria pedir desculpa e acertar as coisas entre nós.

Ela flexionou os dedos nos meus, segurando com força como se para transmitir toda a sinceridade das palavras.

Meus olhos estavam pesados demais para ficarem abertos, então os fechei, certa de estar sonhando. Não havia a menor chance de Camille estar ali. Não havia a menor chance de Camille estar ali, arrependida e querendo deixar as diferenças de lado.

— Vou deixar você descansar — murmurou ela, soltando a minha mão, e abri os olhos.

— Você está mesmo aqui?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Óbvio que estou.

— Você não respondeu à carta.

— Respondi, sim! Respondi assim que recebi o convite, eu juro. O convite era lindo — acrescentou, como se importasse no momento. — Eu não imaginei que você fosse escolher algo tão elegante.

— Eu não escolhi — confessei, e ela deu uma risadinha, surpreendendo a nós duas. — Pode pegar algo para eu beber? Estou com tanta sede.

Minha irmã sumiu por um momento, então voltou com uma jarra e um copo de cristal. O som da água caindo no copo foi a coisa mais linda que já ouvi.

Camille me ajudou a sentar, ajeitando os travesseiros para que eu pudesse encostar as costas machucadas e ficar ereta. A dor começou ali... não como uma sensação lenta e consciente, e sim uma pontada pela coluna, uma série de tremores por todos os nervos. Fechei as mãos com tanta força que Camille teve que ficar segurando o copo para mim, virando a água devagar em minha boca como se eu fosse um passarinho.

— Fico feliz por você estar aqui — falei, recostando-me na cama. Ficar sentada, mesmo por um momento, era exaustivo demais. — Cadê Alex? Cadê o... — Parei de falar antes que pudesse dar voz ao pensamento horrível.

Camille passou os dedos pelo meu rosto, e senti o coração apertado com o toque gentil. Basicamente confirmava meus medos.

— Ele está no quarto ao lado, descansando.

Meus batimentos estavam erráticos, e eu certa de que tinha ouvido errado.

— O corpo dele?

Minha irmã negou com a cabeça, franzindo a testa.

— Mas... eu o vi cair. Não tinha como ele sobreviver àquilo. Não tinha como ele...

— Não era ele no chão. Ele estava na sacada.

— Ele está vivo? — perguntei, precisando que a informação fosse irrefutável, precisando que ela dissesse as palavras em voz alta, como se fossem uma espécie de encanto que o prendia ali, garantindo a existência dele.

— Ele está vivo — respondeu Camille, e as lágrimas escorreram por meus olhos.

— Então Viktor...

Ele quem havia caído.

Por algum motivo maravilhoso, surreal, Alex havia sobrevivido.

Ela mordeu o canto da boca.

— O rapaz no chão? Ou o do escritório? As autoridades não sabem o que fazer em relação a eles. Ninguém sabe quem são...

— São irmãos de Alex. São... *eram*... trigêmeos. Julien e Viktor.

Ela umedeceu os lábios.

— Eles morreram também.

Assenti.

Camille tocou meu cabelo de novo.

— O que aconteceu aqui, Verity? Quando cheguei não tinham encarregados para abrir os portões nem lacaios para nos receber assim que conseguimos passar. Então entrei aqui e vi aquela mulher horrível pairando sobre você, prestes a... Ela ia matar você, Verity. Se eu tivesse chegado segundos depois...

Ela engoliu em seco e balançou a cabeça, como se fosse doloroso demais concluir a frase.

Um vislumbre de vermelho surgiu em minha mente ao lembrar da confissão de Marguerite.

— O que aconteceu? Com Marguerite?

— Tinha um atiçador no chão. Eu o peguei e... a acertei com ele.

Inspirei fundo, sentindo dor nas costelas.

— Você a matou.

Camille desviou o olhar, desconfortável.

— Eu... eu fiz o que tinha que ser feito.

As palavras e o tom dela me lembraram tanto Viktor que senti meu estômago embrulhado, e o quarto girou enquanto eu sentia a dor nauseante.

— Mais água? — perguntou minha irmã, e concordei.

— Por quanto tempo fiquei desacordada? — perguntei depois de dar vários golinhos.

— Quase um dia. A curandeira disse que você quebrou o pulso e fraturou duas costelas, mas ela conseguiu ajeitar tudo. Vai levar tempo, óbvio, mas você vai se recuperar.

— Cadê... cadê todos eles? Os... corpos.

— Foram levados para a cripta. Debaixo de Chauntilalie. Eu não entendo as tradições do Povo das Pétalas para sepultamentos, mas disseram que as Irmãs do Ardor tomam as providências necessárias. Tudo vai ser feito do jeito certo.

— E Alex... ele sabe disso tudo? Ele está... acordado?

Ela confirmou com a cabeça.

— Posso vê-lo?

Ela hesitou.

— Eu não sei como faríamos para levar você ao quarto dele.

— O que não falta nesta mansão é cadeira de rodas — respondi, tentando sorrir.

Ela curvou os lábios em um quase sorriso idêntico.

— Ele não está muito bem agora, Verity. Precisa descansar. E você também.

— Eu sei. Com certeza, mas... preciso vê-lo.

Ela alisou o edredom de algodão que me cobria, passando os dedos pelo bordado de videiras que formava a costura da bainha.

— Você o ama de verdade, então?

Confirmei com a cabeça.

— Não tive certeza quando recebi o convite. Fiquei me perguntando se não era um casamento arranjado.

— Começou assim, pelo menos para os pais dele. Mas... eu o amo. E ele me ama. Muito, muito mesmo. Ele é uma boa pessoa. Sei que vamos cuidar um do outro, que vamos fazer um ao outro feliz.

Camille ficou pensativa.

— Achei que você estivesse tentando me punir, mostrar que não precisava de minha aprovação, do meu aval. — Ela suspirou. — Lamento muito pela forma que agi antes de você partir... como venho agindo, por anos. Eu não sei se um dia vou conseguir explicar tudo, se vou conseguir

fazer você entender... Eu estava fazendo tudo aquilo para seu bem, Verity. Eu queria proteger você. Queria mantê-la em segurança.

Ergui a mão, indicando o gesso.

— E parece mesmo que você tinha um bom motivo para se preocupar. Não foi assim que imaginei minha primeira viagem.

Ela abriu um sorriso minúsculo.

— Pode me perdoar?

Eu a observei por um bom tempo, reparando as olheiras, as linhas de preocupação no rosto.

— Você pode *me* perdoar? Por fugir no meio da noite... por dizer todas aquelas coisas... Eu não... eu só não sabia como fazer as coisas de outro jeito. Como assumir o controle de minha vida.

— Sinto muito por ter feito você sentir que fugir era a única opção.

As lágrimas arderam em meus olhos.

— De início fiquei brava. Tão brava. Depois... só senti medo. — Respirei fundo. — Eu relembrava as conversas... Começava a escrever para você e largava as cartas. Fiquei com tanto medo de ter arruinado a nossa relação. De tê-la destruído de verdade. Achei que você me odiava e sabia que teria razão para isso.

Ela deu um beijo cuidadoso em minha testa.

— Você é minha irmã, sua boba. Mesmo nos piores dias, eu nunca a odiaria. Eu nunca vou parar de amar você. Nunca — repetiu com firmeza.

— Eu te amo.

Ela me observou por um bom tempo.

— Quer mesmo ir ver Alexander?

Assenti, animada, embora o gesto deixasse a sensação de que a cabeça estava estranha e desconjuntada.

Camille apertou minha mão antes de se levantar da cama.

— Vou ver o que posso fazer.



O quarto de Alex ficava um pouco mais à frente no corredor, mas enquanto Camille me empurrava na cadeira de rodas emprestada, parecíamos estar a quilômetros de distância.

Senti o coração apertado quando vi uma figura conhecida se aproximar de nós, aparecendo e desaparecendo.

— Achei que tinha ouvido algo — sussurrou Constance, presa em um dos ciclos, inconsciente de tudo que não fosse o passado. — Acho que tem alguém nos seguindo.

Ela sumiu de vista e reapareceu no fim do corredor, refazendo os passos.

— Achei que tinha ouvido algo...

— Quando as Irmãs do Ardor chegarem — mencionei, levantando a mão para parar Camille —, você precisa garantir que elas ponham sementes nos montes das rosas. As sementes sagradas. Lá na lateral da mansão. É importante.

— Acho que tem alguém nos seguindo.

Camille seguiu meu olhar enquanto eu observava Constance refazendo os passos da sua última noite de vida. Eu sabia que minha irmã não a via, mas os pelos do braço dela se arrepiaram.

— Vou fazer isso — assegurou. — Verity... — Ela lançou um olhar incomodado ao corredor. — Está pronta para ver Alexander?

Confirmei com a cabeça, e ela abriu a porta.

— Verity? — murmurou ele quando adentramos o quarto escuro e nos aproximamos da cama.

A única fonte de luz era uma vela na extremidade do quarto... A cera, felizmente, era de um tom âmbar claro. Eu mal conseguia enxergar a figura encolhida dele em meio aos cobertores e travesseiros. Os curandeiros tinham me alertado das lesões de Alex antes de autorizarem a visita, dizendo que sabiam que era melhor me preparar.

A lista era comprida e dolorosa: um nariz quebrado, a pele das duas mãos e do pescoço queimada. Várias feridas precisaram de pontos, e o fio preto fazia o rosto dele parecer uma colcha de retalhos horrenda. Ele sofrera lesões nos olhos, e, embora eu não entendesse tudo de que falavam — deformações na íris e escoriações na córnea —, sabia que ele tinha que permanecer em um ambiente seguro e escuro para se curar.

— Estou aqui — respondi enquanto Camille empurrava a cadeira até a lateral da cama dele.

Ela me deu um aperto empático no braço antes de sair do quarto e fechar a porta.

Uma vez sozinhos, segurei a mão dele com gentileza com a minha ilesa, tomando cuidado com as lesões debaixo da gaze grossa.

— Você está bem?

Ele soltou uma risada suave.

— Não. Na verdade, não.

— Eles lhe deram algum remédio para a dor?

Parecia que ele tinha balançado a cabeça. Era difícil ter certeza com todas as ataduras e faixas cobrindo seu rosto.

— Fiquei tão preocupado com você. Tinha certeza de que tinha morrido. A última coisa que vi antes de desmaiar foi a vovó...

— Estou aqui. Estou bem.

— Não consigo acreditar... Ainda não entendo o que aconteceu. Fiquei deitado ali, pensando em tudo, e só... Não faz sentido para mim.

— Também não entendo — confessei. Ele havia perdido a família inteira em um só dia terrível. A mãe, o pai, a avó, os dois irmãos que mal conhecera. — Mas vamos passar por tudo isso. Juntos.

Ele afrouxou os dedos nos meus, o aperto perdendo a força.

— Sobre isso... Verity.

Tive uma sensação gélida e vazia no meio do peito.

— Eu... eu não consigo imaginar você querendo ficar aqui, não depois de... tudo. Você foi envenenada, dopada, enganada e atacada. Vou entender se quiser fugir e esquecer este lugar. Se quiser se esquecer de mim. Se esquecer que nós... — Ele exalou, trêmulo. — Saiba que não vou guardar raiva nem ressentimento de você.

— Pelo quê? — perguntei, sem conseguir entender o que estava dizendo.

— Por romper o noivado — elucidou ele como se fosse óbvio.

Fiquei surpresa por como as palavras me machucaram.

— É isso o que você quer?

Ele suspirou, o que não me serviu de resposta alguma.

— Alex?

— Não — sussurrou ele, com a voz oscilando e à beira das lágrimas. — Eu não quero. Mas eu... eu não passei por tudo que você passou. Ninguém estava tentando me usar para... para... — Ele gaguejou até parar de falar, e um soluço escapou. — Para tudo aquilo.

— Estavam, sim. Ele *estava*. Você foi vítima tanto quanto eu. — Eu queria segurar o rosto de Alex, mas não via como fazer aquilo sem machucá-lo, então acariciei seu braço em vez disso. — Eu me apaixonei por você, não por sua família, não pelo título. Eu me apaixonei pelo rapaz que alegra meu coração, que me mostrou um novo jeito de observar a chuva... Todas as coisas que aconteceram, aquelas coisas tão horríveis, nada disso mudou o que sinto. Eu ainda te amo.

Um silêncio pesado tomou o quarto, e, quanto mais durava, mais minha dúvida aumentava.

— *Ver*...

Senti o estômago embrulhando, ouvindo o apelido predileto de Viktor na boca de Alex.

Por um momento, eu só ouvia Viktor, a risada dele soando pela escada.

Ele fazia esforço para se sentar, dividindo o nome em dois:

— ... *ity*, eu não consigo.

Fiquei imóvel, paralisada no lugar.

— Ah.

Eu tinha entendido errado.

Ficara tão preocupada em mostrar a ele o quanto eu me importava, em provar minha devoção, que não havia parado para me preocupar se ele sentia o mesmo que eu. Nunca tinha me questionado se aquilo havia sido demais para ele. Se eu havia sido demais.

Soltei-o, chegando a cadeira para trás, pronta para fugir do quarto, fugir dele, fugir do rapaz que não me amava mais.

— Eu não consigo — repetiu ele, umedecendo os lábios. — Eu não consigo.

— Eu entendo — murmurei, engolindo as lágrimas.

Eu precisava ir para longe dele. Não suportaria que ele me ouvisse chorar.

Alex suspirou.

— É que... Eu fico me sentindo tão fraco.

Parei no lugar, olhando por cima do ombro.

— Por quê?

— Eu devia deixá-la ir embora, sei disso. É a melhor coisa a se fazer. É a coisa certa a se fazer. — Ele engoliu em seco. — Mas não consigo.

— Não consegue? — repeti baixinho.

Ele negou com a cabeça.

— Não consigo imaginar a vida sem você, Verity. Ou... até consigo imaginar, mas não quero. Não quero que vá embora. Não quero me separar de você e eu... — A voz dele falhou.

— Você me ama? — perguntei, voltando para perto da cama.

— Amo.

— E ainda quer se casar comigo?

— Que Arina me ajude, eu quero me casar com você.

Ele pegou minha mão e deu um beijo na palma. Na minha cabeça, eu o vi como o rapaz que me encontrara quando eu chegara a Chauntilalie, lá do lado de fora da mansão, esperando-me com os olhos brilhantes e um sorriso avassalador.

Eu me lembrei das manhãs que eu passara desenhando aqueles olhos, aquele sorriso, de novo e de novo, preenchendo as páginas.

Os piqueniques no lago, a risada dele no ar.

O olhar de esperança no rosto dele quando me pediu em casamento.

O jeito que tínhamos nos abraçado depois que tudo desmoronara.

A forma que eu queria continuar abraçada com ele no momento.

— Que bom — murmurei. — Porque não consigo pensar em nada que eu queira mais do que você.

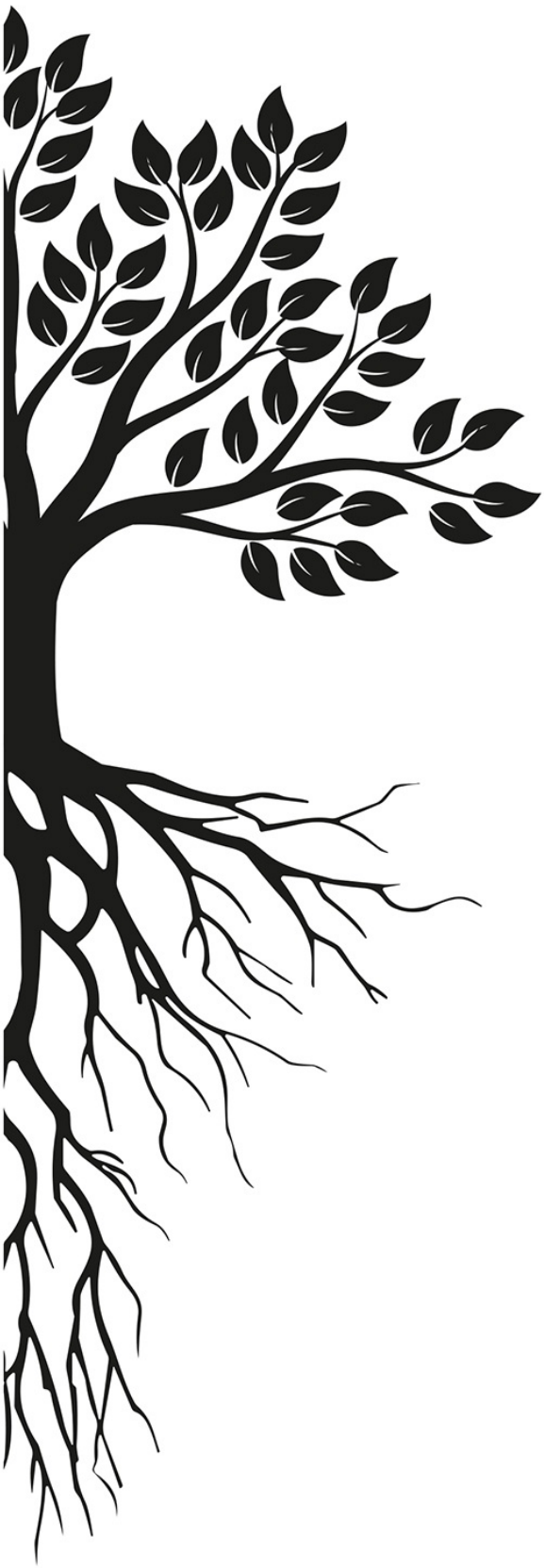
— É o que quer mesmo? — sussurrou ele, ainda desacreditado.

— É o que quero, sim.

Levei a mão dele à boca, imitando seu gesto, e selando as palavras com uma promessa fervorosa.

Ele suspirou, entrelaçando os dedos aos meus em um nó emaranhado, impossível de ser desfeito.

— Eu digo sim.



49

Todos os sinos em Florice soaram enquanto eu caminhava pela igreja cheia de flores até o altar, para me casar com Alexander Laurent.

Quem me empurrava em uma cadeira de rodas de vime até lá era Camille, com um sorriso orgulhoso. Ela tinha decorado a cadeira com cistáceas e gardênias nos tons mais suaves de rosa que encontramos.

Os curandeiros nos pediram para esperar, imploraram e suplicaram que adiássemos o evento por algumas semanas, mas como Alex me dissera uma vez: quando encontramos o amor, agimos de acordo. A vida era imprevisível, então era preciso fisgar o que se amava e valorizar cada momento ao lado da pessoa.

Então três dias após o ataque, nós nos casamos.

Uma das mangas de meu vestido teve que ser rasgada para que o gesso passasse por ela, e Alex usava óculos grandes com lentes escuras para proteger os olhos, mas, no fim de tudo, estávamos casados e juntos, exatamente como tínhamos planejado.

— Com certeza não foi assim que imaginei nossa noite de núpcias — confessou Alex quando fomos levados ao quarto dele, depois de um jantar íntimo e modesto com amigos e familiares.

A maior parte dos convidados já tinha começado a viajar para Florice naquele dia terrível, sem perceber que participariam de um casamento e cinco velórios.

As cerimônias aconteceriam no dia seguinte.

Alex havia resolvido que tanto Viktor quanto Julien seriam enterrados na terra da família, com os restos mortais se juntando a gerações de Laurent, aceitos em morte como não foram aceitos em vida.

— Não? — perguntei, saindo do banheiro e cambaleando em direção à cama.

Eu deveria ter ficado mais nervosa por ele me ver tão exposta na camisola nova — um vestido lindo de um material semelhante ao linho, adornado com laços e costuras graciosas —, mas eu estava com muita dor nas costelas para me preocupar com aquilo.

Frederick já havia retirado Alex da cadeira e o acomodado em um monte de travesseiros. Ele havia puxado as cobertas até a altura do peito e focava o olhar em minha direção, sem ser propriamente em mim.

— Está muito escuro para sequer enxergar você — reclamou ele, removendo os óculos escuros e estreitando os olhos contra a luz da única vela.

Era uma das velas de Annaleigh. Os criados tiveram o trabalho de remover todas as velas rosa de Gerard da mansão, queimando todas — e todos os recipientes de chá de papoula — em uma fogueira bem longe da casa.

— Eu sei, sem dúvidas, que você deve estar muito encantadora, mas seria bom ter certeza.

Subi na cama com cuidado. Meu pulso doía, e eu nunca tinha estado tão exausta na vida. Deitei-me nos travesseiros ao lado de Alex.

— É melhor você descansar — falei e dei um beijo suave em sua boca, recolocando os óculos em seu rosto.

— Eu sei que muitas pessoas dizem que temos que começar do jeito que queremos que as coisas continuem sendo, mas eu prometo, lady Laurent, que nem toda noite nossa vai acabar antes das dez.

— Não?

— Ah, não. — Ele beijou minha testa, e me aconcheguei ao seu lado, tendo o cuidado de não esbarrar em suas lesões. — Prometo a você, aqui e agora, que nossas noites serão longas e lindas. Cheias de beijos e luz das estrelas.

Estrelas...

Meus sonhos naquela noite beiraram os pesadelos. Neles, eu corria pelos corredores desertos de Chauntilalie, procurando Alex. O ar estava tomado pelos gritos de bebês e pavões, e mais alto que tudo, a risada triunfal de Viktor, acreditando enfim ter vencido.

Tentei usar as passagens secretas para escapar, tentei fugir pelas escadas e pelos corredores.

Para onde eu me virava, ele estava lá.

Acordei assustada e ofegante, encharcada de suor. Pisquei confusa ao ver a luz cinzenta no quarto. Um raio de sol se infiltrou pelas cortinas de veludo pesadas, iluminando o espaço o bastante para que eu visse que estava na cama sozinha.

Curiosa, sentei-me, observando o espaço.

Vi Alex estirado no divã, tentando ler um livro. Frederick devia ter entrado e saído do quarto enquanto eu dormia. Alex inclinou o livro na direção da janela, tentando iluminar as páginas com a pouca luz.

— Achei que você iria descansar — falei, cumprimentando meu marido.

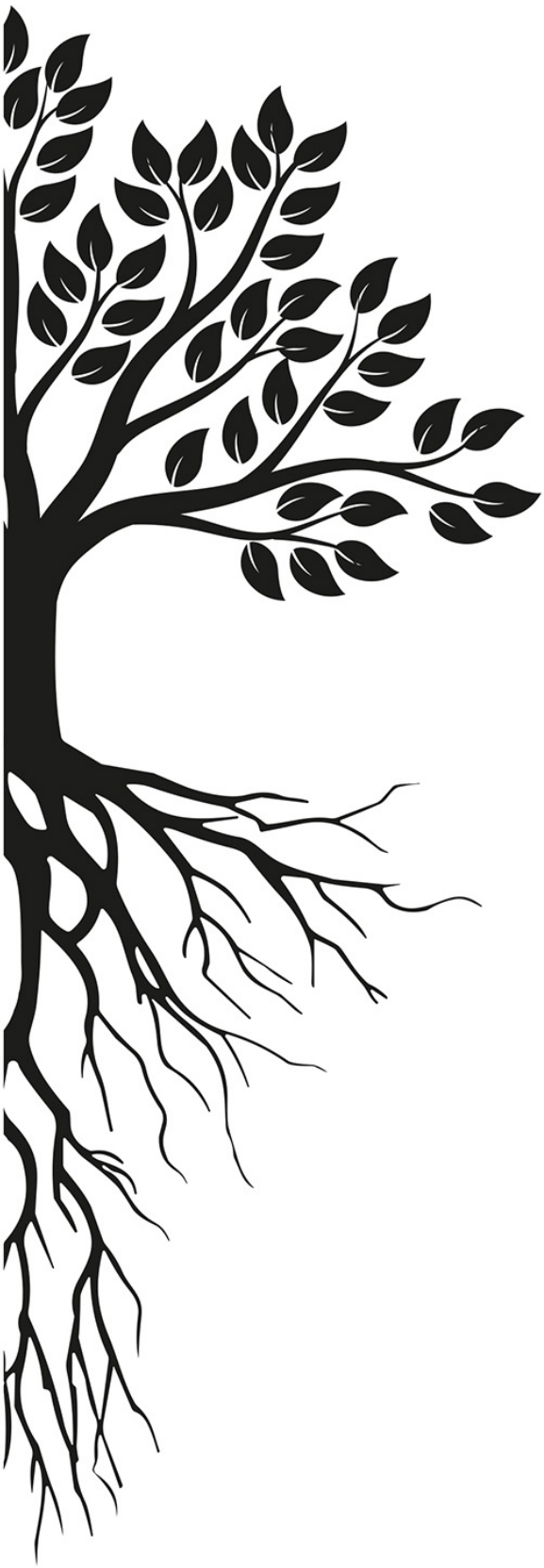
Senti uma emoção assim que pensei nisso. *Meu marido*.

— É incrível o bem que uma boa noite de sono faz — respondeu ele antes de abaixar o livro e olhar para mim. Seu sorriso era cálido e animado. — Bom dia, esposa.

Abri um sorriso, contente, sentindo um quentinho no peito.

— Bom dia, marido.

As covinhas dele apareceram, e retornou à leitura. Distraído, cruzou o tornozelo um por cima do outro.



Epílogo

Ploc. Ploc.

Ploc, ploc, ploc.

Bem debaixo do esqueleto de Chauntilalie, a chuva escorria pelas paredes da cripta da família Laurent. A porta foi aberta, e cinco mulheres trajando robes translúcidos cor-de-rosa e adereços de cabelo reluzentes entraram, carregando cestos com sementes. Mesmo no auge da primavera, elas exalavam vapor pela boca.

Eram as Irmãs do Ardor, postulantes de Arina, chegando para a cerimônia dos mortos.

Cada falecido estava sobre uma placa de mármore. A pedra polida mantinha a temperatura gelada da cripta, o que ajudava a desacelerar a realidade desagradável do processo de decomposição.

Primeiro Dauphine, com a nudez escondida sob uma peça de seda de tom lavanda-claro. Depois que as irmãs prepararam o corpo dela, ungindo-o com óleos e o preenchendo com sementes sagradas, o tecido seria enrolado em volta do corpo, servindo como uma espécie de crisálida para todas as mudanças que aconteceriam. As raízes das sementes sagradas não teriam dificuldade em passar pela seda fina, em busca do solo mais profundo.

Raízes eram excelentes precursoras do nascimento no mundo.

Ao lado jazia o marido dela, Gerard Laurent. As Irmãs tinham preparado uma mistura especial de sementes para ele, certificando-se de incluir dezenas de *Euphorbia marginatas*. O novo duque já havia removido todos os vestígios de neve-da-montanha de Chauntilalie, anunciando o início do reinado com um caramanchão de *Dictamnus albus*. As flores do dictamo-branco estavam em todos os cantos na mansão, e o novo lema ducal de "Formosura Perfeita" já fora recebido de bom grado pelos cidadãos de Florice.

Em seguida foi a mulher mais velha. Marguerite Laurent. Tivera uma vida longa. A morte — como indicada pelas contusões ao longo do corpo — fora dolorosa e rápida.

Então vinham as duas figuras misteriosas. Os dois eram nitidamente Laurent, imagens idênticas do novo duque em si, mas ninguém poderia

alegar que sabiam quem eram ou como tinham chegado a Chauntilalie.

O primeiro tivera uma morte horrível e tenebrosa, e a Irmã atribuída aos restos mortais dele preencheu a lesão aberta no pescoço com sementes, sussurrando várias orações enquanto tremia de maneira visível.

O último corpo tinha sofrido um espancamento severo, mas havia uma imobilidade pacífica na forma que repousava. Para ele, foi atribuída a última Irmã, a mais nova e só tendo passado uma semana desde que deixara as vestes de novata para trás.

A jovem afastou o lençol de seda e fez a primeira prece.

Então vieram os óleos, na cabeça, nas mãos, no coração.

Enquanto executava o gesto sagrado sobre o peito, achou ter sentido algo sob a pele, um movimento sutil e suave. Ela olhou para a irmã próxima a ela, querendo pedir ajuda, mas ficou com medo de parecer boba.

Era o primeiro cadáver que ela preparava, e queria parecer uma guardiã competente.

A jovem pegou o cesto de sementes e se preparou para plantá-las.

Só que ao pegar o primeiro punhado, pronta para lançá-las por cima da figura nua, deixou tudo cair no chão.

Ali na mesa, em cima da placa funerária, os dedos do rapaz morto se mexeram. Um movimento pequeno, mas, sem dúvidas, vivo.

Agradecimentos

Escrever um livro é bem parecido com cultivar um jardim. Começamos com uma sementinha de uma ideia, e com muita água, luz do sol e cuidado, novidades incríveis começam a brotar.

Sou muito grata a Sarah Landis por cultivar e ajudar minhas ideias a se desenvolverem. Você nunca pensou que meus enredos eram muito absurdos, e serei sempre grata por acreditar em mim. Você merece uma estufa inteira de campânulas (que significam constância e gratidão).

Devo uns buquês enormes de craveiros vermelho-claros (que representam grande admiração e agradecimento) para toda a equipe da Delacorte Press pelo amparo e cuidado tão minucioso com meus livros. Wendy Loggia, Noreen Herits, Beverly Horowitz, Ali Romig, Casey Moses e Carrie Andrews... vocês são os seres humanos mais maravilhosos e dedicados, e sou sortuda pra caramba por chamá-los de colegas e amigos.

Tantas pessoas leram e celebraram as primeiras versões da história de Verity. Acácias (que querem dizer amor platônico, amizade, e repelem fantasmas!) para Kirsten Miller, Erin Hahn, Jeannie Hilderbrand, Elizabeth Tankard, Kaylan Luber, Melanie Shurtz, "lorde" Ekpe Udoh — que, sem saber, me emprestou o nome dele! —, Jessica Olson, e todos na talentosa equipe da família Team Landis. Um arranjo especial de sino-irlandeses (significando fervorosa gratidão) para Jamie Sumner pela leitura sensível criteriosa. Você é incrível.

Amarantos (que representam amor eterno, fidelidade inabalável) para Hannah Whitten. Você é uma joia rara. Um tesouro. Sempre vai ser minha companheira de todas as horas. Não conseguiria fazer o que faço sem você. Obrigada por me deixar dar seu nome a um fantasma.

Um milhão de girassóis (indicam um quentinho constante) para todo leitor que escolheu uma história minha dentre várias em uma prateleira. Adorei encontrar vocês em livrarias e festivais, em visitas escolares e em chamadas via Zoom. O entusiasmo e o amor de vocês deixam cada parte do processo mais alegre. Sou grata demais.

Muitas madressilvas (que querem dizer eu te amo, um afeto estável e generoso) a toda a minha família e amigos. Vocês me ensinaram a sonhar alto e me dedicar ao trabalho, e me presentearam com muitas histórias. Eu

não estaria aqui sem vocês. Raminhos extras de calêndulas (que representam fidelidade, adoração, e ajudam a ver fadas!) para a mamãe, o papai, Tara e Carol.

Paul. Nenhum interesse amoroso que eu escrevo chega aos seus pés. Flores-da-fortuna (significam amor eterno, afeto duradouro, persistência) e os melhores tipos de ramen a você. Sempre.

E Grace. Você me ajudou a plantar todas as sementes em todos os nossos jardins. Você canta para os brotos, elogia as flores pela coragem e incentiva o crescimento das mudas. Eu te amo mais do que você imagina. Craveiros rosa (que representam o amor de mãe, sempre em meus pensamentos) para você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Casa de raízes e ruínas

Site oficial da autora
https://www.erinacraig.com/

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/penchant4words/

Perfil da autora no X
https://x.com/penchant4words/

Perfil da autora no TikTok
https://www.tiktok.com/@penchantforwords/

Página da autora no Facebook
https://www.facebook.com/Penchant4Words/

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/autor/22731-erin-a-craig

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/62649010-house-of-roots-and-ruin

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/17892078.Erin_A_Craig